EDIÇÃO DEFINITIVA

SANDMAN

VOLUME 5

NEIL GAIMAN

EDIÇÃO DEFINITIVA

VOLUME CINCO

V

PANINI BOOKS

COLEÇÃO DEFINITIVA
SANDMAN
Escrito por Neil Gaiman
Ilustrado por P. Craig Russell Yoshitaka Amano Teddy Kristiansen Milo Manara
Mignolamao Prado Bernie Storry Bill Sienkiewicz Christopher Chuckry Letras originais por Todd Klein
Cores por Dave McKean P. Craig Russell Yoshitaka Amano
Capas por Dave McKean
Estrelando personagens criados por Neil Gaiman, Sam Kieth e Mike Dringenberg
Traduzido por Erico Assis Jorge Martins Letras traduzidas por Erico Assis
Letreirado por Daniel de Bastos Editor-assistente: Antonio Tadeo Editor Fabiano Denardin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ana Lúcia Merege 4661/CKB-7)

Gaiman, Neil
Sandman : edição definitiva : v. 5 / roteiro por Neil Gaiman; arte por P. Craig Russell [et al.]; tradução por Jotapê Martins e Érico Assis. – Barueri, SP : Panini Books, 2018.

Vários artistas
ISBN 978-85-8368-292-9 (Capa dura)

1. Histórias em quadrinhos I. Russell, P. Craig II. Martins, Jotapê III. Assis, Érico IV. Título

CDD 741.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Histórias em quadrinhos 741.5

Introdução por Shelly Bond 8

A Última História de Sandman 12
From BLIST COVERS, THE COLLECTED SANDMAN COVERS 1989-1996

OS CAÇADORES DE SONHOS 20
Com Yoshitaka Amano

NOITES SEM FIM 147

Capítulo Um: Morte 150

Capítulo Dois: Desejo 175

Capítulo Três: Sonho 196

Capítulo Quatro: Desespero 217

Capítulo Cinco: Delírium 239

Capítulo Seis: Destruição 259

Capítulo Sete: Destino 278

SANDMAN TEATRO DO MISTÉRIO 287

OS CAÇADORES DE SONHOS 353
Com P. Craig Russell

Miscelânea Sandman 477

Posfácios por Neil Gaiman 518

Biografias 519

PANINI GROUP
Diretor de Publicações: Mauro de Lima
Coordenador de Publicações: Leonardo Rangel

PANINI BOOKS

PANINI BRASIL LTDA
Diretor Presidente: José Fernando Gomes Martins; Diretor Administrativo e Financeiro: Roberto Augusto Soares; Diretor Comercial: Adriano Duarte; Gerente de Publicações: Erick Santos Cardoso; Editor Sênior: Tiago Dias; Gerente de Marketing: Marcelo Antunes da Silva; Coordenador de Marketing Digital: Ricardo Tapajó; Analista de Marketing: Vanessa Souza; Gerente Comercial: Evelyn Lopes; Gerente de Planejamento e Vendas: Ana Lúcia Costa; Publicidade: comercial@panini.com.br; Assessoria de Comunicação: Kruhmann, Gerando Texto; Fortuna Gráfica; PLANEJAMENTO E CONTROLE DE PRODUÇÃO: Gerente Industrial: Eduardo Soares

Este revista foi impressa na Melhor, distribuída em todo o país por Panini Brasil Ltda.

PRODUÇÃO EDITORIAL MEDIOS EDITORA LTDA.: Diretores: Doctrial Vitor Lopes e Helio de Carvalho; REDAÇÃO: Editor-Chefe: Helio de Carvalho; Editor: Fabiano Denadai; Editor Assistente: Antonio Luiz; Editor de Arte: Julio C. Siqueira; Assistente de Arte: Cristiano Daniel; Revisão: Amanda, Fernando Chaves, Guilherme Salvador e Maurício Wallace; Coordenação de Tradução: Andrea Alves; Revisão e Preparação: Iris Medeiros

SANDMAN – EDIÇÃO DEFINITIVA é uma publicação especial de Panini Brasil Ltda. **Administração e Publicidade**: Alameda Grajaú, 425 – Tamboré – Barueri – CEP 06460-080 – SP – Brasil. **Redação e Correspondência**: Av. Ibirapuera, 1296 – São Paulo – SP – Brasil. CEP 05543-002. **Impressão**: (11) 3024/7719. Todos os direitos reservados. **Edição Brasileira**, 2018. Panini Brasil Ltda. É proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem a autorização prévia de editores.

THE ABSOLUTE SANDMAN VOLUME FIVE
Compilation copyright © 2018 DC Comics. All Rights Reserved. Originally published in single magazine form as SANDMAN MIDNIGHT THEATRE, BLIST COVERS, THE COLLECTED SANDMAN COVERS 1989-1996, THE SANDMAN, THE DREAM HUNTERS, THE SANDMAN: ENDLESS NIGHTS and THE SANDMAN, THE DREAM HUNTERS 1-4. Original U.S. edition: Karen Berger, Shelly Bond, Bernard Richardson, Jennifer Lee and Mariah Huehner. Copyright © 1993, 1992, 1998, 2003, 2009 DC Comics. All Rights Reserved. All characters, their distinctive likenesses and related elements featured in this publication are trademarks of DC Comics. VERTIGO is a trademark of DC Comics. The stories, characters and incidents featured in this publication are entirely fictitious.

APRESENTANDO A BANDA

Você há de imaginar que eu tenha ficado emocionada quando Neil Gaiman sugeriu que eu escrevesse a introdução de SANDMAN: EDIÇÃO DEFINITIVA VOL. 5, e que seria sopa. Uma deliciosa sopa de tomate. Afinal de contas, eu estava lá, né?

PLANTÃO ÚLTIMAS NOTÍCIAS: está sendo o apocalipse absoluto sem fim.

Quando se trata da prosa dos outros, posso arrasar e destroçar com pleno prazer. Mas quando é a minha... digamos que sou tão minuciosa que até minhas cáries tremem.

Sendo pessoa especializada na saudade dos tempos idos (vide obsessão por David Bowie dos primórdios e meados, mais Roxy Music), creio que temos que partir do princípio.

Conheci Neil Gaiman em 14 de dezembro de 1992. Foi meu primeiro dia no emprego de editora-assistente de Karen Berger na DC Comics, a Vertigo, o selo tão comentado e tão esperado, teria lançamento no mês seguinte. Pressão zero, né? Naquele exato instante da história de Nova York, a Times Square era forrada de cinemas pornô e turistas em roupas *grunge*. Eu viria a passar alguns anos trabalhando com Neil, Karen e uma série de colaboradores de grande talento na revista em quadrinhos THE SANDMAN. Neil já estava bem encaminhado ao *status* de *rock star*. Ainda assim, contrariando todas as expectativas, ele tratava a pequena gótica de olhinhos arregalados e cabelos negros com nada mais do que extrema gratidão e respeito – do tipo que se reserva a, digamos, escritores famosos e a *rock stars*. Eu nunca havia trabalhado com uma pessoa tão agradável, nos quadrinhos ou onde quer que fosse. Se eu tivesse a potência dele como celebridade, a vida seria insuportável para nós três – você, eu e o mundo.

OBS. PARA MIM MESMA: Como não adorar alguém que descreve você na seção de cartas de SANDMAN como *a Branca de Neve*?

Ao encerrar sua extensa e célebre série no número 75, em 1996, o organismo vivo conhecido como revista mensal THE SANDMAN descansou (junto a um pequeno tanque de oxigênio) conforme a carreira literária de Neil prosperava. É claro que senti saudade dos telefonemas diários que ele nos dava dos pontos turísticos mais exóticos, mas sempre teríamos entre nós os guarda-roupas pretos e as musiquinhas de programa de tevê retrô. Além do mais, há quem tivesse que escalar a proverbial montanha e conquistar seu espaço no mercado editorial.

No princípio do século 21, grãos de café prenunciaram a morte do East Village nova-iorquino conforme o mundo corporativo norte-americano aniquilava minhas prezadas lojas de discos. Mas havia boas notícias ao norte da metrópole, na central Vertigo. Para comemorar os dez anos do selo, em 2003 Neil voltaria ao caprichoso mundo de SANDMAN com uma coletânea de contos inéditos. Tive a honra, para dizer o mínimo, de ser convidada por Karen para colaborar na edição do volume. Chamada SANDMAN: NOITES SEM FIM, nela estrelariam os sete irmãos Perpétuos, e cada história,

em abordagem e visual, ficaria a 180 graus da precedente. Teríamos alguns anos para fazer acontecer, mas nós duas sabíamos que não havia tempo a perder. Neil só voltaria a seus amados personagens se providenciássemos um *dream team* de artistas internacionais – no caso, dos ilustradores mais magníficos a se encontrar neste planeta, ou em qualquer planeta que seja. Você há de pensar que duas editoras enviadas em jornada tão árdua acabariam em briguinhas e picuinhas. *Au contraire*. Neil tinha uma lista de desejos de proporções supernova. Pegamos o telefone e começamos a ligar.

INTERLÚDIO

Na tentativa de desconstruir a presente introdução, ofereço um adendo inesperado: o que se vê em cima da minha mesa.

Aqui escancaro o cofre obscuro de raridades Perpétuas que fugiram à picotadora entre 1998 e 2003, meus tempos de glória em NOITES SEM FIM. Você também verá algumas pepitas curiosas concernentes a SANDMAN TEATRO DA MEIA-NOITE e OS CAÇADORES DE SONHOS (x2). Figuram à frente tesouros que se perderam, obras-primas (incluindo métodos de comunicação arcaicos) e divagações devaneantes.

Avarenta? Acumuladora? Editora indolente que abomina propostas de redigir introduções e imagina-se curadora de objetos efêmeros relacionados aos quadrinhos? Você decide.

ITENS A E B: DESEJO

Posso estar enganada, mas creio que o artista italiano Milo Manara foi a única opção que Neil deu para a história de Desejo. Estávamos tão animadas em vincular Neil a um de seus heróis dos quadrinhos que preservei a confirmação por fax para provar que não adulterei provas.

Quando as pinturas exuberantes do Sr. Manara chegaram, ficamos pasmas – não só pela beleza pura das páginas, mas também pela natureza extravagante que ele deu ao conto. Uma das maiores habilidades de Neil como escritor sempre foi a competência inata de adequar seus roteiros ao forte de cada artista. Não há ilustração melhor disso do que a história de Desejo. Os originais foram pintados em pranchas e imediatamente *scanneados*. Esta é a prova reduzida de um *scan* que conferimos junto aos originais para checar a temperatura correta das cores e a qualidade da reprodução. Diferente da maioria dos quadrinistas norte-americanos, o Sr. Manara desenhava seus próprios balões para determinar o equilíbrio gráfico que desejava à página. Tínhamos certeza de que, do modo que fosse, o letrista Todd Klein faria o necessário para encaixar a prosa de Neil à arte.

ITEM C: MORTE

Da introdução de Neil a SANDMAN: NOITES SEM FIM, no capítulo de P. Craig Russell: *"O conto de Craig foi o primeiro que escrevi para esta coleção. Eu estava sozinho em Veneza, uma semana após o 11 de setembro de 2001, o dia em que as torres caíram, e me vi ponderando sobre tempo e morte"*.

ITEM D: SONHO

O Morfeus elegante e pensativo do artista espanhol Miguelanxo Prado demonstrava uma saudade pesarosa. E seu lápis era tão belo e tão impecável que eu quis que algum dia se visse impresso. Os outros esboços que Prado fez dos personagens também foram tão cativantes que não me furtei de guardá-los para alguma ocasião especial. Você pode conferi-los em toda a glória na seção Miscelânea Sandman deste volume, assim como o roteiro original de Neil para esse capítulo.

ITEM E: DESESPERO

As amostras extremadas de Desespero criadas por Barron Storey são a epítome da dor. Neil disse ter ficado grato por ter escrito apenas quinze retratos dos 25 que havia discutido

com Barron. O bilhete manuscrito que acompanhou um dos pacotes de Barron foi uma descoberta adorável, ao modo dos métodos de comunicação da velha guarda.

ITEM F: DELIRIUM

Se a memória bem me serve, creio que Bill Sienkiewicz foi quem conduziu a missão Perpétuos com segurança até a reta final. Em outras palavras, ele foi o último a entregar a mercadoria. Mas a culpa foi minha. Eu conhecia esse artista tão simpático e de sorrisos sem fim há mais tempo do que os outros envolvidos. Por mais que me agradasse botar a tiara de editora faca na bota, não consegui encontrar forças para gritar com ele. Pode ser também que as delirantes imagens discordantes e o ritmo frenético de Bill tenham me apavorado. No bom sentido.

ITEM G: DESTRUIÇÃO

Quando o artista britânico Glenn Fabry pintou esse *card* de SANDMAN no início dos anos 90, ficou evidente que ele sabia captar o que Destruição tinha de majestoso e potente. E esse conto provou em definitivo que sabia mesmo.

ITEM H: DESTINO

Em teoria, parece que escolher o artista escocês Frank Quitely para o conto de Destino era ir contra a regra. Pegar um artista moderno, anticonvencional, conhecido pelos super-heróis *megacool* e gostosinhas vestindo a moda das ruas e botá-lo a desenhar um cara calado com éons de idade que veste um manto marrom e é acorrentado a um livro gigante?

Era bem isso que queríamos. É claro que estávamos nervosas para ver o que aconteceria se Frank ficasse à vontade com toda a família de Perpétuos, o que resultou em um retrato de família fantástico que virou pôster de divulgação, também reproduzido na seção Miscelânea.

Claro que há outras histórias maravilhosas que abrangem esta Edição Definitiva. Para sua sorte, desencavei outros artefatos.

SANDMAN TEATRO DA MEIA NOITE comemora o primeiro encontro entre os Sandman, o antigo e o novo, e anuncia a colaboração de Neil com o célebre escriba de SANDMAN – TEATRO DO MISTÉRIO, Matt Wagner. De dia, Wesley Dodds é um empresário modesto por trás de seus óculos. À noite, ele veste o capote, uma máscara antigás e empunha a pistola de gás para manter a segurança das ruas na Nova York dos anos 1930. Do outro lado, o Sandman 1990 de Neil com sua pele branca, rímel e manto pré-emo. Quando os dois se encontram na Inglaterra, coisas sinistras acontecem.

Esse estudo dos Sandman (Item I) foi produzido em *scratchboard* por volta de 1998. Foi um presente do ilustrador do projeto, o artista dinamarquês Teddy Kristiansen, verdadeiro Egon Schiele de nossos tempos.

OBS. PARA TEDDY K: Já agradeci?

OS CAÇADORES DE SONHOS (Item J) é o eclético encontro entre Neil Gaiman e o artista japonês de renome mundial Yoshitaka Amano numa história contada em prosa e ilustração. Trata de uma aposta entre um texugo e uma raposa que envolve um monge, a versão japonesa do Sandman, amor e outras complicações. A imagem aqui é um cartaz que foi produzido em edição limitada no lançamento da *graphic novel*, em 1999.

OS CAÇADORES DE SONHOS é o eclético encontro entre Neil Gaiman e o quadrinista de renome mundial P. Craig Russell numa história contada em arte sequencial. Trata de uma aposta entre um texugo e uma raposa que envolve um monge, a versão japonesa do Sandman, amor e outras complicações.

O que você acabou de ler *não* foi um erro de revisão e eu não estou ficando louca. É, sim, o exemplo de por que uma grande história merece, às vezes, múltiplas interpretações em palavras e imagens. Você entenderá exatamente o que eu quero dizer a seguir.

PARA ENCERRAR

Aprendi algo de muito profundo quando li a introdução de Neil à capa dura original de NOITES SEM FIM. Quando questionado se ele poderia contar a história de SANDMAN em vinte e cinco palavras ou menos, ele respondeu: *"O Senhor dos Sonhos descobre que deve se adaptar ou morrer, e toma sua decisão. O que é uma verdade até aí, mas deixa muita coisa de fora. Como toda introdução."*

OBS. PARA O NEIL: Não me diga.

OBS. PARA MIM MESMA: Só um pouquinho! Essa introdução é minha!

Portanto, para encerrar, gostaria de contar algumas peças-chave sobre SANDMAN no geral e sobre mim em específico:

Na rabeira dos anos 1980, Neil Gaiman foi contratado para repensar o personagem da DC Comics conhecido como Sandman. Entrei na editora bem depois que a revista mensal já havia passado da metade e SANDMAN já havia derrubado barreiras tanto na indústria dos quadrinhos quanto no grande mundo lá fora. A série ganhou incontáveis prêmios, incluindo o prestigiado *World Fantasy Award*, e, mais de vinte anos depois, continua a ser a referência literária seminal do que os quadrinhos podem ser e do que a cultura pop se tornou.

Gostaria muito de mentir que *"Eu tava lá! Eu vi que ia acontecer!"*, mas, como você já sabe, sou honesta até o fim. Contudo, posso lhe dizer que não houve nada mais empolgante do que estar no meio da coisa toda. Espero que esta coletânea extraordinária que destaca os contos de Sandman produzidos no rastro da revista mensal encontre-o exatamente como eles me encontraram: plenamente envolvida e perpetuamente inspirada.

OBS. PARA MIM MESMA: Agradecer à chefa por topar essa *modzinha* futurista, um pouquinho mais velha, mas mais sábia, loquaz, chata pra caramba, de cabelos negros.

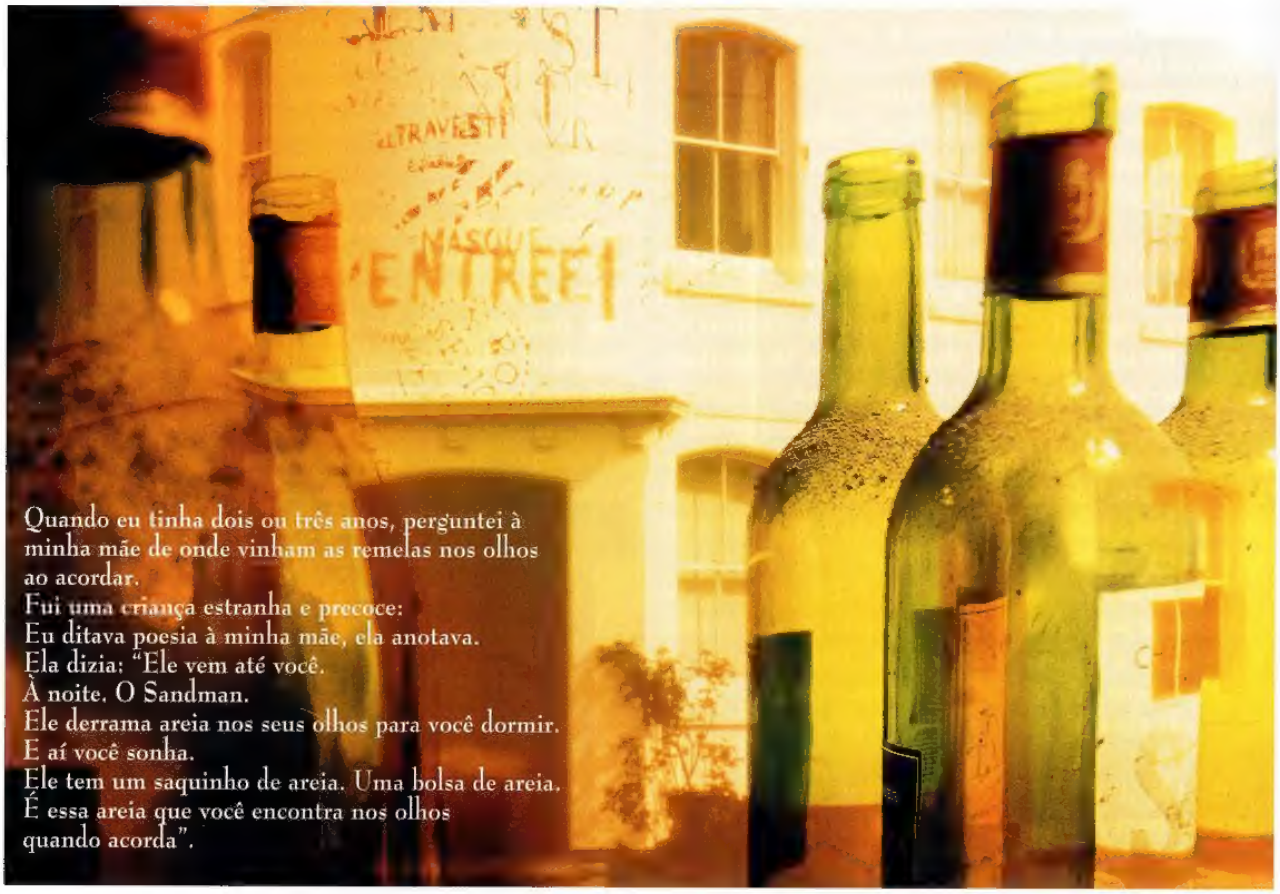
Sim. Eu, no caso.

— Shelly Bond
18,5 anos e contando,
9 de junho de 2011
NYC

A Última História de Sandman

arte de Dave McKean

Prometi que nunca esqueceria minha infância.
Prometi a mim mesmo que não ia esquecer. Foi por causa das leituras, das historinhas bobas e de gosto amargo com crianças que não eram crianças, nos livros que li quando garoto e que eu sabia que o próprio autor já havia esquecido. Hoje eu me apego à minha infância como a um amuleto.



Quando eu tinha dois ou três anos, perguntei à minha mãe de onde vinham as remelas nos olhos ao acordar.
Fui uma criança estranha e precoce:
Eu ditava poesia à minha mãe, ela anotava.
Ela dizia: "Ele vem até você.
À noite. O Sandman.
Ele derrama areia nos seus olhos para você dormir.
E aí você sonha.
Ele tem um saquinho de areia. Uma bolsa de areia.
É essa areia que você encontra nos olhos quando acorda".

Entenda que eu era uma criança que acreditava em tudo que me contavam. Meus pais me contavam verdades.

Uma vez roubaram nosso carro e Churchill morreu. Eu sabia dessas coisas porque eles tinham contado. Olhei pela janela, vi a neve no chão, vi um animal escorregando na neve e eles me explicaram que era um armelino (com seu casaco para o frio, de arminho).

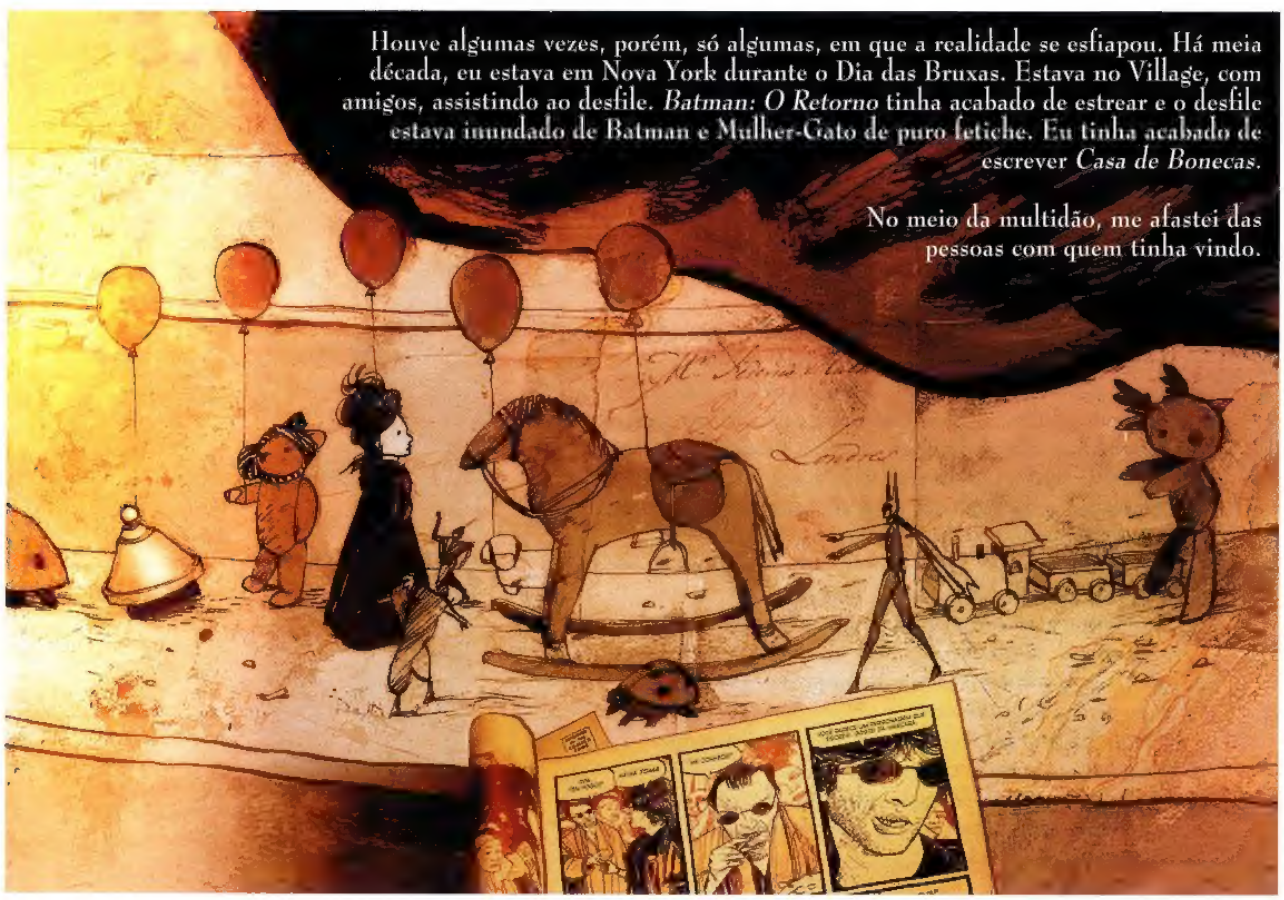
Meus pais me ensinaram com letras de madeira. Pintei as consoantes de azul, com tinta, e as vogais de vermelho, com esmalte. Até hoje esmalte tem cheiro de vogais.

Então, quando tinha três anos, acreditei no Sandman. Pergunte se ainda acredito...

Alan Moore encontrou John Constantine num restaurante no sul de Londres, depois de anos escrevendo-o. Não conversaram.
Uma vez sonhei com Morfeus. Eu sabia como era ser ele, olhar pelos olhos dele. (Que não são olhos. Isso que era o mais estranho. Não tinham nada de olhos.)
Quando Holly, minha filha mais velha, tinha quatro ou cinco anos, ela vinha falar comigo à noite, reclamava que não conseguia dormir, e eu lhe contava do Sandman e da algibeira de areia mágica que a mandaria para a terra dos sonhos.
Eu dizia a ela que tinha um pouquinho daquela areia. Só uma pitadinha, mas que bastava.
Eu soprava areia imaginária nos olhos dela, que sorria, contente.
Então ela voltava à cama, dormia tranquila, e eu voltava a escrever.
Naqueles tempos, eu passava a noite escrevendo. Todas as palavras eram escritas no escuro.
Nunca encontrei Morfeus na realidade, nunca tive esbarrões com o Sandman, fora, quem sabe, uma vez, da qual já vou tratar.

No caso de Morte, a coisa é diferente. Ela nos segue. O primeiro desenho veio de Mike Dringenberg. Eu mostrei a Dave McKean numa noite de quinta-feira em Chelsea. Depois fomos à My Old Dutch Pancake House, onde íamos comer panquecas e conversar sobre arte.
Naquela noite, nossa garçonete estava vestida de preto. Ela tinha cabelos negros e compridos, uma ankh de prata e um rosto perfeito, quase élfico. Ficamos observando-a e discutimos se devíamos lhe mostrar o desenho, mas a vergonha venceu e não mostramos.
Mesmo assim, entendi aquilo como presságio. Agora eu a conhecia.

Dave a viu uma vez num avião a San Diego. Foi uma viagem desagradável: um passageiro no avião, que saiu de Londres, sofreu um ataque cardíaco fulminante e o avião teve que aterrissar para a remoção do corpo. Os passageiros vivos não tiveram permissão de desembarcar.
"E tinha uma fã sua no avião", Dave disse quando me contou semanas depois.
"Ah, é?"
"Uma dessas meninas que se veste de preto, com uma ankh", ele disse.
Dave é uma pessoa muito pragmática, que não se permite fantasias como acreditar em gente que ele sabe muito bem que fui eu que inventei.



Houve algumas vezes, porém, só algumas, em que a realidade se esfiapou. Há meia década, eu estava em Nova York durante o Dia das Bruxas. Estava no Village, com amigos, assistindo ao desfile. *Batman: O Retorno* tinha acabado de estrear e o desfile estava inundado de Batman e Mulher-Gato de puro fetiche. Eu tinha acabado de escrever *Casa de Bonecas*.

No meio da multidão, me afastei das pessoas com quem tinha vindo.

Ele saiu andando e, instantes depois, encontrei meus amigos. Me acharam um pouco calado, pois, de fato, eu estava. Fomos jantar num lugar chamado Lox Around the Clock, e nossa garçonete pareceu familiar.

Eu: Você parece a Morte.

Morte/garçonete: Quer dizer que estou um Inferno, né? Esse povo de Dia das Bruxas...

Eu: Não, é que... esquece.

E eu me perguntei, naquele momento, por que, com tanta gente em Sandman, eu ia encontrar um demônio inferior pelo qual eu nem me interessava em vez de qualquer um dos outros personagens. Tratei os incidentes como sonhos despertos, devaneios, momentos peculiares de O Que Aconteceria Se. Talvez não tenham passado disso.

Mas encaixei Choronzon em Estação das Brumas. Era o mínimo que eu podia fazer.

Uma última memória, neste dia perfeito. As águias pairam nas correntes ascendentes, sobrevoando a floresta, e na minha mente eu pairo com elas.
Foi na Inglaterra. Holly tinha cinco ou seis anos e estava com uma dessas doenças que toda criança tem. Minha esposa havia ido para a cama, exausta após cuidar da garotinha.

Eu estava trabalhando noite adentro. Quando Holly chorava, eu ia ficar com ela, limpar o suor da testa com uma flanela úmida, dar água. Senti que ela ardia. Medi a temperatura, carreguei-a até o banheiro e fiz carinhos nas costas enquanto ela vomitava. Depois levei-a de volta à cama. E fiquei preocupado.
Ela gritava comigo, e chorava, mas as palavras que ela gritava [illegible] faziam sentido.

[illegible]
[illegible] pez [illegible]
[illegible] vez, [illegible] trilhar [illegible]
daquele pequeno con[illegible]
se podia fazer algo.

Eram mais de três da manhã e eu estava no fim de um prazo. Tentei ignorar o choro e escrever. Então ela parou de chorar e começou a gritar, e gritar alto, e eu corri pelo corredor até o quarto.

Foi o que vi.

Comecei a dizer algo, mas, assim que abri a boca, percebi o que estava vendo.

O rosto era a lua
que se via em
meio às árvores.
A mão, só o
galho de uma
faia banhado pelo
luar. O mar
era o reflexo
do quarto na
vidraças. Um
momento de
ilusão de ótica e
nada mais.

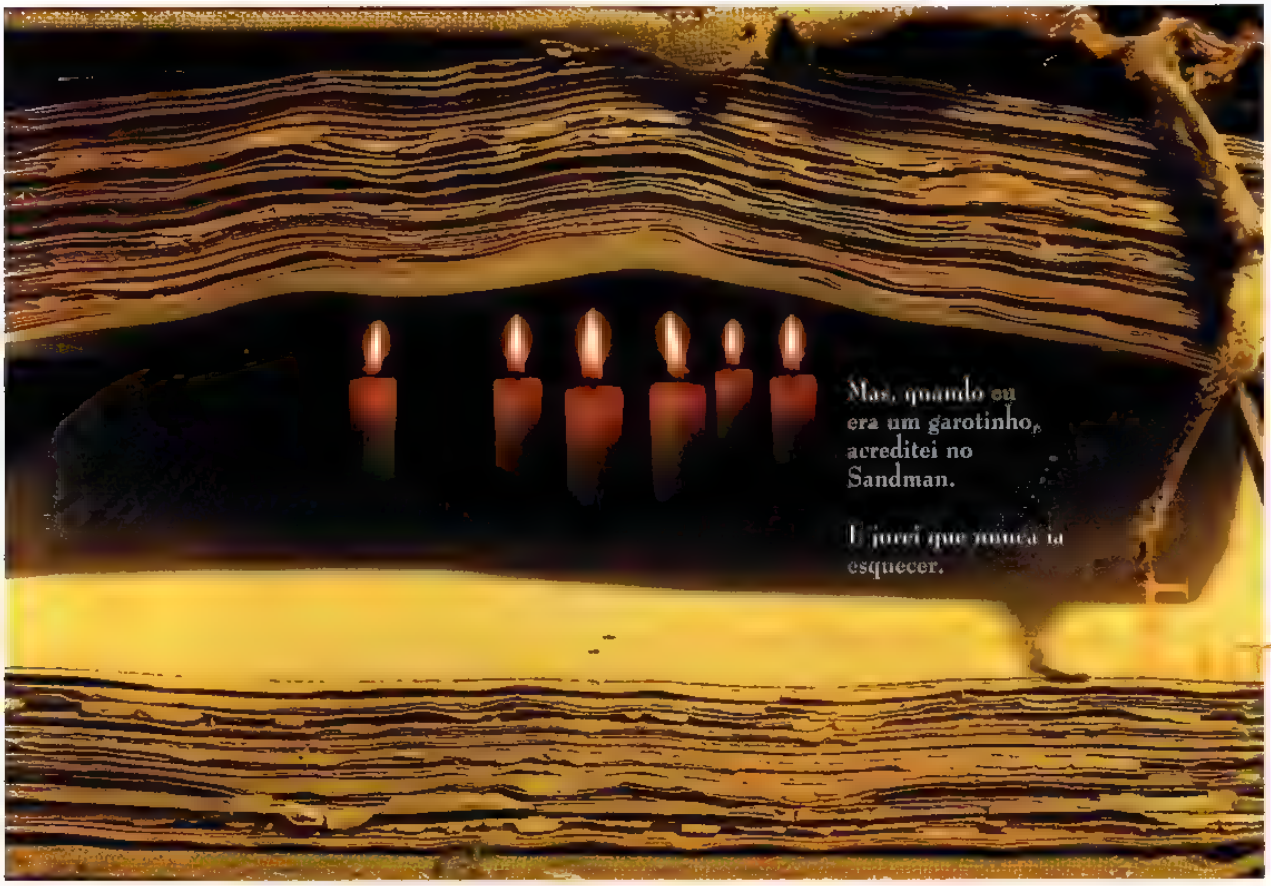
Deixei-a dormindo, desliguei as luzes e, exaurido, também fui para a cama.

Lembro daquele instante, da fantasia de Dia das Bruxas, e dos vários encontros com meninas-Morte, como algo de especial, à parte do restante de Sandman. Mas a própria escrita de Sandman foi, em si, um emaranhado de coincidências.

Pergunte-me durante o dia se acredito em Morfeus ou em algum dos personagens que escrevi e eu darei um sorriso e vou dizer como é difícil acreditar em pessoas quando você sabe que elas saíram da sua cabeça.

Mas pergunte-me tarde da noite, sussurre assim que minha cabeça tocar o travesseiro, um instante antes de dormir...

Não sei que resposta vou dar.

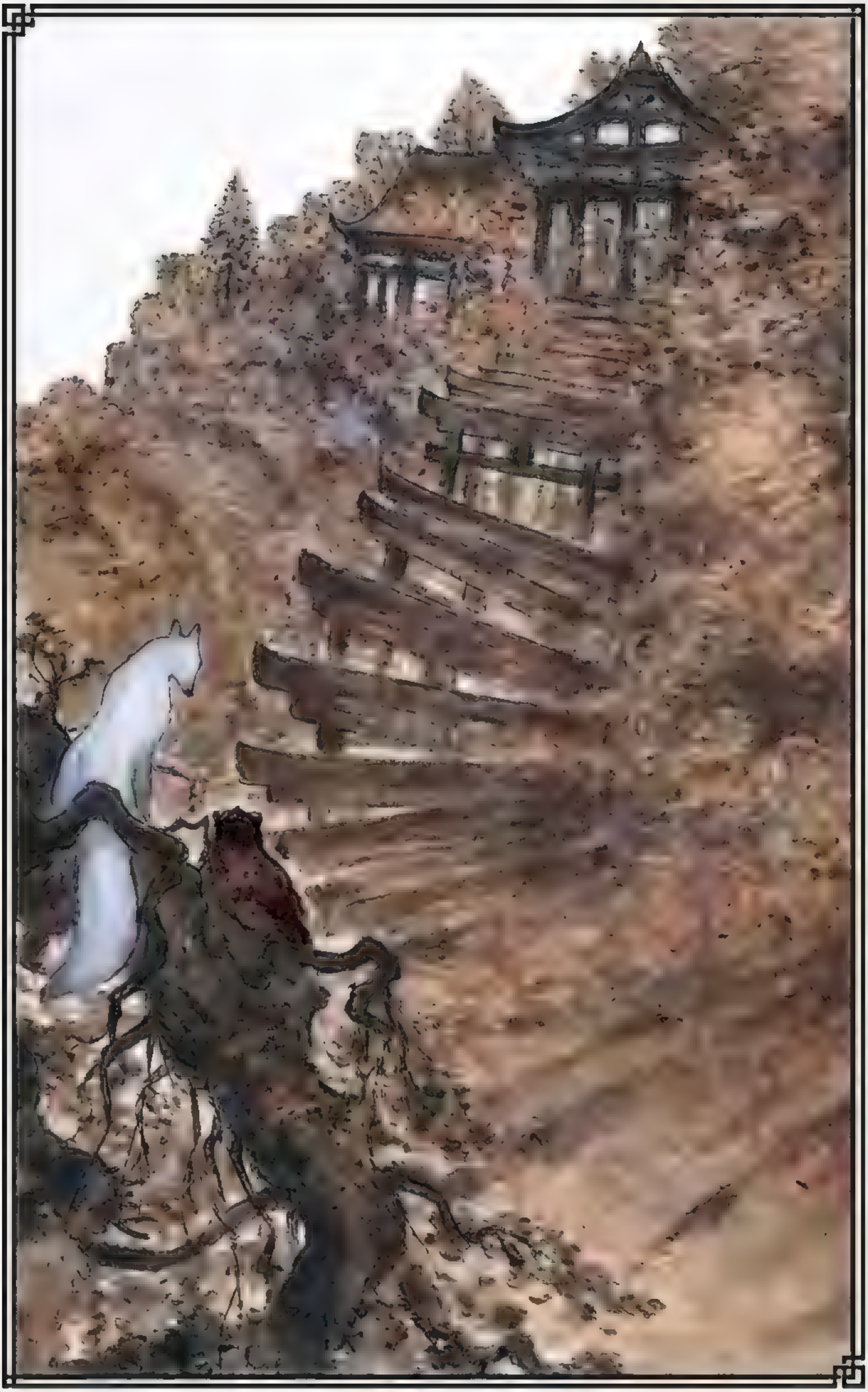


SANDMAN

OS CAÇADORES DE SONHOS

Arte por **Yoshitaka Amano**

Capítulo um



Um monge vivia solitário ao lado de um templo na encosta de uma montanha. Era um templo pequeno, o monge era jovem, e a montanha não era a maior nem a mais imponente do Japão.

O monge cuidava do templo e seus dias transcorriam em paz e tranquilidade, até o dia em que a raposa e o texugo passaram pelo templo e espiaram o monge a capinar a horta de inhame que o alimentava a maior parte do ano.

O texugo olhou para o monge, olhou para o templo e disse: – Façamos uma aposta. Quem de nós conseguir mandar este homem embora do templo ficará com o local para si; pois faz muitos anos desde que o último peregrino ou viajante veio a este templo, e certamente deve ser um lugar mais apropriado para se morar do que uma toca de texugo ou de raposa.

A raposa deu um sorriso que exibiu os dentes afiados, piscou os olhos verdes, abanou o rabo peludo, olhou morro abaixo, para o templo e o monge, depois olhou para o texugo e disse: – Pois bem. Temos uma aposta.

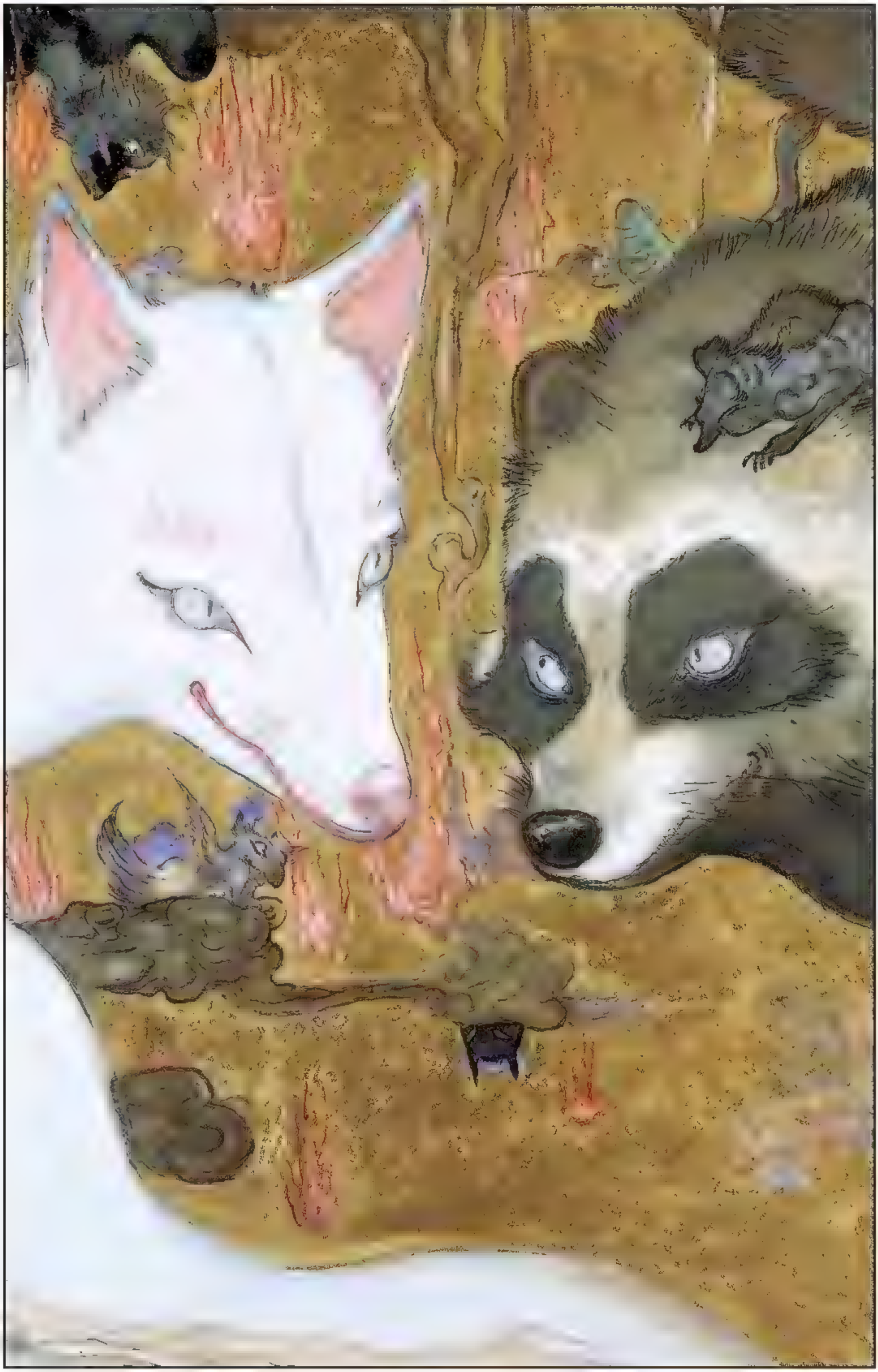
– Faremos um por vez – determinou o texugo. – Eu irei primeiro.

Em sua pequena horta, o monge capinava ao redor dos inhames. Pôs-se de joelhos para arrancar as ervas daninhas em torno do alho silvestre, dos pés de gengibre e do canteirinho de ervas. Então limpou a lama das mãos e dos joelhos e dirigiu-se aos aposentos nos fundos do templo, a fim de preparar-se para as preces noturnas.

Naquela noite, a lua pairava cheia, imensa e prateada, num céu noturno da cor da ameixa madura; e o sacerdote ouviu um grande agitar à sua porta.

Eram cinco homens no pátio, muito bem trajados e montados em cinco cavalos gris. Eram homens muito peludos. Seu líder portava uma grande espada curva.

– Quem serve este templo? – gritou ele com uma voz que ribombava como o trovão. – Que se apresente!



O monge veio à frente, à luz da lua, e fez uma mesura de total reverência. – Sou o guardião indigno deste templo – disse apenas.

– E que arremedo de sacerdote, fraco e insignificante, você é – estrondeou o líder. – Mas quem de nós pode justificar a vontade dos deuses? Em verdade, foi dito que aqueles que buscam fortuna acham-na tão elusiva e alcançável quanto o arco-íris, enquanto aqueles que desdenham da fortuna e do mundo muitas vezes veem-na soar o gongo à sua porta.

O jovem monge não respondeu ao discurso, mas ergueu um pouco a cabeça e mirou os cavaleiros ao luar com olhos atentos que nada deixavam passar.

– Ora, gostaria de saber qual é a sua fortuna?

– Certamente, respondeu o monge.

– Saiba que fui enviado por ninguém menos que o próprio imperador. Você deve viajar o mais rápido possível até o palácio imperial, onde o imperador deseja lhe falar e confirmar se você de fato é aquele de quem os áugures e adivinhos falam, e você ascenderá da obscuridade e será designado a contribuir segundo as necessidades da corte do imperador, um cargo que traz consigo grande fortuna e posses consideráveis – e continuou:

– Contudo, saiba também que, se não se apresentar perante o palácio imperial antes do próximo Dia do Macaco, então os augúrios passam de bons a terríveis, e o imperador ver-se-á forçado, com pesar, a condená-lo à pena de morte. Portanto, não espere nem mais um instante, e parta deste lugar antes do amanhecer ou corra o risco de causar o mais grave desprazer ao imperador.

Os cavalos então estamparam os cascos à luz da lua cheia.

O monge curvou-se mais uma vez.

– Partirei em instantes – disse ele, e os cinco cavaleiros sorriram, o luar a reluzir em seus olhos e dentes, assim como nas rédeas e nos ornamentos metálicos dos cavalos. – Mas, antes de partir, tenho uma pergunta a fazer.

– E que pergunta seria essa? – questionou o líder em voz similar a um rugido de tigre.

– Por que o imperador enviaria um texugo para me dizer que devo ir à corte? – perguntou o monge, que observara que, embora os quatro primeiros cavalos tivessem os devidos rabos de cavalo, o último deles possuía um rabo de texugo. Dito aquilo, o monge começou a rir e voltou caminhando a seu templo para dar início às preces noturnas.

Ouviu-se um estrondear do pátio enquanto os cavaleiros partiam, e da encosta ouviu-se um *yip! yip! yip!* da raposa, alto, perverso e contente.

As nuvens encobriram o cume da montanha antes da metade do dia seguinte. Eram nuvens carregadas, escuras, de forma que o monge não se surpreendeu quando a chuva começou a cair, uma chuva forte e abafada que fazia curvar o bambu e aplainava os brotos de inhame. O monge, acostumado ao clima da encosta, permaneceu em suas preces e não se mexeu, nem mesmo quando começaram os relâmpagos – relâmpagos de uma brancura cegante, seguidos de trovões tão altos e tão profundos que parecia que eram arrancados do cerne da montanha.

A chuva intensificou-se. Soava como o bater de centenas de pequenos tambores, de tal forma que o monge quase não ouviu o som de choro em meio ao estridor. Ouviu o soluçar e foi até o pátio, onde viu, estirada no chão onde a terra escorria como sopa barrenta, uma jovem encharcada pela chuva. Suas vestes, da seda mais suntuosa, estavam ensopadas e grudavam-se a seu corpo como uma segunda pele.

O monge estava arduamente a par da beleza da jovem, bem como de seu corpo, enquanto ajudava-a a levantar-se e caminhava a seu lado em direção ao templo, onde poderiam proteger-se da chuva.

– Sou filha única do governador da província de Yamashiro – ela lhe disse enquanto se posicionava ao lado do pequeno braseiro, torcendo seus trajes e os longos cabelos negros – e estava viajando com uma comitiva de mulheres e guardas em direção a este templo quando fomos atacados por bandoleiros. Apenas eu escapei. Entreouvi que, quando a chuva amainar, eles irão dar a volta na montanha até chegar a este templo, e então incinerá-lo e matar todos que encontrarem aqui.

Enquanto falava, a jovem comia uma tigela do arroz do monge, assim como uma pequena tigela de inhames, devorando o alimento com voracidade ao mesmo tempo em que fitava o monge com reluzentes olhos verdes.

– Portanto, vamos fugir deste lugar e nunca mais voltar, antes que os salteadores cheguem, pois se ficarmos seremos mortos. E, se por acaso nos perdermos um do outro, você deve ir à província de Yamashiro e perguntar por meu pai, que é o governador e tem a mais bela casa na província, e ele o recompensará regiamente. Obrigada pelo arroz, estava muito bom. Embora os inhames estivessem um pouco secos.

– Sem dúvida partiremos de imediato – disse o monge com um sorriso gentil a brincar pelos cantos dos lábios – se antes me explicar uma coisa.

– E o que seria? – perguntou a jovem.

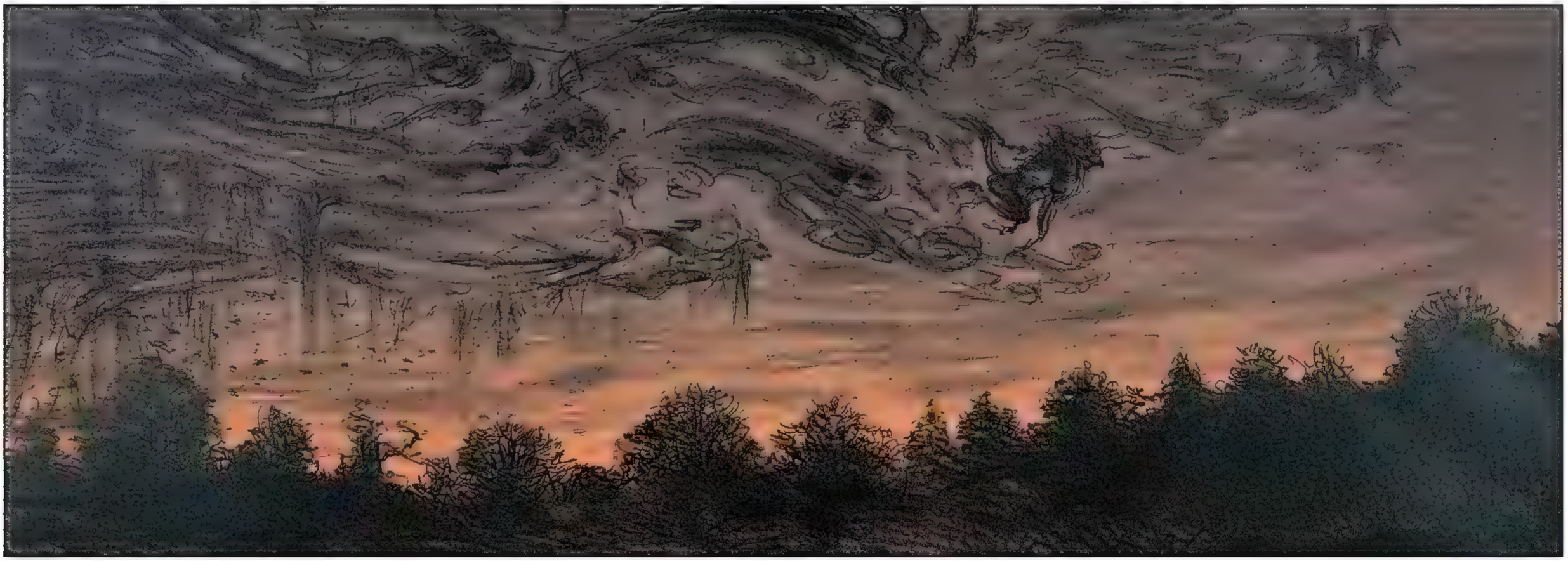
– Como pode a filha do governador da província de Yamashiro ser uma raposa? – perguntou o monge. – Pois nunca vi olhos como os seus num rosto humano.

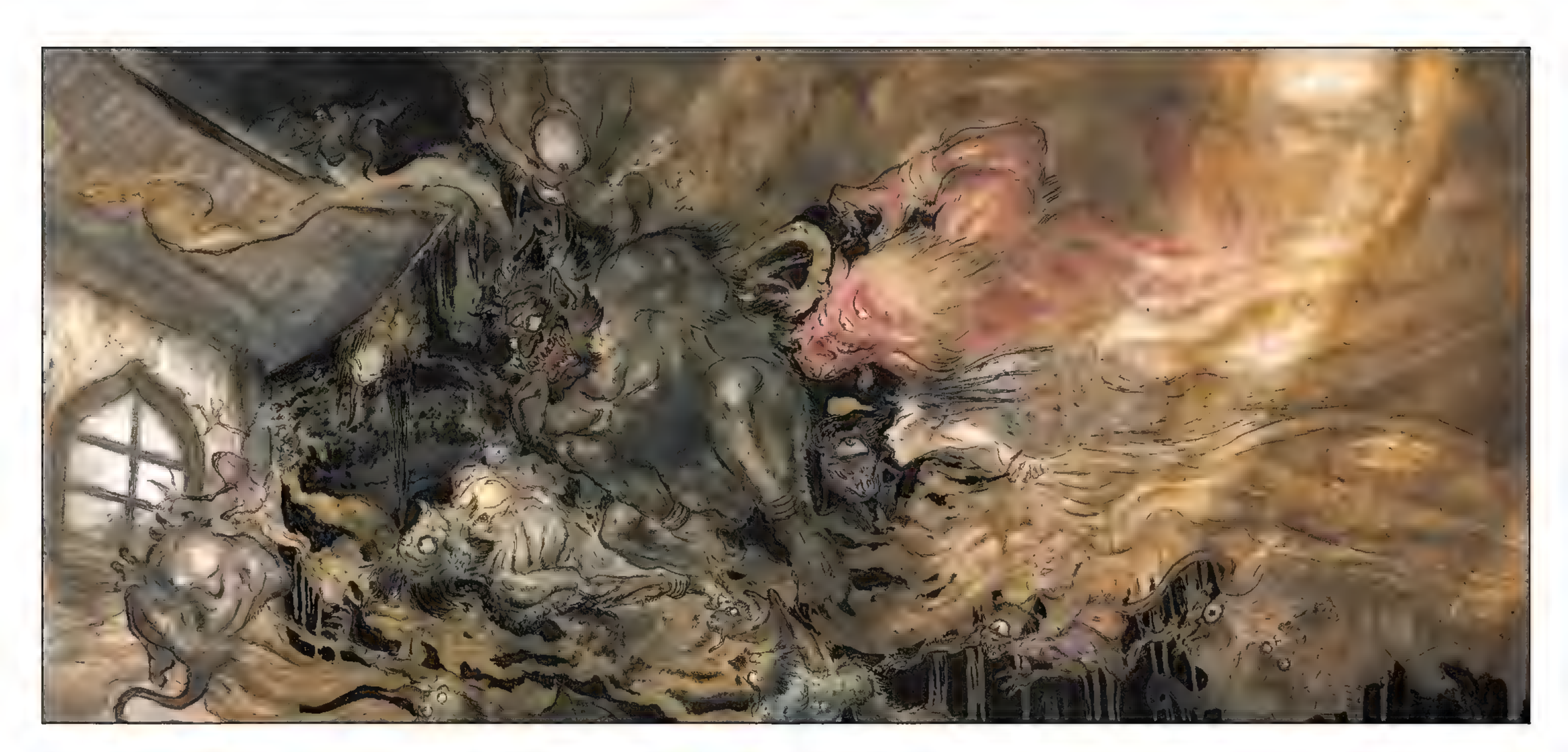
Ao ouvir aquilo, tão rápido quanto se relata, a jovem pulou sobre o pequeno braseiro e quando tocou o chão já não era mais uma jovem, mas sim uma raposa de pelo lustroso e rabo erguido, que lançou um olhar de desprezo absoluto para o monge antes de saltar em direção a um muro de pedra e por ele correr até chegar à sombra do velho e retorcido pinheiro, onde fez uma pausa antes de sumir na tempestade.

Naquela mesma tarde o sol apareceu, e o monge pôde dar uma volta pelo templo recolhendo folhas e galhos caídos e consertando os danos causados pela tempestade.

Ele começava a perceber um padrão.

Por isso não se surpreendeu quando, muitas noites depois, enquanto o sol estava se pondo, uma tropa de demônios bordejou pela mata até cercar o pequeno templo. Alguns tinham rostos de falecidos, enquanto outros tinham cabeças de monstro, com presas amareladas, olhos vidrados e imensos chifres; eles armaram um clamor tal qual nunca se ouviu.





– Farejamos homem! – berravam eles. – Farejamos carne de homem! Tragam o homem para que o devoremos. Vamos assar seu coração e órgãos e cérebro, devorar seus olhos e bochechas e língua, engolir seu fígado e sua gordura e seus testículos! Tragam-no aqui!

E, com isto, vários dos demônios começaram a empilhar os galhos que o monge recolhera e os sopraram com seu hálito flamejante até que começassem a esfumaçar e queimar.

– E se eu não sair? – indagou o monge.

– Então viremos toda noite ao cair do sol – gritou um demônio com a cabeça de um morcego esfolado – e faremos tumulto até que, enfim, com nossa paciência esgotada, incendiaremos seu pequeno templo e arrancaremos seu corpo calcinado das cinzas, o qual roeremos com nossos dentes afiados!

– Pois fuja! – berrou outro demônio, com o rosto de um afogado, a pele inchada, os olhos cegados e perolados. – Fuja deste lugar e nunca ouse voltar!

Mas o monge não fugiu. Em vez de fugir, foi caminhando até o pátio e pegou um galho em chamas da fogueira.

– Não deixarei este lugar – disse ele –, e estou cansado destes embustes. Agora, seja o que for, raposa ou texugo, tome isto! E isto! – e começou a açoitar os demônios com o galho incandescente.

Em um instante, onde antes havia uma horda de demônios, agora não restava nada além de um texugo velho e gordo, que se debateu e começou a correr. O monge jogou o galho em chamas contra o texugo e acertou-o na retaguarda, queimando seu rabo peludo e chamuscando-lhe o traseiro. O texugo uivou de dor e sumiu noite adentro.

À alvorada, o monge foi semidespertado de seu sono por uma voz sussurrada que vinha de suas costas.

– Eu queria pedir perdão – disse a voz. – Foi uma aposta entre mim e o texugo.

O monge nada respondeu.

– O texugo fugiu pra outra província com o rabo queimado e a dignidade em pedaços – informou a voz de garota. – Também partirei, se assim desejar. Mas vivi toda minha vida numa toca sob a cachoeira, perto do pinheiro retorcido, e me magoaria partir.

– Então fique – falou o monge –, se não usar mais de seus truques tolos de raposa contra mim.

– É claro – concordou a voz sussurrada da menina às suas costas, e logo o monge voltou aos sonhos. Quando acordou, justamente uma hora depois, viu pegadas de raposa nos carpetes do quarto.

O monge avistava a raposa vez por outra, correndo pelos gramados, e a visão dela sempre o fazia sorrir.

Ele não sabia que a raposa apaixonara-se perdidamente por ele ao vir pedir desculpas, ou talvez antes, quando ele a recolheu do pátio embarrado e a levou para que se secasse ao calor do braseiro. Mas, independentemente de quando tivesse acontecido, era inquestionável o amor da raposa pelo jovem monge.

E isso seria a causa de muita penúria nos tempos vindouros. De penúria e corações partidos, bem como de uma estranha jornada.

Capítulo dois

Naqueles dias, várias coisas costumavam rondar pela Terra, coisas que raras vezes vemos hoje. Havia fantasmas, demônios, espíritos de toda variedade; havia deuses-fera e deuses menores e deuses maiores; havia todo tipo de entidade, seres, espectros e criaturas, tanto gentis quanto malévolos.

Certa noite, após o ocaso da lua e na mais completa escuridão, a raposa estava caçando na encosta da montanha quando então viu, próximo a um pinheiro destroçado, diversas luzes a brilhar com um tom azulado. Silenciosa e veloz como uma sombra, a raposa seguiu em direção a elas. Ao se aproximar das luzes, estas se mostraram estranhas criaturas, nem vivas nem mortas, que brilhavam com o azul bruxuleante dos gases do pântano.

As criaturas conversavam entre si em voz sussurrada.

– Pois temos nossas ordens – disse a primeira criatura, a chama azul a cintilar sobre a pele desnuda –, e o monge deve morrer.

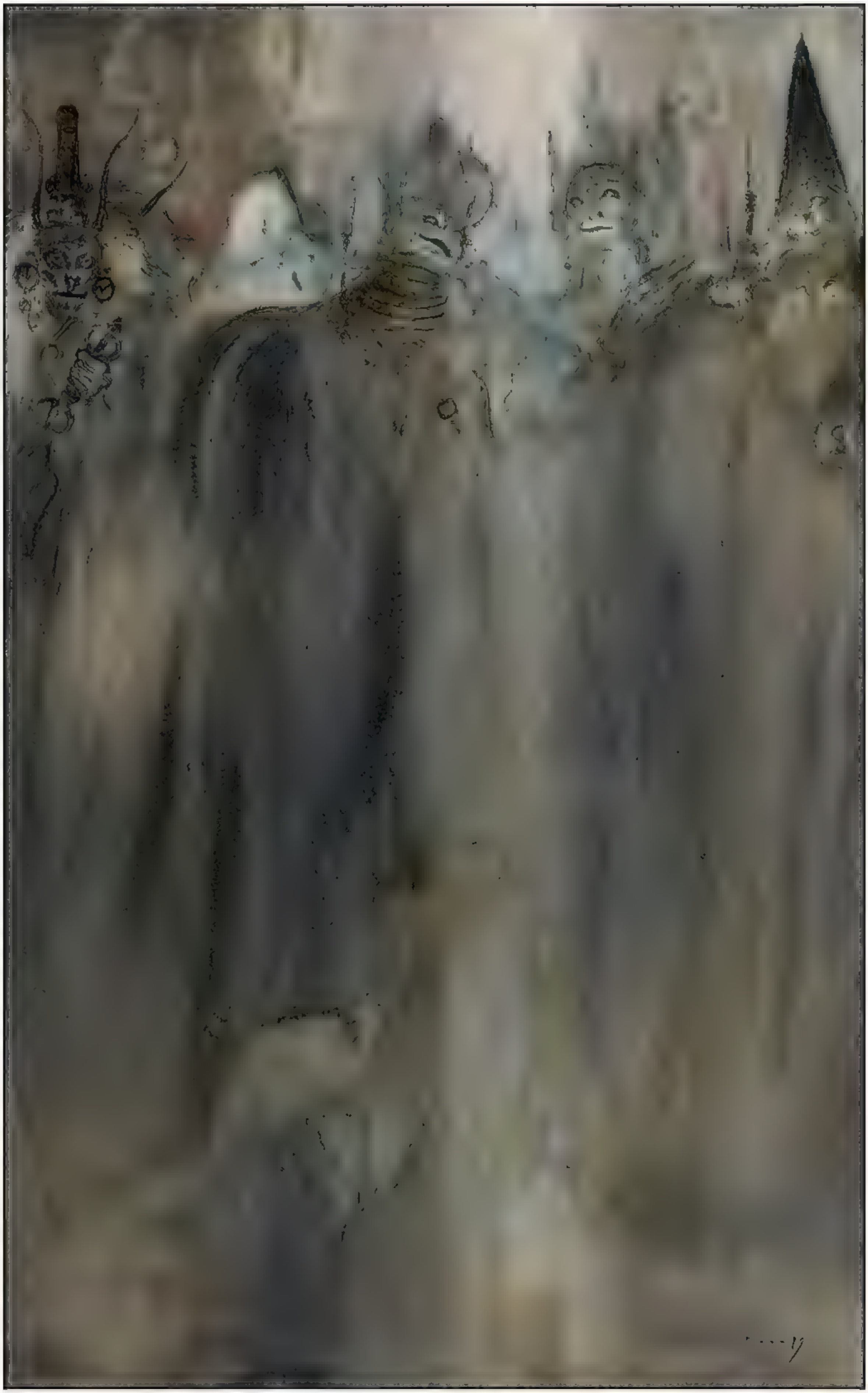
A raposa então parou de se mexer, e ocultou-se atrás de uma moita de samambaias.

– Sim – concordou a segunda criatura, de dentes afiados como pequenas navalhas. – Nosso mestre, que é um Mestre do Yin-Yang de grande poder, anteviu a partir de seus estudos das estrelas e dos padrões da Terra que, na próxima lua cheia, ou ele ou o monge estará morto; e, se não for o monge, então será nosso mestre.

– Como, então, deve ele morrer? – perguntou a terceira criatura, seus olhos a brilhar com chama azulada. – Silêncio! Há algo a escutar nosso conluio? Pois sinto olhos sobre mim.

A raposa prendeu a respiração, encostou seu ventre no chão e ficou estática. As três criaturas ergueram-se no ar e olharam para a mata escura. – Não há nada aqui exceto uma raposa morta – constatou a primeira criatura.

Uma mosca pousou sobre a testa da raposa e caminhou lentamente até a ponta do focinho. A raposa lutou contra a vontade de reagir; em vez disso, ficou lá, os olhos sem foco e vazios, como se mortos.



– É isto que nosso mestre pretende – disse a primeira das criaturas. – Por três noites contíguas, o monge terá sonhos maléficos. Na primeira noite, o monge sonhará com um estojo. Na segunda noite, sonhará com uma chave negra. Na terceira noite, deverá sonhar que está abrindo o estojo com a chave. Quando, em sonho, ele abrir o estojo, perderá toda ligação com este mundo, e sem comida nem água logo morrerá. Sua morte não pesará na consciência de nosso mestre – e então olhou em volta mais uma vez. – Tem certeza absoluta de que não somos ouvidos?

A mosca passou sobre o olho da raposa. Esta não piscou, embora as cócegas fossem como a loucura a invadir-lhe a mente.

– O que nos ouviria? – perguntou a segunda das criaturas. – Um cadáver de raposa? – então riu, alto e longe.

– Mas também não importa se alguém realmente estivesse a nos ouvir – afirmou a primeira delas –, pois, se alguém nos escuta e conta a outro o que dissemos, tão logo a primeira palavra deixar a boca, o coração rebentará no peito.

Um vento gelado ergueu-se sobre a montanha. O céu começou a iluminar-se ao leste.

– Mas não há maneira de o monge escapar desta sina? – indagou a terceira criatura.

– Apenas uma – disse a segunda.

A raposa esforçou-se para ouvir mais palavras, mas não ouviu nada, pois nenhuma outra foi dita. Ela só conseguiu ouvir o sussurro do vento a agitar folhas caídas, o suspirar das árvores que expiravam e balançavam e o *ting ting* distante dos sinos do vento no pequeno templo.

Lá ela continuou deitada, rígida como um graveto, até o sol ficar alto no céu. Então balançou o rabo e lançou-se contra as formigas que engatinhavam sobre sua pata; depois desceu a encosta da montanha até chegar a sua toca. A toca era fresca, sombria e tinha cheiro de terra, e aos fundos da mesma ficava seu bem mais precioso.

Ela o encontrara há muitos anos, emaranhado nas raízes de uma grande árvore; ela cavoucou e afocinhou até conseguir tirá-lo do chão, então o lambeu com a própria língua até limpá-lo, poliu com o próprio pelo e o levou até a toca, onde o venerava e cuidava. Era seu tesouro. Era muito, muito antigo, e havia vindo de uma terra distante.

Era a estatueta de um dragão, esculpida em jade, e seus olhos eram pequenas gemas vermelhas.

O dragão lhe trazia conforto. No escuro da toca, aqueles olhos de rubi brilhavam com radiância afetuosa.

A raposa pegou seu tesouro pela boca e transportou-o cuidadosamente, como teria carregado um filhote.

Ela carregou a estátua na boca por muitos quilômetros, até chegar a um desfiladeiro à beira do mar. Ela ouvia gaivotas berrarem ao alto, e as ondas frias a bater nas rochas abaixo. Sentia gosto de sal no ar.

"Este, pois, é meu bem mais precioso", pensou ela. "E dele eu abro mão, entregando-o ao mar, e tudo que peço é o saber de como salvar a vida do monge. Pois, se eu nada fizer, ele sonhará com um estojo, e depois com uma chave, e depois com uma chave abrindo o estojo, e por fim estará morto."

E então ela empurrou a estátua de jade pela beira do penhasco, carinhosamente, e observou-a despencar dezenas de metros até o mar implacável. Então suspirou, pois a pequena estátua de dragão havia trazido serenidade e paz a sua toca.

Ela então caminhou por quilômetros até voltar para a toca e, mais cansada do que nunca, adormeceu.

Este foi o sonho que a raposa sonhou.

Ela estava num local ermo, de rochas cinzentas e rochas marrons, onde nada brotava. O céu também era cinzento, nem claro nem escuro. À sua frente, ao topo de uma imensa rocha, estava um grande raposo que era escuro como o piche desde a ponta do focinho até quase a ponta da cauda, que era branca como se houvesse imergido num pote de tinta. O raposo era maior do que um tigre, maior do que um cavalo de guerra, maior do que qualquer criatura que a raposa já tivesse visto.

Ele estava parado sobre a rocha como se esperasse algo, e seus olhos eram poços escuros nos quais ardiam e extinguiam-se estrelas distantes.

A raposa escalou e pulou de rocha em rocha até ficar de frente para o raposo dos sonhos, e então se prostrou à frente dele, rolando para lhe mostrar a garganta.

– Levante-se – disse o grande raposo. ***– Levante-se e não tenha medo. Você desistiu de muito para sonhar este sonho, criança.***

A raposa pôs-se de pé. No sonho ela não tremia, embora estivesse mais amedrontada do que qualquer raposinha já estivera.

– Meu dragão – perguntou ela –, ele era seu, Senhor?

– Não – ele respondeu a ela. ***– Mas ele há muito havia sido perdido por alguém que eu chamava de amigo, antes dos dragões de verdade deixarem esta terra para nadar nos céus. Meu amigo perdeu a estátua, o que o deixou incomodado. Agora o mar deverá mandá-la de volta até ele, e ele dormirá em paz no fundo das Grandes Profundezas, com os outros de sua espécie, até a próxima era do mundo.***

– Fico honrada e agradecida de poder ter sido útil ao seu amigo – proferiu a raposa.

Eles lá ficaram, em silêncio, por um momento eterno, no lugar-sonho, a pequena raposa e o grande raposo negro. A pequena raposa olhou para o vazio rochoso em volta.

– O que são aqueles animais? – perguntou a pequena raposa.

Eram do tamanho de leões e ficavam a fungar pelas rochas, narizes compridos a enfiar-se no chão estéril e fungar.

– São Baku – esclareceu o grande raposo. ***– São Devoradores de Sonhos.***

A pequena raposa já ouvira falar dos Baku. Se um sonhador acorda de um sonho de maus agouros, ele pode invocar os Baku e esperar que estes devorem o sonho, levando-o embora junto com seus presságios.

Ela olhou para os Baku enquanto andavam pelo deserto rochoso dos sonhos.

– E se alguém pudesse capturar um Baku após este consumir o sonho? – indagou a raposa. – O que aconteceria?

O grande raposo nada disse durante algum tempo. Na cavidade de um de seus olhos, uma estrela distante brilhou. ***– Os Baku são difíceis de capturar e difíceis de deter. São feras astutas e esquivas.***

– Eu sou uma raposa – disse ela de forma humilde e sem vanglória. – Também sou uma fera astuta.

O grande raposo assentiu. Então baixou os olhos até ela, e pareceu à raposa que ele podia ver tudo o que ela era, tudo que sonhava, tudo que sentia e a que aspirava. ***– Ele é apenas um humano,*** disse o grande raposo. ***– E você, uma raposa. Raramente terminam bem tais coisas.***

E a raposa teria lhe dito o que pensava a respeito, e aberto seu coração para ele, mas com um menear de rabo o grande raposo saltou da rocha em direção ao chão do deserto abaixo. E pareceu à raposa que ele cresceu e cresceu até ficar do tamanho do céu, e aquele imenso raposo era a noite, e as estrelas cintilavam na escuridão de seu pelo, e a ponta branca de sua cauda era a lua crescente a brilhar no céu noturno.

– Eu posso ser astuta – disse a raposinha à noite. – E posso ser corajosa. E eu morreria por ele.

E a raposa imaginou uma voz em sua mente, a dizer, quase de forma terna: ***"Então capture os sonhos dele, criança"***, enquanto acordava.

O sol tinha o tom dourado de fim de tarde e castigava o mundo enquanto a raposa caminhava pela mata em direção ao pequeno templo, tendo parado apenas para devorar um grande sapo que encontrara à beira de um córrego e engoli-lo, ossos e tudo, triturando o animal a cada bocada. Então bebeu a água límpida e fria do córrego da montanha, lambendo-a com avidez.

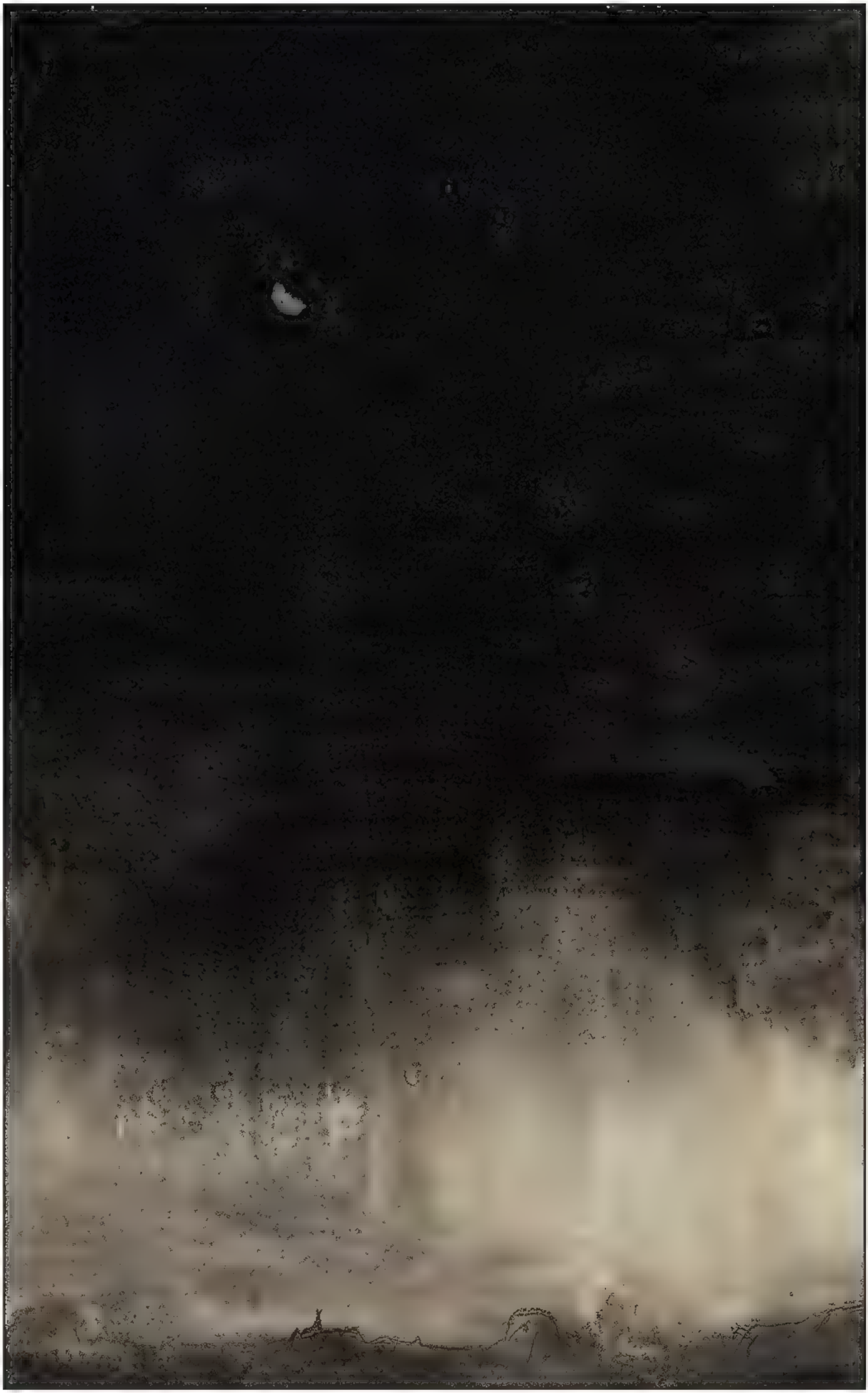
Quando chegou ao pequeno templo, o monge estava cortando lenha para seu braseiro.

Mantendo uma distância segura do monge, dado que a lâmina do machado era afiada, ela disse com a clareza da fala de pessoas: – Que você sonhe sonhos auspiciosos nos dias por vir, sonhos de bons presságios e grande fortuna.

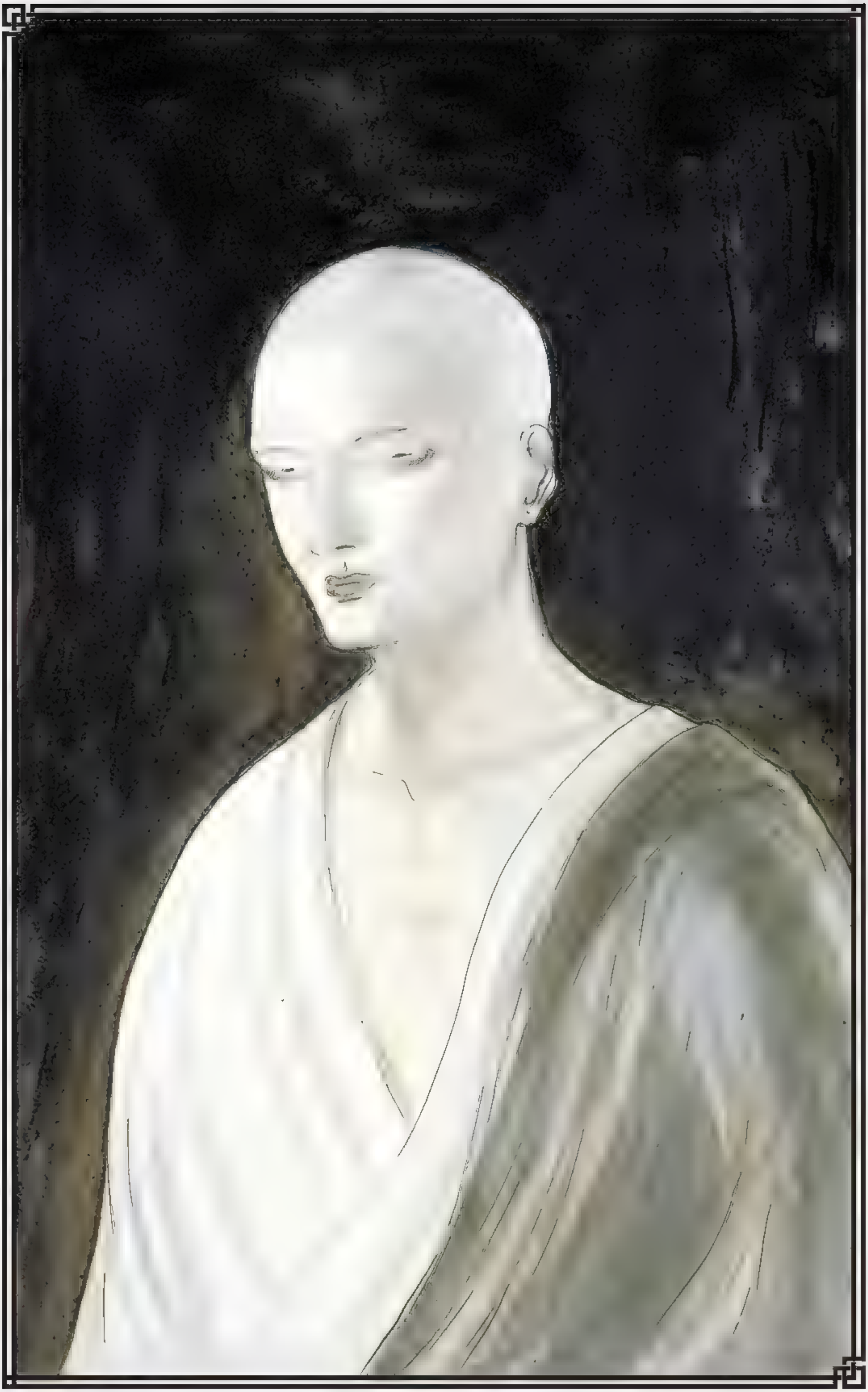
O monge sorriu para a raposa. – Fico grato por seus votos – comentou ele. – Embora a mim não caiba saber se meus sonhos serão de boa fortuna ou de qualquer outro tipo.

A raposa ficou olhando para ele por algum tempo com seus olhos verdes de raposa. – Não estarei longe – assegurou ela. – Caso precise de mim.

E, quando o monge tirou os olhos da lenha mais uma vez, ela havia ido embora.



Capítulo três



No distante sul e mais a oeste, em sua casa em Kyoto, o Mestre do Yin-Yang, o *onmyoji*, acendia uma lamparina sobre uma mesinha, sobre a qual havia disposto uma peça de seda pintada, e sobre esta um estojo de laca e uma chave de madeira negra. Dispostos de acordo com os cinco pontos cardeais da bússola havia cinco pratinhos de porcelana, sobre três dos quais estavam depositadas substâncias em pó, sobre o quarto deles repousava uma gota de líquido, e sobre o último coisa alguma.

O *onmyoji* era um homem rico. Oficial de alto escalão do Escritório Divinatório, e muitos vinham em busca de seus conselhos e favores. Governadores de várias províncias lhe eram gratos e acreditavam que sua influência e sua divinação eram responsáveis por lhes dar fortunas ou altos cargos. Ele tinha a atenção do Chanceler, assim como dos Ministros à Direita e à Esquerda. Mas não era um homem feliz.

Ele tinha uma esposa, que morava na ala norte da casa e cuidava do lar com toda prudência e eficiência, além de tratá-lo de acordo com as maneiras que uma esposa deve tratar o marido. Ele tinha uma concubina, que mal completara dezessete anos, e que era muito bela: sua pele era alva como a mais alva das flores da ameixeira e seus lábios eram escuros como as ameixas. A esposa e a concubina viviam juntas sob o mesmo teto, e nunca discutiam. Mas o *onmyoji* não era feliz.

Ele vivia na que muitos diziam ser a décima sétima melhor casa de Kyoto. Espíritos e demônios do ar, *Oni* e *Tengu*, recebiam e acatavam suas ordens. Ele lembrava-se de cada detalhe de suas duas vidas pregressas. Quando jovem, viajara à China para estudar e retornara com os cabelos prematuramente grisalhos, mas com um conhecimento inigualável quanto a portentos e profecias. Era um homem respeitado por aqueles a ele superiores e temido por aqueles a ele inferiores. Mas, mesmo com tudo isto, o *onmyoji* não era feliz.

E isto porque o *onmyoji* tinha medo.

Até onde podia se lembrar, desde pequeno rapazote ele tivera medo, e tudo que aprendera, cada migalha de poder que obtivera, buscara na esperança de que afugentasse seu temor. Mas o medo permaneceu. Espreitava-o às suas costas e em seu coração; estava lá quando ele dormia, e cumprimentava-o pela manhã ao despertar; estava lá quando ele fazia amor, e quando bebia, e quando se banhava.

Não era um pavor da morte, pois por dentro suspeitava que a morte pudesse ser uma fuga do medo. E havia dias em que se perguntava se tal sentimento cessaria caso, com suas artes, ele pudesse matar todo homem, mulher e criança no mundo, mas suspeitava de que o medo não deixaria de assombrá-lo, mesmo estando sozinho.

Era o medo que o impelia, e foi o medo que o trouxe às trevas.

O Mestre do Yin-Yang buscou conhecimentos entre os profanadores de túmulos. Encontrou-se com criaturas disformes ao crepúsculo, e dançou as danças delas, e compartilhou de seus banquetes.

Na periferia da cidade, onde viviam ladrões, salteadores e imundos, o Mestre do Yin-Yang mantinha uma casa em ruínas, e nesta casa havia três mulheres: uma velha, uma jovem e uma nem velha nem jovem. As mulheres vendiam ervas e remédios a mulheres que se viam em situações desafortunadas. Sussurrava-se que viajantes ingênuos que naquela casa paravam nunca mais eram vistos. Como quer que fosse, homem algum sabia do envolvimento do *onmyoji* com as três mulheres, nem de suas visitas àquela casa nas noites em que a lua estava escura.

Na cabeça do *onmyoji,* assim como em seu coração, ele não era um homem mau. Estava apenas com medo. E o medo roubava-lhe o prazer de qualquer momento de orgulho ou felicidade, era um parasita dos deleites de sua vida.

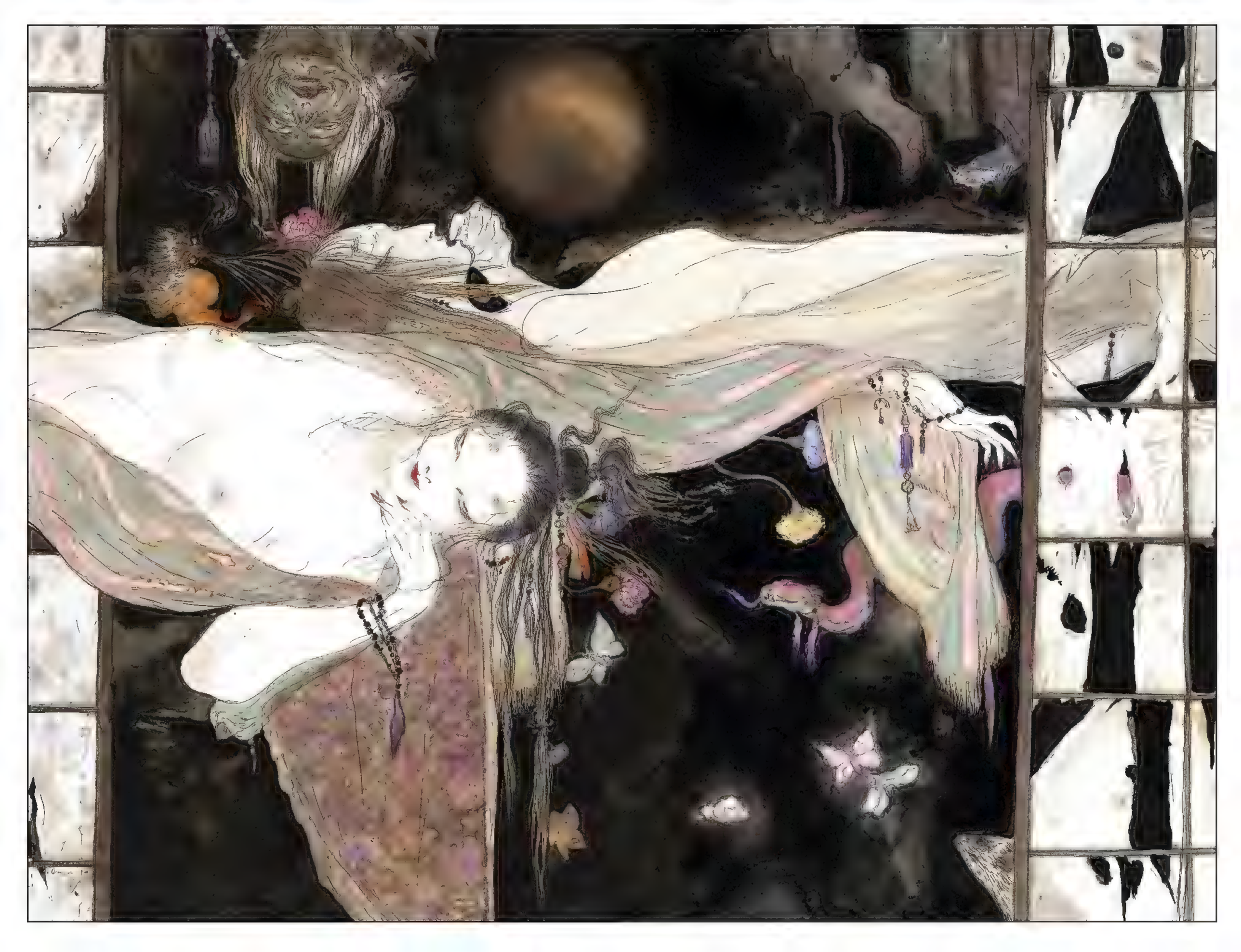
Certa noite, semanas antes dos fatos previamente relatados, quando a lua estava em seu ponto mais escuro, ele fizera às três mulheres que moravam na casa arruinada as perguntas que mais o assolavam.

O vento soprava pelas telas rasgadas, e uivava pelas cornijas podres.

– Como posso encontrar paz? – perguntou ele à mulher mais velha.

– Há paz no túmulo – ela lhe respondeu –, e paz momentânea na contemplação de um belo pôr do sol.

Ela estava nua, e seus seios pendiam como sacos vazios sobre o peito, e no rosto ela havia pintado a face de um demônio.



O *onmyoji* fez uma cara feia e bateu o leque contra a palma da mão, impaciente.

– Por que não tenho paz? – indagou ele à mais jovem das três.

– Porque você está vivo – ela lhe disse com lábios gelados. O *onmyoji* temia principalmente a mais jovem das três mulheres, pois suspeitava que não estivesse viva. A jovem era muito bela, mas de uma beleza gélida. Quando tocado por aqueles dedos gelados, ele estremecia.

– Onde posso encontrar paz? – dirigiu-se ele à mulher que não era nem jovem nem velha.

Esta não estava nua, mas sua túnica estava aberta, e em seu peito entreviam-se duas fileiras de seios, como os seios de um porco fêmea ou de uma rata, com bicos tão negros e rígidos quanto pedaços de carvão.

Ela sugou o ar por entre os dentes e o prendeu. E, após um longo tempo, ela expirou. Então disse: – Na Província de Mino, a longos e longos dias de viagem daqui, ao norte e mais ao leste, na encosta de uma montanha, fica um pequeno templo. É um templo de tão pouca importância que está aos cuidados de um único monge. Ele nada teme e tem a paz que você deseja. Posso tramar para que, quando ele morrer, você ganhe a força dele e nada mais tema. Mas, assim que eu tramar, você terá apenas a próxima lua cheia para lhe causar a morte. E ele deve morrer sem violência e sem dor, ou meu tramar será falho.

O *onmyoji* soltou um grunhido de satisfação. Ele a alimentou com pequenas iguarias, com as próprias mãos, e alisou seus cabelos e disse a ela que estava satisfeito.

As três mulheres retiraram-se para outra parte da casa arruinada, e quando retornaram já era quase alvorada, e o céu começava a iluminar-se.

Elas entregaram ao *onmyoji* uma peça de seda pura, alva como o luar. Sobre ela estavam pintados o *onmyoji* e a lua, mais o jovem monge.

O *onmyoji* fez sinal de satisfação. Teria agradecido a elas, mas sabia que não se agradece a criaturas dessa estirpe, então deixou o pagamento ao chão e voltou para casa, para estar lá antes do raiar do dia.

Há diversas maneiras de matar a distância, mas a maioria delas, mesmo que sem violência direta, envolve infligir dor.

O Mestre do Yin-Yang consultou seus pergaminhos. E então enviou demônios à montanha onde o monge vivia para obter coisas que este houvesse tocado. (Foi quando a raposa os escutou.) E aqui e agora estava o *onmyoji*, sentado em frente à mesinha com a lamparina e o estojo de laca e a chave. Uma a uma, ele acrescentou pitadas das substâncias postas nos pratinhos de porcelana ao fogo da lamparina – uma pitada para cada um dos cinco elementos. E a derradeira pitada foi da última coisa que os demônios haviam roubado do monge: um prato contendo nada além de um fragmento da sombra do monge, que os demônios haviam furtado dele.

A cada pitada de pó que o *onmyoji* acrescentava à chama, esta queimava mais forte e mais viva; e, ao acrescentar a última pitada de nada, que era a sombra do monge, a chama queimou tão alta que encheu de luz o aposento do *onmyoji*. E então se foi, deixando o quarto às escuras.

O *onmyoji* acendeu uma chama e ficou feliz em observar que, na peça de seda que cobria a mesa, havia uma mancha asquerosa, como se algo morto houvesse lá estado, sobre o rosto do jovem monge.

Observou aquilo com satisfação. Então foi para a cama e teve uma noite de paz, sem medo. Naquela noite, o *onmyoji* ficou contente.

No sonho do monge na mesma noite, ele estava na casa de seu pai, antes deste perder a casa e tudo o mais que possuía, em desgraça, pois tinha inimigos poderosos.

O pai lhe fez uma saudação e o monge lembrou-se, no sonho, que o pai morrera pelas próprias mãos, e também se lembrou de que ele, o monge, ainda estava vivo. Ele tentou contar aquilo ao pai, mas o pai indicou, sem palavras, que não podia ouvir o que quer que o filho falasse.

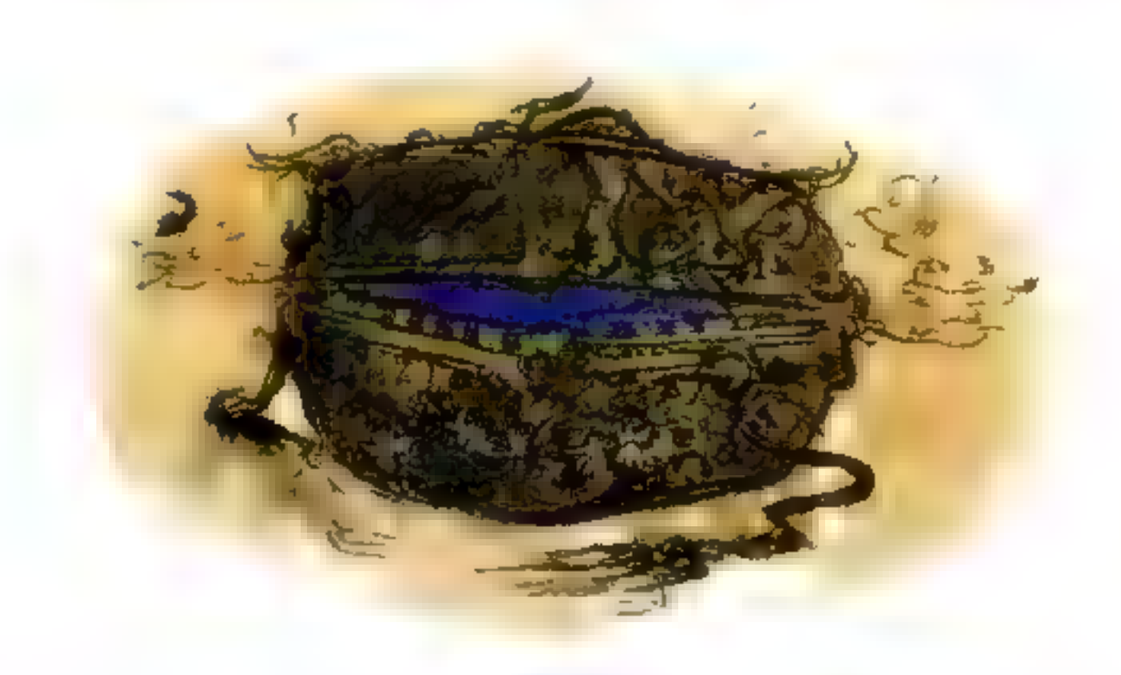
Então, de dentro da túnica, o pai tirou um estojo de laca e estendeu-o para o filho pegar.

O monge pegou o estojo esmaltado, e seu pai não estava mais lá. Mas não deu atenção àquilo, pois o estojo esmaltado tomou conta de seus pensamentos (embora, no sonho, imaginasse ter visto o menear de uma cauda de raposa passar por uma porta).

Ele sabia que havia algo de importante dentro do estojo. Algo que ele precisava ver. Mas o estojo resistia a todos os esforços para ser aberto, e, quanto mais ele puxava e espiava, mais frustrado ficava.

Ao acordar, sentiu-se incomodado e desconfortável, perguntando-se se o sonho teria sido um presságio ou aviso. – Se foi um sonho ruim – disse o monge –, que um Baku o leve.

Então levantou-se para buscar água e dar início ao dia.



Na segunda noite, o monge sonhou que seu avô havia vindo até ele, embora o avô tivesse morrido engasgado com um *mochi*, um bolinho de arroz, quando o monge não era mais que um bebê.

Eles estavam de pé sobre uma ilhota que não passava de uma rocha negra ao mar. O avô observava o mar com olhos cegos. Os pássaros marinhos grasnavam em meio ao uivar do vento e do borrifar das ondas.

O avô abriu a mão idosa e revelou uma pequena chave negra. Tão lento quanto um brinquedo mecânico, ele estendeu a mão. O monge pegou a chave do avô. Uma gaivota guinchou três notas tristes e descendentes, e o monge teria perguntado ao avô o que significavam, mas o idoso não estava mais lá.

O monge segurou a chave com força. Ele procurou por algum lugar onde a chave pudesse se encaixar, mas a ilha era árida e vazia. O monge caminhou lentamente pela ilha, mas nada viu.

E então ocorreu ao monge que estava sendo observado, no sonho, e olhou ao redor, mas não havia nada afora as gaivotas ao longe e uma figura minúscula num penhasco distante que poderia, pensou ele, talvez ser uma raposa.

Ele acordou com a mão fechada sobre uma chave inexistente, ainda sentindo os olhos da raposa sobre si.

O sonho foi tão real que, mais tarde naquele dia, enquanto um vento gelado fazia tombar as primeiras folhas vermelhas e laranjas do bordo sobre a pequena horta do templo, onde o monge cuidava das abóboras brancas e amarelas que cresciam em abundância, ele viu-se procurando pela chave, e repentinamente percebeu que nunca havia tocado nela no mundo desperto.

Naquela noite, o monge esperava outro sonho espúrio. Ao fechar os olhos, ouviu algo à porta. E então adormeceu.

Mas, na primeira parte da noite, nada sonhou. E na segunda parte da noite ele sonhou que estava sobre uma ponte observando carpas nadarem placidamente num lago, e uma das carpas era do prata mais puro, e a outra carpa era do ouro mais puro, e o monge ficou contente em observá-las.

Ele acordou certo de que o sonho era um bom presságio e aliviado porque os dias de sonhos ruins enfim haviam terminado, e sorriu e estava feliz enquanto saía de seu estrame.

O bom humor do monge permaneceu até ele deparar-se com o corpo da raposa, de olhos cerrados, estirada no umbral do templo.

Capítulo quatro

De início, o monge achou que a raposa estava morta. Então ele agachou-se ao lado dela e percebeu que respirava, mas de forma tão fraca que mal se podia dizer que estava mesmo respirando, mas ainda assim estava viva.

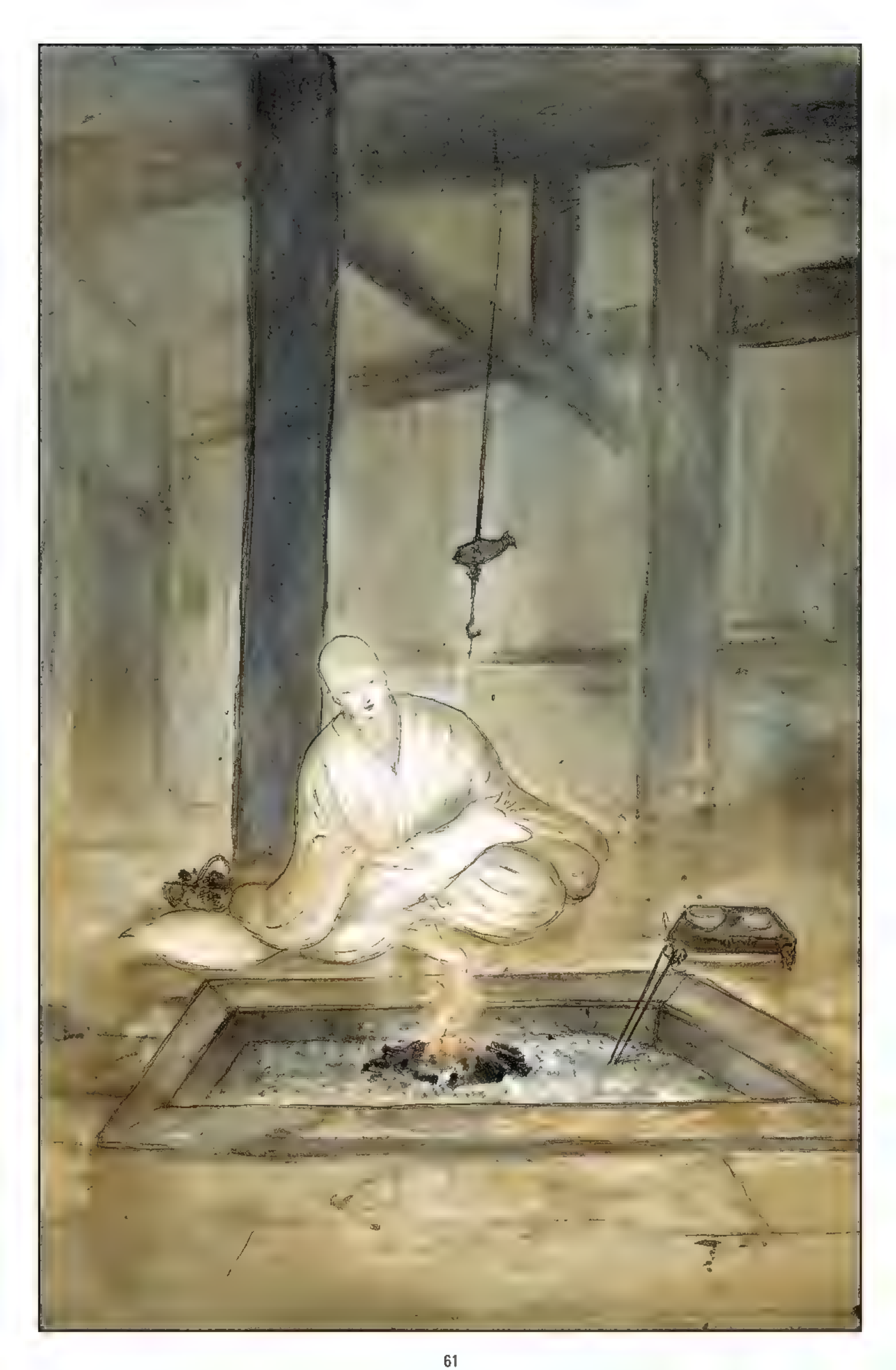
O monge trouxe a raposa para dentro do templo e acomodou-a ao lado do braseiro para aquecê-la. Depois, fez uma prece silenciosa ao Buda, pela vida da raposa. "Ela é um ser da natureza", pensou o monge, "mas tem um bom coração e não a quero ver morrer."

Ele alisou o pelo dela, macio como a flor do cardo, e sentiu os batimentos débeis de seu coração.

– Quando eu era um garoto – disse o monge à raposa inconsciente –, antes da desgraça de meu pai, eu, de tempos em tempos, fugia de minha ama-seca e de meus professores e ia ao mercado, onde vendiam animais vivos. Vi jaulas de bambu que continham toda sorte de feras: raposas e cachorros e ursos, macacos pequenos e macacos de cara rosada, lebres e crocodilos, cobras e porcos e cervos, garças e grous e filhotes de urso. Ficava feliz quando os via, pois eu amava os animais, mas também me sentia triste, pois me magoava vê-los aprisionados daquela forma.

– Um dia, após os comerciantes juntarem seus pertences e partirem, encontrei uma jaula quebrada e nela havia um bebê-macaco raquítico demais para ir para a panela, pois estava morto – ou assim alguém pensou. Mas percebi que estava vivo, e então o escondi junto ao meu peito e fui até a casa de meu pai.

– Mantive o macaco no meu quarto, e lhe dava restos de minhas próprias refeições. Meu macaquinho cresceu até ficar quase do meu tamanho. Era meu amigo. Ele ficava sentado no caquizeiro em frente à nossa casa aguardando eu voltar. Meu pai tolerava o macaco, e tudo correu bem até o dia em que certo nobre chegou para ver meu pai.



– O macaco pareceu enlouquecer. Recusava-se a deixar o nobre aproximar-se de meu pai. Em vez disso, desceu e barrou o caminho do nobre, exibindo os dentes e o peito, agindo como se o nobre fosse um rival de outra tribo de macacos.

– O nobre fez sinal para um de seus servos, que puxou um arco e lançou uma flecha contra o peito do macaco, apesar de eu implorar para que não o fizesse. Carreguei o macaco para fora da casa, e ele olhou nos meus olhos enquanto morria.

– Tempos depois, a desgraça de meu pai veio a ocorrer pelas maquinações do mesmíssimo nobre. E às vezes penso que o macaco tenha sido um espírito enviado por Buda Amida para nos proteger, e de fato teria nos protegido se apenas lhe tivéssemos dado ouvido e atenção. Isso foi há muito tempo, pequena raposa, antes de eu ser monge, numa vida morta para mim, mas mesmo assim aprendemos.

– E, talvez, com seus truques de raposa, talvez você também deseje me proteger.

Então o monge fez uma prece ao Buda Amida, e outra prece a Kishibojin, que foi uma mulher-demônio antes de encontrar Buda e que protege as crianças e as mulheres; e a Dainichi-Nyorai; e, por último, fez uma breve oração a Binzuru Harada, primeiro dos discípulos de Buda, a quem este havia proibido de adentrar o nirvana. Ele fez suas preces a todas essas entidades, implorando por ajuda e para que intercedessem pela pequena raposa.

E, ao fim de todas as preces, a raposa permanecia flácida e imóvel no tapete, como algo morto.

Havia um vilarejo ao pé da montanha, a quase meio dia de viagem. "Talvez", pensou o monge, "haja um médico ou uma sábia no vilarejo que possa ajudar a raposa." E sem pensar duas vezes ele pegou a raposa flácida e carregou-a pela trilha da montanha que o levaria até o vilarejo.

Estava frio, e o monge tremia em sua túnica rala. Moscas varejeiras, as últimas e mais velhas das desagradáveis moscas da estação, zumbiam ao redor dele, seguindo-o pela trilha, fazendo tudo que podiam para incomodá-lo.

A meio caminho na descida da montanha, o córrego montanhesco virava um pequeno rio e sobre este rio havia uma ponte. Quando o monge aproximou-se da ponte, viu um velho subindo pela trilha na sua direção. O velho tinha barba branca comprida e sobrancelhas também muito, muito longas, e apoiava-se num alto cajado entalhado para caminhar. Ele transmitia um ar de sabedoria e serenidade, mas também algo de malícia, ou assim aparentava ao monge.

O velho ficou esperando que o monge chegasse até ele na ponte.

– Os bordos estão muito bonitos – comentou o velho. – São tantas cores, e logo todos terão morrido. Às vezes penso que o outono pode ser tão belo quanto a primavera.

O monge concordou com a possibilidade.

– Agora, o que é isso que carrega? – perguntou o velho. – Parece um cachorro morto. Não é algo impuro para um monge carregar?

– É uma raposa – respondeu o monge –, e não está morta.

– E você vai matá-la? – perguntou o velho em tom grosseiro.

– Vou em busca de uma cura para ela – explicou o monge. O velho estava muito sério e ergueu o cajado que trazia para com ele bater no monge, uma vez na lateral da cabeça e outra nos ombros.

– *Isto!* é por desertar de seu templo – disse o velho ao primeiro golpe do cajado. – E *isto!* é por intrometer-se em assuntos do espírito da raposa.

O monge fez uma mesura. – Você pode estar certo em bater em mim – disse ele –, pois o que diz é fato. Não estou em meu templo e carrego uma raposa. Mas, ainda assim, acredito estar fazendo o certo ao buscar uma cura para ela.

– O certo? O certo? – e o velho mais uma vez bateu no monge com o cajado, desta vez acertando-o no peito. – Ora, seu maroto, sua criatura imprudente. O certo seria retornar para seu templo com a raposa e dormir com uma dádiva do rei de todos os sonhos sob a cabeça, pois é nos sonhos que sua raposinha está presa.

– Se me permite perguntar sem logo receber outro golpe – arriscou o monge, hesitante –, onde posso encontrar uma dádiva do rei de todos os sonhos?

O velho ficou olhando para o jovem monge, depois olhou para o cajado entalhado e então suspirou em alto e prolongado som, como um homem de muita idade tentando esfriar a sopa quente. Ele enfiou a mão pela manga e puxou uma tira de papel sobre a qual estava escrito algo, e foi esse papel que pressionou contra a mão do monge.

– Tome – resmungou o velho –, mas você ainda é um tolo, pois a raposa morrerá, ou você morrerá, e não há nada que possa fazer nesta terra ou fora dela para mudar isto, sejam seus motivos puros ou não.

O monge estava prestes a retrucar, a perguntar ao velho por que havia lhe dado a dádiva se ela não ajudaria em nada, quando percebeu que estava sozinho na ponte e, aliás, sozinho em toda aquela encosta.

"Então aquele velho devia ser Binzuru Harada", pensou o monge, "pois Binzuru Harada geralmente é representado como um velho de barba branca e sobrancelhas compridas; e ele deve fazer o bem nesta terra até o dia em que o Buda o autorizar a seguir seu caminho."

Ainda assim, o monge questionava por que Binzuru Harada ajudaria alguém insignificante como ele; e não lhe trouxe conforto lembrar que foi por quebrar seu voto de castidade que a Binzuru Harada foi negado o nirvana.

A raposa quase não pesara na jornada de descida pela encosta, mas, quando o monge deu meia-volta para subir a montanha, o corpo pareceu ficar cada vez mais pesado. Uma névoa suave havia se abatido sobre a encosta, borrando o contorno das coisas. O monge posicionava um pé em frente ao outro no seu caminho de subida da montanha.

Ele questionava-se sobre estar fazendo o correto ao ajudar a raposa. Não sabia responder, mas sabia que não poderia abandoná-la. Tinha que tentar.

Era fim de tarde quando o monge chegou ao templo que havia deixado no início da manhã. As névoas de outono pairavam sobre a encosta como teias ou filamentos de seda crua, e o crepúsculo que se assomava fazia o mundo parecer duplamente onírico.

Até o templo, no qual o monge passara os últimos oito anos, parecia espectral quando ele o adentrou, como se agora fosse um lugar imaginário. O braseiro estava quase frio: o monge acrescentou carvão, e sobre ele cozinhou arroz, assando uma abóbora finamente fatiada para acompanhamento.

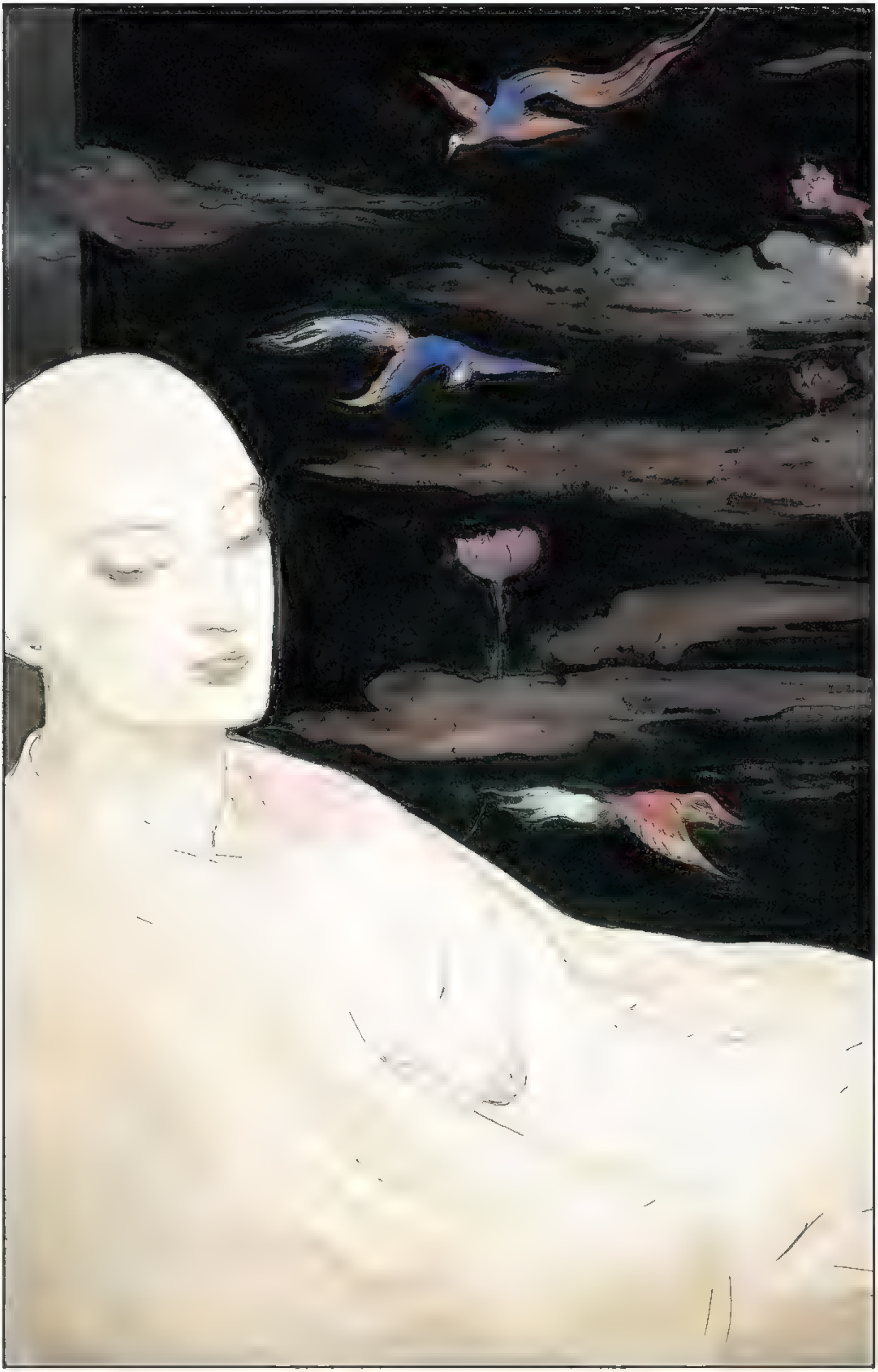
Então ele fez suas preces noturnas, embora as tenha feito com um pouco menos de entusiasmo que o habitual. Uma coisa é orar; outra é orar para entidades que talvez não estejam ouvindo, mas que encontram você na estrada e batem na sua cabeça com cajados se você disser algo que as ofenda.

Sob a luz bruxuleante do braseiro, o monge teve uma estranha ilusão – ocorreu a ele que um fragmento de sua sombra não estava lá, como se ela houvesse sido rasgada.

A raposa dormia como se morta.

A raposa era muito pequena. O monge passou a mão no pelo macio. Então examinou a tira de papel que Binzuru Harada lhe dera. Ele não conseguia ler o que estava escrito; as letras pareciam retorcer-se, tremular, como letras em um sonho.

O monge colocou a raposa dentro do próprio manto, de forma que o calor de seu corpo a mantivesse aquecida e, talvez, viva. Ele deitou-se no estrame, deixou a tira de papel sob o travesseiro e, exausto de sua caminhada descendo e depois subindo a montanha, então dormiu.



Capítulo cinco

De início, as trevas.

E, entre as trevas, um brilho chamejou até vir a ser luz. Depois outro, e mais outro. As luzes estavam em movimento.

Eram vaga-lumes. Primeiro um punhado, a seguir um enxame, e depois centenas e milhares de vaga-lumes brilharam com frio gelado nas trevas.

Ao monge lembrava um rio de estrelas, ou uma ponte de estrelas, ou uma faixa que enroscava as trevas, imaterial e bruxuleante, e foi sobre essa faixa que o monge começou a caminhar.

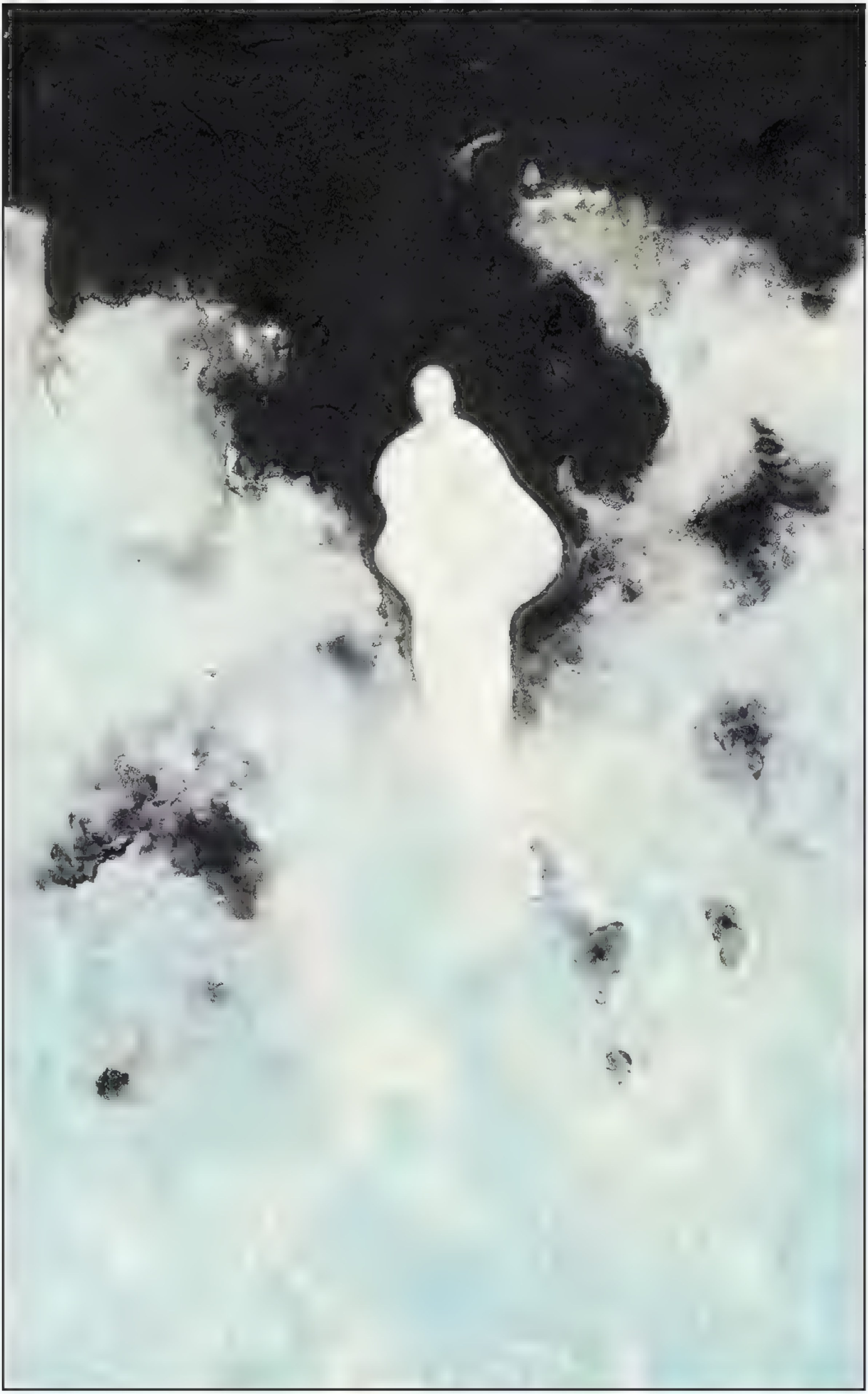
Na mão ele trazia um pedaço de papel que brilhava ainda mais que os vaga-lumes.

Enquanto ele caminhava, os vaga-lumes, que acendiam e apagavam, começaram a cair, a pender e tombar como flores de camélia.

O monge com eles tombou. Ao cair, percebeu que não estava caindo em meio a vaga-lumes, mas através da Via Láctea, o rio dos deuses que atravessa o céu noturno.

Ele caiu delicadamente sobre uma planície erma de rochas como a malaquita verde. Esforçou-se para ficar de pé.

Começou a caminhar pela planície vítrea e esverdeada. No sonho, ele usava grandes sandálias de madeira, do tipo que se usa na estação das chuvas para manter a pessoa longe do barro. Enquanto caminhava, as sandálias iam ficando gastas, e logo ele estava de pés descalços sobre a planície, que era tão afiada quanto cem lâminas, e o sangue escorria das solas dos pés, deixando pegadas vermelhas por onde passava.



Ele caminhou ao longo de uma planície de ossos monstruosos, denteados, destroçados e inumanos.

Caminhou ao longo de um pântano quente e úmido, e o ar estava tomado de mosquitos e pernilongos menores do que o olho conseguia enxergar e que se assentavam sobre a pele do monge e nos cantos dos olhos para picá-lo, fazendo vergões onde mordiam. Logo o ar ficou enegrecido de tantas criaturas.

A tira de papel brilhava forte, e ele a ergueu bem alto à sua frente, e continuou a caminhar.

E então atravessou o pântano. Cuspiu os últimos dos pernilongos negros do fundo da garganta e limpou-os dos olhos.

O monge caminhou por um jardim que conversava com ele, embora lhe aconselhasse a voltar, dizendo que o Rei dos Sonhos não deveria ser procurado de forma indolente, e que ele devia permanecer no jardim, e fazer suas trilhas, e sentar-se ao lado das doces águas; mas o monge nunca saberia explicar de que maneira o jardim havia falado com ele.

Ele partiu do jardim, magoado, e seguiu a caminhar.

Ele percebeu que estava em frente a duas casas, uma ao lado da outra, e havia dois homens sentados na varanda de uma delas, pescando com caniços no lago abaixo.

– Busco o Rei dos Sonhos – gritou o monge. – Estou no caminho correto?

– Como poderia não chegar a ele? – perguntou o primeiro dos homens. – Quando todos os caminhos são dele?

O segundo homem, que era robusto e tinha aparência triste, nada disse.

O monge desembrulhou sua dádiva para mostrar a eles. E foi então que, se ainda lhe restava qualquer dúvida, agora tinha certeza de que estava sonhando. Pois ele conseguia ler as letras no papel que portava. Eram caracteres simples, tão simples que ele se perguntou como não os havia conseguido ler antes, e eles descreviam aquele que moldava e formava as coisas a partir do caos e do nada, que transmutava as coisas da informidade e da deformidade naquilo-que-não-era-real, mas sem o qual o real não teria sentido.

O segundo homem espirrou para atrair a atenção do monge e então apontou, quase como que por acidente, para uma determinada montanha.

O monge fez uma mesura de agradecimento e caminhou em direção à montanha.

Ao olhar para trás quando chegou à montanha, viu que o homem robusto boiava de rosto para baixo no lago dos peixes, e seu assassino olhava para ele da varanda de uma das casas.

Quando estava a meio caminho da subida da montanha, ele olhou para trás mais uma vez e percebeu que a casa havia sumido, assim como os homens e o lago, e onde ela estava não havia mais que um cemitério.

À sua frente havia uma casa imensa, construída para ser perfeitamente una com suas cercanias: era ao mesmo tempo santuário, castelo e lar. Era um lugar de cachoeiras e jardins, de biombos pintados e elegantes telhados curvos. Ele não sabia dizer se era uma casa ou centenas de casas. Ele viu pátios e pomares e árvores: flores de primavera e folhas de outono, e frutas veranis cresciam lado a lado nas árvores de jardins estranhos.

Pássaros coloridos cantavam daquelas árvores; eram de azuis e vermelhos tão vívidos que pareciam flores esvoaçantes, e as canções que cantavam eram de uma sonoridade incomum.

O monge nunca vira um lugar que nem aquele.

Havia um portão entalhado, feito de madeira dourada, com feras estranhas entalhadas sobre ele, e o monge foi até o portão, e soou um pequeno gongo que ali estava pendurado.

O gongo não emitiu som, mas ele tinha certeza de que aqueles que precisavam saber que ele estava lá já sabiam.

O portão começou a alterar-se e *transformou-se*, e uma criatura de muitas cores surgiu à sua frente: um pássaro monstruoso, com a cabeça de um leão, dentes afiados, rabo de cobra e asas imensas. Era um enorme *itsumade*, criatura advinda das lendas.

– Declare seus intentos – ordenou o *itsumade*. – Quem é você e por que deseja perturbar meu mestre?

– Este lugar é tão belo – disse o monge –, e sua beleza só amplia-se ao saber que, quando eu acordar, outros palácios serão carentes por não serem este. Estou mesmo nos jardins do palácio do Rei dos Sonhos?

Suas palavras eram gentis, mas traziam uma reprovação ao guardião, pois mesmo um monstro lendário deveria ater-se a certa cortesia.

– Sim, este é o palácio do Rei dos Sonhos – grunhiu o *itsumade*. – Diga-me o que deseja ou eu o devoro.

O monge estendeu a mão para mostrar ao *itsumade* o pedaço de papel que lhe fora dado. O papel emitia luz própria. O *itsumade* abaixou a cabeça e resmungou. – Eu não sabia – disse ele. – Pensei que fosse apenas um sonhador.

O monge percebeu que alguém o observava do alto de um pinheiro negro. Era um corvo, imenso, negro e escuro, e, quando este viu que também era observado, desceu voando até o monge com movimentos amplos e agitados, aterrissando poucos passos à sua frente.

– Siga-me – disse o corvo numa voz que pareciam duas pedras a esmerilar.

– Você me levará ao Rei dos Sonhos? – perguntou o monge.

– Você não questionaria um poema, nem uma folha caída, nem a névoa no cume da montanha – devolveu o corvo. – Por que, então, questionar a mim?

A casa parecia um labirinto, e o monge seguiu o corvo através de galerias e pavilhões mal iluminados, estranhos e sóbrios; atravessou passagens formadas por biombos, ao lado de lagos tranquilos e rochas perfeitas e pedras que caminhavam, o monge sempre seguindo o pássaro.

– Por sua resposta – comentou o monge –, presumo que seja um poeta.

– Eu sirvo o Rei dos Sonhos – disse o pássaro –, e obedeço às ordens dele.

O pássaro agitou as asas e elevou-se, até pousar sobre um biombo, para ficar ao nível da cabeça do monge.

– Mas você está certo. Já fui um poeta, e, como todos os poetas, passei tempo demais no Reino dos Sonhos.

O corvo conduziu o monge a uma sala decorada com biombos pintados. Havia um estrado numa ponta da sala, e sobre o estrado havia um trono de madeira incrustado de madrepérola. Era um trono perfeito, de simplicidade e estranheza, e o monge supôs que fosse o trono do Rei dos Sonhos.

– Espere aqui – pediu o corvo; então saiu da sala, empertigado como um velho cortesão.

O monge ficou parado, nervoso, na sala do trono, e aguardou a chegada do Rei dos Sonhos.

Na imaginação do monge, o Rei dos Sonhos virou um idoso com barba e unhas longas, e, depois, parecia o Buda Amida, e então se tornou um demônio, metade homem, metade dragão.

Sua vista foi atraída pelos biombos pintados que repartiam a sala. Enquanto ele admirava as pinturas, estas permaneciam congeladas, imóveis; mas, quando desviava o olhar e voltava a prestar atenção nelas, via coisas que não vira antes. Criaturas que se mexiam quando ele não estava olhando. Histórias terminavam para dar lugar a novas.

Por um instante ele ficou sozinho na sala do trono, observando os biombos ilustrados, e então não estava mais só, pois o Rei dos Sonhos sentou-se no trono sobre o estrado.

O monge fez uma mesura profunda.

O Rei dos Sonhos tinha a pele alva como a lua de inverno e o cabelo negro como asa de corvo, e seus olhos eram piscinas noturnas dentro das quais estrelas distantes cintilavam e queimavam. Sua túnica era da cor da noite, e chamas e rostos apareciam ao pé desta, para depois sumir. Ele começou a falar, em voz gentil mas forte como a seda.

– Você é bem-vindo a este lugar, disse ele em palavras que o monge ouviu dentro da mente. ***– Mas não deveria estar aqui.***

– Vim – explicou o monge –, para pleitear a vida de uma raposa, que, em meu mundo, está perdida em sonhos. Sem sua ajuda, ela falecerá.

– E talvez seja isso que ela queira – disse o Rei dos Sonhos. ***– Ficar perdida em sonhos. Certamente ela tem uma razão para o que fez, e é uma razão que você pouco entende. Além disso, é uma raposa. De que lhe importa o destino dela?***

O monge hesitou.

– O Buda nos ensinou a amar e reverenciar todas as coisas vivas. Esta raposa não me fez mal algum.

O Rei dos Sonhos olhou para o monge de cima a baixo.

– E isso é tudo? – questionou ele, impassível. ***– É por isso que deserta de seu templo e vem até mim? Porque ama e reverencia tudo que é vivo?***

– Tenho um compromisso com todas as coisas – disse o monge. – Pois, como monge, deixei para trás todos os laços do desejo, tudo que é mundano.

O Rei dos Sonhos nada disse. Parecia estar aguardando.

O monge abaixou a cabeça.

– Mas lembro do toque da pele dela, quando fingiu ser uma mulher, e é uma memória que levarei para o túmulo e além. E os laços de afeição são os mais difíceis de partir.

– Entendo – disse o Rei dos Sonhos. Ele ergueu-se e então desceu do estrado. Era um homem muito alto, se é que era um homem. ***– Siga-me –*** ele disse.

Enquanto caminhavam, eles atravessaram uma cachoeira que escorria de uma parede do palácio. Ela roçou e borrifou-os sem deixá-los molhados.

Passando a cachoeira havia uma pequena casa de verão, e foi a este lugar que o Rei dos Sonhos conduziu o monge.

– Sua raposa também veio até mim com um pedido – disse o Rei dos Sonhos –, ***embora tenha sido mais honesta do que você quanto ao amor que sente. E eu concedi o pedido a ela. Ela sonhou sonhos seus. Ela sonhou seus primeiros dois sonhos com você, então sonhou o último sonho por você, e abriu o estojo com a chave.***

– Onde ela está? – perguntou o monge. – Como posso trazê-la de volta?

– Por que a traria de volta? – perguntou o Rei dos Sonhos. ***– Ela fez o que queria, e isso não trará felicidade a você.***

O monge ficou sem resposta.

O rei apontou para a mesa na casa de verão. Sobre ela havia um pequeno estojo de laca, que o monge reconhecia de seus sonhos. Havia uma chave na fechadura.

– Ela está lá. Siga-a, se é o que deseja.

O monge aproximou-se e lentamente abriu o estojo. Que se abriu, e abriu, até preencher o mundo inteiro, e, sem hesitar, o monge nele entrou.

Capítulo seis

De início, parecia ao monge que o interior do estojo de laca era um local familiar que de alguma forma ele havia esquecido – talvez seu quarto quando criança, ou uma sala secreta no templo que permanecera escondida até este momento.

Não havia nada na sala exceto um espelho caído num canto. O espelho emitia um leve brilho, como a luz do sol nos últimos instantes do dia.

O monge pegou o espelho.

No verso do espelho havia a pintura de dois homens: um era ameaçador, orgulhoso, com olhos de caçador e barba cinzenta. A outra figura devia ser a do próprio monge, embora estivesse coberta de sujeira e mofo.

Ele virou o espelho mais uma vez e fixou os olhos em sua superfície.

Ele viu uma menina de olhos verdes que parecia quase pintada com luz. Quando ela percebeu que ele a observava, o rosto dela desmoronou.

– Por que veio aqui? – ela sussurrou, triste. – Dei minha vida por você.

– Você estava dormindo no umbral do templo – ele explicou a ela. – Eu não consegui acordá-la.

Ela jogou a cabeça para o lado. – Cacei os Baku – ela lhe disse. – Fui ao lugar aonde vão os Baku, e fui com eles devorar sonhos, e entrei nos seus sonhos enquanto você os sonhava. Eu estava lá quando seu pai lhe deu o estojo, e quando você acordou fiquei com o estojo; e, quando seu avô lhe deu a chave, tomei-a de você ao acordar.

– Passei o dia seguinte a acompanhá-lo, e ao cair da noite me deitei à sua porta, no lugar pelo qual o sonho passaria em sua direção, e dormi. Vi o sonho deslizando pelas trevas e saltei sobre ele para tomá-lo para mim. E no meu sonho abri o estojo com a chave, e ele se abriu, imenso como o céu, e não tive escolha a não ser entrar.

– E então tive muito medo, pois estava perdida no estojo e não conseguia encontrar a saída. Havia perdido a trilha que me levaria de volta a meu corpo. Estava triste e amedrontada, mas também orgulhosa, pois sabia que havia salvado sua vida.

– Por que faria isto por mim? – perguntou o monge, embora já tivesse o entendimento de por que ela o havia feito.

A menina espírito de raposa sorriu. – Por que veio atrás de mim? – perguntou. – Por que veio até aqui?

– Porque me importo com você – ele disse.

Ela abaixou o olhar. – Então, já que veio, e agora que já sabe a verdade, sabe também que é hora de partir. Eu salvei a sua vida. O *onmyoji* que é seu inimigo morrerá em seu lugar, e você poderá voltar a seu templo, plantar suas abóboras e seus inhames secos, e, quando lhe aprouver, fazer uma prece por mim.

– Vim para libertá-la – disse o monge. – É minha tarefa.

– E como me libertaria? – perguntou a menina com tristeza na voz. – Pode partir o metal do espelho?

– Não – respondeu o monge. – Não posso – e ele pronunciou o nome que fora escrito no pedaço de papel que Binzuru Harada lhe entregara na ponte. A seu lado surgiu o Rei dos Sonhos.

– Muito bem – perguntou o rei –, ***está pronto para deixar este lugar?***

– Milorde – disse o monge –, sou um monge. Não tenho posses afora minha tigela de pedinte. Mas o sonho que a raposa sonhou era meu de direito. Peço que me seja devolvido.

– Mas – continuou o rei –, ***se eu devolver seu sonho, você morrerá no lugar dela.***

– Compreendo – assegurou o monge. – Mas o sonho é meu. E não quero que a raposa morra no meu lugar.

O Rei dos Sonhos fez um meneio com a cabeça. Sua expressão não se alterou, mas parecia ao monge que ele estava entristecido, embora também contente, e o jovem monge compreendeu que seu pedido era o certo.

O rei fez um gesto, e o espelho esvaziou-se no chão, deixando o espírito da raposa ao lado do monge em meio à escuridão.

– Você fez o correto, com certo custo para si – disse o rei ao monge. ***– Devo, por minha vez, fazer algo por você. Você terá um tempo curto para dar adeus à raposa.***

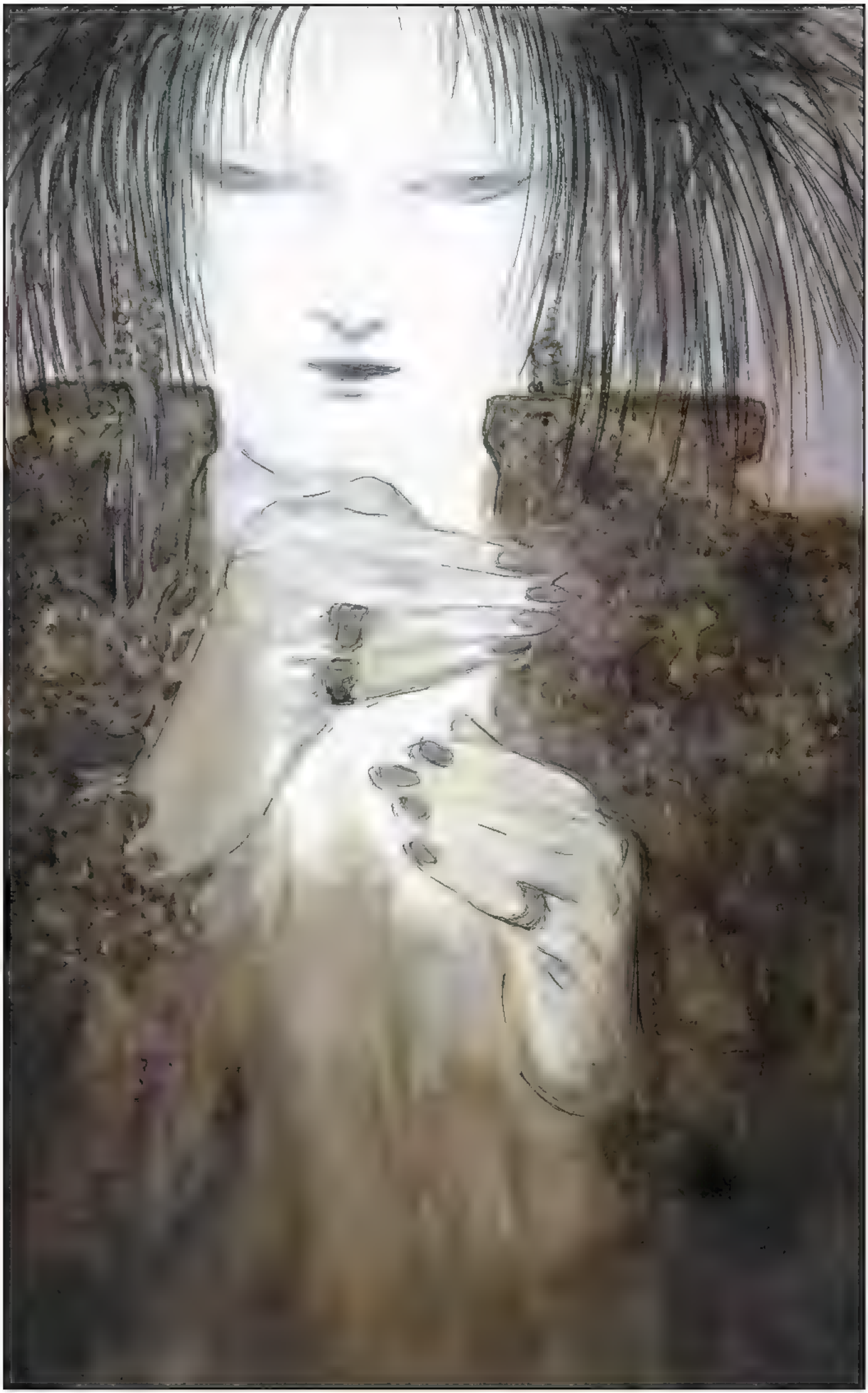
A raposa-espírito jogou-se aos pés do rei. – Mas você jurou me ajudar! – ela disse, furiosa.

– E eu a ajudei.

– Não é *justo* – proferiu a raposa.

– Não – concordou o rei. ***– Não é.***

E, calma e imperceptivelmente, ele deixou os dois a sós naquele lugar.



Isto é tudo o que o conto nos diz sobre este momento: que ele os deixou para darem adeus um ao outro. Talvez tenham feito despedidas formais, embaraçados que estavam, o espaço entre eles – entre um homem que abrira mão do mundo e um espírito-raposa –, um golfo que não se podia atravessar. É uma possibilidade.

Mas o que fizeram um pelo outro há de ser lembrado, e pode-se conjecturar que, neste momento, eles fizeram amor. Ou sonharam ter feito.

Quem sabe.

Quando encerraram as despedidas, o Rei dos Sonhos juntou-se a eles novamente.

– Agora tudo será como devia ser – ele disse, e o monge viu-se observando a raposa de dentro do espelho.

– Eu teria dado a minha vida por você – ela sussurrou, triste.

– Viva – disse o monge.

– Você será vingado – informou a raposa. – O *onmyoji* que lhe fez isto aprenderá o que significa tomar algo de uma raposa.

O monge olhou para a garota-raposa de seu espelho. – Não busque a vingança, e sim o Buda – aconselhou-a. Então se virou, caminhou ao centro do espelho e se foi.

A raposa ficou no deserto rochoso ao lado do imenso raposo negro dos sonhos.

– Tudo que fiz – ela disse. – Tudo que tentei fazer. Por nada.

– Nada é feito inteiramente por nada – comentou o raposo dos sonhos. ***– Nada se perde. Você está mais velha, você tomou decisões, não é a mesma raposa de ontem. Aceite aquilo que aprendeu e siga em frente.***

– Onde ele está agora? – ela perguntou.

– O corpo dele encontra-se deitado no templo. Seu espírito irá aonde deve ir.

– Então ele morrerá – ela constatou.

– Sim – ele concordou.

– Ele me disse para não buscar vingança, mas sim o Buda – disse o espírito-raposa com tristeza.

– Um sábio conselho – assegurou o raposo dos sonhos. ***– A vingança pode ser um caminho sem fim. Seria prudente evitá-la. Então...?***

– Buscarei o Buda – disse a raposa com um meneio de cabeça. – Mas antes buscarei vingança.

– Como desejar – falou o raposo dos sonhos, e a raposa não soube dizer se ele estava feliz ou triste, satisfeito ou insatisfeito.

Com um balançar de rabo, ele saltou em direção ao panorama dos sonhos e deixou a pequena raposa mais solitária do que nunca.

Ela acordou no pequeno templo na encosta da montanha, ao lado do corpo do monge. Os olhos dele estavam fechados, e sua respiração era débil, e sua pele tinha a cor da espuma do mar.

Doía, após ela já ter lhe dito adeus, vê-lo ali imóvel. Mas ela permaneceu com ele e cuidou de seu corpo.

O monge morreu, em paz, no dia seguinte.

Houve um funeral para ele no pequeno templo, e seu corpo foi sepultado na encosta, ao lado dos outros monges que haviam cuidado do templo nos séculos precedentes.

A lua cheia veio e se foi, e a lua minguante correu alta no céu. O Mestre do Yin-Yang ainda estava vivo. Acima de tudo, conseguia sentir o medo morrer dentro de si.

Ele pegou o estojo de laca, a chave negra e os pequenos pratos de porcelana, e enrolou todos na peça de seda (que agora trazia apenas seu rosto, pois da outra figura restava nada mais que a sombra de uma mancha) e, no calar da noite, enterrou-os sob as raízes de uma árvore que há muito tempo fora atingida por um raio e agora estava retorcida de forma perturbadora.

Ele ficou aliviado por ainda estar vivo. Estava mais feliz do que jamais estivera. Foram dias bons para o *onmyoji*.

A lua estava novamente cheia no céu quando ele foi visitado por uma donzela de berço dourado, que queria consultá-lo quanto a dias propícios. Uma névoa pesada assomava-se naquele dia, enroscando seus tentáculos pela casa do *onmyoji*.

A jovem pagou pelo conselho com moedas de ouro tão antigas que já eram quase lisas e com arroz da melhor qualidade. E então deixou a casa numa magnífica carruagem puxada por bois.

O Mestre do Yin-Yang ordenou que seu serviçal a seguisse a cavalo e descobrisse quem era a donzela e onde vivia.

Várias horas depois, o serviçal voltou. Ele disse que a donzela vivia numa casa antiga mas imponente, a vários *ri* ao norte de Kyoto, e descreveu a região ao *onmyoji*.

Os dias passaram. O *onmyoji* não conseguia tirar o rosto da donzela da mente, nem a forma como caminhava, ao mesmo tempo respeitosa e sedutora. Ele imaginou-se possuindo-a, tocando-a, dominando-a.

Quando ele fechava os olhos à noite, a donzela estava lá: seu cabelo tão comprido e tão negro; seus olhos do tom das folhas a se desenrolar num dia de primavera; seus pés, que se moviam como camundongos; a delicadeza da mão segurando o leque; sua voz, como uma canção ouvida em sonho.

Quando foi fazer amor com sua concubina, o *onmyoji* descobriu que ela não o interessava. Então ele retornou ao quarto para escrever um poema no qual comparava seus sentimentos pela donzela ao vento do outono que agita a superfície de um lago até então plácido, e entregou o poema ao serviçal para que este o levasse para a donzela.

O serviçal trouxe a resposta, um poema no qual ela falava do reflexo da lua no lago, agitado pelo vento. O coração dilatou-se dentro dele ao ler aquilo, surpreso pela graça e naturalidade da caligrafia.

Ele perguntou aos oráculos sobre ela. A velha riu na cara dele, com gargalhadas tão fortes que ele achou que a mulher fosse morrer, e nada disse. A jovem das mãos gélidas falou: – O homem que ela amava está morto.

– Ótimo – disse o *onmyoji*. – Qual o dia mais propício para visitá-la?

Mas diante daquilo as três mulheres deram risadinhas e gargalhadas como se estivessem escarnecendo do *onmyoji*, e ele partiu da casa furioso.

Na noite seguinte ele chegou à casa da donzela. Pediu perdão pela chegada abrupta, alegando que fora forçado pelo conhecimento advindo das adivinhações que deveria deixar sua casa e viajar ao norte, por ser direção auspiciosa, e que precisava passar uma noite no norte antes de partir para a cidade pela manhã.

Ela convidou-o para jantar.

A casa era magnífica. O *onmyoji* e a donzela jantaram a sós, e ao longo da noite os serviçais dela trouxeram os pratos mais refinados que ele já comera.

– Eu nunca havia provado algo assim! – confessou ele, mordiscando carnes exóticas em molho frio.

– E pensar – disse ela – que, se eu não estivesse aqui, você seria forçado a sentar nas ruínas dilapidadas de uma casa antiga e vazia e jantar ratos e aranhas.

Ao fim da refeição, ele deixou claro que gostaria de tirar proveito dos dotes físicos dela. Ela serviu saquê para os dois, e disse-lhe que aquilo estava fora de cogitação.

– Pois, por que eu gostaria de ser secundária em seus afetos? – ela perguntou. – Você tem uma esposa. Você tem uma concubina. O que eu seria?

– Serei seu, e somente seu – ele prometeu à donzela.

– É o que você diz – ela falou –, mas, após fazer amor comigo, sua esposa e sua concubina ficarão mais atraentes a seus olhos e eu serei deixada aqui sozinha. Não acho que deva passar a noite aqui. Sua carruagem o levará a outra casa por esta noite. Se um dia estiver livre para me amar, e somente a mim, então retorne.

– E assim será! – ele proferiu.

– Mas nunca poderei ser sua – ela continuou –, enquanto você tiver sua casa. Pois será meu desejo que venha morar em minha casa, comigo. Aliás, minha casa seria sua, e para sempre. Mas, se você tiver outra casa, pode vir a suspirar por ela e um dia me deixar. A donzela remexeu-se momentaneamente e o *onmyoji* imaginou ter captado o mais breve vislumbre do intumescimento branco que era o seio dela sob a túnica.

– Darei conta de minha casa – disse o *onmyoji*, sua mente uma chama ardente de luxúria.

– E há mais uma coisa – acrescentou a donzela, os olhos verdes a incinerar os dele. – Falo de sua magia. Como posso ser seu amor, sua esposa, se sei que você comanda Tengu e Oni, e que em seus pergaminhos possui o conhecimento de como me transformar num pássaro caso eu o desagrade?

Ela curvou-se para servir mais saquê para ele, o que fez sua túnica abrir-se um pouco mais, e o *onmyoji* viu um seio alvo, em cuja ponta havia um bico tão rosado quanto o pôr do sol. Nisto, o *onmyoji* saltou para agarrá-la, mas a donzela habilmente recuou, evitando o ataque como se mal o houvesse notado, e lhe deu boa-noite.

Quando percebeu que o tempo deles juntos havia terminado, ele suspirou tão alto que pareceu que as dobradiças do mundo rangeram. Então uma loucura se apossou dele, ou assim dizem.

Na noite seguinte, houve dois incêndios na cidade de Kyoto. A primeira casa a queimar foi a do *onmyoji*, a décima sétima mais bela casa de toda a cidade. Não houve suspeitas de seu envolvimento no fato, pois havia deixado a casa no início do dia, numa carroça carregadíssima de pergaminhos e outros implementos mágicos. Foi um incêndio trágico, pois sua esposa, sua concubina e todos os serviçais dormiam dentro da casa quando ela ardeu em chamas, e suas vidas foram tomadas.

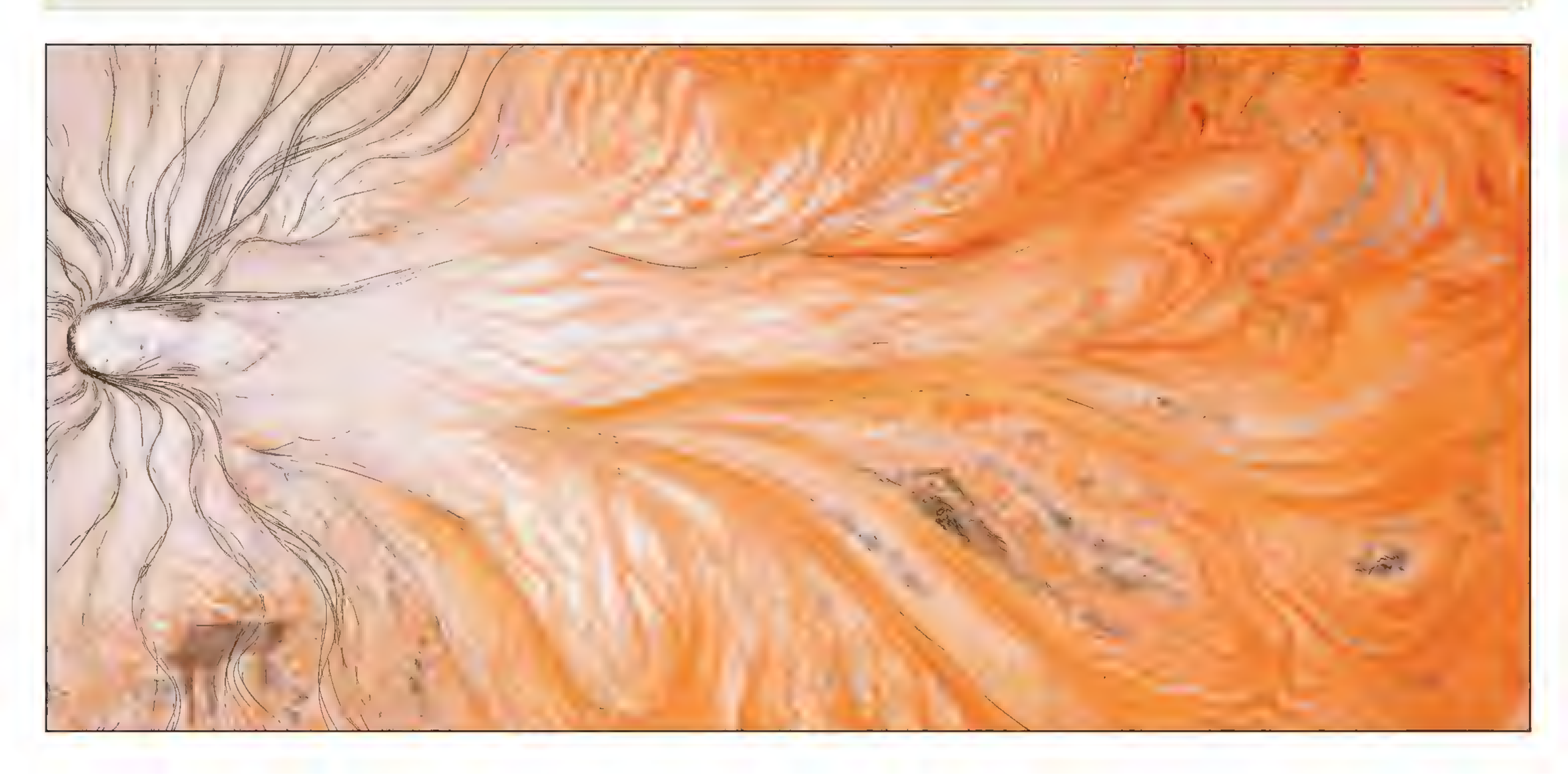
A outra casa a queimar foi uma choupana na periferia da cidade, numa vizinhança de má reputação. Era uma casa onde viviam três mulheres, sobre as quais se dizia serem adivinhadoras e herboristas. Ninguém sabe afirmar se elas estavam na casa quando esta queimou, pois os únicos vestígios encontrados nas cinzas foram de ossos e crânios de bebês e criancinhas.

Era noite quando o Mestre do Yin-Yang chegou à casa da donzela que conquistara seu coração.

– Minha casa foi queimada – informou ele –, e minhas mulheres morreram. Não tenho ninguém para amar que não você e nenhum lugar para estar que não aqui.

Ela então sorriu para ele, um sorriso de tanta felicidade que ao *onmyoji* pareceu que o sol havia saído e brilhado somente para ele.

– E nesta carroça – ele continuou – trago meu conhecimento. Todos os meus pergaminhos, todos os meus implementos mágicos. Todos os amuletos, varinhas, nomes que me dão poder sobre espíritos e demônios e permitem-me dizer o futuro. Trago tudo aqui para deixar a seus pés.



A donzela fez um sinal com a cabeça, e diversos serviçais tomaram a carroça, recolhendo seu conteúdo e as coisas que ele havia trazido.

– Pronto – disse o *onmyoji* –, agora sou seu e não há nada que possa ficar entre nós.

– Ainda há algo entre nós – ela afirmou. – Sua toga. Tire-a. Deixe-me ver como você é.

Loucura e luxúria misturaram-se nas veias do *onmyoji*. Ele despiu-se da toga e ficou ali parado, nu, ao crepúsculo enevoado. Ela pegou a toga dele e ficou segurando-a.

Ele abriu bem os braços para abraçar a donzela.

A donzela aproximou-se. – Agora – sussurrou ela –, você não tem casa, nem esposa, nem concubina, nem magia, nem roupas. Você perdeu tudo. Então é hora de eu lhe dar algo.

Ela levou as mãos até a cabeça dele e aproximou-a dos lábios, como se fosse beijá-lo logo acima do olho.

– Mas ficará com sua vida – ela disse –, pois ele não iria querer que eu matasse você.

Dentes de raposa são muito afiados.

E, com um menear do rabo, ela se foi.

O Mestre do Yin-Yang foi encontrado na manhã seguinte dentro da casa que fora abandonada vinte anos antes, quando o funcionário público a cuja família o imóvel pertencia caiu em desgraça. Há quem diga que foi a culpa que o levou até lá, pois quinze anos antes o *onmyoji* estivera no local a serviço do nobre que causara a derrocada daquela família.

Ele estava nu, e envergonhado, e louco.

Houve quem dissesse que fora a perda da mulher e da casa num incêndio que o levara à loucura. Outros afirmaram ter sido a perda de um olho, enquanto os supersticiosos alegavam entre si que fora a magia das raposas.

Nos dias que se seguiram, seus antigos comparsas evitaram-no ao vê-lo pedindo nas ruas, tendo ele somente trapos para cobrir a nudez e apenas um farrapo sobre a cabeça para esconder a ruína de sua face.

Ele viveu em miséria e imundícia e loucura até a morte, sem encontrar qualquer felicidade em vida, fora a felicidade momentânea dos sonhos.

Mas, em relação a como viveu depois deste ponto, e como morreu, tem-se apenas silêncio da parte dos contos.

– Mas que bem isto fez? – perguntou o corvo.

– Bem? – indagou o Rei dos Sonhos.

– Sim – afirmou o corvo. – O monge iria morrer, e morreu. A raposa que tentou ajudá-lo não obteve sucesso. O *onmyoji* perdeu tudo. Que bem você fez ao concedê-la o desejo?

O rei fitou o horizonte. Em seu olho, uma única estrela cintilou e sumiu.

– Lições foram aprendidas – disse o pálido rei. ***– Fatos ocorreram da maneira como deveriam ocorrer. Não penso que minha atenção tenha sido desperdiçada.***

– Lições foram aprendidas? – questionou o corvo, agitando as penas do pescoço e erguendo alto a cabeça negra. – Por quem?

– Por todos eles. Particularmente pelo monge.

O corvo crocitou com o fundo da garganta e saltou de um pé para outro. Parecia estar à caça das palavras certas. O rei ficou observando-o pacientemente com seus olhos escuros. – Mas ele *morreu* – disse o corvo após algum tempo.

– Quanto a isso, você também, meu corvo. Mas nisto também houve lições para você.

– E você também aprendeu uma lição? – perguntou o corvo, que já fora poeta.

Mas o rei pálido decidiu não responder e permaneceu envolto em silêncio, olhando para o horizonte; e depois de certo tempo o corvo bateu as asas com força e alçou-se ao céu dos sonhos, deixando o rei inteiramente só.

E este é o conto da raposa e do monge.

Ou quase todo o conto. Pois dizem que aqueles que sonham com as regiões distantes onde pastam os Baku por vezes enxergam duas figuras caminhando ao longe, e estas duas figuras seriam de um monge e de uma raposa, ou, talvez, de uma mulher e de um homem.

Outros dizem que não, e que mesmo em sonhos e em morte monge e raposa eram de mundos diferentes, como eram em vida, e em mundos diferentes para sempre estarão.

Mas sonhos são estranhos, e ninguém além do rei de todos os sonhos pode dizer se são ou não reais, nem o que eles podem revelar a qualquer de nós a respeito dos tempos ainda por vir.

POSFÁCIO

O livro que você tem em mãos deve sua existência a várias pessoas excepcionais. Algumas serão óbvias, outras nem tanto.

Uma das menos óbvias, por exemplo, é Harvey Weinstein, da Miramax Films, pois foi Harvey quem me convidou, há mais de um ano, para escrever os diálogos em inglês de *Princesa Mononoke*, o excepcional filme de Hayao Miyazaki.

Enquanto estava me preparando para escrever, li todos os livros que pude sobre história e mitologia japonesas, e foi com os *Contos de Fada do Japão Antigo*, do reverendo B. W. Ashton, que encontrei o conto que o sr. Ashton denominou *A Raposa, o Monge e o Mikado do Sonhar das Noites*. Fiquei atônito com as semelhanças – sendo algumas delas perturbadoras – entre o conto japonês e minha série SANDMAN.

Mas SANDMAN estava encerrada, e eu tinha outras histórias para contar, e na época não pensei mais naquilo.

Vários meses depois, a editora Jenny Lee, da Vertigo, foi a principal responsável por persuadir o renomado artista japonês Yoshitaka Amano a fazer uma pintura de Sonho dos Perpétuos para dar início às festividades de comemoração do décimo aniversário da primeira edição de SANDMAN.

Achei a pintura fascinante. Adorava a perspectiva do personagem: era Morfeus, mas um Morfeus que eu nunca havia escrito.

Pouco depois de eu ver o pôster, Karen Berger, que na década anterior fora minha editora em *Sandman*, telefonou e perguntou se eu estaria disposto a escrever uma história do Sandman como projeto para o décimo aniversário.

Eu perguntei se ela me deixaria recontar um antigo conto japonês a meu modo, e ela disse sim.

Perguntamos ao sr. Amano se ele teria interesse em desenhar o projeto. Ele concordou, com apenas uma reserva: embora ame quadrinhos, ele não os desenha. Ficaria encantando, porém, em ilustrar. Pois bem, pensei eu. Em vez de recontar a história de *A Raposa, o Monge e o Mikado do Sonhar das Noites* em quadrinhos, eu a recontaria prolongadamente em prosa.

Perguntei ao sr. Amano e a seus excelsos assistentes, Ann Yamamoto e Maya Shioya, se eles conseguiriam encontrar outras versões dessa história em tradução para o inglês.

A versão que encontraram para mim (em fotocópia) provém das coleções de contos japoneses de Y.T. Ozaki: uma versão estranha, na qual o Rei dos Sonhos é uma figura sombria, pouco mencionada, que aparenta ser uma espécie de dragão, e na qual o personagem central é o *onmyoji*, o Mestre do Yin-Yang. (Tenho grande dívida com essa obra principalmente em relação ao Capítulo Três e partes do capítulo final.) Eles também localizaram um texto budista que faz referência a esse conto, no qual o velho na estrada é identificado explicitamente como sendo Binzuru Harada.

Quanto ao restante, minha dívida está com o divino reverendo. Escrevo nesse momento com meu *Contos de Fada do Japão Antigo* na mesa à frente. A encadernação em couro está lascada e descolorida, as páginas têm rasgos, manchas de água e outras. Senti uma estranha honra ao perceber que, apesar das condições do livro, ainda assim fui a primeira pessoa a lê-lo: muitas das páginas ainda estavam sem o devido corte. De início eu as cortei com um abridor de cartas, mas depois percebi que se separavam mais facilmente se eu puxasse apenas com os dedos.

Tentei ampliar, expandir e recontar a história da melhor forma que me foi possível, tomando as mínimas liberdades. A maioria dos elementos da antiga história tinha tamanha proximidade de seus análogos em SANDMAN que eu não ousaria inseri-las caso já não estivessem lá: o *Itsumade* (que gritou "até quando?" nos ramos de uma árvore no palácio imperial) é praticamente um grifo (e quase se tornou propriamente grifo na maravilhosa ilustração de Amano-san); enquanto os homens que o monge viu a caminho da morada do rei só podiam ser ninguém menos que Caim e Abel: mas os folcloristas terão que me perdoar quando, com um mencio de minha caneta e de meu coração, transformei o pássaro *Hototogisu* de Ashton em corvo.

Na minha tentativa de recontar a história cometi alguns erros (e, em muitos casos, descobri que havia harmonizado vários dos erros de Ashton). Steve Alpert, do Studio Ghibli, fez a gentileza de captar e corrigir alguns deles, assim como o pessoal da Ten Productions. Outros erros com certeza permanecem no texto, a serem descobertos por algum olhar afiado.

Por tudo que há de venturoso neste volume, agradeço a meus colaboradores, vivos ou mortos, e a meus amigos.

— Neil Gaiman
11 de maio de 1999

SANDMAN

NOITES SEM FIM

Capítulo I:

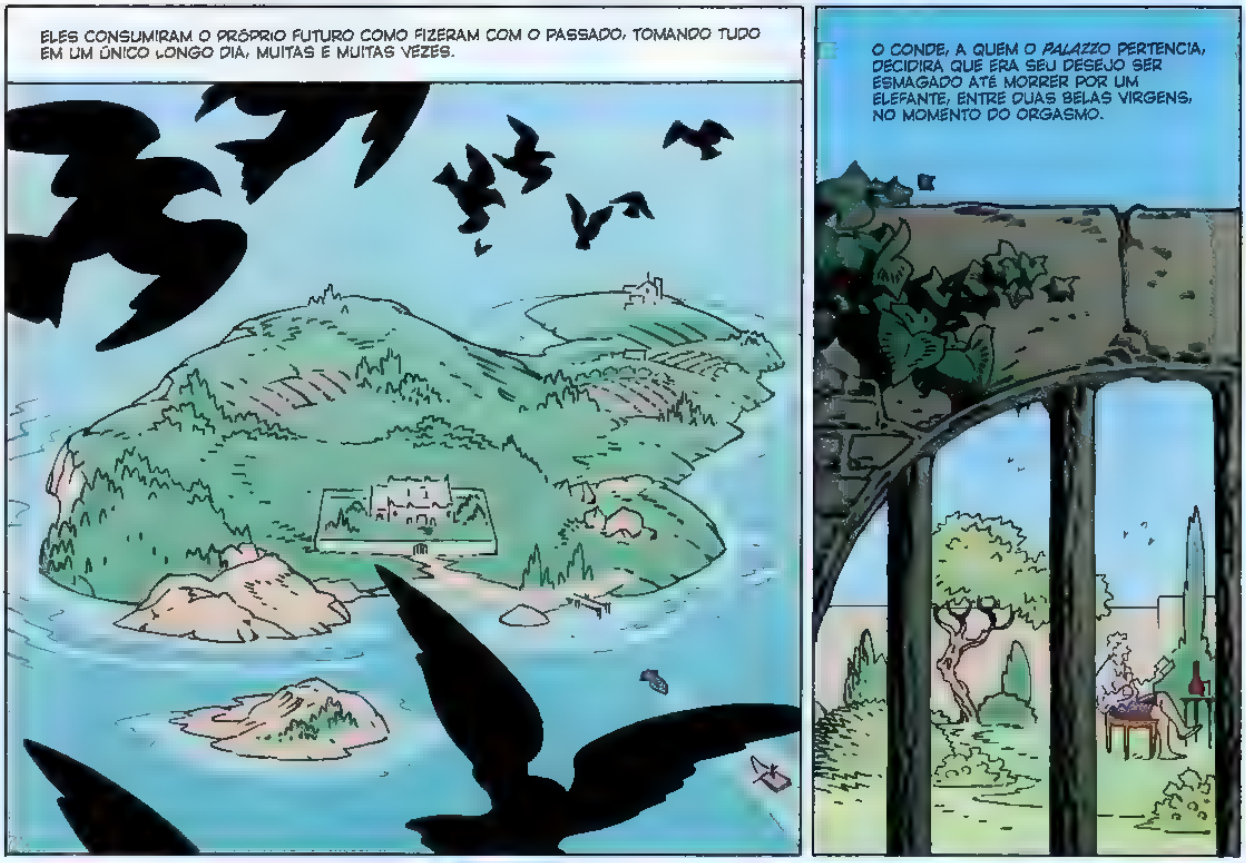
MORTE

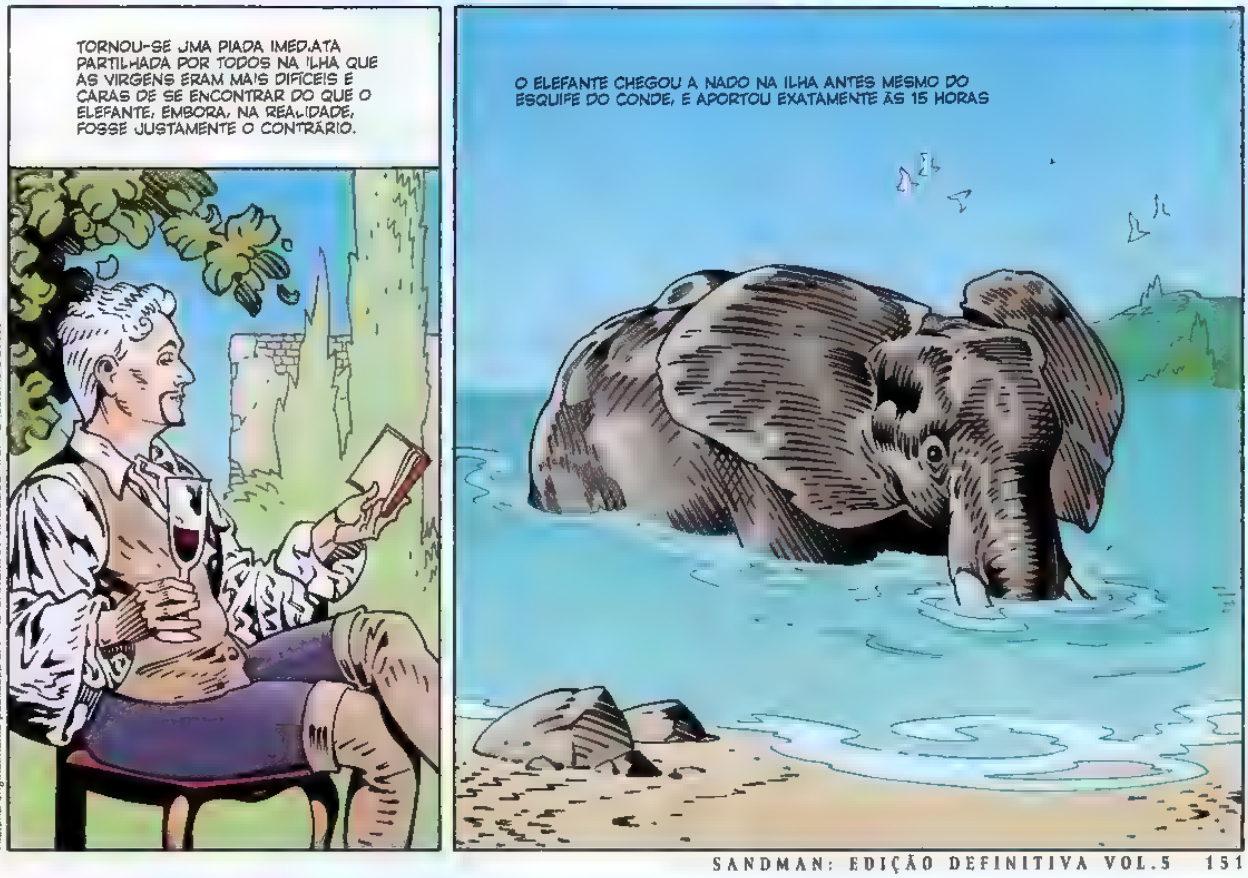
Morte e Veneza

Arte por **P. Craig Russell**

Cores por **Lovern Kindzierski**

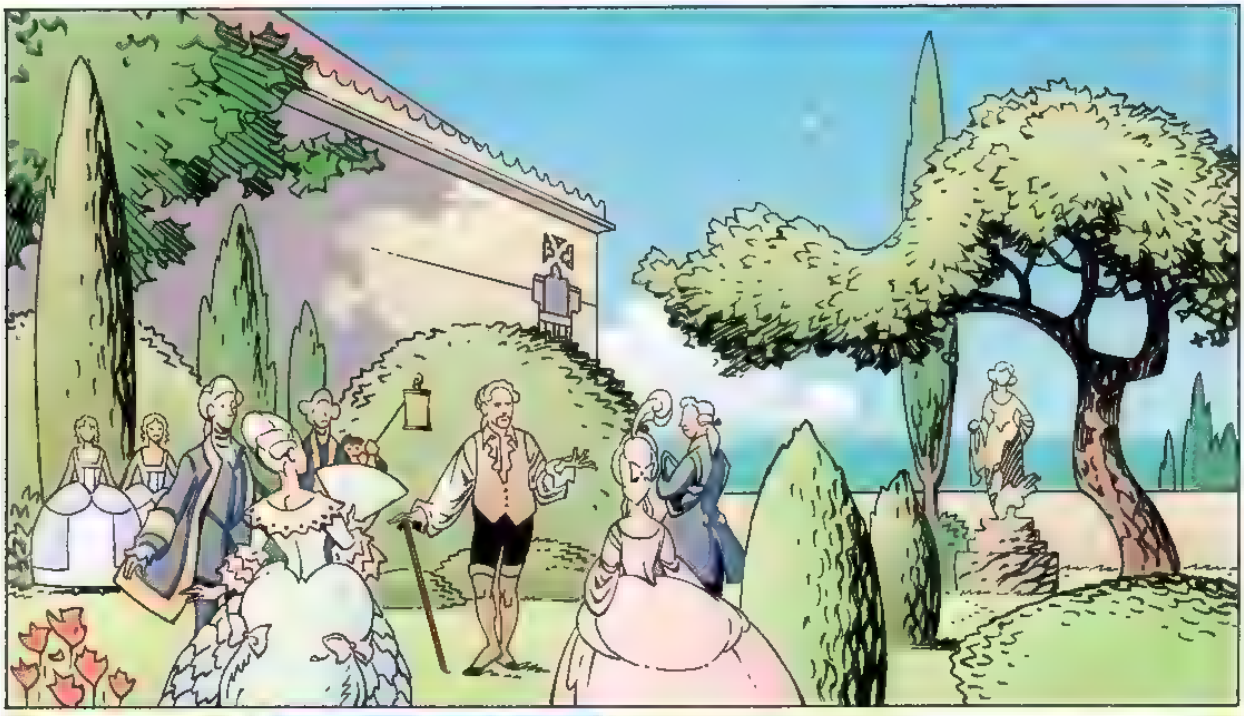
Aqui, onde as trevas se fecham sobre mim, como as águas dos canais ou o túmulo, eu conto esta história.

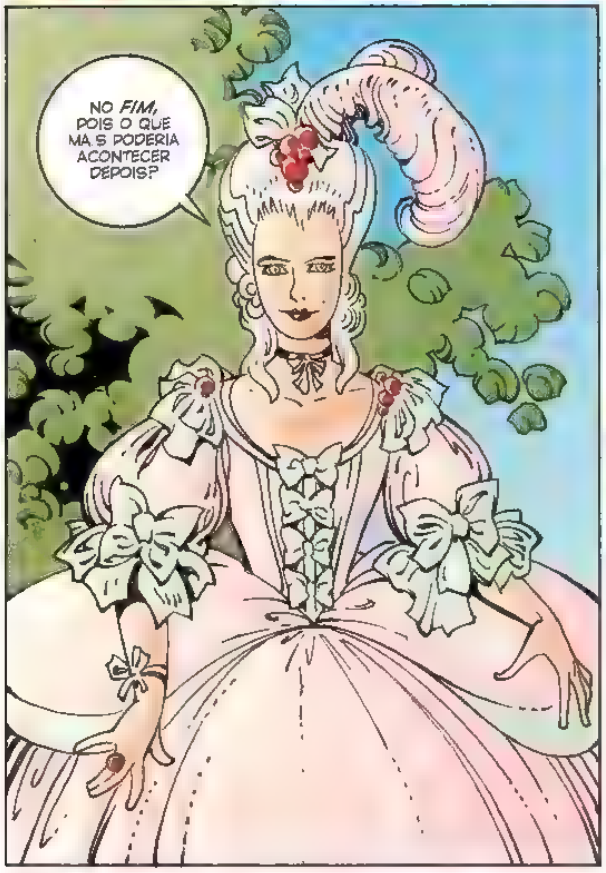


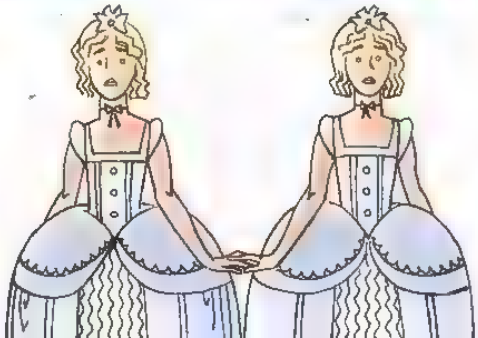


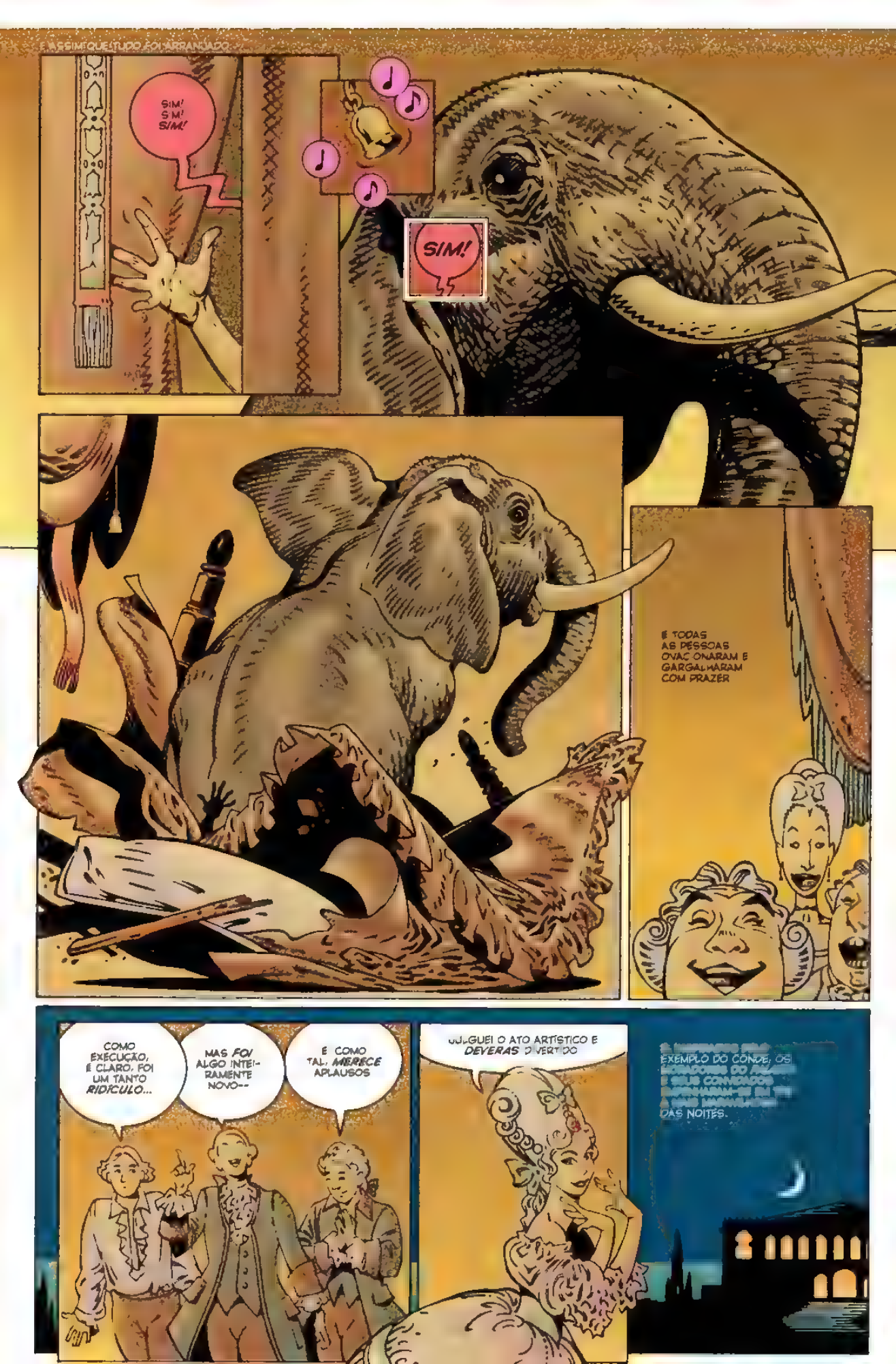
História originalmente publicada em THE SANDMAN: ENDLESS NIGHTS (setembro/2003)

O CONDE CONSULTOU SEUS AMIGOS, SEUS CONFIDENTES, SEUS SERVOS, SUA AMANTE E ATÉ MESMO, COM RELUTÂNCIA, SUA ESPOSA, PARA DETERMINAR SE A SINA ENLEVADA PROMOVIDA POR SEU ELEFANTE SERIA MAIS BEM SITUADA NO INÍCIO OU NO FIM DAS FESTIVIDADES NOTURNAS








E ASSIM QUE TUDO FOI ARRANJADO...
SIM! SIM! SIM!
SIM!
E TODAS AS PESSOAS OVAC ONARAM E GARGALHARAM COM PRAZER
COMO EXECUÇÃO, É CLARO, FOI UM TANTO RIDÍCULO...
MAS FOI ALGO INTEIRAMENTE NOVO--
É COMO TAL, MERECE APLAUSOS
JULGUEI O ATO ARTÍSTICO E DEVERAS DIVERTIDO
EXEMPLO DO CONDE, OS
E SEUS CONVIDADOS
DAS NOITES.

Eu caminho por sobre os canais que se estendem tão verdes quanto raro antigo, casas fechadas e muito antigas, ao que o tráfego

e ouço sinos... sinos de igreja, tocando as horas

e os estridentes sons e sinais de celulares

Eu me esqueço da maior parte do italiano que aprendi na infância, o que significa que a maioria das vozes que ouço ao meu redor é socialmente reconfortante, mas não relevante. Eu não tento encontrar sentido no que ouço

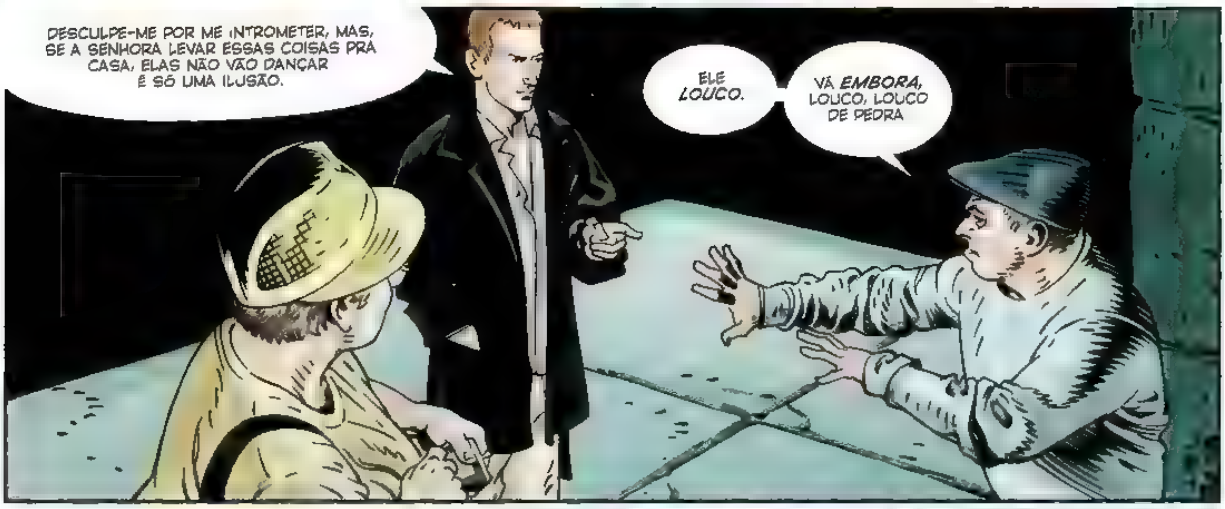
Mesmo quando o que ouço se torna uma minimal e implacável versão techno de Nino Rota

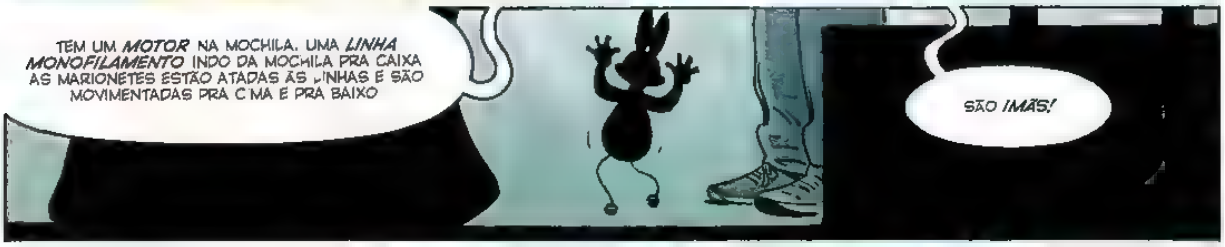
EI, VOCÊ AMERICANA? SIM, *MADAME?* SENHORA ESTÁ VENDO MASCOTINHO *DANÇAR?* DEIXE-ME LHE MOSTRAR COMO DANÇAM NO AR

VÊ MÃS EM PÉS? E IMÃ EM CABEÇA? ELES SENTEM MÚSICA, ELES DANÇAM. COMO LATINHA DE COCA DANÇARINA.
VIU?
SÓ CINCO DÓLAR CADA.

OH! SÃO TÃO BONITINHOS. E O QUE EU FAÇO PRA ELES DANÇAREM?

SÓ PRECISA DEIXAR PERTO DE ALTO-FALANTES, TOQUE MÚSICA, ELES DANÇAM. SÓ CINCO DÓLAR.
PRA VOCÊ, DEZ POR QUARENTA DÓLAR.
SÃO MESMO UMA GRACINHA. MEUS NETOS VÃO ADORAR...

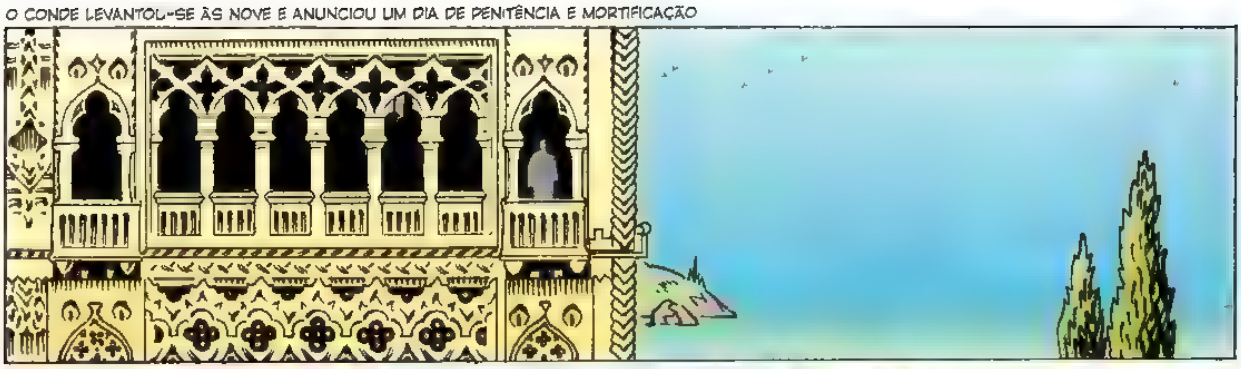

DESCULPE-ME POR ME INTROMETER, MAS, SE A SENHORA LEVAR ESSAS COISAS PRA CASA, ELAS NÃO VÃO DANÇAR É SÓ UMA ILUSÃO.
ELE LOUCO.
VÁ EMBORA, LOUCO, LOUCO DE PEDRA

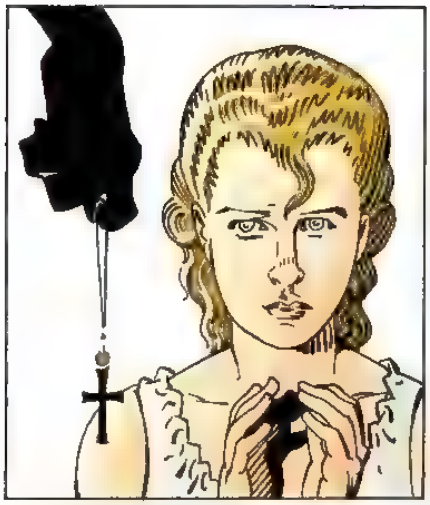

TEM UM MOTOR NA MOCHILA. UMA LINHA MONOFILAMENTO INDO DA MOCHILA PRA CAIXA AS MARIONETES ESTÃO ATADAS ÀS LINHAS E SÃO MOVIMENTADAS PRA CIMA E PRA BAIXO
SÃO IMÃS!

NÃO SÃO IMÃS. NEM MÁGICA. APENAS FIOS TÃO FINOS QUE SÃO IMPOSSÍVEIS DE SE VER QUANDO EM MOVIMENTO. MAS, SE QUISER PAGAR CINCO DÓLARES POR CADA BONECO DE PAPEL DESSES, VÁ EM FRENTE
ENTENDO. OBRIGADA, MEU JOVEM

EH É ASSIM QUE EU GANHO A VIDA. POR FAVOR, ME DEIXE EM PAZ.
Ele tem razão. Há maneiras piores de se ganhar a vida. Eu o deixo em paz.

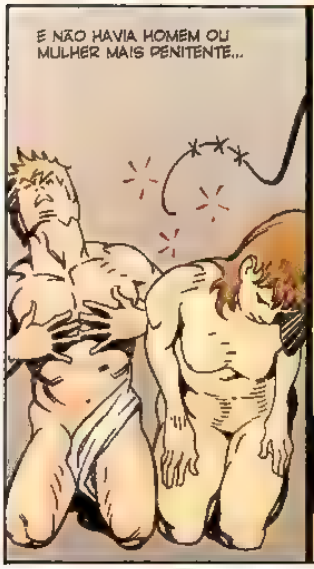
O CONDE LEVANTOU-SE ÀS NOVE E ANUNCIOU UM DIA DE PENITÊNCIA E MORTIFICAÇÃO

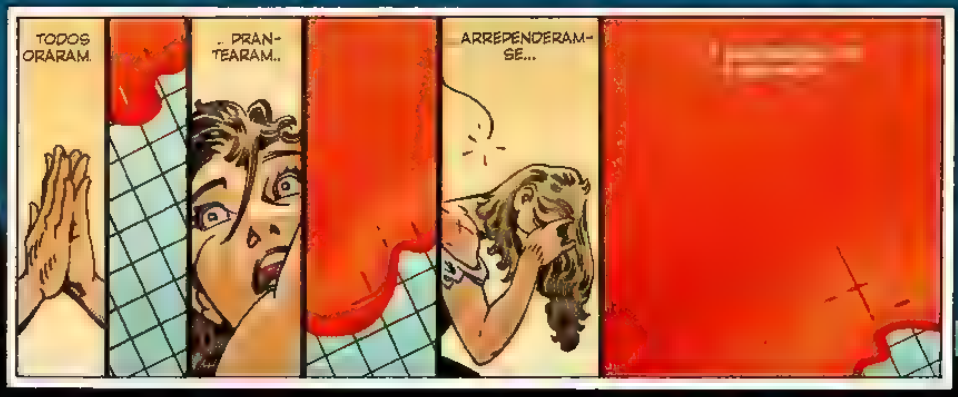




AS CONFISSÕES FORAM SINCERAS, E ACOMPANHADAS DE LÁGRIMAS SENTIDAS

E, UMA VEZ TENDO CONFESSADO, OS PENITENTES SE AJOELHARAM PARA QUE O DORSO LHES FOSSE AÇOITADO ATÉ QUE A PELE FOSSE LACERADA E O SANGUE ESCORRESSE PELO MOSAICO QUE REVESTIA O CHÃO DO *PALAZZO*.





Separam os visitantes de seu dinheiro há tanto tempo aqui em Senegal que não tem como não serem bons nessa prática. Formalmente, concedem algo de valor em troca. Esse último contato me deixou um gosto amargo na boca. Não ludibriavam turistas quando vim aqui pela primeira vez.

E esse fato me revolve a ilharéu da lembrança.

Tenho me lembrado tanto daquela situação que agora não sei mais se é o evento que estou me recordando ou de minha reminiscência dele.

Um sol quente e moorrento. Lagartos nos tijolos da parede me observam cautelosos.

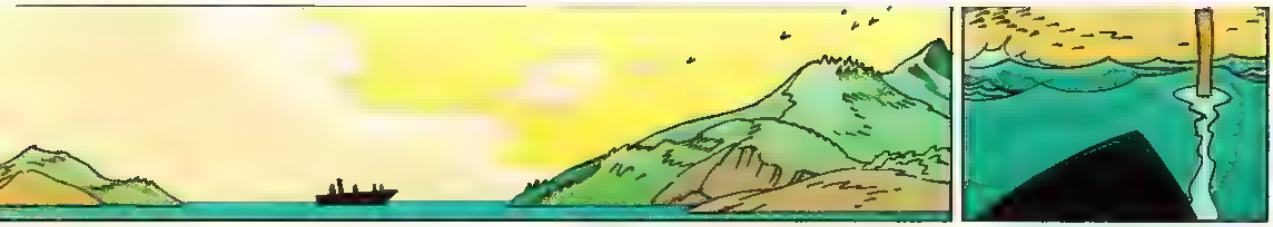
Seria possível apanhá-los se fossemos rápidos o bastante, mas, se agarrados pela cauda, ele se partiria, serpenteando na mão enquanto o animalzinho escapa.

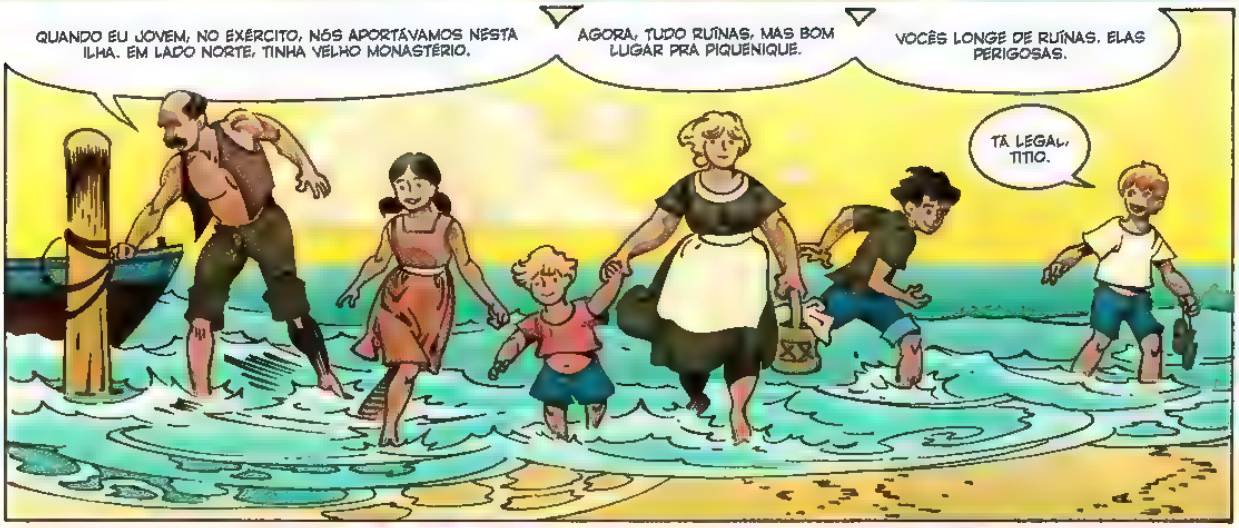
Eu tinha vindo passar um tempo com meus tios e primos. Meu italiano não era lá essas coisas, mas eu consegui me fazer entender, e todos nos falávamos um pouco de inglês.

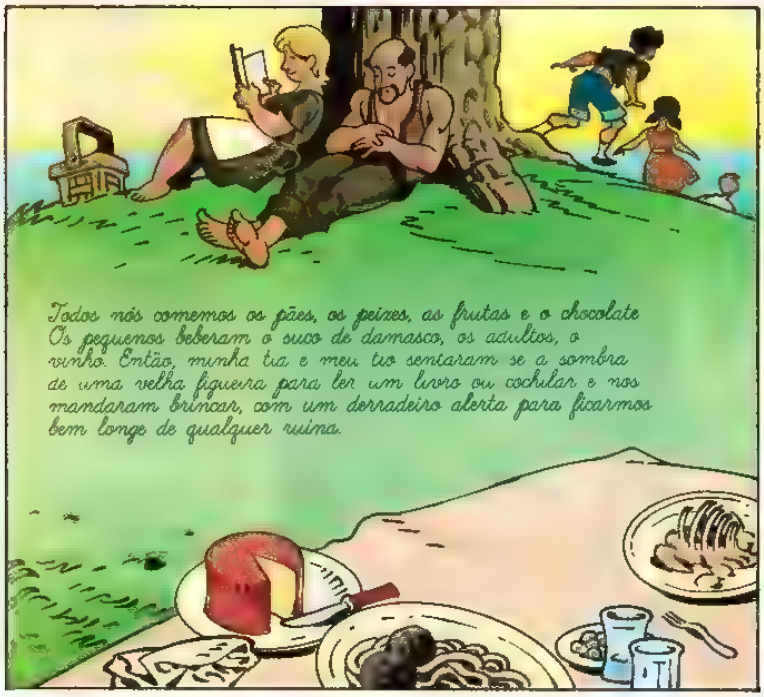
Nós carregamos a comida do piquenique, as garrafas de suco de frutas e o vinho no vaporetto de meu tio, o táxi aquático que ele pilotava, e nos afastamos pela lagoa até alcançarmos a ilha.

Há muitas ilhas na lagoa de Senegal. Ao longo dos anos todas foram habitadas, meu tio me disse enquanto, cheio de orgulho, eu manobrava o barco. Mas os tempos mudaram. Enquanto avançávamos, ele me apontou as ilhas que continham fábricas, usinas, mineradoras e sanatórios.

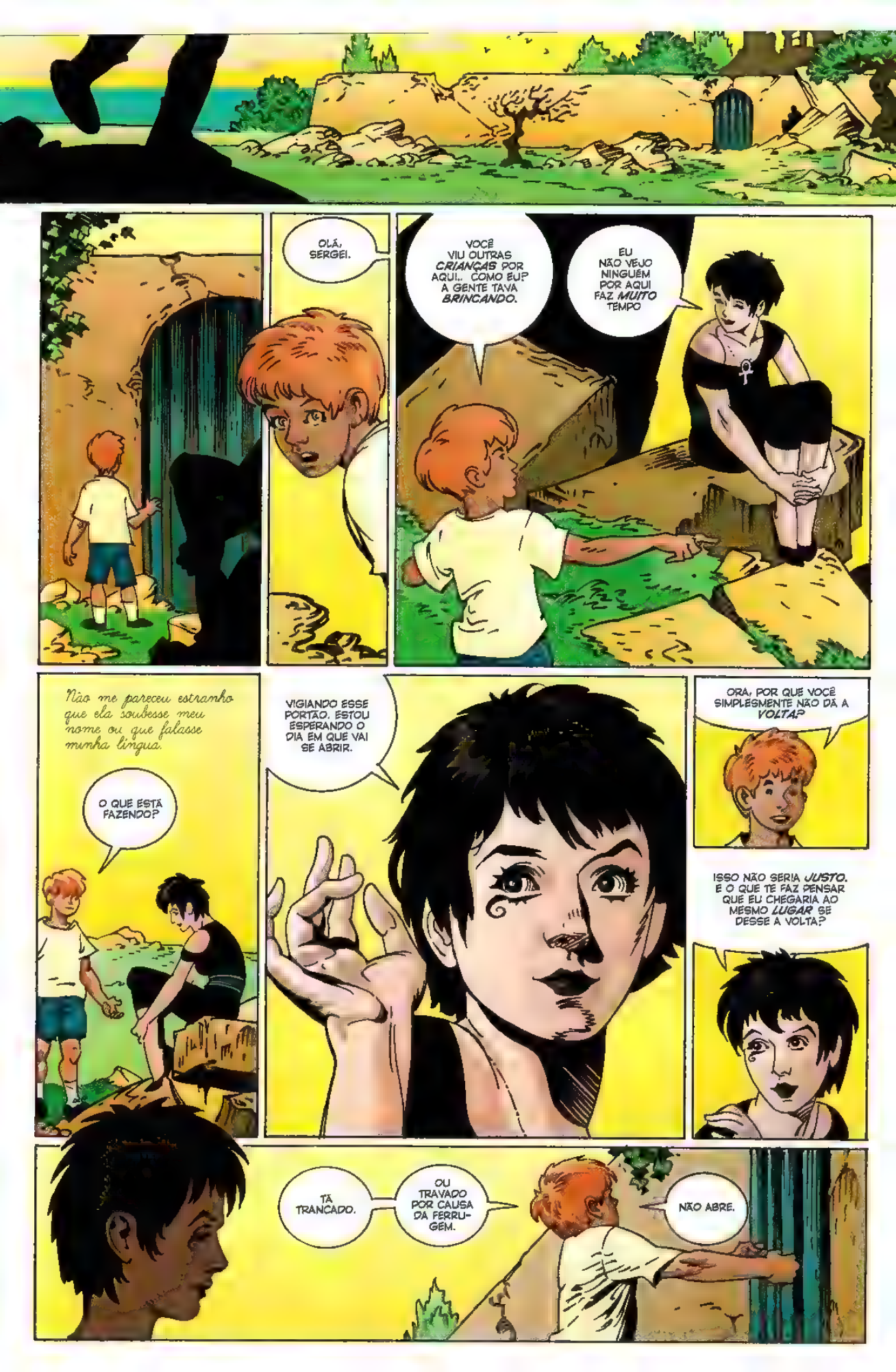
Eu me lembro do esparrinhar das águas de encontro à lateral do barco a motor.

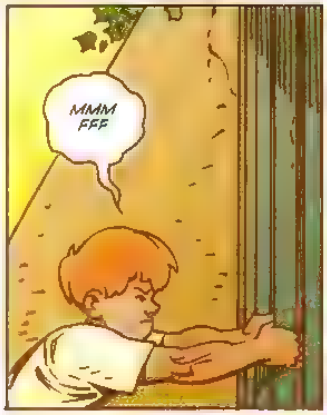


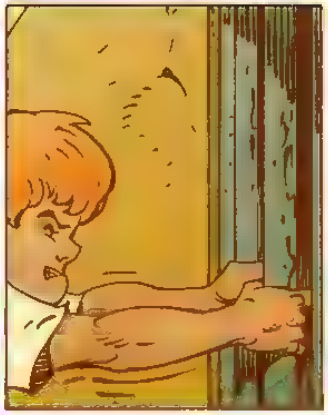


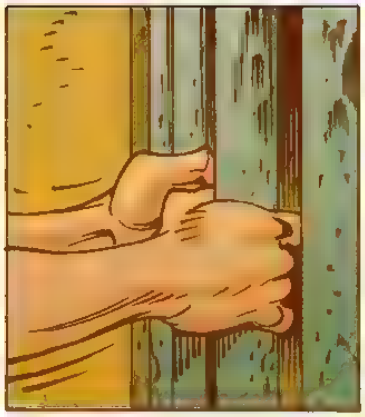


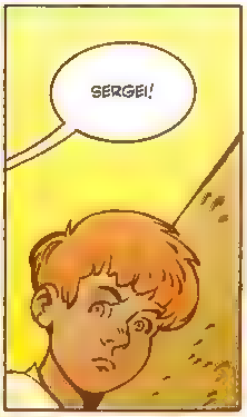
Eu acabei me cansando da brincadeira, ou talvez meus primos tenham se escondido bem demais.


OLÁ, SERGEI.
VOCÊ VIU OUTRAS *CRIANÇAS* POR AQUI.. COMO EU? A GENTE TAVA *BRINCANDO*.
EU NÃO VEJO NINGUÉM POR AQUI FAZ *MUITO* TEMPO
Não me pareceu estranho que ela soubesse meu nome ou que falasse minha língua.
O QUE ESTÁ FAZENDO?
VIGIANDO ESSE PORTÃO. ESTOU ESPERANDO O DIA EM QUE VAI SE ABRIR.
ORA, POR QUE VOCÊ SIMPLESMENTE NÃO DÁ A *VOLTA*?
ISSO NÃO SERIA *JUSTO*. É O QUE TE FAZ PENSAR QUE EU CHEGARIA AO MESMO *LUGAR* SE DESSE A VOLTA?
TÁ TRANCADO.
OU TRAVADO POR CAUSA DA FERRUGEM.
NÃO ABRE.

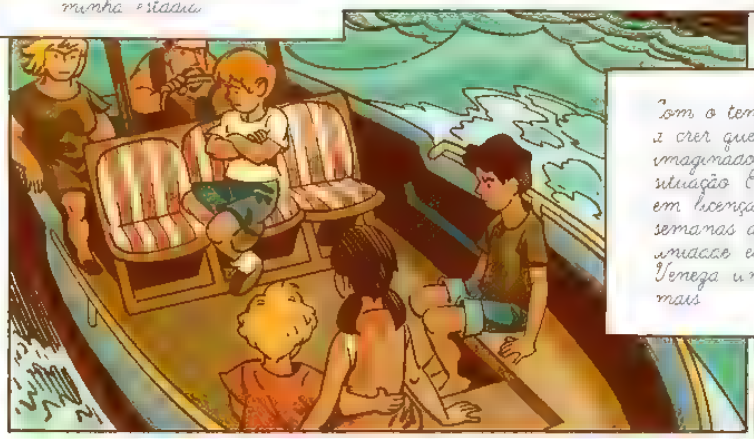




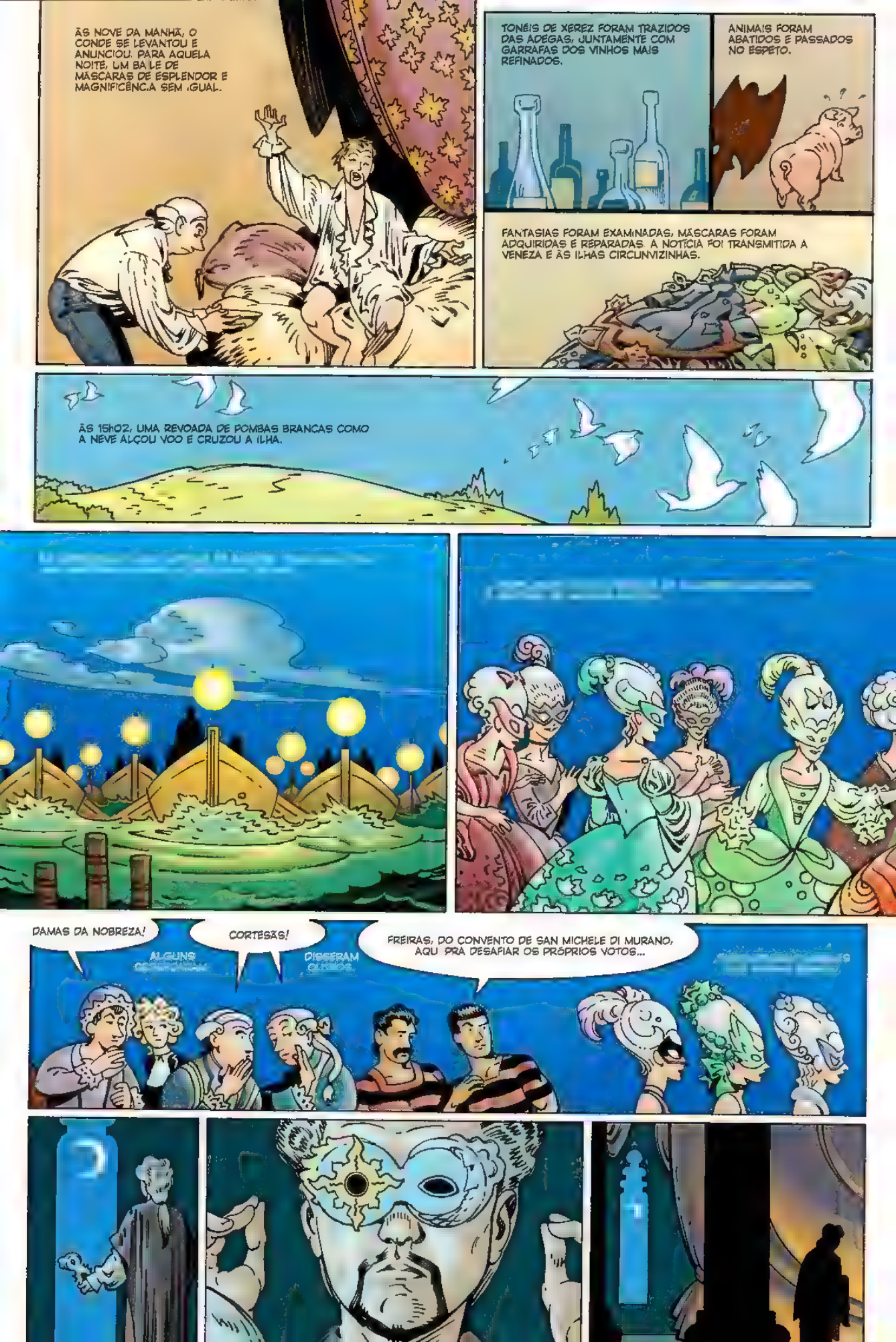




E de alguma forma, era quase noite. Eu tinha sumido por horas. Disse que tinha sido no sono, e talvez seja a verdade. Fiquei muito mal na fita, e permaneci assim pelo resto de minha estadia.



Com o tempo, um a crer que tinha imaginado toda a situação. E agora, em licença de duas semanas de minha amada estou em Veneza uma vez mais.


ÀS NOVE DA MANHÃ, O CONDE SE LEVANTOU E ANUNCIOU. PARA AQUELA NOITE, UM BAILE DE MÁSCARAS DE ESPLENDOR E MAGNIFICÊNCIA SEM IGUAL.
TONÉIS DE XEREZ FORAM TRAZIDOS DAS ADEGAS, JUNTAMENTE COM GARRAFAS DOS VINHOS MAIS REFINADOS.
ANIMAIS FORAM ABATIDOS E PASSADOS NO ESPETO.
FANTASIAS FORAM EXAMINADAS, MÁSCARAS FORAM ADQUIRIDAS E REPARADAS. A NOTÍCIA FOI TRANSMITIDA A VENEZA E ÀS ILHAS CIRCUNVIZINHAS.
ÀS 15h02, UMA REVOADA DE POMBAS BRANCAS COMO A NEVE ALÇOU VOO E CRUZOU A ILHA.
DAMAS DA NOBREZA!
CORTESÃS!
ALGUNS
DIGERAM
FREIRAS, DO CONVENTO DE SAN MICHELE DI MURANO, AQUI PRA DESAFIAR OS PRÓPRIOS VOTOS...

CADA FOLIÃO, UM MAIS RESPLANDECENTE DO QUE O OUTRO, ERA UMA SINFONIA EM AZUL, UMA CONFECÇÃO EM ESCARLATE, UM ESTUDO EM VERDE-OLIVA, VERMELHÃO OU BRANCO, POIS O CONDE DECRETARA QUE A COR NEGRA ESTAVA PROIBIDA EM SUA ILHA

ELA OSTENTAVA SOBRETONS COM OS QUAIS ELE NÃO ESTAVA INTEIRAMENTE CONFORTÁVEL

NO QUE ESTÁ *PENSANDO*, MEU SENHOR ABADE?

EU ESTOU PENSANDO QUE SEU VINHO É *BOM*, ALTEZA.

E DO *DIA*? O QUE ESTÁ PENSANDO DO *DIA*?

O DIA, COMO SEMPRE, ESTÁ PERFEITO

MEUS AMIGOS!

MEUS ENTES QUERIDOS!

MEUS INIMIGOS

NÓS VIVEMOS NUM TEMPO *PERFEITO*, AQUI EM NOSSO DIA. NÓS *AMAMOS*, NÓS *LUTAMOS*, NÓS *JOGAMOS*, NÓS *BEBEMOS*, FAZEMOS TUDO QUE FAZEMOS EM NOSSO DIA PERFEITO, IMACULADO PELO *TEMPO*, RESGUARDADO DA *MORTE*.

AQUI, NO NOSSO DIA, O *JUÍZO FINAL* HÁ DE VIR E PARTIR, E O SOL QUEIMARÁ ATÉ DESAPARECER, QUAL CINZA FRIA, E A NOITE ASSIM TEREMOS UM CLIMA AMENO E TODAS AS RIQUEZAS E RECURSOS DA REPÚBLICA DE VENEZA AO NOSSO DISPOR.

AMANHÃ, A INQUISIÇÃO CHEGARÁ PARA INVESTIGAR MINHAS PESQUISAS ALQUÍMICAS. *AMANHÃ*, O CONSELHO DOS DEZ EXIGIRÁ QUE EU SEJA APRISIONADO SOB GRADIL DE CHUMBO. MAS ESSE *AMANHÃ* JAMAIS *VIRÁ*...

UM *BRINDE!*

À NOSSA ILHA!

E AO NOSSO DIA PERFEITO!

ESTE *VAPORETTO* VAI PRAS ILHAS?

VAI A *QUALQUER PARTE*, CONTANTO QUE VOCÊ *PAGUE*. QUER UM PASSEIO PELAS ILHAS?

MEU IRMÃO PODE LHE OFERECER UM BOM NEGÓCIO COM CRISTAIS EM *MURANO*.

Eu lhe digo a que ilha quero que me leve, então descrevo sua localização de acordo com o que posso recordar

HMM. SE É O QUE QUER... MAS ELA É DESERTA. NÃO HÁ LOJAS, RESTAURANTES, *NADA* PRA UM VISITANTE VER. É, COM ESTE TEMPO...

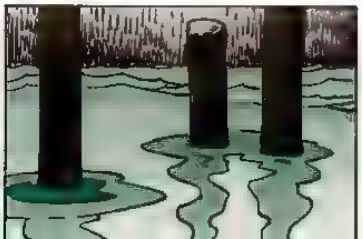
EU SEI

EU PAGO

Então ele embolsou meu dinheiro, e o vaporetto, o taxi aquático, zarpou pelos canais de Veneza a caminho da lagoa

Dos canais, pode se ver o estrago que o aumento do nível das águas está causando na cidade. A história imagino, agrega-se a Veneza assim como o lodo a um canal.

chocando-se contra os tijolos as pedras e os mastros quase submersos.



E, enquanto percorremos as vias aquáticas, eu me vejo naquanao. Minha vida teria sido diferente se, digamos, eu não tivesse ido à ilha quando menino?

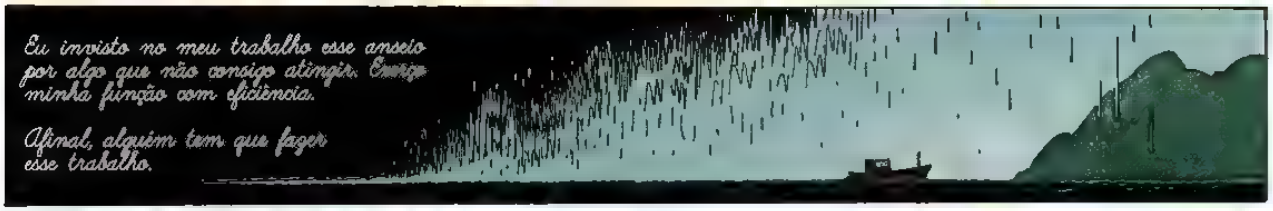
Teria eu permanecido com Patrícia?

Teria eu me alistado no Exército, escolhido a unidade que escolhi?

Talvez ainda estivesse com Patrícia, e, a cada beijo, a cada toque, eu não a tivesse comparado com a mulher na ilha.

Seus olhos não eram tão negros e cintilantes.

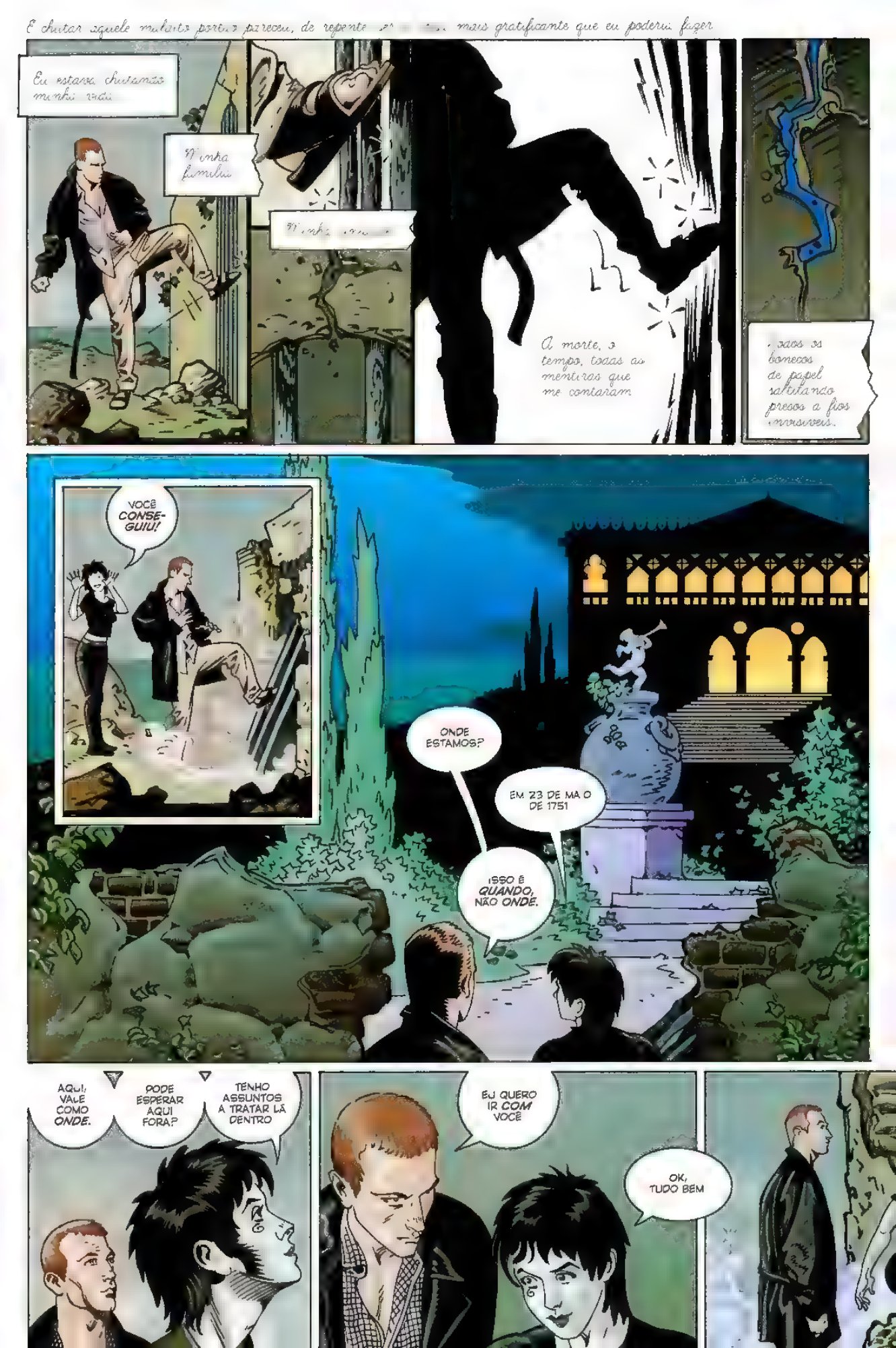
Seu sorriso jamais foi tão assombroso.


Eu invisto no meu trabalho esse anseio por algo que não consigo atingir. Exerço minha função com eficiência.
Afinal, alguém tem que fazer esse trabalho.

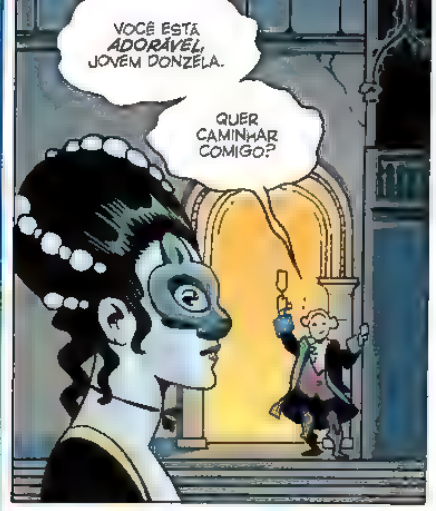
Peço ao barqueiro do vaporetto que me espere.

OLÁ. VOCÊ VOLTOU IMAGINEI QUE VOLTARIA.
SABE, EU QUASE ACHEI QUE TINHA IMAGINADO VOCÊ
NÃO EU SOU REAL
VOCÊ VEM AQUI TODOS OS DIAS? OU MORA AQUI NA ILHA?
EU ANDO POR AÍ. SABE, VOCÊ É O PRIMEIRO QUE VOLTA.
VOCÊ SE LEMBRA DO QUE FEZ DA ÚLTIMA VEZ QUE ESTEVE AQUI?
EU TENTE ABRIR O PORTÃO
GOSTARIA DE TENTAR DE NOVO?
SABE, PROVAVELMENTE DEVE TER ALGUMA LEI PROTEGENDO LOCAIS HISTÓRICOS.
Eu puxei. Estava fortemente fixado nos trilhos. Fiquei furioso comigo mesmo. Devia que deveria ter trazido uma marreta, um pé de cabra ou uma brutadeira.
Então, pensei em tentar

E chutar aquele maluco porta-voz pareceu, de repente, [illegible] mais gratificante que eu poderia fazer

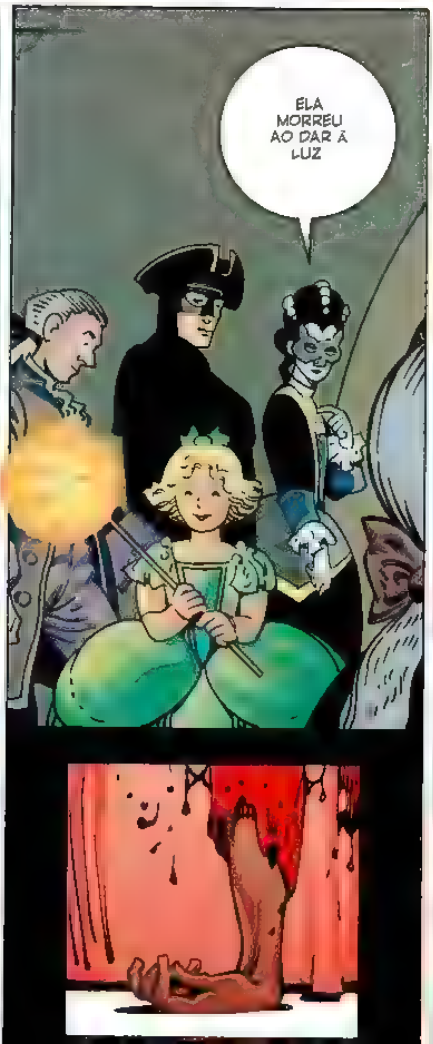


VOCÊ QUER SE MISTURAR, NÃO QUER? VENHA VAMOS ARRUINAR A FESTA


VOCÊ ESTÁ ADORÁVEL, JOVEM DONZELA.
QUER CAMINHAR COMIGO?

APENAS POR POUCO TEMPO, GIUSEPPE VOCÊ MORREU DE SÍFILIS EM 1768, NUM ÁTICO EM TRIESTE

ELE SE AFOGOU NUMA TORMENTA.


ELA MORREU AO DAR À LUZ

JÁ VELHO, ESSE ENGASGOU COM UMA ESPINHA NUMA SOPA DE PEIXE

VOCÊ JOGA XADREZ *MUITO BEM*, MAS É, MAS NÃO TANTO QUANTO *EU*.

VEREMOS, MEU SENHOR. *UM* DE NÓS PAGARÁ O PREÇO ESTA NOITE

MEU *SENHOR!* HÁ PESSOAS *MORRENDO!*

ENTÃO, LEVE OS CORPOS PARA LONGE OU FAÇA UM ARRANJO ARTÍSTICO. NÃO ME PERTURBE.

NÃO, MEU SENHOR. OS CADÁVERES *APODRECEM*. ESFACELAM-SE EM *PÓ*...

AH. POR HOJE É SÓ, MINHAS CARAS

MAS VOCÊ *PROMETEU!* PROMETEU QUE ESTÁVAMOS *LIVRES* DO *TEMPO* AQUI!

POR FAVOR, CHEGA

MEU *SENHOR!* NÓS CAPTURAMOS *INTRUSOS*. UM FORASTEIRO E SUA MULHER AMBOS VESTIDOS DE *PRETO*.

ENTÃO...

VOCÊ É O *TEMPO*, O *TEMPO HEDIONDO*, QUE *ROUBA* O OURO DOS CABELOS DE UMA DONZELA E *TOMA* A SAFIRA DOS OLHOS DE UMA CRIANÇA.

TEMPO SOMBRIO, QUE SURRUPIA DE *TODAS* AS COISAS QUE JÁ EXISTIRAM AQUILO QUE ELAS TÊM DE MAIS PRECIOSO E DIVINO...

... E *NADA* DEIXA ALÉM DE RECORDAÇÕES, CINZAS E UM TÚMULO

EU *MESMO* SELEI AQUELE PORTÃO. EU O BLOQUEEI PARA O TEMPO E O FORCEI A OBEDECER CADA UM DOS MEUS CAPRICHOS.

DO QUE ESTÁ *FALANDO?* EU NÃO *ENTENDO.*

É APENAS UMA FALA QUE ELE ESCREVEU PARA ESTA NOITE. O DE SEMPRE. VOCÊ NÃO ESTÁ PERDENDO NADA

...MINHA SABEDORIA, MINHA MAGIA E MEU PODER. E, SE EU MORRER HOJE, *QUE MAL HÁ?*

AMANHÃ SERIA *OUTRO* DIA PERFEITO. E AGORA, EMBORA MEU DIA ESTEJA CHEGANDO AO FIM, *AINDA ASSIM* GANHAREI MINHA IMORTALIDADE COMO O HOMEM QUE ASSASSINOU O *PRÓPRIO TEMPO*, E NOS LIBERTOU A TODOS DE SEU AMPLEXO PROFUNDO--!

AGORA ELE ESTÁ DIZENDO QUE VAI TE MATAR.

MAS ISSO NÃO ESTÁ *ACONTECENDO*, OU ESTÁ? QUER DIZER, ESTAMOS VENDO O *PASSADO*.

NÃO, ISTO É *AGORA*. SÓ QUE OUTRO *TIPO* DE *AGORA*.

BASTA.

AMANHÃ, VOCÊ *DESAPARECE*.

ALGUNS DIZEM QUE O CONSELHO DOS DEZ O CAPTURA..

...OUTROS, QUE A INQUISIÇÃO.

VOCÊ NÃO É JULGADO

SIMPLESMENTE DESAPARECE.

DAQUI A VÁRIOS MESES, UM CADÁVER SEM ROSTO, SEM MÃOS, SEM PÉS, SERÁ IÇADO DO GRANDE CANAL

"ESTE LUGAR TERÁ UMA PÉSSIMA REPUTAÇÃO. CONTINUARÁ DESABITADO E, DEPOIS, NA DÉCADA DE 1820, VIRÁ ABAIXO SOB CHAMAS."

QUEM É VOCÊ?
NÃO ESTÁ ME RECONHECENDO?
VOCÊ É MUITO LINDA.
EU *SENTI* TANTO... TANTO A SUA FALTA
EU SEI, ALAIN
ME DÊ A MÃO

SIGNOR? ESTÁ DORMINDO?
ESTÁ SE SENTINDO MAL? POSSO LEVAR O SENHOR DE VOLTA AGORA?
Ele toma meu braço e me leva por entre os destroços, como se estivesse amparando um homem muito velho
Uma revoada de pombas brancas como a neve passa sobre nós, cruzando a neva, como se fossem as almas dos mortos.
e então elas também deixam a ilha.
Nós não nos falamos no caminho de volta. Eu tento dar sentido ao que senti ou sonhei, mas o significado me escapa.
Quando volto a cidade tudo parece tênue e irreal. Eu contemplo as turistas, e me imagino o que jaz sob seus olhos, dentro da cabeça de cada um, no amago de seus mundos.

Eu a verei novamente
Se ser assim se fi nso ao coração
Uma ultima vez
Ate lá continuarei a enviar pessoas para ela

Semana que vem, volto a minha unidade

As pessoas na cidade parecem delgados papeis na névoa

Acreditam que estão dançando para a música de sua vida

Mas eu acho que como as marionetes, eles [illegible] todos desaparecem

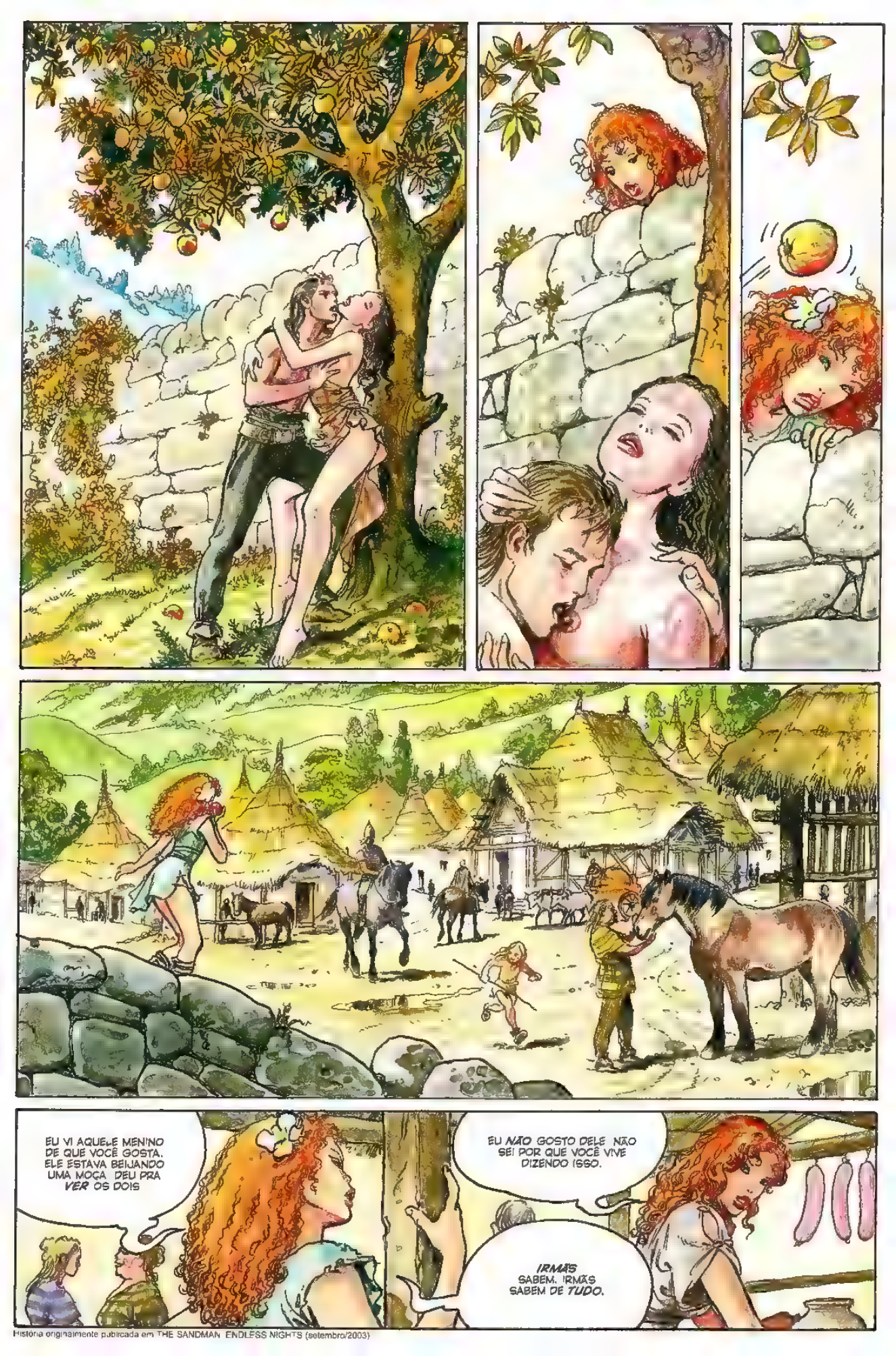
Eu sento um abrigo e me apresso em varrer a praça à medida que as trevas lá [illegible] como a água, [illegible] o [illegible]

Capítulo 2:

DESEJO

O Que Experimentei do Desejo

Arte por **Milo Manara**



História originalmente publicada em THE SANDMAN: ENDLESS NIGHTS (setembro/2003)

EU NÃO SABERIA D'ZER QUANDO ME *APAIXONEI* POR ELE. PRA SER SINCERA, ACHO QUE NEM SABERIA DIZER AO CERTO *QUANDO* ME DEI CONTA DA EXISTÊNCIA DELE

O QUE É *ENGRAÇADO*, NÃO? CONSIDERANDO TUDO QUE ACONTECEU DEPOIS

CERTAMENTE NÃO FOI AMOR À PRIMEIRA VISTA NEM *ÓDIO* QUE SE DESABROCHOU EM AMOR

QUANDO OUÇO ALGUMA MOÇA TAGARELANDO SOBRE O QUANTO DETESTA UM JOVEM, LOGO PENSO *"VAI TER VÉU E GRINALDA NO FUTURO DOS DOIS"*.

"MAS O *MÁXIMO* QUE FUI CAPAZ DE NUTRIR POR *ELE* FOI UM *LEVE* DESAPREÇO. TALVEZ DEVIDO À SEU *SORRISO* . CONVENCIDO DEMAIS PRO MEU GOSTO.. OU SEU ANDAR A GALOPE COMO UM LOBO COM MILHAS A PERCORRER."

"E O MAIS IRRITANTE DE TUDO ERA O QUE AS OUTRAS MOÇAS TINHAM A DIZER DO RAPAZ..."

UM DOCE!

LINDO!

QUE PITÉU!

UMA GRAÇA!

...O QUE FAZIA COM QUE EU *NADA* SENTISSE POR ELE

"MUITAS DELAS DESEJAVAM O RAPAZ POR SUA DESTREZA EM COMBATE... PORQUE, NAQUELES TEMPOS, SEMPRE HAVIA CONFRONTOS DE FRONTEIRA, E LOBOS ATACANDO NO INVERNO. ELE TOMAVA CABEÇAS E PELES TÃO FACILMENTE QUANTO ARREBATAVA CORAÇÕES."

NÓS NOS ENCONTRÁVAMOS, É CLARO, E CONVERSÁVAMOS, COMO ERA DE SE ESPERAR. AFINAL, A VILA NÃO ERA GRANDE. UM SALÃO PARA BANQUETES, COM CASAS AO REDOR, DENTRO DE UMA MURADA. NÃO HÁ COMO EVITAR QUE AS PESSOAS SE VEJAM

"*CERTA* MANHÃ, NÓS CAMINHÁVAMOS JUNTOS, ELE A CAMINHO DO RIACHO PARA PESCAR E EU PARA PASTOREAR AS CABRAS. A NÉVOA ESTAVA ESPESSA E NÓS ANDAMOS BEM *PERTO* UM DO OUTRO. CONVERSAMOS, SIM... MAS SOBRE NADA DE MAIS."

"ELE ME FALOU DE SEU PAI, NOSSO CHEFE, DISSE QUE OS DEUSES NÃO CONTAVAM O TEMPO QUE SE PASSA *PESCANDO* NAS HORAS DA VIDA DE UM HOMEM... E EU RETRUQUEI QUE ERA MUITO *INTERESSANTE*, EMBORA, PENSANDO BEM, NÃO ACHASSE NADA PROVÁVEL."

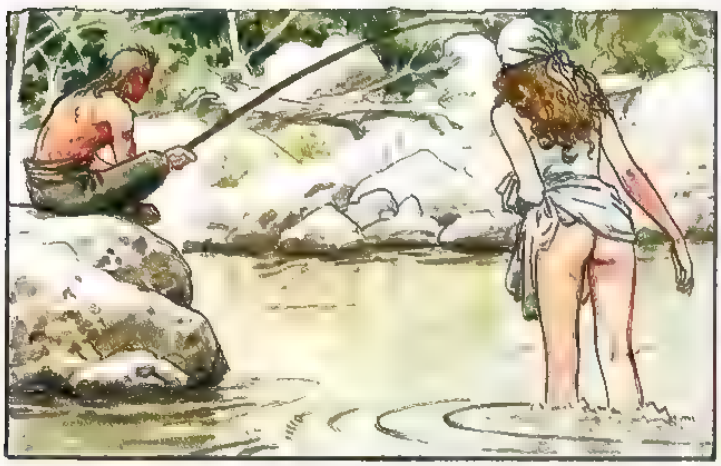
E, QUANDO NÓS DISSEMOS "*BOM DIA*" E "*PASSAR BEM*", NÃO PUDE PENSAR EM *NADA* QUE EU QUISESSE MAIS DO QUE DESFRUTAR O RESTO DA *VIDA* COM AQUELE JOVEM *IRRITANTE*...

...SEU SORRISO *CONVENCIDO* E SEU CAMINHAR DE *LOBO*.

"MAS, DEPOIS DAQUELE DIA, ELE PARECEU NÃO REPARAR MAIS EM MIM."

"ENTÃO, CHEGOU A *PRIMAVERA*, E ERA COMO SE, PRA ONDE OLHASSE, EU O VISSE DE ENCONTRO A UMA ÁRVORE COM MAIS UMA MENINA DA VILA."

"E EU CHORAVA À NOITE, É CLARO, AINDA QUE TUDO QUE PUDESSE ME *CONFORTAR* FOSSE A CERTEZA DE QUE AS MENINAS NÃO PARECIAM SIGNIFICAR *MAIS* PARA ELE DO QUE OS PEIXES NO RIACHO."



"HÁ MOMENTOS EM QUE TEMOS DE DOMINAR NOSSO CORAÇÃO. POR ISSO, PENETREI NA CHARNECA E LEVEI A ELA QUEIJO DE CABRA E LINGUIÇAS NO INTERIOR DE SEU PEQUENO CÔMODO. EU LHE DISSE QUE PRECISAVA DELE."

EU *NÃO IA QUERER* UM HOMEM QUE EU PUDESSE *COMPRAR* COM UMA POÇÃO E *NÃO* ACREDITO QUE QUALQUER UMA DE SUAS POÇÕES FUNCIONE.

HE, HE. ORA, ELAS *NÃO* FUNCIONAM. TUDO QUE LOGRAM É DAR A UM MENINO OU UMA MENINA A CONFIANÇA PARA O PRIMEIRO PASSO... PARA *OLHAR, TOCAR* OU *SORRIR* EM VEZ DE APENAS VIRAR O ROSTO E *SUSPIRAR.*

ENTÃO, SE NÃO UMA POÇÃO, O QUE VOCÊ DESEJA?

EU QUERO QUE ELE *ME* QUEIRA TANTO QUANTO EU O QUERO.

HÁ *DEUSES* E *DEUSAS* A QUEM VOCÊ PODE ROGAR OU OFERECER SACRIFÍCIOS. ELES FARÃO *QUALQUER COISA* POR UM POUCO DE *SANGUE* QUE SE DERRAME SOBRE A *PEDRA* CERTA.

EU NUNCA DEI A MÍNIMA PARA DEUSES OU DEUSAS. SUAS DÁDIVAS NUNCA VÊM DE GRAÇA

NADA VEM DE GRAÇA, MENINA. AINDA ASSIM... HÁ *OUTRO SER* COM QUEM VOCÊ PODERIA FALAR

HOMEM OU *MULHER?*

AMBOS, TALVEZ OU *NEM UM NEM OUTRO.* PROCURE OLHOS DOURADOS. ESPERE ATÉ SENTIR SEU *CORAÇÃO* SER FISGADO POR UM *ANSEIO* QUE NADA TEM A VER COM SEU JOVEM

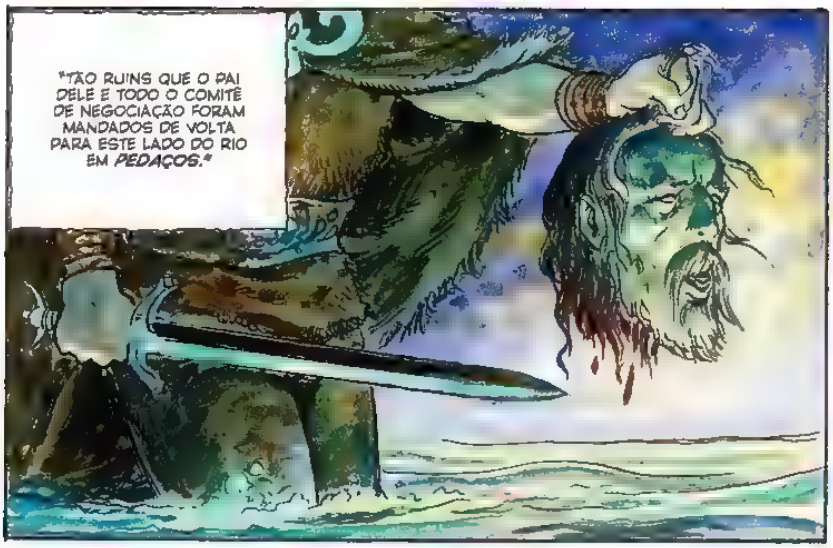
SIGA SEU *CORAÇÃO.*

ELE VIAJOU RUMO AO SUL, PARA AS CIDADES NA COSTA ONDE OS NAVIOS APORTAM A FIM DE COMPRAR ESTANHO DAS MINAS. HÁ MUITO QUE NEGOCIAR LÁ

"O PAI DELE, NOSSO CHEFE, LEVOU VÁRIOS DOS ANCIÕES DA VILA PARA NEGOCIAR COM A GENTE DO OUTRO LADO DO RIO. NÓS NÃO GOSTÁVAMOS DELES."

MINHA PRÓPRIA MÃE HAVIA NASCIDO DO OUTRO LADO DO RIO, E FORA RAPTADA NUM ATAQUE QUANDO TINHA QUINZE ANOS. E ELA SEMPRE DISSE QUE FOI A *MELHOR* COISA QUE LHE ACONTECERA

"AS *NEGOCIAÇÕES* POR DIREITOS DE PASTOREIO, ÂMBAR E RESGATE DE PRISIONEIROS FORAM *PÉSSIMAS*."


"TÃO RUINS QUE O PAI DELE E TODO O COMITÊ DE NEGOCIAÇÃO FORAM MANDADOS DE VOLTA PARA ESTE LADO DO RIO EM *PEDAÇOS*."

"E, QUANDO OUVI A NOTÍCIA, COMPRIMI MEUS SEIOS, PRENDI O CABELO, VESTI O JUSTILHO E PARTI PARA A COSTA."

"EU JÁ ESTAVA A MEIO DIA DE VIAGEM DE DISTÂNCIA DA VILA E AINDA NÃO HAVIA VISTO NINGUÉM PELA TRILHA QUANDO ME DEI CONTA DE QUE UM HOMEM VINHA EM MINHA DIREÇÃO."

"BEM, ACHEI QUE FOSSE UM HOMEM, MAS LOGO NÃO TIVE TANTA CERTEZA, PORQUE HAVIA CERTA FRAGILIDADE EM SEUS DEDOS, UM CAMINHAR DE GATO."

"E, QUANDO ME APROXIMEI, PUDE VER QUE SEUS OLHOS, COMO OS DE UM GATO, ERAM DOURADOS."

"'OUVI DIZER QUE VOCÊ ESTAVA À MINHA PROCURA', DISSE ELE."

"'ACHO QUE SIM', RETRUQUEI. 'ACHO QUE ESTIVE MESMO'!"

"'MUITO BEM, ENTÃO, DISSE ELE 'VENHA À MINHA MORADA.'"

"E, NUM PISCAR DE OLHOS, DE UM MOMENTO PARA OUTRO, NÓS ESTÁVAMOS... EU NÃO SEI ONDE ESTÁVAMOS."

EU ESTOU *SONHANDO?*

NEM UM POUCO NA VERDADE, É JUSTAMENTE O CONTRÁRIO.

NÓS CONVERSAMOS PELO QUE PARECEU SER UMA ETERNIDADE. MUITO DO QUE ELE DISSE EU NÃO ENTENDI.
MUITO DO QUE OUVI, EU ME ESQUECI.
ELE FALA DE HISTÓRIAS. MEU IRMÃO. VOU LHE DIZER A TRAMA DE TODAS AS MALDITAS HISTÓRIAS DELE. ALGUÉM QUER ALGUMA COISA. AÍ ESTÁ A HISTÓRIA. EM GERAL, TODOS TÊM O DESEJO ATENDIDO.
A MAIORIA DAS PESSOAS TEM UM QUERER BRUXULEANTE COMO UMA CHAMA DE VELA. VOCÊ, POR SUA VEZ, TEM UM QUERER COMO FOGO NA MATA.
DEVO ALERTÁ-LA: CONSEGUIR O QUE DESEJA E SER FELIZ SÃO DUAS COISAS BEM DIFERENTES.
EU SEI DISSO.
VAI ME DAR O QUE QUERO?
CLARO QUE NÃO.
ENTÃO, O QUE VAI ME DAR?
UM SORRISO, E LHE POUPAREI ALGUNS DIAS DE VIAGEM.
VOCÊ ESTÁ MARCADA COMO MINHA; MAS, NA VERDADE, SEMPRE ESTEVE.
E O QUE QUER DE MIM?
TUDO. O QUE MAIS SE PODE QUERER?

"ENTÃO, ATO CONTÍNUO, PUDE SENTIR O AROMA DO MAR E OUVIR O GRASNAR DAS GAIVOTAS ENQUANTO DESCIA UMA TRILHA ESTREITA AO ENTARDECER."

"ADENTREI O PRIMEIRO ALBERGUE QUE VI — HOSPITALIDADE PARA COM FORASTEIROS FAZIA PARTE DE NOSSO CREDO — E DISSE:"

SEU PAI ESTÁ *MORTO*. É HORA DE VOLTAR

QUEM O *MATOU*?

A GENTE DA OUTRA MARGEM DO RIO.

AONDE VOCÊ *VAI*?

DE VOLTA PRAS *COLINAS*, PARA GOVERNAR MEU *POVO*.

E *EU*? COMO FICO?

VOCÊ VAI ENCONTRAR *MARINHEIROS* COM OURO SUFICIENTE NOS BOLSOS E *MERCADORES* COM ESCUDOS, SAPATOS E CONCHAS PINTADAS, E NÃO CHORARÁ POR MIM

VEM, *RAPAZ*. VAMOS VOLTAR PRA CASA

NÓS CAMINHAMOS. NO PRIMEIRO DIA, ELE NÃO DISSE UMA PALAVRA.

"NAQUELA NOITE, VEIO A CHUVA. NÓS COMEMOS ANTE A FOGUEIRA. EU O OBSERVEI OLHANDO PARA A CHUVA E O CÉU. SEU ROSTO ESTAVA ÚMIDO."

VOCÊ É A *MENINA DAS CABRAS*... EU NÃO A *RECONHECI*. POR QUE NÃO A RECONHECI?
VOCÊ ESTAVA *DISTRAÍDO*.

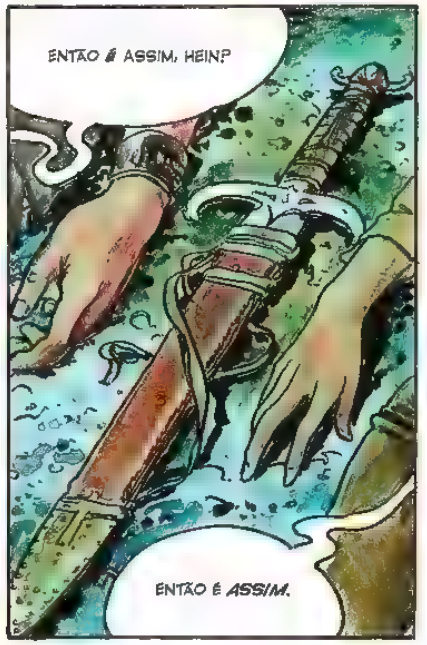
POR QUE *VOCÊ* VEIO ME DIZER QUE MEU PAI TINHA MORRIDO? POR QUE NÃO MANDARAM UM *HOMEM*?
NA CERTA, MANDARAM, MAS EU ME IMPORTAVA MAIS. ALCANCEI VOCÊ *PRIMEIRO*.
"ENTÃO ELE ME FITOU COM NOVOS OLHOS."

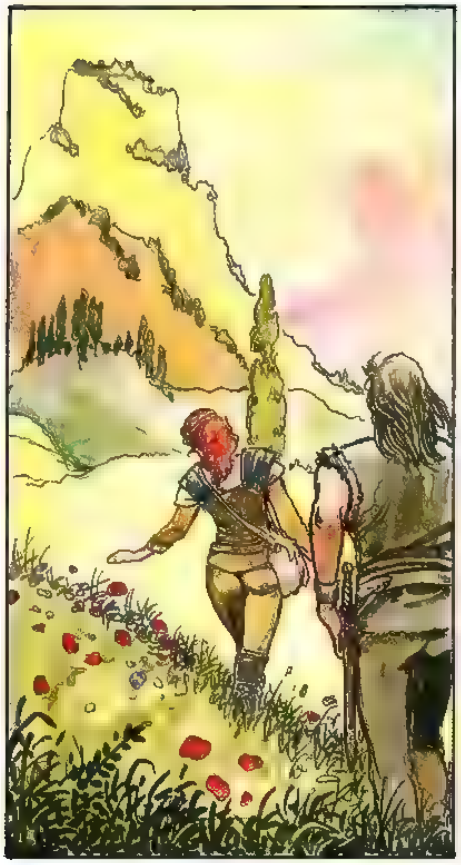
VOCÊ É UMA MULHER. EU SOU UM HOMEM. VAMOS FAZER AQUILO QUE HOMENS E MULHERES FAZEM.
NÃO, *NÃO* VAMOS

EU SEI FAZER *MUITO BEM*. VOCÊ NÃO TERÁ DO QUE SE QUEIXAR.
É O QUE DIZEM.
VOCÊ NÃO ME *QUER*?

EU O QUERO MAIS DO QUE O SOL QUER À LUA, MAIS DO QUE UM PEIXE PRECISA DO RIO, MAIS DO QUE O CORAÇÃO NECESSITA PULSAR. VOCÊ É TUDO QUE DESEJO.

ENTÃO--?
ENTÃO, EU CONTINUAREI A DIZER *NÃO*. E *VOCÊ* POSICIONARÁ A ESPADA ENTRE NÓS ESTA NOITE, PARA DEIXAR CLARO QUE NÃO RELARÁ UM DEDO EM MIM, A MENOS QUE EU PEÇA. E NÃO PEDIREI.


ENTÃO *É* ASSIM, HEIN?
ENTÃO É *ASSIM*.



PEDI QUE FIZESSE AMOR COMIGO. VOCÊ DISSE *NÃO*. AGORA EU PEÇO QUE SE *CASE* COMIGO.

E EU GRATA ME SINTO PELO PEDIDO E, MUITO AGRADECIDA, O DECLINO.

POR QUE, EM NOME DE TODOS OS DEUSES?
PORQUE, SE VOCÊ SE CASAR SIMPLESMENTE PARA *APLACAR* SEU DESEJO, ENTÃO, QUANDO SE FARTAR DE MIM, HÁ DE ME *DEIXAR*.

UM *BEIJO*, ENTÃO?
NEM MESMO *ISSO*.
VOCÊ *MUDOU* MUITO. COM QUEM ANDOU FALANDO?

"E EU DISSE '*NINGUÉM*', EMBORA SOUBESSE COM QUEM ANDARA FALANDO, E OS OLHOS DELE — OU DELA — ERAM DA COR DO *OURO*."

"QUANDO VOLTAMOS À VILA, OS FOLGUEDOS DO FUNERAL TIVERAM INÍCIO: TRÊS DIAS DE BEBEDEIRAS E SAGAS."

"EU FUI PARA OS CAMPOS ALTOS, COM AS CABRAS, E AGUARDEI."

ELE ERA O CHEFE DO CLÃ AGORA, E ME CORTEJOU POR TRÊS LUAS. TROUXE-ME ***PRESENTES***... NUNCA ALGO ÚTIL, HOMENS NÃO PENSAM ASSIM, MAS AGRADECI CADA DÁDIVA.

"ENTÃO, CERTO DIA, ELE VOLTOU COM SUAS FACES CORTADAS, E DEITOU UM EMBRULHO DE LINHO AOS MEUS PÉS."

PERTENCEU AO HOMEM QUE ***MATOU*** MEU ***PAI***. EU POREI AO REDOR DE SEU PESCOÇO EM NOSSO CASAMENTO, SE VOCÊ ME ***PERMITIR***.

ISSO SERIA BOM.

"CORCUNDAS DANÇARAM EM NOSSO CASAMENTO, PARA DAR SORTE. NÃO É ALGO QUE SE VÊ NOS DIAS DE HOJE."

"NOSSA NOITE DE NÚPCIAS... FORA DO PALÁCIO, ENTOAVAM CÂNTICOS, QUEBRAVAM PANELAS E FAZIAM MUITA ALGAZARRA."

"E, EM NOSSO QUARTO, FIZEMOS AMOR COMO ***LABAREDAS***... QUE SE ABREM, SE MESCLAM E QUEIMAM."

"NÓS FIZEMOS AMOR COMO ANIMAIS, COMO DEUSES, COMO SONHOS."

"VALEU A PENA ESPERAR? PELOS DEUSES, VALEU VALEU ***MUNDOS***. AQUELA NOITE VALEU ***ALMAS***, VALEU A ***ETERNIDADE***."

"EU SABIA O QUE AS MOÇAS DA VILA ANDAVAM DIZENDO... QUE ELE LOGO SE CANSARIA E VOLTARIA PARA A CAMA DELAS."

"POR ISSO, RIAM-SE MUITO, CERTAS DE QUE ELE SERIA DELAS UMA VEZ MAIS ASSIM QUE MEU VENTRE CRESCESSE."

É UMA FLOR *LINDA*. EU A USAREI ATRÁS DA ORELHA ATÉ VOCÊ VOLTAR DA COSTA E MEUS *PENSAMENTOS* SERÃO SÓ SEUS

EU *VOLTAREI* ANTES QUE VOCÊ SE DÊ CONTA.

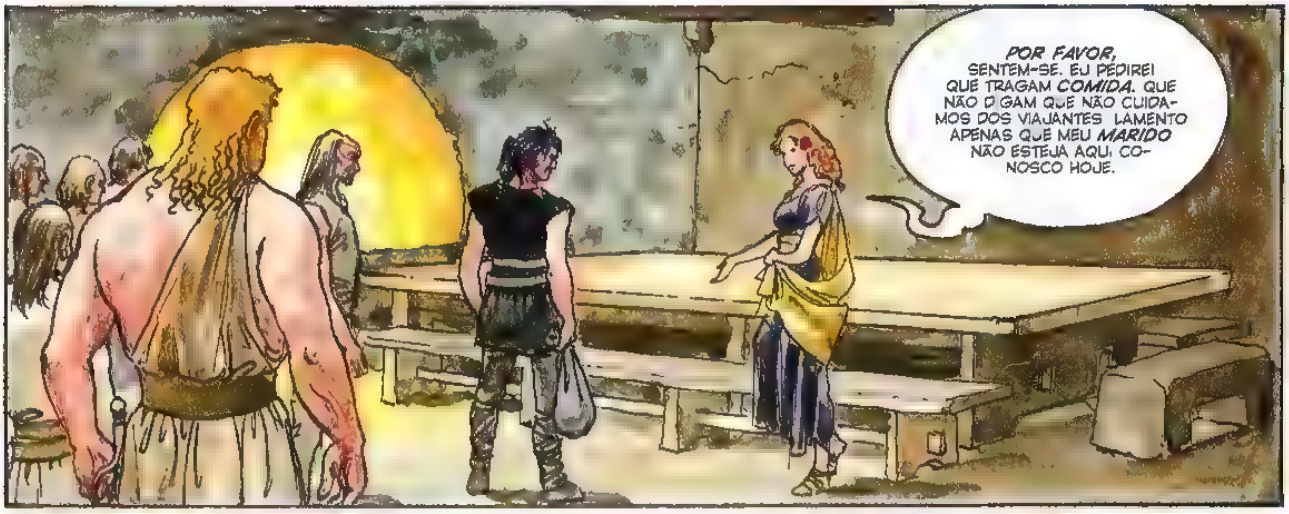
"FOI UM INVERNO ÁRDUO. OS LOBOS SE MOSTRARAM OUSADOS E, SE NÃO PROTEGÊSSEMOS NOSSOS REBANHOS, ENCONTRARÍAMOS AS OVELHAS MORTAS."

MINHA *SENHORA!* HÁ *HOMENS* NOS PORTÕES!

"MEU MARIDO HAVIA IDO A UM ENCONTRO DE CHEFES. OS HOMENS DA VILA ESTAVAM EM VIGÍLIA DE LOBOS E NÃO VOLTARIAM ANTES DA ALVORADA."

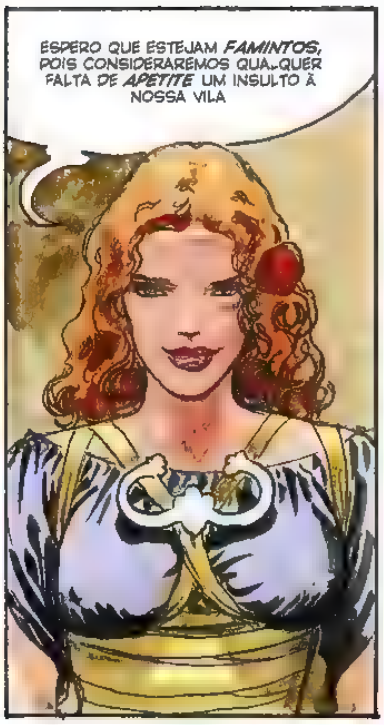
NÓS PEDIMOS SUA HOSPITALIDADE. VIAJAMOS LONGAS DISTÂNCIAS NESTE DIA, E ESTAMOS COM FOME E SEDE.
POIS TÊM NOSSA HOSPITALIDADE.

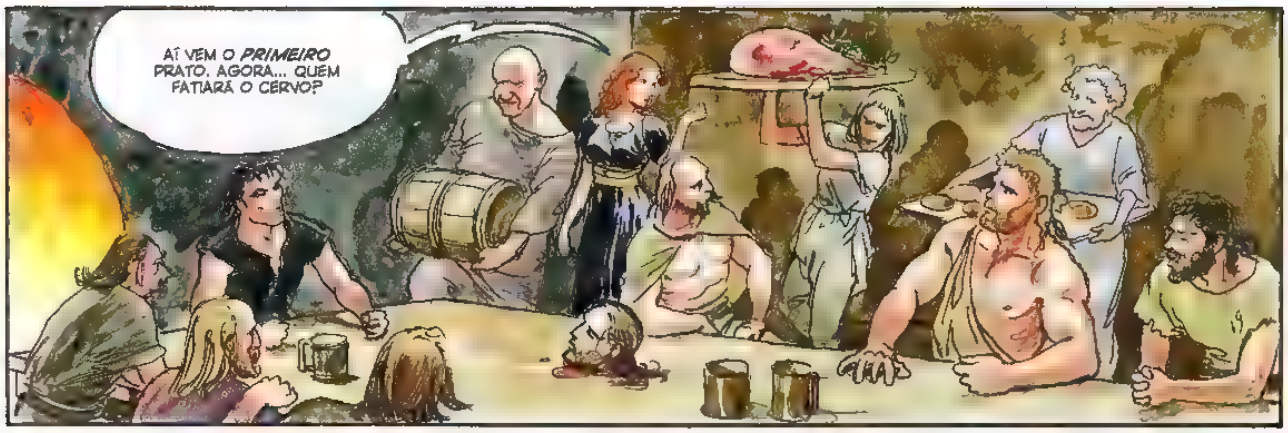
EU OS DEIXEI ENTRAR. O QUE MAIS PODERIA TER FEITO? HOSPITALIDADE AOS FORASTEIROS E AOS AMIGOS. AQUELE ERA O COSTUME.

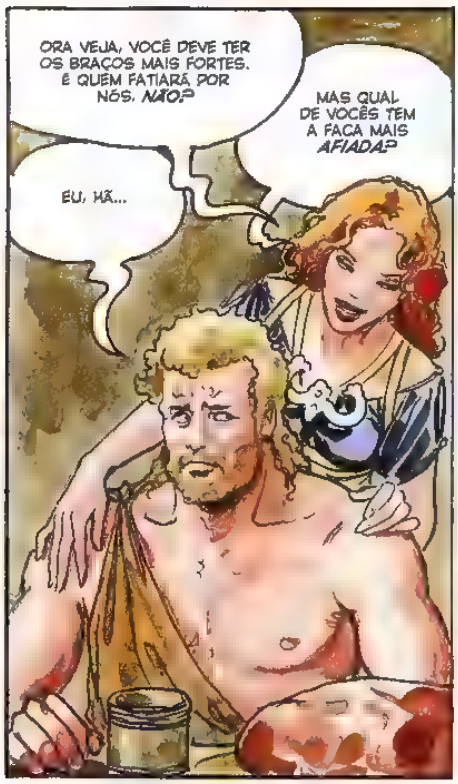

POR FAVOR, SENTEM-SE. EU PEDIREI QUE TRAGAM COMIDA. QUE NÃO DIGAM QUE NÃO CUIDAMOS DOS VIAJANTES. LAMENTO APENAS QUE MEU MARIDO NÃO ESTEJA AQUI, CONOSCO HOJE.

HÁ DEZ CONVIDADOS. PRECISAREMOS DE UM BARRIL DE CERVEJA, DOIS SALMÕES GRANDES E UMA COXA DE VEADO. ABATA UMA OVELHA E PREPARE PARA DEPOIS.
SIM, SENHORA.

A CEIA ESTÁ A CAMINHO, CAVALHEIROS.


ESPERO QUE ESTEJAM *FAMINTOS*, POIS CONSIDERAREMOS QUALQUER FALTA DE *APETITE* UM INSULTO À NOSSA VILA


AÍ VEM O *PRIMEIRO* PRATO. AGORA... QUEM FATIARÁ O CERVO?


ORA VEJA, VOCÊ DEVE TER OS BRAÇOS MAIS FORTES. É QUEM FATIARÁ POR NÓS, *NÃO?*
MAS QUAL DE VOCÊS TEM A FACA MAIS *AFIADA?*
EU, HÃ...

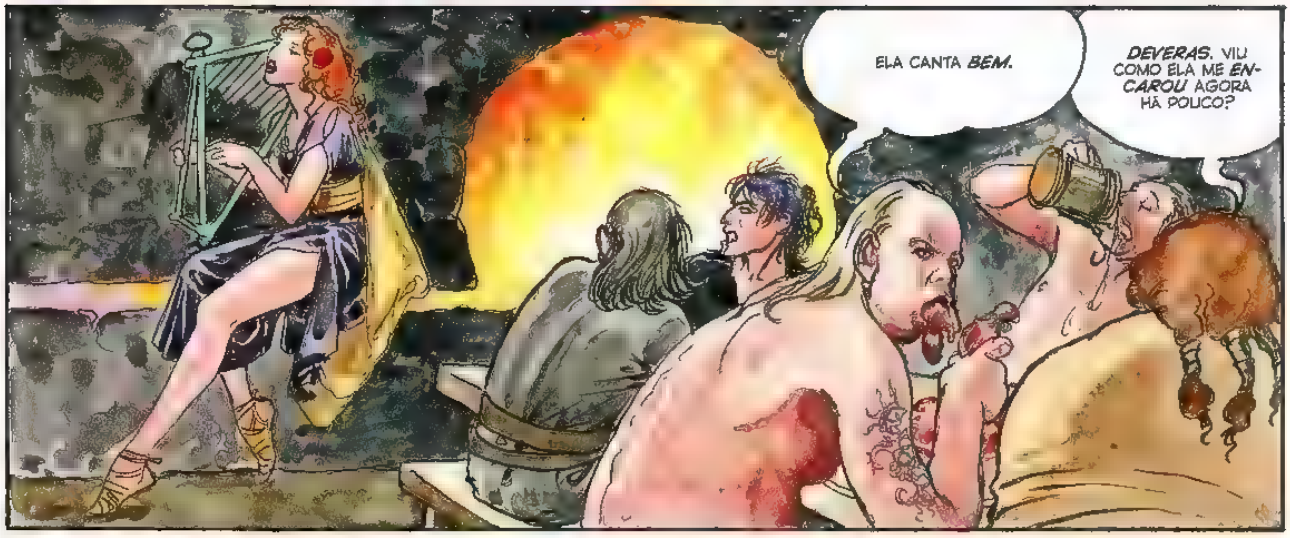
DEIXE-ME VER, MEU CARO VOCÊ TEM OS OLHOS DE UM BOM *ARQUEIRO*, E O SORRISO DE UM *CAÇADOR*. APOSTO QUE, QUANDO *SUA* FACA CORTA, AS CARNES SE ABREM, NÃO?
DEVERAS--

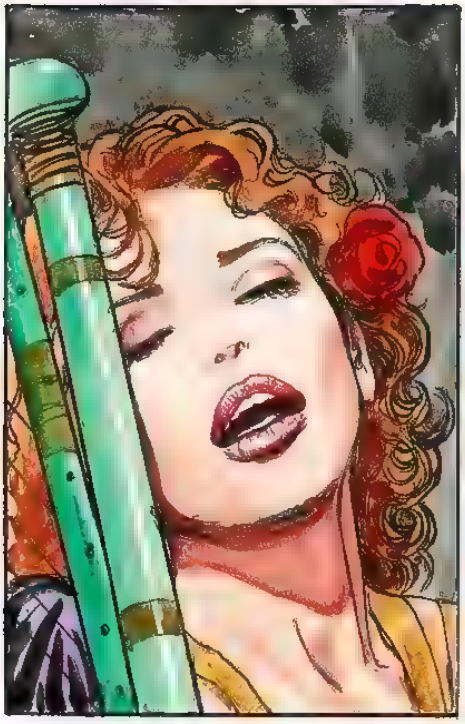
ISSO É *LOUCURA!* VOCÊ DISSE QUE MOSTRARÍAMOS A CABEÇA, ELA GRITARIA, CHORARIA MUITO, FODERÍAMOS A MALDITA SOB O FIO DE UMA ADAGA, DEPOIS TIRARÍAMOS SUA VIDA E CAIRÍAMOS FORA.
E...?
ORAS

EU FATIO.

AH, VOCÊ DEVE SER O LÍDER MUITO BEM. VOCÊ DEVE FATIAR POR TODOS NÓS.

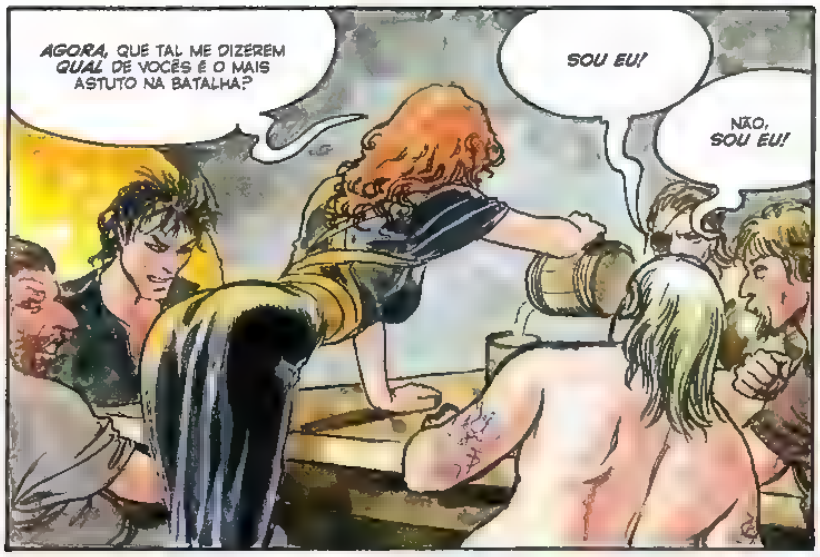
LAMENTO QUE NOSSO BARDO ESTEJA PARTICIPANDO DA PATRULHA DOS LOBOS COM O RESTANTE DOS HOMENS, MAS EU CANTAREI PARA VOCÊS, SE QUISEREM. DIZEM QUE MINHA VOZ É UM TANTO AGRADÁVEL.


ELA CANTA BEM.
DEVERAS. VIU COMO ELA ME ENCAROU AGORA HÁ POUCO?

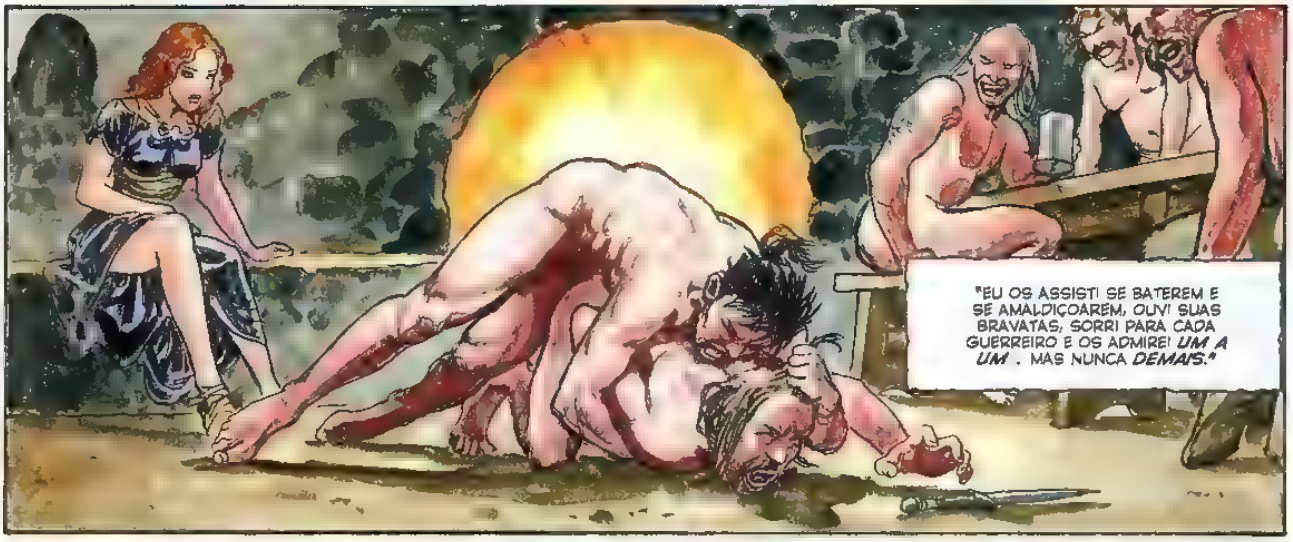


ENCAROU VOCÊ? VOCÊ NÃO ENXERGA, NÃO? FOI PRA MIM QUE ELA SORRIU...
VOCÊS DOIS ESTÃO LOUCOS! É ÓBVIO QUE ELA ME QUER

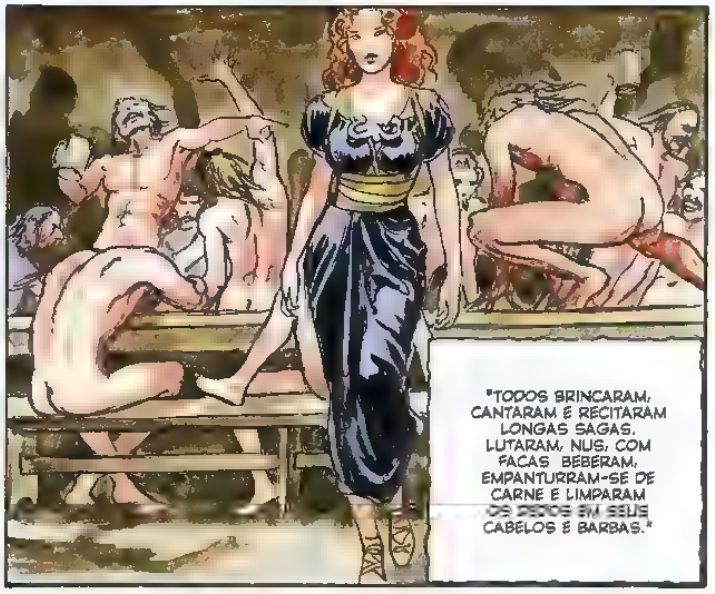
SERÁ QUE ELA VIU? VOCÊ DISSE QUE ERA A CABEÇA DO MARIDO DELA!
É É! OLHA LÁ... É A BANDA DO MEU IRMÃO QUE ELA USA NO PESCOÇO EU NÃO ESTOU ENTENDENDO...

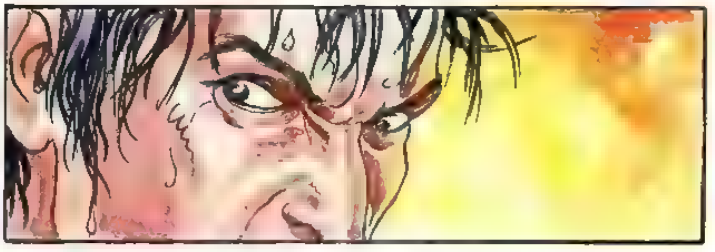

AGORA, QUE TAL ME DIZEREM QUAL DE VOCÊS É O MAIS ASTUTO NA BATALHA?
SOU EU!
NÃO, SOU EU!

ORA, VAMOS VER VOCÊS SE DIGLADIAREM. E, PRO VENCEDOR... EU VOU OFERECER ALGO ESPECIAL.


"EU OS ASSISTI SE BATEREM E SE AMALDIÇOAREM, OUVI SUAS BRAVATAS, SORRI PARA CADA GUERREIRO E OS ADMIREI UM A UM . MAS NUNCA DEMAIS."

"A LUXÚRIA DELES TERIA SIDO DIFÍCIL DE CONTROLAR, MAS SEU DESEJO... NAQUELE MOMENTO, PUDE DEDILHAR O DESEJO COMO SE FOSSE UMA HARPA. CADA UM DELES ME QUERIA, CADA UM DELES QUERIA QUE EU O QUISESSE."
"O TEMPO PASSOU RAPIDAMENTE."


"TODOS BRINCARAM, CANTARAM E RECITARAM LONGAS SAGAS. LUTARAM, NUS, COM FACAS. BEBERAM, EMPANTURRAM-SE DE CARNE E LIMPARAM OS DEDOS EM SEUS CABELOS E BARBAS."



E ENTÃO VEIO A ALVORADA, E NOSSOS HOMENS VOLTARAM PARA MATÁ-LOS COMO LOBOS.

VOCÊ NÃO TEVE *MEDO?*

NÃO

MAS ELES MATARAM SEU *MARIDO.*

MATARAM.

EU SOU A MULHER DELE E A SENHORA DESTA VILA. SERÁ *LAMENTÁVEL* SE EU NÃO PUDESSE DOBRAR UM HOMEM AO MEU DESEJO

ENTERRE-O

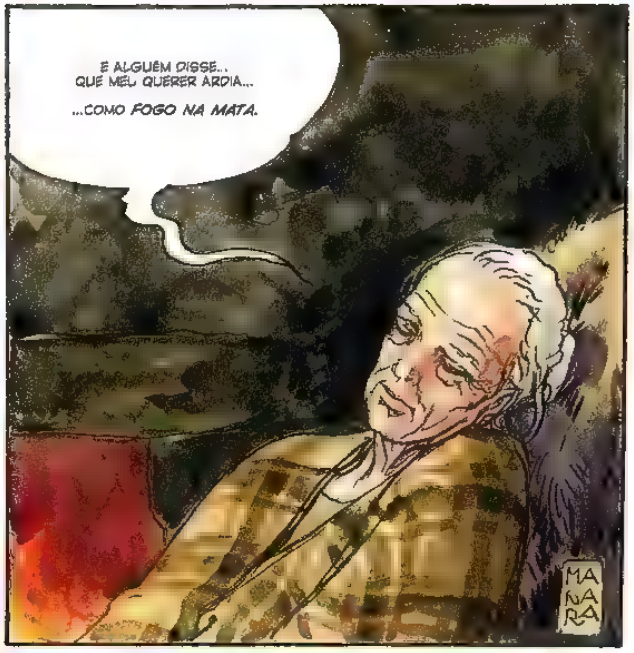
E FOI QUANDO ME DEI CONTA DE QUE JAMAIS VERIA NOVAMENTE SEU SORRISO CONVENCIDO, OU SEU ANDAR GALOPANTE E SOUBE QUE NADA MAIS RESTAVA QUE EU QUISESSE.
EU HAVIA *TIDO* TUDO QUE QUERIA. E ISSO *SE FORA.*

E RECONHECI QUE NÃO HAVIA MAIS NADA QUE EU *PUDESSE* QUERER COMO O QUIS O TEMPO PASSOU, OS ANOS, OS MESES E OS DIAS.
EU ME CASEI DE NOVO. UM HOMEM PEDIU MINHA MÃO. NÃO VI MOTIVO PARA RECUSAR. TIVE FILHOS. FILHOS *LINDOS.*

EU ESTIVE VIVA, AQUELA NOITE, MANTENDO AQUELES HOMENS EM MINHAS MÃOS. SE NADA MAIS LHE RESTA QUE *QUEIRA*, ENTÃO SIMPLESMENTE ESPERE ATÉ QUE NADA MAIS RESTE A ESPERAR, NÃO É MESMO?

EU VI MEUS FILHOS CRESCEREM, AMAREM E DESEJAREM E SEMPRE ME PERGUNTEI SE *ELES* AMARAM COMO *EU* HAVIA AMADO SE *ALGUÉM MAIS* AMOU

MUITO TEMPO ATRÁS, CONHECI ALGUÉM COM *OLHOS DOURADOS.* OUVI *TANTAS* COISAS, MAS ELAS SE FORAM AGORA.


E ALGUÉM DISSE.. QUE MEU QUERER ARDIA...
...COMO *FOGO NA MATA.*
MA NA RA

Capítulo 3:

SONHO

O Coração de uma Estrela

Arte por **Miguelanxo Prado**

ME CONTA UMA HISTÓRIA, PAPAI? ANTES QUE EU VOLTE A DORMIR?

CLARO. DEIXE-ME VER... ACONTECEU MUITO TEMPO ATRÁS.

QUANTO TEMPO?

IMAGINE O TEMPO. IMAGINE TODO O TEMPO QUE JÁ HOUVE, TODO O TEMPO QUE HAVERÁ. NESSA TOTALIDADE DE TEMPO, CEM MIL ANOS É UM PISCAR DE OLHOS, UM MILHÃO PASSA COMO UM SUSPIRO.

E, MESMO NESSA TOTALIDADE DE TEMPO, ACONTECEU MUITO TEMPO ATRÁS... E BEM, BEM LONGE DAQUI.

QUANDO KILLALLA DO FULGOR FICA INTRANQUILA, CHAMAS VERDES COMEÇAM A BRUXULEAR AO REDOR DE SEU CORPO.

ELA ESTÁ INTRANQUILA AGORA, E AS CHAMAS ESTÃO SALTANDO E ARDENDO COMO FOGO FÁTUO.

MAS QUE *TOLICE.*

ELA SE CONCENTRA, COM SUA VONTADE, FORÇA A CHAMA VERDE A DANÇAR E QUEIMAR NA PONTA DO DEDO, PRESTES A ATENDER SEUS COMANDOS.

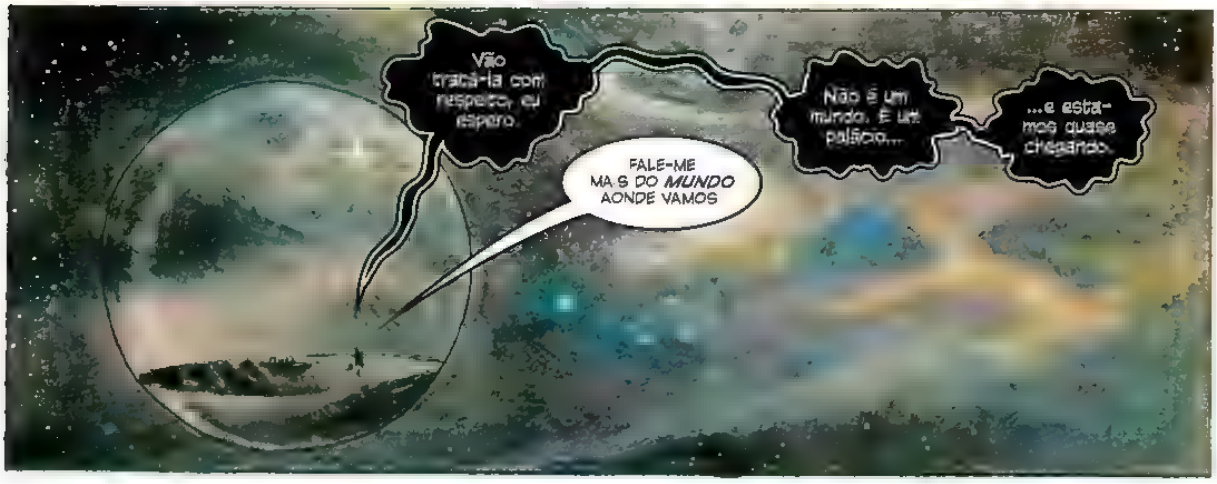
História originalmente publicada em THE SANDMAN: ENDLESS NIGHTS (setembro/2003).

Olá, Killalla.

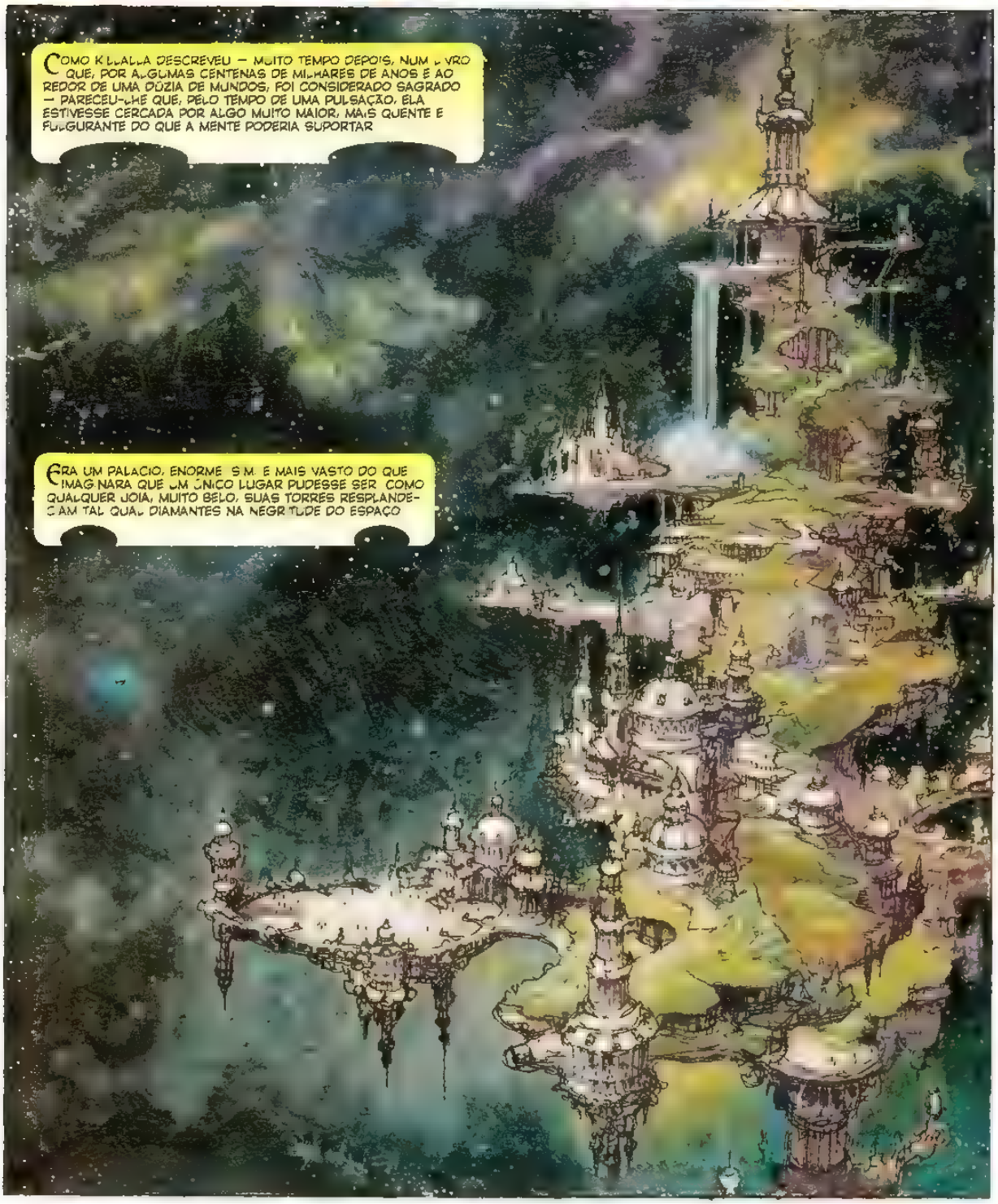
AAAAH!

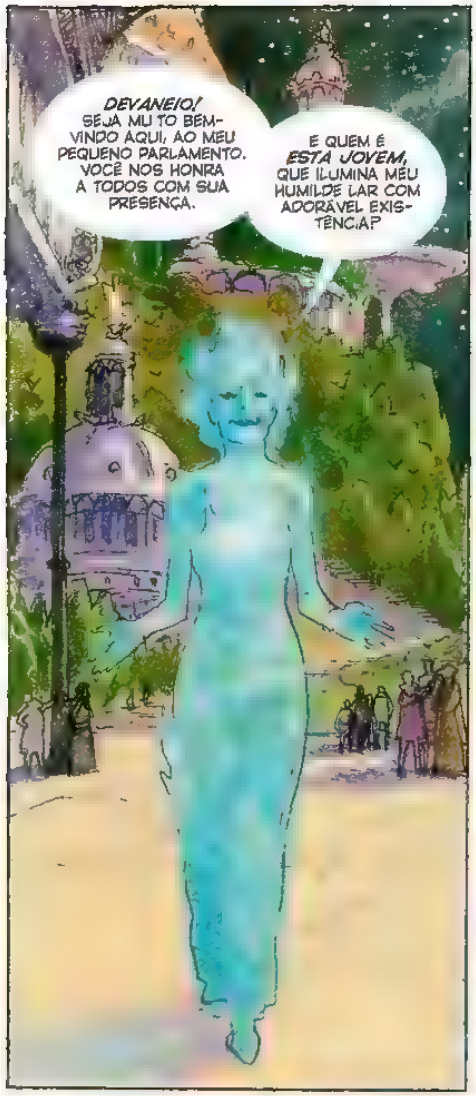
AH, É VOCÊ, QUERIDO QUE SUSTO
Mil perdões.
Mas quem mais poderia ser neste lugar, Killalla?

E-EU NÃO SABER A DIZER. NORMALMENTE, NÃO CRUZO A VASTIDÃO DO ESPAÇO NUMA ESFERA PARA ENCONTRAR A FAMÍLIA E OS AMIGOS DE MEU AMADO.
Fico muito grato em ouvir isso.
O QUE ELES VÃO PENSAR DE MIM?


Vão tratá-la com respeito, eu espero.
Não é um mundo. É um palácio...
...e estamos quase chegando.
FALE-ME MAIS DO MUNDO AONDE VAMOS

Veja por si mesma.

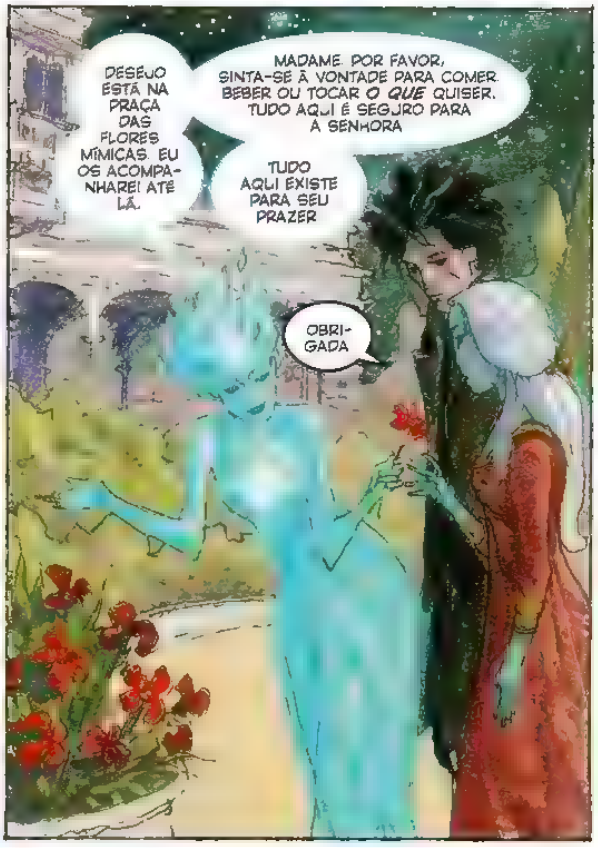

COMO KLLALLA DESCREVEU — MUITO TEMPO DEPOIS, NUM LIVRO QUE, POR ALGUMAS CENTENAS DE MILHARES DE ANOS E AO REDOR DE UMA DÚZIA DE MUNDOS, FOI CONSIDERADO SAGRADO — PARECEU-LHE QUE, PELO TEMPO DE UMA PULSAÇÃO, ELA ESTIVESSE CERCADA POR ALGO MUITO MAIOR, MAIS QUENTE E FULGURANTE DO QUE A MENTE PODERIA SUPORTAR
ERA UM PALÁCIO, ENORME S.M. E MAIS VASTO DO QUE IMAGINARA QUE UM ÚNICO LUGAR PUDESSE SER. COMO QUALQUER JOIA, MUITO BELO, SUAS TORRES RESPLANDECIAM TAL QUAL DIAMANTES NA NEGRITUDE DO ESPAÇO


DEVANEIO! SEJA MUITO BEM-VINDO AQUI, AO MEU PEQUENO PARLAMENTO. VOCÊ NOS HONRA A TODOS COM SUA PRESENÇA.
E QUEM É ESTA JOVEM, QUE ILUMINA MEU HUMILDE LAR COM ADORÁVEL EXISTÊNCIA?

Esta é a senhora Killalla do Fulgor, Mizar.
É UMA HONRA, SENHORA.

Minha família já está aqui?
NEM TODOS DESTRUIÇÃO ESTÁ, MAS EM SEUS APOSENTOS, ASSIM COMO DELEITE. DESEJO CHEGOU NA NOITE PASSADA.
DESTINO PEDE ESCUSAS, MAS NÃO VIRÁ.

Destino raramente deixa seu jardim.
Mas Desejo já está aqui! Minha amada, você deve conhecer Desejo. É quem mais estimo entre meus irmãos, se isto for possível. Tão alegre e gentil.


DESEJO ESTÁ NA PRAÇA DAS FLORES MÍMICAS. EU OS ACOMPANHARÉI ATÉ LÁ.
MADAME, POR FAVOR, SINTA-SE À VONTADE PARA COMER, BEBER OU TOCAR O QUE QUISER. TUDO AQUI É SEGURO PARA A SENHORA.
TUDO AQUI EXISTE PARA SEU PRAZER.
OBRIGADA.

Desejo.
ELA COMIGO

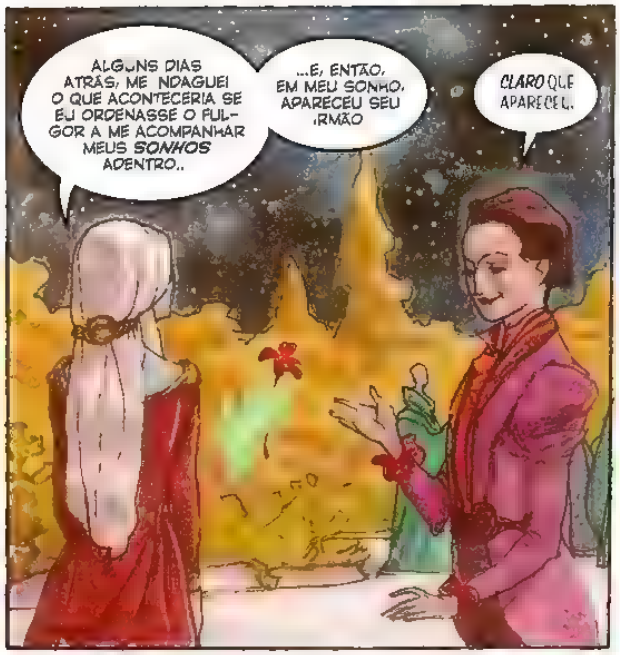
Eu lhe devo gratidão, gratidão infinita, e muito mais. Como posso, algum dia, lhe retribuir o que me deu?
BEM, TALVEZ DEVA COMEÇAR NOS *APRESENTANDO.*

Claro. Esta é a senhora Kilialia do Fulgor. De um dos mundos jovens — o dela chama-se Oa. Ela é uma das cinco sumo (entidade-sacerdotisa-artista-polícia) de sua cultura.
Kilialia, este é minha irmã-irmão, Desejo.
QUE COISINHA MAIS LINDA. PELE AZUL. QUE CONCEITO *AGRADÁVEL.*

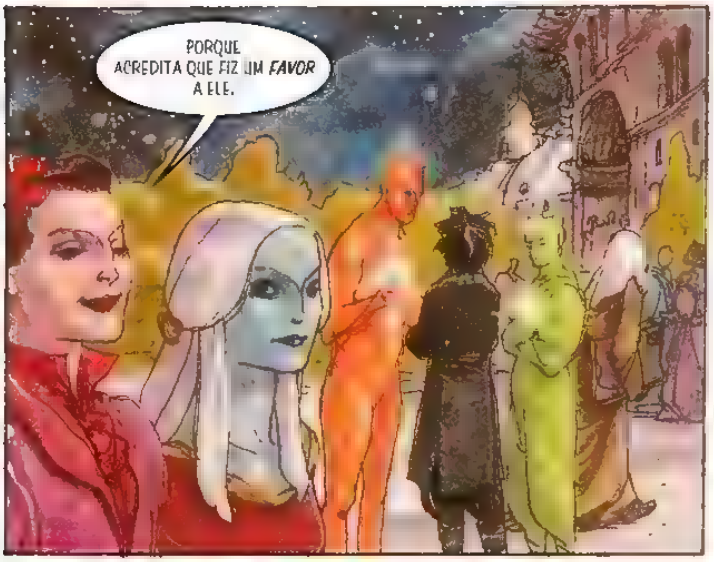
PRONTO. OLHEM PARA *MIM.* EU *TAMBÉM* TENHO PELE AZUL!
MESTRE SONHO. P PODE ME DAR UM M NUTO DE SEU TEMPO?
Com certeza, Rao. Se me dão licença por um instante...
CLARO, IRMÃO. VÁ E TRATE DE SEUS ASSUNTOS TOLOS.

DIGA-ME, DOCE MENINA. *COMO* CONHECEU MEU IRMÃO?
OH. HÁ GERAÇÕES, MEU POVO VEM ESTUDANDO A INTERSECÇÃO ENTRE FORÇA E VONTADE, E COMO PODEMOS NOS *VALER* DISSO COMO LUZ, PARA APRIMORAR O UNIVERSO.
OBSERVE

NÓS ESPERAMOS QUE *UM DIA,* SEJAMOS CAPAZES DE MANIPULAR O PODER DO FULGOR *PERFEITAMENTE.*
POR ORA, CINCO DE NÓS CONTROLAM O FULGOR, EXPLORANDO-O COM NOSSA VONTADE E SENTIMENTO, A FIM DE QUE ELE NOS MOSTRE O UNIVERSO...

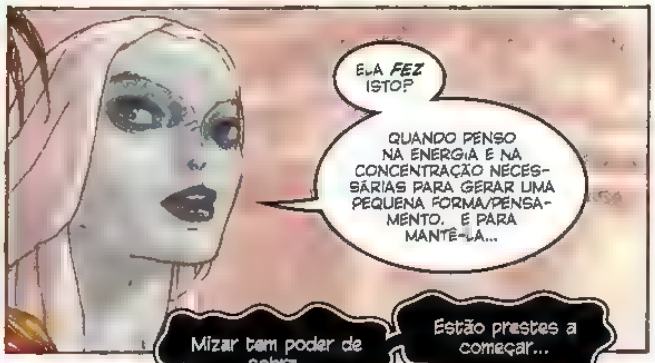

ALGUNS DIAS ATRÁS, ME NDAGUEI O QUE ACONTECERIA SE EU ORDENASSE O FULGOR A ME ACOMPANHAR MEUS SONHOS ADENTRO..
...E, ENTÃO, EM MEU SONHO, APARECEU SEU IRMÃO
CLARO QUE APARECEU.

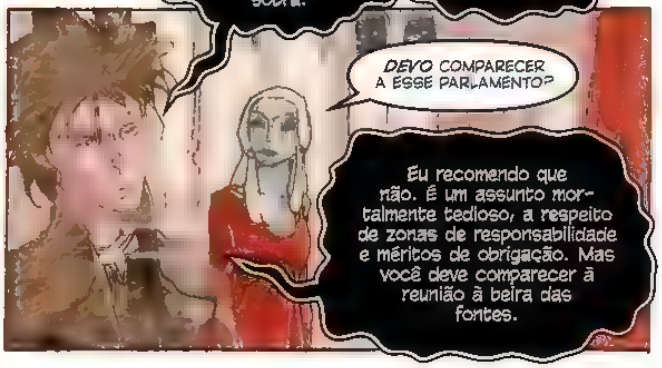
POR QUE ELE AGRADECEU VOCÊ PELA... PELA MANEIRA COMO NOS CONHECEMOS?
PORQUE ELE QUERIA VOCÊ. BEM, ELE QUERIA ALGUÉM. ESTAVA SOLITÁRIO PORQUE VOCÊ O QUIS


PORQUE ACREDITA QUE FIZ UM FAVOR A ELE.

QUE APOSENTOS ADORÁVEIS! TÃO LINDOS! QUANTO TEMPO TEM ESTE LUGAR, MEU DOCE?

Um dia. Dois, no máximo.
Mizar criou-o para a conferência. Assim que a reunião terminar, será dissolvido em pura luz e poeira cósmica.


ELA FEZ ISTO?
QUANDO PENSO NA ENERGIA E NA CONCENTRAÇÃO NECESSÁRIAS PARA GERAR UMA PEQUENA FORMA/PENSAMENTO. E PARA MANTÊ-LA...
Mizar tem poder de sobra.
Estão prestes a começar...

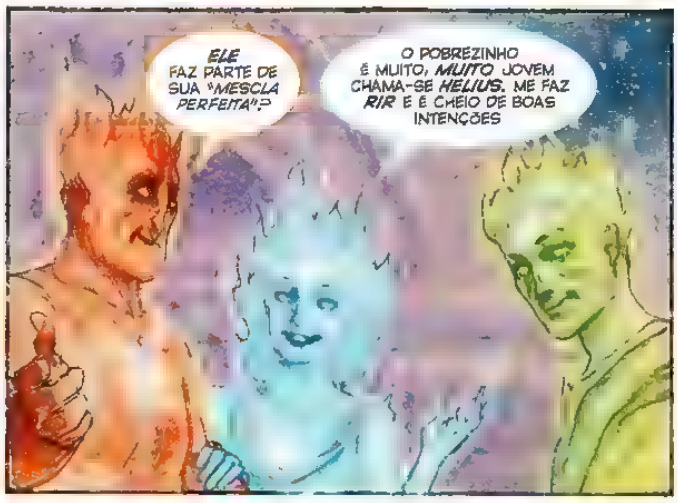

DEVO COMPARECER A ESSE PARLAMENTO?
Eu recomendo que não. É um assunto mortalmente tedioso, a respeito de zonas de responsabilidade e méritos de obrigação. Mas você deve comparecer à reunião à beira das fontes.

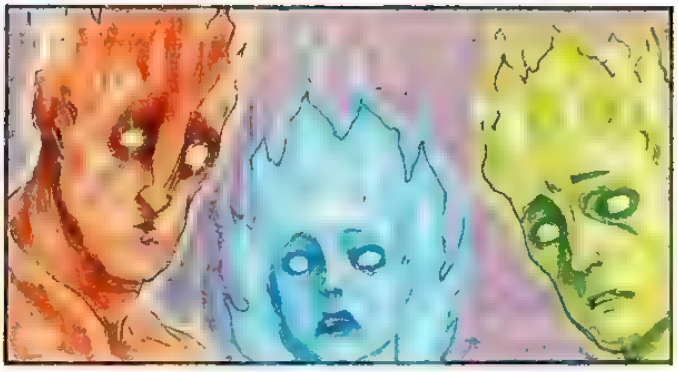
"QUE LUGAR MAGNÍFICO!"

"RAO! MEUS CAROS, ESTE É RAO, MEU GIGANTE VERMELHO FAVORITO!"

"COMO CONSEGUIU TRAZER OS PERPÉTUOS AO SEU PARLAMENTO, MIZAR?"

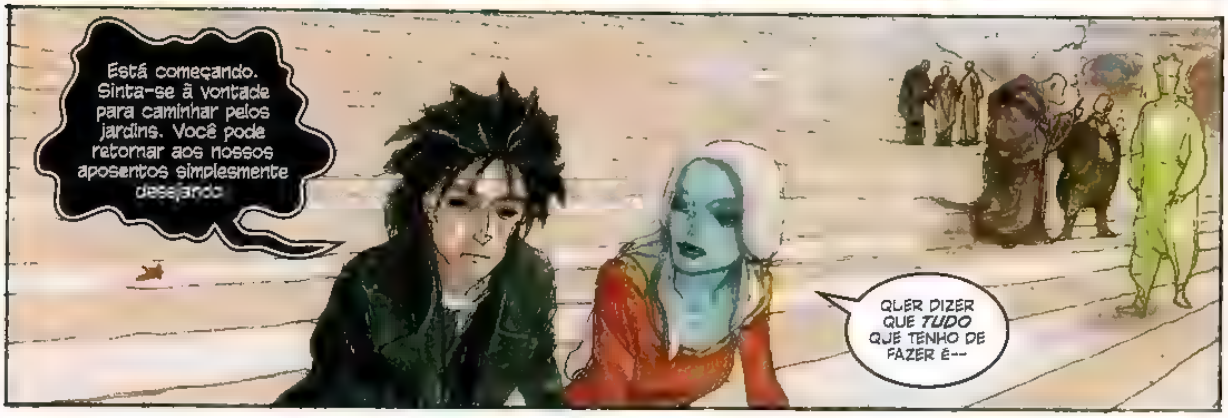
"EM GRANDE PARTE, POR PERSISTÊNCIA. DECIDI CENTENAS DE MILHARES DE PULSOS ATRÁS QUE PRECISÁVAMOS DEBATER, ESTABELECER LIMITES. DEPOIS DISSO, FOI APENAS O CASO DE FAZER O ACOMPANHAMENTO. TENTEI MANTER A REUNIÃO EXCLUSIVA, MAS AGREGANDO A MESCLA PERFEITA DE SERES..."





EU FUI CONVIDADA ESTOU AQUI. PROCEDA COMO DESEJAR
SENTIMO-NOS HONRADOS, MADAME
EU OS ESTOU DEIXANDO CONSTRANGIDOS
NÃO, MADAME EM ABSOLUTO

EU PARTIRE DECIDAM DO QUE GOSTAM EM SEU PARLAMENTO. É TUDO O MESMO PARA MIM A LONGO PRAZO, NÃO FARÁ DIFERENÇA ALGUMA, NÃO É MESMO?
UM A UM, TODOS VOCÊS VIRÃO A MIM


Está começando. Sinta-se à vontade para caminhar pelos jardins. Você pode retornar aos nossos aposentos simplesmente desejando
QUER DIZER QUE *TUDO* QUE TENHO DE FAZER É--

OH

O QUE É VOCÊ?
EU ME CHAMO KILLALLA DO FULGOR.
VOCÊ É MUITO BONITA. E TEM UM BELO NOME, MAS O QUE É VOCÊ?
COMO ASSIM.. O QUE EU SOU?

BEM, QUERO DIZER O QUE QUERO DIZER É O QUE É VOCÊ?
TIPO, HÃ, VOCÊ É UMA FORMAÇÃO SUPERINTELIGENTE DE NUVENS CÓSMICAS, UMA DIMENSÃO QUE ENCARNOU, UMA ESTRELA OU O QUÊ?

EU... EU SOU UMA MULHER. ISSO SIGNIFICA QUE CARREGO OS JOVENS DE MINHA ESPÉCIE. EU VIM DE UM PLANETA CHAMADO OA. EU SOU...
QUER DIZER QUE VOCÊ É MESMO SÓ O QUE PARECE SER.
EXATO

BEM ISSO É MUITO ESTRANHO POR QUE VOCÊ ESTÁ AQUI, ENTÃO? É DONA DA VIA LÁCTEA OU COISA PARECIDA?
NÃO, ESTOU AQUI COM SONHO DOS PERPÉTUOS SOU A ACOMPANHANTE DELE.
OH
UUPS
EU

OOOOHHHH. SINTO MUITO. EU DEVIA TER PERCEBIDO. ESTOU TÃO CONSTRANGIDA. ACHO QUE VOU ME ESCONDER DEBAIXO DA MESA ATÉ MEU CONSTRANGIMENTO PASSAR.
NÃO SEJA TOLA--

POR FAVOR, SAIA DAÍ
NÃO MAS TANHO

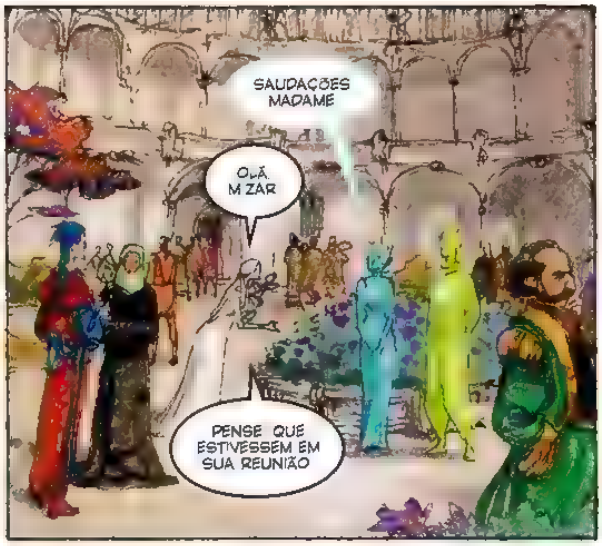
VOCÊ É A NAMORADA DELE?
ACHEI QUE ESTIVESSE AQUI A NEGÓCIOS.
E-EU NÃO SE TALVEZ
NÃO ELE SÓ QUERIA QUE EU CONHECESSE A FAMÍLIA JÁ FUI APRESENTADA A DESEJO.
E AGORA A MIM. EU SOU DELETE

COMO VAI?
EU... EU NÃO SEI BEM ACHO QUE VOU BEM. JÁ COMEÇARAM A FALAR? O PESSOAL LÁ NO TRECO?
ACREDITO QUE SIM.

EU DEVERIA IR PRA LÁ SABE O QUE VÃO DIZER? BLÁ, BLÁ, BLÁ BLÁ É O QUE VÃO DIZER
BLÁ, BLÁ, BLÁ BLÁ BLÁ

OK.

LÁ LALA LÁ..

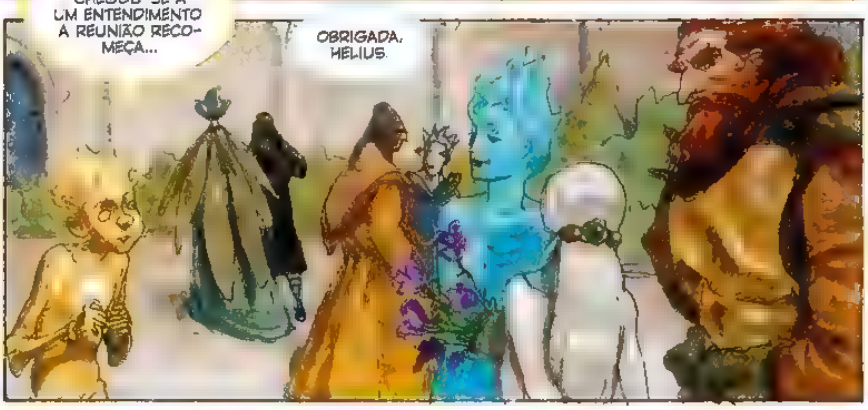

SAUDAÇÕES MADAME
OLÁ, M ZAR
PENSE QUE ESTIVESSEM EM SUA REUNIÃO

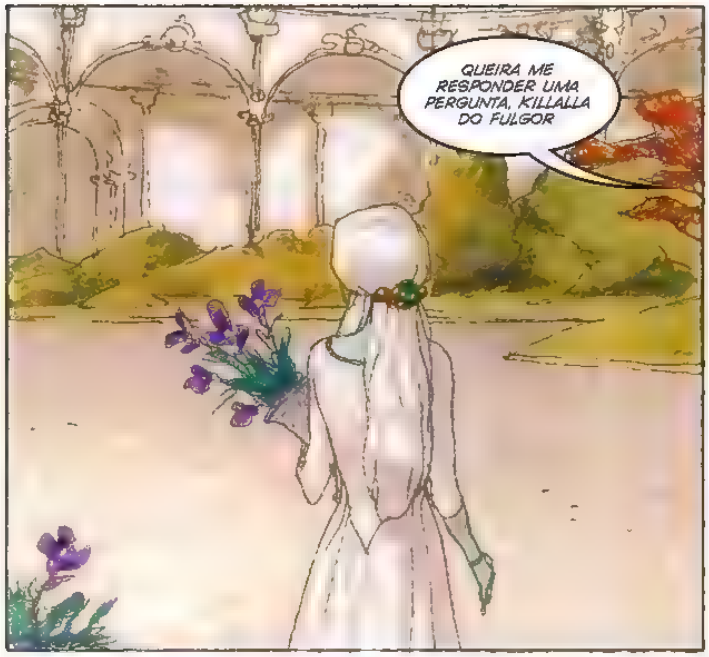
A REUNIÃO FOI MOMENTANEAMENTE SUSPENSA POR UMA QUESTÃO DE ORDEM
não me interessa se você *É* ou *NÃO* uma dimensão. se for pequeno demais para ser *NOTADO*, então *NÃO* creio que possa se reportar à assembleia.
NÃO É QUESTÃO DE TAMANHO, E SIM DE PERCEPÇÃO E RESPEITO.
VOCÊ DEVERIA COMPARECER E ASSISTIR. ACHAR.A MUITO INTERESSANTE.

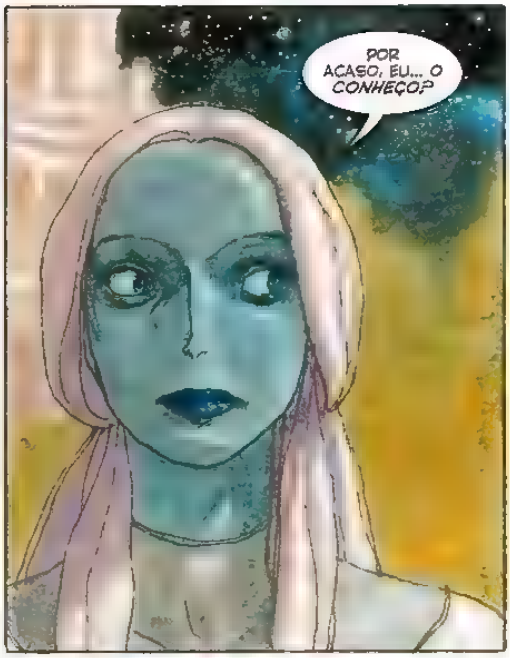
JÁ CONHECE O IRMÃO DE SEU... DE SONHO, *DESTRUIÇÃO*? É DELE O PROCESSO QUE ALIMENTA TODAS AS ESTRELAS. SEM SUA AÇÃO, TUDO SERIA SEM VIDA E SOMBRIO
NÃO. NÓS AINDA NÃO NOS CONHECEMOS. EU SOU KILLALLA DO FULGOR.
UMA COISINHA *REALMENTE* ADORÁVEL! ESPERO QUE MEU IRMÃO SAIBA LHE DAR VALOR. TODOS NÓS *CONTÁVAMOS* QUE ELE PUDESSE ENCONTRAR ALGUÉM PARA PARTILHAR SUA EXISTÊNCIA. NA VERDADE, DESEJO ENCARREGOU-SE DE--

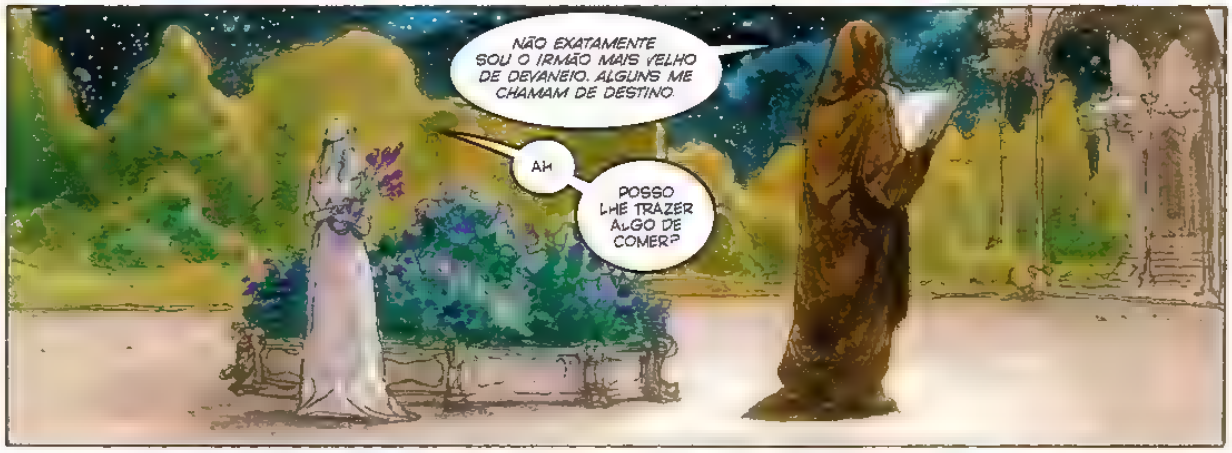
NÃO. EU DISSE ALGO IMPROPRIADO

O CORAÇÃO DAS ESTRELAS PODE SER MEU *DOMÍNIO*, MAS ATÉ MESMO O CORAÇÃO DAS ESTRELAS... NÃO, MAIS UMA VEZ, DIGO IMPROPRIEDADES. NÃO SOU TALHADO À FALAR BEM OU COM PRECISÃO DE XÉ-ME LHE ESCLARECER, PEQUENINA


GRANDIOSOS? CHEGOU-SE À UM ENTENDIMENTO. A REUNIÃO RECOMEÇA...
OBRIGADA, HELIUS.


QUEIRA ME RESPONDER UMA PERGUNTA, KILLALLA DO FULGOR

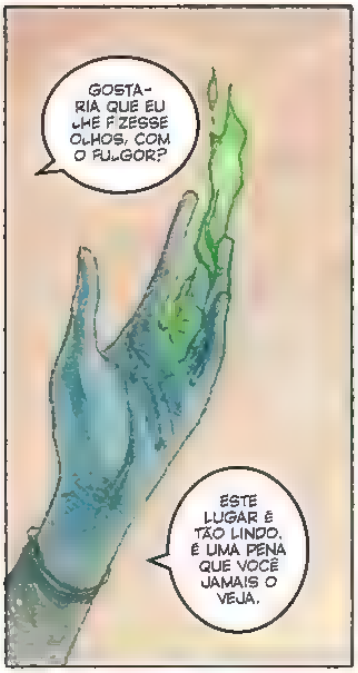

POR ACASO, EU... O CONHEÇO?

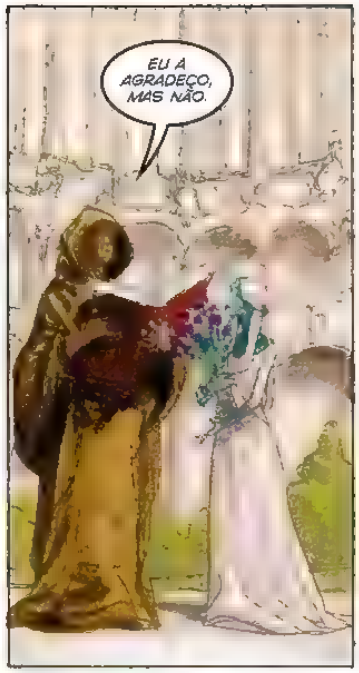

NÃO EXATAMENTE SOU O IRMÃO MAIS VELHO DE DEVANEIO. ALGUNS ME CHAMAM DE DESTINO.
AH
POSSO LHE TRAZER ALGO DE COMER?

EU NÃO FICAREI AQUI POR MUITO TEMPO.

VOCÊ É CEGO

SOU

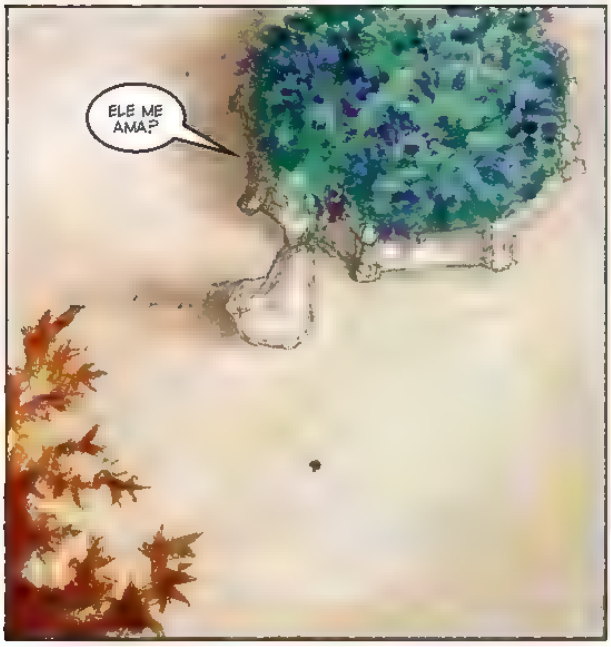

GOSTARIA QUE EU LHE FIZESSE OLHOS, COM O FULGOR?
ESTE LUGAR É TÃO LINDO. É UMA PENA QUE VOCÊ JAMAIS O VEJA.


EU A AGRADEÇO, MAS NÃO.

KILLALLA, VOCÊ AMA MEU IRMÃO?

EU NÃO SEI. ACHO QUE SIM.

VOCÊ É UMA MULHER MORTAL.
DAQUI A MILÊNIOS, SERÁ DECIDIDO QUE OS PERPÉTUOS NÃO PODERÃO AMAR MORTAIS. VOCÊ SERÁ DISCUTIDA, LEMBRADA E COMENTADA MUITAS VEZES NESSAS DISCUSSÕES.


ELE ME AMA?

ELE ME AMA?

PELO QUE ENTENDO AGORA, O MUNDO DAS FADAS NÃO SERÁ UMA *DIMENSÃO*, MAS QUANDO MUITO UMA *ASPIRAÇÃO*. PERCEBE?

HMM. ELE SERÁ VINCULADO A ALGUM SISTEMA ESTELAR EM PARTICULAR?

DE FORMA ALGUMA MAS PRECISARÁ DE CERTA QUALIDADE DE LUZ QUE NÃO SE PODE SIMPLESMENTE OBTER DE SUA GENTE

SABE, EU NÃO TENHO MESMO PLANETAS BEM, QUER DIZER... EU *TENHO*, MAS ELES ESTÃO TODOS DORMINDO NADA QUE COMPORTE VIDA

MAS EU ESTAVA PENSANDO QUE TALVEZ, QUANDO DESPERTAREM E SINTETIZAREM VIDA, CREIO QUE UMA FORMA DE VIDA DOMINANTE PODERIA SE PARECER COM *VOCÊ*.

VOCÊ TEM TANTA... GRAÇA

OBRIGADA, HELIUS. HÃ, EU ACHO.

KILLALLA! KILLALLA DO *FULGOR!* HELIUS, PERMITA-ME TOMAR PARTE DA CONVERSA.

EU ESPERE A CONFERÊNCIA *TODA* PARA FALAR COM VOCÊ.

HÃ...

VOCÊ ME *CONHECE*?

CLARO QUE SIM! NÃO ESTÁ ME RECONHECENDO? VOCÊS SÃO UM DOS MEUS POVOS FAVORITOS

VOCÊ ME PARECE FAMILIAR...

...COMO ALGUÉM QUE CONHECI A VIDA INTEIRA

BEM, É O *MÍNIMO* QUE ESPERO

SABE, VENHO ANDANDO POR AQUI FAZ... FAZ SEI LÁ QUANTO TEMPO, SORRINDO E ACENANDO, MAS NÃO TENHO A *MENOR* IDEIA DO QUE AS PESSOAS ESTÃO FALANDO.

NÃO PARAM DE CITAR *ESTRELAS, DIMENSÕES, GALÁXIAS* E A... A FAMÍLIA DE MEU AMADO..

QUER DIZER QUE VOCÊ NÃO *SABE* MESMO?

CADA UM DE VOCÊS REPRESENTA O POVO DE UM SISTEMA ESTELAR DIFERENTE OU COISA DO GÊNERO. É UMA FESTA, UMA REUNIÃO DE NEGÓCIOS, UMA CONFERÊNCIA OU *O QUÊ*?

BEM, CLARO, SÃO TODAS ESSAS COISAS, MAS...

OLHA, VOCÊ ME PARECE MUITO GENTIL. PODERIA ME RESPONDER ALGUMAS *PERGUNTAS*? MAS ME DÊ RESPOSTA DIRETAS!
COM CERTEZA.
POR QUE TODO MUNDO TEM *MEDO* DA IRMÃ MAIS VELHA DELE? A *BONITINHA*? NÃO CONVERSAM COM ELA, NEM CHEGAM PERTO.

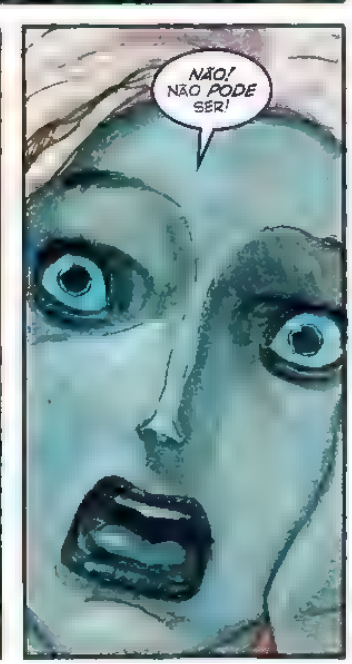
PORQUE, NO FIM, CADA SOL, CADA MUNDO, CADA GALÁXIA VÃO ENTRAR EM COLAPSO E TERMINAR, QUER SEJA EM LABAREDAS OU EM TREVAS. E, QUANDO ISSO ACONTECER, ELA ESTARÁ À ESPERA DE CADA UM DE NÓS. ESTÁ ENTENDENDO *AGORA*?
NÃO MUITO

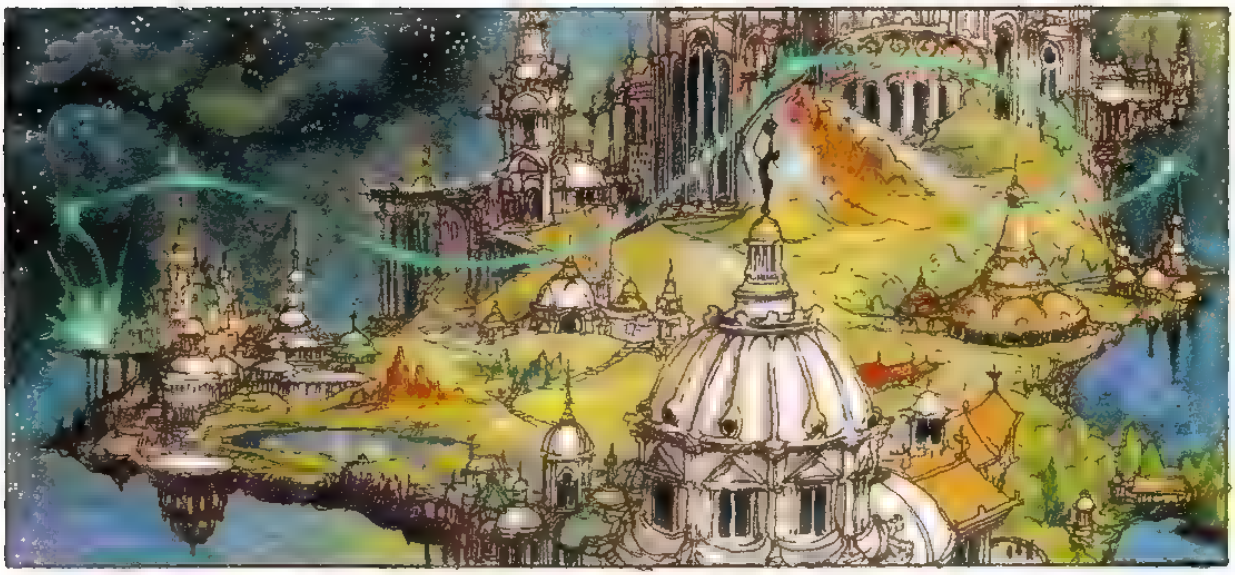
ELA É A MORTE
AH
QUER DIZER QUE... ELA É A *DEUSA* DA MORTE, A ENCARNAÇÃO OU...
NÃO, ELA *É* A MORTE. ASSIM COMO AQUELE É DESEJO. É SEU AMADO, O SONHO
CLARO QUE É O SONHO. EU O CONHECI NO REINO DOS SONHOS, E ELE ME SEGUIU DE LÁ. É O *REI* DAQUELE LUGAR...

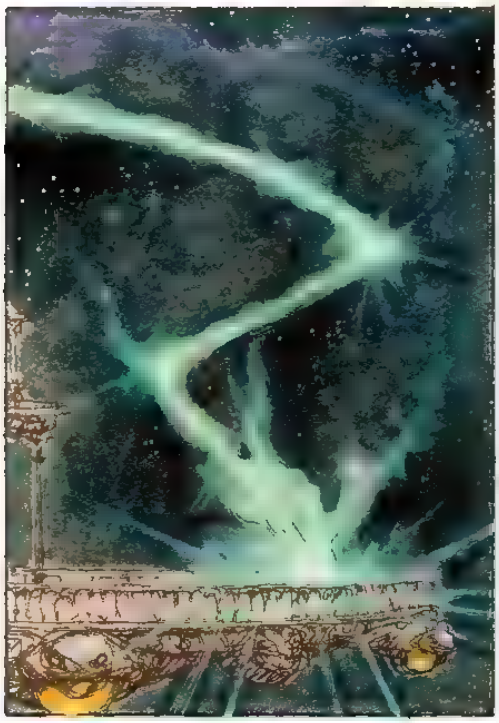
NÃO KILLALLA ELE *NÃO* É O REI. ELE *É* O SONHO. ASSIM COMO *EU* SOU STO-OA
QUE NOME *BOBO*. É COMO AS CRIANÇAS CHAMAM O SOL DO MUNDO DE ONDE VIM "*A LUZ DE OA*"

O FATO DE UM NOME SER EMPREGADO POR JOVENS NÃO O TORNA TOLO. AFINAL, EU *SOU* OU NÃO SOU A LUZ DE OA? EU RESPLANDEÇO SOBRE TODO OA, KILLALLA, DESDE QUE SEUS ANTEPASSADOS ERAM BEBÊS. EU CEDO MINHA LUZ A *VOCÊS*.

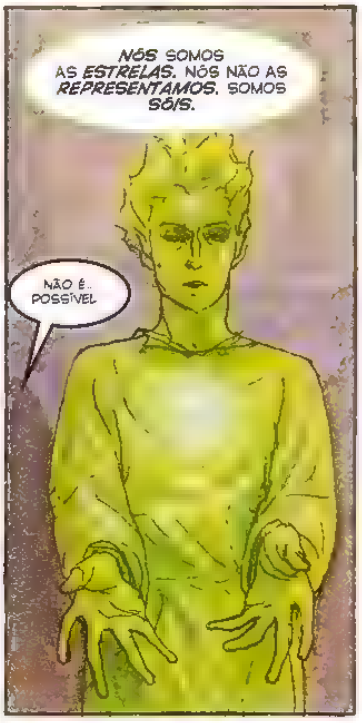
N-NÃO


NÃO! NÃO *PODE* SER!





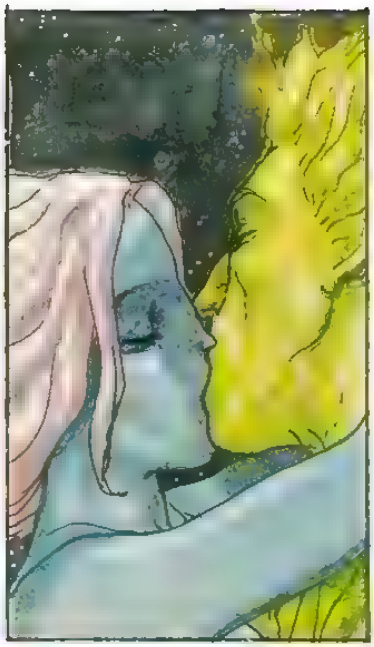
KLLALLA...?

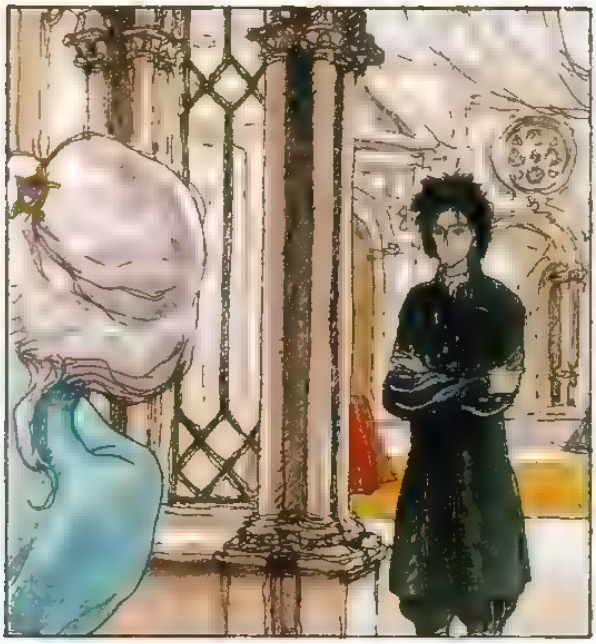

NÓS SOMOS AS ESTRELAS. NÓS NÃO AS REPRESENTAMOS. SOMOS SÓIS.
NÃO É... POSSÍVEL

MAS COMO--
NÃO NÃO DIGA NADA. É GRANDE DEMAIS, ATÉ MESMO PRA PENSAR A RESPEITO. QUER DIZER, VOCÊ É UMA ESTRELA? UM ASTRO-REI? O MEU SOL?

SEU SOL. SE VOCÊ ME ACEITAR, KLLALLA

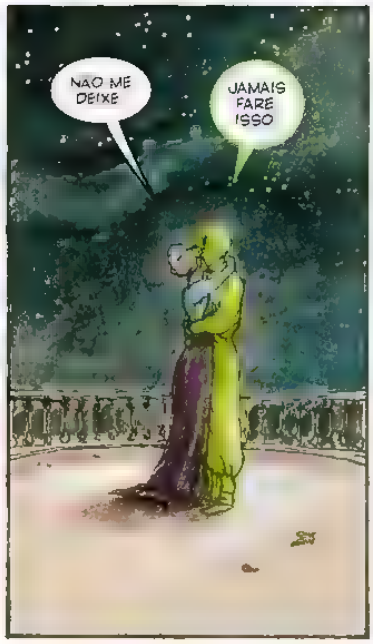
EU NÃO ENTENDO





EU ACHO . EU ACHO QUE ELE NOS *VIU*.
POR QUE ISSO O *ASSUSTA*? VOCÊ É UMA *ESTRELA*?

COM CERTEZA. SOU UMA ESTRELA. MAS ELE É *SONHO*. DIZEM QUE A MORTE É MAIS BENFAZEJA DO QUE ELE
O QUE DEVEMOS *FAZER*?
NÃO SEI


NÃO ME DEIXE
JAMAIS FAREI ISSO

PENSE BEM, RAO NÃO LHE PARECE QUE LEVAR VIDA A UM PLANETA QUE É INERENTEMENTE INSTÁVEL TORNA MAIS BELA A PRÓPRIA EXISTÊNCIA? SE, A QUALQUER MOMENTO, ELE EXPLODISSE...
EU NÃO HAVIA ENCARADO DESSA FORMA

NÃO?
NA VERDADE, SERIA PERFEITAMENTE LINDO, UMA OBRA DE ARTE IMPECÁVEL, SE UMA ÚNICA FORMA DE VIDA ESCAPASSE, PARA LEMBRAR, LAMENTAR E SE DESESPERAR
SIM, MINHA SENHORA
É BOM
Onde está Desejo, minha irmã?

AI! PERTO DA PISCINA
Obrigado.

Killalla do Fulgor está com Soo-On.
SIM
Escavam se beijando.
ESTAVAM. JÁ AVANÇARAM MUITO ALÉM DISSO AGORA. OS DEDOS QUENTES DELE ESTÃO INVADINDO AS CURVAS MACIAS E FENDAS ÚMIDAS--

Basta!
Você vê graça nisso?
NA VERDADE, VEJO.
Entendo. Então, não somos amigos, eu e você, ente de minha família. Não mais. Não se intrometa mais em meus assuntos.

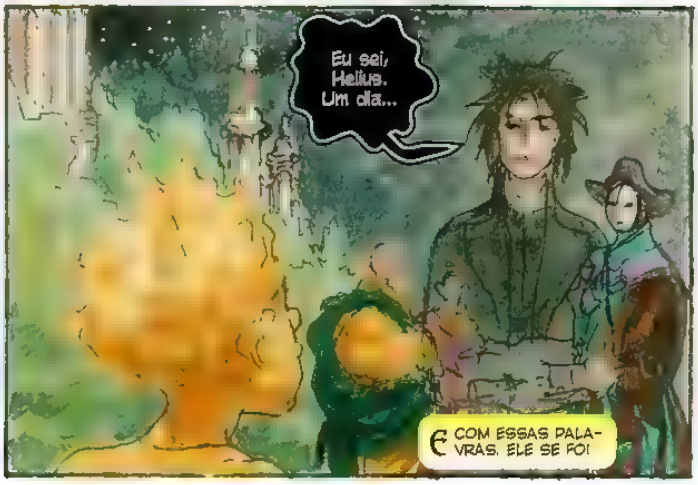
FOI UMA BRINCADEIRA.
ELE NÃO TEM SENSO DE HUMOR?
NÃO QUE EU TENHA NOTADO

Mizar?
SIM, ALTEZA
Eu excedi a permanência de minha acolhida aqui e partirei agora.

A MULHER QUE O SENHOR TROUXE CONSIGO...?
Encontrará por si só seu caminho de volta. Eu imagino que Sto-Oa há de transportá-la. Afinal, vão para o mesmo lugar.

Você, Helius. Ouvi dizer que planeja habitar alguns de seus planetas.
BEM, EU, COM CERTEZA *GOSTARIA*, OBVIAMENTE; A DECISÃO CABE AOS PRÓPRIOS PLANETAS. NENHUM DELES DESPERTOU AINDA.
Sim. Os sonhos deles são muito solitários, e lindos.

O SENHOR TEM COMO *SABER?* AH, *CLARO* QUE TEM. PO'S SAIBA, ALTEZA, QUE O SENHOR SERÁ SEMPRE BEM-VINDO EM MEU SISTEMA.


Eu sei, Helius. Um dia...
E COM ESSAS PALAVRAS, ELE SE FOI.

ELE SABIA SEU NOME, PAI?
SIM, FILHA
QUANDO EU TIVER MESMO VIDA CAMINHANDO, DANÇANDO E SONHANDO EM MINHA SUPERFÍCIE, OS PERPÉTUOS VIRÃO A MIM DE MANEIRA APROPRIADA? SONHO ESTARÁ PRESENTE?
SIM
POBRE SONHO. E O QUE ACONTECEU COM ELA? COM KILLALLA DO FULGOR?
ELA MORREU, COMO TODOS OS SERES VIVOS MORREM. ESSAS CRIATURAS NÃO VIVEM MUITO, MAS ELA FEZ STO-OA FELIZ POR UM MOMENTO E, QUANDO MORREU, ELE A TRANSLADOU PARA SEU PRÓPRIO INTERIOR, A FIM DE ARDER DENTRO DO CORAÇÃO DE UMA ESTRELA E CONFORTÁ-LO NOITE ADENTRO.
QUE BOM. POBRE STO-OA POBRE KILLALLA
VOLTE A DORMIR, MINHA FILHA. REPOUSE UM POUCO MAIS.
DURMA ATÉ QUE A VIDA A DESPERTE

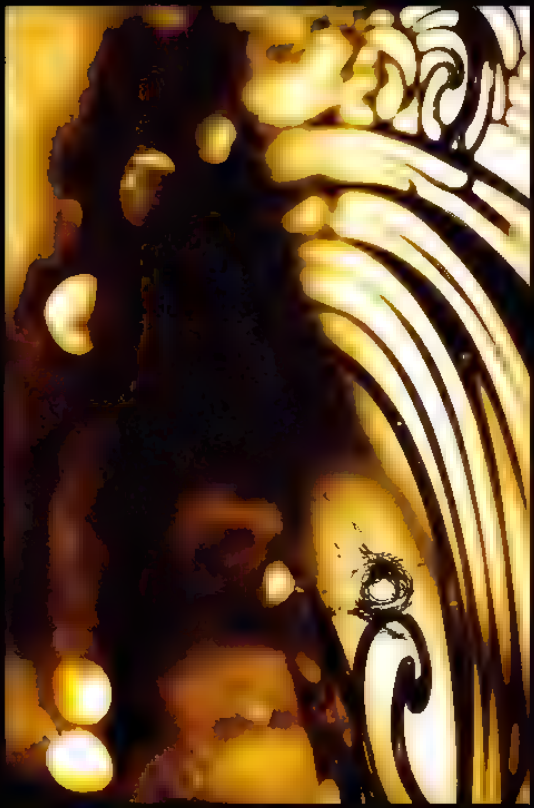
Capítulo 4:

DESESPERO

Quinze Retratos de Desespero

Arte por **Barron Storey**

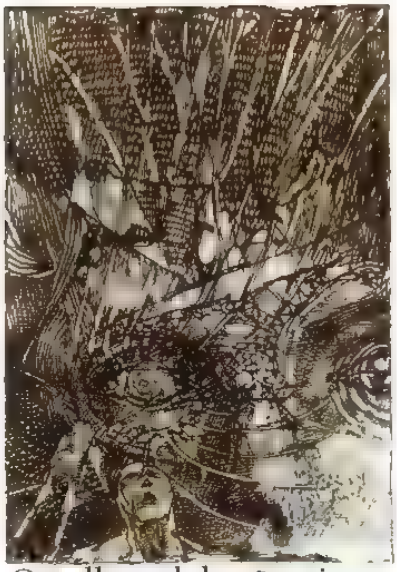
Design por Dave McKean



Para Barron Storey

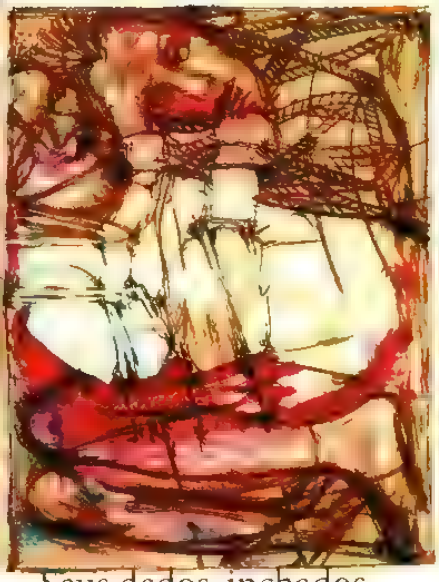
1

O primeiro retrato.



Os olhos dela são cinza.

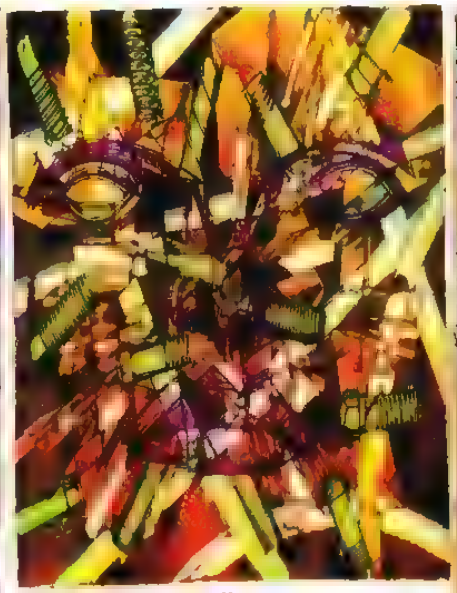
Seu cabelo é desgrenhado e úmido



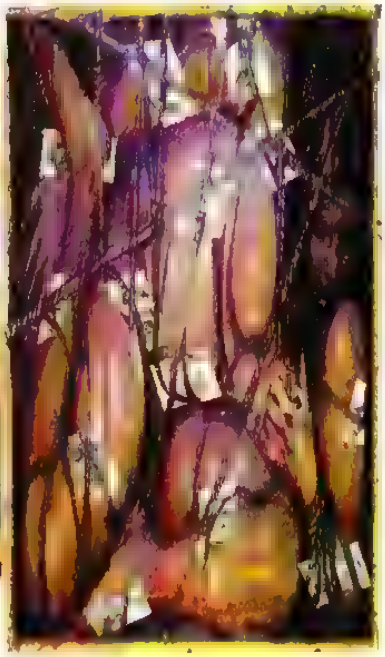
Seus dedos, inchados.

As unhas estão roídas e quebradiças.

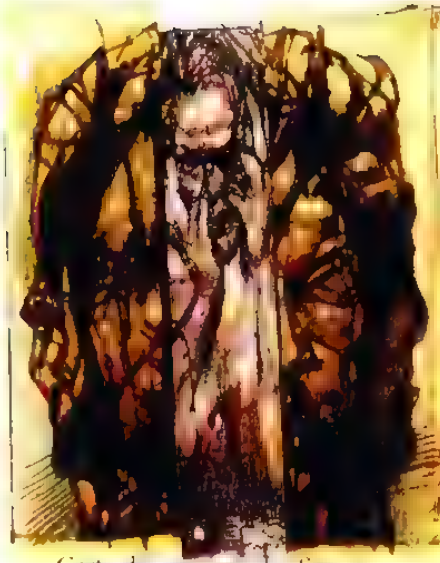
Os dentes dela são coisas tortas e chanfradas.



Há um vazio no olhar, uma sensação de ausência quando se esta perto dela que não se pode verter em palavras.

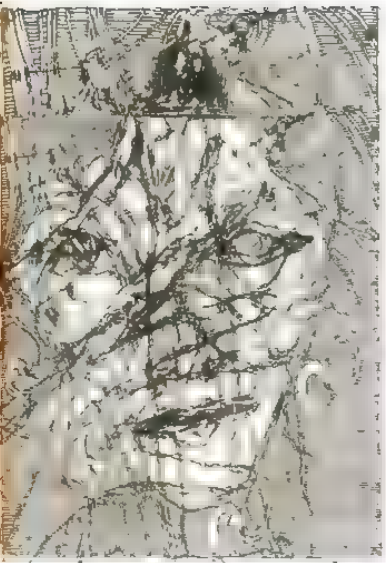


Seu signo é o anel com gancho.



Certo dia, esse gancho fisgara seu coração

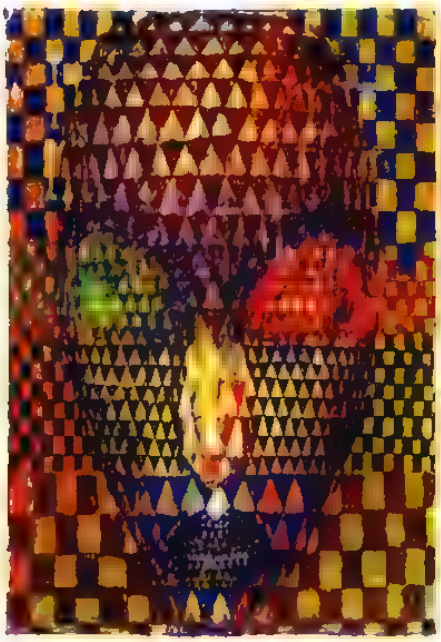
Ao descrevê-la, articulamos o que ela é e por que existe:



quando a esperança se vai, ela se faz presente.

Ela esta em milhares e milhares de salas de espera e ruas vazias, nos prédios cinza de concreto e nos hoteis anônimos.

Ela está do outro lado de todos os espelhos



Quando os olhos que retribuem seu olhar conhecem bem demais a sua alma.

e não se importam mais com o que veem, eles são os olhos dela.

[illegible] em sua postura e cor [illegible] diz mais a você que viva. Na presença dela, a alegria é inimaginável

2

Então, quando o secretário do bispo disse que queria me ver, eu logo percebi que tinha a ver com bebida. Não que eu beba demais. Sou irlandês: filho de centenas de gerações de bebedores pesados. Mas, nos dias de hoje, a igreja precisa evitar até mesmo a aparência de transgressão.

Eu sei que alguns padres frequentam o A.A. Eu não poderia comparecer como clérigo. Teria de ser *"Olá, sou Dermot"*, não *"Olá, sou o padre Byrne"*, quando eu me levantasse para prestar o meu depoimento.

E ultimamente tenho deixado as coisas desandarem um pouco.

Não era a bebida. Ele disse que, dez anos atrás, havia uma menina. Ele me mostrou a foto. Eu disse que me lembrava dela. Uma coisinha curiosa, sempre inventando histórias, suplicando atenção.

Ela afirma que você foi

inconveniente

com ela,

diz ele

Eu lhe disse que jamais.

Que poderia provar também,

mesmo depois
de todo esse tempo.

Não, diz ele. Não pode. Estamos pagando a ela três quartos de milhão, Dermot. E você precisa reconsiderar sua vocação. É exigência da seguradora, entenda.

Mas eu não fiz nada, disse eu de novo. E... e sou um padre.

É preciso que todos percebam que estamos tomando providências, diz o secretário do bispo. Nós não podemos aparentar que toleramos esse tipo de coisa. Se você permanecer na igreja, teremos de denunciá-lo à polícia.

E por quê?

Por molestar jovenzinhas, responde ele com tristeza.

Mas eu não fiz nada, disse-lhe, e pude ouvir a lamúria em minha voz, como um cão que a gente chuta quando bebe demais, um animalzinho que não consegue compreender o que acontece.

Não é justo, falei.

Não, diz ele, mas é o certo.

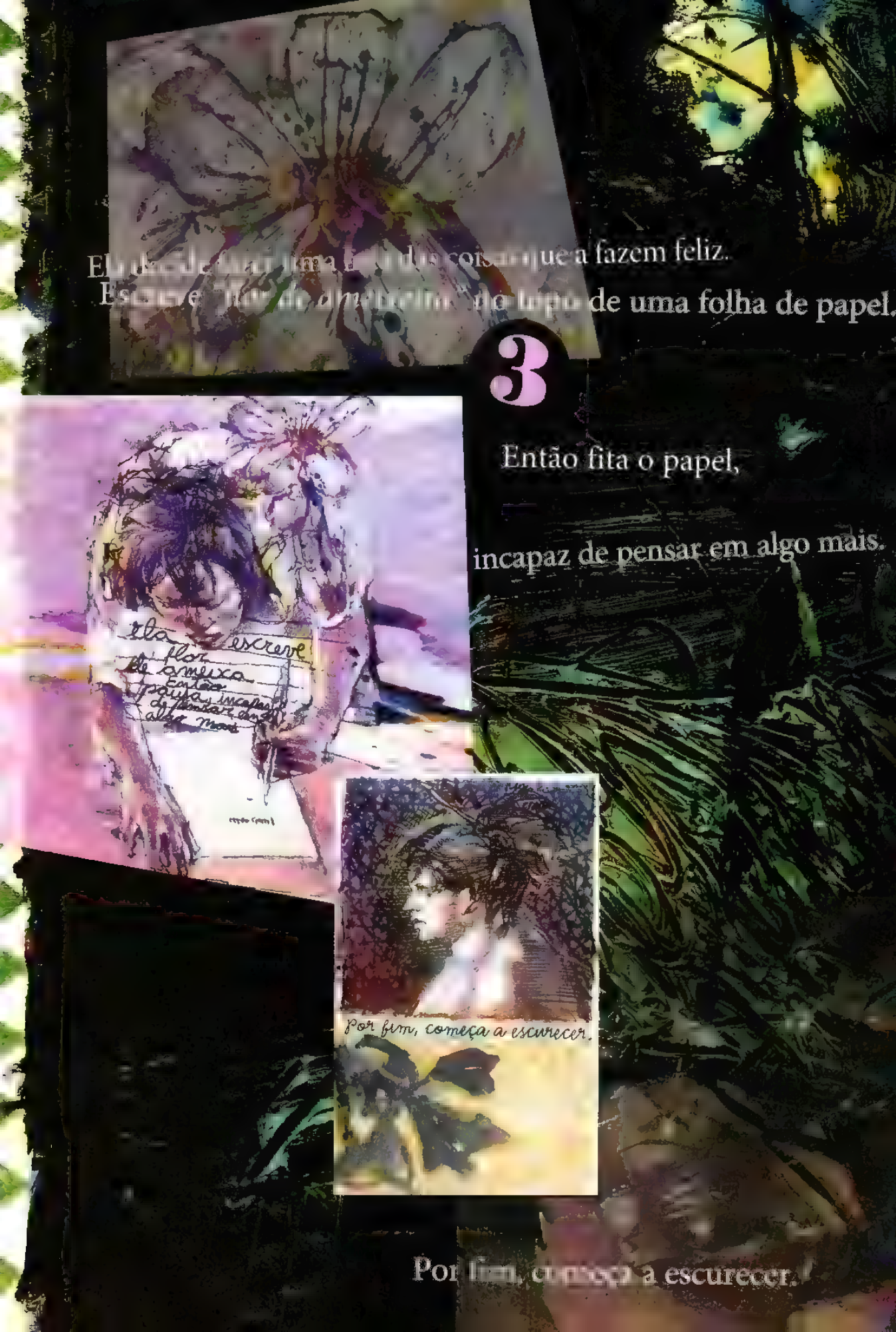
E, quando chego à porta, pensando em como não chorar, tendo a idade que tenho em começar de novo aos 54 anos, na garrafa de Canadian Club na gaveta inferior da escrivaninha de meu estúdio, eu digo:

Padre, pense por um instante. O que Jesus faria?

O secretário do bispo balançou a cabeça.

Se ele tivesse de lidar com as seguradoras, provavelmente poria você pra escanteio como estamos fazendo, disse ele sem sorrir.

Série Menina da Mamãe Número 3



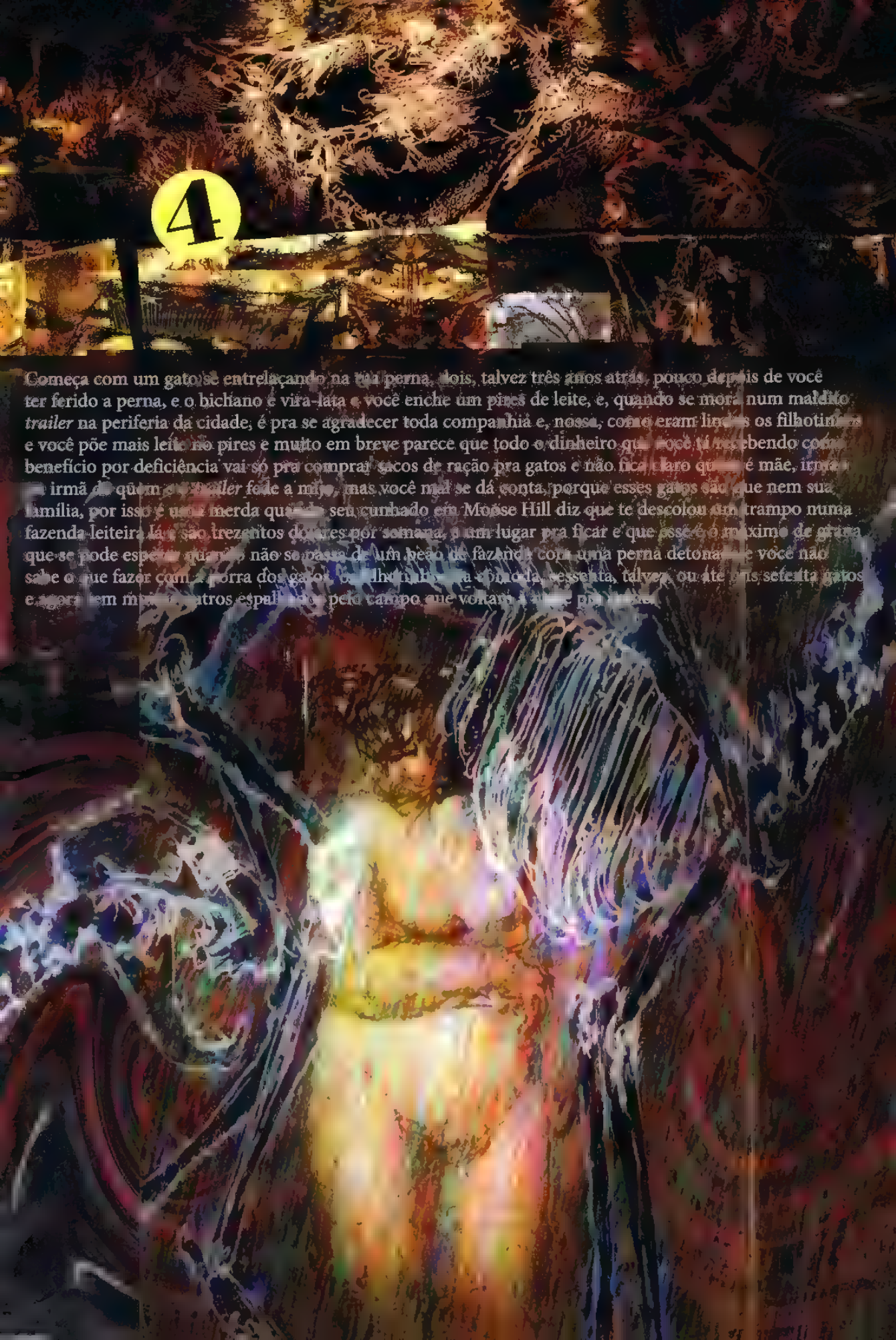
Ela pede para que uma lista das coisas que a fazem feliz.
Escreve "flor de amarelinha" no topo de uma folha de papel.

3

Então fita o papel,

incapaz de pensar em algo mais.

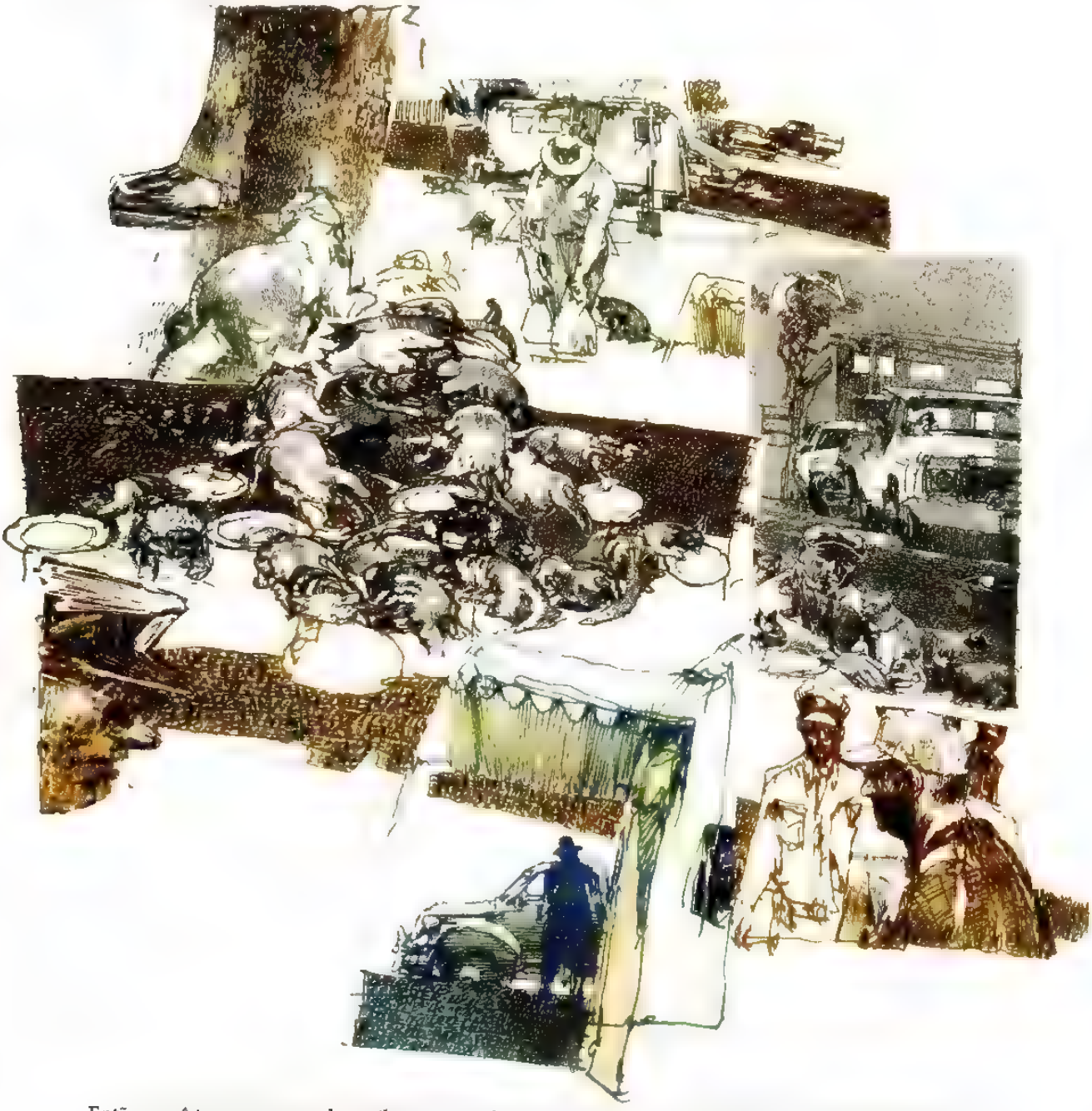
Por fim, começa a escurecer.



4

Começa com um gato se entrelaçando na tua perna, dois, talvez três anos atrás, pouco depois de você ter ferido a perna, e o bichano é vira-lata e você enche um pires de leite, e, quando se mora num maldito *trailer* na periferia da cidade, é pra se agradecer toda companhia e, nossa, como eram lindos os filhotinhos e você põe mais leite no pires e muito em breve parece que todo o dinheiro que você tá recebendo como benefício por deficiência vai só pra comprar sacos de ração pra gatos e não fica claro que você é mãe, irmã e irmã de quem o *trailer* fede a mijo, mas você mal se dá conta, porque esses gatos são que nem sua família, por isso é uma merda quando seu cunhado em Moose Hill diz que te descolou um trampo numa fazenda leiteira lá, são trezentos dólares por semana, e um lugar pra ficar e que isso é o máximo de grana que se pode esperar quando não se passa de um peão de fazenda com uma perna detonada e você não sabe o que fazer com a porra dos gatos, cerca de uma dúzia, a contada, sessenta, talvez, ou até mais setenta gatos e agora tem muitos gatos espalhados pelo campo que voltam à casa por conta.

Esteja aqui sexta-feira, diz seu cunhado, ou vão botar outro no lugar. E esse benefício por deficiência não vai durar pra sempre.



Então, você tranca a porta do *trailer* e se manda, pensando que talvez esteja de volta no fim de semana pra dar de comer pros gatos, já sabendo que não vai voltar.

E então tem o olhar no rosto do auxiliar do xerife quando ele te diz que tiveram de usar máscaras de gás pra entrar no *trailer*, que cinco dos gatos, de alguma forma, ainda tavam vivos, que sessenta, talvez mais, foram encontrados semicomidos, e ele espera que você diga alguma coisa, qualquer coisa, e você balança a cabeça e não diz coisa alguma.

5

Ele coleciona seu amante.

Guarda lascas de unha e fotografias que recortou de revistas, e uma passagem da única viagem de bonde que fizeram juntos, até um restaurante chinês, onde seu amante não seria reconhecido.

Depois do sexo, enquanto seu amante dorme, ele pega coisas, mete as na bolsa, uma camiseta que tem o cheiro do amante, cuecas, uma aspirina empoeirada extraída de seu *kit* lavabo.

Seu amante existe para ele principalmente como um corpo numa sequência de quartos de hotel.

Em seu quarto, ele fez um pequeno altar para o amante: seu maior tesouro é um preservativo com um nó na ponta, retirado do cesto de lixo, no interior do qual há gélidos despojos do sêmen solidificado do amante.

Às vezes, passa meses sem ver seu amante em pessoa. À noite, pode vê-lo na televisão.

"Se você sorrir antes do intervalo comercial", sussurra para o amante, *"significa que está pensando em mim. Se piscar agora, significa que me ama, me ama de verdade, e um dia vai vir pra ficar comigo pra sempre."*

Ele leva ao rosto a camiseta que não tem mais o cheiro de ninguém, e aguarda o amante piscar.

Não foi o [illegible] de um pelo outro ou a consciência de que ambos jamais poderiam estar juntos.

Não foi o [illegible] no beiral do telhado da casa vazia, ou o chacoalhar das [illegible] de vidro marrom, lembrando o de ossos secos.

Não foi o [illegible] com apenas uma caixa mofada de vinho tinto para [illegible]

Não foi a [illegible] despertar, com ela morta e você vivo demais.

Foi a maneira como seus dedos tremeram. Foi o [illegible]uejar e a espessura de sua lin[illegible] quando você tentou falar. Foi o som das sirenes [illegible] proximando. Foi saber que jamais teria outra ch[illegible]

"Desespero" com bonecas

Desespero se lembra.

É uma recordação peculiar e sem nuances,
na qual tudo se torna desolado e cercado por trevas.

1. 2. 3.

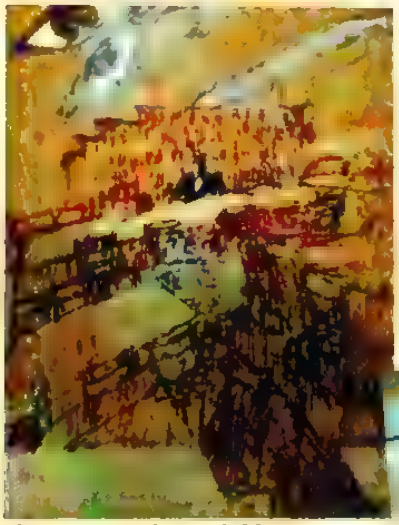
1. Verdade (Amarelo) Nosso mundo é edificado sobre as injustiças do passado.
2. Sangue (Vermelho) Todos que vivem são irmãos e irmãs. Todos morrerão.
3. Terra (Verde) Mãe de todos.

Há alegria ali,
é claro,
e amor,
e carinho.
A presença que torna a
presente ausência intolerável.

Sem triunfo,
sem amor,
sem alegria,
o trabalho dela seria em vão.

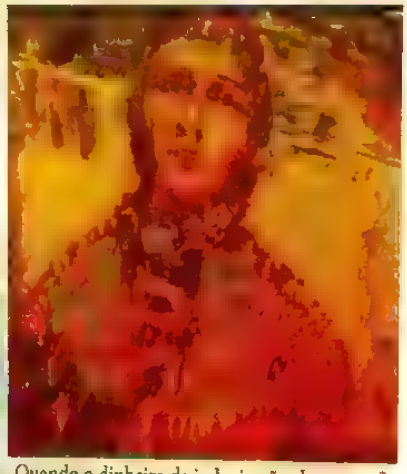
Pra começo de conversa, ele perdeu o trabalho.
Não foi culpa dele.
Foi um erro que qualquer um comete.
Acredite em mim.

Foi, então, a vergonha, não o desespero que o impeliu.
A cada dia, ele se levantava, tomava banho, se vestia, beijava a mulher e os filhos e saía de carro.



Ele passava o dia em bibliotecas,
no carro estacionado ou caminhando.

Ele se candidatou pra
trabalhos e foi recusado.



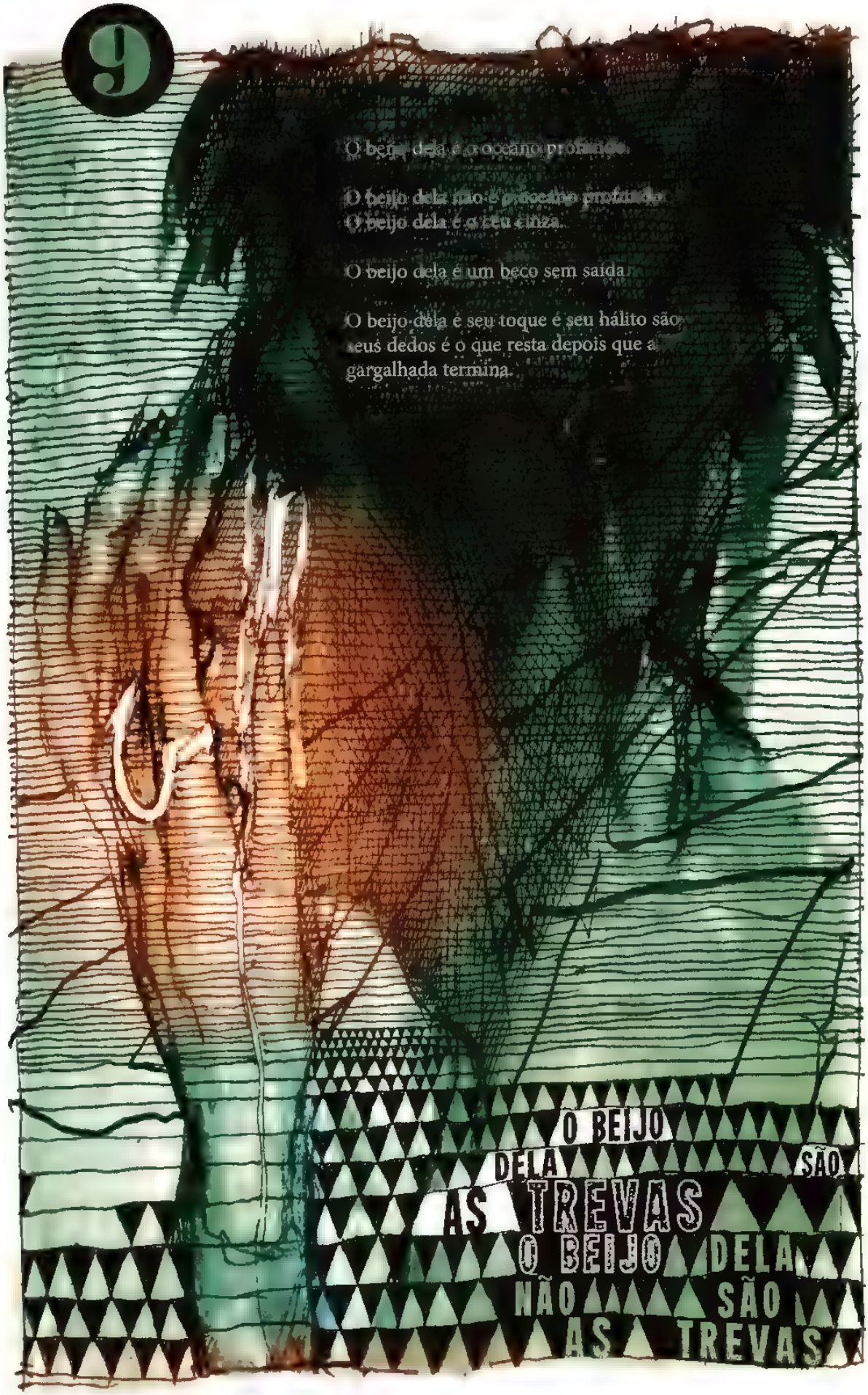
Quando o dinheiro da indenização chegou ao fim, lenta e metodicamente, esvaziou suas poupanças.
Disse à mulher que havia sido promovido.

O primeiro assalto foi fácil.
Uma carteira, joias.
Ninguém estava em casa.
Ninguém se feriu.
Praticamente um crime sem vítimas.

Hoje, sua mulher disse que a polícia havia indagado sobre seu paradeiro. Ela respondeu aos policiais que o marido estava no trabalho, e eles lhe disseram que isso era estranho, que achavam que tinha sido demitido.

Ele disse a ela que pessoas cometem erros.
Aquela garota nova na mesa de telefonia.
Mas ele não estava se sentindo bem.
Achava que ficaria em casa hoje.

Agora está no quarto,
na casa vazia,
ouvindo alguém levar a mão à campainha.
E a campainha.
Que toca.
Toca.
Toca.



O beijo dela é o oceano profundo.

O beijo dela não é o oceano profundo.
O beijo dela é o seu cinza.

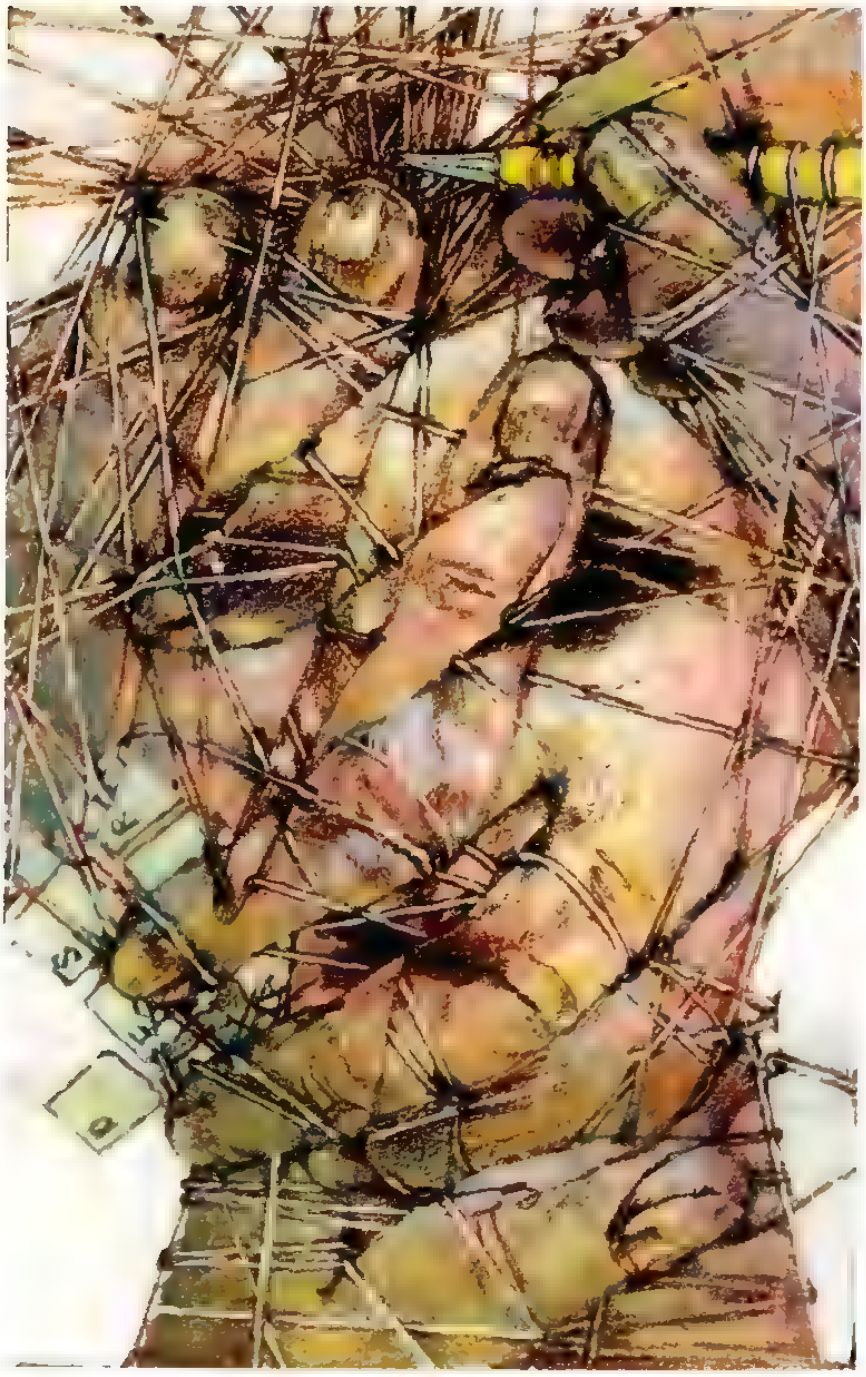
O beijo dela é um beco sem saída.

O beijo dela é seu toque é seu hálito são
seus dedos é o que resta depois que a
gargalhada termina.

COM ESTA DOR
EU TE SINTO
O beijo dela é o cão negro que
o segue nas trevas.
Há um cão negro abaixo do céu cinza, nas cercanias
do beco sem saída, à beira do oceano profundo.
Não é o beijo dela. Chegue mais perto...

10

É um escritor, ao qual não resta nada mais que consiga dizer.

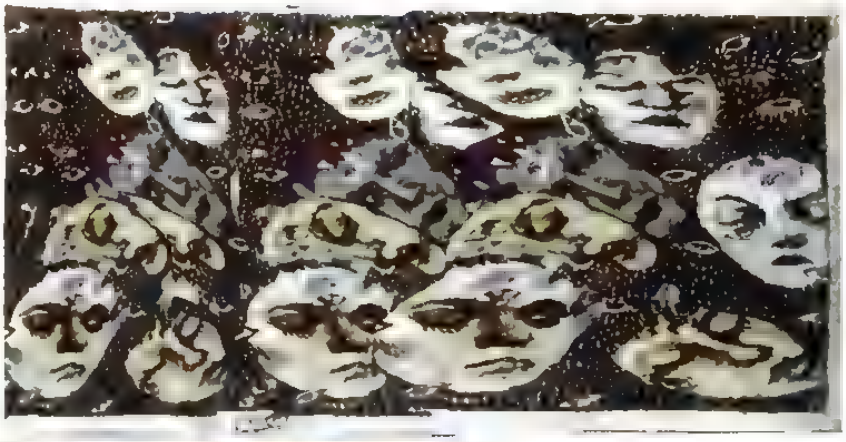


É um artista, e dedos que jamais apreenderão a visão.

12

Ele não era rico, e custou-lhe tudo que pôde extrair dos seus campos, da sua casa, de seus amigos para levar o sujeito aos tribunais. Hipotecou o próprio futuro em troca de compensação, de alívio, de Justiça. O que aconteceu com seu filho não foi direito.

E agora o juiz retorna, sua boca se abre e ele explica o veredito, suas palavras um emaranhado de termos jurídicos.

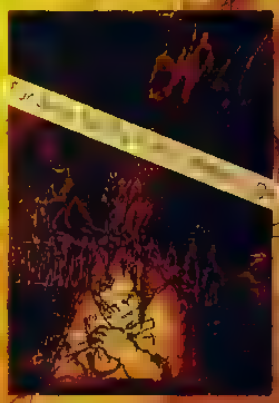


"O que ele está dizendo?", pergunta ao advogado,

mas ele já sabe, pelo sorriso no olhar de seu oponente. É o mesmo sorriso que vê no rosto dos advogados da outra parte. No rosto do juiz.

Então, sente a mão de seu advogado no braço e deseja dar cabo de si. Dar cabo de tudo. Mas sabe que o sofrimento apenas começou.

O palhacinho do tambor nA FESTa de aniVERSARio para O morto.



Remando um barcO num pântano.

A) Se não consegue [illegible] diz onde está, você não pode ser [illegible] algum. Discuta o enun[illegible] exemplos de sua própria [illegible]

B) O Infeliz são [illegible] outros [illegible] concorda? Discuta como a [illegible] se aplica ou não, no caso de:

i) O [illegible] de 1911

ii) Ou a vida de [illegible]ernon Ch[illegible] Swinburne [illegible] a morte de Walt Disney

[illegible] vas [illegible] da criaç[illegible]

(res[illegible])

C) Con[illegible] uma analogia em[illegible] a [illegible] das lágrimas ou do mar e o sal que torna um prato palatável e a[illegible] gosto, picante e sabor.

(Recomend[illegible] aos [illegible]ndos qu[illegible] façam referência à te[illegible]lha de L[illegible] ou à mulher de Ló, mas não a ambas.)

D) Se fosse Deus, eu [illegible] aboliria...

Complete com 250 palavras ou men[illegible] Aspectos práticos e a natureza humana devem ser respe[illegible]dos. A lei da conservação da felicidade não pode ser violada.

(Repre[illegible] de [illegible] pon[illegible]al.)

13

Ela havia esperado até que o marido e os filhos estivessem muito longe, e avançou de carro pela mata tomada de neve e pôs um fim em tudo. Simplesmente se entregou.

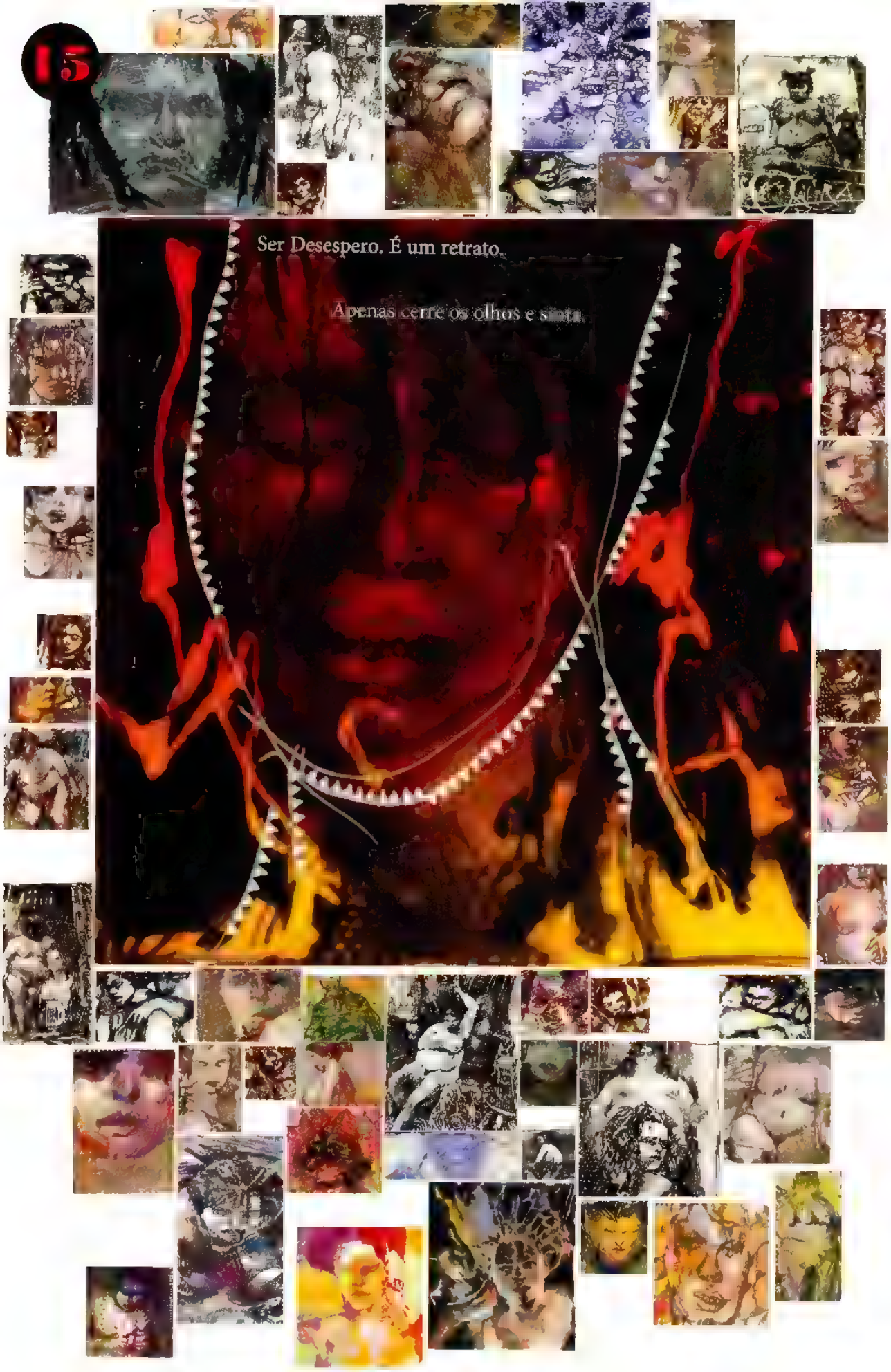
Ela queria que a dor parasse. O aperto no coração. Então, dormiu a caminho da morte, apenas despertando quando a Polícia Rodoviária encontrou seu corpo.

Quando a acharam, ela estava fria, rígida, congelada.

Uma mulher como ela, disse a policial. Era de se esperar que tivesse todos os motivos pra viver.

Ela tentou falar, lhes dizer o que tornava a dor insuportável; mas, como se colhida num pesadelo, não conseguiu se fazer ouvir. Então gritou, mas som algum lhe deixou a boca. Ela viu quando seu corpo foi levado.

Sentou-se à beira da estrada, na neve, incorpórea e amedrontada, aguardando a felicidade começar.


Ser Desespero. É um retrato.
Apenas cerre os olhos e sinta.

Capítulo 5:

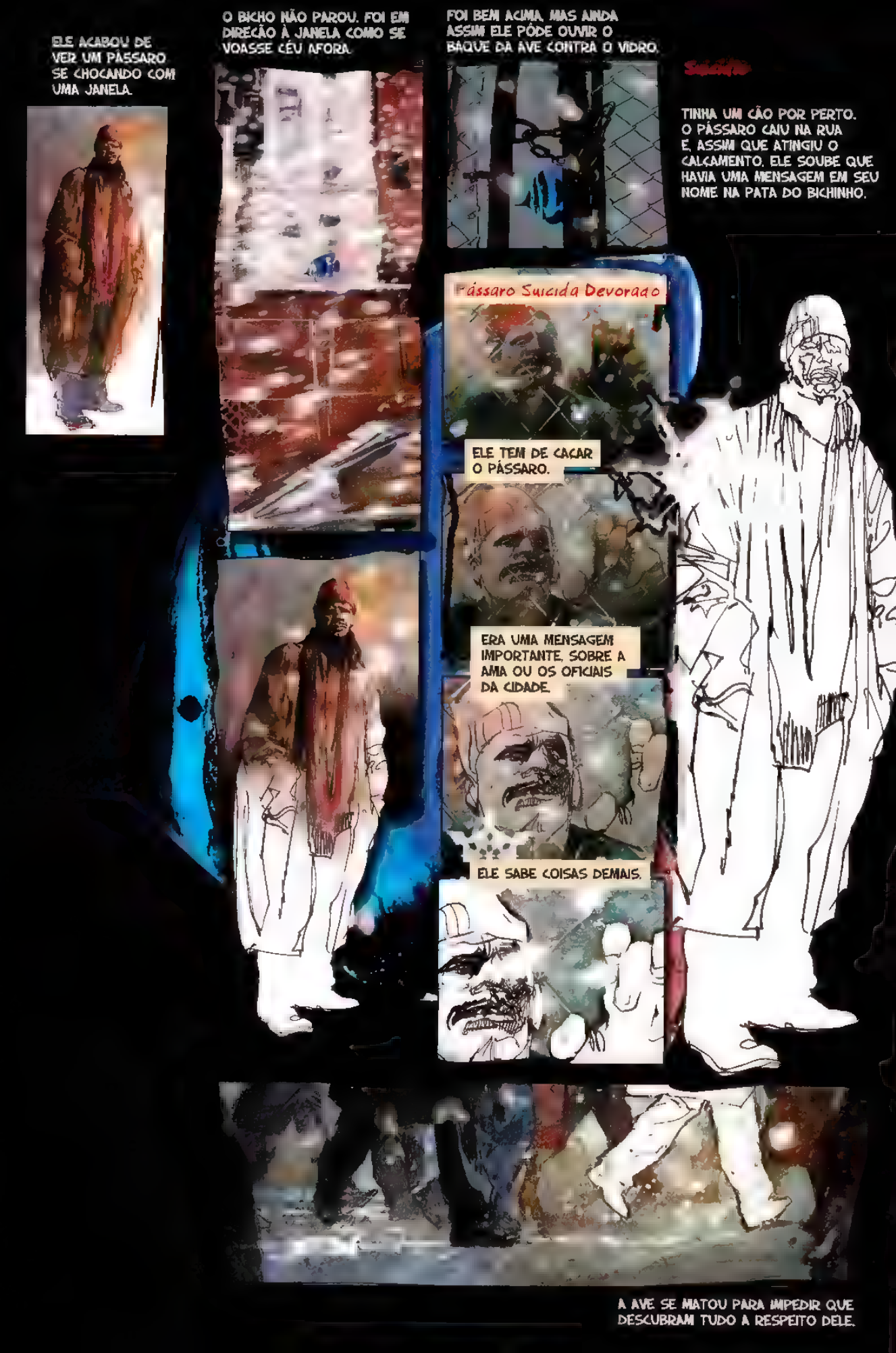
DELIRIUM

Entrando

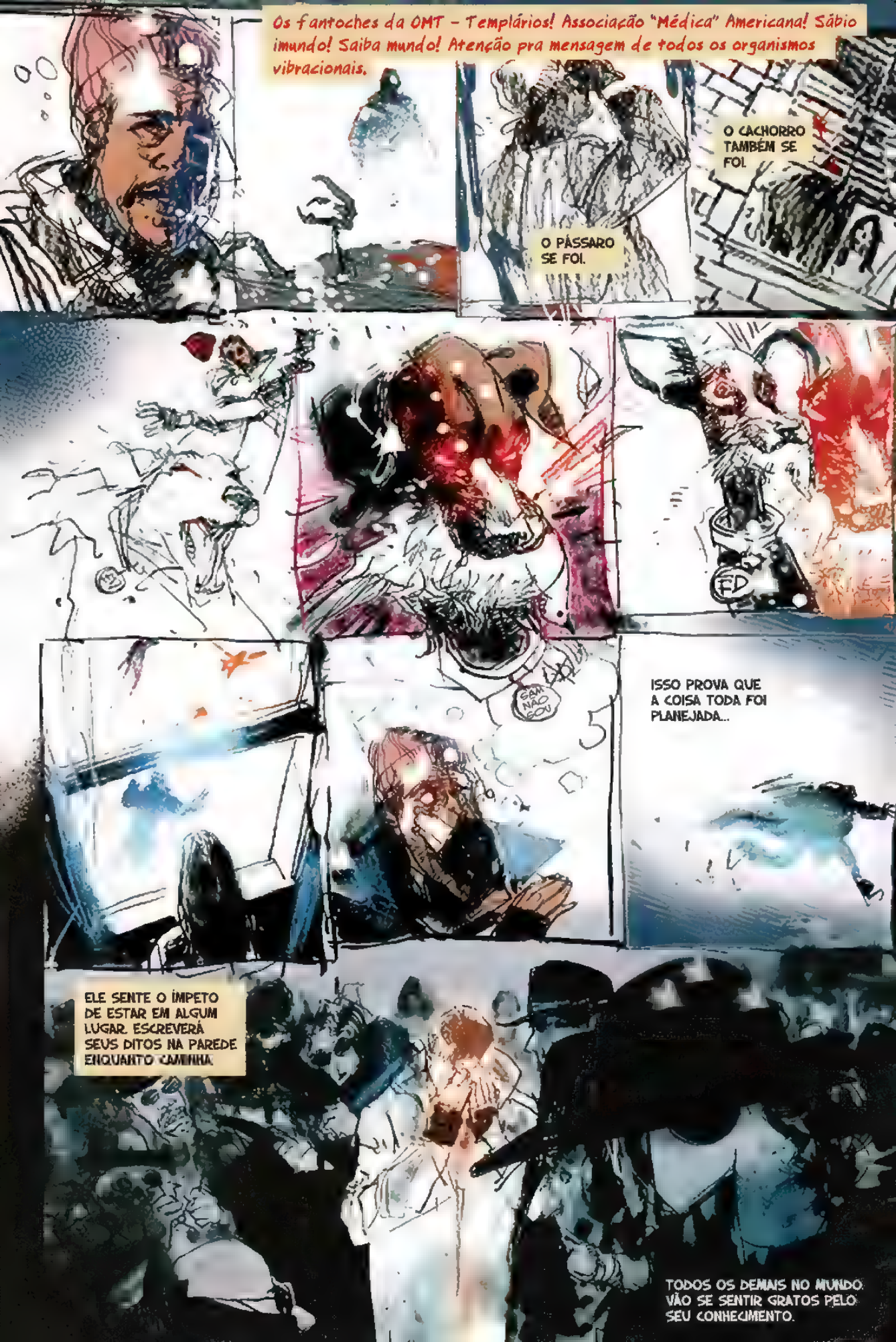
Arte por **Bill Sienkiewicz**

Ela nada diz.

Toda manhã, a mãe a veste,
porque a alternativa é não tocá-la jamais,
e a mãe até mesmo fala com a jovem,
embora esta nunca diga uma só palavra em resposta.
Todos os dias, a mãe caminha com ela pela sala,
e a senta na cadeira,
põe a música de que ela gostava antes do que aconteceu.
Nada muda.
E, em algum lugar, no fundo da cabeça da jovem...
...ela pode se ver gritando.


ELE ACABOU DE VER UM PÁSSARO SE CHOCANDO COM UMA JANELA.
O BICHO NÃO PAROU. FOI EM DIREÇÃO À JANELA COMO SE VOASSE CÉU AFORA.
FOI BEM ACIMA, MAS AINDA ASSIM ELE PÔDE OUVIR O BAQUE DA AVE CONTRA O VIDRO.
TINHA UM CÃO POR PERTO. O PÁSSARO CAIU NA RUA E, ASSIM QUE ATINGIU O CALÇAMENTO, ELE SOUBE QUE HAVIA UMA MENSAGEM EM SEU NOME NA PATA DO BICHINHO.
Pássaro Suicida Devorado
ELE TEM DE CAÇAR O PÁSSARO.
ERA UMA MENSAGEM IMPORTANTE, SOBRE A AMA OU OS OFICIAIS DA CIDADE.
ELE SABE COISAS DEMAIS.
A AVE SE MATOU PARA IMPEDIR QUE DESCUBRAM TUDO A RESPEITO DELE.

Pássaro Suicida Devorado pela Rua.
O Cachorro Sabe.
QUANDO VÊ ALGO ESCRITO ASSIM...
...ELE COMPREENDE QUANTO É IMPORTANTE.
O MUNDO DEVE SER AVISADO ELE DECIDE, ENTÃO, ACRESCENTAR UM ALERTA.
Espero que dê certo, só isso.
Se você pintar essa mensagem,
Rua Sete, 1334
vai sofrer dano físico de
QUEM ESTARIA POR TRÁS DISSO? OS CATÓLICOS? OS TEMPLÁRIOS? A AMA DE NOVO?


Os fantoches da OMT - Templários! Associação "Médica" Americana! Sábio imundo! Saiba mundo! Atenção pra mensagem de todos os organismos vibracionais.
O CACHORRO TAMBÉM SE FOI.
O PÁSSARO SE FOI.
FD
SAM NÃO GOU
ISSO PROVA QUE A COISA TODA FOI PLANEJADA...
ELE SENTE O ÍMPETO DE ESTAR EM ALGUM LUGAR. ESCREVERÁ SEUS DITOS NA PAREDE ENQUANTO CAMINHA.
TODOS OS DEMAIS NO MUNDO VÃO SE SENTIR GRATOS PELO SEU CONHECIMENTO.

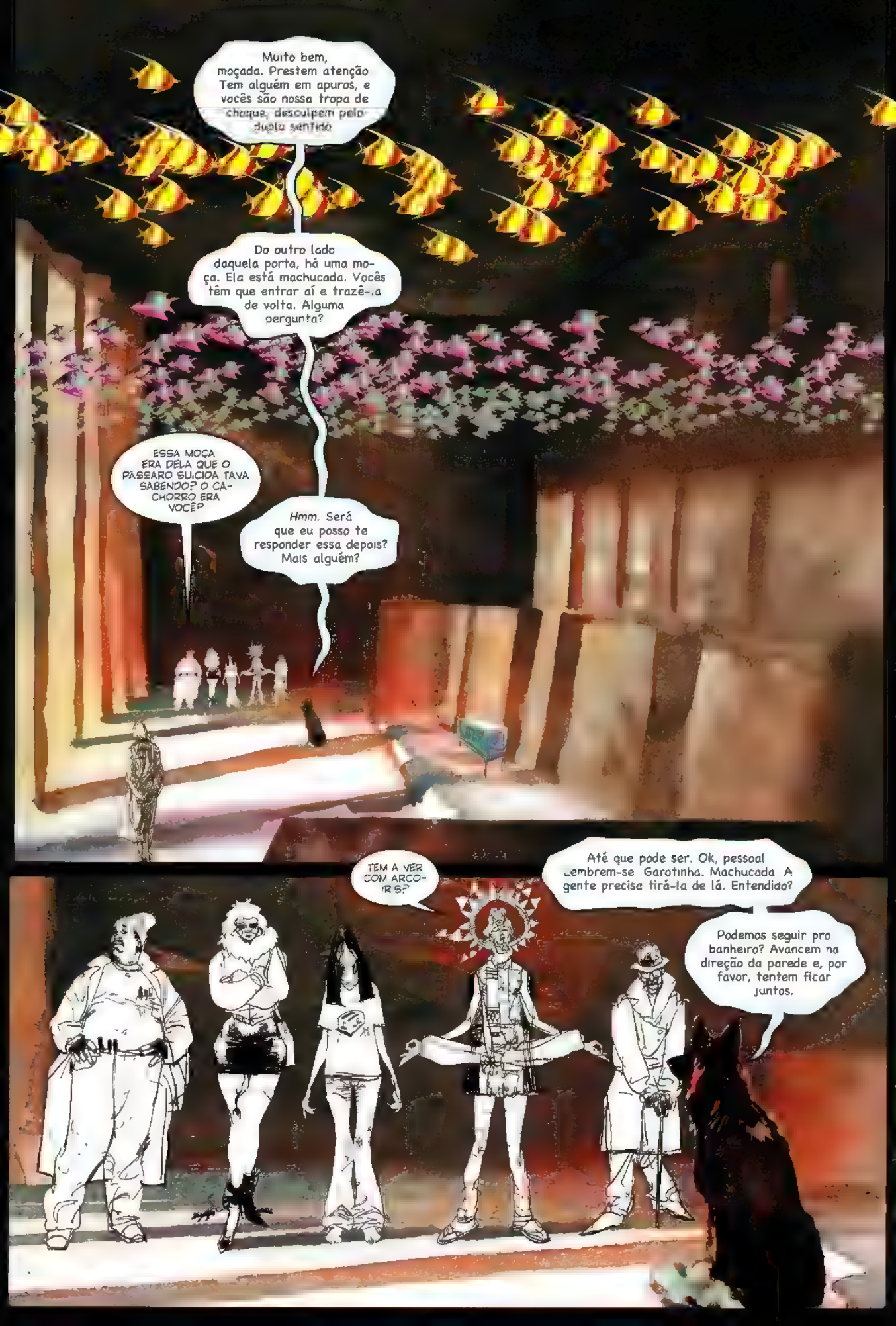
Preste atenção. Ela tinha 21 anos (2+1=3) quando descobriu o grande segredo.
Homens também tinham bebês.
Depois, os homens retiraram seu útero, substituíram-no por lagartos e peixes. Foi então que ela soube.
Homens têm bebês. Eles não querem que saibamos. Mulheres têm todo o trabalho. Eles retiram nosso útero. Riem de nós. Ela tem alguns animaizinhos dentro do peito, talvez um camundongo, rastejando-se de um lado para outro como um calombo. No momento, está em seu ombro.
Quando ela tinha doze (1+2=3. Pronto. Isso confirmou tudo), uma garota cuspiu em sua língua e lhe disse de onde vêm os bebês.
No útero, com os lagartos esperando.
Ela escreveu para o Presidente da última vez que a retiraram das ruas, e disse: "Clonaram meus gêmeos, todos os meus bebês".
"Fala pra me devolverem. E dê pra gente um pouco do brilho do sol, passeios de pônei, sorvete e um lugar pra ir..."
NÃO ESCREVA ISSO! NÃO CONTE NADA!
ELE E ENCAR AMBOS CAMINHAM JUNTOS...

Minha missão é relatar tudo.
Nunca deixo meu quarto até a meia-noite enquanto faço relatos dos Meninos do Céu e suas jornadas através dos Infinitos Infernos seis mil páginas até o momento nunca menos de dez páginas por dia a cada dia que eu deixo de cumprir a meta de dez páginas eu me bato nas partes privadas com uma régua para me castigar pela fraqueza da carne a dor e sem mim os meninos do céu estarão perdidos.
Se eu não relatar o que fazem, os Menininhos estarão para sempre perdidos no inferno sendo torturados por demônios com facas e ganchos e faixas e réguas.

O que estou fazendo longe do meu quarto?
Eu deveria voltar ao meu quarto enquanto Nicholas Menino do Céu lidera as forças rebeldes em um ataque contra o Mestre Exibidão do Inferno para resgatar seus amigos das meninas festeiras.
Sem mim, eles podem morrer. O tempo urge.
Alguma ideia de quantos conseguimos até agora?
Os Meninos do Céu precisam de mim.
Florescia em pessoas que passavam e o presenteavam com cogumelo, ácido, peiote ou absinto destilado em casa até que tudo assumiu uma tonalidade de arco-íris que jamais o deixou inteiramente: sua vida é da cor da infância.
Ele tem livros de Dick. Recentemente, cuida para se recobrir de papel-alumínio antes de dormir.
O terceiro olho. Você passa anos fazendo tudo que pode para abri-lo e então, um dia, a porra se abre e seus amigos riem da sua cara quando você lhes diz que pode ver a alma de cada um deles por trás dos olhos ardendo como arco-íris.
Então, o quarto olho se abriu e o quinto também, bem como aqueles na ponta dos dedos, e tudo, nas beiradas, cintila como arco-íris...
Ele tem de partir
PHILIP K. DICK

Em algum lugar no fundo da cabeça da jovem, ele ainda está sobre ela, comprimindo seu rosto a ponto de impedi-la de respirar (e ela está pensando em todas as coisas que nunca foi e decidindo friamente que o mais sensato agora seria enlouquecer ou virar nada, vida e vida apenas) e depois disso tudo ficou mais difícil se manter íntegra.
"Eu perguntei se você tem ideia de quantos pegou."
"Quatro. Talvez cinco."
Só isso? Numa cidade desse tamanho?
"Eu emiti o chamamento, Barnabás. Não posso fazer mais do que isso. Deve haver mais deles à solta, mas esses foram os que ouviram."
"Estão vindo em nossa direção."
"MENOS DO QUE MEIA DUZIA DE DOIDOS. E A GENTE NEM SABE SE VAI DAR CERTO."
Eles são tudo que temos, Matthew. Isso e a esperança.

ISSO ME FAZ LEMBRAR DE UMA HISTÓRIA QUE OUVI SOBRE UM INCÊNDIO NUM HOSPÍCIO, E TODOS OS MÉDICOS E ENFERMEIROS ENTRARAM EM PÂNICO, TÁ LIGADO? A GENTE VAI MORRER E COISAS DO TIPO.
E ENTÃO, NA MAIOR TRANQUILIDADE, OS PARANOICOS LEVAM TODO MUNDO PRA FORA EM SEGURANÇA. SABE, ELES SABIAM QUE ALGUMA COISA RUIM IA ACONTECER, ENTÃO, JÁ TINHAM CONFERIDO AS SAÍDAS. TAVAM PREPARADOS.
Esse é o nosso esquadrão de resgate? Minha nossa.
Não os julgue pela aparência, Barnabás.
Afinal, são tudo que temos.


Muito bem, moçada. Prestem atenção Tem alguém em apuros, e vocês são nossa tropa de choque, desculpem pelo duplo sentido
Do outro lado daquela porta, há uma moça. Ela está machucada. Vocês têm que entrar aí e trazê-.a de volta. Alguma pergunta?
ESSA MOÇA ERA DELA QUE O PÁSSARO SUICIDA TAVA SABENDO? O CACHORRO ERA VOCÊ?
Hmm. Será que eu posso te responder essa depois? Mais alguém?
TEM A VER COM ARCO-IRIS?
Até que pode ser. Ok, pessoal Lembrem-se Garotinha. Machucada A gente precisa tirá-la de lá. Entendido?
Podemos seguir pro banheiro? Avancem na direção da parede e, por favor, tentem ficar juntos.

"O QUE VOCÊ ACHA?
"Eu confesso que nenhum deles me inspira confiança."
"É, mas você ou eu podemos entrar lá quando ela está nesse estado?"
"Não, amigo cão. Creio que nenhum de nós possa adentrar e voltar com a mente intacta."
Ela não está falando. Não sabe onde está. SAI. Ela queria dizer SAI DE CIMA DE MIM, mas a mão dele estava sobre seu rosto e batendo sua fronte com tanta força contra a parede e foi então que percebeu que era mais fácil escorregar para dentro.
Ela ainda esta la dentro
O que ela quer saber é o seguinte.
Por que há tanta gente lá dentro com ela?

ELE APANHA UMA CANETA DE PONTA FINA E COMEÇA A ESCREVER ENQUANTO AVANÇA. O pássaro suicida sabia que iam machucá-la. Não pinte essa mensagem.
ENQUANTO ESCREVE, AS FORMAS ABAIXO DE SUAS PALAVRAS PARAM DE SE CONTORCER E MANTÊM A ESTRUTURA.
ELE DEIXA UM RASTRO DE MENSAGENS ATRÁS DE SI.
BLOOD
BUGS
BUGS
BUGS
BUGS
BUGS
Ela abre a boca e saem peixes. Não apenas um peixe. Centenas, talvez. É libertador saber que a estão deixando, mas isso também a faz se sentir solitária.
"Vocês sabem que homens têm bebês?"
"Qualquer um sabe que homens têm bebês"; todos lhe dizem enquanto cintilam ao redor do céu.
Stella!
"Tem uma menina", ela lhes diz. "Ela está machucada."
"Nós sabemos disso", responderam com tristeza. Então, começaram a cantar. Ela não sabia que eram tão adoráveis as canções dos peixes.
Havia coisas tão maravilhosas dentro dela. Quem diria? Quem poderia imaginar?
"Ei, manhã! Adivinha o que eu sou! Um Carcharadon carcharias!"

O que ele havia esperado? Uma infinitude de arco-íris. Infinitude. Enfin. Etude. Nós participamos do espectro Seu terceiro olho se abre
"Avante!", ele conclama seus soldados. Sua voz ecoa comando.
Um rastro viscoso feito de peixes reluzentes como prata cintila pelo céu
"Sigam esses peixes!", ele grita
Ele segue o peixe.
Sua equipe o segue.

Sei onde estou, é claro. Aqui é o inferno sobre o qual escrevi no volume 24 da saga do Menino do Céu, o Inferno do Kennedy, chamado assim não por causa do presidente, um bom católico, e eu tenho absoluta certeza de que foi por isso que atiraram nele, mas por causa de um menino que conheci.
Anos atrás organizei uma exibição de arte no porão da escola onde eu trabalhava. Deixei um aviso no quadro de avisos MOSTRA DE ARTE HOJE, PORÃO DO FAXINEIRO, e à tarde alguém o havia retirado e eu o encontrei na cesta de lixo aquela noite e desamassei antes de queimá-lo, mas mesmo assim.
Depois das aulas, um menino desceu ao meu porão e perguntou: "É aqui que está acontecendo a mostra de arte?", e eu disse que sim, e o menino caminhou com muita severidade, olhando as imagens dos Meninos do Céu cruzando os dezessete Infernos e no fim ele apenas disse: "Obrigado".
Eu perguntei: "Como você se chama?"
Ele respondeu: "Brian Kennedy".
No dia seguinte, o vice-diretor me chamou num canto. "Chega de mostras de arte", ele disse. Quase partiu meu coração.
Eu falo pra todos: "Por aqui", quando hesitam.
Os Meninos do Céu levam-nos adiante. Os Meninos do Céu lutam por nós.
Eu lhes digo que há uma menina que está machucada.
Eles dizem: "Nós sabemos! Nós sabemos! Por aqui! Por aqui!"
"ENFIM, ESTUDE O ARCO-ÍRIS ME CEGA!"
"AVANÇO NUM ATAQUE DE TUBARÃO!"
"QUE A ÁGUA CEGA?"
"ENDURE COMO AS MONTANHAS."
"COMENDO! ESTRAGO!"
"NÃO CHEGUEM PERTO!"
"QUE DINAMITE!"
"TUDO BEM, EU TAMBÉM ESTOU MEIO DA MÃO."
"VOCÊ ESTÁ MÁ-CHUCADA."

ELES SAEM, SEGUINDO UMA TRILHA DE MENSAGENS QUE PAIRAM EM MUNDOS ALTERNANTES:
não tem caminhão com pássaros suicidas
É UMA DAS MENSAGENS.
ELAS SÃO ESCRITAS EM BORRÕES E EM IMAGENS RESIDUAIS NO AR.
BEBÊS CAVALGANDO LAGARTOS PRATEADOS CUIDAM PARA QUE CRUZEM EM SEGURANÇA AS TREVAS.
OS LAGARTOS ENTOAM AS CANÇÕES MAIS BONITAS QUE QUALQUER UM DELES JÁ OUVIU.
ELE NÃO TEM ALEGRIA NO CORAÇÃO. SUAS MENSAGENS FORAM OUVIDAS.
Ela conhece a música que os peixes cantam. Sussurra essa canção com tristeza, sabendo que, uma vez que os peixes nos deixam, eles jamais podem voltar.
Ele tem paz na alma. Toda sua imaginação é conhecimento. Ele fará a pregação da prata. Espalhará o evangelho do arco-íris.
A prioridade, esta noite, será a régua para me castigar por ter saído sem fazer o dever.
Depois, os Meninos do Céu. Dez páginas ainda. Talvez doze. Eu tenho centenas de páginas para escrever e desenhar antes de poder morrer, e dói mais e mais a cada dia.
Eles estão chegando em casa

TUDO BEM. TAMBÉM ME MACHUQUEI ME DÁ A MÃO
E então eles estão de volta à mansão caindo aos pedaços no inverno e as duas meninas ainda estão se abraçando com firmeza, como se jamais quisessem se largar.
EU ESTOU... EU ESTOU AQUI? FIQUEI TANTO TEMPO AQUI DENTRO...
Bem-vinda de volta.
OLÁ, CACHORRINHO.
Você nos deu um susto. Não faça mais isso.
EU MACHUQUEI.
"ALGUÉM DEVE TER SE-QUESTRADO A COITADINHA."
"NÃO SERIA O CASO DE ELA APENAS TER SE PERDIDO, MINHA SENHORA?"
"NÃO! ELA... SINTO MUITO. ELA ESTEVE QUASE CATATÔNICA POR CERCA DE UM ANO... NÃO SE LEVANTA SIMPLESMENTE E SAI ANDANDO..."
OI, MÃE VOLTEI PRA CASA

PARECE QUE, ÀS VEZES, É EXATAMENTE ISSO QUE ACONTECE

EU CONHECI UMA MOÇA E ELA ESTAVA MACHUCADA. EU A ABRACEI. HAVIA UM HOMEM QUE VIA ARCO-ÍRIS, OUTRO QUE VIA MENINOS BONS DE CORAÇÃO, UMA MOÇA QUE TINHA BEBÊS MÁGICOS E UM HOMEM QUE ESCREVIA

BEM, PARECE QUE VOCÊ VIVEU UMA AVENTURAZINHA E TANTO

A MENINA QUE EU VI MAMÃE, POR QUE ELA ESTAVA TÃO MACHUCADA?

TALVEZ TENHA ACONTECIDO ALGUMA COISA COM ELA, QUERIDA.

É MELHOR VOCÊ VOLTAR PRA CAMA.

EU PASSEI TEMPO DEMAIS DE TADA

ISSO JÁ ACABOU

POSSO DEIXAR QUE SE VÁ

Eu ouvi as línguas do apocalipse, e agora acolho o silêncio.

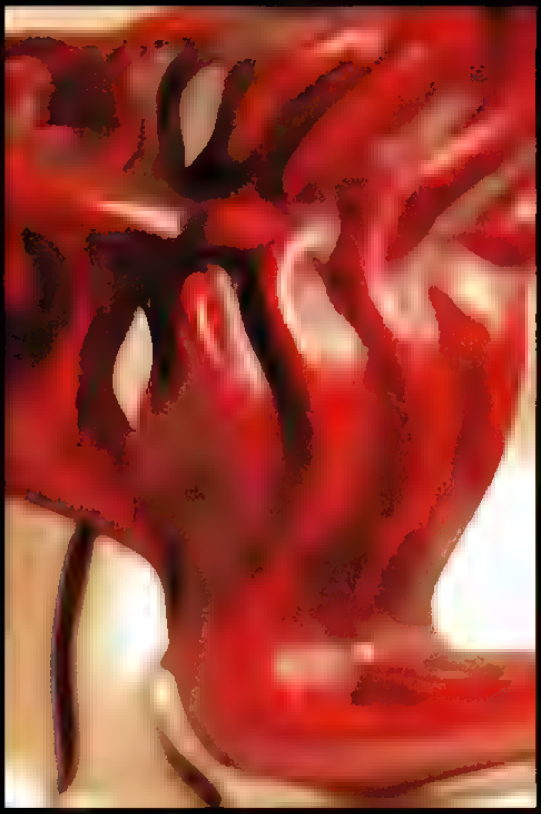
Capítulo 6:

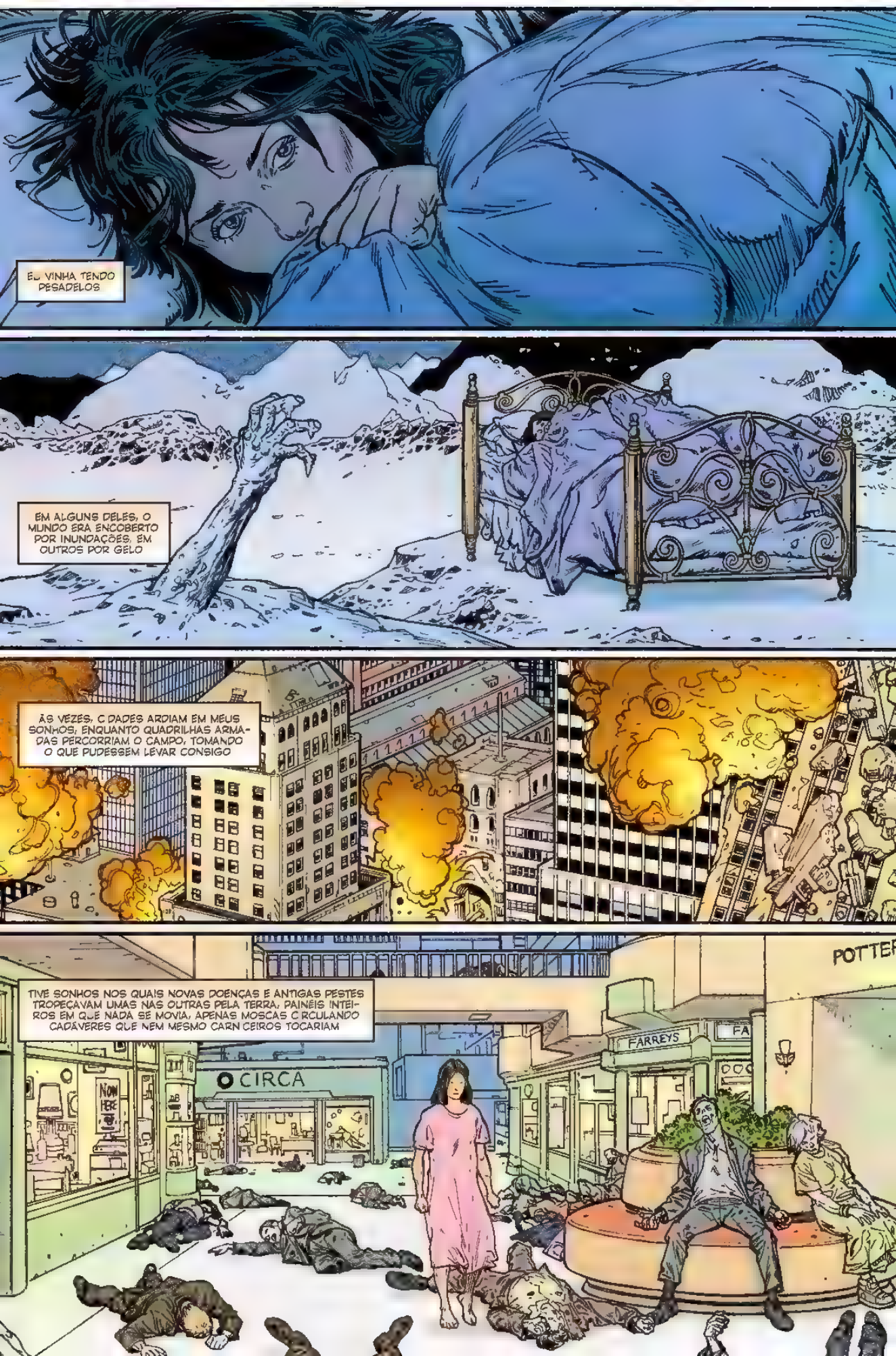
DESTRUIÇÃO

Na Península

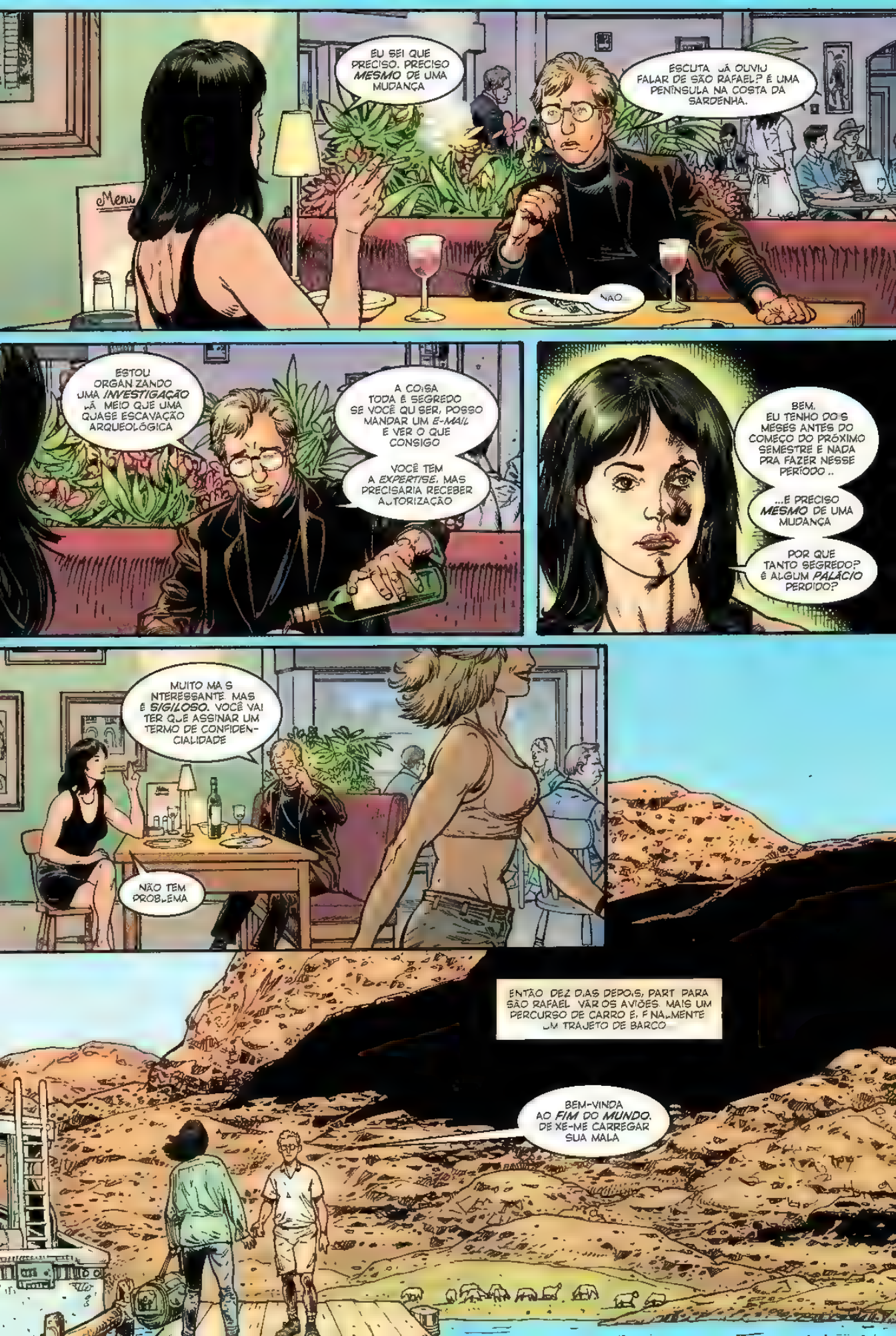
Arte por **Glenn Fabry**

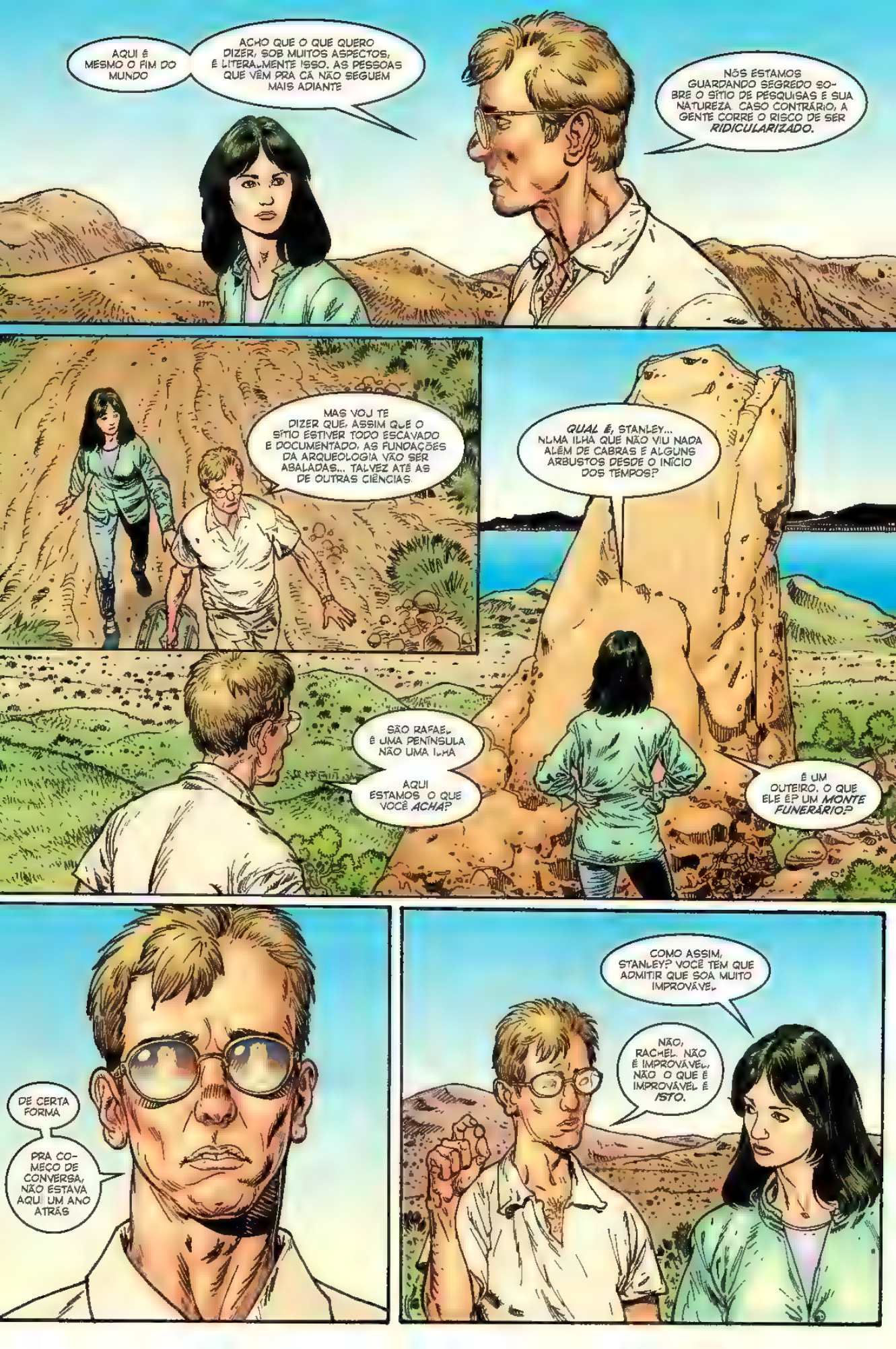
Cores por Christopher Chuckry




EU VINHA TENDO PESADELOS
EM ALGUNS DELES, O MUNDO ERA ENCOBERTO POR INUNDAÇÕES, EM OUTROS POR GELO
ÀS VEZES, CIDADES ARDIAM EM MEUS SONHOS, ENQUANTO QUADRILHAS ARMADAS PERCORRIAM O CAMPO, TOMANDO O QUE PUDESSEM LEVAR CONSIGO
TIVE SONHOS NOS QUAIS NOVAS DOENÇAS E ANTIGAS PESTES TROPEÇAVAM UMAS NAS OUTRAS PELA TERRA; PAINÉIS INTEIROS EM QUE NADA SE MOVIA, APENAS MOSCAS CIRCULANDO CADÁVERES QUE NEM MESMO CARNICEIROS TOCARIAM
POTTER
FARREYS
CIRCA
NOW HERE

TODA NOITE, OS SONHOS PIORAVAM
AS VEZES, SE NF LTRAVAM NO MEU D A
NO SMOKING
SNAX
"É DE MUDANÇA QUE VOCÊ PRECISA"

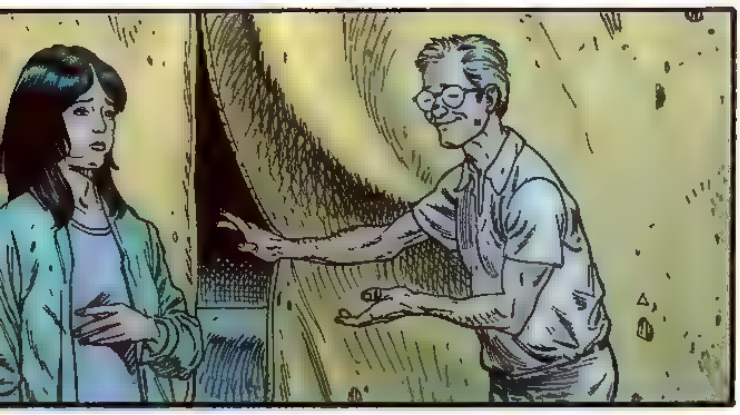

EU SEI QUE PRECISO. PRECISO *MESMO* DE UMA MUDANÇA
ESCUTA. JÁ OUVIU FALAR DE SÃO RAFAEL? É UMA PENÍNSULA NA COSTA DA SARDENHA.
NÃO...
ESTOU ORGANIZANDO UMA *INVESTIGAÇÃO* LÁ. MEIO QUE UMA QUASE ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA
A COISA TODA É SEGREDO. SE VOCÊ QUISER, POSSO MANDAR UM *E-MAIL* E VER O QUE CONSIGO
VOCÊ TEM A *EXPERTISE*, MAS PRECISARIA RECEBER AUTORIZAÇÃO
BEM. EU TENHO DOIS MESES ANTES DO COMEÇO DO PRÓXIMO SEMESTRE E NADA PRA FAZER NESSE PERÍODO..
...E PRECISO *MESMO* DE UMA MUDANÇA
POR QUE TANTO SEGREDO? É ALGUM *PALÁCIO* PERDIDO?
MUITO MAIS INTERESSANTE. MAS É *SIGILOSO*. VOCÊ VAI TER QUE ASSINAR UM TERMO DE CONFIDENCIALIDADE
NÃO TEM PROBLEMA
ENTÃO, DEZ DIAS DEPOIS, PARTI PARA SÃO RAFAEL. VÁRIOS AVIÕES, MAIS UM PERCURSO DE CARRO E, FINALMENTE, UM TRAJETO DE BARCO...
BEM-VINDA AO *FIM DO MUNDO*. DEIXE-ME CARREGAR SUA MALA

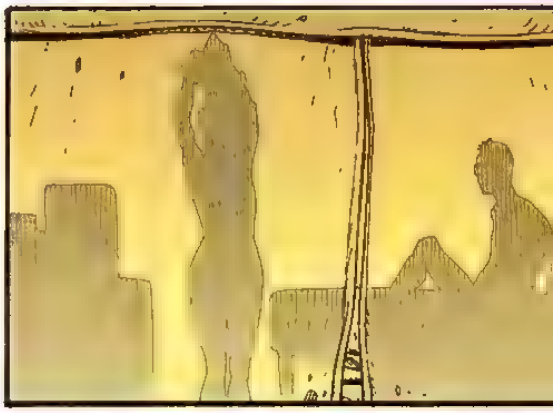

AQUI É MESMO O FIM DO MUNDO
ACHO QUE O QUE QUERO DIZER, SOB MUITOS ASPECTOS, É LITERALMENTE ISSO. AS PESSOAS QUE VÊM PRA CÁ NÃO SEGUEM MAIS ADIANTE
NÓS ESTAMOS GUARDANDO SEGREDO SOBRE O SÍTIO DE PESQUISAS E SUA NATUREZA. CASO CONTRÁRIO, A GENTE CORRE O RISCO DE SER *RIDICULARIZADO.*
MAS VOU TE DIZER QUE, ASSIM QUE O SÍTIO ESTIVER TODO ESCAVADO E DOCUMENTADO, AS FUNDAÇÕES DA ARQUEOLOGIA VÃO SER ABALADAS... TALVEZ ATÉ AS DE OUTRAS CIÊNCIAS.
QUAL É, STANLEY... NUMA ILHA QUE NÃO VIU NADA ALÉM DE CABRAS E ALGUNS ARBUSTOS DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS?
SÃO RAFAEL É UMA PENÍNSULA NÃO UMA ILHA
AQUI ESTAMOS O QUE VOCÊ *ACHA?*
É UM OUTEIRO. O QUE ELE É? UM *MONTE FUNERÁRIO?*
DE CERTA FORMA
PRA COMEÇO DE CONVERSA, NÃO ESTAVA AQUI UM ANO ATRÁS
COMO ASSIM, STANLEY? VOCÊ TEM QUE ADMITIR QUE SOA MUITO IMPROVÁVEL.
NÃO, RACHEL. NÃO É IMPROVÁVEL, NÃO O QUE É IMPROVÁVEL É *ISTO.*

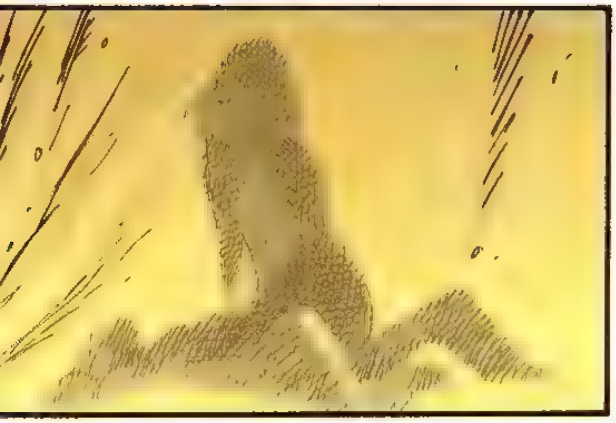
FALANDO COMO ARQUEÓLOGA, EU DIRIA QUE É UM CENTAVO. UM CENTAVO AMERICANO COM EFÍGIE DO LINCOLN. UM ENTRE BILHÕES JÁ CUNHADOS.
NÃO É EXATAMENTE UM *ARTEFATO ÚNICO*, STANLEY. O MAIS PROVÁVEL É QUE UM TURISTA TENHA DEIXADO CAIR.
OLHE MAIS DE *PERTO*.
IN GOD WE TRUST
2019
LIBERTY
TRAZ UMA DATA QUE AINDA NÃO *ACONTECEU*. É JUSTAMENTE O QUE ESTAMOS ESCAVANDO AQUI.
O *FUTURO*.
EU ESTOU OCUPANDO A GRANDE BARRACA AMARELA. A SUA FICA BEM ALI.
A MOEDA PODE SER UMA FARSA.
PODE. SIM. MAS EU TENHO UMA GAVETA INTEIRA DELAS NO ESCRITÓRIO DO SÍTIO DE ESCAVAÇÃO. NADA DEPOIS DE CINQUENTA ANOS PRA FRENTE.
MAS NÓS MAL ARRANHAMOS A SUPERFÍCIE.

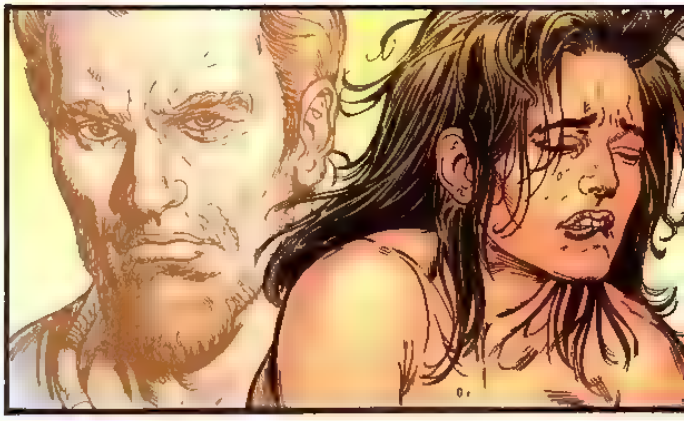
À NOITE, CRUZAMOS A BAÍA DE BARCO ATÉ À ÚNICA CIDADE PRÓXIMA, TAMBÉM CHAMADA SÃO RAFAEL. HAVIA LÁ UM RESTAURANTE/CAFÉ/BAR
OS NATIVOS NOS ENCARAVAM ENTRETIDOS, MAS NOSSO DINHEIRO ERA BOM
E O VINHO LOCAL... UMA DELÍCIA E BARATO DESCE FEITO LIMONADA
NÓS NÃO SOMOS OS ÚNICOS ESTRANGEIROS NA PENÍNSULA
QUEM SÃO *ELES*? *TURISTAS*?
ACHO QUE SIM ESTÃO AQUI HÁ VÁRIOS MESES. OS DOIS TÊM UMA BARRACA NO EXTREMO DA PENÍNSULA. JÁ ESTAVAM NO LOCAL QUANDO CHEGAMOS
TURISTAS, CIGANOS, *HIPPIES*. QUEM SE IMPORTA?
ELE É UMA GRAÇA
ELA É JOVEM DEMAIS PRA ELE
TALVEZ SEJA FILHA, BILL
TALVEZ

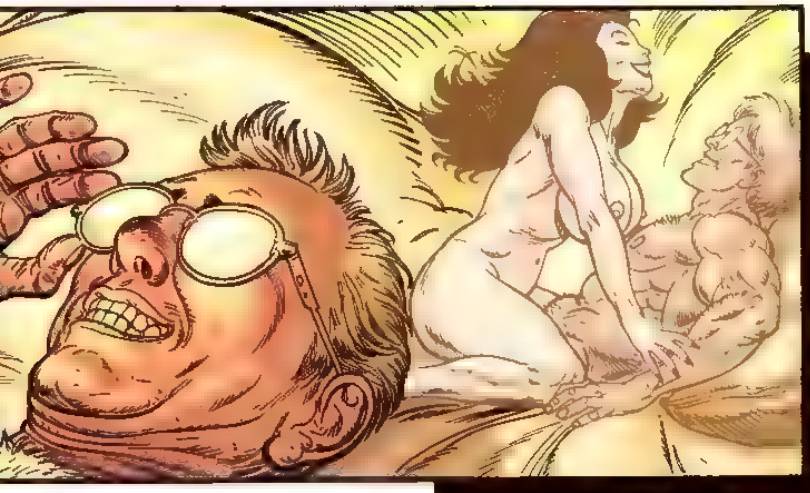
COMO EU DISSE, O VINHO DESCIA FEITO LIMONADA

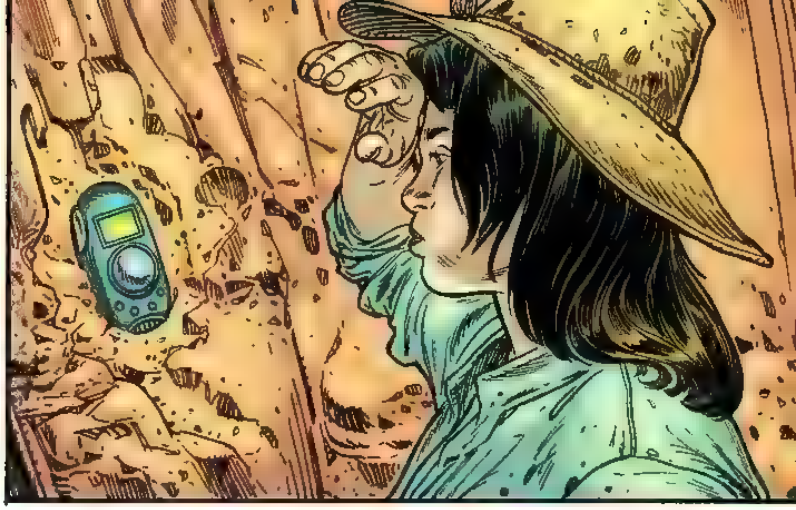


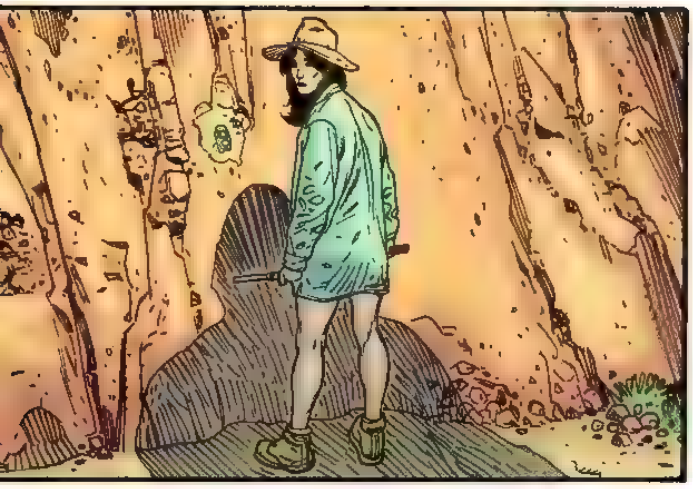


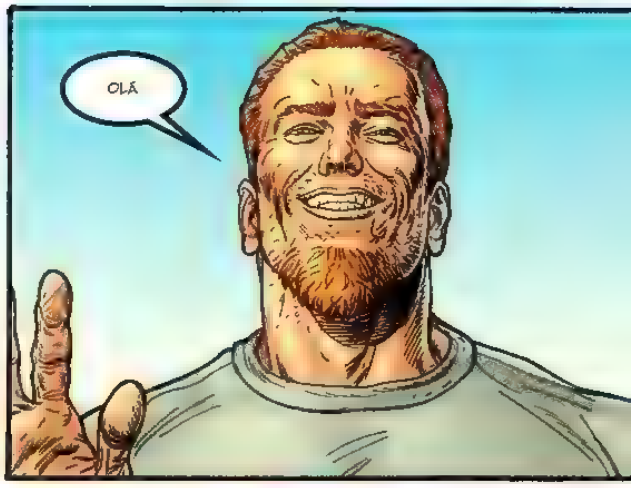




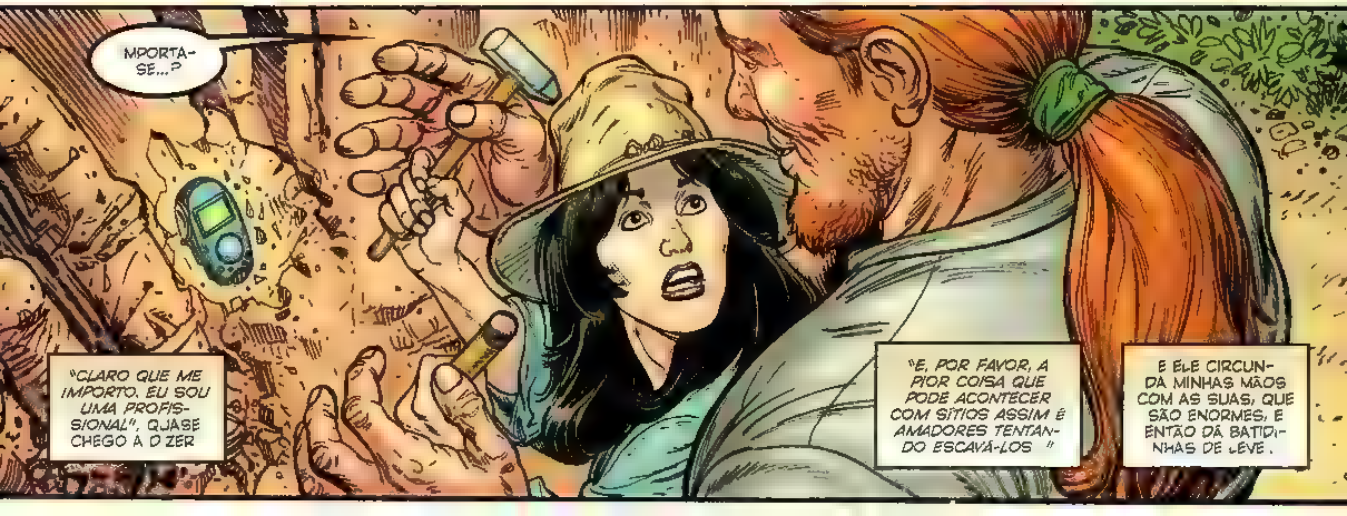


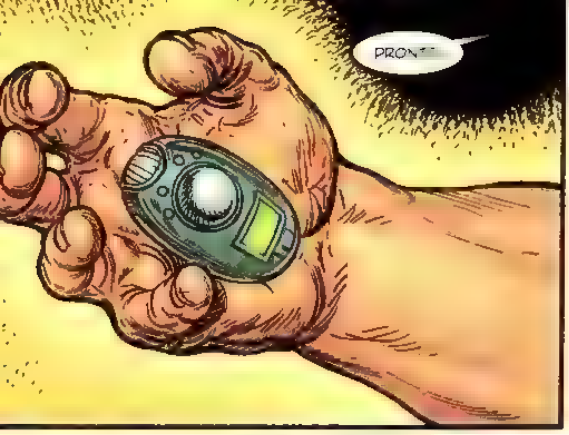


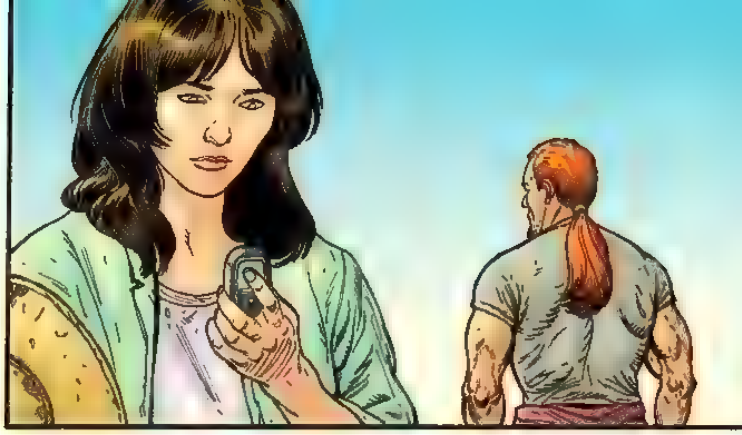



OLÁ

OLÁ
VOCÊ PRECISA TIRAR ISSO DAÍ SEM QUEBRAR?
VENHO TRABALHANDO NELE A MANHÃ INTEIRA

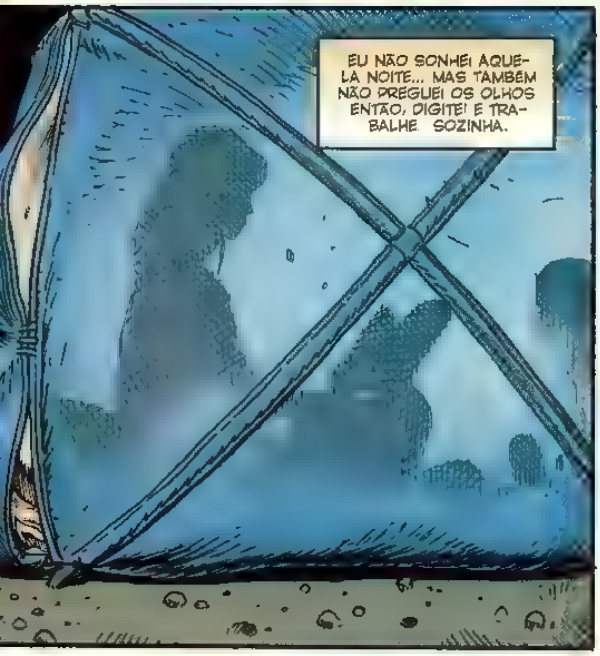

MPORTA-SE...?
"CLARO QUE ME IMPORTO. EU SOU UMA PROFIS-SIONAL", QUASE CHEGO A D ZER
"E, POR FAVOR, A PIOR COISA QUE PODE ACONTECER COM SÍTIOS ASSIM É AMADORES TENTAN-DO ESCAVÁ-LOS "
E ELE CIRCUN-DA MINHAS MÃOS COM AS SUAS, QUE SÃO ENORMES, E ENTÃO DÁ BATIDI-NHAS DE LEVE .


PRONTO

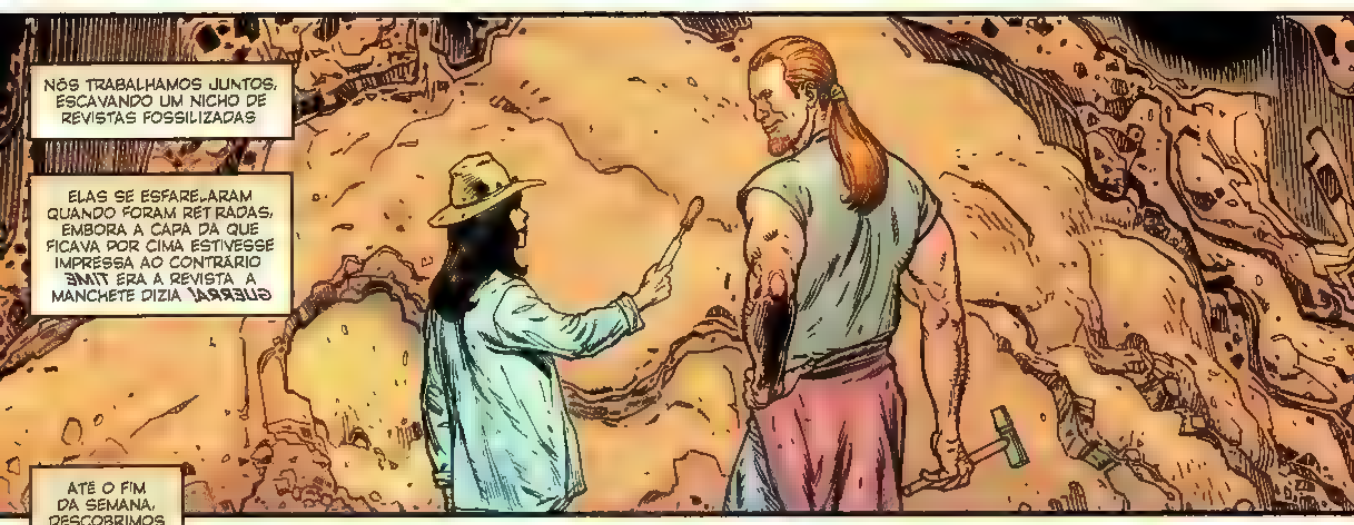


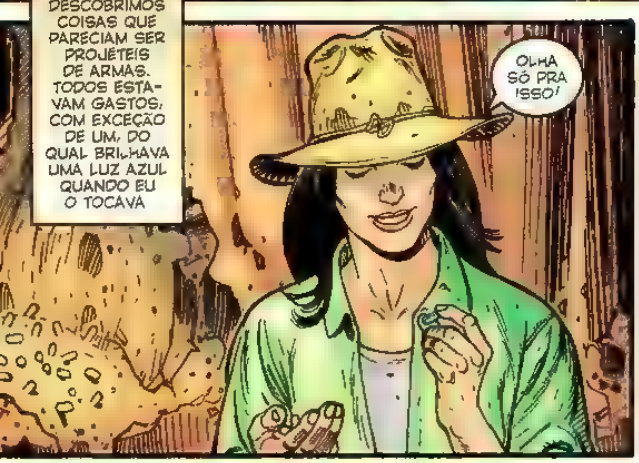
EI.
VOCÊ JÁ TEVE EXPERIÊNCIA COM RUÍNAS?
COM CERTEZA, JÁ TIVE MINHA COTA DELAS
NÃO, É SÉRIO. VOCÊ PRECISA DE TRABALHO?

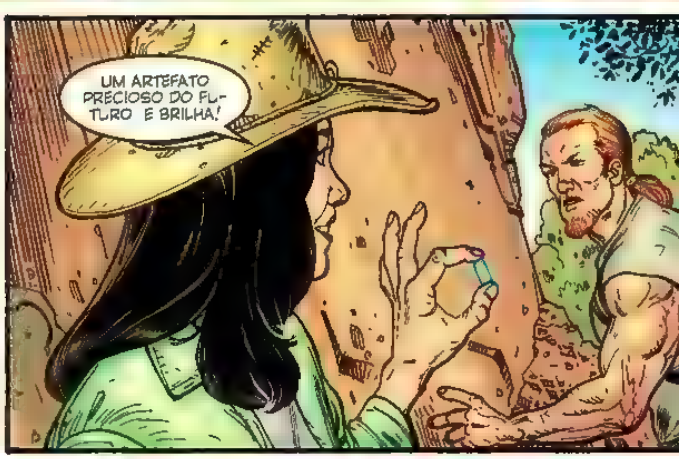
VOCÊ O QUÊ?
EU PEDI QUE ELE AJUDASSE. A GENTE PRECISA DE AJUDA. O BILL É INÚTIL
HMFF


EU NÃO SONHEI AQUELA NOITE... MAS TAMBÉM NÃO PREGUEI OS OLHOS ENTÃO, DIGITEI E TRABALHEI SOZINHA.

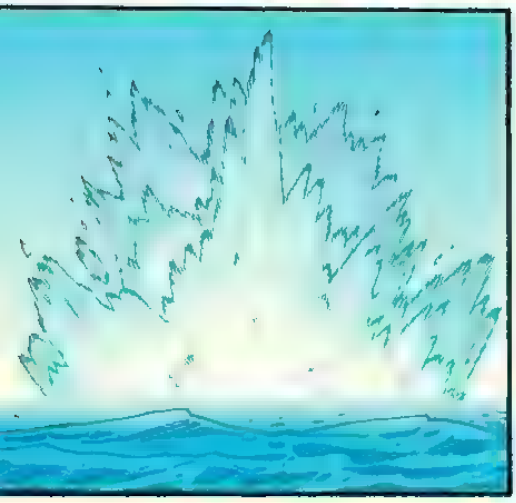
ELE JÁ ESTAVA LÁ ÀS OITO DA MANHÃ, QUANDO CHEGUEI À ESCAVAÇÃO


NÓS TRABALHAMOS JUNTOS, ESCAVANDO UM NICHO DE REVISTAS FOSSILIZADAS
ELAS SE ESFARELARAM QUANDO FORAM RETIRADAS, EMBORA A CAPA DA QUE FICAVA POR CIMA ESTIVESSE IMPRESSA AO CONTRÁRIO TIME ERA A REVISTA A MANCHETE DIZIA GUERRA

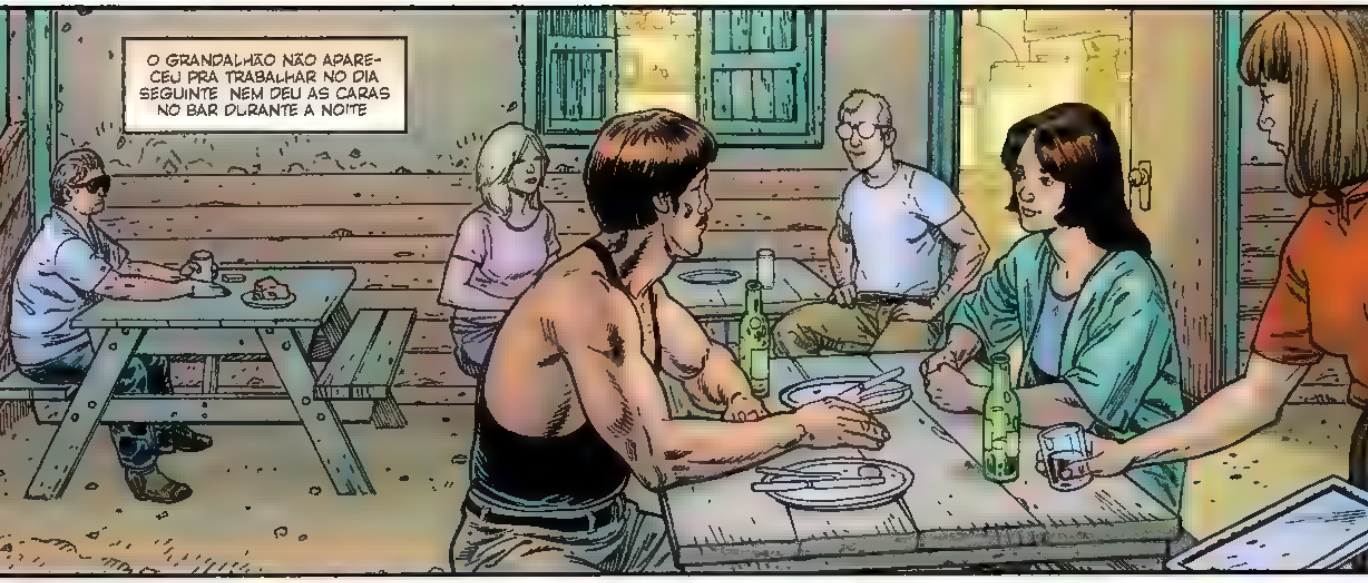

ATÉ O FIM DA SEMANA, DESCOBRIMOS COISAS QUE PARECIAM SER PROJÉTEIS DE ARMAS. TODOS ESTAVAM GASTOS, COM EXCEÇÃO DE UM, DO QUAL BRILHAVA UMA LUZ AZUL QUANDO EU O TOCAVA
OLHA SÓ PRA ISSO!

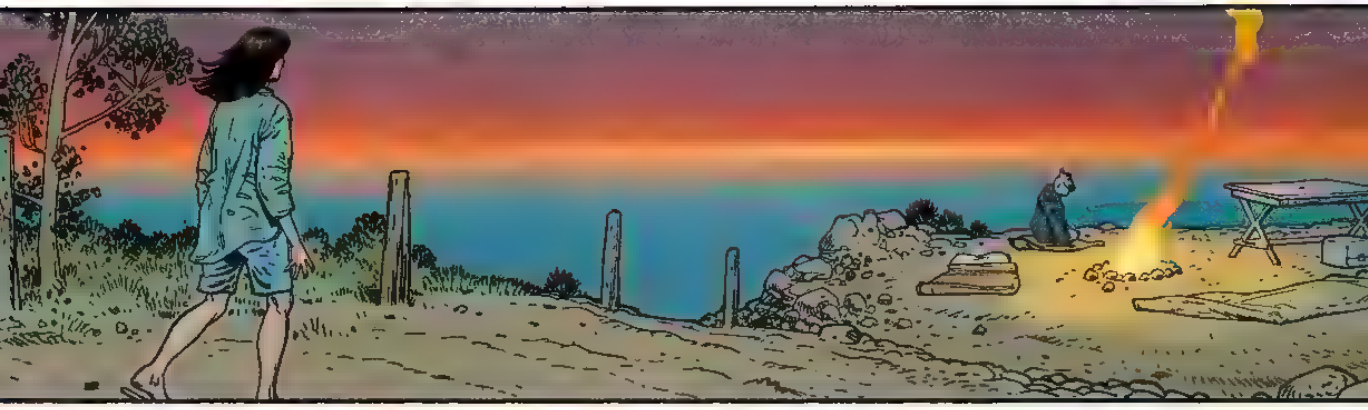

UM ARTEFATO PRECIOSO DO FUTURO E BRILHA!

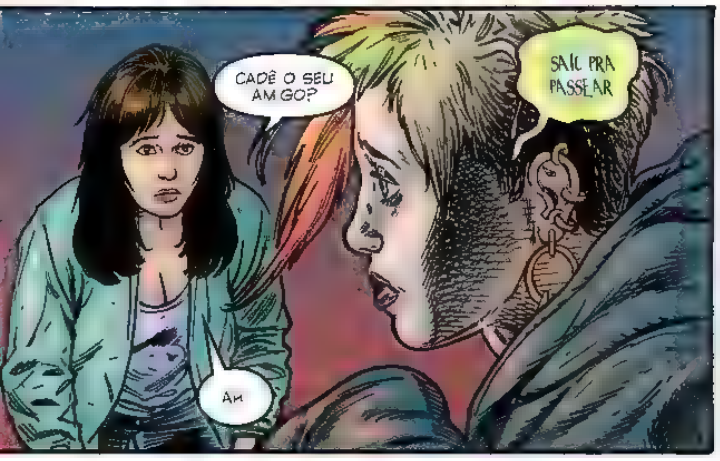
AI

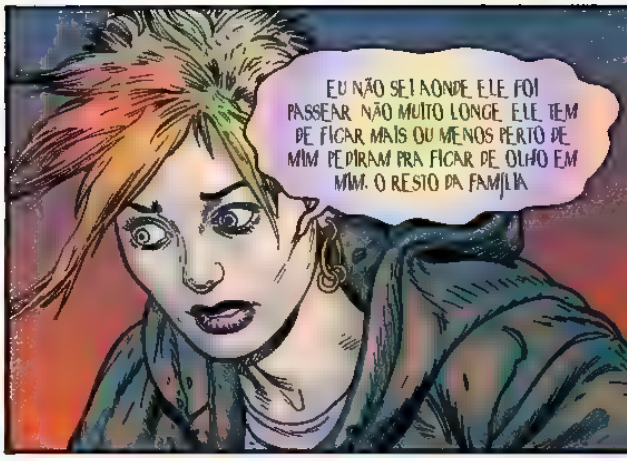


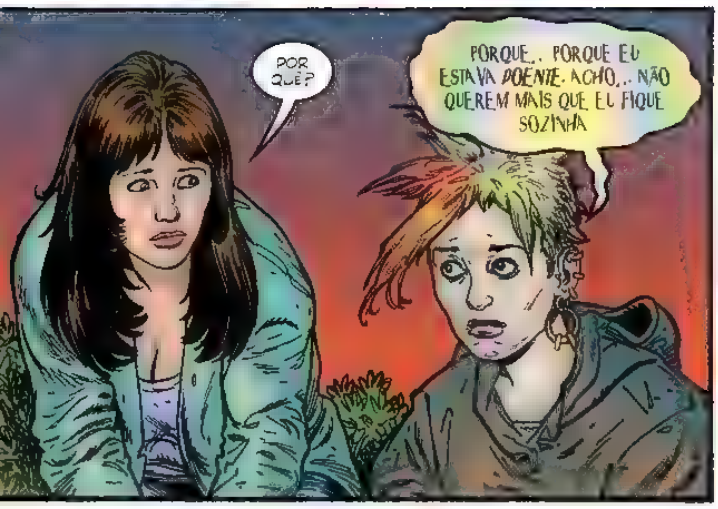
O QUE, O QUE *ERA* AQUILO?
ERA UMA BALA-CAÇADORA AINDA VIVA.
COMO VOCÊ *SABIA?*
SÃO COMO FACAS OU BASTÕES. OS PADRÕES PODEM SER DIFERENTES, MAS O PROPÓSITO DO OBJETO É ÓBVIO


O GRANDALHÃO NÃO APARECEU PRA TRABALHAR NO DIA SEGUINTE NEM DEU AS CARAS NO BAR DURANTE A NOITE




CADÊ O SEU AMIGO?
SAIU PRA PASSEAR
AH


EU NÃO SEI AONDE ELE FOI PASSEAR. NÃO MUITO LONGE. ELE TEM DE FICAR MAIS OU MENOS PERTO DE MIM. PEDIRAM PRA FICAR DE OLHO EM MIM. O RESTO DA FAMÍLIA


POR QUÊ?
PORQUE... PORQUE EU ESTAVA *DOENTE*. ACHO... NÃO QUEREM MAIS QUE EU FIQUE SOZINHA

VOCÊ SABE POR QUE A COISA O QUEIRO. O LUGAR QUE VOCÊS ESTÃO ESCAVANDO ESTÁ LÁ?
NÃO
É POR *MINHA* CAUSA. OU POR CAUSA *DELE*, TALVEZ. OU DOS *DOIS*. ACHO MESMO QUE É POR CAUSA DOS DOIS. NOSSA PRESENÇA AQUI. É O QUE CAUSA AQUILO.

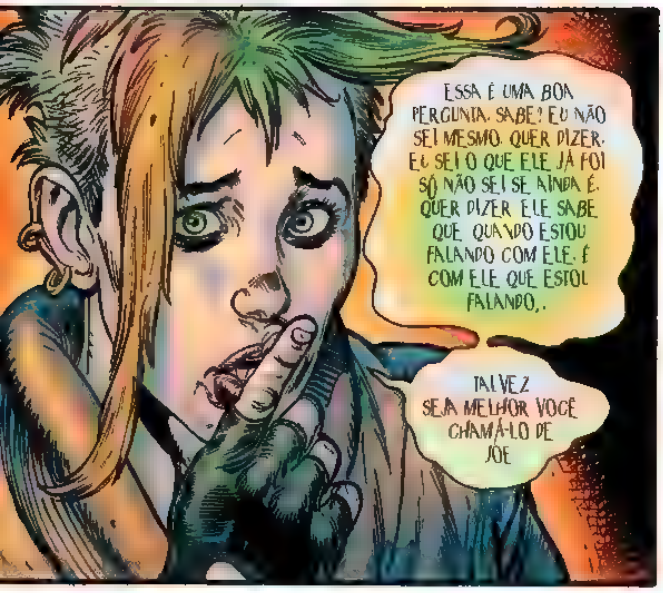
NÃO VEM DO FUTURO, SABE?
NÃO?
NÃO... OU TALVEZ VENHA.
MAS SÓ UM TIQUINHO DE UM DELES QUER DIZER HÁ TANTOS TIPO MINHOCAS SE CONTORCENDO, MILHÕES E BILHÕES E PORRILHÕES DE MINHOQUINHAS SE CONTORCENDO, TODAS SE CONTORCENDO DE JEITOS DIFERENTES PRA CHEGAR AO MESMO LUGAR.

E EU SEI O QUE É AQUELE LUGAR.
É UM LUGAR DO NADA. E MINHA IRMÃ VAI LEVAR O LIVRO DO MEU IRMÃO E DIZER ADEUS, TIPO ASSIM: "ADEUS". E ENTÃO TUDO VAI SE ACABAR. E PRA ESTA RODADA VAI SER O FIM.
VOCÊ NÃO ACREDITA EM MIM MAS NÃO TÔ NEM AÍ. EU MESMA NEM SEMPRE ACREDITO EM MIM.

EU PRECISO VOLTAR. VOCÊ TEM UMA LANTERNA?
NÃO.
MAS EU TENHO INSETINHOS LUMINOSOS. VOCÊ GOSTA DELES?

QUE GRAÇA. QUANDO EU ERA PEQUENA, PUNHA VAGA-LUMES NUMA JARRA.
ELES NÃO ESTÃO NUMA JARRA. ESTÃO NA MATA. MAS VÃO SEGUIR VOCÊ DE VOLTA À ESCAVAÇÃO, CANTANDO MUSIQUINHAS DE VAGA-LUMES. LÁ LÁ LÁ. SE QUISER.

E QUAL É O NOME DO SEU IRMÃO?
O QUÊ?
SEU IRMÃO. ELE JÁ ESTÁ TRABALHANDO CONOSCO FAZ UMA SEMANA. PRECISA SER INCLUÍDO NA FOLHA DE PAGAMENTO.


ESSA É UMA BOA PERGUNTA, SABE? EU NÃO SEI MESMO. QUER DIZER, EU SEI O QUE ELE JÁ FOI, SÓ NÃO SEI SE AINDA É. QUER DIZER, ELE SABE QUE QUANDO ESTOU FALANDO COM ELE, É COM ELE QUE ESTOU FALANDO...
TALVEZ SEJA MELHOR VOCÊ CHAMÁ-LO DE JOE.

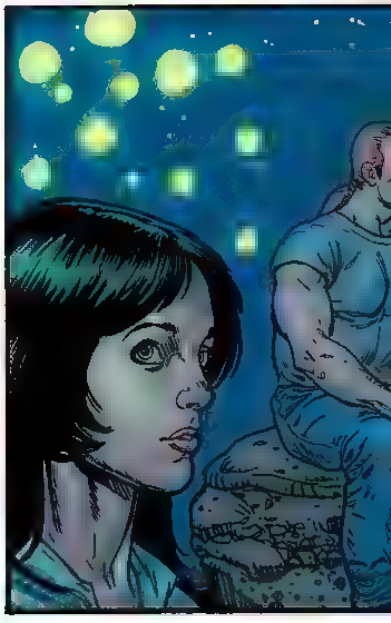
É O NOME DELE?
OH, NÃO. LONGE DISSO.
BEM, FOI ÓTIMO FALAR COM VOCÊ.

OLÁ. EU FALEI COM SUA IRMÃ
ACHEI MESMO QUE TIVESSE FALADO.

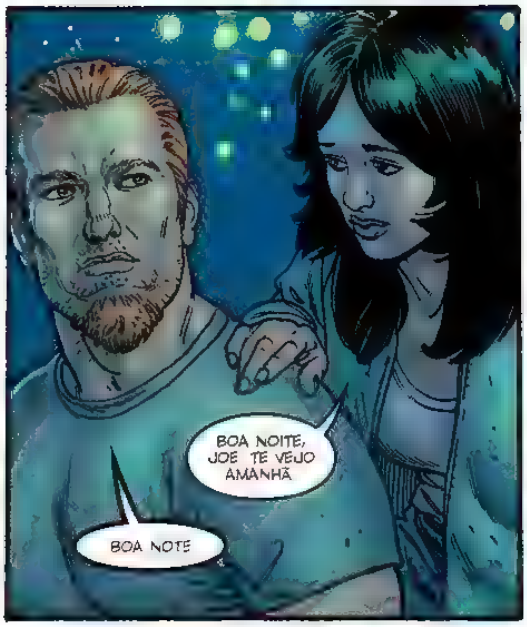
ELA DISSE QUE DEVO TE CHAMAR DE JOE
DISSE, FOI? BEM. TALVEZ ELA ESTEJA SE SENTINDO MELHOR

O QUE ACONTECEU COM ELA?
DIFÍCIL DIZER. ELA NÃO CONTA PRA NINGUÉM. ACHO QUE SE MACHUCOU. E SE RECOLHEU PROFUNDAMENTE EM SI MESMA

QUANDO SE É DA IDADE DELA, É MUITO FÁCIL TER O CORAÇÃO PARTIDO. EU BEM ME LEMBRO
HMM. VOCÊ ACHA QUE FOI ISSO?

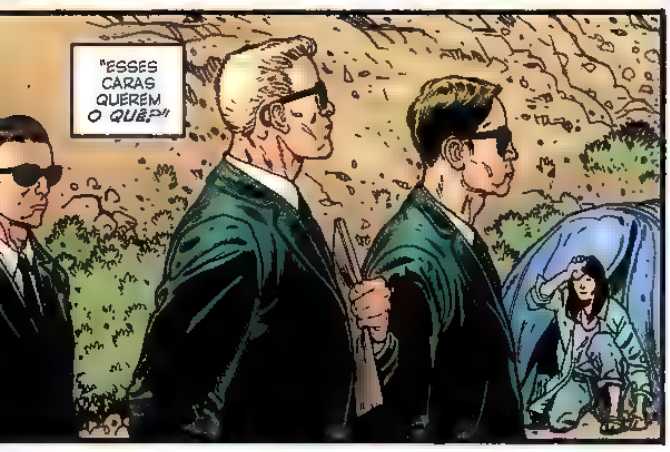


SABE DE UMA COISA ESTRANHA? ELA DISSE QUE NÃO TINHA LANTERNA E QUE INSETINHOS LUMINOSOS IAM ME ACOMPANHAR ATÉ AQUI.
E ME ACOMPANHARAM MESMO
COM CERTEZA, ACOMPANHARAM


BOA NOITE, JOE. TE VEJO AMANHÃ.
BOA NOITE

E SUA MÃO ENORME CERROU-SE AO REDOR DA MINHA
E EU VOLTEI SOZINHA À MINHA BARRACA

FUI ACORDADA PELOS HELICÓPTEROS.


"ESSES CARAS QUEREM O QUE?"

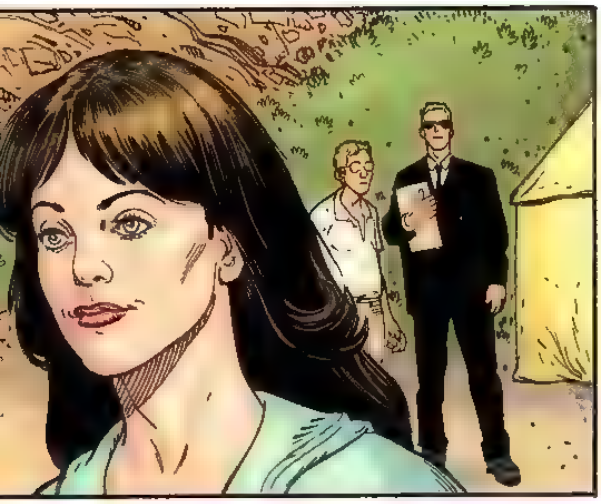
EU JÁ DISSE, MOÇA. TRAZER AS ESCAVADEIRAS.
HÁ ISÓTOPOS NAS AMOSTRAS QUE VOCÊS ENVIARAM.
...QUE, ATÉ AGORA, NÓS SÓ FOMOS CAPAZES DE SINTETIZAR EM LABORATÓRIO.
O DEPARTAMENTO DE ESTADO FEZ UM ACORDO COM UMA DAS GRANDES EMPRESAS QUÍMICAS PRA LEVAR TODO O OUTEIRO. OS DOCUMENTOS DELES ESTÃO EM ORDEM

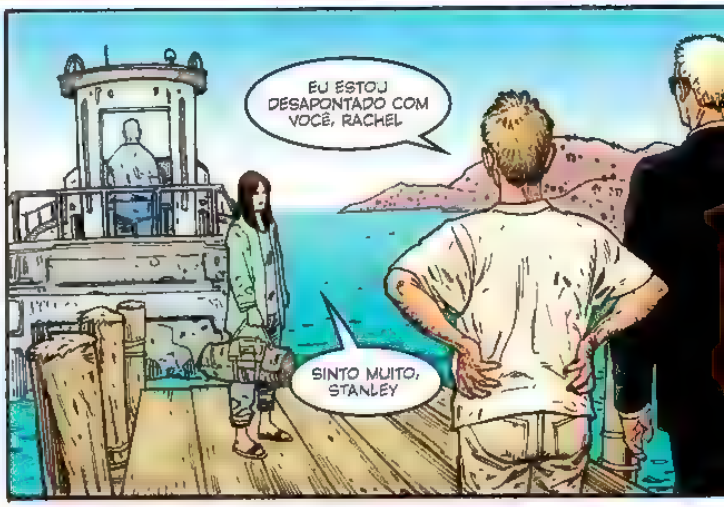
MAS ESSE OUTEIRO NÃO TEM PREÇO.
EXATAMENTE, DOUTORA. NÃO TEM PREÇO.
MAS NÓS ESTAMOS ESCAVANDO O FUTURO.

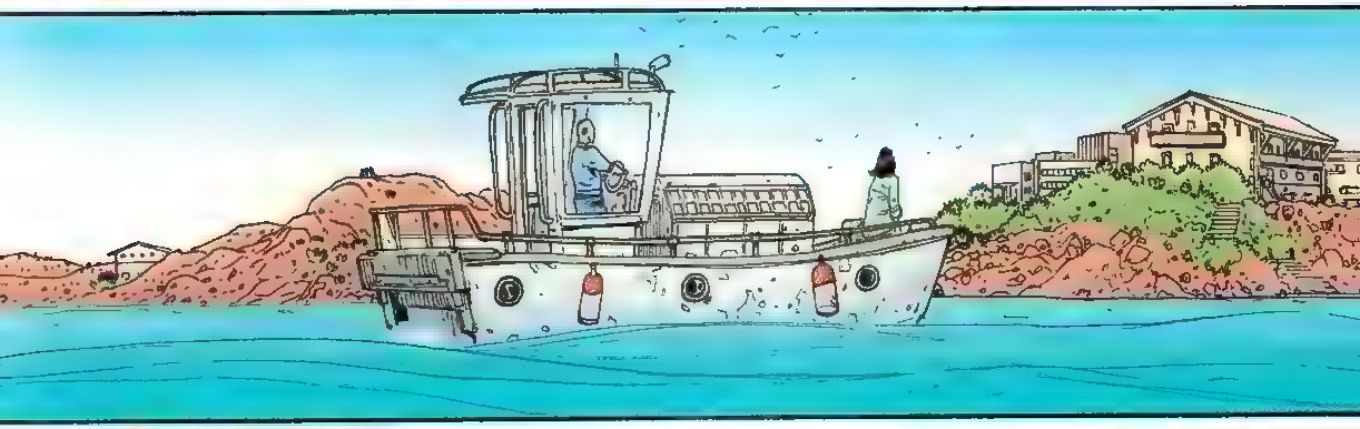
MOÇA, JÁ LHE OCORREU QUE, SE OS CONTEÚDOS DESSE MORRO CAÍREM EM MÃOS ERRADAS, PODE NÃO HAVER FUTURO?
PORQUE AS PESSOAS ERRADAS VÃO FAZER ARMAS E VOCÊS NÃO?
LEMBRE-SE DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. ÀS VEZES, A ARMA CERTA NAS MÃOS CERTAS PODE SALVAR MILHÕES DE VIDAS.

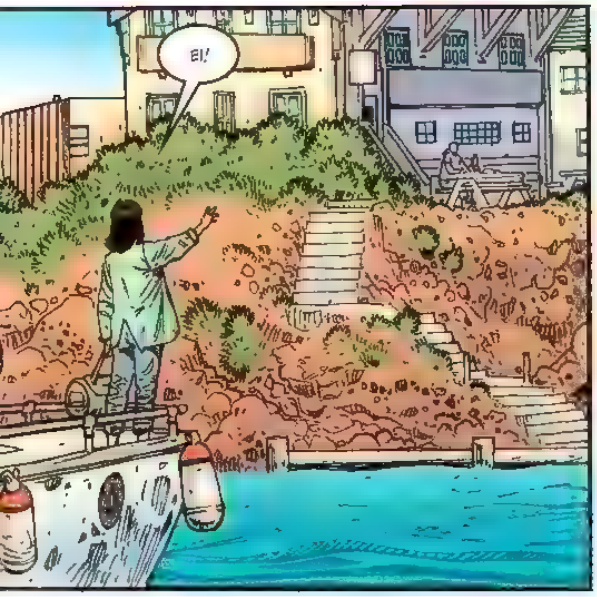
SAIBA QUE EXISTEM OBJETOS NESSE OUTEIRO COISAS DO FUTURO. COISAS PERIGOSAS.
NÓS SOMOS O GOVERNO SABEMOS O QUE ESTAMOS FAZENDO
CLARO QUE SABEM
STANLEY, EU NÃO QUERO ESTAR AQUI ENQUANTO FAZEM ESSA BARBARIDADE. VOU RETORNAR AO CONTINENTE

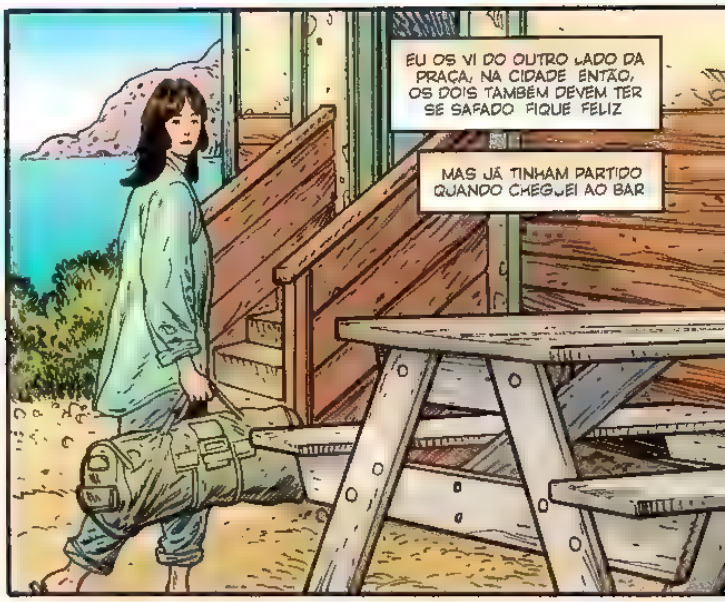
ESTE É UM SÍTIO SECRETO, MOÇA. EU A *PROÍBO* DE PARTIR--
VOCÊ ESTÁ AQUI COMO REPRESENTANTE DE UMA INDÚSTRIA QUÍMICA *EU* SOU UMA PESQUISADORA EM SOLO ESTRANGEIRO
É UMA DESCRIÇÃO DE TRÊS MIL PALAVRAS DESTE LUGAR E DOS ARTEFATOS QUE DESENTERRAMOS SERÁ ENVIADA AO *SITE* SLASHDOT.ORG POR UM ROBÔ, A MENOS QUE EU FIQUE *ON-LINE* E POSSA CANCELÁ-LO ESTA NOITE. VOCÊ NÃO PODE ME PROIBIR DE *NADA.*




EU ESTOU DESAPONTADO COM VOCÊ, RACHEL
SINTO MUITO, STANLEY




EI!


EU OS VI DO OUTRO LADO DA PRAÇA, NA CIDADE. ENTÃO, OS DOIS TAMBÉM DEVEM TER SE SAFADO. FIQUE FELIZ
MAS JÁ TINHAM PARTIDO QUANDO CHEGUEI AO BAR

ENTÃO, EU ME SENTE! NO BAR, PEDI UMA TAÇA DE VINHO TINTO E, PENSANDO NAS ESCAVADEIRAS QUE GOLPEAVAM A LATERAL DO OUTEIRO, FITEI O OUTRO LADO DA BAÍA...

EU ME PERGUNTO O QUE CAUSOU A EXPLOSÃO. OUTRA BALA-CAÇADORA? OU ALGUM OUTRO TIPO DE ARMA, DE UMA GUERRA QUE AINDA NÃO TRAVAMOS?

SEJA LÁ O QUE TENHA SIDO, TUDO SUMIU UM CLARÃO DE LUZ, E A PENÍNSULA SE FOI.

TERREMOTO, DECLAROU UM DOS JORNAIS OU UM VULCÃO SUBMARINO MAS A MAIORIA DOS JORNAIS NÃO DISSE COISA ALGUMA.

NINGUÉM SABE NINGUÉM SE IMPORTA

UMA PENÍNSULA COM O FUTURO EM SEU INTERIOR QUE NÃO EXISTE MAIS.

Bread Cakes

EU NÃO OUVI MAIS NADA NENHUM HOMEM DE PRETO APARECEU PRA ME SEQUESTRAR

É AGORA QUANDO SONHO, É COM A VOZ DE UM HOMEM SOBRE O QUAL A ÚNICA COISA QUE SE COM CERTEZA É QUE SEU NOME NÃO É JOE E SUAS MÃOS ENORMES SE FECHANDO AO MEU REDOR

SUAS MÃOS, QUE ENVOLVERAM AS MINHAS TÃO CERTA E FIRMEMENTE QUANTO O FUTURO CERCA O PRESENTE

FIM

Capítulo 7:

DESTINO

Noites sem Fim

Arte por **Frank Quitely**

Cores por **Lovern Kindzierski**

Há um homem com um livro, caminhado pelo seu jardim.

O homem é cego.

O jardim é um labirinto de trilhas que se dividem, se ramificam e se recombinam.

Há estátuas no jardim. Estátuas enormes. Se elas se movem, como alguns afirmam, fazem-no de modo muito lento para que se note.

O livro é pesado. Você não seria capaz de erguê-lo.

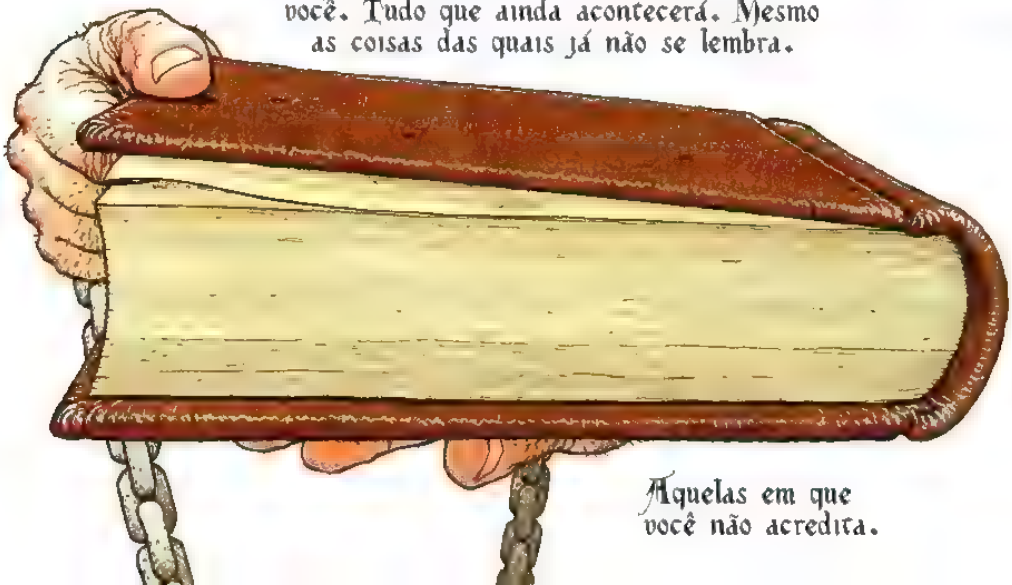
Agora, o caminho leva-o para dentro de sua morada, uma mansão de corredores e câmaras.

As pinturas na câmara de Destino trazem seus irmãos e irmãs como talvez desejem ser vistos (embora o desejo e a coisa em si sejam tão próximos nos domínios dos Perpétuos que uma faca muito afiada não passaria entre ambos).

Você passará algum tempo nos domínios de cada um dos irmãos dele — sonhará, se desesperará, desejará, destruirá, deleitar-se-á ou o contrário, e, por fim, morrerá —, mas sua existência pertence a ele desde a primeira página, e apenas Destino terá o desfecho de sua história, daqui a muito tempo.

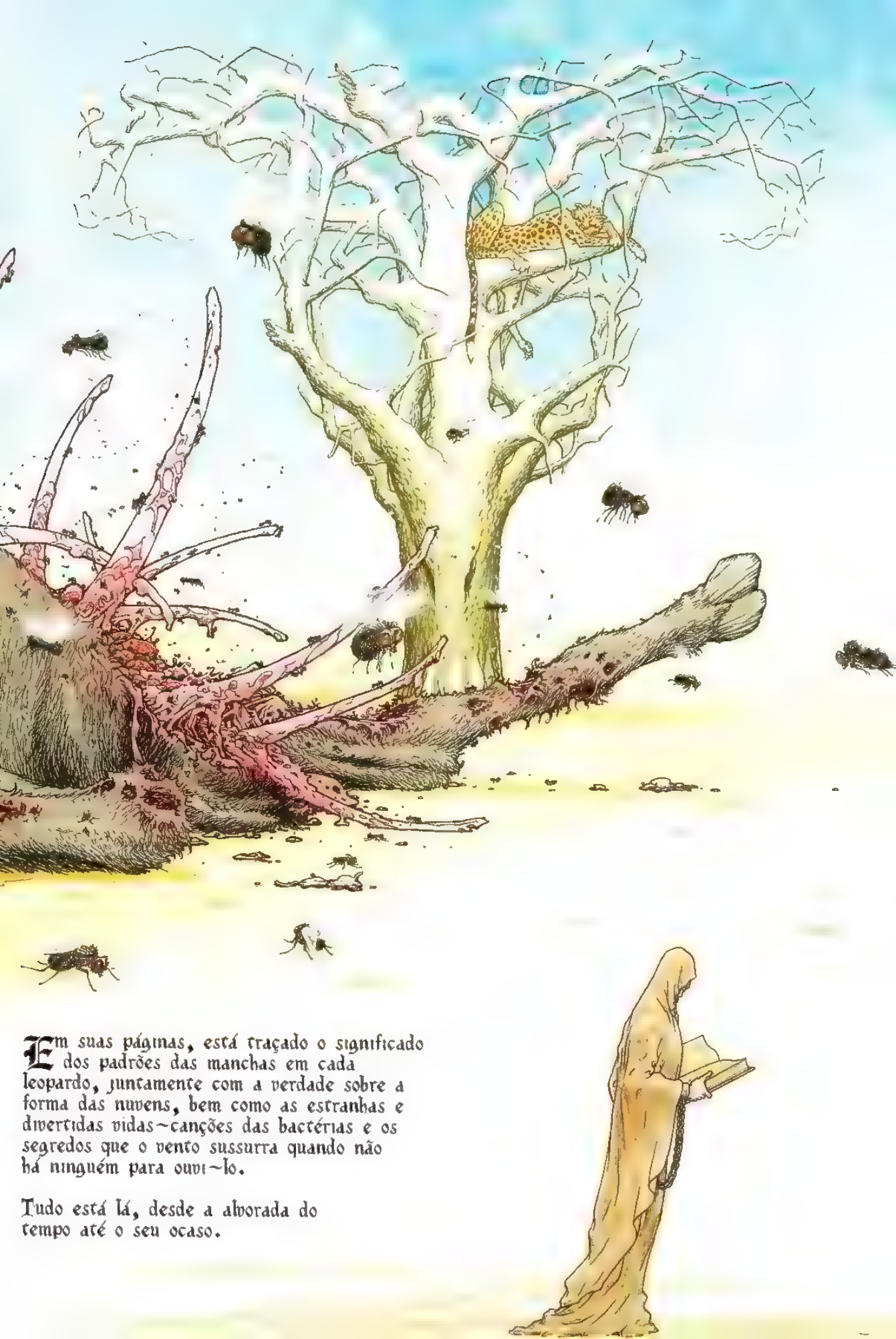
Ele é acorrentado ao livro, ou o livro a Ele. É um volume de muitas páginas. Não pode ser roubado; não há como cedê-lo.

O livro contém sua vida. Cada detalhe de sua existência. Tudo que aconteceu com você. Tudo que ainda acontecerá. Mesmo as coisas das quais já não se lembra.



Aquelas em que você não acredita.

Contém tudo que aconteceu ou acontecerá com todos que você conheceu.
Todos de que ouviu falar.
Todos de que nunca ouviu falar.
Estão lá as histórias, os sonhos e os triunfos dos mortos.



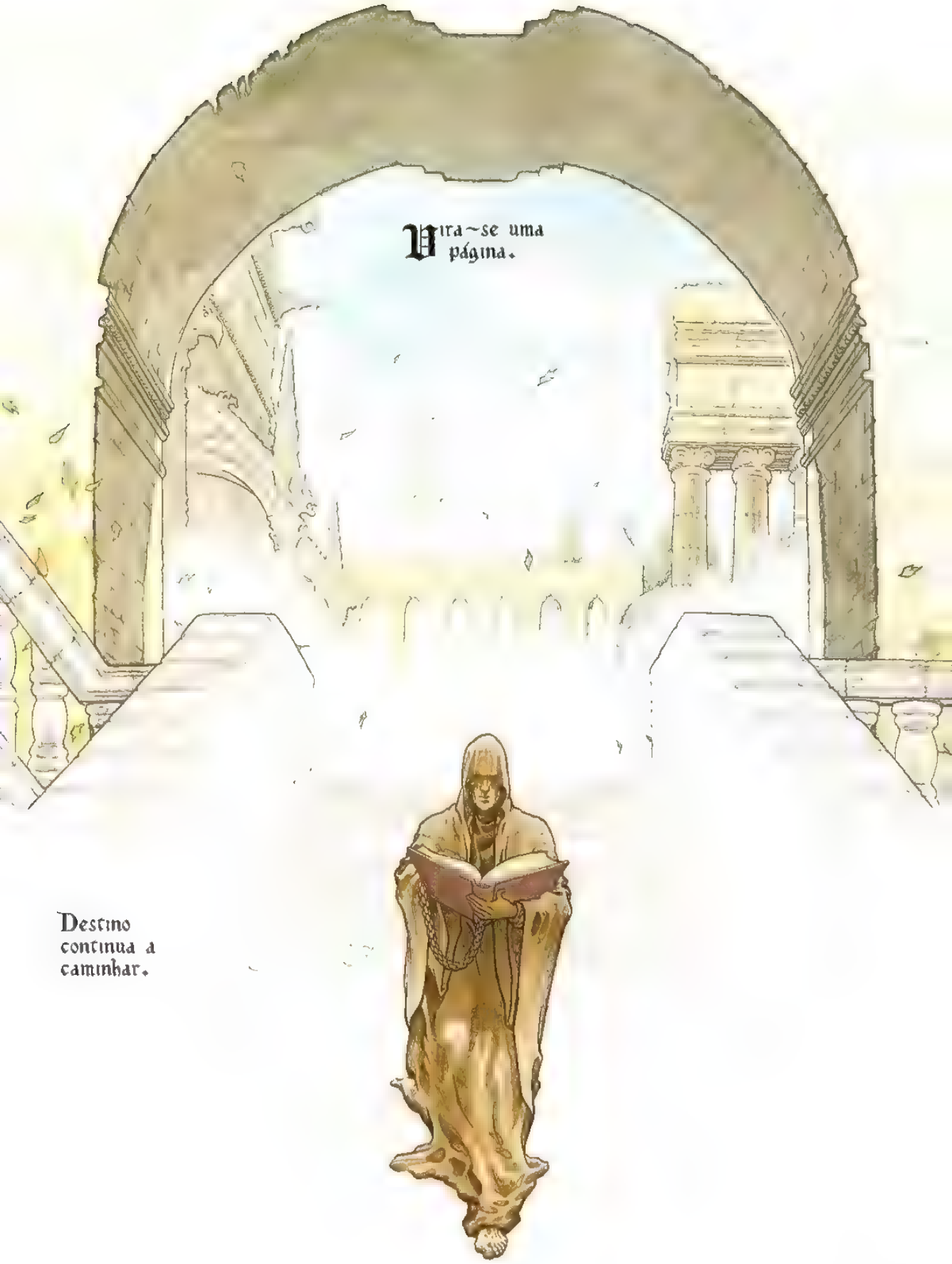
Em suas páginas, está traçado o significado dos padrões das manchas em cada leopardo, juntamente com a verdade sobre a forma das nuvens, bem como as estranhas e divertidas vidas-canções das bactérias e os segredos que o vento sussurra quando não há ninguém para ouvi-lo.

Tudo está lá, desde a alvorada do tempo até o seu ocaso.

Destino não criou a trilha por onde você caminha.

Mas os movimentos dos átomos e galáxias estão em seu livro, e ele vê pouca diferença entre eles.

Está tudo em seu livro. Um dia, ele o deixará de lado, quando a narrativa tiver terminado, e o que virá depois ainda não foi redigido.



Vira-se uma página.

Destino continua a caminhar.

Ele está segurando um livro.
Dentro do livro,
o Universo.

SANDMAN
MIDNIGHT
THEATRE

"Se num sonho sufocante pudesse vir comigo

Espiando por trás do carro no qual ele foi jogado

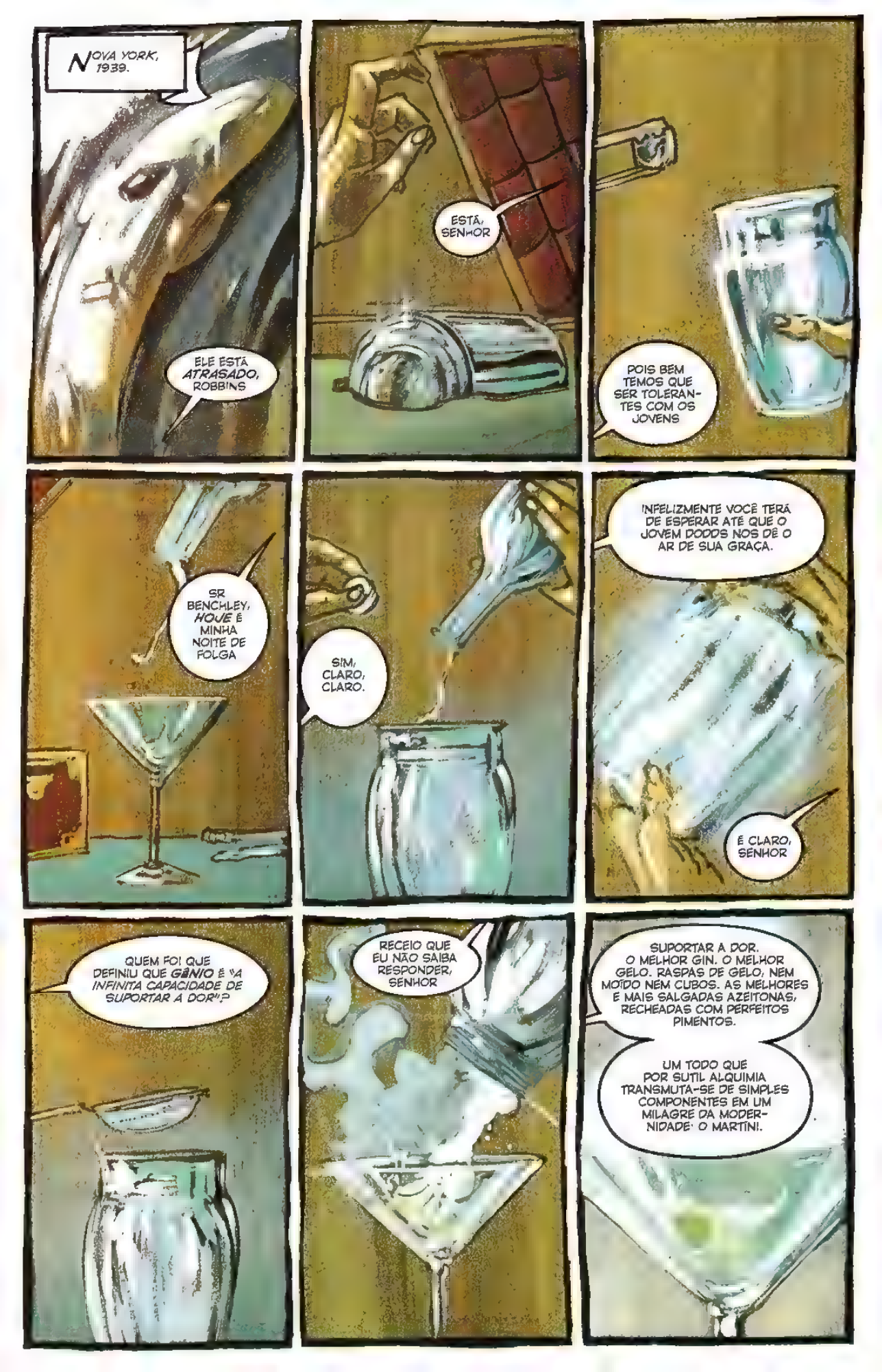
E testemunhar os olhos pálidos no rosto distorcido

A face pendente, tal como demônio farto do pecado."

— *Wilfred Owen, Dulce et Decorum Est*

O Teatro Da Meia-Noite De Sandman

História originalmente publicada em SANDMAN MIDNIGHT THEATRE (setembro/1995)


NOVA YORK, 1939.
ELE ESTÁ *ATRASADO*, ROBBINS
ESTÁ, SENHOR
POIS BEM TEMOS QUE SER TOLERANTES COM OS JOVENS
SR BENCHLEY, *HOJE* É MINHA NOITE DE FOLGA
SIM, CLARO, CLARO.
INFELIZMENTE VOCÊ TERÁ DE ESPERAR ATÉ QUE O JOVEM DODDS NOS DÊ O AR DE SUA GRAÇA.
É CLARO, SENHOR
QUEM FOI QUE DEFINIU QUE *GÊNIO* É "A *INFINITA CAPACIDADE DE SUPORTAR A DOR*"?
RECEIO QUE EU NÃO SAIBA RESPONDER, SENHOR
SUPORTAR A DOR. O MELHOR GIN. O MELHOR GELO. RASPAS DE GELO, NEM MOÍDO NEM CUBOS. AS MELHORES E MAIS SALGADAS AZEITONAS, RECHEADAS COM PERFEITOS PIMENTOS.
UM TODO QUE POR SUTIL ALQUIMIA TRANSMUTA-SE DE SIMPLES COMPONENTES EM UM MILAGRE DA MODERNIDADE: O MARTÍNI.

AOS INIMIGOS AUSENTES E AMORES CORROMPIDOS.
HMM. PERFEITO
DING-DANG-DONG
DEVE SER O JOVEM DODDS, ROBBINS. DIGA AO MALANDRINHO PARA ENTRAR E TIRE O RESTO DA NOITE DE FOLGA
COM PRAZER SENHOR
SENHOR WESLEY DODDS
PERDÃO PELO ATRASO, LINUS. CONFESSO QUE COCHILEI LENDO O JORNAL. MINHAS SINCERAS ESCUSAS.

WESLEY, GAROTO. AH, ESQUEÇA. COMO VOCÊ ESTÁ?
ESTOU BEM LINUS.
POSSO PEGAR SUA VALISE, SENHOR?
HÃ? NÃO, OBRIGADO. EU... HÃ... EU PREFIRO... HÃ... SE NÃO SE IMPORTA .
TEMO QUE TENHA INICIADO SEM VOCÊ O TEMPO, A MARÉ E A HORA DO COQUETEL ESPERAM, DIGAMOS ASSIM, POR HOMEM NENHUM.
O QUE VAI QUERER?
PARA MIM NADA, LINUS. MEU ESTÔMAGO FICOU IMPOSSIBILITADO PARA O ÁLCOOL DEPOIS QUE ESTIVE NO ORIENTE
POIS BEM
NÃO É QUE SEMPRE NOS ESBARRAMOS EM LUGARES ESTRANHOS? HONG KONG, NÃO? FIQUEI MUITO SENTIDO DE NÃO TER IDO AO VELÓRIO DE SEU PAI... GRANDE HOMEM
BEM, E LONDRES, COMO ACHOU?
EMBARQUEI EM UM NAVIO EM NOVA YORK, DESEMBARQUEI EM SOUTHAMPTON PEGUEI UM TREM ATÉ LONDRES, VICTORIA. NÃO TEM COMO ERRAR. BEM FÁCIL, ALIÁS.
LINUS POR FAVOR.
HEHHEHHEH. PIADA DE VELHO. POIS ENTÃO, COMO ACHEI LONDRES.
OUVI UMA PIADA SOBRE DOIS INGLESES. VOCÊ VAI GOSTAR. UM DIZ PARA O OUTRO. "ENTÃO, MEU VELHO, OUVI DIZER QUE ENTERROU SUA ESPOSA NA SEMANA PASSADA"
O OUTRO RESPONDE: "SIM. TINHA QUE ENTERRAR MORREU, ORAS"
HEHHEHHEH. MORREU, ORAS.
POIS BEM, LONDRES. BOM, SE VOCÊ QUISER SER DIPLOMATA EM ALGUM LUGAR, A CORTE DE ST. JAMES É A MELHOR ESCOLHA. QUEM FOI MESMO QUE DISSE QUE UM DIPLOMATA É UM HOMEM HONESTO ENVIADO AO ESTRANGEIRO PARA MENTIR PELO BEM DE SEU PAÍS?
SIR HENRY WOTTON, CREIO EU
VOCÊ NÃO IMAGINA O QUANTO EU AGUARDAVA SUA VISITA, WESLEY. CHISTES À PARTE, SINTO-ME COMO SE O TIVESSE VISTO SE TRANSFORMAR DAQUELE GAROTINHO EM UM PONDERADO ABSTÊMIO
VOCÊ CONHECEU MESMO O REI?
MAS O DIACHO SE CONHECI. E A RAINHA. E DANCEI COM A PRINCESINHA ELIZABETH... GRACIOSA, NO SENTIDO MAIS EQUINO

E AGORA WASHINGTON VAI LHE MANDAR PARA ONDE?
PARA MAIS PRÓXIMO DE CASA, ASSIM ESPERO. ANDO ME ENSAIANDO PARA CUBA: "I'LL DO THE RHUMBA, UNDERNEATH THE HAVANA MOON..."
HÃ... TEM ALGUÉM À PORTA?
NÃO SE PREOCUPE, ROBBINS PODE ATENDER... OU MELHOR, NÃO. ELE TIROU FOLGA.
EU ATENDO
QUE EMPOLGANTE, LINUS. NÃO ME CONTE: RELATÓRIO ULTRACONFIDENCIAL SOBRE A SITUAÇÃO EUROPEIA? OU SERIA DOS CLUBES DE CUBA?
EU... RECEIO QUE PRECISAREI ANTECIPAR O FIM DE NOSSO TÊTE-A-TÊTE, PEQUENO DODDS
SINTO MUITO. ALGO PREMENTE?
EU, HÃ... SINTO MUITO. UM SURTO REPENTINO DE... QUANDO ESTIVE NOS TRÓPICOS... PELA MANHÃ ESTAREI BEM... IMPERDOÁVEL..
DE FORMA ALGUMA. E-EU TELEFONO AMANHÃ
SIM
BOA IDEIA

..BRAD BUDLEY E BANDA TRAZEM PARA VOCÊ, DIRETO DA STARLIGHT ROOM, A FAMOSA CANTILENA... "MY HAVANA CABANA".
IN MY HAVANA CABANA I WILL EAT SOMETHING SWEET LIKE BANANA...
DREAM OF THE GIRL WHO WILL WHIRL ME MANANA, IN MY CABANA IN HAVANA TONIGHT...
I WILL CROON TO THE MOON IN HAVANA WITH MY LIP I WILL SIP OF YOUR MANNA...
I'M YOUR SLAVE AND I'M WAVING YOUR BANNER IN MY CABANA IN HAVANA TONIGHT ..

UNDER THE SPRINKLING TWINKLING LIGHT OF THE TROPICAL STARS WE WILL DANCE AND ROMANCE AS IF THE NIGHT IS ONLY YOURS ..
AND YOU AND I WILL WALK HOLDING HANDS DOWN THE SHORE...

IN HAVANA, WHERE THE-->

SEMPRE FUI BOM VIAJANTE. APRECIO A PASSIVIDADE FORÇADA: FORÇA-ME A RACIOCINAR.

PASSEI BOA PARTE DO DIA NA CABINA, SAÍ À NOITE E ME SENTEI NO DEQUE, ASSISTINDO AO MAR ENEGRECIDO, IMAGINANDO-ME DE TEMPOS EM TEMPOS UM PIRATA, OU UM EXPLORADOR EM ÁGUAS INEXPLORADAS.

INFELIZMENTE, TAMBÉM ME VI DESPERDIÇANDO MAIS TEMPO DO QUE DEVIA A SENTIR SAUDADES DE DIAN.

E MEUS SONHOS FORAM TÃO TURBULENTOS E AGITADOS QUANTO O CINZENTO ATLÂNTICO.

NÃO HÁ NINGUÉM PARA ME RECEBER NA PRANCHA EM SOUTHAMPTON. NINGUÉM SABE QUE ESTOU VINDO NEM ELA. MESMO ASSIM...

É ESTRANHO: CONHECI GRANDE PARTE DESTE MUNDO, MAS NUNCA ESTIVE NA INGLATERRA.

A INGLATERRA DA MINHA MENTE É A DE DICKENS E M.R. JAMES, DO NEWGATE CALENDAR E DO SPRING-HEELED JACK. É ÓBVIO QUE A REALIDADE É MUITO DISTANTE...

A REALIDADE, COMO INFORMA ALONGADAMENTE O MOTORISTA DO TÁXI NUM SOTAQUE NASALADO QUE NÃO PARECE *NENHUM* SOTAQUE INGLÊS QUE EU JÁ TENHA OUVIDO, É QUE A INGLATERRA ESTÁ ÀS PORTAS DA GUERRA

O PRELÚDIO JÁ SE ENCERROU E O PAÍS TRANCOU A RESPIRAÇÃO, ESPERANDO A CORTINA SUBIR.

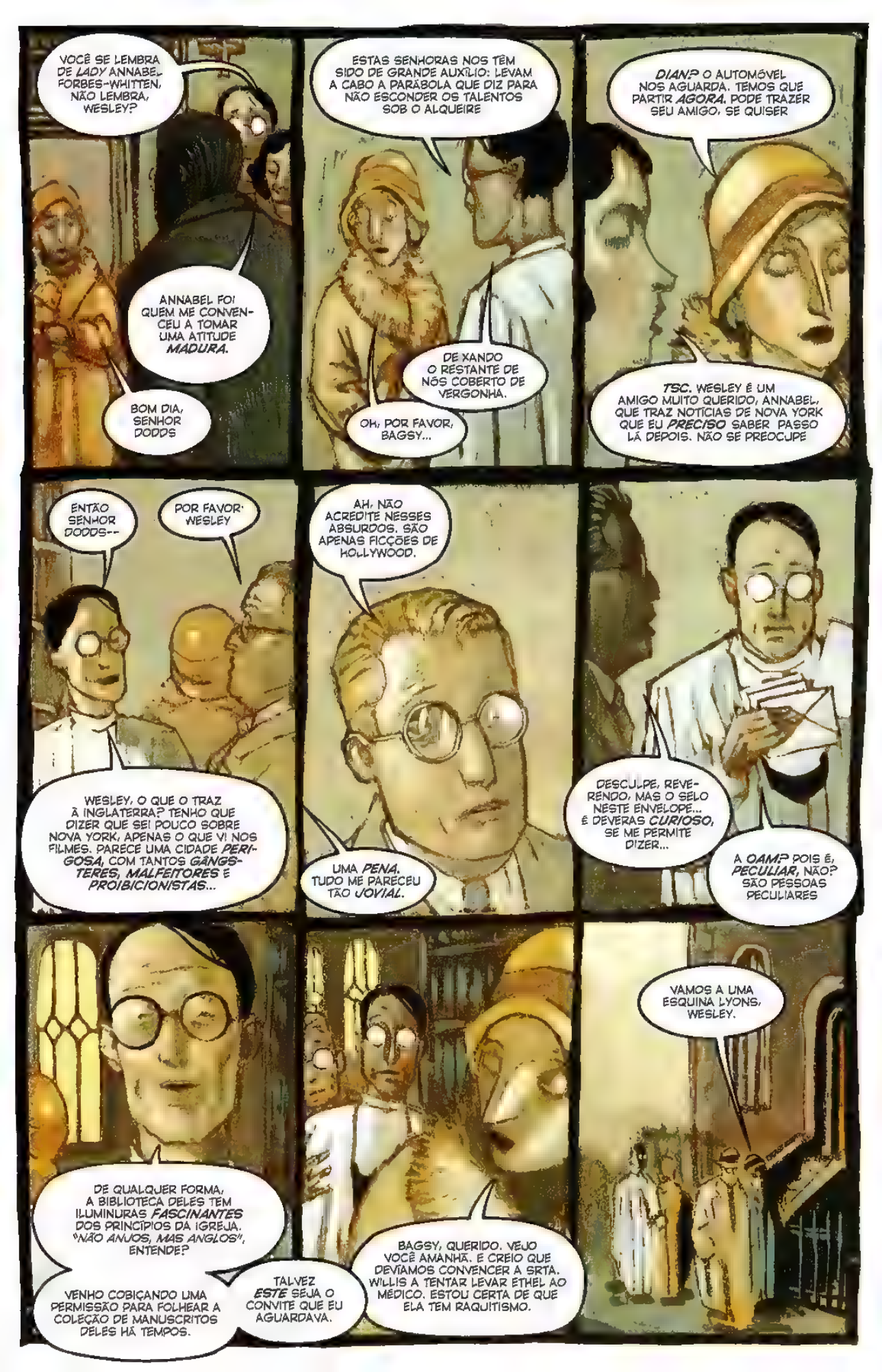
COMPREI UMA PASSAGEM DE PRIMEIRA CLASSE PARA LONDRES. ESPERAVA UM CARRO PULLMAN. FICO FRUSTRADO.
NÃO TIVE SUCESSO COM O SÍMBOLO. EMBORA POSSA SER CONSIDERADO UM PROGRESSO O PROCESSO GRADUAL DE EXCLUSÃO. O RESPONSÁVEL PELO SUICÍDIO DE LINUS BENCHLEY NÃO ERA MEMBRO DE NENHUMA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NEM DE QUALQUER DIVISÃO DA MAÇONARIA..
COM LICENÇA. JÁ TERMINEI ESTE JORNAL. GOSTARIA DE LER? INFELIZMENTE JÁ COMPLETEI AS PALAVRAS CRUZADAS...
OBRIGADO
O LONDON TIMES .. NÃO, APENAS THE TIMES... É UM JORNAL ESTRANHO. NÃO HÁ MANCHETES, APENAS CLASSIFICADOS NA CAPA. AS MATÉRIAS FICAM ESCONDIDAS, DENTRO. E NÃO HÁ IMAGENS.
Scotland Yard relata roubo audacioso das Esmeraldas Sigurdson: mais um cartão de 'Cannon' encontrado na cena do furto
EXAMINO O JORNAL ATENTAMENTE, DA CAPA AO VERSO, PROCURANDO MENÇÕES A DIAN, E ÀS LETRAS A, O E M — EM QUALQUER ORDEM
HÁ UM AUDACIOSO LADRÃO DE JOIAS À SOLTA, E A CHUVA INTERROMPEU O JOGO NO ESTÁDIO LORD'S CRICKET
NÃO ENTENDO O CRIQUETE.
SERÁ QUE ALGUÉM ENTENDE?

Quando cheguei a Londres, imaginava uma cidade de campos de críquete, monumentos e marcos históricos. Como P.G. Wodehouse... condes loucos e mordomos insanos. Era isso que eu esperava.
Não tenho dúvida de que aquela cidade, aquele mundo, existe. Uma hora dessas eu devia convencer Annabel a me levar a uma partida de críquete...
Mas esta é outra Londres a Zona Leste.
Eu não estava esperando o fedor. A pobreza opressiva. A brutalidade. A embriaguez. As condições primitivas
Há homens e mulheres que nunca tomaram um banho na vida. Abandonados, desnutridos
DIAN!

BOM DIA, MINHA CARA.
BOM DIA, ANNABEL. ALGUMA NOTÍCIA DE RODDY?
UM TELEGRAMA, ONTEM AINDA ESTÁ NO LEILÃO.
SAUDADE?
MUITA
OY! MOÇA A SINHORA É MES'O DA AMÉRICA? MES'O?
A SINHORA JÁ VIU CAUBÓI? DI VERDAD!? E NÍNDIO? JÁ VIU NÍNDIO?
PARE DE INCOMODAR A SENHORITA BELMONT VAI LEVAR UM BELO DUM SAFANÃO NA ORELHA...
DESCULPE, SENHORITA BELMONT ELE NÃO FEZ POR QUERER, O POBREZINHO. ELE SÓ QUERIA--
COMO ANDA A TOSSE CONVULSA DO BEBÊ, SRA MORGAN?
UÁÁÁ...
MELHOROU UM POUCO, 'BRIGADA. SENHÔ HAWSLEY ME DEU DINHEIRO PRA COMER...
MAIS UMA PANELA DE COZIDO, DIAN.
AH, QUE BOM ESTAVA EM FALTA.
AQUI ESTÁ, SENHOR E PODE PEGAR UMA MAÇÃ À SUA DIREITA. UMA POR PESSOA.
MOÇA, EU SOU NOVO AQUI. A GENTE TEM... EU TENHO QUE FAZER ALGUMA COISA DEPOIS DE COMER? TEM QUE CANTAR MÚSICA DE IGREJA, ESSAS COISA?
NÃO. O REVERENDO HAWSLEY DIZ QUE SÓ ESTAMOS PRESERVANDO SEU CORPO. A ALMA É POR CONTA PRÓPRIA...
DIAN?
É VOCÊ?

VOCÊ?
EU NÃO ACREDITO, WESLEY DODDS. NÃO ACREDITO. VIAJO CINCO MIL QUILÔMETROS PARA FUGIR DE VOCÊ E DE TUDO QUE LHE DIZ RESPEITO, E VOCÊ TEM O DESCARAMENTO, O ATREVIMENTO, O DESAFORO DE ME PERSEGUIR?
BEM, SE ESPERAVA UMA CONVERSINHA QUE FOSSE, WESLEY BERNARD DODDS, PODE TIRAR O CAVALINHO DA CHUVA.
HÃ. DIAN. NÃO VIM AQUI PARA VÊ-LA. OU MELHOR: VIM ATÉ AQUI, A LONDRES. E VIM AQUI, À MISSÃO, PARA VÊ-LA. MAS NA VERDADE VIM PORQUE--
PODEMOS CONVERSAR EM OUTRO LUGAR?
HMPF ACHO QUE PODEMOS USAR O ESCRITÓRIO DO REVERENDO HAWSLEY.
LINUS BENCHLEY ERA UM VELHO AMIGO DO MEU PAI. DIPLOMATA BOM HOMEM. EU O CONHECI QUANDO ERA MENOR, E O REENCONTREI EM HONG KONG... EU O VI NA SEMANA PASSADA EM NOVA YORK.
VI O SUJEITO SE MATAR.
A ÚNICA PISTA QUE TENHO ME TROUXE À INGLATERRA.
E SABER DISSO DEVIA ME APAZIGUAR?
BOM, É VERDADE
VOCÊ TROUXE A MÁSCARA TAMBÉM, NÃO TROUXE?
EU HÃ
POIS BEM, WESLEY. SE QUER BANCAR O SUPERDETETIVE, QUE SEJA.
DA MINHA PARTE, ME SATISFAÇO EM ACHAR QUE FAÇO A DIFERENÇA NA VIDA DESTAS PESSOAS AQUI. VOCÊ VIU, WESLEY?
É BOM TRABALHAR COM ANNABEL E COM O REVERENDO HAWSLEY... PESSOAS REAIS, DIRETAS, SEM IDENTIDADES SECRETAS, SEM VIDA DUPLA NEM MISTÉRIO...

OOPS. MINHAS ESCUSAS ATRAPALHO? HÃ, SENHORITA BELMONT, LADY ANNABEL ESTÁ QUASE TERMINANDO, E PEDIU QUE EU VERIFICASSE QUANTO TEMPO A SENHORITA--
WESLEY JÁ ESTÁ DE SAÍDA, REVERENDO HAWSLEY. WESLEY É UM VELHO AMIGO MEU DE NOVA YORK. VEIO PARA UMA VISITA. EM FÉRIAS WESLEY DODDS, ESTE É O REVERENDO ARMITAGE HAWSLEY.
VEIO A TURISMO, É? É UM PRAZER CONHECÊ-LO, SENHOR DODDS.
DIGO O MESMO, HÃ, REVERENDO HAWSLEY. OU DEVO CHAMÁ-LO DE ARMITAGE?
CÁ ENTRE NÓS, COMO ABATINADO, DIGO COM TODA A SINCERIDADE QUE HOMEM ALGUM SERIA TÃO TERRÍVEL A PONTO DE MERECER SER CHAMADO DE ARMITAGE. NÃO PELA FRENTE
TECNICAMENTE, É SENHOR HAWSLEY. MAS PREFIRO BAGSY. BAGSY, POR FAVOR. APELIDO DE ESCOLA.
ENTÃO VOCÊ É AMIGO DA DIAN.
BEM, DEVO DIZER QUE É IMENSURÁVEL O QUANTO ELA ILUMINA A VIDA DE TODOS AQUI. E O TRABALHO NA MISSÃO FICOU MAIS FÁCIL EM TODOS OS SENTIDOS.
COMO É QUE VOCÊS DIZEM... "AMIGO DELA É AMIGO MEU"? ASSIM?
SE DESEJAR VER MAIS DE NOSSA OBRA COM A MISSÃO, TEREI O PRAZER DE LHE APRESENTAR
E HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ EM LONDRES?
DESEMBARQUE AGORA PELA MANHÃ
DEUS GRACIOSO, MAS ENTÃO PRECISAMOS--
COM LICENÇA? BAGSY? JÁ PASSA DAS TRÊS--


VOCÊ SE LEMBRA DE *LADY* ANNABEL FORBES-WHITTEN, NÃO LEMBRA, WESLEY?
ANNABEL FO! QUEM ME CONVENCEU A TOMAR UMA ATITUDE *MADURA*.
BOM DIA, SENHOR DODDS
ESTAS SENHORAS NOS TÊM SIDO DE GRANDE AUXÍLIO: LEVAM A CABO A PARÁBOLA QUE DIZ PARA NÃO ESCONDER OS TALENTOS SOB O ALQUEIRE
DE XANDO O RESTANTE DE NÓS COBERTO DE VERGONHA.
OH, POR FAVOR, BAGSY...
DIAN? O AUTOMÓVEL NOS AGUARDA. TEMOS QUE PARTIR *AGORA*. PODE TRAZER SEU AMIGO, SE QUISER
TSC. WESLEY É UM AMIGO MUITO QUERIDO, ANNABEL, QUE TRAZ NOTÍCIAS DE NOVA YORK QUE EU *PRECISO* SABER. PASSO LÁ DEPOIS. NÃO SE PREOCUPE
ENTÃO SENHOR DODDS--
POR FAVOR WESLEY
WESLEY, O QUE O TRAZ À INGLATERRA? TENHO QUE DIZER QUE SEI POUCO SOBRE NOVA YORK, APENAS O QUE VI NOS FILMES. PARECE UMA CIDADE *PERIGOSA*, COM TANTOS *GÂNGSTERES, MALFEITORES* E *PROIBICIONISTAS*...
AH, NÃO ACREDITE NESSES ABSURDOS. SÃO APENAS FICÇÕES DE HOLLYWOOD.
UMA *PENA*. TUDO ME PARECEU TÃO *JOVIAL*.
DESCULPE, REVERENDO, MAS O SELO NESTE ENVELOPE... É DEVERAS *CURIOSO*, SE ME PERMITE DIZER...
A *OAM?* POIS É, *PECULIAR*, NÃO? SÃO PESSOAS PECULIARES
DE QUALQUER FORMA, A BIBLIOTECA DELES TEM ILUMINURAS *FASCINANTES* DOS PRINCÍPIOS DA IGREJA. "*NÃO ANJOS, MAS ANGLOS*", ENTENDE?
VENHO COBIÇANDO UMA PERMISSÃO PARA FOLHEAR A COLEÇÃO DE MANUSCRITOS DELES HÁ TEMPOS.
TALVEZ *ESTE* SEJA O CONVITE QUE EU AGUARDAVA.
BAGSY, QUERIDO. VEJO VOCÊ AMANHÃ. E CREIO QUE DEVÍAMOS CONVENCER A SRTA. WILLIS A TENTAR LEVAR ETHEL AO MÉDICO. ESTOU CERTA DE QUE ELA TEM RAQUITISMO.
VAMOS A UMA ESQUINA LYONS, WESLEY.

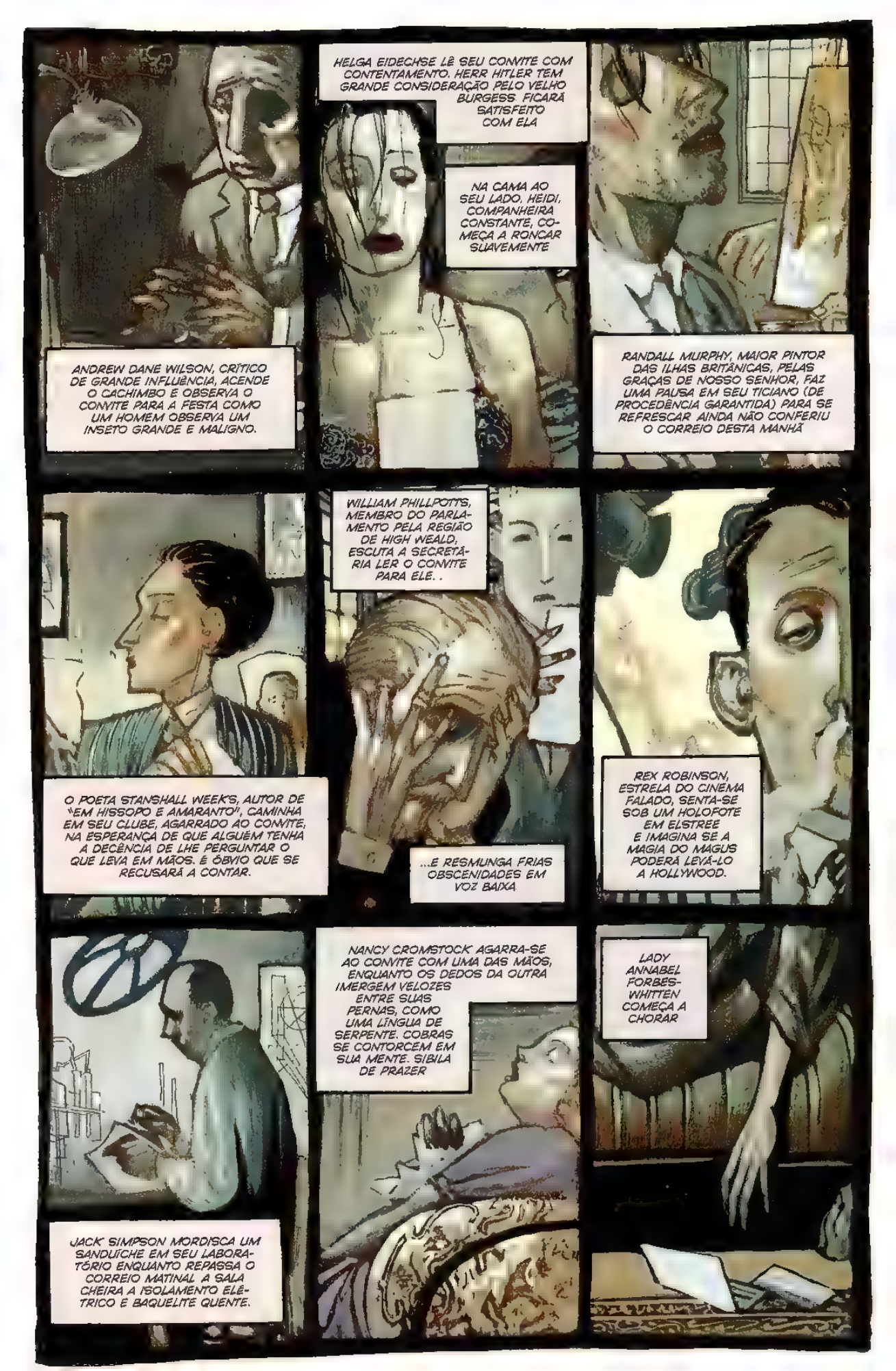
WESLEY... COMO VOCÊ SE ATREVE A ME SEGUIR?
COMO ME ATREVO A QUÊ, DIAN? JÁ EXPLIQUEI QUE NÃO ESTOU SEGUINDO VOCÊ FOI O SUICÍDIO..
PARE DE ME TRATAR COMO UMA IMBECIL, WESLEY. É INDECOROSO.
EU... SINTO MUITO.
É ÓBVIO QUE VOCÊ TEM RAZÃO.
DESDE QUE VOCÊ SE FOI, É COMO SE METADE DE MIM... A METADE MAIS IMPORTANTE... ESTIVESSE AUSENTE
WESLEY...
ASSISTIR AO AMIGO MAIS ANTIGO DE MEU PAI COMETER SUICÍDIO PODE TER ME IMPELIDO À INGLATERRA
MAS VOCÊ TEM RAZÃO. FOI SUA PRESENÇA QUE ME DETERMINOU.
SINTO FALTA DE SEU CHEIRO, DE SUAS RISADAS, DE SUA GRAÇA, DE SEU BOM SENSO...
WESLEY?
SIM
ONDE VOCÊ VAI FICAR?
NO SAVOY É UM HOTEL NA STRAND
EU TAMBÉM SENTI SAUDADE

O QUE ESTÁ FAZENDO? HEIN?
ALEX? VENHA CÁ OLHE PARA ELE. ESTÁ DE PÉ. VEJA!
S M, PA ?
ORAS! OLHE! ELE NÃO SE LEVANTA FAZ UMA DÉCADA, SEU CRETINO
O QUE ESTÁ MATUTANDO AÍ NA SUA CAIXA? HEIN?
OLHE PRA MIM
E OLHO PARA ELE. OBSERVO-O COM DESPREZO E DESDÉM, DA MINHA ALTURA.
EU O OBSERVO TAGARELAR, SALTITAR, LAMURIAR.
SUAS PALAVRAS FLUEM COMO ÁGUA PÚTRIDA. SOU EU QUE POSSO AGUARDAR PARA SEMPRE, QUEM QUER QUE EU SEJA: DISSO TENHO CERTEZA.
ELE GARGANTEIA ORDENS.
TALVEZ JÁ TENHA SIDO HOMEM MAIOR. AINDA HÁ UM POUCO DE POSE: UMA CRIATURA MOLDADA POR MENTIRAS E ÓDIO, E UM POUCO DE CULTURA...
E UM POUCO DE CULTURA É UMA COISA PERIGOSA. ALEXANDER POPE QUE DISSE.
HAVERÁ UMA FESTA.
HAVERÁ UMA GUERRA.
UMA SENSAÇÃO ESTRANHA EM MEUS OLHOS, EM MEU SONHO (DE REPENTE COMPREENDO QUE ESTOU SONHANDO, SONHANDO COM A CAIXA DE VIDRO E COM O ARANHA POSUDO, E COM O MUNDO).
ESTRELAS ELAS SÃO, QUE RELUZEM NO ESCURO.
E ENTÃO ME AFASTO.
DE VOLTA A UM MUNDO QUE CHEIRA A MULHER E ALMÍSCAR.
ALGUÉM CHAMA POR MEU NOME, MAS NÃO É VOCÊ.

WESLEY? ESTÁ ACORDADO? EU TENHO MESMO QUE IR, QUERIDO. ANNABEL VAI FICAR PREOCUPADA.
HMMM?
NÃO ENTENDO OS HOMENS. NÃO ENTENDO MESMO. ASSIM QUE ESGOTA A PAIXÃO, JÁ CAEM NA TERRA DO SONHO...
HÃ? DESCULPE, COCHILEI POR UM INSTANTE. . SONHOS...
EU SE
VEJA BEM, WESLEY, FOI MUITO AGRADÁVEL POREM, EU INFELIZMENTE NÃO QUERO MAIS VÊ-LO ENQUANTO ESTIVER NA INGLATERRA.
NÃO ASSIM TAMPOUCO SOCIALMENTE
MAS, DIAN. NÓS SÓ... HÃ. DIGO, O QUE FIZEMOS FOI... PENSEI QUE...
ADMITO QUE O QUE SINTO POR VOCÊ É CONFUSO...
...E QUANDO... E SE EU VOLTAR PARA NOVA YORK, TALVEZ POSSAMOS SEGUIR NESSE ROMANCE... CASO... PARCERIA... COMO VOCÊ QUISER CHAMAR.
MAS DEIXEI NOVA YORK POR UM MOTIVO. DEIXEI VOCÊ POR UM MOTIVO, WESLEY.
EU... EU TE AMO, DIAN
EU... EU SEI, WESLEY. EU SEI QUE ME AMA

SENHOR BURGESS?
'TARDE, BROWN
O MAGUS DIZ QUE NÃO DEVE SER INCOMODADO HOJE
SIM, SENHOR BURGESS. POR ISSO VIM À SUA PROCURA.
JÁ COMPUS A LISTA COMPLETA DE CONVIDADOS PARA A FANFARRA DO MAGUS NESTE FIM DE SEMANA
FESTEJO, BROWN. NÃO É UMA FANFARRA.
SIM, TUDO BEM. PARECE ESTAR EM ORDEM.
ENTREGUE OS ÚLTIMOS CONVITES, BROWN
É *CLARO*, SENHOR BURGESS

SCOTLAND YARD.
MY OLD MAN SAID FOLLOW THE VAN AND DON'T DILLY DALLY ON THE WAY...
OFF WENT THE VAN WITH MY WHOLE LIFE IN IT, I FOLLOWED ON WITH MY OLD COCK LINNET ..
BUT I DILLIED, I DALLIED DALLIED AND I DILLIED, LOST ME WAY AND DON'T KNOW WHERE TO ROAM
WELL YOU CAN'T TRUST THE SPECIALS LIKE THE OLD TIME COPPERS, WHEN YOU CAN'T FIND YOUR WAY HOME.
ORA, ORA. ACHE! QUE HAVIA TRANCADO A SALA DE DISCOS...
TEM ALGUÉM A--?
ARTHUR STUBBS...


ANDREW DANE WILSON, CRÍTICO DE GRANDE INFLUÊNCIA, ACENDE O CACHIMBO E OBSERVA O CONVITE PARA A FESTA COMO UM HOMEM OBSERVA UM INSETO GRANDE E MALIGNO.
HELGA EIDECHSE LÊ SEU CONVITE COM CONTENTAMENTO. HERR HITLER TEM GRANDE CONSIDERAÇÃO PELO VELHO BURGESS. FICARÁ SATISFEITO COM ELA
NA CAMA AO SEU LADO, HEIDI, COMPANHEIRA CONSTANTE, COMEÇA A RONCAR SUAVEMENTE
RANDALL MURPHY, MAIOR PINTOR DAS ILHAS BRITÂNICAS, PELAS GRAÇAS DE NOSSO SENHOR, FAZ UMA PAUSA EM SEU TICIANO (DE PROCEDÊNCIA GARANTIDA) PARA SE REFRESCAR. AINDA NÃO CONFERIU O CORREIO DESTA MANHÃ
O POETA STANSHALL WEEKS, AUTOR DE "EM HISSOPO E AMARANTO", CAMINHA EM SEU CLUBE, AGARRADO AO CONVITE, NA ESPERANÇA DE QUE ALGUÉM TENHA A DECÊNCIA DE LHE PERGUNTAR O QUE LEVA EM MÃOS. É ÓBVIO QUE SE RECUSARÁ A CONTAR.
WILLIAM PHILLPOTTS, MEMBRO DO PARLAMENTO PELA REGIÃO DE HIGH WEALD, ESCUTA A SECRETÁRIA LER O CONVITE PARA ELE. .
...E RESMUNGA FRIAS OBSCENIDADES EM VOZ BAIXA
REX ROBINSON, ESTRELA DO CINEMA FALADO, SENTA-SE SOB UM HOLOFOTE EM ELSTREE E IMAGINA SE A MAGIA DO MAGUS PODERÁ LEVÁ-LO A HOLLYWOOD.
JACK SIMPSON MORDISCA UM SANDUÍCHE EM SEU LABORATÓRIO ENQUANTO REPASSA O CORREIO MATINAL A SALA CHEIRA A ISOLAMENTO ELÉTRICO E BAQUELITE QUENTE.
NANCY CROMSTOCK AGARRA-SE AO CONVITE COM UMA DAS MÃOS, ENQUANTO OS DEDOS DA OUTRA IMERGEM VELOZES ENTRE SUAS PERNAS, COMO UMA LÍNGUA DE SERPENTE. COBRAS SE CONTORCEM EM SUA MENTE. SIBILA DE PRAZER
LADY ANNABEL FORBES-WHITTEN COMEÇA A CHORAR

Os olhos são como estrelas refletidas em piscinas de água negra
Os olhos são da aranha. No centro da teia, ela aguarda
E a teia é o mundo
O corvo estilhaça o mundo, deforma-o
Uma cabeça monstruosa de osso e vidro, uma criatura de pesadelos.
Sinto absoluta repulsa, excitação e terror quando ela vem na minha direção, um inseto, um monstro, um demônio do inferno.
Ela ergue as mãos a cabeça, e meu coração para. Eu daria tudo para não ver o rosto por trás da máscara
Mas, quando a máscara é removida, não o reconheço

E acordo com o taxista a me dizer "São dois xelins, madame"
Tateio minha bolsa
Dou gorjeta de seis pêni
Acho que estava sonhando, mas não encontro mais o sonho. Ele me foge, esconde-se nos fundos de minha mente
VOSSA SENHORIA ESTÁ NO QUARTO, SENHORITA. DEVO ANUNCIÁ-LA?
NÃO É NECESSÁRIO, JANE
POIS BEM, SENHORITA
ANNABEL? SOU EU, QUERIDA. DIAN. TUDO BEM?
ANNABEL?
O QUE HOUVE?
ANNABEL? NÃO VAI ME CONTAR?
E-EU NÃO POSSO. NÃO OUSARIA.
POR FAVOR
C-CERTO. MAS VOCÊ DEVE JURAR QUE NUNCA VAI CONTAR A VIVALMA.
CLARO, EU--
JURE!
EU JURO, ANNABEL.
ENTÃO, O QUE FOI?

COMEÇOU HÁ DEZ ANOS. EU TINHA DEZESSETE. ELE ERA UM *POETA*, IDOSO... DOS MAIS CÉLEBRES. MUITO RESPEITADO. VOCÊ RECONHECERIA O NOME, CREIO EU, SE LHE CONTASSE. ACREDITO QUE HOJE EM DIA A OBRA DELE JÁ SEJA ENSINADA NOS COLÉGIOS.

ERA AMIGO DE MEU GUARDIÃO, QUE NÃO IMPUNHA BARREIRAS À NOSSA AMIZADE. A QUAL SE TORNOU... DEVERAS ÍNTIMA.

ERAM OS ANOS 20. UMA ÉPOCA DIFERENTE. E ELE ERA *TUDO* PARA MIM. ELE ME APRESENTOU A CERTOS... CERTOS PRAZERES... VÍCIOS: *TROILISM*, COQUETÉIS, NARCÓTICOS...

RECREAÇÕES PARA UM POETA IDOSO E SUA NINFETINHA.

APÓS A MORTE DELE — POR ABUSO DE MORFINA, CREIO EU, EMBORA TENHAM DITO QUE FOI O CORAÇÃO, INVADI SEUS APOSENTOS À PROCURA DAS CARTAS QUE LHE ESCREVERA, E AS FOTOS QUE COM CERTEZA HAVIA TIRADO DE MIM.

FOTOS DE COISAS QUE HOJE EU NÃO FARIA PARA MEU MARIDO, EM NOSSO LEITO MATRIMONIAL...

MAS NÃO ENCONTREI *NADA*. SUPUS QUE NOSSA CORRESPONDÊNCIA HAVIA SIDO *QUEIMADA*.

CONHECI RODDY NA SUÍÇA. ELE ME ACHOU UM TANTO RETRAÍDA. MAS NOS ACERTAMOS.

CASAMOS QUANDO FIZ DEZENOVE. ATÉ ONDE ELE SABE, PERDI MINHA INOCÊNCIA NA NOITE DE NÚPCIAS.

EU *ACHEI* QUE MEUS DIAS LOUCOS DA JUVENTUDE FICARIAM ENTERRADOS NA ABADIA, COM MEU POETA.

HÁ SEIS MESES, RECEBI PELO CORREIO UMA DAS FOTOGRAFIAS...

...UMA DAS *MENOS* ESCANDALOSAS. E UMA CARTA QUE CITAVA PASSAGENS DE UMA DE MINHAS MÍSSIVAS MAIS ÍNTIMAS. ERA DE UM GRUPO DO QUAL EU... NÓS... FAZÍAMOS PARTE. TOLICES DE DONZELAS E SENIS.

EU *PAGUEI* A CHANTAGEM.

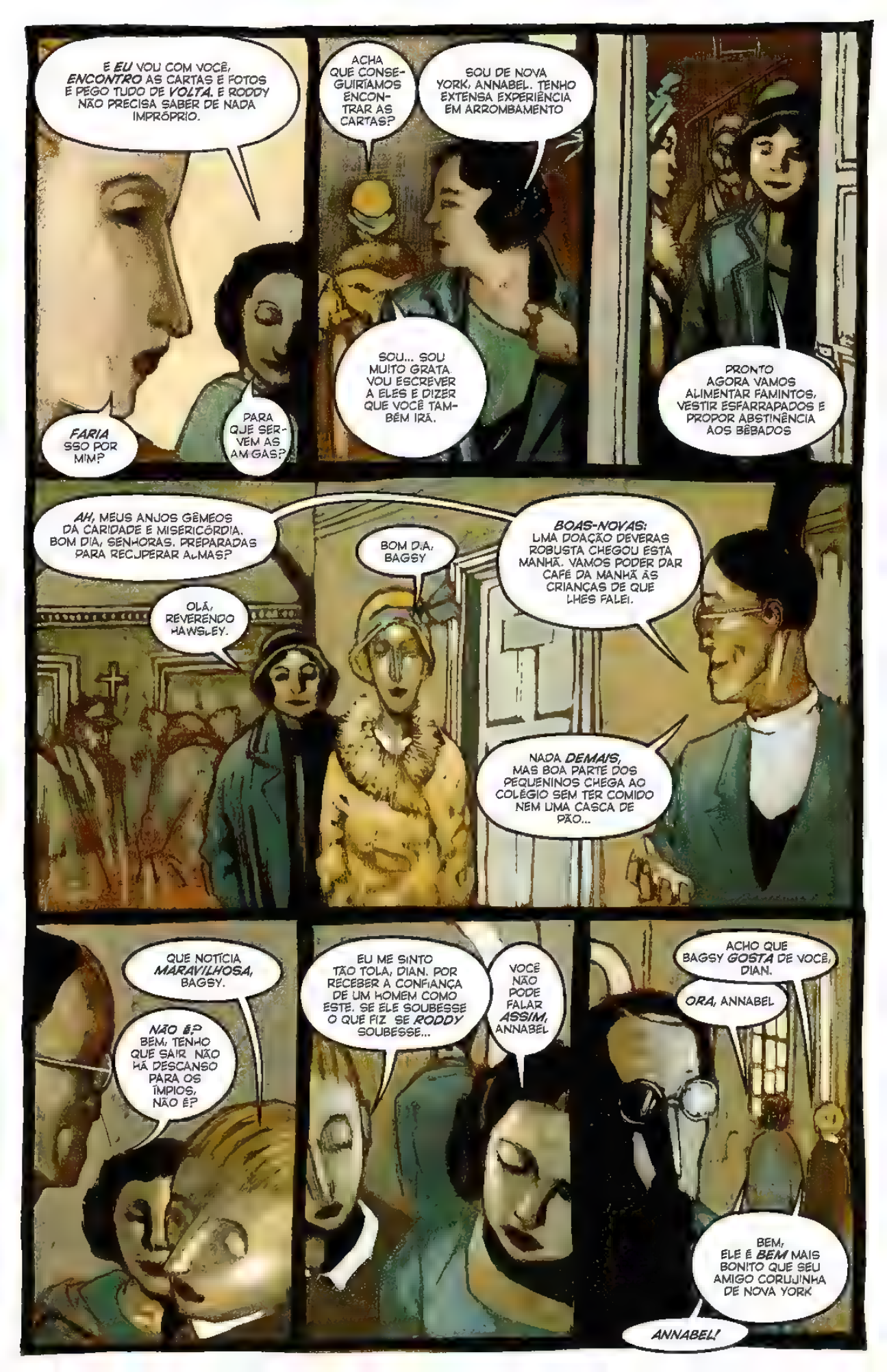
TODOS OS MESES.

MAS AGORA ELES QUEREM *MAIS*... E PEDIRAM... PARA ENCONTRÁ-LOS NUMA FESTA... ESTE FIM DE SEMANA...

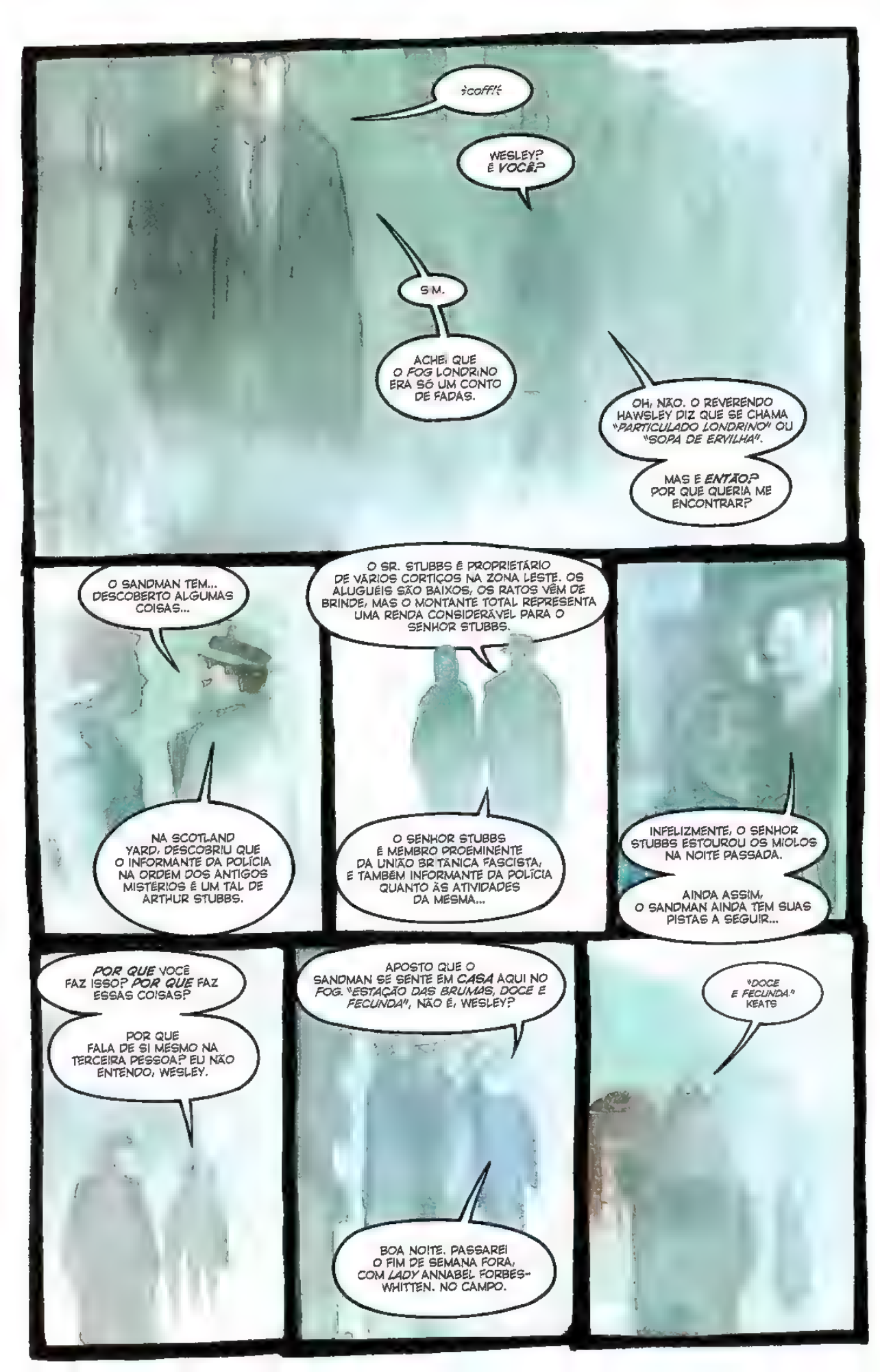
E EU...

...EU NÃO SEI O QUE EU *FAÇO*...

BEM, *PRIMEIRO* VOCÊ VAI RESPONDER QUE ACEITA O CONVITE. *SEGUNDO*, VAI DIZER A ELES QUE VAI LEVAR UMA AMIGA.


E EU VOU COM VOCÊ, ENCONTRO AS CARTAS E FOTOS E PEGO TUDO DE VOLTA. E RODDY NÃO PRECISA SABER DE NADA IMPRÓPRIO.
FARIA SSO POR MIM?
PARA QUE SERVEM AS AMIGAS?
ACHA QUE CONSEGUIRÍAMOS ENCONTRAR AS CARTAS?
SOU DE NOVA YORK, ANNABEL. TENHO EXTENSA EXPERIÊNCIA EM ARROMBAMENTO
SOU... SOU MUITO GRATA. VOU ESCREVER A ELES E DIZER QUE VOCÊ TAMBÉM IRÁ.
PRONTO AGORA VAMOS ALIMENTAR FAMINTOS, VESTIR ESFARRAPADOS E PROPOR ABSTINÊNCIA AOS BÊBADOS
AH, MEUS ANJOS GÊMEOS DA CARIDADE E MISERICÓRDIA. BOM DIA, SENHORAS. PREPARADAS PARA RECUPERAR ALMAS?
OLÁ, REVERENDO HAWSLEY.
BOM DIA, BAGSY
BOAS-NOVAS: UMA DOAÇÃO DEVERAS ROBUSTA CHEGOU ESTA MANHÃ. VAMOS PODER DAR CAFÉ DA MANHÃ ÀS CRIANÇAS DE QUE LHES FALEI.
NADA DEMAIS, MAS BOA PARTE DOS PEQUENINOS CHEGA AO COLÉGIO SEM TER COMIDO NEM UMA CASCA DE PÃO...
QUE NOTÍCIA MARAVILHOSA, BAGSY.
NÃO É? BEM, TENHO QUE SAIR NÃO HÁ DESCANSO PARA OS ÍMPIOS, NÃO É?
EU ME SINTO TÃO TOLA, DIAN. POR RECEBER A CONFIANÇA DE UM HOMEM COMO ESTE. SE ELE SOUBESSE O QUE FIZ SE RODDY SOUBESSE...
VOCÊ NÃO PODE FALAR ASSIM, ANNABEL
ACHO QUE BAGSY GOSTA DE VOCÊ, DIAN.
ORA, ANNABEL
BEM, ELE É BEM MAIS BONITO QUE SEU AMIGO CORUJINHA DE NOVA YORK
ANNABEL!

"CREIO QUE O TIRO VEIO DAQUI INSPETOR."
"TENHA VINDO, NÃO VEIO, CARTER."
"SIM, SENHOR TENHA VINDO. VOU ATÉ A SENHORITA STUBBS."
"MEU SENHOR POR QUE?"
"ELE ERA MEU CAGUETE, SENHOR."
TODO CAGUETE É HUMANO, CARTER. É SUSCETÍVEL ÀS DORES QUE HERDA O HUMANO. COMO ESTOURAR OS PRÓPRIOS MIOLOS QUANDO SE ESTÁ NA PIOR.
MUITO PROFUNDO, NSPETOR...
INSPETOR GROUSE? É UM DOS CARTÕES DAQUELE TAL DE CANNON.
O CANHÃO? ELE ESTEVE AQUI?
ACHA QUE É ELE, SENHOR?
QUE FOI, CARTER. QUE FOI ELE QUE ATIROU EM STUBBS? É BEM DO FEITIO DELE...
MAS NÃO, É MAIS PROVÁVEL QUE ELE TENHA RAPADO O COFRE. FAZ MAIS O ESTILO.
ENTÃO O QUE ACHA, SENHOR?
COM TODA A FRANQUEZA, ACHO QUE VAI SER MENOS TRABALHO PARA COMPLICAR NOSSA VIDA, CARTER.

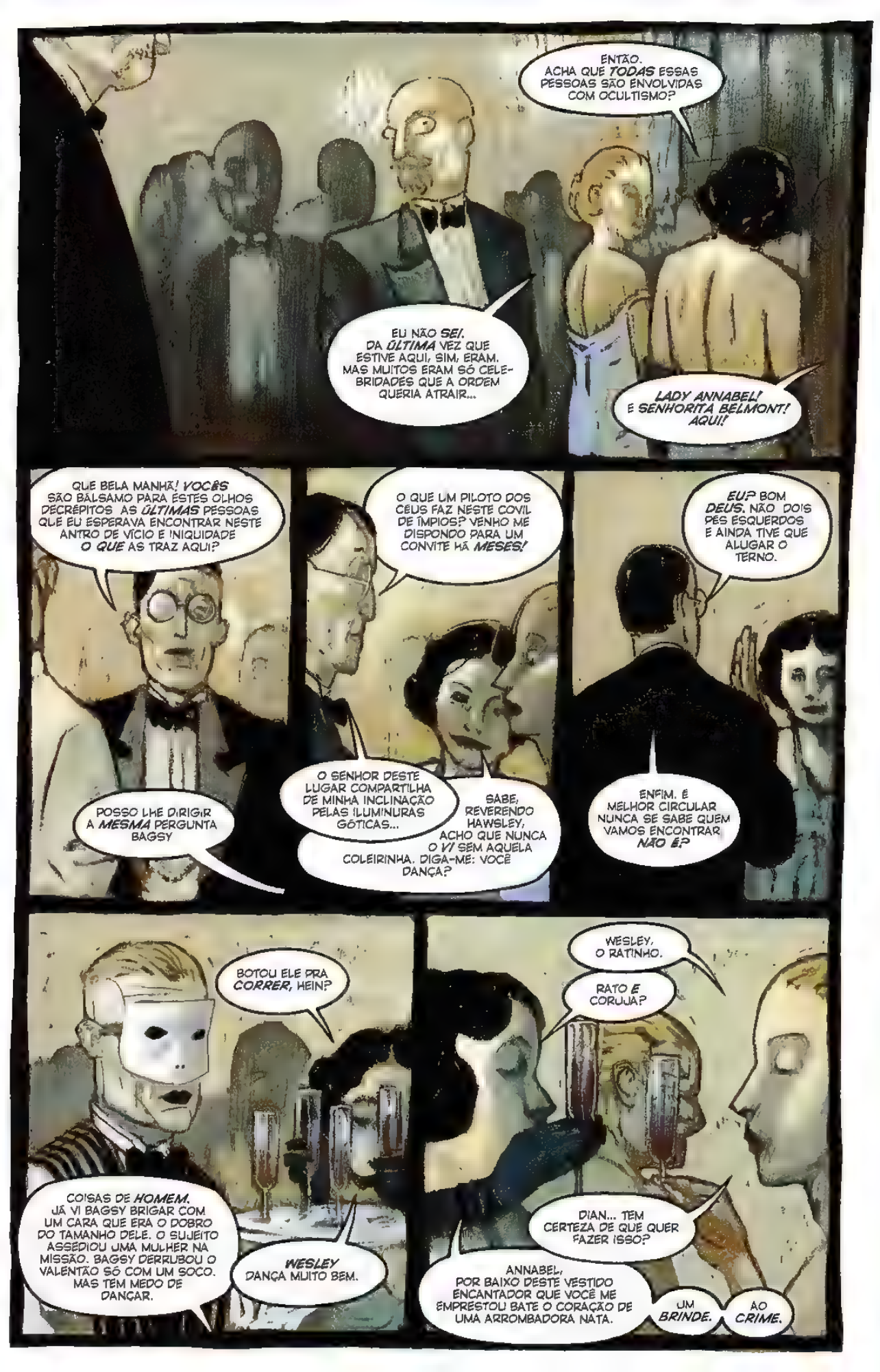

¿coff!?
WESLEY? É VOCÊ?
SIM.
ACHEI QUE O FOG LONDRINO ERA SÓ UM CONTO DE FADAS.
OH, NÃO. O REVERENDO HAWSLEY DIZ QUE SE CHAMA "PARTICULADO LONDRINO" OU "SOPA DE ERVILHA".
MAS E ENTÃO? POR QUE QUERIA ME ENCONTRAR?
O SANDMAN TEM... DESCOBERTO ALGUMAS COISAS...
NA SCOTLAND YARD, DESCOBRIU QUE O INFORMANTE DA POLÍCIA NA ORDEM DOS ANTIGOS MISTÉRIOS É UM TAL DE ARTHUR STUBBS.
O SR. STUBBS É PROPRIETÁRIO DE VÁRIOS CORTIÇOS NA ZONA LESTE. OS ALUGUÉIS SÃO BAIXOS, OS RATOS VÊM DE BRINDE, MAS O MONTANTE TOTAL REPRESENTA UMA RENDA CONSIDERÁVEL PARA O SENHOR STUBBS.
O SENHOR STUBBS É MEMBRO PROEMINENTE DA UNIÃO BRITÂNICA FASCISTA, E TAMBÉM INFORMANTE DA POLÍCIA QUANTO ÀS ATIVIDADES DA MESMA...
INFELIZMENTE, O SENHOR STUBBS ESTOUROU OS MIOLOS NA NOITE PASSADA.
AINDA ASSIM, O SANDMAN AINDA TEM SUAS PISTAS A SEGUIR...
POR QUE VOCÊ FAZ ISSO? POR QUE FAZ ESSAS COISAS?
POR QUE FALA DE SI MESMO NA TERCEIRA PESSOA? EU NÃO ENTENDO, WESLEY.
APOSTO QUE O SANDMAN SE SENTE EM CASA AQUI NO FOG. "ESTAÇÃO DAS BRUMAS, DOCE E FECUNDA", NÃO É, WESLEY?
BOA NOITE. PASSAREI O FIM DE SEMANA FORA, COM LADY ANNABEL FORBES-WHITTEN. NO CAMPO.
"DOCE E FECUNDA" KEATS

EU JÁ LHE DISSE QUE NÃO É A PRIMEIRA VEZ QUE VENHO AQUI, DIAN?
JÁ
"MAS ISSO FOI EM OUTRO PAÍS, E, ALÉM DO MAIS, A MULHER ESTÁ MORTA." MEU POETA COSTUMAVA DIZER ISSO. É SHAKESPEARE OU ALGUM DA MESMA LAIA. NO CASO, PORÉM, A MULHER NÃO ESTÁ MORTA, E ELE ESTÁ.
A MANSÃO CHAMA-SE FAWNEY RIG. MEU POETA DIZIA QUE ERA UMA ESPÉCIE DE PIADA, MAS NUNCA ME EXPLICOU.
A PINTURA É DE UTHER MERRICK. ERA MEMBRO DA ORDEM QUANDO EU VINHA AQUI. PASSEI UMA LONGA NOITE COM ELE E MEU POETA, DIAN. UM PELA FRENTE, O OUTRO POR TRÁS.
TOLICES QUE FAZEMOS PELO AMOR, NÃO?
MERRICK TAMBÉM MORREU
A MAIORIA DOS CADÁVERES DA CASA É DE GESSO OU PAPEL MACHÊ
NO INÍCIO HAVIA ALGUNS DE VERDADE, MAS A CRIADAGEM MORRIA DE MEDO.
É TÃO ESTRANHO ESTAR AQUI, DIAN. COMO SE NUNCA TIVESSE PARTIDO. COMO SE OS ÚLTIMOS DEZ ANOS NÃO PASSASSEM DE UM SONHO
PODE ME DEIXAR ALGUNS MINUTOS A SÓS?
QUERO ME LEMBRAR DELE.
SÓ ALGUNS MINUTOS

O SENHOR ALEXANDER DEU INSTRUÇÕES PARA QUE O ESCRITÓRIO E LOCAIS DE RITUAL FIQUEM INACESSÍVEIS. NÃO FAÇA CENA CASO ENCONTRE UM CONVIDADO NESTAS ÁREAS. BASTA DIRIGI-LO A--
ENTÃO, COMO ANDAM OS, HÃ... OS DELFINIOS, JOVEM McGUIRE, HE N? SÃO DELFINIOS, NÃO SÃO?
MUITO BEM, SINHÔ. JÁ PLANTEI TUDO. MAS TÔ UMA IMUNDÍCIA DE SUADO
NÃO, NÃO: *CAVALOS* SUAM, RAPAZ *HOMENS* TRANSPIRAM MULHERES APENAS FICAM *CORADAS*.
P-PAUL...? O QUE ESTÁ FAZENDO?
LIMPANDO MEU CORADO, SINHÔ. SÔ UMA COISINHA PRA CÊ LEMBRAR DE MIM.
GUERRA? *POR QUE* HAVERIA *GUERRA?* O *REISCHSCHANCELLOR* ESTÁ MUITO CONTENTE COM OS BRITÂNICOS
VOCÊS NÃO SÃO UMA RAÇA IMPURA E DEGENERADA.
TANTO ANGLOS QUANTO SAXÕES FORAM TRIBOS *GERMÂNICAS*. .

VOCÊ NÃO TEM QUE SE PREOCUPAR, ANNABEL. VAI FICAR TUDO BEM
DIAN, QUERIDA NÃO FOSSE VOCÊ, EU VINHA ABAIXO. VOCÊ É UMA ROCHA.
OBRIGADA... ACHO. MAS NUNCA FUI UMA ROCHA
BOA NOITE, DAMAS SOU O DOUTOR SVEN KARPOSIAN. JÁ DEVEM TER OUVIDO FALAR DE MIM.
AINDA NÃO TIVE ESSE PRAZER.
"O ID E A REPRESSÃO"... NÃO? SOU O GRANDE HERDEIRO INTELECTUAL DE FREUD. JÁ?
É AÍ QUE RESIDE O GÊNIO DE NOSSO ANFITRIÃO ELE ENTENDE QUE A REPRESSÃO SÓ LEVARÁ À LOUCURA.
POIS EU, QUANDO PRECISO OLHAR PARA SEUS PEITOS, NÃO ME REPRIMO. EU OLHO. JÁ? COM OS OLHOS. JÁ?
REPRIMIR É FRAQUEZA, E TAMBÉM LOUCURA. TALVEZ MAIS TARDE EU POSSA IR ALÉM DO OLHAR. JÁ?
EU VOU PRA CASA. É DESAGRADÁVEL DEMAIS. VOU PRA CASA, TOMO ARSÊNICO OU ESTRICNINA, O QUE HOUVER, E ESTAREI MORTA E EM PAZ QUANDO RODNEY CHEGAR EM CASA
FIRME, QUERIDA TUDO HÁ DE PASSAR
BEM-VINDAS, SENHORAS. FAZEI O QUE QUISERES.
HÁ DE SER TUDO DA LEI.
HÁ. OBRIGADA.

SANDA
MIDNIGHT
THEATRE
retained, tru
dian
nd in
ried out only by
cult decisions may have
crifice
n chan
be
ore


ENTÃO. ACHA QUE TODAS ESSAS PESSOAS SÃO ENVOLVIDAS COM OCULTISMO?
EU NÃO SEI. DA ÚLTIMA VEZ QUE ESTIVE AQUI, SIM, ERAM. MAS MUITOS ERAM SÓ CELEBRIDADES QUE A ORDEM QUERIA ATRAIR...
LADY ANNABEL! E SENHORITA BELMONT! AQUI!
QUE BELA MANHÃ! VOCÊS SÃO BÁLSAMO PARA ESTES OLHOS DECRÉPITOS AS ÚLTIMAS PESSOAS QUE EU ESPERAVA ENCONTRAR NESTE ANTRO DE VÍCIO E INIQUIDADE O QUE AS TRAZ AQUI?
POSSO LHE DIRIGIR A MESMA PERGUNTA BAGSY
O QUE UM PILOTO DOS CÉUS FAZ NESTE COVIL DE ÍMPIOS? VENHO ME DISPONDO PARA UM CONVITE HÁ MESES!
O SENHOR DESTE LUGAR COMPARTILHA DE MINHA INCLINAÇÃO PELAS ILUMINURAS GÓTICAS...
SABE, REVERENDO HAWSLEY, ACHO QUE NUNCA O VI SEM AQUELA COLEIRINHA. DIGA-ME: VOCÊ DANÇA?
EU? BOM DEUS. NÃO DOIS PÉS ESQUERDOS E AINDA TIVE QUE ALUGAR O TERNO.
ENFIM. É MELHOR CIRCULAR NUNCA SE SABE QUEM VAMOS ENCONTRAR NÃO É?
BOTOU ELE PRA CORRER, HEIN?
COISAS DE HOMEM. JÁ VI BAGSY BRIGAR COM UM CARA QUE ERA O DOBRO DO TAMANHO DELE. O SUJEITO ASSÉDIOU UMA MULHER NA MISSÃO. BAGSY DERRUBOU O VALENTÃO SÓ COM UM SOCO. MAS TEM MEDO DE DANÇAR.
WESLEY DANÇA MUITO BEM.
WESLEY, O RATINHO.
RATO E CORUJA?
DIAN... TEM CERTEZA DE QUE QUER FAZER ISSO?
ANNABEL, POR BAIXO DESTE VESTIDO ENCANTADOR QUE VOCÊ ME EMPRESTOU BATE O CORAÇÃO DE UMA ARROMBADORA NATA.
UM BRINDE.
AO CRIME.

"POIS TENHO POR *CERTO* QUE NÃO HAVERÁ GUERRA."

"...CONJURAÇÃO DE ASMODA MAS, CLARO, O QUE ELE QUERIA *MESMO* ERGUER ERA O QUE TINHA ENTRE AS *PERNAS*..."

"...*NÃO É* O TIPO DE GAROTA QUE ALGUÉM POSSA APRESENTAR À MÃE. A NÃO SER QUE A MÃE SEJA UMA PROSTITUTA CAOLHA MULATA E COCA NÔMANA..."

"...ENTÃO, NÃO, É *ENGRAÇADA*... O FAZENDEIRO DIZ 'VIGÁRIO, EU NÃO ABRO O BICO SOBRE OS COELHOS SE O SENHOR ME CONTAR COMO CONSEGUIU PEGAR TANTOS...'"

"VAMOS NOS *MISTURAR?*"

"QUEM EU SOU?"

MADAME, SOU *UM* MICHELANGELO; SOU *UM* CONSTABLE; SOU *DOIS* REMBRANDTS E UM BRUEGEL; E REZO PARA QUE NUNCA DESÇA AO NÍVEL DE UM PICASSO OU VAN GOGH.

MAS ME *CONTE*, SENHOR MURPHY: JÁ PINTOU *SERPENTES?*

INFELIZMENTE NOSSOS ANTEPASSADOS CLÁSSICOS FORAM *DEFICIENTES* EM TERMOS VIBORÍSTICOS, SENHORITA CROMSTOCK. NÃO HAVIA MUITA *DEMANDA*.

ORA, QUE *FASCINANTE*. TENHO UMA IDEIA PARA UM QUADRO QUE VOCÊ VAI *TER* QUE PINTAR. ENVOLVE UMA SACERDOTISA DE ÍSIS E UMA ALEGRE JIBÓIA.

MAS QUE JOVEM *DESCORTÊS*. NÃO POSSO NEM *REPETIR* O QUE ELE ME DISSE.

NÃO SE PREOCUPE, EU OUVI ELE FALOU *ONDE* VOCÊ PODE ENFIAR SUAS SERPENTES. E APOSTO QUE NÃO SERÁ SUA PRIMEIRA *VEZ*.

"OU SEJA, OS CONTOS DE *HENRY* JAMES, COMO SE ESCRITOS POR *JESSE* JAMES. AMBOS DEFINEM OS ESTADOS UNIDOS. MAS PODERÃO TRANSCENDER A PRESUNÇÃO E TORNAR-SE ARTE?"

"SIMPLESMENTE NÃO SEI COMO ALGUÉM QUE CONHECE O MAGUS POSSA PENSAR *ASSIM*. A PRÓPRIA *LADY* ÍSIS ME REVELOU QUE ELE É A REENCARNAÇÃO DE OSÍRIS."

"MAS JÁ SUPEROU, CLARO. PROVAVELMENTE USE UM CONSOLO."

"TENHO CERTEZA DE QUE ELE NÃO FAZ *NADA* DISSO."

"CLARO QUE ALEISTER DEU UMA RISADA *MONSTRUOSA* QUANDO OUVIU QUE EU VIRIA AQUI, NO FIM DE SEMANA. CHAMA O LUGAR DE *PANTOVILLE*. EMBORA A ADEGA DO MAGUS SEJA TÃO BOA QUANTO QUALQUER OUTRA..."

"SE, QUE ELE COSTUMAVA INICIAR INQUIRIDORES POR CONTA PRÓPRIA. AS MOÇAS PELA FRENTE E OS CAVALHEIROS, HÃ... PELO VERSO."

"CONVERSEI COM UM CAMARADA QUE DISSE QUE O ESQUEMA DOS POMBOS E DOS ESPELHOS É SÓ METÁFORA LITERÁRIA. NÃO DIGA A ELE QUE FOI UMA VISÃO PIOR DO QUE..."

EU TE CONHEÇO!

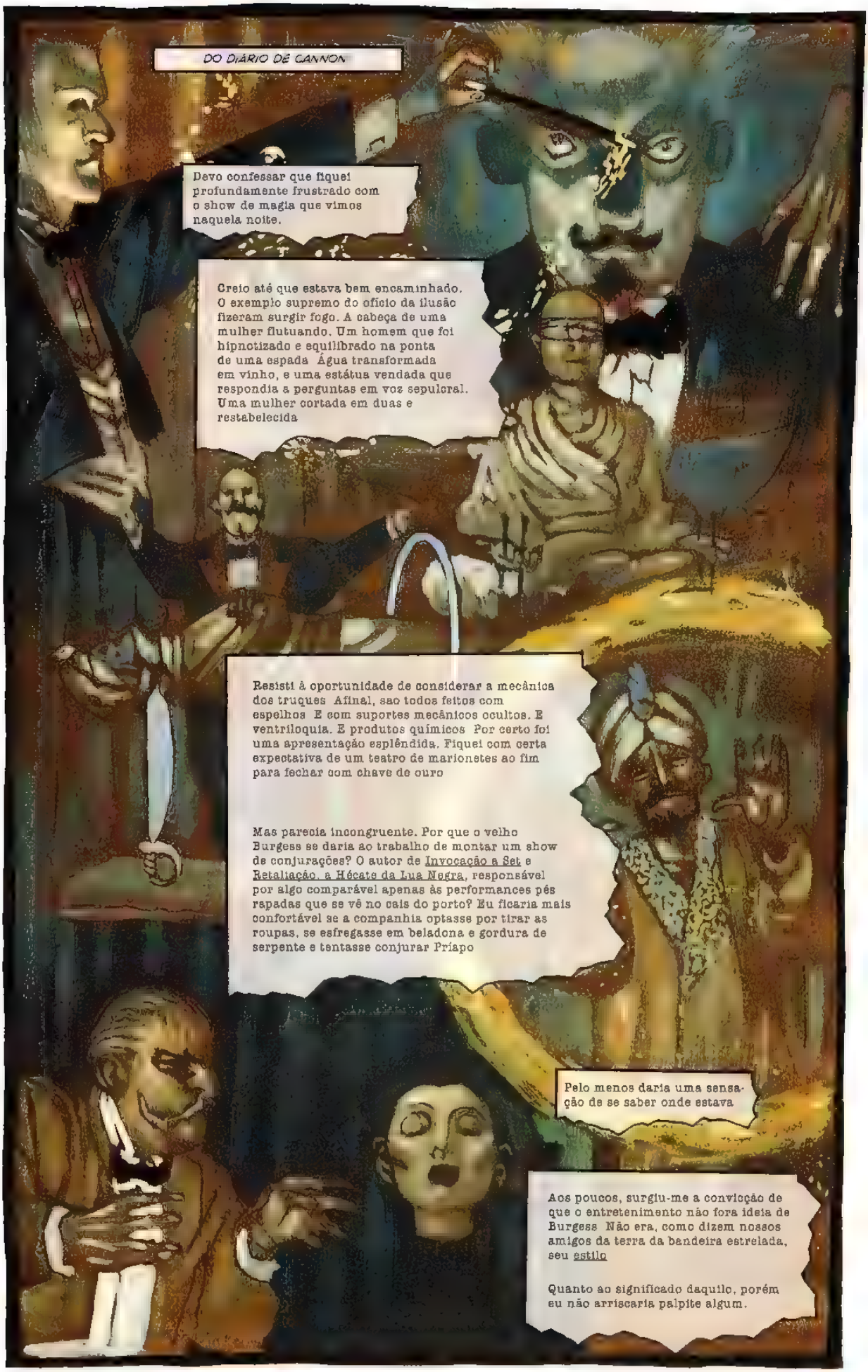
SENHOR *PHILLPOTTS! WILLIAM!* SOU EU, ANNABEL. ESTÁ LEMBRADO? ESPOSA DE RODDY FORBES-WHITTEN.
ANNABEL? ORA, EU *JARRUNF:* PRAZER. PERMITA-ME QUE LHE APRESENTE MEU ASSISTENTE.
OLÁ
POR ONDE ANDA RODDY?
ESTÁ NO CEILÃO, CUIDANDO DAS PLANTAÇÕES DE CHÁ. ESSAS COISAS. COMPLICADO DEMAIS PARA A MINHA CABECINHA
É MUITO *COMPLICADO* SER SECRETÁRIO DE PARLAMENTAR? VOCÊ PRECISA DE CONHECIMENTOS ESTENOGRÁFICOS, SENHOR?
NÃO EXATAMENTE
POR FAVOR, VIRE-SE *BEM* DEVAGAR.
E, AO FAZÊ-LO, POR FAVOR, DIGA A SI MESMA. *"É PURA COINCIDÊNCIA"*; E NÃO: *"ESSE FILHO DE UMA SIRIGAITA VAI ME PERSEGUIR PELA INGLATERRA INTEIRA."*
WESLEY!
O QUE DIABO *VOCÊ* ESTÁ FAZENDO AQUI? NÃO TEM PUDOR?
ROUBE O CONVITE DE UM FALECIDO
E, HÃ, NÃO, APARENTEMENTE *NÃO.*
INDEPENDENTE DISTO, PARECE QUE NINGUÉM NOTOU
VOCÊ ME *SEGUIU.*

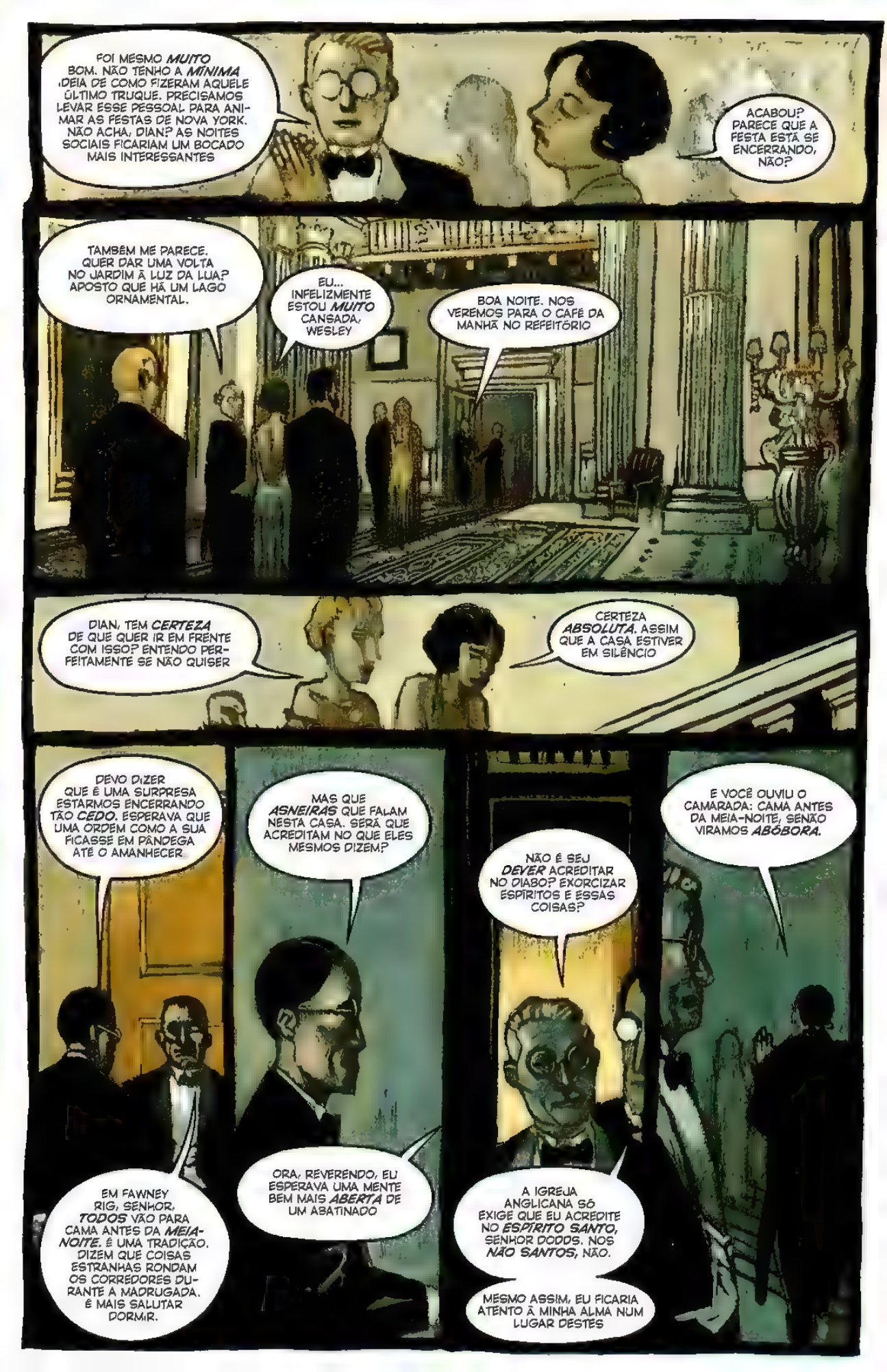
NÃO, NÃO SEGUI. EU JURO.
E VOCÊ PRECISA ME CONTAR O QUE VOCÊ FAZ AQUI.
POR QUÊ?
BOM, DIAN, VOCÊ VAI TER QUE ADMITIR QUE NÃO É A PRIMEIRA PESSOA QUE ALGUÉM ESPERARIA ENCONTRAR NA MAIOR REUNIÃO DE OCULTISTAS DO IMPÉRIO BRITÂNICO...
ESPERO QUE SAIBA A DIFERENÇA ENTRE UM PENTÁCULO E UM PENTAGRAMA
EU ESQUECI, E ESTOU COM MUITO MEDO QUE ALGUÉM VENHA ME PERGUNTAR.
"É MESMO UM ENCONTRO DE OCULTISTAS?"
"SEM DÚVIDA."
"ESTÁ VENDO AQUELE SENHOR DE IDADE? É RODERICK BURGESS, NASCIDO MORRIS BURGESS BROCKLESBY EM 1856, 1861 OU 1872, DEPENDENDO DO LIVRO. ALGUMAS CONDENAÇÕES MENORES NA INGLATERRA, EM HONG KONG E NOS ESTADOS UNIDOS POR CHANTAGEM, FRAUDE E FURTOS TODOS ANTES DA VIRADA DO SÉCULO."
"POR VOLTA DE 1901, ELE PROCLAMOU-SE MAGISTER IPSISSIMUS DA ORDEM DOS MISTÉRIOS ANTIGOS."
"DIZEM QUE CAPTUROU O DIABO DURANTE A GRANDE GUERRA E AINDA O MANTÉM COMO PRISIONEIRO."
"É MUITO FEIO."
O ALTO, SOMBRIO E CALADO AO LADO DELE É O FILHO, ALEXANDER. O BRAÇO DIREITO.
ENTÃO, SE O SANDMAN JÁ SABE DE TUDO ISSO, O QUE VOCÊ VEM FAZER AQUI?
TENHO... MAIS A DESCOBRIR.
VEJA BEM, É MELHOR CIRCULARMOS. NÃO QUERO ATRAIR MUITA ATENÇÃO, SE É QUE ME ENTENDE. SEJAMOS CASUAIS. VEJA O QUE CONSEGUE DESCOBRIR.
ORA, MUITO OBRIGADA, SENHOR DODDS.
A PROPÓSITO, VOCÊ ESTÁ BILIOSA.
LEVAREI COMO ELOGIO.
ENTÃO VOCÊ COMERCIALIZA ARMAS, SR. HOBBS. QUE TIPO DE ARMAS?
AS QUE MATAM, GAROTA. ATÉ VENDERIA AS QUE FEREM, MAS NÃO HÁ MERCADO HAHAHA.
É UMA PIADA, JÁ?
NÃO, DOUTOR KARPOSIAN NÃO CREIO QUE SEJA. VOCÊ TEM UMA TEORIA PSICANALÍTICA DO COMÉRCIO DE ARMAS?
MAS CLARO. A ARMA É UM FALO. POR ISSO QUE HOMENS SÃO SOLDADOS E MULHERES NÃO SÃO. A ARMA QUE UM HOMEM ESCOLHE MOSTRA O QUE ELE PENSA DO PÊNIS
É MESMO? E TEM UMA TEORIA QUANTO ÀS ARMAS QUE SOLTAM GÁS?
SERIA UM GÁS QUE CHEIRA MAL?
NÃO. GÁS VERDE QUE FAZ A PESSOA DORMIR.
HMM.
ENTÃO NÃO TENHO TEORIAS.

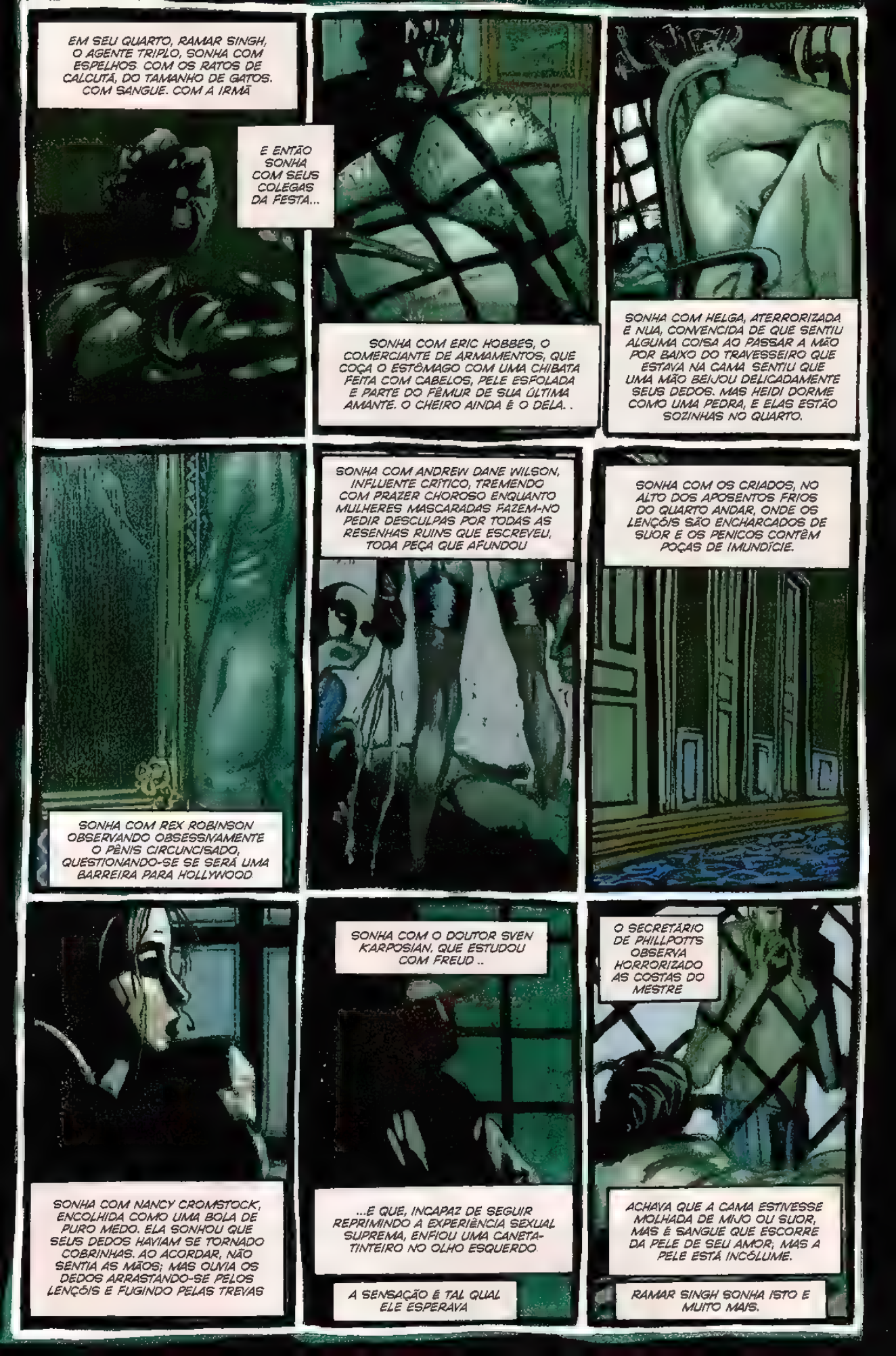
HERR ROBINSON, O SENHOR SABE QUE O FUHRER ACREDITA MUITO NO PODER DO CINEMA. JÁ PENSOU EM ESTRELAR UM FILME ALEMÃO?
MUITO MAIS SINCERO QUE A DECADENTE HOLLYWOOD JUDAICA.
AH, ENTÃO MANDE UM ABRAÇO PARA AQUELE JOVIAL FUHRER
ME EXPLIQUE COMO FUNCIONA ESTE APARELHO DE ECOLOCALIZAÇÃO, POR FAVOR, SENHOR SIMPSON.
É MEIO QUE UM SEGREDO OFICIAL, NA VERDADE, SENHOR BODDS. INCLUSIVE JÁ FALEI DEMAIS, MESMO PARA UMA FESTA DO MESTRE
INFELIZMENTE, NÃO, SENHOR ROBINSON. NÃO CONHEÇO ESTÚDIOS DE CINEMA. FICAM TODOS EM LOS ANGELES, E SOU NASCIDO E CRIADO EM NOVA YORK
UMA PENA
LAMENTO
PESSOALMENTE, SENHOR PHILLPOTTS, SE DEPENDESSE DE MIM EU PEGARIA CADA PALAVRINHA DE SEU POETA, O SENHOR KIPLING, E JOGARIA NO FOGO. E JOGARIA JUNTO TODOS OS SAHIBS E MEMSAHIBS QUE VOCÊS DEIXARAM PARA TRÁS NA ÍNDIA UMA SUTTEE PARA O IMPÉRIO MORTO
DIRIA QUE O CAMARADA MORENINHO É MEIO RADICAL, NÃO ACHA, SENHOR?
ENGRAÇADO VOCÊ DIZER ISTO.
POIS ELE PARECE SEGURO DE TUDO QUE DIZ
MAS TAMBÉM É O MAIOR ESPIÃO DE SUA MAJESTADE NA ÍNDIA. QUE IMBRÓGLIO, NÃO?
NA VERDADE, SIM, EU ACREDITO QUE EXISTA LUGAR NO MUNDO MODERNO PARA AS INIBIÇÕES.
PARTICULARMENTE, JÁ QUE MENCIONARAM INIBIÇÕES DE NATUREZA SEXUAL
SE ME DÃO LICENÇA...
CREIO QUE VALE LEMBRAR QUE A ÚNICA PESSOA NA BÍBLIA A QUEM JESUS PROMETE A SALVAÇÃO É UM CRIMINOSO SUBMETIDO À PENA DE MORTE...
LUCAS, CAPÍTULO 23, VERSÍCULO 23
COM LICENÇA. REVERENDO HAWSLEY.
ESTÁ TUDO BEM, DAN?
EU... EU NÃO SEI. ME SINTO UM POUCO ABALADA. ME SINTO... SUJA... AQUELES HOMENS... O QUE ELES FALAM...
DESCULPE. VOU FICAR BEM.

NÃO VAI HAVER GUERRA, SENHOR DODDS. O FUHRER VÊ A INGLATERRA COMO ALIADA NO EMBATE VINDOURO PELA ERRADICAÇÃO DO MAL SEMITA DESTA TERRA.
NÃO PENSO QUE--
EXATAMENTE. VOCÊ NÃO PENSA. É UM AMERICANO. O SENHOR ROBINSON PENSA. É UM ALEMÃO.
VOCÊ ESQUECE QUE O SENHOR ROBINSON É ATOR DE CINEMA. ELE INTERPRETA O PERFEITO GENTLEMAN BRITÂNICO EM FILMES, MAS CREIO QUE LI NA CINEMA REVIEW QUE ELE NASCEU MOISHE TEITLEBAUM, NA ZONA LESTE DE LONDRES.
E FEZ SEU BAR MITZVÁ COM ESTE NOME, NÃO FOI, REX?
HÃ. SIM VERDADE
SCHUTZI? WIE GEHTS?
VAMOS PROCURAR UMA CONVERSA MAIS PURA, LEIBLING.
AH. HERR MEMBRO DO PARLAMENTO SABE QUE, CASO SEU PRIMEIRO MINISTRO TENHA A INSANIDADE DE DECLARAR GUERRA AO REICH, SEU PAÍS TERIA, E DISSO NÃO TENHO DÚVIDA...
.. ENORME NECESSIDADE DE HOMENS COM BRIO PARA DERRUBÁ-LO, E FORMAR UM GOVERNO QUE ENXERGASSE A NECESSIDADE DE PAZ.
NEM A DIPLOMACIA NEM AS BOAS MANEIRAS PERMITEM QUE EU LHE DÊ UM SOCO, MADAME. CONTUDO, SE A SENHORA FOSSE UM HOMEM, E NÃO ESTA COISA LAMENTÁVEL, EU NÃO TERIA O MESMO ESCRÚPULO
ASSIM COMO O SENHOR E SEU SECRETÁRIO IMITAM MULHERES, JÁ?
MAS QUANDO SE ENTENDE ISSO, TODA A HISTÓRIA DA BÍBLIA MUDA, PERCEBE? A SERPENTE É QUE TRAZ A VIDA
ORA, SENHOR DODDS QUE SURPRESA AGRADÁVEL.
ME DESCULPE, SENHORITA CROMSTOCK ESTAVA GOSTANDO MUITO DE NOSSA CONVERSA, MAS, INFELIZMENTE, BEM, O SENHOR DODDS É UM AMIGO DE MUITOS ANOS.
OH TALVEZ ELE FOSSE GOSTAR DE--
NÃO. O SENHOR DODDS TEM UM CERTO DESENTENDIMENTO COM COBRAS. NÃO SUPORTA NEM OUVIR A PALAVRA
EU TEMIA MUITO DO QUE PODERIA ACONTECER ESTA NOITE, SENHOR DODDS. MAS MORRER DE TÉDIO POR CONTA DE UMA PROFESSORINHA DE STREATHAM MANÍACA POR COBRAS NÃO ESTAVA ENTRE AS MINHAS EXPECTATIVAS.
WESLEY. POR FAVOR ME CHAME DE WESLEY.
POIS BEM. E VOCÊ CONTINUE A ME CHAMAR DE LADY FORBES-WHITTEN É ENCANTADOR.
"A LUA É UM RECÉM-NASCIDO .. / FALECIDO, O ROSTO À MOSTRA NO LODO ESTAGNADO. / O SOL É UM OLHO ARDENTE / NO SEMBLANTE SIFILÍTICO DA LOUCURA!"
"AS ESTRELAS? / Ó, AS ESTRELAS SÃO MORTE. / MORTE PURA. / MORTE FRIA!"
"VOMITO MEU DESEJO À NOITE / GALÁXIAS SÃO MOSCAS NEGRAS. / QUE SE ENXAMEIAM A NUTRIR-SE "
POESIA...?
BAGSY, QUERIDO. ACHO QUE QUERO ME SENTAR. NÃO SEI SE CONSIGO SUPORTAR POESIA ESTA NOITE.
NEM MESMO POESIA RUIM.

EXTRAORDINÁRIO, SR. WEEKS. QUE ÓTIMO. QUE MODERNO.
VEJA SÓ, APOSTO QUE VAI GOSTAR DESTE. É DE UM POETA INGLÊS WILFRED OWEN. DEVE SER DE ANTES DO SEU TEMPO
"...O GÁS! O GÁS! RÁPIDO, AMIGOS! A EUFORIA ATABALHOADA DE AJUSTAR AS MÁSCARAS, NA HORA EXATA; MAS ALGUÉM AINDA GRITAVA, E CAÍA, E DEBATIA-SE, O HOMEM COMO SE EM CHAMAS OU SOB CAL..."
"ENTRE LENTES EMBAÇADAS, ESCURAS, E GROSSA LUZ ESMERALDA, COMO SE NUM MAR, EU O VI SE AFOGAR."
"EM TODOS OS MEUS SONHOS, DIANTE DE MEU OLHAR IMPOTENTE, ELE MERGULHA EM MIM."
"SORVENDO AR."
"ASFIXIADO!"
"AFOGADO"
ELE MORREU NA GRANDE GUERRA, SABE. QUE NEM SAKI. H H. MUNRO. "PELO AMOR DE DEUS, APAGUE ESSE CIGARRO, CACETE!". AS FAMOSAS ÚLTIMAS PALAVRAS DE SAKI.
HMM...
AONDE FORAM TODOS?
ALGUÉM SOOU O GONGO O ENTRETENIMENTO ESTÁ PARA COMEÇAR. NÃO OUVIU?
NÃO... DESCULPE... ESTAVA PERDIDO... NO MEU MUNDO.
MILORDES, HONORÁVEIS CONVIDADOS, SENHORAS E SENHORES. O MESTRE SUPREMO DA ORDEM DOS ANTIGOS MISTÉRIOS LHES DÁ AS BOAS-VINDAS NESTA NOITE.
JUNTOS, CELEBRAMOS OS 711 ANOS DESDE QUE O MAGO ANILIN ESCAPOU DA PERSEGUIÇÃO EM CONSTANTINOPLA, CHEGOU ÀS RECEPTIVAS MARGENS DE ALBION E TORNOU-SE O PRIMEIRO MAGUS DA ORDEM.
E HOJE, PARA SEU DIVERTIMENTO E EDIFICAÇÃO, TEREMOS DEMONSTRAÇÕES DE PRESTIDIGITAÇÃO E ILUSÕES, DE MILAGRES E MARAVILHAS DE RARO DESVELO... EM RESUMO, UMA NOITE DE MAGIA!


DO DIÁRIO DE CANNON
Devo confessar que fiquei profundamente frustrado com o show de magia que vimos naquela noite.
Creio até que estava bem encaminhado. O exemplo supremo do ofício da ilusão fizeram surgir fogo. A cabeça de uma mulher flutuando. Um homem que foi hipnotizado e equilibrado na ponta de uma espada Água transformada em vinho, e uma estátua vendada que respondia a perguntas em voz sepulcral. Uma mulher cortada em duas e restabelecida
Resisti à oportunidade de considerar a mecânica dos truques Afinal, são todos feitos com espelhos E com suportes mecânicos ocultos. E ventriloquia. E produtos químicos Por certo foi uma apresentação esplêndida. Fiquei com certa expectativa de um teatro de marionetes ao fim para fechar com chave de ouro
Mas parecia incongruente. Por que o velho Burgess se daria ao trabalho de montar um show de conjurações? O autor de Invocação a Set e Retaliação, a Hécate da Lua Negra, responsável por algo comparável apenas às performances pés rapados que se vê no cais do porto? Eu ficaria mais confortável se a companhia optasse por tirar as roupas, se esfregasse em beladona e gordura de serpente e tentasse conjurar Priapo
Pelo menos daria uma sensação de se saber onde estava
Aos poucos, surgiu-me a convicção de que o entretenimento não fora ideia de Burgess Não era, como dizem nossos amigos da terra da bandeira estrelada, seu estilo
Quanto ao significado daquilo, porém eu não arriscaria palpite algum.

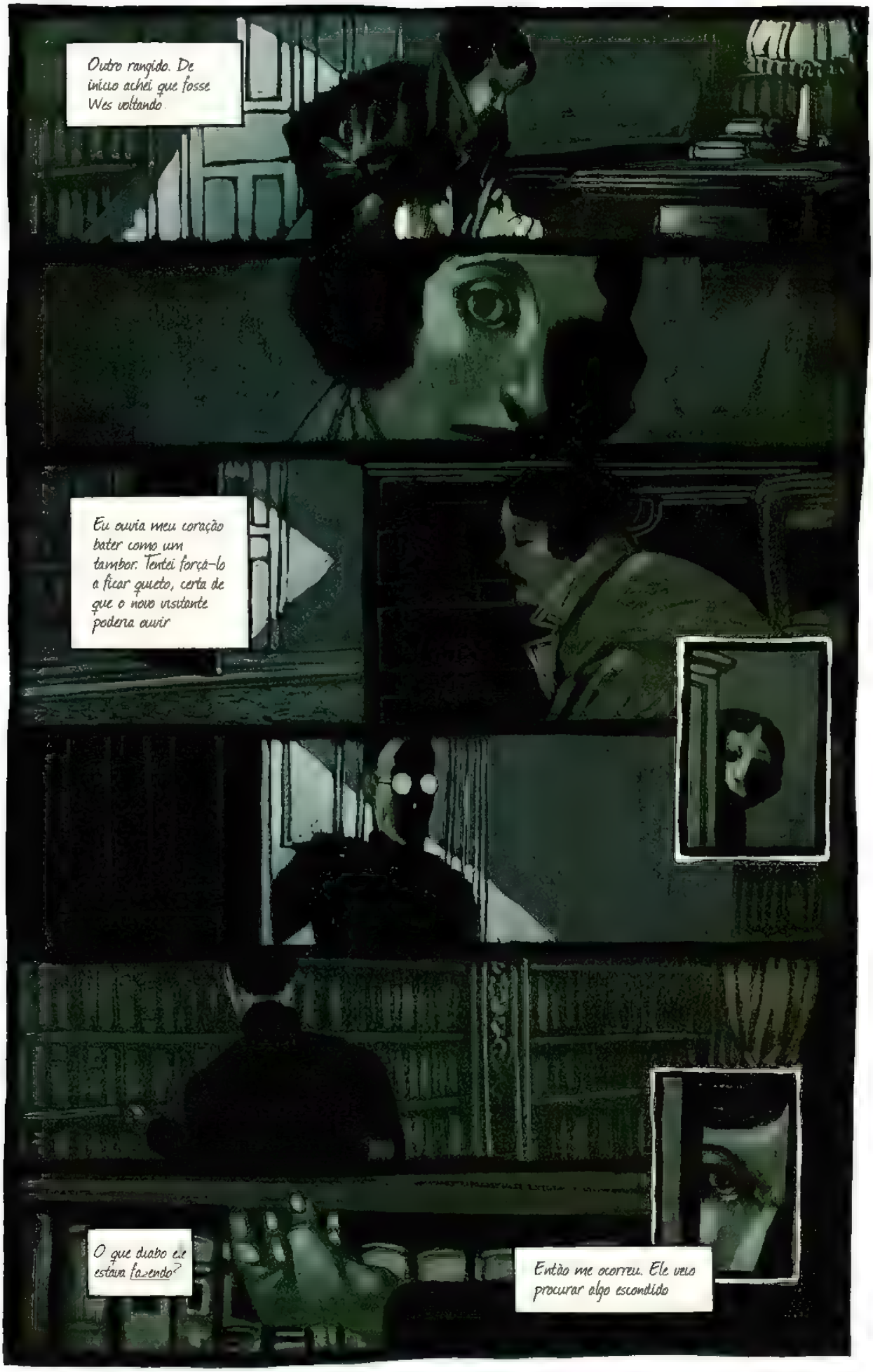

FOI MESMO *MUITO* BOM. NÃO TENHO A *MÍNIMA* IDEIA DE COMO FIZERAM AQUELE ÚLTIMO TRUQUE. PRECISAMOS LEVAR ESSE PESSOAL PARA ANIMAR AS FESTAS DE NOVA YORK. NÃO ACHA, DIAN? AS NOITES SOCIAIS FICARIAM UM BOCADO MAIS INTERESSANTES
ACABOU? PARECE QUE A FESTA ESTÁ SE ENCERRANDO, NÃO?
TAMBÉM ME PARECE. QUER DAR UMA VOLTA NO JARDIM À LUZ DA LUA? APOSTO QUE HÁ UM LAGO ORNAMENTAL.
EU... INFELIZMENTE ESTOU *MUITO* CANSADA, WESLEY
BOA NOITE. NOS VEREMOS PARA O CAFÉ DA MANHÃ NO REFEITÓRIO
DIAN, TEM *CERTEZA* DE QUE QUER IR EM FRENTE COM ISSO? ENTENDO PERFEITAMENTE SE NÃO QUISER
CERTEZA *ABSOLUTA*. ASSIM QUE A CASA ESTIVER EM SILÊNCIO
DEVO DIZER QUE É UMA SURPRESA ESTARMOS ENCERRANDO TÃO *CEDO*. ESPERAVA QUE UMA ORDEM COMO A SUA FICASSE EM PANDEGA ATÉ O AMANHECER
EM FAWNEY RIG, SENHOR, *TODOS* VÃO PARA CAMA ANTES DA *MEIA-NOITE*. É UMA TRADIÇÃO. DIZEM QUE COISAS ESTRANHAS RONDAM OS CORREDORES DURANTE A MADRUGADA. É MAIS SALUTAR DORMIR.
MAS QUE *ASNEIRAS* QUE FALAM NESTA CASA. SERÁ QUE ACREDITAM NO QUE ELES MESMOS DIZEM?
ORA, REVERENDO, EU ESPERAVA UMA MENTE BEM MAIS *ABERTA* DE UM ABATINADO
NÃO É SEU *DEVER* ACREDITAR NO DIABO? EXORCIZAR ESPÍRITOS E ESSAS COISAS?
A IGREJA ANGLICANA SÓ EXIGE QUE EU ACREDITE NO *ESPÍRITO SANTO*, SENHOR DODDS. NOS *NÃO SANTOS*, NÃO.
MESMO ASSIM, EU FICARIA ATENTO À MINHA ALMA NUM LUGAR DESTES
E VOCÊ OUVIU O CAMARADA: CAMA ANTES DA MEIA-NOITE, SENÃO VIRAMOS *ABÓBORA*.


EM SEU QUARTO, RAMAR SINGH, O AGENTE TRIPLO, SONHA COM ESPELHOS. COM OS RATOS DE CALCUTÁ, DO TAMANHO DE GATOS. COM SANGUE. COM A IRMÃ
E ENTÃO SONHA COM SEUS COLEGAS DA FESTA...
SONHA COM ERIC HOBBES, O COMERCIANTE DE ARMAMENTOS, QUE COÇA O ESTÔMAGO COM UMA CHIBATA FEITA COM CABELOS, PELE ESFOLADA E PARTE DO FÊMUR DE SUA ÚLTIMA AMANTE. O CHEIRO AINDA É O DELA. .
SONHA COM HELGA, ATERRORIZADA E NUA, CONVENCIDA DE QUE SENTIU ALGUMA COISA AO PASSAR A MÃO POR BAIXO DO TRAVESSEIRO QUE ESTAVA NA CAMA. SENTIU QUE UMA MÃO BEIJOU DELICADAMENTE SEUS DEDOS. MAS HEIDI DORME COMO UMA PEDRA, E ELAS ESTÃO SOZINHAS NO QUARTO.
SONHA COM REX ROBINSON OBSERVANDO OBSESSIVAMENTE O PÊNIS CIRCUNCISADO, QUESTIONANDO-SE SE SERÁ UMA BARREIRA PARA HOLLYWOOD.
SONHA COM ANDREW DANE WILSON, INFLUENTE CRÍTICO, TREMENDO COM PRAZER CHOROSO ENQUANTO MULHERES MASCARADAS FAZEM-NO PEDIR DESCULPAS POR TODAS AS RESENHAS RUINS QUE ESCREVEU, TODA PEÇA QUE AFUNDOU
SONHA COM OS CRIADOS, NO ALTO DOS APOSENTOS FRIOS DO QUARTO ANDAR, ONDE OS LENÇÓIS SÃO ENCHARCADOS DE SUOR E OS PENICOS CONTÊM POÇAS DE IMUNDÍCIE.
SONHA COM NANCY CROMSTOCK, ENCOLHIDA COMO UMA BOLA DE PURO MEDO. ELA SONHOU QUE SEUS DEDOS HAVIAM SE TORNADO COBRINHAS. AO ACORDAR, NÃO SENTIA AS MÃOS; MAS OUVIA OS DEDOS ARRASTANDO-SE PELOS LENÇÓIS E FUGINDO PELAS TREVAS
SONHA COM O DOUTOR SVEN KARPOSIAN, QUE ESTUDOU COM FREUD ..
...E QUE, INCAPAZ DE SEGUIR REPRIMINDO A EXPERIÊNCIA SEXUAL SUPREMA, ENFIOU UMA CANETA-TINTEIRO NO OLHO ESQUERDO.
A SENSAÇÃO É TAL QUAL ELE ESPERAVA
O SECRETÁRIO DE PHILLPOTTS OBSERVA HORRORIZADO AS COSTAS DO MESTRE
ACHAVA QUE A CAMA ESTIVESSE MOLHADA DE MIJO OU SUOR, MAS É SANGUE QUE ESCORRE DA PELE DE SEU AMOR; MAS A PELE ESTÁ INCÓLUME.
RAMAR SINGH SONHA ISTO E MUITO MAIS.

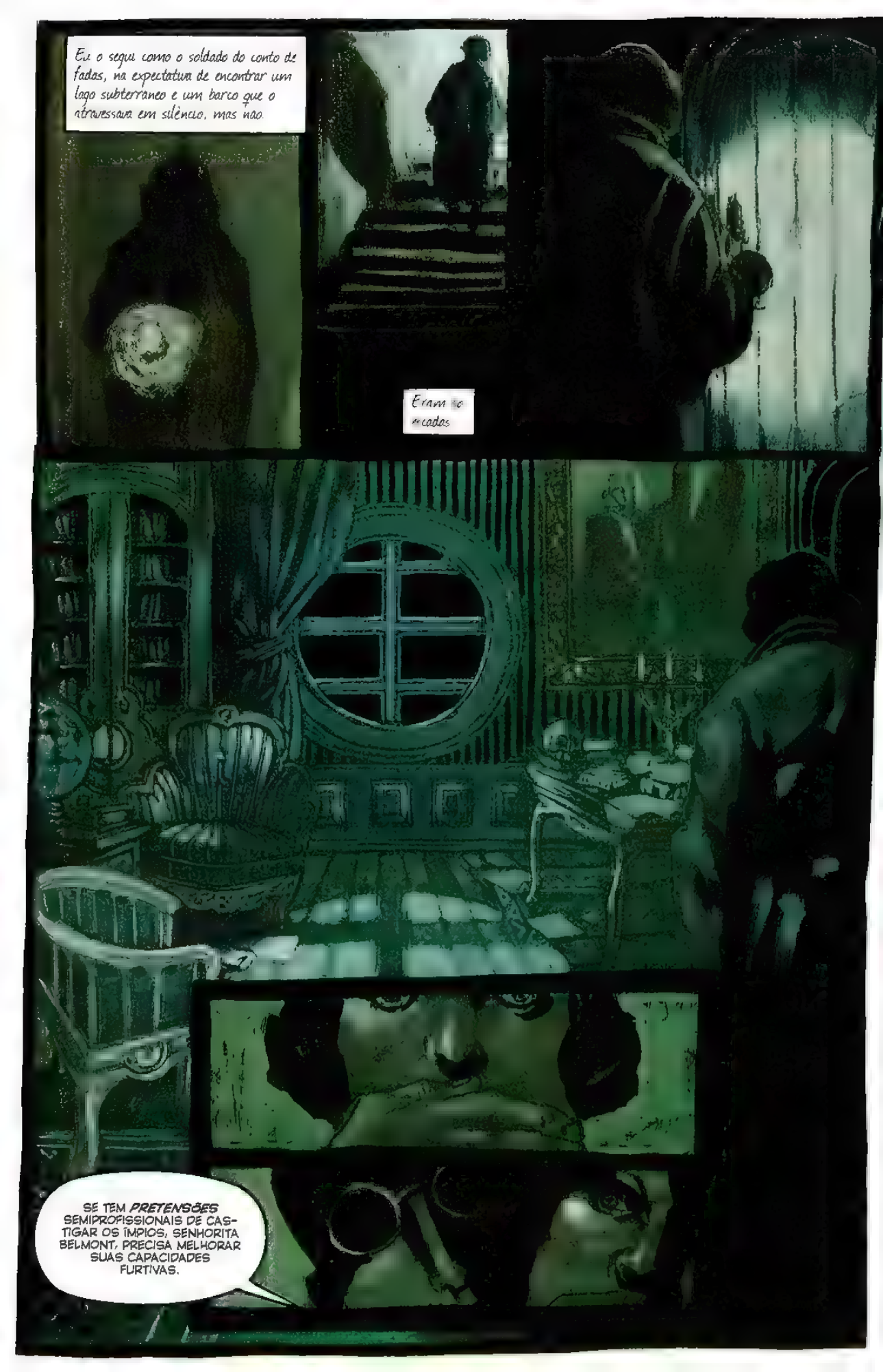
Duas horas se passaram. Deixei Annabel acordada e aflita no quarto e sai pela mansão às escuras.
O que parecia tão simples à luz do dia – encontrar e reaver as cartas de Annabel – transformara-se num problema quase intransponível no calor da noite.
Cada tábua do assoalho parecia ranger e anunciar minha presença.
Consegui chegar ao escritório. Haviamos passado por ele ao entrar.
À luz do dia, eu tivera certeza de que os papéis e fotografias estariam numa gaveta, em algum arquivo poeirento, ou o que fosse.
Aqui às... dez para a meia-noite... eu me vi convencida de que estariam trancados num imenso cofre... e, apesar de me vangloriar com Annabel, não sou arrombadora.
SENHORITA BELMONT... ESTE LUGAR NÃO É PARA VOCÊ... SAIA DAQUI...

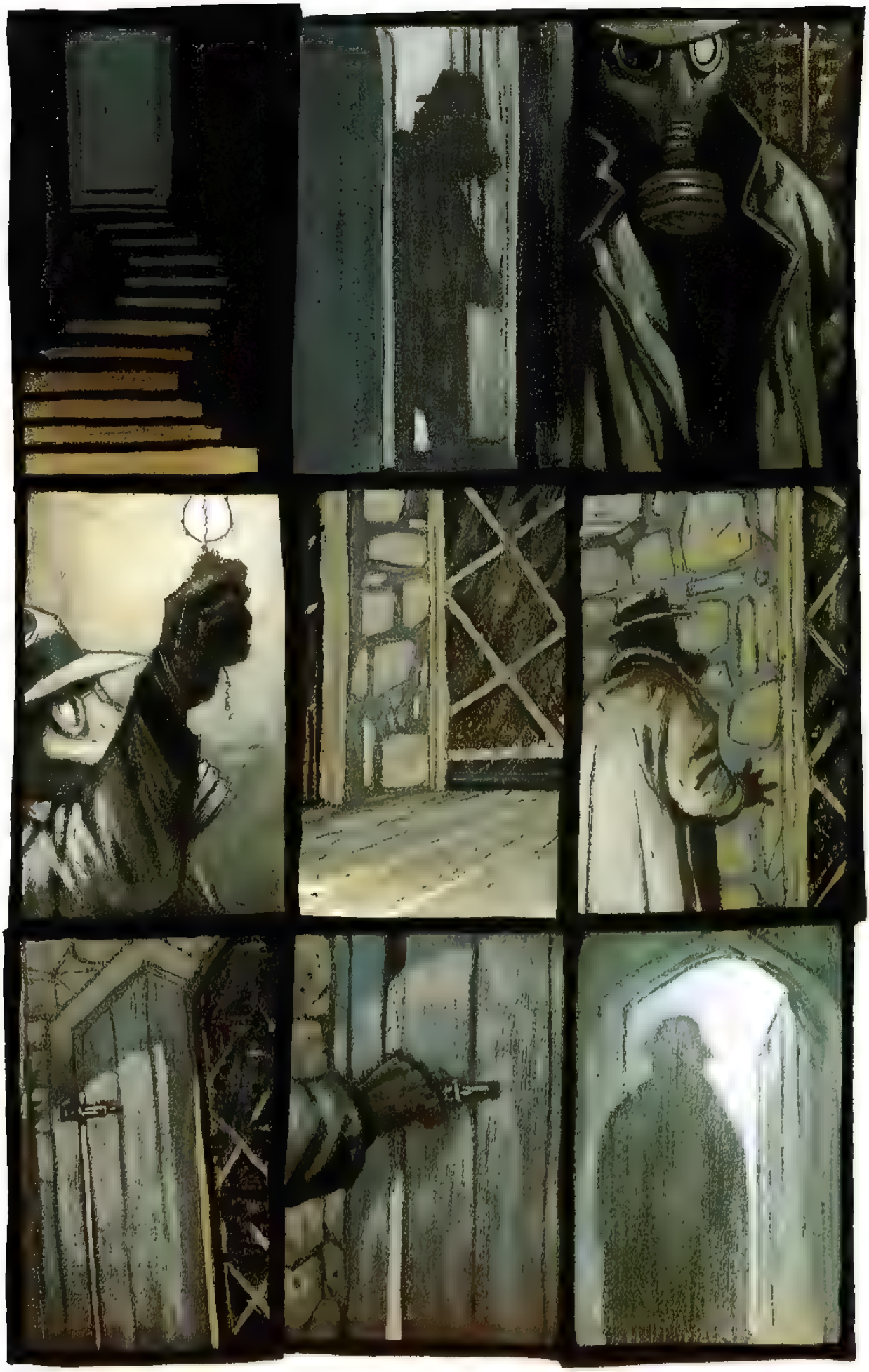
WESLEY, TIRE ESSA MÁSCARA *JÁ!* NÃO VOU FALAR COM VOCÊ USANDO ISTO.
MUITO BEM...
PRONTO. O QUE ESTÁ FAZENDO *AQUI?*
O QUE *VOCÊ* ESTÁ FAZENDO AQUI?
PROCURANDO UMA COISA. TEM ALGO AQUI QUE PRECISO ENCONTRAR. QUE PRECISO SABER.
E VOCÊ?
ESTOU PROCURANDO PAPÉIS. DA ANNABEL. CARTAS E FOTOS COMPROMETEDORAS. SE ENCONTRAR ALGUMA COISA NAS SUAS BUSCAS, PODE ME AVISAR?
DIAN. ISTO É *MUITO* PERIGOSO. POR QUE NÃO VOLTA PARA O QUARTO?
SEI
AH
AH, NÃO SEJA *BOBO*, WESLEY. *VOCÊ* SABE ABRIR COFRES?

COMO CONSEGUE SER TÃO *SILENCIOSO?* EU PARECIA UMA MANADA DE ELEFANTES. VOCÊ VEIO COMO UMA SOMBRA...
DIAN. VOLTE PARA O QUARTO. EU ENCONTRO OS PAPÉIS DE ANNABEL. MAS NÃO VOU DEIXAR QUE SE EXPONHA AO PERIGO.
AMO VOCÊ DEMAIS PARA DEIXAR, DIAN.
BEM... SÓ ESPERO QUE NÃO TENTE ABRIR COFRES. VOU COMEÇAR A BUSCA PELA ADEGA...
ESCONDA-SE


Outro rangido. De início achei que fosse Wes voltando.
Eu ouvia meu coração bater como um tambor. Tentei forçá-lo a ficar quieto, certa de que o novo visitante poderia ouvir
O que diabo ele estava fazendo?
Então me ocorreu. Ele veio procurar algo escondido

Eu conhecia aqueles passos, aquela postura. Tinha certeza.
Rezei para que desse um passo para trás, para ficar à luz da lua, só para eu poder vê-lo
E então ele deu, e...
Ele sorriu, como se houvesse percebido algo, então estiou a mão e puxou um braço do candelabro
Uma passagem secreta Juro por Deus uma passagem secreta
Me vi lembrando da história que minha mãe contava quando eu era menor Tinha doze princesas que passavam a noite dançando, e um soldado invisível que as seguia por passagens secretas


Eu o segui como o soldado do conto de fadas, na expectativa de encontrar um lago subterrâneo e um barco que o atravessava em silêncio, mas não.
Eram os escadas
SE TEM PRETENSÕES SEMIPROFISSIONAIS DE CASTIGAR OS ÍMPIOS, SENHORITA BELMONT, PRECISA MELHORAR SUAS CAPACIDADES FURTIVAS.



"Você."
"Eu o conheço."
"Há um pouco de mim em você."
"Pobre criatura."
"Não deve ser fácil."
"Não há nada que possa fazer por mim."
"Agora, esqueça."

POR QUE DIABO VOCÊ ESTÁ SE ESGUEIRANDO POR AÍ A ESTA HORA DA NOITE, REVERENDO? SABIA QUE TINHA ALGO SUSPEITO NESSA HISTÓRIA DE BIBLIOTECA
POR FAVOR, FALE MAIS BAIXO, SENHORITA BELMONT
É ÓBVIO QUE QUER QUE EU FALE MAIS BAIXO. O QUE ESTÁ HAVENDO? POR ACASO É O LÍDER SECRETO DA ORDEM? É VOCÊ QUE ESTÁ CHANTAGEANDO ANNABEL?
EU PAREÇO UM CHANTAGISTA?
EU GARANTO... VEJA BEM, DIAN: ISTO NÃO É O QUE PARECE
CLARO QUE NÃO.
REVERENDO OLHA AQUI. EU TENHO UMA ARMA. NÃO ACHEI QUE SERIA FORÇADA A USÁ-LA, AINDA MAIS COM UM AMIGO.
EU AINDA PENSO EM VOCÊ COMO AMIGO. QUE BOBA EU, NÃO? MESMO QUE VOCÊ POSSA ESTAR CHANTAGEANDO ANNABEL.
CHEGUEI A ACHAR QUE VOCÊ...
COMO EU IA SABER? ACHO QUE TINHA ESPERANÇA QUE VOCÊ FOSSE... ALGUÉM DE... ACHO...
EM ALGUM LUGAR DEVE EXISTIR ALGUÉM SEM UMA VIDA SECRETA.
ENTENDE ALGUMA COISA DE COFRES?
ENTENDO, É MUITO, ALIÁS
SUPONHO QUE VOCÊ SEJA GATUNO NAS HORAS VAGAS.
BEM HÁ
E AINDA CARREGA A BÍBLIA? QUE HIPÓCRITA...
NUNCA ANDE SEM ELA
SHHHH. OUVIU ALGO?

EU SABIA. SABIA QUE HAVIA ALGUÉM AQUI! ESPIÕES, NÃO SÃO? ESPIÕES E LARÁPIOS. VOU BOTAR OS LORDES DO INFERNO PRA CIMA DE VOCÊS.
ACHARAM QUE PODIAM ENTRAR NA TEIA DA ARANHA SEM QUE ELA SOUBESSE, É?
ACHAM QUE ESTOU SENIL, É?
QUEM OS ENVIOU AQUI? SYKES MORREU O QUE QUEREM? RESPONDAM.
ESTOU PROCURANDO CARTAS QUE PERTENCEM À MINHA AMIGA LADY ANNABEL FORBES-WHITTEN. VOCÊS ESTÃO FAZENDO CHANTAGEM COM ELA. ASSIM COMO FAZEM COM VÁRIOS OUTROS.
E ESTOU ARMADA. QUERO QUE ME ENTREGUE OS PAPÉIS. PARA NINGUÉM SE FERIR
"CHANTAGEM"? QUE ABSURDO! FAZ ANOS QUE NÃO FAÇO CHANTAGENS COM NINGUÉM. NÃO PRECISO MAIS DISSO
VOCÊ MENTE
QUE RAZÃO TERIA EU PARA MENTIR? SOU UM VELHO DE CORAÇÃO FRACO. NÃO TENHO MAIS PACIÊNCIA PARA MENTIR.
EU NÃO ESTOU CHANTAGEANDO SUA AMIGA. NINGUÉM DESTA ORDEM ESTÁ

BEM, NÃO É TOTALMENTE VERDADE, VELHO BURGESS.
JOGUE SUA ARMA NO CHÃO, SENHORITA. E MÃOS AO ALTO. VOCÊ TAMBÉM, SENHOR HAWSLEY...
ALGUÉM DA ORDEM ESTÁ CHANTAGEANDO SUA TURMINHA DE APRENDIZES DE FEITICEIRO. EU ESTOU. JÁ SOMEI QUASE UM QUARTO DE MILHÃO DE LIBRAS UMA BELA APOSENTADORIA.
OS CONVIDADOS DESTA NOITE TROUXERAM MAIS CINQUENTA MIL, NO TOTAL.
E TENHO QUE PARABENIZÁ-LO, VELHO BURGESS, SEU CANALHA, POR TER CRIADO A MÁQUINA MAIS PERFEITA QUE JÁ VI PARA LOGRAR IDIOTAS E DESCOBRIR SEGREDOS.
SR. BROWN, A ORDEM NÃO É UMA--
VEJO QUE COMETI UM ENGANO. E NÃO FOI O PRIMEIRO
A MALDIÇÃO DOS ÍMPIOS, SUA LINGUIÇA VELHA
CALE A BOCA! CALE ESSA BOCA! SEU VELHO SUJO!
ESTOU ABRINDO MÃO DE MEU CARGO NESTE MOMENTO, BURGESS. RENUNCIO A MEU LUGAR NA ORDEM. E VOU LEVAR O QUE GANHEI A MUITO CUSTO.
AGORA, TEMO QUE TEREI QUE MATAR VOCÊS TRÊS. MORTOS NÃO FALAM, NÃO É MESMO? ATIRO NOS TRÊS, QUEM SABE DESÇO E METO UMA BALA NOS MIOLOS DO SEU FILHO, E TAMBÉM NAQUELA COISA DA ADEGA...

CINCO BALAS E VOU EMBORA. VOU PEGAR O ÚLTIMO TREM RUMO À COSTA. PARTO PARA O CONTINENTE COM ESTA DINHEIRAMA. PARTO PARA UMA NOVA TERRA E COMEÇO UMA NOVA VIDA.
ERSKINE BROWN...
NÃO HÁ TERRA QUE A LEI NÃO ALCANCE..
NÃO... NÃO É VOCÊ. NÃO O SONHO...
MORRA, MONSTRO!
DURMA.
FOOSH!
PAREM COM ISSO! NÃO VOU TOLERAR ESTE COMPORTAMENTO NO MEU SANTUÁRIO NÃO VOU!

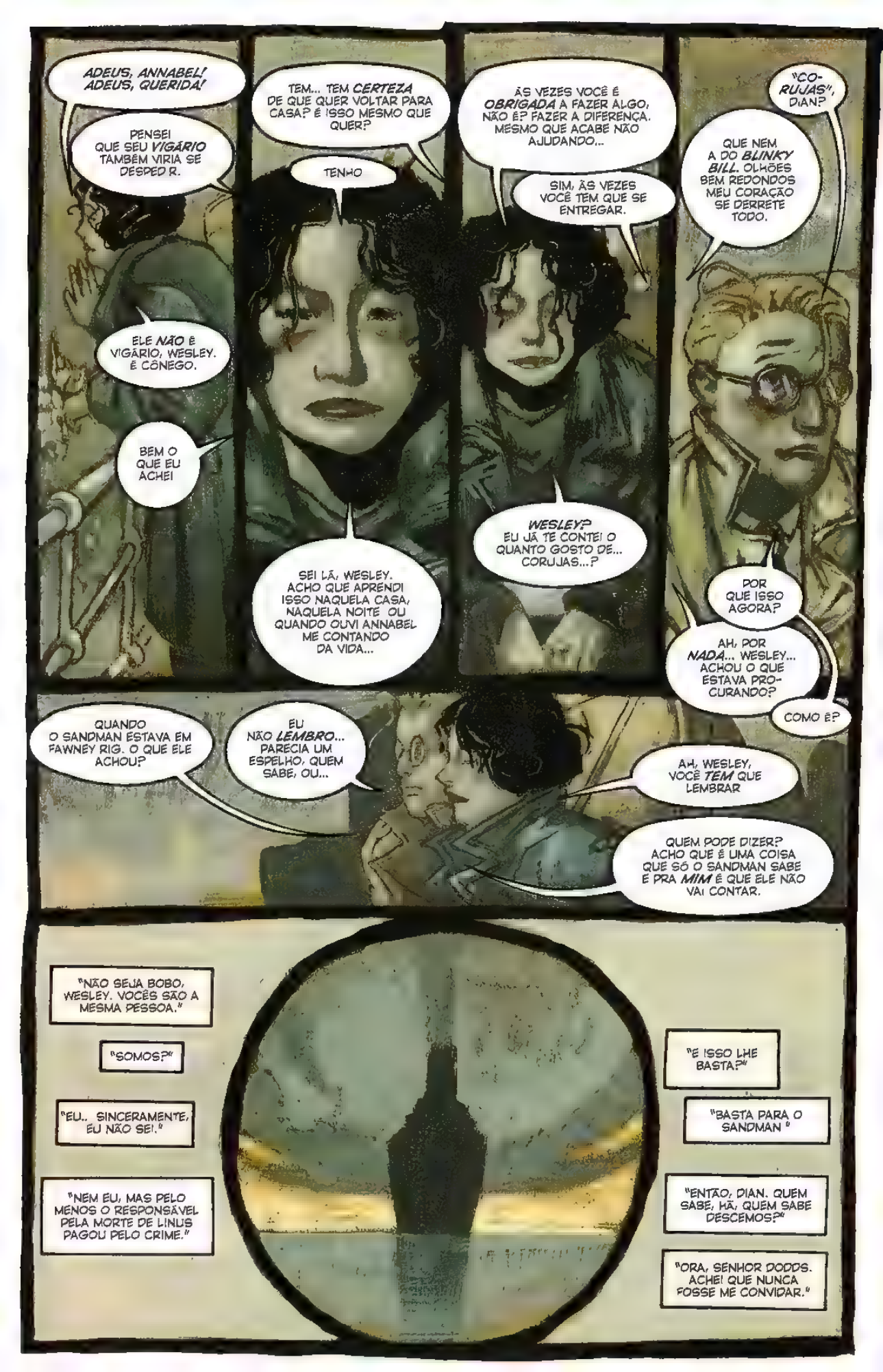
SEU ALGODÃO-PÓLVORA PODE IMPRESSIONAR SEUS COLEGUINHAS, SEU VELHACO. MAS NÃO VAI *ME* IMPRESSIONAR
ENTÃO, SEU BISBILHOTEIRO DE MÁSCARA, PARECE QUE VOCÊ VAI SER O PRIMEIRO A MORRER
AH!
FOOSH!
"DURMA."
E FALO *SÉRIO*.
"*PORQUE NUMA HORA FORAM ASSOLADAS TANTAS RIQUEZAS.*" APOCALIPSE, CAPÍTULO 18, VERSÍCULO 17. AGORA, SE PUDER FAZER A *GENTILEZA* DE AFASTAR-SE DO DINHEIRO, NÃO SEREI FORÇADO A USAR ESTA ARMA...
PTANG!

ONDE...?
NÃO SEI. UM ALÇAPÃO, QUEM SABE?
SENHORITA BELMONT? ESTA FERIDA?
ESTOU BEM
MAS VOCÊ OUVIU ELE VAI PEGAR O ÚLTIMO TREM PARA A COSTA
VÁ ATRÁS DELE.
DEIXE-O IR, BAGGY
COMO VOCÊ MESMA DISSE, DIAN; EM ALGUM LUGAR, TEM QUE HAVER ALGUÉM SEM UMA VIDA SECRETA
PRESUMO QUE VOCÊ TAMBÉM NÃO SEJA UMA DELAS.

AONDE FOI O VELHO?
BURGESS?
ACHO QUE ELE SEGUIU O CAMINHO POR ONDE SEU AMIGO DA MÁSCARA ENTROU. DA ADEGA.
PROVAVELMENTE PARA PREPARAR UMA E OUTRA MALDIÇÃO CONTRA BROWN OLHO DE SAPO, JOELHO DE SALAMANDRA. ESSAS COISAS.
SALAMANDRA TEM JOELHO?
DEVE TER. SENÃO, COMO IA DANÇAR?
O-PA...
TREZENTAS MIL LIBRAS EM ESPÉCIE. MEU SENHOR.
BEM, PARECE QUE DURANTE A DRAMÁTICA FUGA, UM OBJETO DE EXTREMA SIGNIFICÂNCIA FICOU PARA TRÁS
SABE, SENHORITA BELMONT, NÃO ME SURPREENDERIA NEM UM BOCADINHO SE UM DOADOR ANÔNIMO HOUVESSE ACABADO DE DEIXAR UMA QUANTIA SIGNIFICATIVA DE DINHEIRO PARA A MISSÃO DO CAMINHO DA MISERICÓRDIA.
ACHO QUE PODEMOS DAR MUITO CAFÉ DA MANHÃ, ALMOÇO E CHÁ DAS CINCO COM TREZENTOS MIL SPONDULICK'S.
QUEM SABE ATÉ CONSERTAR AS GOTEIRAS DA CAPELA.
ONDE MESMO QUE DEIXE O CARTÃO?
PRONTO
AGORA, DEIXE-ME ESCOLTÁ-LA ATÉ SEU QUARTO. CREIO QUE POSSA GARANTIR A ANNABEL QUE NÃO SERÁ MAIS CHANTAGEADA.
E, HÃ, SERÁ QUE PODERIA NÃO MENCIONAR MINHA PARTICIPAÇÃO NAS TRAQUINAGENS DESTA NOITE.. ?
NÃO SEI AO CERTO SE ELA ENTENDERIA.
NÃO SEI NEM SE EU ENTENDO
AH, MAS ISSO HÁ DE SER BOM, TENHO CERTEZA.

PERDI O TREM POR SEGUNDOS, ALCANCEI A ESTAÇÃO DE WYCH CROSS A TEMPO DE VÊ-LO PARTIR
POSSO CORRER ATÉ UCKFIELD...
...REZAR PARA QUE NÃO SEJA O EXPRESSO...
PARA. *PARA TRÁS.*
RODERICK? É UMA DE SUAS *CONJURAÇÕES?*
TOLO. EU NÃO *ACREDITO--*
TEM *CERTEZA* DE QUE SEU COLEGA ESTÁ NO TREM, SENHOR?
ABSOLUTA. O VELHO BROWN ESQUECEU O PASSAPORTE E ACHO QUE VAI DAR UMA DE *BOBO* EM DOVER QUANDO NOTAR QUE--
É MUITA BONDADE SUA LHE *TRAZER* ISTO, SENHOR. ESPERO QUE ELE SAIBA O *AMIGO* QUE TEM...

"NÃO HÁ TERRA QUE A LEI NÃO ALCANCE!"
BROWN?
JÁ ACABOU, MEU AMIGO HORA DE ENCARAR OS FATOS
TEM UMA DE CARA MÁ, SENHÔ...
ELA ME COME TODINHO, SENHÔ. COME TODINHO.
GÃAÃ
FAZ PARÁ
POR FAVÔ?
BOM MININO, BOM MININO. FAZ PARÁ?


ADEUS, ANNABEL! ADEUS, QUERIDA!
PENSEI QUE SEU VIGÁRIO TAMBÉM VIRIA SE DESPEDIR.
ELE NÃO É VIGÁRIO, WESLEY. É CÔNEGO.
BEM O QUE EU ACHEI
TEM... TEM CERTEZA DE QUE QUER VOLTAR PARA CASA? É ISSO MESMO QUE QUER?
TENHO
SEI LÁ, WESLEY. ACHO QUE APRENDI ISSO NAQUELA CASA, NAQUELA NOITE OU QUANDO OUVI ANNABEL ME CONTANDO DA VIDA...
ÀS VEZES VOCÊ É OBRIGADA A FAZER ALGO, NÃO É? FAZER A DIFERENÇA. MESMO QUE ACABE NÃO AJUDANDO...
SIM, ÀS VEZES VOCÊ TEM QUE SE ENTREGAR.
WESLEY? EU JÁ TE CONTEI O QUANTO GOSTO DE... CORUJAS...?
"CO-RUJAS", DIAN?
QUE NEM A DO BLINKY BILL. OLHÕES BEM REDONDOS MEU CORAÇÃO SE DERRETE TODO.
POR QUE ISSO AGORA?
AH, POR NADA... WESLEY... ACHOU O QUE ESTAVA PRO-CURANDO?
COMO É?
QUANDO O SANDMAN ESTAVA EM FAWNEY RIG. O QUE ELE ACHOU?
EU NÃO LEMBRO... PARECIA UM ESPELHO, QUEM SABE, OU...
AH, WESLEY, VOCÊ TEM QUE LEMBRAR
QUEM PODE DIZER? ACHO QUE É UMA COISA QUE SÓ O SANDMAN SABE E PRA MIM É QUE ELE NÃO VAI CONTAR.
"NÃO SEJA BOBO, WESLEY. VOCÊS SÃO A MESMA PESSOA."
"SOMOS?"
"EU.. SINCERAMENTE, EU NÃO SEI."
"NEM EU, MAS PELO MENOS O RESPONSÁVEL PELA MORTE DE LINUS PAGOU PELO CRIME."
"E ISSO LHE BASTA?"
"BASTA PARA O SANDMAN."
"ENTÃO, DIAN. QUEM SABE, HÃ, QUEM SABE DESCEMOS?"
"ORA, SENHOR DODDS. ACHEI QUE NUNCA FOSSE ME CONVIDAR."

FOI UM SONHO À MEIA-NOITE, UM SONHO ATLÂNTICO, EM SUA CABINE DE LUXO, NAQUELA NOITE.

DIAN SE ACONCHEGOU A ELE, QUE QUASE PODIA SENTIR SEU TOQUE...

MAS ELE JÁ ESTAVA LONGE LONGE DELA E DO REMEXER GENTIL DO MAR.

E ESTAVA SÓ, E COM FRIO, E NU, EM TERRA. FOI UM SONHO FAMILIAR .

HHHH

ESTOU *VELHO* DEMAIS

ODEIO VOCÊ.

VOCÊ SABIA DISSO? *SABIA?*

.E ESTAVA SÓ DE UMA FORMA QUE A VELHA CRIATURA-ARANHA (QUE, NO SONHO DE WESLEY, TORNARA-SE RODERICK BURGESS. OU SERÁ QUE SEMPRE FOI BURGESS?) NÃO PODERIA ENTENDER.

SOZINHO DE UMA FORMA QUE MESMO WESLEY MAL PODIA IMAGINAR

VOCÊ ME CUSTOU *DEMAIS*. MINHA VIDA. MINHA ORGANIZAÇÃO À IMORTALIDADE

EU DEVIA *DESTRUIR* SUA MALDITA JAULA DEIXÁ-LO SOLTO

EU A *DESTRUIRIA*, SE VOCÊ ME PROMETESSE NÃO ME FERIR. NEM A ALEX. *FARIA* ISTO?

ME FARIA SER *JOVEM* MAIS UMA VEZ?

PODERIA ME MOSTRAR COMO NÃO MORRER?

E WESLEY DODDS, POR UM INSTANTE DE SEU SONHO, COMPREENDE TUDO. COMPREENDE QUEM É, QUEM O VELHO MANTÉM PRESO SOB SUA CASA. SABE QUEM É WESLEY DODDS, E POR QUE ELE SAI À NOITE...

TUDO SE CONECTA NUM MOMENTO DE CLAREZA ABSOLUTA

E, QUANDO ISTO ACONTECE, ELE SABE QUE NÃO VAI CONSEGUIR CARREGAR TUDO CONSIGO. QUE AQUILO VAI FUGIR DE SEU EU DESPERTO, COMO GERALMENTE FAZEM OS SONHOS.

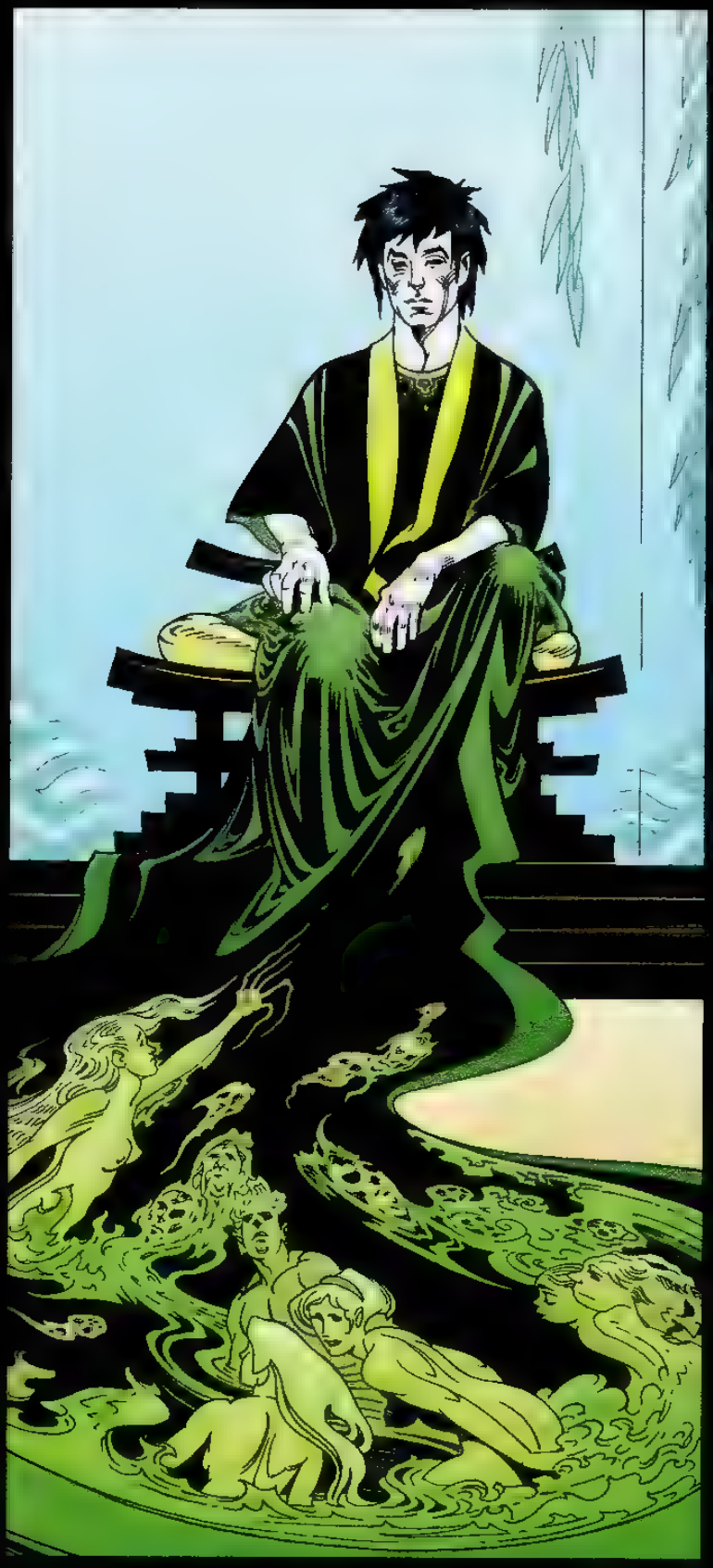
MAS, POR ENQUANTO, ATÉ ACORDAR, ELE SABE A VERDADE POR TRÁS DE TUDO

E, COM ISTO, PODE FICAR CONTENTE

ATÉ O FIM DO SONHO

Fim.

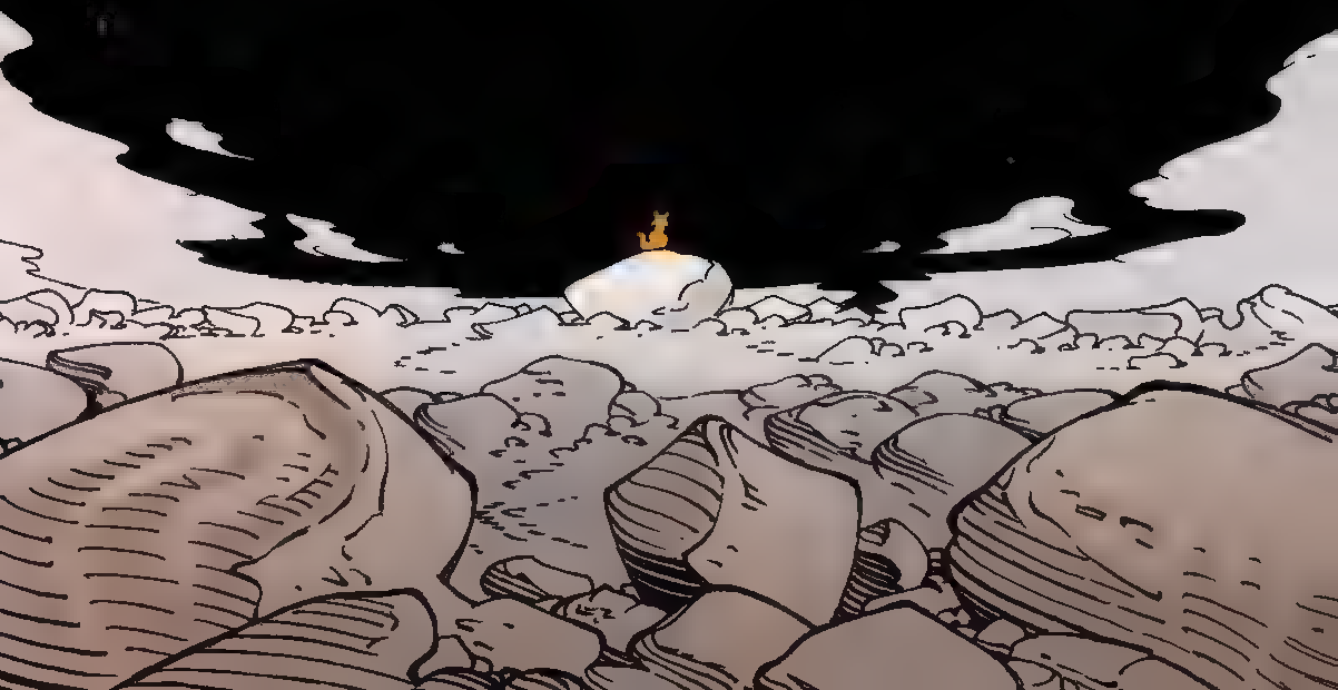
RUSSELL 2008



SANDMAN
OS CAÇADORES DE SONHOS

Arte por P. Craig Russell

Cores por Lovern Kindzierski



História originalmente publicada em SANDMAN: THE DREAM HUNTERS 1 (janeiro/2009)

1
UM MONGE VIVIA SOLITÁRIO AO LADO DE UM TEMPLO NA ENCOSTA DE UMA MONTANHA.
ERA UM TEMPLO PEQUENO, ASSIM COMO O MONGE ERA JOVEM, E A MONTANHA NÃO ERA A MAIS BELA NEM A MAIS IMPONENTE DO JAPÃO.

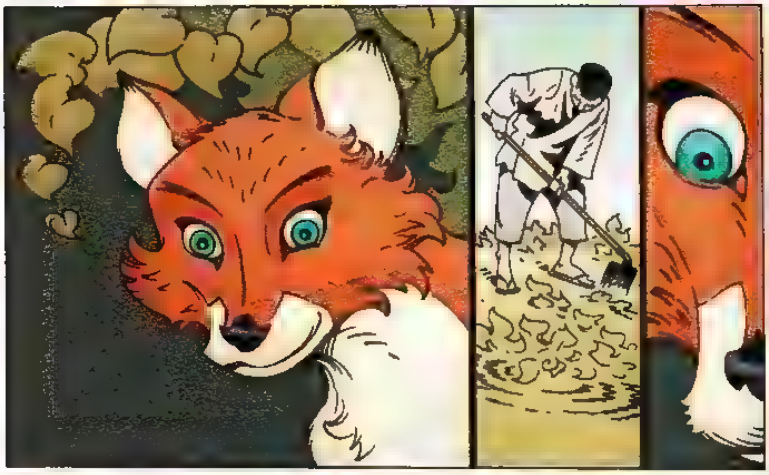
O MONGE CUIDAVA DO TEMPLO E PASSAVA SEUS DIAS EM UM CLIMA DE PAZ E TRANQUILIDADE.

ATÉ O DIA EM QUE A RAPOSA E O TEXUGO PASSARAM PELO TEMPLO...

E ESPIARAM O MONGE A CAPINAR O CANTEIRO DE INHAME QUE O ALIMENTAVA A MAIOR PARTE DO ANO

FAÇAMOS UMA APOSTA...

QUEM DE NÓS CONSEGUIR MANDAR ESTE HOMEM EMBORA DO TEMPLO FICARÁ COM O LOCAL PARA SI.
POIS FAZ MUITOS ANOS DESDE QUE O ÚLTIMO PEREGRINO OU VIAJANTE VEIO A ESTE TEMPLO...
...E CERTAMENTE DEVE SER UM LUGAR MAIS APROPRIADO PARA SE MORAR DO QUE UMA TOCA DE TEXUGO OU DE RAPOSA.



POIS BEM, TEMOS UMA APOSTA

FAREMOS UM POR VEZ.
EU IREI PRIMEIRO.

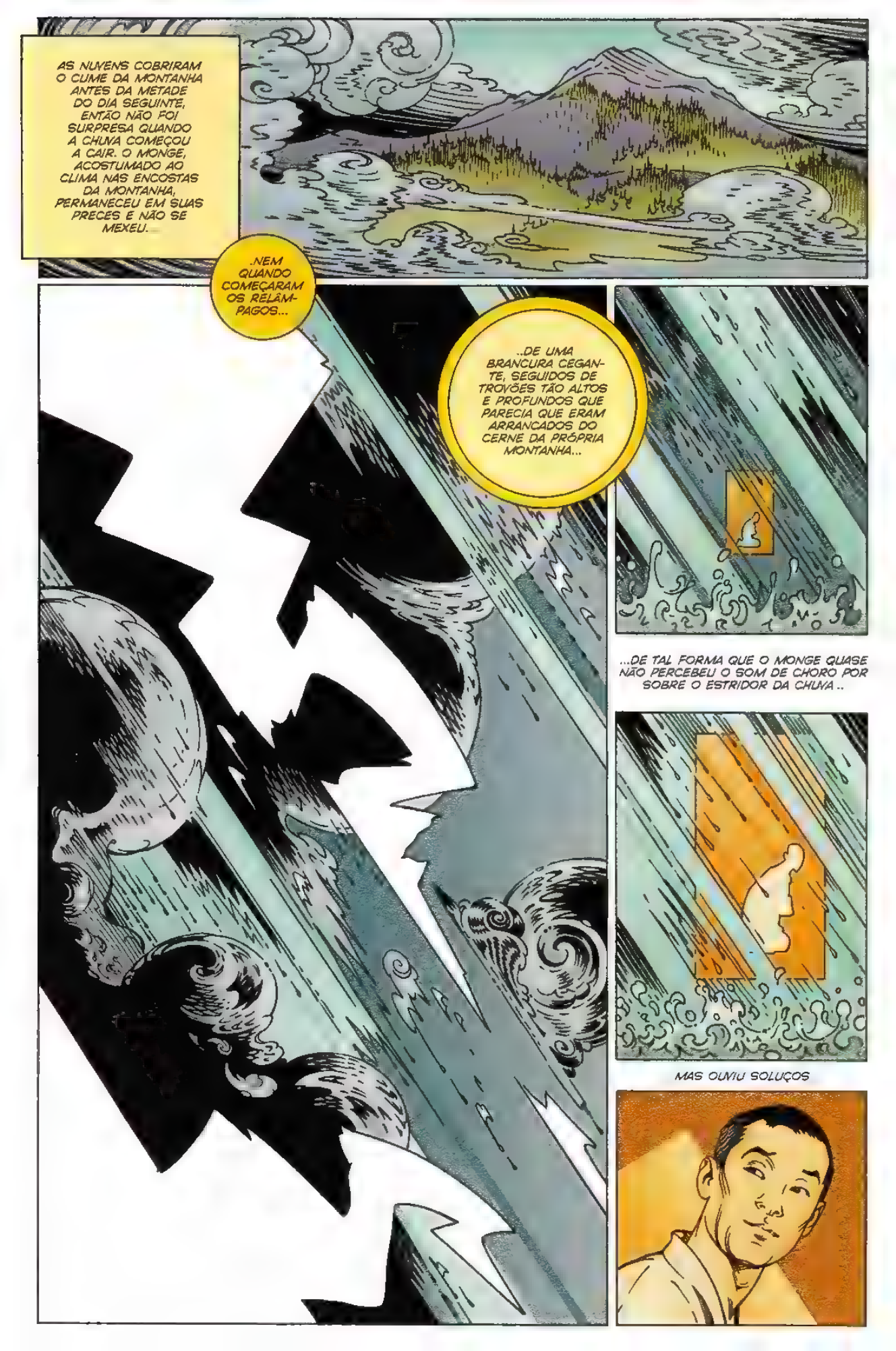
EM SUA PEQUENA HORTA, O MONGE CAPINAVA AO REDOR DOS INHAMES; ENTÃO LIMPOU A LAMA DE SUAS MÃOS E JOELHOS E DIRIGIU-SE AOS APOSENTOS NOS FUNDOS DO TEMPLO PARA PREPARAR-SE PARA AS PRECES NOTURNAS.

NAQUELA NOITE
QUEM SERVE ESTE TEMPLO?
QUE SE APRESENTE!
SOU O GUARDIÃO INDIGNO DESTE TEMPLO.

E QUE *ARREMEDO* DE SACERDOTE, FRACO E INSIGNIFICANTE, VOCÊ É.
MAS QUEM DE NÓS PODE JUSTIFICAR A VONTADE DOS DEUSES?
EM VERDADE, FOI DITO QUE AQUELES QUE BUSCAM FORTUNA ACHAM-NA TÃO ELUSIVA E ALCANÇÁVEL QUANTO O ARCO-ÍRIS, ENQUANTO AQUELES QUE *DESDENHAM* DA FORTUNA E DO MUNDO MUITAS VEZES VEEM-NA SOAR O GONGO À SUA PORTA.
ORA, GOSTARIA DE SABER QUAL É A SUA FORTUNA?!
CERTAMENTE
SAIBA QUE FUI ENVIADO POR NINGUÉM MENOS QUE O PRÓPRIO IMPERADOR. VOCÊ DEVE VIAJAR O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL ATÉ O PALÁCIO IMPERIAL, ONDE O IMPERADOR DESEJA LHE FALAR E CONFIRMAR SE VOCÊ DE FATO É AQUELE DE QUEM OS ÁUGURES E ADIVINHOS FALAM...
...E VOCÊ ASCENDERÁ DA OBSCURIDADE E SERÁ DESIGNADO A CONTRIBUIR SEGUNDO AS NECESSIDADES DA CORTE DO IMPERADOR...
...UM CARGO QUE TRAZ CONSIGO GRANDE *FORTUNA* E POSSES CONSIDERÁVEIS.

CONTUDO, SAIBA TAMBÉM QUE, SE NÃO SE APRESENTAR PERANTE O PALÁCIO ANTES DO PRÓXIMO DIA DO MACACO, ENTÃO OS AUGÚRIOS PASSAM DE BONS A TERRÍVEIS, E O IMPERADOR VER-SE-Á FORÇADO, COM PESAR, A CONDENÁ-LO À PENA DE MORTE.
PORTANTO, NÃO ESPERE NEM MAIS UM INSTANTE, E PARTA DESTE LUGAR ANTES DO AMANHECER OU CORRA O RISCO DE CAUSAR O MAIS GRAVE DESPRAZER AO IMPERADOR
PARTIREI EM INSTANTES...
MAS, ANTES DE PARTIR TENHO UMA PERGUNTA A FAZER
E QUE PERGUNTA SERIA ESSA?

POR QUE O IMPERADOR ENVIARIA UM TEXUGO PARA ME DIZER QUE DEVO IR À CORTE?
DE CAVALOS, O ÚLTIMO DELES POSSUÍA UM RABO DE TEXUGO
!
HA!
HA!
HA!
YIP!
YIP!
YIP!


AS NUVENS COBRIRAM O CUME DA MONTANHA ANTES DA METADE DO DIA SEGUINTE, ENTÃO NÃO FOI SURPRESA QUANDO A CHUVA COMEÇOU A CAIR. O MONGE, ACOSTUMADO AO CLIMA NAS ENCOSTAS DA MONTANHA, PERMANECEU EM SUAS PRECES E NÃO SE MEXEU...
..NEM QUANDO COMEÇARAM OS RELÂMPAGOS...
..DE UMA BRANCURA CEGANTE, SEGUIDOS DE TROVÕES TÃO ALTOS E PROFUNDOS QUE PARECIA QUE ERAM ARRANCADOS DO CERNE DA PRÓPRIA MONTANHA...
...DE TAL FORMA QUE O MONGE QUASE NÃO PERCEBEU O SOM DE CHORO POR SOBRE O ESTRIDOR DA CHUVA..
MAS OUVIU SOLUÇOS

7
ESTIRADA NO CHÃO ESTAVA UMA JOVEM. SUAS VESTES, DA SEDA MAIS SUNTUOSA, GRUDAVAM-SE A SEU CORPO COMO UMA SEGUNDA PELE.
O MONGE ESTAVA ARDUAMENTE A PAR DA BELEZA DA JOVEM ENQUANTO A AUXILIAVA A LEVANTAR-SE E CAMINHAVA A SEU LADO EM DIREÇÃO AO TEMPLO, ONDE PODERIAM PROTEGER-SE DA CHUVA.
SOU FILHA ÚNICA DO GOVERNADOR DA PROVÍNCIA DE YAMASHIRO, E ESTAVA VIAJANDO COM UMA COMITIVA DE MULHERES E GUARDAS EM DIREÇÃO A ESTE TEMPLO QUANDO FOMOS ATACADOS POR BANDOLEIROS.
APENAS EU ESCAPEI.

ENTREOUVI QUE, QUANDO A CHUVA AMAINAR, ELES IRÃO DAR A VOLTA NA MONTANHA ATÉ CHEGAR A ESTE TEMPLO, E ENTÃO IRÃO INCINERÁ-LO E MATAR TODOS QUE ENCONTRAREM AQUI

PORTANTO, VAMOS FUGIR DESTE LUGAR E NUNCA MAIS VOLTAR, ANTES QUE OS SALTEADORES CHEGUEM, POIS SE FICARMOS SEREMOS MORTOS.

SMEK

SMAK

SMEK

SMAK

E, SE POR ACASO NOS PERDERMOS UM DO OUTRO, VOCÊ DEVE IR À PROVÍNCIA DE YAMASHIRO E PEDIR POR MEU PAI, QUE É O GOVERNADOR E TEM A MAIS BELA CASA NA PROVÍNCIA, E ELE O RECOMPENSARÁ REGIAMENTE.

SMEK

SMAK

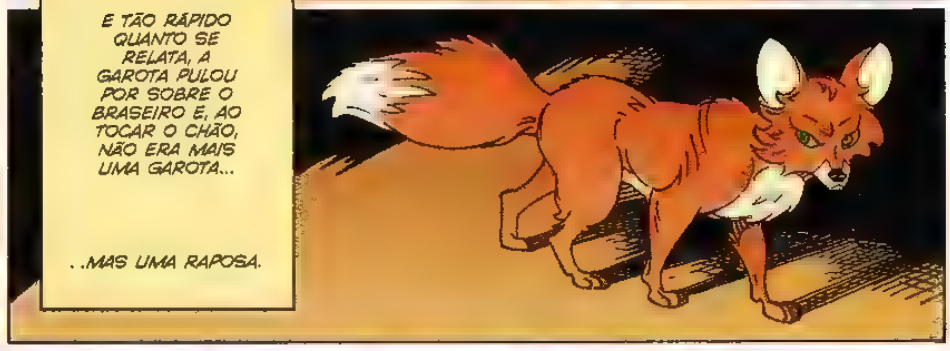
OBRIGADA PELO ARROZ, ESTAVA MUITO BOM...

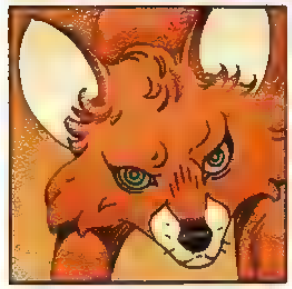
...EMBORA OS INHAMES ESTIVESSEM UM POUCO SECOS.

SEM DÚVIDA PARTIREMOS DE IMEDIATO, SE ANTES ME EXPLICAR UMA COISA

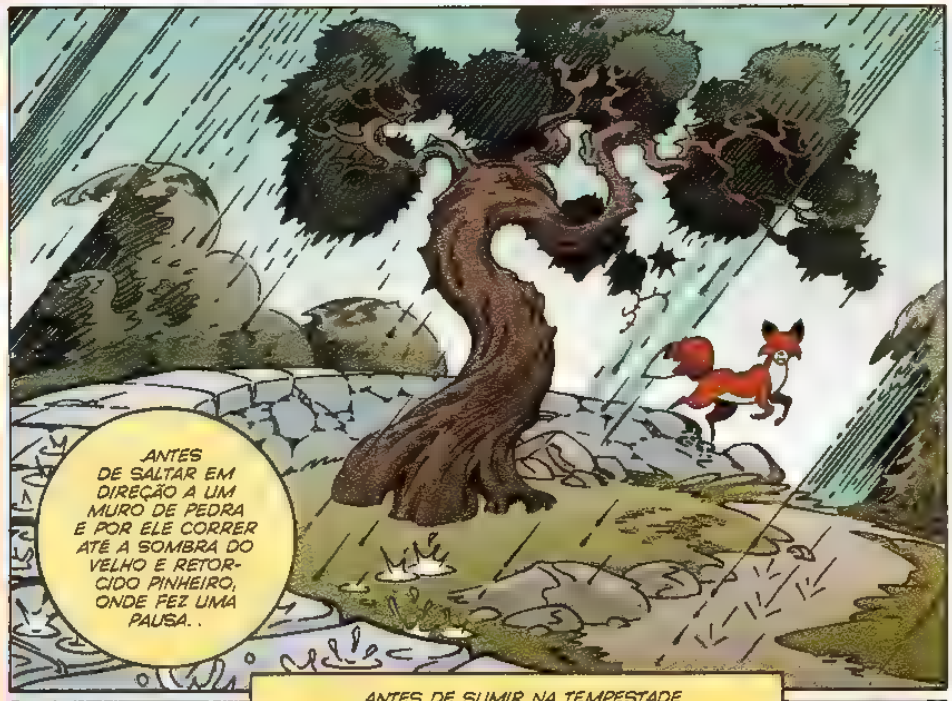
E O QUE SERIA?

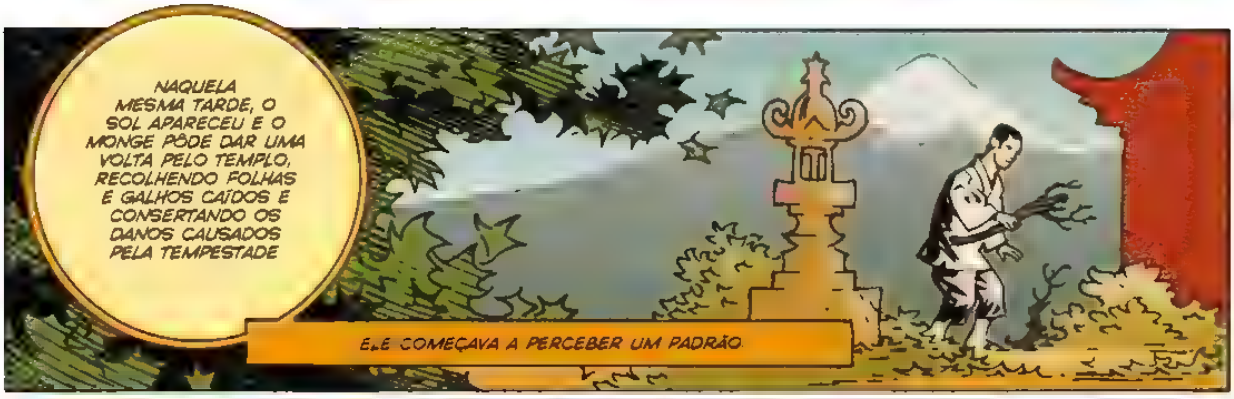
COMO PODE A FILHA DO GOVERNADOR DA PROVÍNCIA DE YAMASHIRO SER UMA RAPOSA...

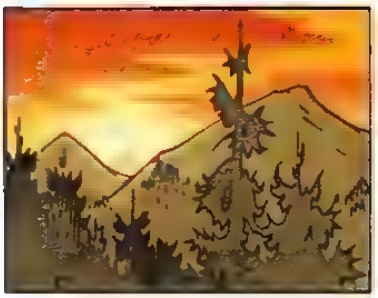




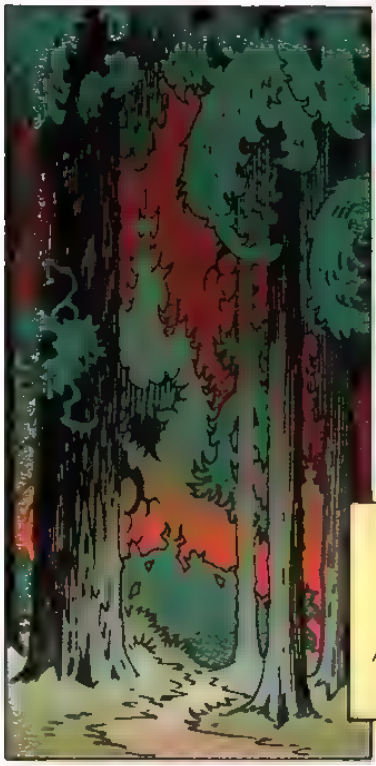
ELA LANÇOU UM OLHAR DE DESPREZO ABSOLUTO PARA O MONGE...

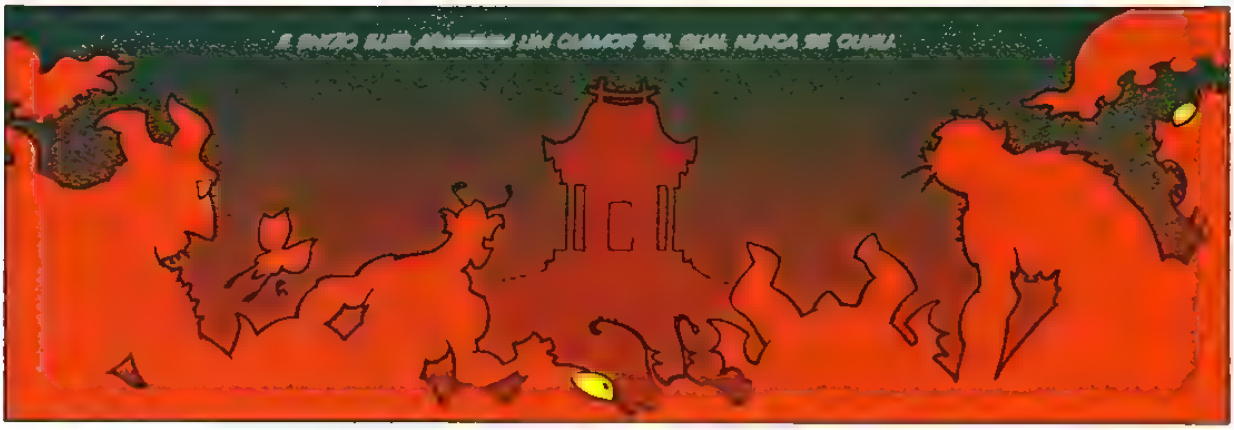






E POR ISSO NÃO FICOU TÃO SURPRESO QUANDO, SETE NOITES DEPOIS...





FARE-JAMOS HOMEM!

FARE-JAMOS CARNE DE HOMEM!

TRAGAM O HOMEM PARA QUE O DEVOREMOS!

VAMOS ASSAR SEU CORAÇÃO...

...E ÓRGÃOS E CÉRE-BRO...

...DE-VORAR SEUS OLHOS...

...E BOCHE-CHAS...

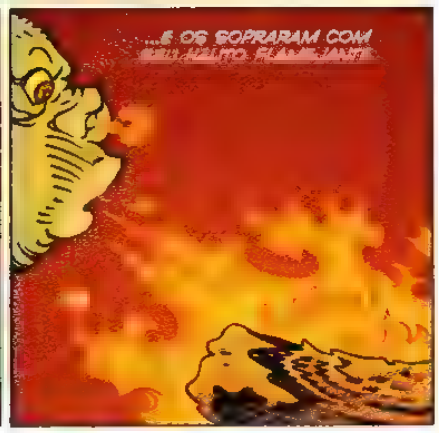
...E SUA LÍNGUA...

ENGOLIR SEU FÍGADO...

...E SUA GORDURA...

...E SEUS TESTÍCULOS!

TRAGAM-NO AQUI!!!



E SE EU NÃO SAIR?

ENTÃO VIREMOS TODA NOITE AO CAIR DO SOL E FAREMOS TUMULTO ATÉ QUE, ENFIM, COM NOSSA PACIÊNCIA ESGOTADA, INCENDIAREMOS SEU PEQUENO TEMPLO E ARRANCAREMOS SEU CORPO CALCINADO DAS CINZAS, O QUAL ROEREMOS COM NOSSOS *DENTES AFIADOS!*

POIS FUJA !!!
FUJA DESTE LUGAR!
MAS O MONGE NÃO FUGIU

NÃO DEIXAREI ESTE LUGAR...

...E ESTOU CANSADO DESTES EMBUSTES

AGORA SEJA O QUE FOR RAPOSA OU TE-XUGO..

...TOME ISTO!
E ISTO!

EM UM INSTANTE, ONDE ANTES HAVIA UMA HORDA DE DEMÔNIOS, AGORA NÃO RESTAVA NADA ALÉM DE UM TEXUGO VELHO E GORDO, QUE SE DEBATEU E COMEÇOU A CORRER.

AAAIEEE!

O TEXUGO UIVOU DE DOR E SUMIU NOITE ADENTRO.

EU QUERIA PEDIR PERDÃO.

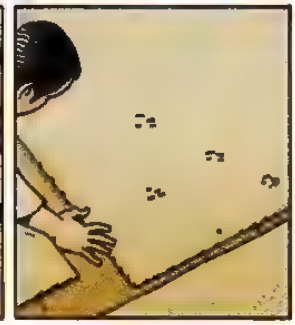
FOI UMA APOSTA ENTRE MIM E O TEXUGO.

O TEXUGO FUGIU PRA OUTRA PROVÍNCIA COM O RABO QUEIMADO E A DIGNIDADE EM PEDAÇOS.
TAMBÉM PARTIREI, SE ASSIM DESEJAR.
MAS VIVI TODA MINHA VIDA NUMA TOCA SOB A CACHOEIRA, PERTO DO PINHEIRO RETORCIDO, E ME MAGOARIA PARTIR.

ENTÃO FIQUE, SE NÃO USAR MAIS DE SEUS TRUQUES TOLOS DE RAPOSA CONTRA MIM.

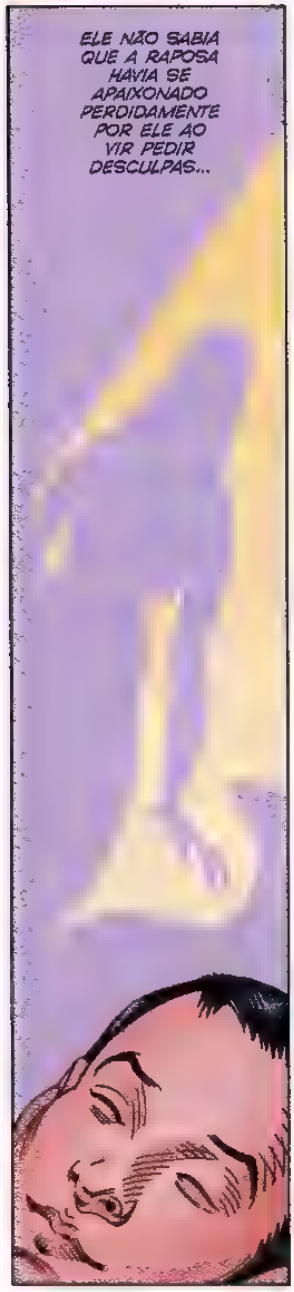
É CLARO.
E LOGO O MONGE VOLTOU A SEUS SONHOS.

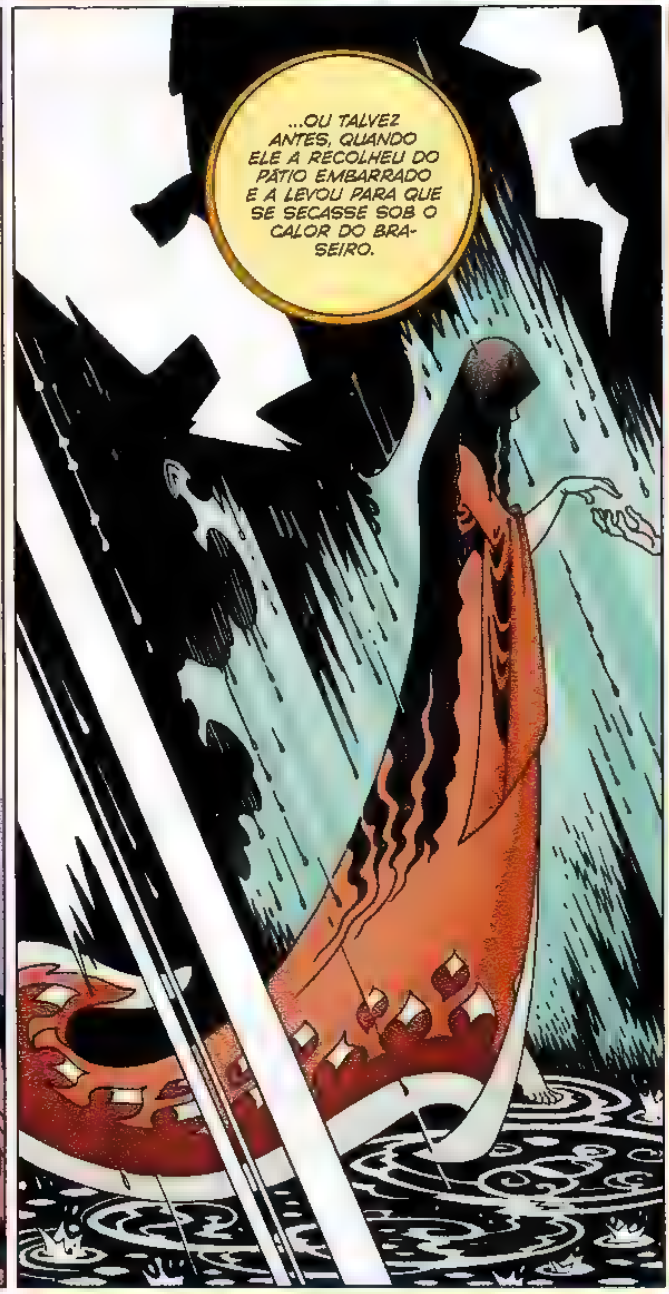
QUANDO ACORDOU, JUSTAMENTE UMA HORA DEPOIS, VIU PEGADAS DE RAPOSA NOS TAPETES DE SEU QUARTO.



O MONGE AVISTAVA A RAPOSA VEZ POR OUTRA. .

..E A VISÃO DELA SEMPRE O FAZIA SORRIR.


ELE NÃO SABIA QUE A RAPOSA HAVIA SE APAIXONADO PERDIDAMENTE POR ELE AO VIR PEDIR DESCULPAS...

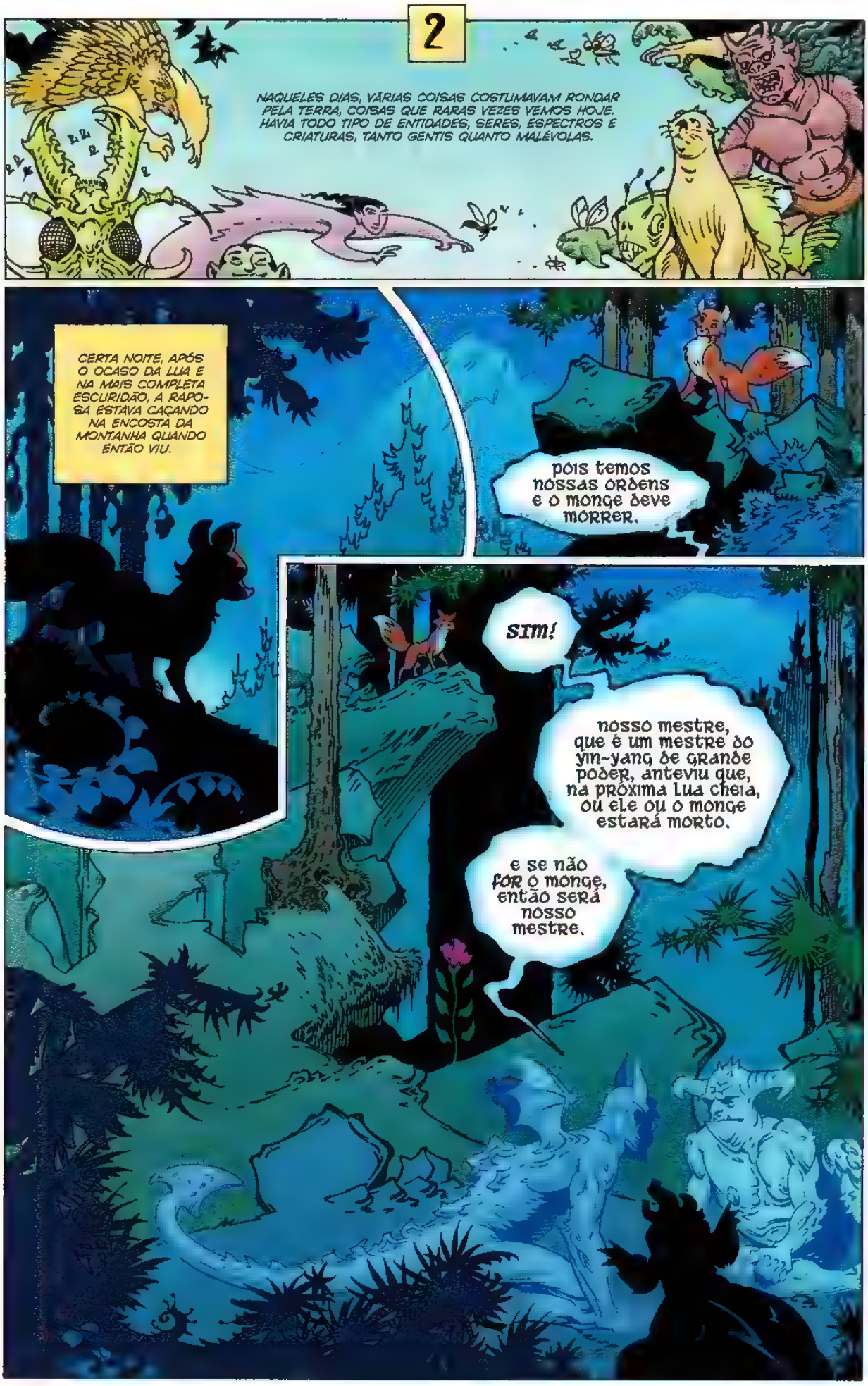

...OU TALVEZ ANTES, QUANDO ELE A RECOLHEU DO PÁTIO EMBARRADO E A LEVOU PARA QUE SE SECASSE SOB O CALOR DO BRA-SEIRO.

MAS, INDEPENDENTEMENTE DE QUANDO TIVESSE ACONTECIDO, ERA INQUESTIONÁVEL O AMOR DA RAPOSA PELO JOVEM MONGE.

E ISSO SERIA A CAUSA DE MUITA PENÚRIA NOS TEMPOS VINDOUROS...

...DE PENÚRIA E CORAÇÕES PARTIDOS...

...BEM COMO DE UMA ESTRANHA JORNADA.

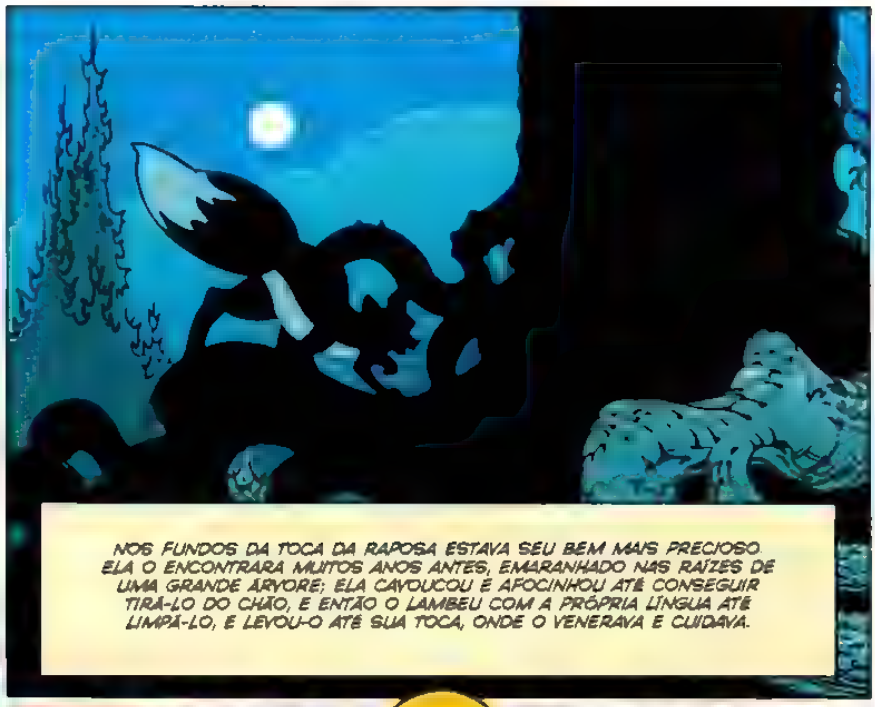

2
NAQUELES DIAS, VÁRIAS COISAS COSTUMAVAM RONDAR PELA TERRA, COISAS QUE RARAS VEZES VEMOS HOJE. HAVIA TODO TIPO DE ENTIDADES, SERES, ESPECTROS E CRIATURAS, TANTO GENTIS QUANTO MALÉVOLAS.
CERTA NOITE, APÓS O OCASO DA LUA E NA MAIS COMPLETA ESCURIDÃO, A RAPOSA ESTAVA CAÇANDO NA ENCOSTA DA MONTANHA QUANDO ENTÃO VIU.
pois temos nossas ordens e o monge deve morrer.
SIM!
nosso mestre, que é um mestre do yin-yang de grande poder, anteviu que, na próxima lua cheia, ou ele ou o monge estará morto.
e se não FOR o monge, então será nosso mestre.

como, então, deve ele morrer?
SILÊNCIO! há algo a escutar nosso conluio? pois sinto olhos sobre mim.
A RAPOSA PRENDEU A RESPIRAÇÃO, E PROSTROU A BARRIGA CONTRA O CHÃO.
não há nada aqui exceto uma raposa morta.
é isto que nosso mestre pretende. por três noites contíguas, o monge terá sonhos maléficos.
na primeira noite, o monge sonhará com um estojo.
na segunda noite, sonhará com uma chave negra.
na terceira noite, deverá sonhar que está abrindo o estojo com a chave.
quando, em sonho, ele abrir o estojo, perderá toda ligação com este mundo; e sem comida nem água logo morrerá.
sua morte não pesará na consciência de nosso mestre.
?

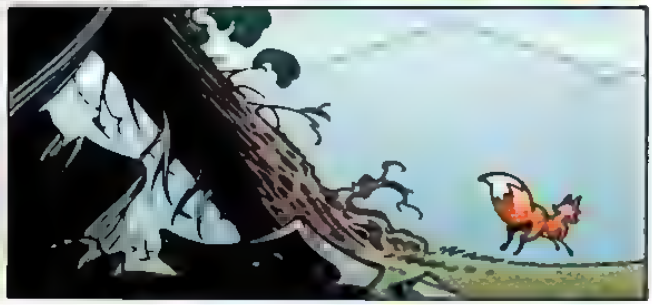
tem certeza absoluta de que não somos ouvidos?
o que nos ouviria? um cadáver de raposa?
mas também não importa se alguém realmente estivesse a nos ouvir...
...pois se alguém nos escuta e conta a outro o que dissemos...
...tão logo a primeira palavra deixar sua boca, seu coração rebentará no peito.
BZZZZZ
BZZZZZ
BZZZZZ

mas não há maneira de o monge escapar desta sina?
apenas uma...
TING
TING
TING

LÁ ELA CONTINUOU DEITADA, RÍGIDA COMO UM GRAVETO, ATÉ O SOL FICAR ALTO NO CÉU ENTÃO PARTIU EM DIREÇÃO À ENCOSTA DA MONTANHA ATÉ CHEGAR À SUA TOCA


NOS FUNDOS DA TOCA DA RAPOSA ESTAVA SEU BEM MAIS PRECIOSO. ELA O ENCONTRARA MUITOS ANOS ANTES, EMARANHADO NAS RAÍZES DE UMA GRANDE ÁRVORE; ELA CAVOUCOU E APOCINHOU ATÉ CONSEGUIR TIRÁ-LO DO CHÃO, E ENTÃO O LAMBEU COM A PRÓPRIA LÍNGUA ATÉ LIMPÁ-LO, E LEVOU-O ATÉ SUA TOCA, ONDE O VENERAVA E CUIDAVA.

ERA SEU TESOURO
ERA A ESTATUETA DE UM DRAGÃO ESCULPIDA EM JADE E SEUS OLHOS ERAM PEQUENAS GEMAS VERMELHAS. O DRAGÃO LHE TRAZIA CONFORTO. NO ESCURO DA TOCA SEUS OLHOS DE RUBI BRILHAVAM COM RADIÂNCIA AFETUOSA.



ESTE É MEU BEM MAIS PRECIOSO, E DELE EU ABRO MÃO, ENTREGANDO-O AO MAR, E TUDO QUE PEÇO É O SABER DE COMO SALVAR A VIDA DE UM MONGE.

POIS, SE EU NADA FIZER, ELE SONHARÁ COM UM ESTOJO, E DEPOIS COM UMA CHAVE, E ENTÃO COM UMA CHAVE ABRINDO O ESTOJO, E POR FIM ESTARÁ MORTO.

ELA ENTÃO CAMINHOU POR QUILÔMETROS ATÉ VOLTAR PARA A SUA TOCA, E, MAIS CANSADA DO QUE NUNCA. .

Levante-se.
Levante-se e não tenha medo. Você desistiu de muito para sonhar este sonho, criança.

MEU DRAGÃO... ELE ERA SEU, SENHOR?

Não, mas ele há muito havia sido perdido por alguém que eu chamava de amigo. Antes dos dragões de verdade deixarem esta terra para nadar nos céus. Agora o mar deverá mandá-lo de volta até ele, e ele dormirá em paz no fundo das grandes profundezas até a próxima era do mundo.

FICO HONRADA E AGRADECIDA DE PODER TER SIDO ÚTIL AO SEU AMIGO.

ELES LÁ FICARAM, EM SILÊNCIO, POR UM MOMENTO ETERNO, NO LUGAR-SONHO. A PEQUENA RAPOSA E O GRANDE RAPOSO NEGRO.

A PEQUENA RAPOSA OLHOU PARA O VAZIO ROCHOSO EM VOLTA.

O QUE SÃO AQUELES ANIMAIS?

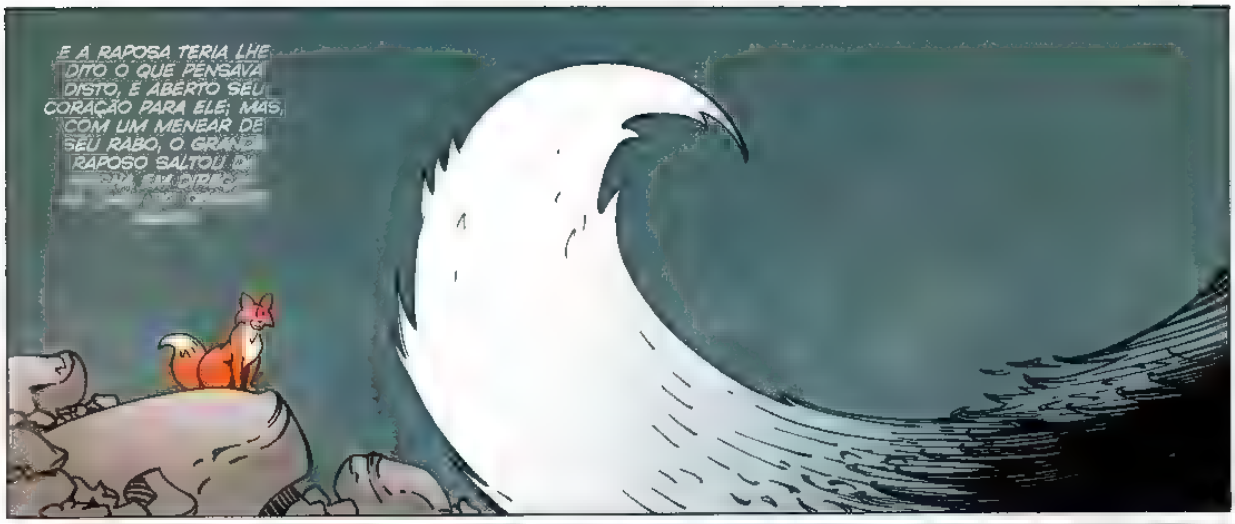
São Baku.

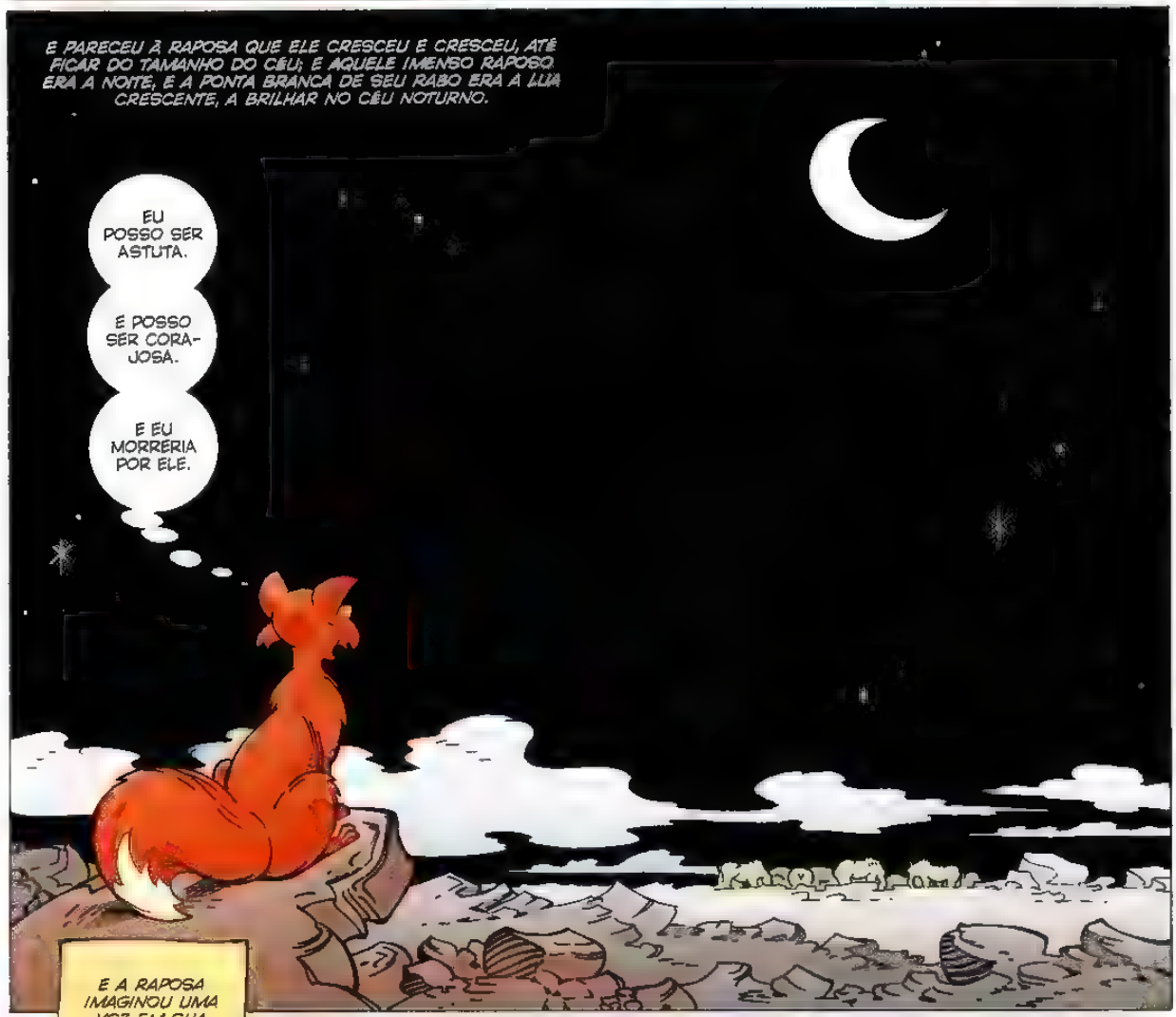
São devoradores de sonhos.

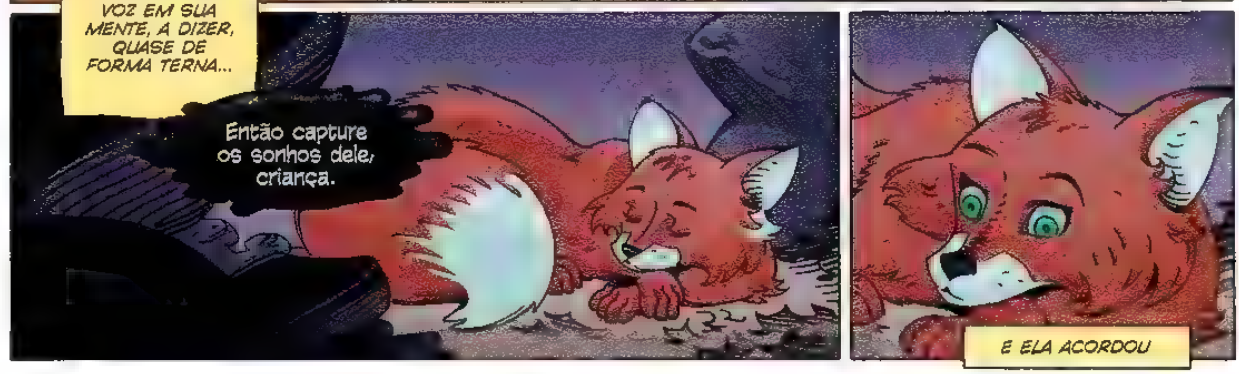
A PEQUENA RAPOSA JÁ OUVIRA FALAR DOS BAKU. SE UM SONHADOR ACORDA DE UM SONHO DE MAUS AGOUROS, ELE PODE INVOCAR OS BAKU E ESPERAR QUE ESTES DEVOREM O SONHO, LEVANDO-O EMBORA JUNTO COM SEUS PRESSÁGIOS.

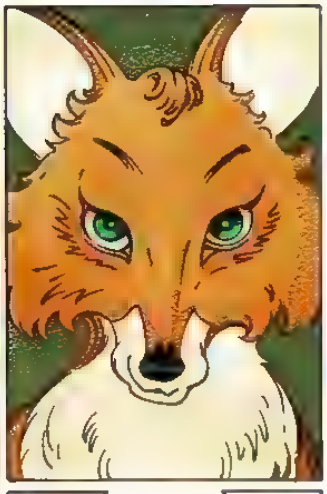
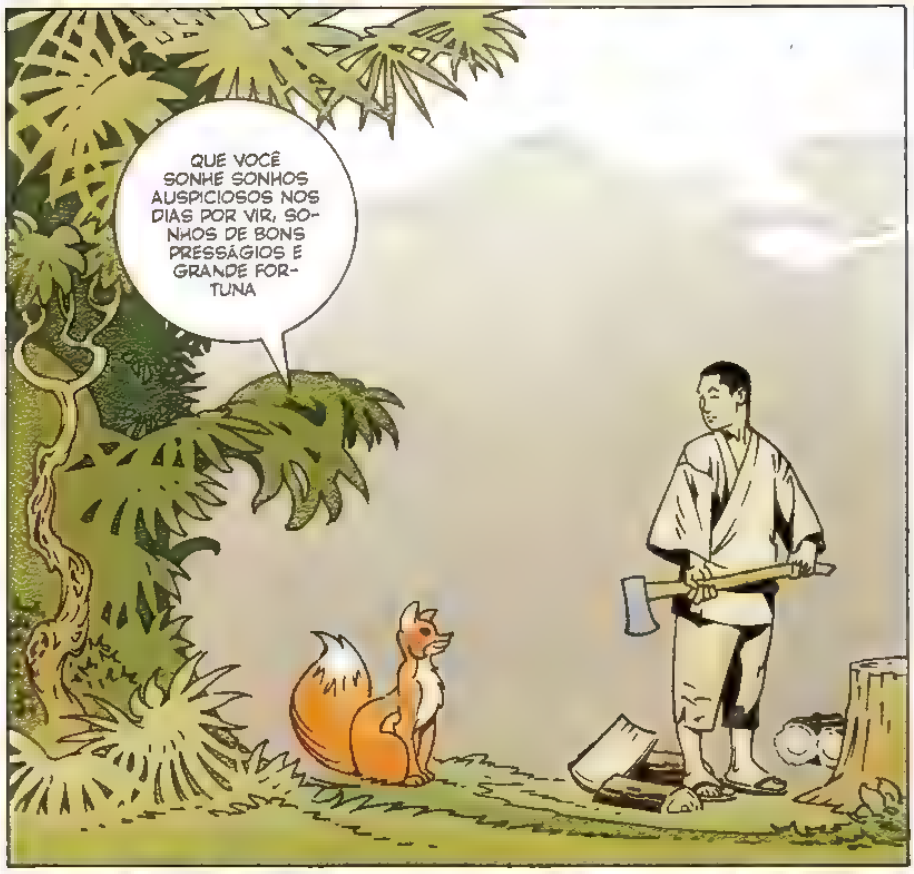
E SE ALGUÉM PUDESSE CAPTURAR UM BAKU APÓS ESTE CONSUMIR O SONHO, O QUE ACONTECERIA?

Os Baku são difíceis de capturar e difíceis de deter. São feras astutas e esquivas.
EU SOU UMA RAPOSA.
TAMBÉM SOU UMA FERA ASTUTA
O GRANDE RAPOSO ASSENTIU. ENTÃO BAIXOU OS OLHOS ATÉ ELA, E PARECEU À RAPOSA QUE ELE PODIA VER TUDO O QUE ELA ERA, TUDO QUE SONHAVA, TUDO QUE SENTIA E A QUE ASPIRAVA.
Ele é apenas um humano; e você, uma raposa.
Raramente terminam bem tais coisas.


E A RAPOSA TERIA LHE DITO O QUE PENSAVA DISTO, E ABERTO SEU CORAÇÃO PARA ELE; MAS, COM UM MENEAR DE SEU RABO, O GRANDE RAPOSO SALTOU DE

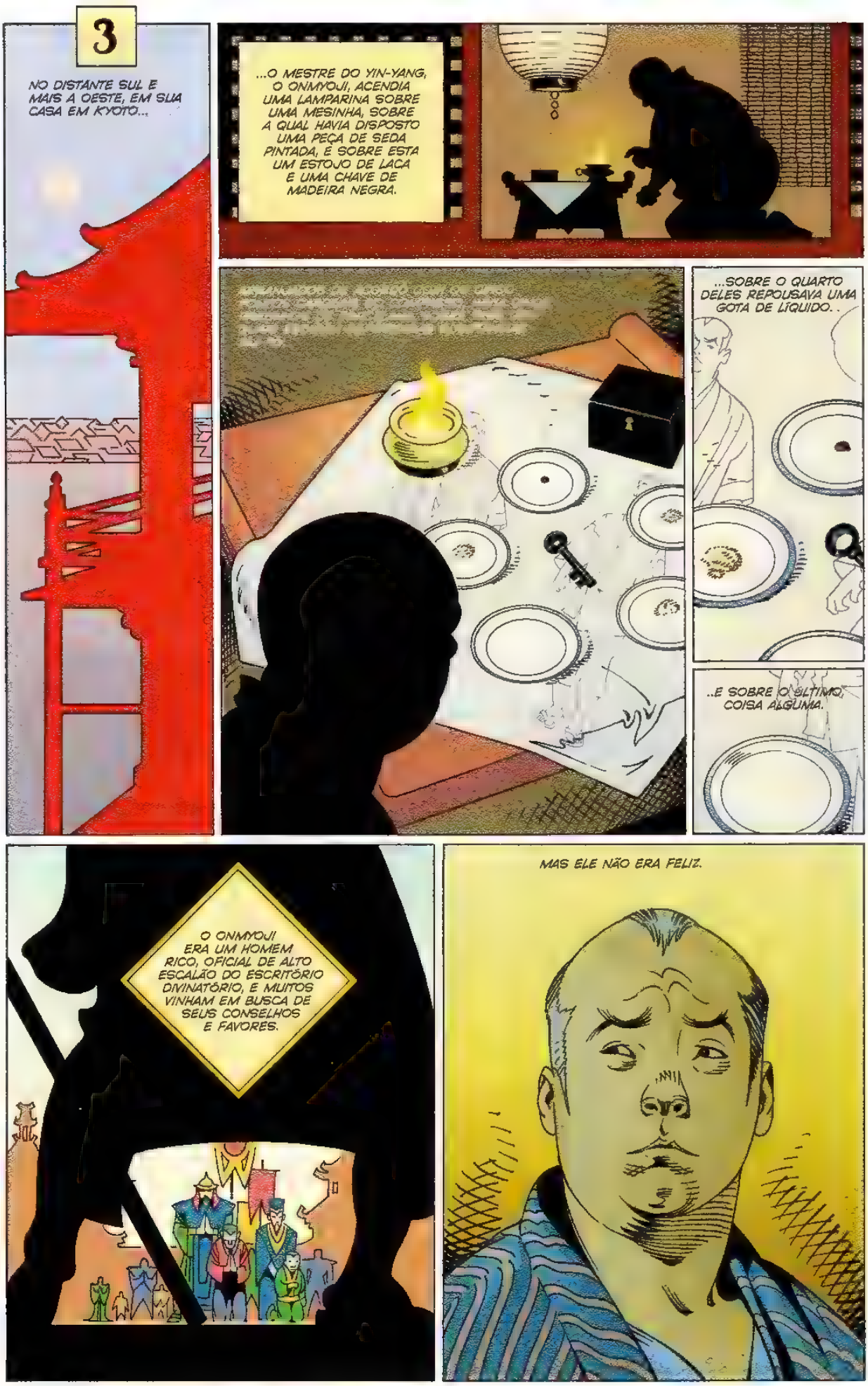

E PARECEU À RAPOSA QUE ELE CRESCEU E CRESCEU, ATÉ FICAR DO TAMANHO DO CÉU; E AQUELE IMENSO RAPOSO ERA A NOITE, E A PONTA BRANCA DE SEU RABO ERA A LUA CRESCENTE, A BRILHAR NO CÉU NOTURNO.
EU POSSO SER ASTUTA.
E POSSO SER CORAJOSA.
E EU MORRERIA POR ELE.


E A RAPOSA IMAGINOU UMA VOZ EM SUA MENTE, A DIZER, QUASE DE FORMA TERNA...
Então capture os sonhos dele, criança.
E ELA ACORDOU



QUE VOCÊ SONHE SONHOS AUSPICIOSOS NOS DIAS POR VIR, SONHOS DE BONS PRESSÁGIOS E GRANDE FORTUNA

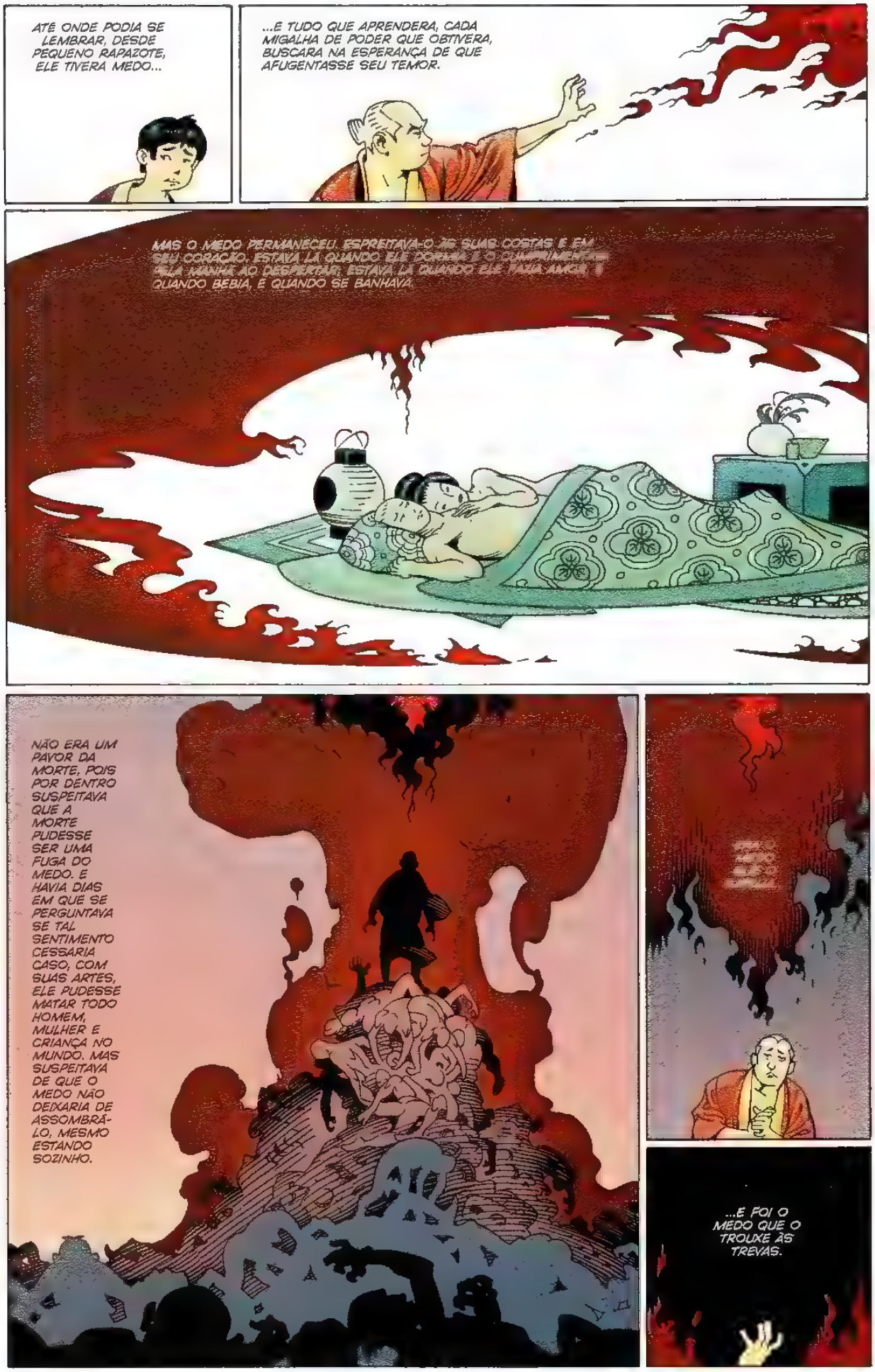
FICO GRATO POR SEUS VOTOS.
EMBORA A MIM NÃO CAIBA SABER SE MEUS SONHOS SERÃO DE BOA FORTUNA OU DE QUALQUER OUTRO TIPO

NÃO ESTAREI LONGE, CASO PRECISE DE MIM.


3
NO DISTANTE SUL E MAIS A OESTE, EM SUA CASA EM KYOTO...
...O MESTRE DO YIN-YANG, O ONMYOJI, ACENDIA UMA LAMPARINA SOBRE UMA MESINHA, SOBRE A QUAL HAVIA DISPOSTO UMA PEÇA DE SEDA PINTADA, E SOBRE ESTA UM ESTOJO DE LACA E UMA CHAVE DE MADEIRA NEGRA.
...SOBRE O QUARTO DELES REPOUSAVA UMA GOTA DE LÍQUIDO..
..E SOBRE O ÚLTIMO, COISA ALGUMA.
O ONMYOJI ERA UM HOMEM RICO, OFICIAL DE ALTO ESCALÃO DO ESCRITÓRIO DIVINATÓRIO, E MUITOS VINHAM EM BUSCA DE SEUS CONSELHOS E FAVORES.
MAS ELE NÃO ERA FELIZ.

ELE TINHA UMA ESPOSA, QUE MORAVA NA ALA NORTE DA CASA E CUIDAVA DO LAR COM TODA PRUDÊNCIA E EFICIÊNCIA, ALÉM DE TRATÁ-LO DE ACORDO COM AS MANEIRAS QUE UMA ESPOSA DEVE TRATAR O MARIDO.
ELE TINHA UMA CONCUBINA, QUE MAL COMPLETARA DEZESSETE ANOS, E QUE ERA MUITO BELA· SUA PELE ERA ALVA COMO A MAIS ALVA DAS FLORES DA AMEIXEIRA, E SEUS LÁBIOS ERAM ESCUROS COMO AS AMEIXAS.
A ESPOSA E A CONCUBINA VIVIAM JUNTAS SOB O MESMO TETO. .
...E NUNCA DISCUTIAM.
MAS O ONMYOJI NÃO ERA FELIZ.

ELE VIVIA NA QUE MUITOS DIZIAM SER A DÉCIMA SÉTIMA MELHOR CASA DE KYOTO.
ESPÍRITOS E DEMÔNIOS DO AR, ONI E TENGU RECEBIAM E ACATAVAM SUAS ORDENS.
ELE LEMBRAVA-SE DE CADA DETALHE DE SUAS DUAS VIDAS PREGRESSAS.
QUANDO JOVEM, VIAJARA À CHINA...
...E RETORNARA COM OS CABELOS PREMATURAMENTE GRISALHOS, MAS COM CONHECIMENTOS INIGUALÁVEIS DE PORTENTOS E PROFECIAS.
ERA UM HOMEM RESPEITADO POR AQUELES A ELE SUPERIORES E TEMIDO POR AQUELES A ELE INFERIORES. MAS, MESMO COM TUDO ISTO, O ONMYOJI NÃO ERA FELIZ.
E ISTO PORQUE O ONMYOJI TINHA MEDO.

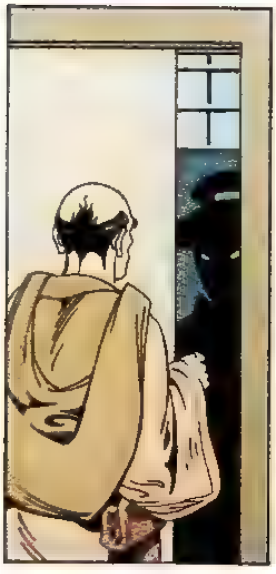

ATÉ ONDE PODIA SE LEMBRAR, DESDE PEQUENO RAPAZOTE, ELE TIVERA MEDO...
...E TUDO QUE APRENDERA, CADA MIGALHA DE PODER QUE OBTIVERA, BUSCARA NA ESPERANÇA DE QUE AFUGENTASSE SEU TEMOR.
MAS O MEDO PERMANECEU. ESPREITAVA-O ÀS SUAS COSTAS E EM SEU CORAÇÃO. ESTAVA LÁ QUANDO ELE DORMIA E O CHAMAVA PELA MANHÃ AO DESPERTAR. ESTAVA LÁ QUANDO ELE FAZIA AMOR E QUANDO BEBIA, E QUANDO SE BANHAVA.
NÃO ERA UM PAVOR DA MORTE, POIS POR DENTRO SUSPEITAVA QUE A MORTE PUDESSE SER UMA FUGA DO MEDO. E HAVIA DIAS EM QUE SE PERGUNTAVA SE TAL SENTIMENTO CESSARIA CASO, COM SUAS ARTES, ELE PUDESSE MATAR TODO HOMEM, MULHER E CRIANÇA NO MUNDO. MAS SUSPEITAVA DE QUE O MEDO NÃO DEIXARIA DE ASSOMBRÁ-LO, MESMO ESTANDO SOZINHO.
...E FOI O MEDO QUE O TROUXE ÀS TREVAS.

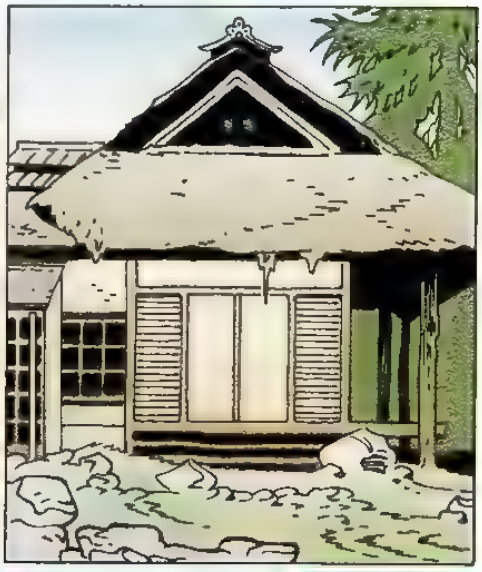
O MESTRE DO YIN-YANG BUSCOU CONHECIMENTOS ENTRE OS PROFANADORES DE TÚMULOS. ELE ENCONTROU CRIATURAS DISFORMES AO CREPÚSCULO, E DANÇOU AS DANÇAS DELAS, E PARTICIPOU DE SEUS BANQUETES.

NA PERIFERIA DA CIDADE, ELE MANTINHA UMA CASA EM RUÍNAS, E NESTA CASA HAVIA TRÊS MULHERES ..

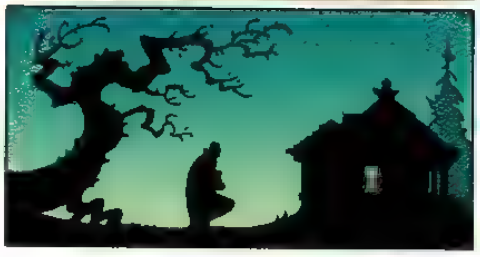
...UMA VELHA, UMA JOVEM E UMA NEM VELHA NEM JOVEM. AS MULHERES VENDIAM ERVAS E REMÉDIOS A OUTRAS MULHERES QUE SE VIAM EM SITUAÇÕES DESAFORTUNADAS.

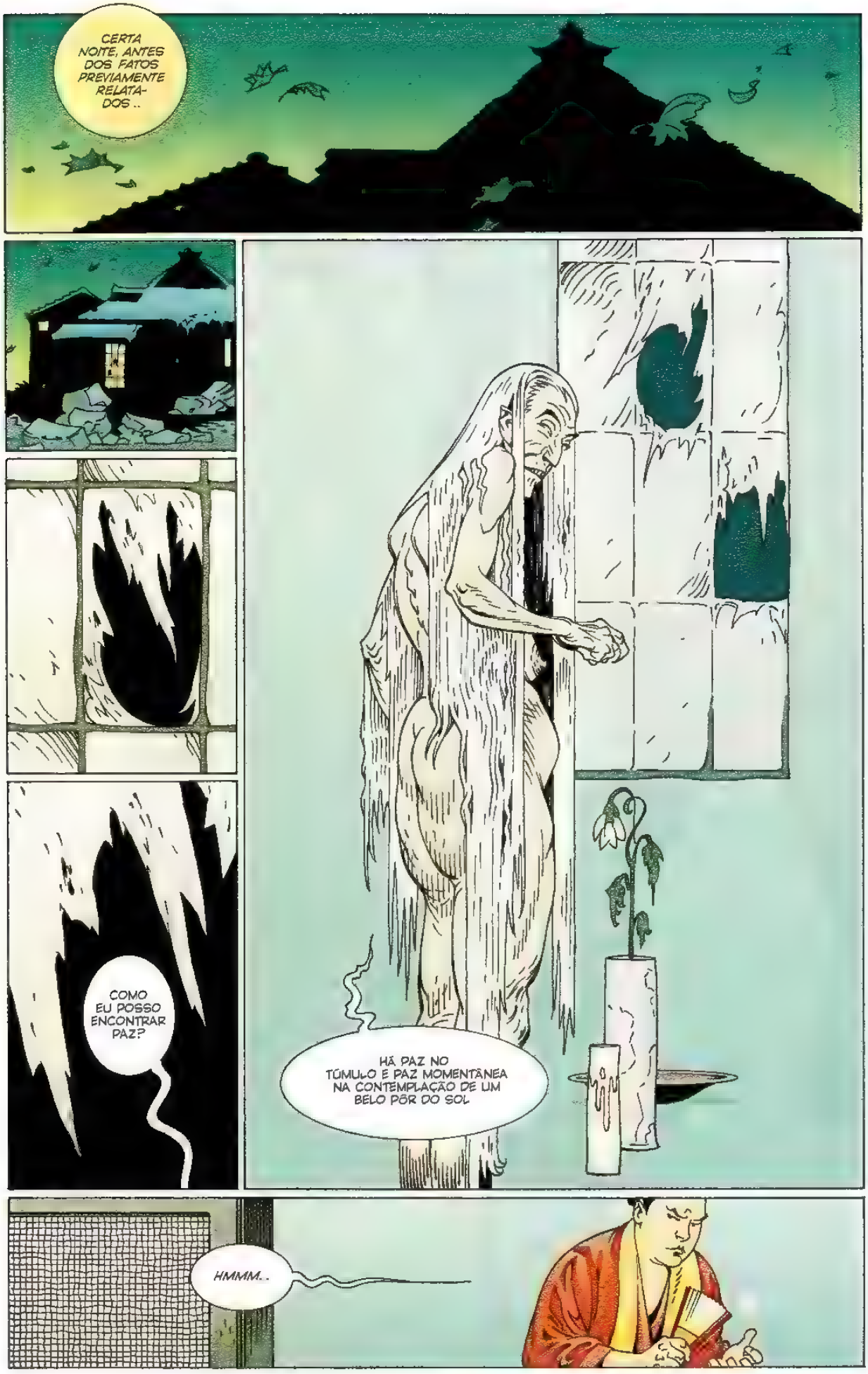
SUSSURRAVA-SE QUE VIAJANTES INGENUOS QUE NAQUELA CASA PARAVAM NUNCA MAIS ERAM VISTOS.





COMO QUER QUE FOSSE, HOMEM ALGUM SABIA DO ENVOLVIMENTO DO ONMYOJI COM AS TRÊS MULHERES, NEM DE SUAS VISITAS ÀQUELA CASA NAS NOITES EM QUE A LUA ESTAVA ESCURA.




CERTA NOITE, ANTES DOS FATOS PREVIAMENTE RELATADOS..
COMO EU POSSO ENCONTRAR PAZ?
HÁ PAZ NO TÚMULO E PAZ MOMENTÂNEA NA CONTEMPLAÇÃO DE UM BELO PÔR DO SOL
HMMM..

POR QUE EU NÃO TENHO PAZ?
PORQUE VOCÊ ESTÁ VIVO.
O ONMYOJI TEMIA PRINCIPALMENTE A MAIS JOVEM DAS TRÊS MULHERES, POIS SUSPEITAVA QUE NÃO ESTIVESSE VIVA. A JOVEM ERA MUITO BELA, MAS DE UMA BELEZA GELIDA.
AO SER TOCADO POR SEUS DEDOS GELADOS, ELE ESTREMECIA.
ONDE POSSO ENCONTRAR PAZ?

NA PROVÍNCIA DE MINO, A LONGOS DIAS DE VIAGEM DAQUI, EM DIREÇÃO AO NORTE E MAIS AO LESTE, EXISTE UM PEQUENO TEMPLO.

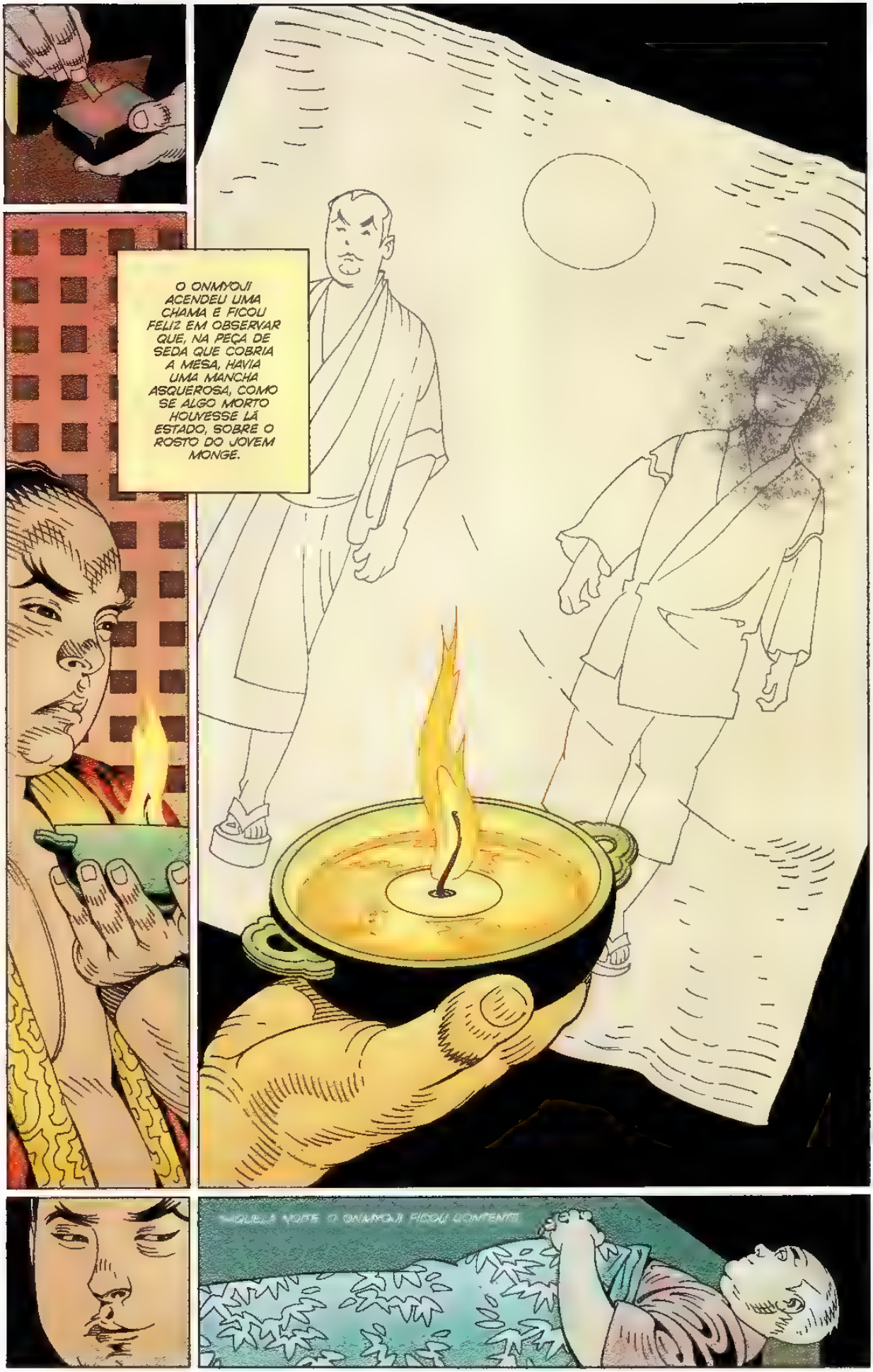
ELE É DE TÃO POUCA IMPORTÂNCIA QUE ESTÁ AOS CUIDADOS DE UM ÚNICO MONGE, QUE NADA TEME E TEM A PAZ QUE VOCÊ DESEJA.

POSSO TRAMAR PARA QUE, QUANDO ELE MORRER, VOCÊ GANHE A FORÇA DELE, E NADA MAIS TEMA MAS, ASSIM QUE EU TRAMAR, VOCÊ TERÁ APENAS A PRÓXIMA LUA CHEIA PARA LHE CAUSAR A MORTE.

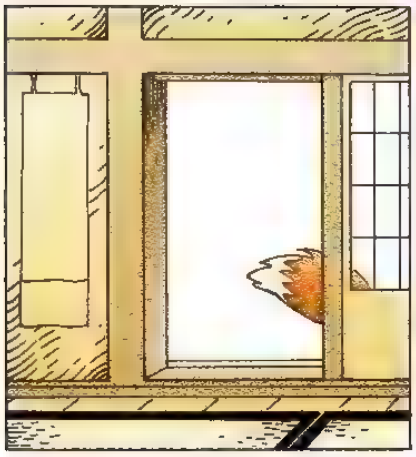
...ENTREGARAM AO ONMYOJI UMA PEÇA DE SEDA PURA, ALVA COMO O LUAR. SOBRE ELA ESTAVAM PINTADOS O ONMYOJI E A LUA, E O JOVEM MONGE

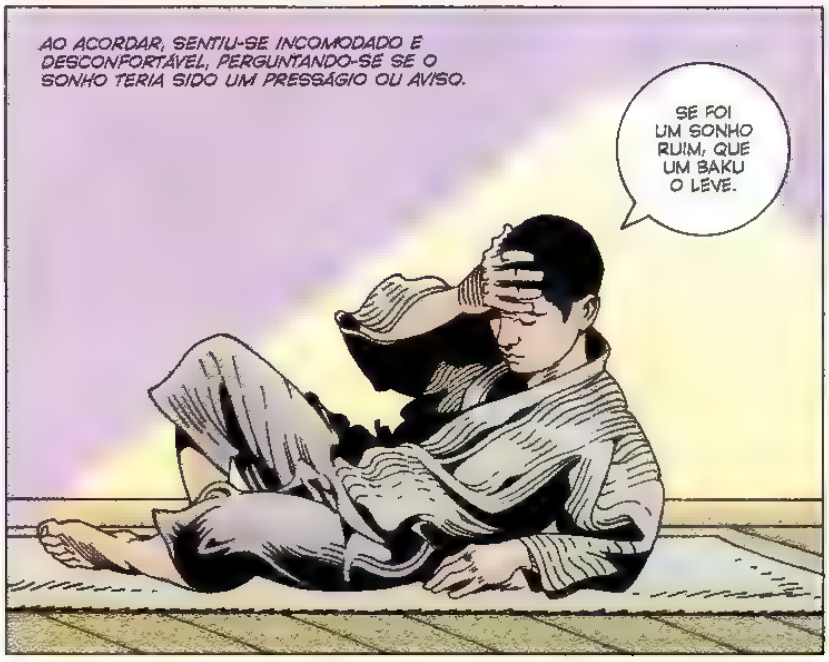
O ONMYOJI FEZ SINAL DE SATISFAÇÃO. TERIA AGRADECIDO A ELAS, MAS SABIA QUE NÃO SE AGRADECE A CRIATURAS DESTA ESTIRPE.
ENTÃO DEIXOU SEU PAGAMENTO AO CHÃO...
...E VOLTOU PARA CASA.
HÁ DIVERSAS MANEIRAS DE MATAR A DISTÂNCIA, MAS A MAIORIA DELAS ENVOLVE INFLIGIR DOR.
O MESTRE DO YIN-YANG CONSULTOU SEUS PERGAMINHOS
E ENTÃO ENVIOU SEUS DEMÔNIOS À MONTANHA ONDE O MONGE VIVIA, PARA OBTER COISAS QUE O MONGE HOUVESSE TOCADO.
FOI QUANDO A RAPOSA OS ESCUTOU
pois temos nossas ordens e o monge deve morrer.

E AQUI E AGORA ESTAVA O ONMYOJI, SENTADO EM FRENTE À MESINHA COM A LAMPARINA, E O ESTOJO DE LACA, E A CHAVE.
UMA A UMA ELE ACRESCENTOU PITADAS DAS SUBSTÂNCIAS POSTAS NOS PRATINHOS DE PORCELANA AO FOGO DA LAMPARINA, UMA PITADA PARA CADA UM DOS CINCO ELEMENTOS.
E A DERRADEIRA PITADA FOI DA ÚLTIMA COISA QUE OS DEMÔNIOS HAVIAM ROUBADO DO MONGE: UM PRATO CONTENDO NADA ALÉM DE UM FRAGMENTO DA SOMBRA DO MONGE QUE OS DEMÔNIOS HAVIAM ROUBADO DELE.
E, AO ACRESCENTAR A ÚLTIMA PITADA DE NADA, A CHAMA ERGUEU-SE TÃO ALTA QUE PREENCHEU COM LUZ O APOSENTO DO ONMYOJI.
E ENTÃO SE FOI, DEIXANDO O QUARTO ÀS ESCURAS.


O ONMYOJI ACENDEU UMA CHAMA E FICOU FELIZ EM OBSERVAR QUE, NA PEÇA DE SEDA QUE COBRIA A MESA, HAVIA UMA MANCHA ASQUEROSA, COMO SE ALGO MORTO HOUVESSE LÁ ESTADO, SOBRE O ROSTO DO JOVEM MONGE.
NAQUELA NOITE O ONMYOJI FICOU CONTENTE

NO SONHO DO MONGE NA MESMA NOITE, ELE ESTAVA NA CASA DE SEU PAI, ANTES DESTE PERDER A CASA E TUDO MAIS QUE POSSUÍA, EM DESGRAÇA, POIS TINHA INIMIGOS PODEROSOS E MORRERA POR SUAS PRÓPRIAS MÃOS.

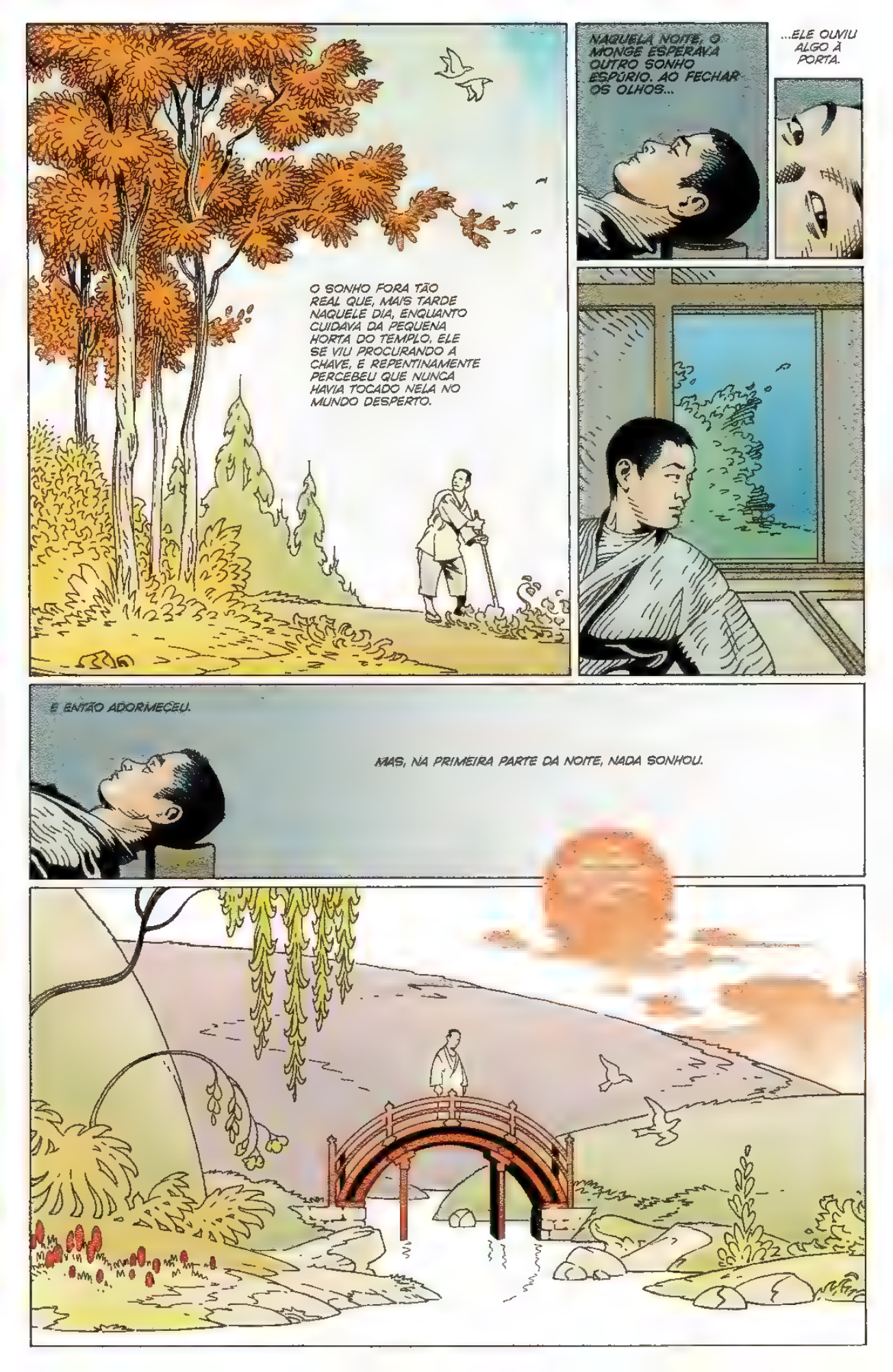


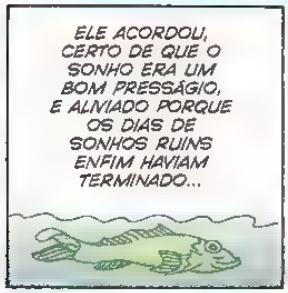

AO ACORDAR, SENTIU-SE INCOMODADO E DESCONFORTÁVEL, PERGUNTANDO-SE SE O SONHO TERIA SIDO UM PRESSÁGIO OU AVISO.
SE FOI UM SONHO RUIM, QUE UM BAKU O LEVE.

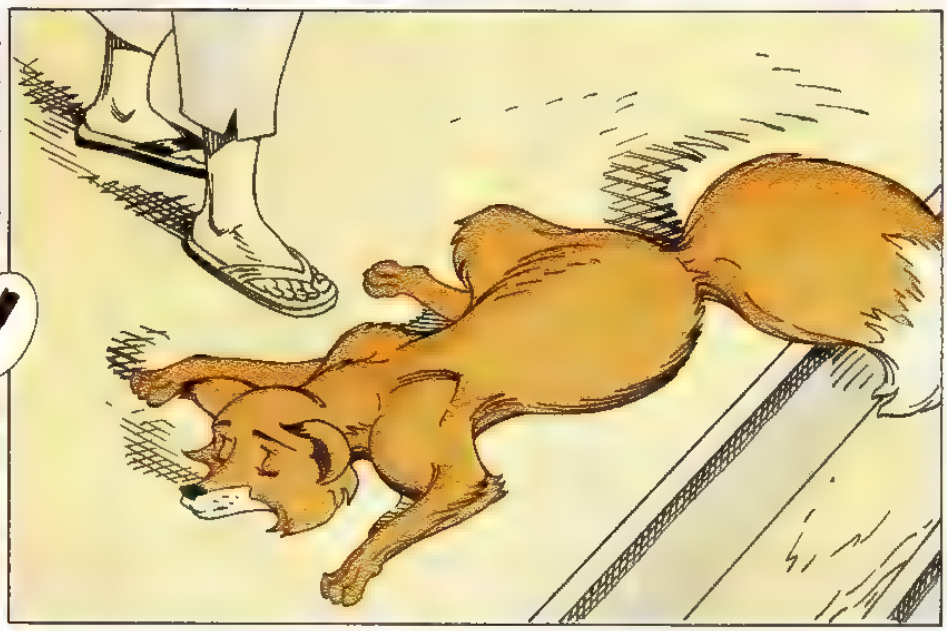
E ELE LEVANTOU-SE PARA BUSCAR ÁGUA E DAR INÍCIO AO SEU DIA.

NA SEGUNDA NOITE, O MONGE SONHOU QUE SEU AVÔ HAVIA VINDO ATÉ ELE, EMBORA O AVÔ TIVESSE MORRIDO ENGASGADO COM UM PÊSSEGO VERDE QUANDO O MONGE NEM SEQUER PASSAVA DE UM BEBÊ.

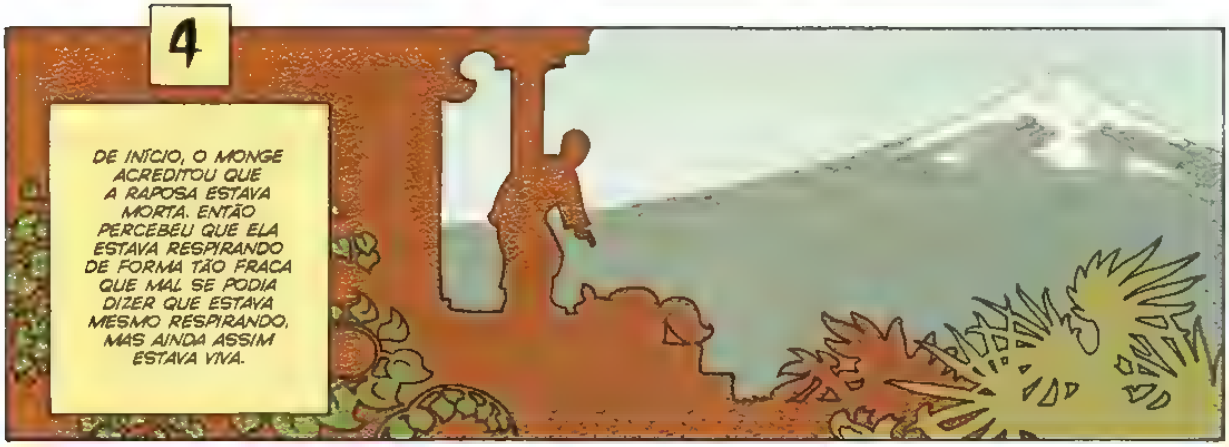
ELE ACORDOU COM A MÃO FECHADA SOBRE UMA CHAVE INEXISTENTE,
SENTINDO OS OLHOS DA RAPOSA SOBRE SI.

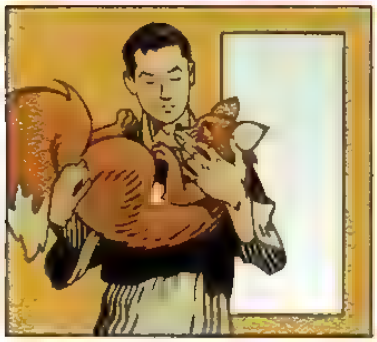

O SONHO FORA TÃO REAL QUE, MAIS TARDE NAQUELE DIA, ENQUANTO CUIDAVA DA PEQUENA HORTA DO TEMPLO, ELE SE VIU PROCURANDO A CHAVE, E REPENTINAMENTE PERCEBEU QUE NUNCA HAVIA TOCADO NELA NO MUNDO DESPERTO.
NAQUELA NOITE, O MONGE ESPERAVA OUTRO SONHO ESPÚRIO. AO FECHAR OS OLHOS...
...ELE OUVIU ALGO À PORTA.
E ENTÃO ADORMECEU.
MAS, NA PRIMEIRA PARTE DA NOITE, NADA SONHOU.



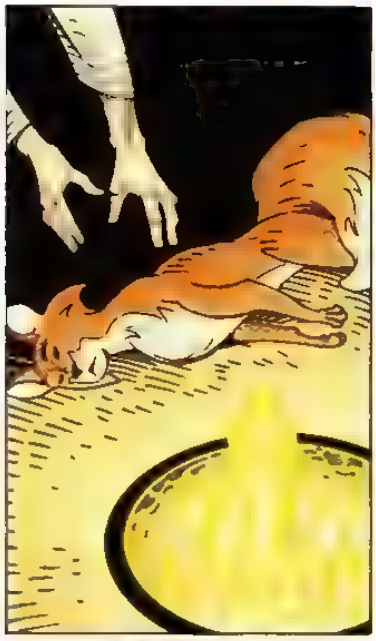


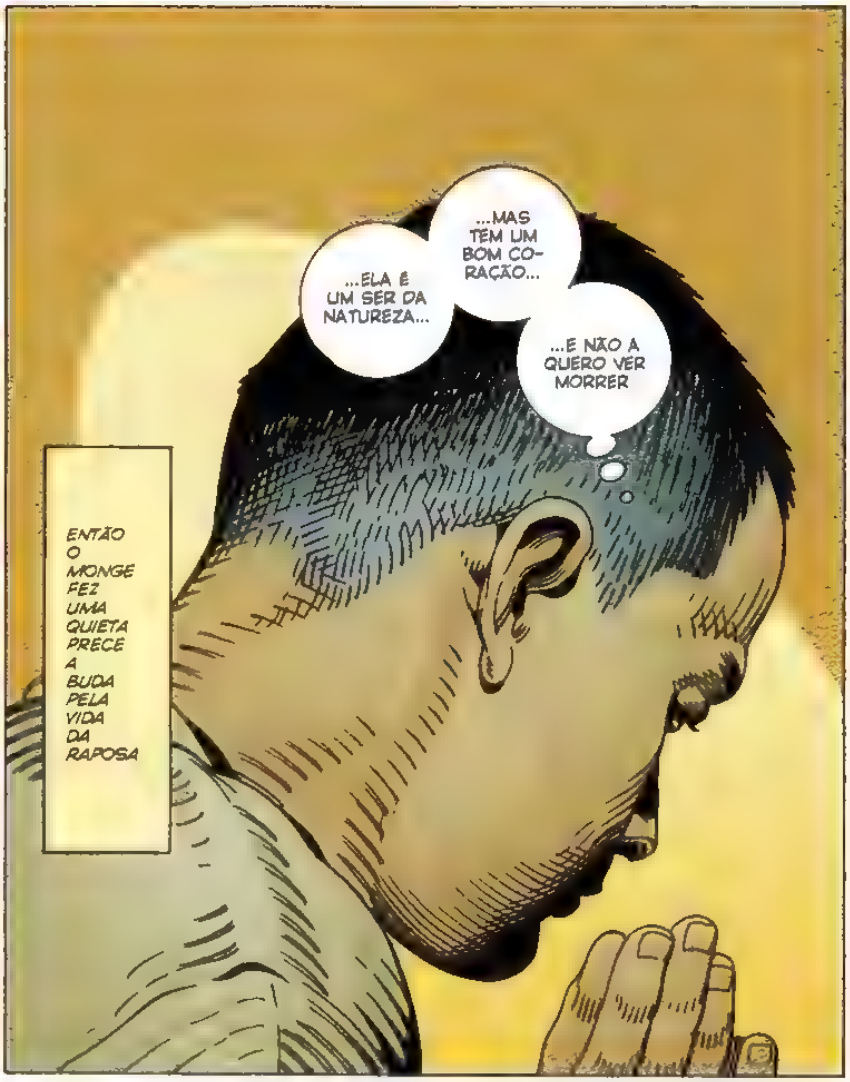
...ATÉ DEPARAR-SE COM O CORPO DA RAPOSA, DE OLHOS CERRADOS, ESTIRADA SOBRE O UMBRAL DO TEMPLO.

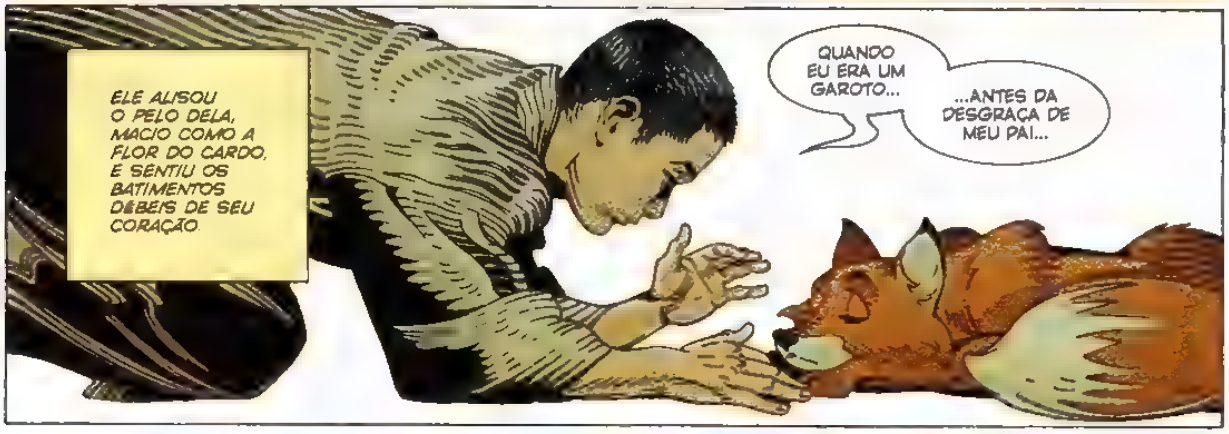


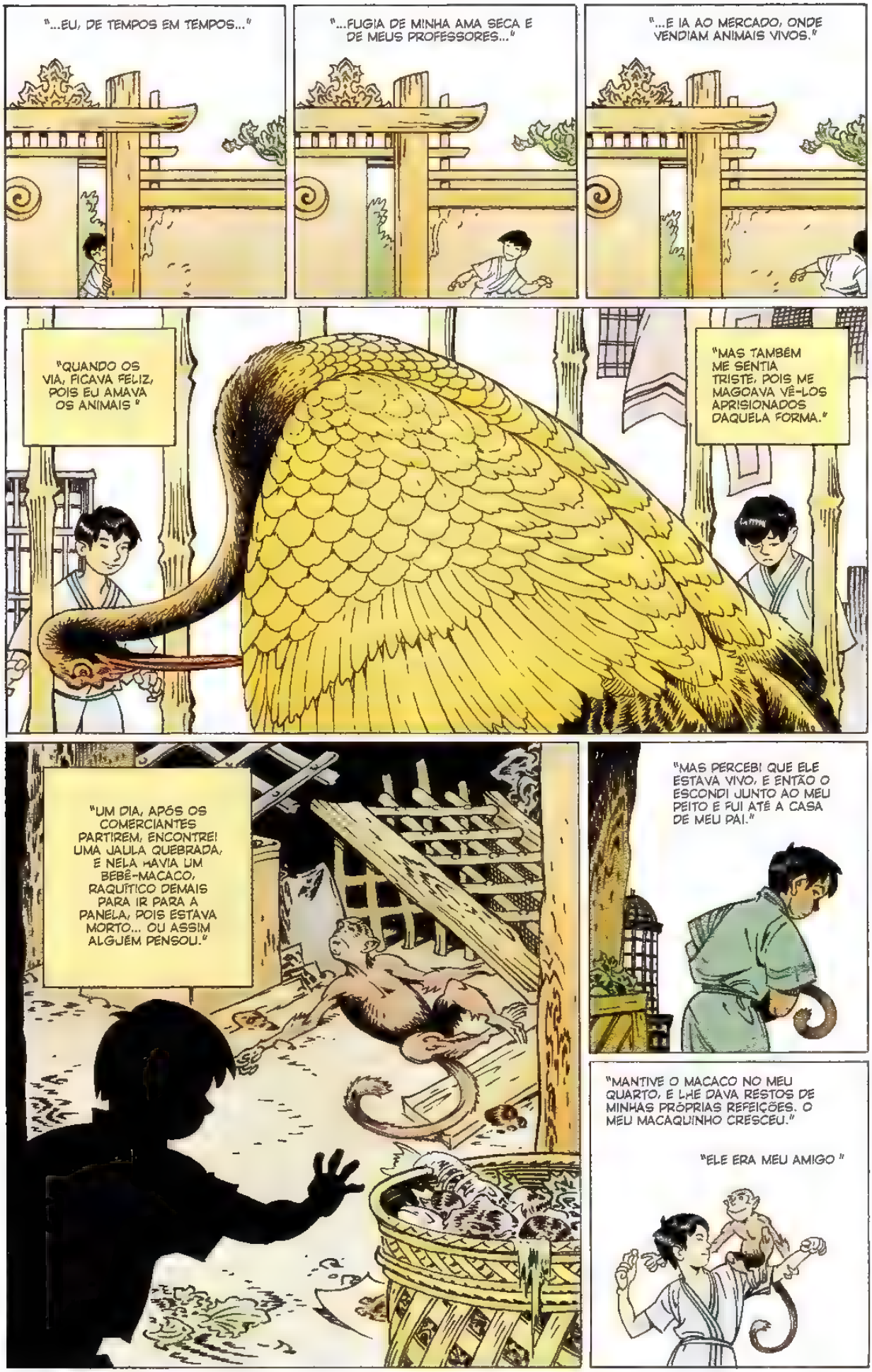


O MONGE TROUXE A RAPOSA PARA DENTRO DO TEMPLO E ACOMODOU-A AO LADO DO BRASEIRO PARA AQUECÊ-LA








"...EU, DE TEMPOS EM TEMPOS..."
"...FUGIA DE MINHA AMA SECA E DE MEUS PROFESSORES..."
"...E IA AO MERCADO, ONDE VENDIAM ANIMAIS VIVOS."
"QUANDO OS VIA, FICAVA FELIZ, POIS EU AMAVA OS ANIMAIS."
"MAS TAMBÉM ME SENTIA TRISTE, POIS ME MAGOAVA VÊ-LOS APRISIONADOS DAQUELA FORMA."
"UM DIA, APÓS OS COMERCIANTES PARTIREM, ENCONTREI UMA JAULA QUEBRADA, E NELA HAVIA UM BEBÊ-MACACO, RAQUÍTICO DEMAIS PARA IR PARA A PANELA, POIS ESTAVA MORTO... OU ASSIM ALGUÉM PENSOU."
"MAS PERCEBI QUE ELE ESTAVA VIVO, E ENTÃO O ESCONDI JUNTO AO MEU PEITO E FUI ATÉ A CASA DE MEU PAI."
"MANTIVE O MACACO NO MEU QUARTO, E LHE DAVA RESTOS DE MINHAS PRÓPRIAS REFEIÇÕES. O MEU MACAQUINHO CRESCEU."
"ELE ERA MEU AMIGO."

"ELE FICAVA SENTADO NA ÁRVORE EM FRENTE À NOSSA CASA, AGUARDANDO EU VOLTAR."
"TUDO CORREU BEM ATÉ O DIA EM QUE CERTO NOBRE CHEGOU PARA VER MEU PAI."
"O MACACO PARECEU ENLOUQUECER. ELE RECUSAVA-SE A DEIXAR O NOBRE APROXIMAR-SE DE MEU PAI. ELE BARROU O CAMINHO, MOSTRANDO OS DENTES E AGINDO COMO SE O NOBRE FOSSE UM RIVAL DE OUTRA TRIBO DE MACACOS."
"O NOBRE FEZ UM GESTO COM A MÃO..."

"...E UM DE SEUS SERVOS LANÇOU UMA FLECHA CONTRA O PEITO DO MACACO, APESAR DE EU IMPLORAR PARA QUE NÃO O FIZESSE."

"CARREGUEI O MACACO PARA FORA DA CASA, E ELE OLHOU NOS MEUS OLHOS ENQUANTO MORRIA."

"TEMPOS DEPOIS, A DESGRAÇA DE MEU PAI VEIO A OCORRER PELAS MAQUINAÇÕES DO MESMÍSSIMO NOBRE. E ÀS VEZES PENSO QUE O MACACO TENHA SIDO UM ESPÍRITO ENVIADO POR BUDA AMIDA PARA NOS PROTEGER. SE TIVÉSSEMOS DADO OUVIDO E VISTO..."

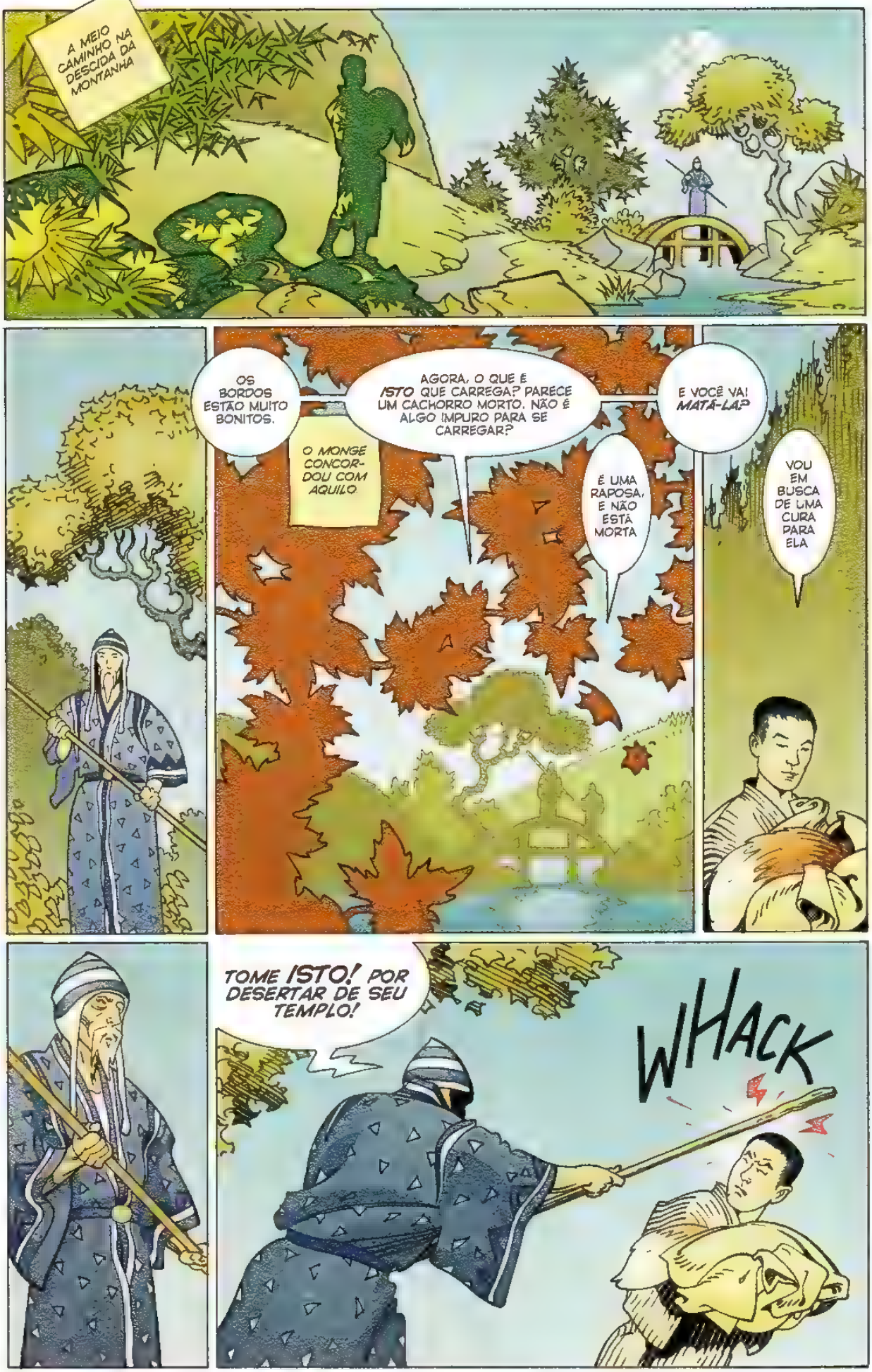
E TALVEZ, COM SEUS TRUQUES DE RAPOSA, TALVEZ VOCÊ TAMBÉM DESEJE ME PROTEGER.

E O MONGE FEZ UMA PRECE AO BUDA AMIDA, E OUTRA PRECE A KISHIMOJIN QUE FOI UMA MULHER-DEMÔNIO ANTES DE ENCONTRAR O BUDA, E, POR ÚLTIMO FEZ UMA BREVE ORAÇÃO A BINZURU HARADA A QUEM BUDA HAVIA PROIBIDO DE ADENTRAR O NIRVANA. ELE FEZ SUAS PRECES A TODAS ESSAS ENTIDADES IMPLORANDO POR AJUDA PARA A PEQUENA RAPOSA.

AO FIM DE TODAS AS PRECES, A RAPOSA PERMANECIA FLÁCIDA E IMÓVEL NO TAPETE, COMO ALGO MORTO.

HAVIA UM VILAREJO AO PÉ DA MONTANHA, A QUASE MEIO DIA DE VIAGEM.

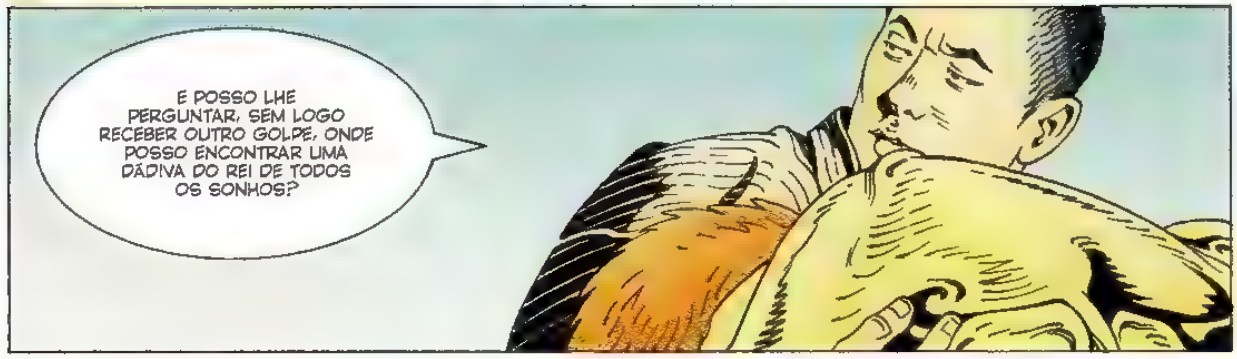
TALVEZ HAJA UM MÉDICO OU UMA SÁBIA NO VILAREJO QUE POSSA AJUDAR A RAPOSA


A MEIO CAMINHO NA DESCIDA DA MONTANHA
OS BORDOS ESTÃO MUITO BONITOS.
O MONGE CONCORDOU COM AQUILO.
AGORA, O QUE É ISTO QUE CARREGA? PARECE UM CACHORRO MORTO. NÃO É ALGO IMPURO PARA SE CARREGAR?
É UMA RAPOSA, E NÃO ESTÁ MORTA
E VOCÊ VAI MATÁ-LA?
VOU EM BUSCA DE UMA CURA PARA ELA
TOME ISTO! POR DESERTAR DE SEU TEMPLO!
WHACK

E ISTO! POR INTROMETER-SE EM ASSUNTOS DO ESPÍRITO DA RAPOSA!
WHACK

VOCÊ PODE ESTAR CERTO EM BATER EM MIM. NÃO ESTOU EM MEU TEMPLO E CARREGO UMA RAPOSA. MAS, AINDA ASSIM, ACREDITO ESTAR FAZENDO O CERTO AO BUSCAR UMA CURA PARA ELA.

ORA, SEU MAROTO, SUA CRIATURA IMPRUDENTE...
O "CERTO"? O "CERTO"?
...O CERTO SERIA RETORNAR PARA SEU TEMPLO COM A RAPOSA, E DORMIR COM UMA DÁDIVA DO REI DE TODOS OS SONHOS SOB A CABEÇA, POIS É NOS SONHOS QUE SUA RAPOSINHA ESTÁ PRESA!


E POSSO LHE PERGUNTAR, SEM LOGO RECEBER OUTRO GOLPE, ONDE POSSO ENCONTRAR UMA DÁDIVA DO REI DE TODOS OS SONHOS?

HHHHH
TOME...
...MAS VOCÊ AINDA É UM TOLO, POIS A RAPOSA MORRERÁ, OU VOCÊ MORRERÁ, E NÃO HÁ NADA QUE POSSA FAZER NESTA TERRA OU FORA DELA PARA MUDAR ISTO, SEJAM SEUS MOTIVOS PUROS OU NÃO.
O MONGE ESTAVA PRESTES A PERGUNTAR POR QUE O YELHO HAVIA LHE DADO A DÁDIVA SE ELA NÃO AJUDARIA EM NADA QUANDO PERCEBEU QUE ESTAVA SOZINHO NA PONTE.

A RAPOSA QUASE NÃO PESAVA NO INÍCIO, MAS, ENQUANTO O MONGE RETORNAVA PELA ENCOSTA, O CORPO PARECEU FICAR CADA VEZ MAIS PESADO.

AQUELE VELHO DEVIA SER BINZARU HARADA, POIS ELE COSTUMA APARECER COMO UM VELHO. E ELE DEVE FAZER O BEM NESTA TERRA ATÉ O DIA EM QUE O BUDA O AUTORIZAR A SEGUIR SEU CAMINHO.

MAS

...POR QUE BINZARU HARADA AJUDARIA ALGUÉM INSIGNIFICANTE COMO EU?

E NÃO LHE TROUXE CONFORTO LEMBRAR QUE FOI POR QUEBRAR SEU VOTO DE CASTIDADE QUE A BINZARU HARADA FOI NEGADO O NIRVANA.

EU NÃO SEI.

ESTOU FAZENDO O CERTO EM AJUDAR ESTA RAPOSA?

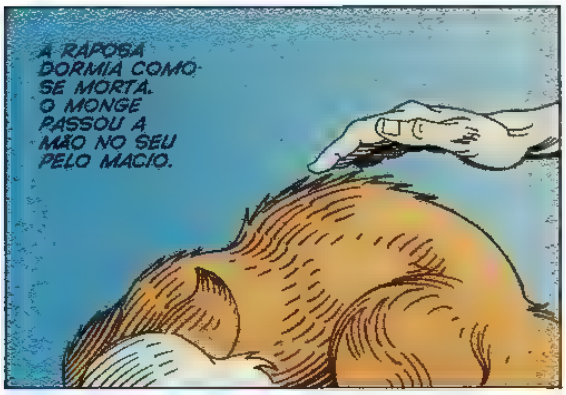
MAS NÃO POSSO ABANDONÁ-LA.

TENHO QUE TENTAR

O CREPÚSCULO QUE SE ASSOMAVA FAZIA O MUNDO PARECER DUPLAMENTE ONÍRICO. O TEMPLO PARECIA UM ESPECTRO, COMO SE ESTIVESSE EM UM LUGAR IMAGINÁRIO.

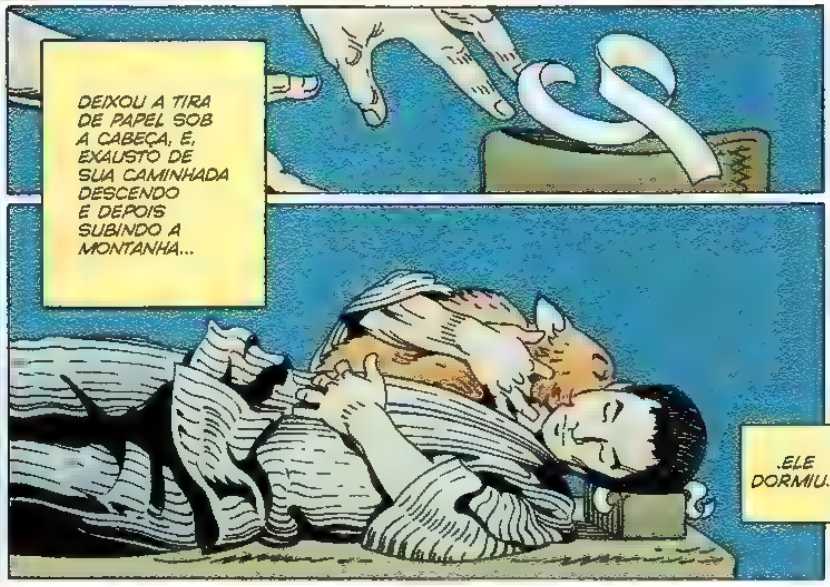
O MONGE FEZ SUAS PRECES NOTURNAS. COM UM POUCO MENOS DE ENTUSIASMO DO QUE O HABITUAL. UMA COISA É ORAR, OUTRA É ORAR PARA ENTIDADES QUE ENCONTRAM VOCÊ NA ESTRADA E BATEM NA SUA CABEÇA COM CAJADOS SE VOCÊ DISSER ALGO QUE AS OFENDA.

SOB A LUZ BRUXULEANTE DO BRASEIRO, O MONGE TEVE UMA ESTRANHA ILUSÃO. OCORREU A ELE QUE UM FRAGMENTO DE SUA SOMBRA NÃO ESTAVA LÁ, COMO SE ELA HOUVESSE SIDO RASGADA.

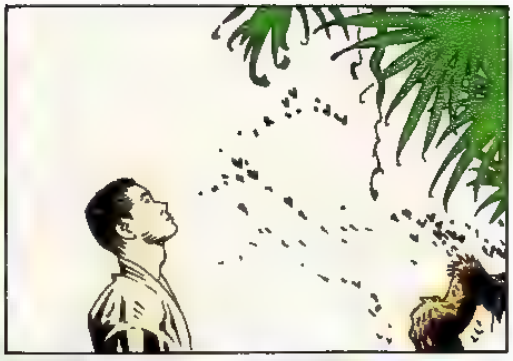

A RAPOSA DORMIA COMO SE MORTA. O MONGE PASSOU A MÃO NO SEU PELO MACIO.

ENTÃO EXAMINOU A TIRA DE PAPEL QUE BINZARU HARADA LHE DERA. ELE NÃO CONSEGUIA LER O QUE ESTAVA ESCRITO; AS LETRAS PARECIAM RETORCER-SE, TREMULAR, COMO LETRAS EM UM SONHO.

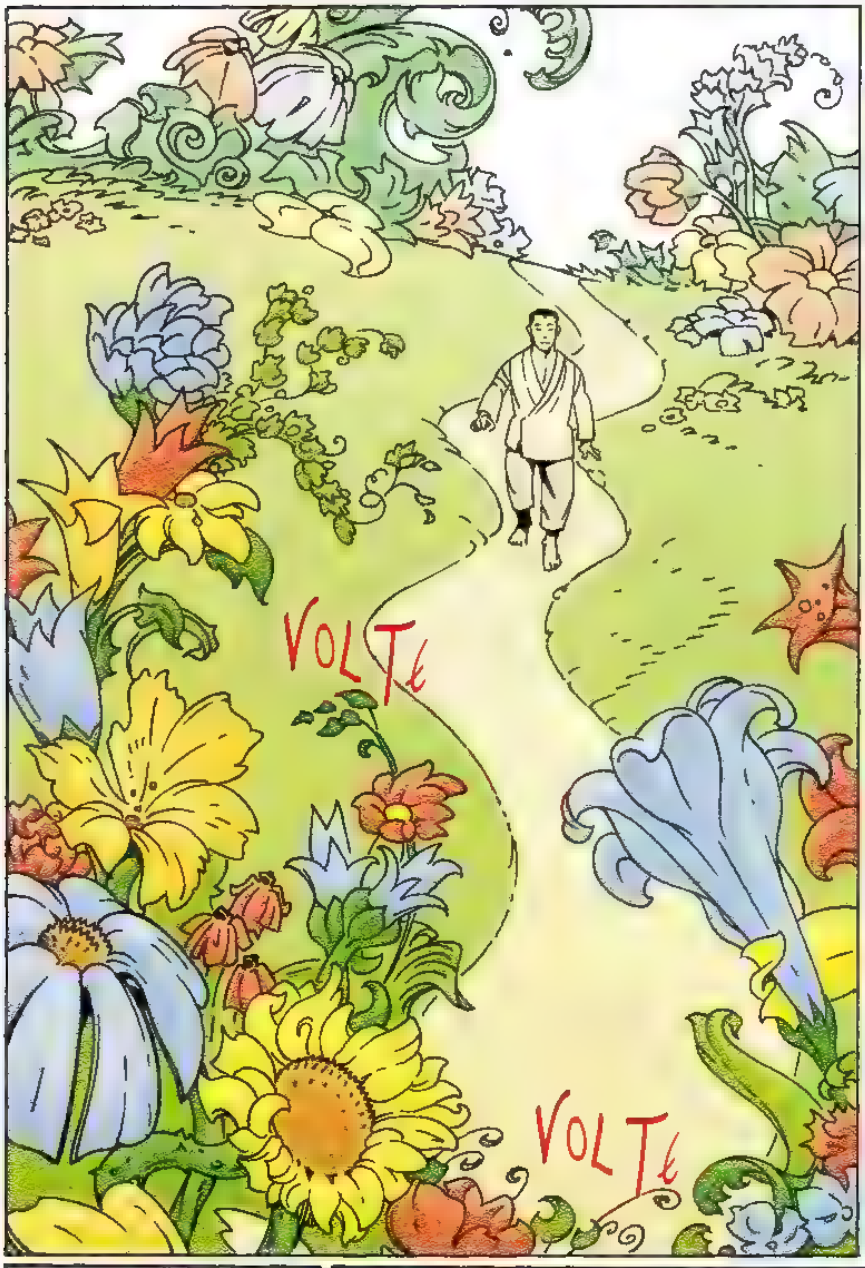
ELE COLOCOU A RAPOSA DENTRO DE SEU MANTO PARA MANTÊ-LA AQUECIDA E, TALVEZ, VIVA.

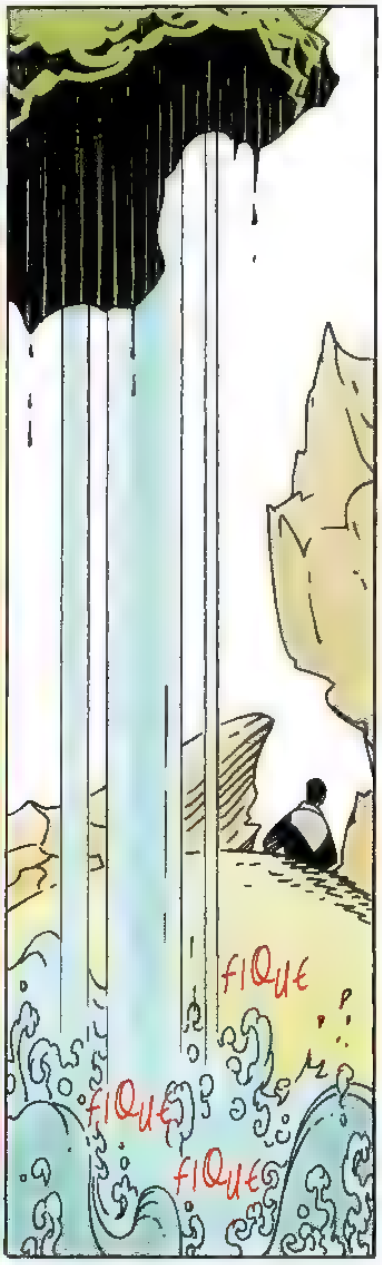

DEIXOU A TIRA DE PAPEL SOB A CABEÇA, E, EXAUSTO DE SUA CAMINHADA DESCENDO E DEPOIS SUBINDO A MONTANHA...
ELE DORMIU.

5



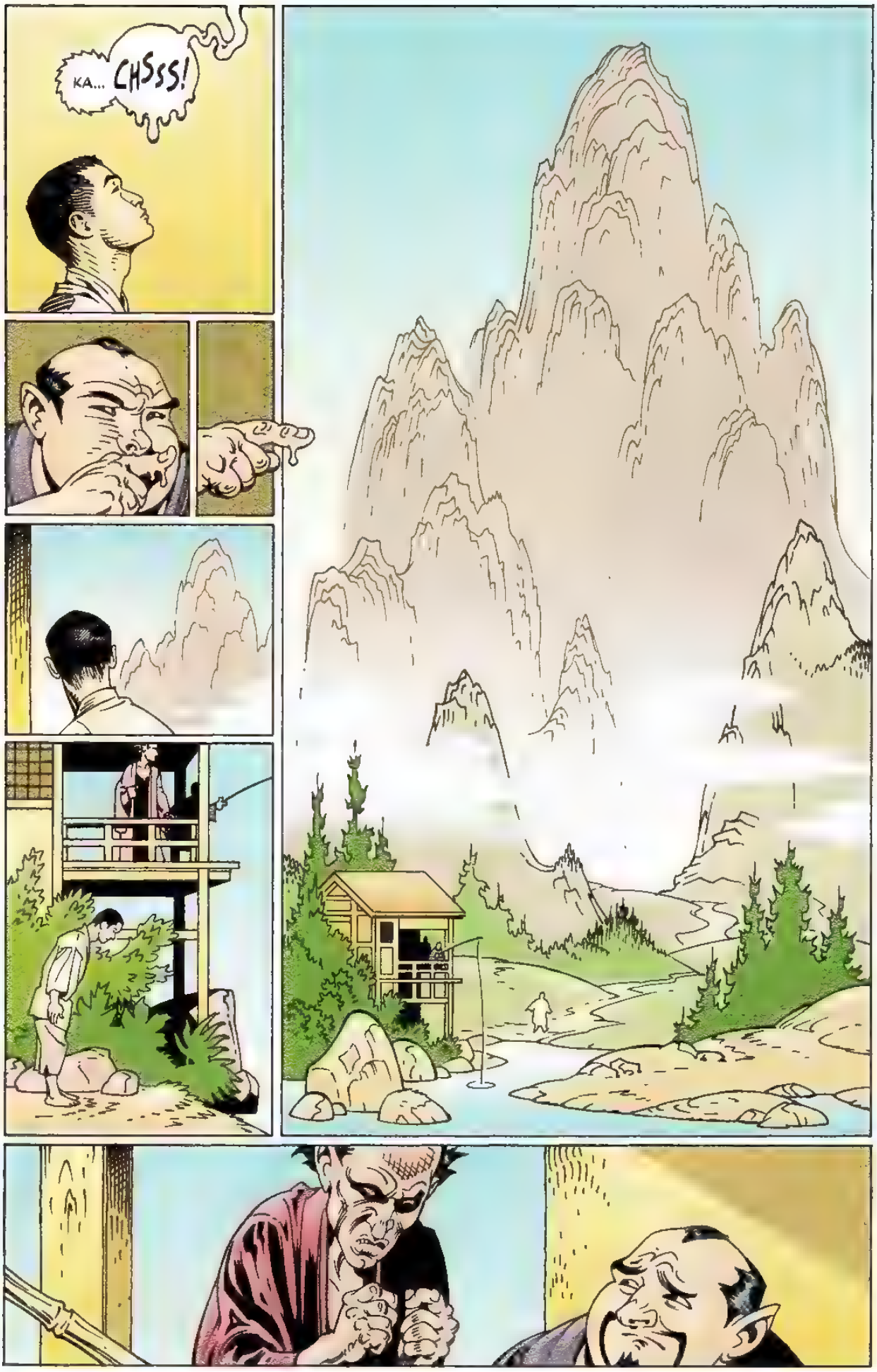
VÁ EMBORA

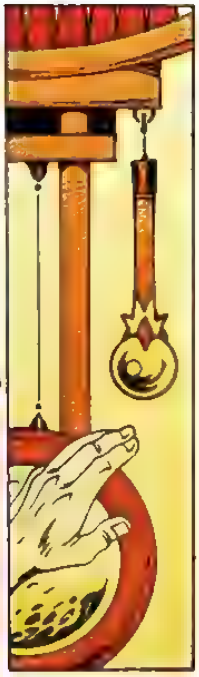

VOLTE
VOLTE

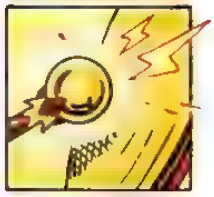

FIQUE
FIQUE
FIQUE

RETORNE

BUSCO O REI DOS SONHOS. ESTOU NO CAMINHO CORRETO?
COMO PODERIA NÃO CHEGAR A ELE, QUANDO TODOS OS CAMINHOS SÃO DELE?
ERAM CARACTERES SIMPLES E DESCREVIAM AQUELE QUE TRANSMUTAVA AS COISAS A PARTIR DA INFORMIDADE E DA DISFORMIDADE NAQUILO-QUE-NÃO-ERA-REAL, MAS SEM O QUAL O REAL NÃO TERIA SENTIDO.
O MONGE ESTENDEU SUA DADIVA PARA MOSTRAR A ELES, E FOI ENTÃO QUE TEVE CERTEZA DE QUE ESTAVA SONHANDO, POIS CONSEGUIA LER AS LETRAS NO PAPEL.


KA... CHSSS!

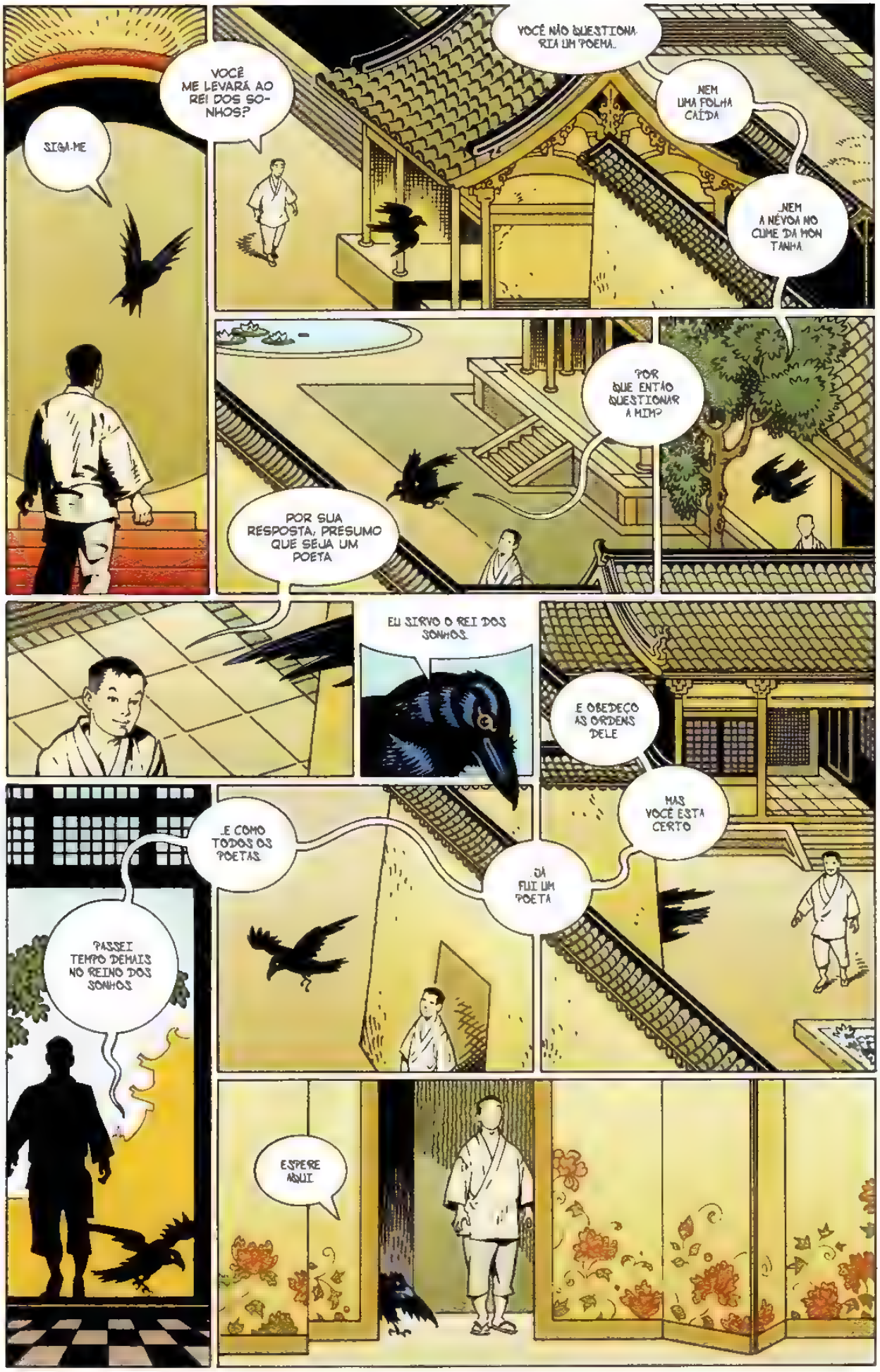




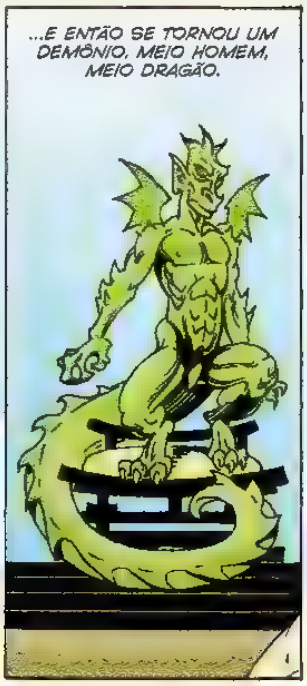
DECLARE SEUS INTENTOS QUEM É VOCÊ E POR QUE DESEJA PERTURBAR MEU MESTRE?

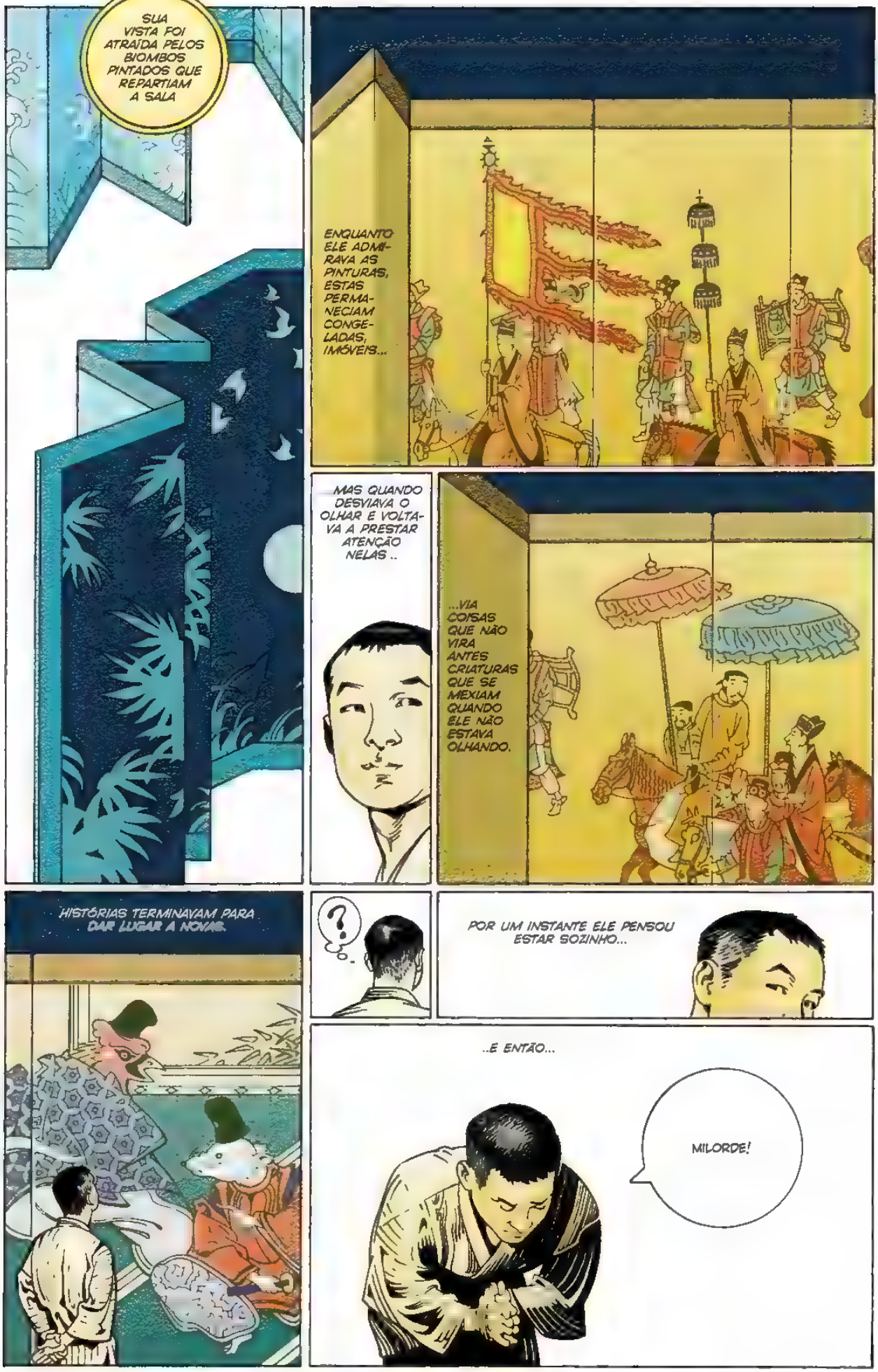
SUAS PALAVRAS ERAM GENTIS, MAS TRAZIAM UMA REPROVAÇÃO AO GUARDIÃO, POIS ATÉ UM MONSTRO DEVE ATER-SE A CERTAS CORTESIAS.

EU NÃO SABIA PENSEI QUE FOSSE APENAS UM SONHADOR


SIGA-ME
VOCÊ ME LEVARÁ AO REI DOS SONHOS?
VOCÊ NÃO QUESTIONARIA UM POEMA...
NEM UMA FOLHA CAÍDA
...NEM A NÉVOA NO CUME DA MONTANHA
POR QUE ENTÃO QUESTIONAR A MIM?
POR SUA RESPOSTA, PRESUMO QUE SEJA UM POETA
EU SIRVO O REI DOS SONHOS.
E OBEDEÇO AS ORDENS DELE
MAS VOCÊ ESTÁ CERTO
...JÁ FUI UM POETA
...E COMO TODOS OS POETAS
PASSEI TEMPO DEMAIS NO REINO DOS SONHOS
ESPERE AQUI

O MONGE FICOU PARADO, NERVOSO, NA SALA DO TRONO, E AGUARDOU A CHEGADA DO REI DOS SONHOS.




SUA VISTA FOI ATRAÍDA PELOS BIOMBOS PINTADOS QUE REPARTIAM A SALA
ENQUANTO ELE ADMIRAVA AS PINTURAS, ESTAS PERMANECIAM CONGELADAS, IMÓVEIS...
MAS QUANDO DESVIAVA O OLHAR E VOLTAVA A PRESTAR ATENÇÃO NELAS ..
...VIA COISAS QUE NÃO VIRA ANTES CRIATURAS QUE SE MEXIAM QUANDO ELE NÃO ESTAVA OLHANDO.
HISTÓRIAS TERMINAVAM PARA DAR LUGAR A NOVAS.
?
POR UM INSTANTE ELE PENSOU ESTAR SOZINHO...
..E ENTÃO...
MILORDE!

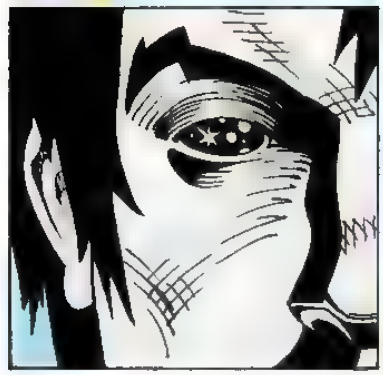
Você é bem-vindo a este lugar. Mas não deveria estar aqui.

VIM PARA PLEITEAR A VIDA DE UMA RAPOSA QUE, EM MEU MUNDO, ESTÁ PERDIDA EM SONHOS. SEM SUA AJUDA, ELA FALECERÁ

E talvez seja isso que ela queira. Ficar perdida em sonhos.

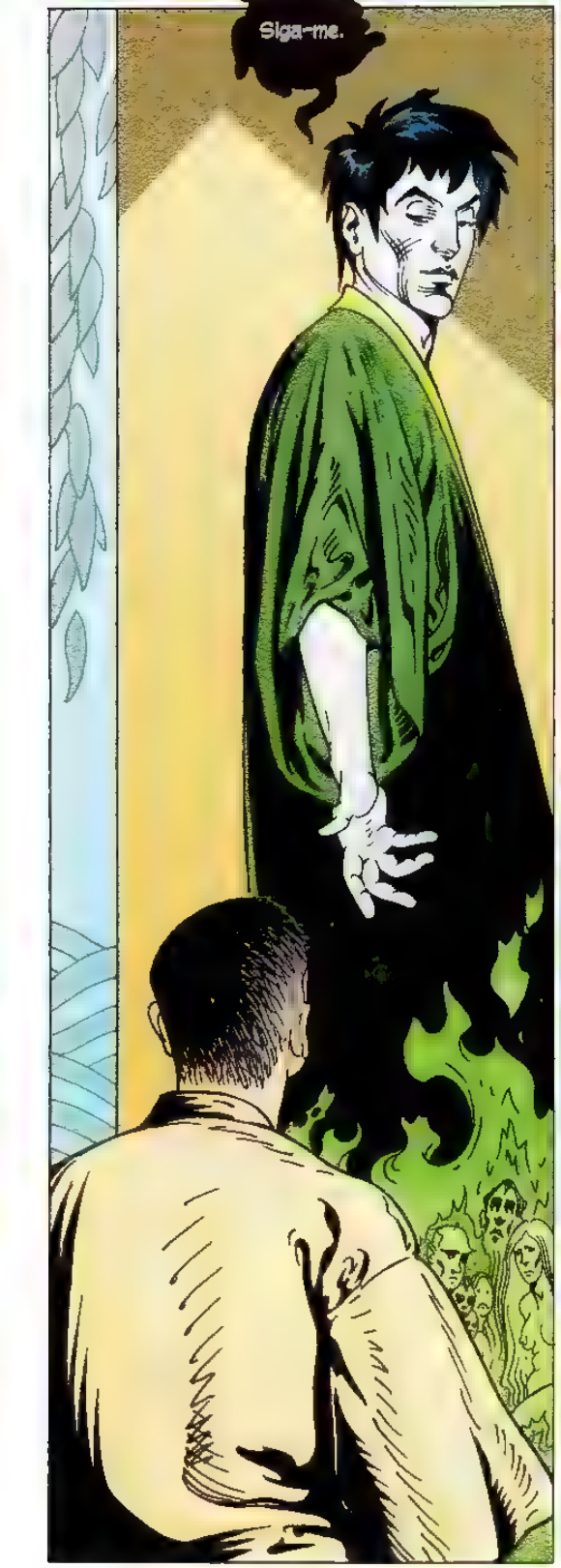
Certamente ela tem uma razão para o que fez, e é uma razão que você pouco entende. Além disso, é uma raposa. De que lhe importa o destino dela?

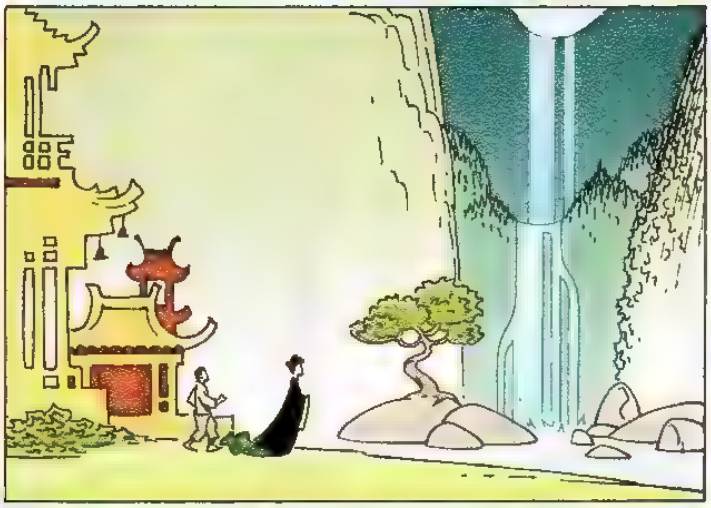
O BUDA NOS ENSINOU A AMAR E REVERENCIAR TODAS AS COISAS VIVAS. ESTA RAPOSA NÃO ME FEZ MAL ALGUM
E isso é tudo?
É por isso que deserta de seu templo e vem até mim? Porque ama e reverencia tudo que é vivo?
TENHO UM COMPROMISSO COM TODAS AS COISAS, POIS COMO MONGE DEIXEI PARA TRÁS TODOS OS LAÇOS DO DESEJO, TUDO QUE É MUNDANO



MAS LEMBRO DO TOQUE DA PELE DELA, QUANDO FINGIU SER UMA MULHER, E É UMA MEMÓRIA QUE LEVAREI PARA O TÚMULO E ALÉM. E OS LAÇOS DE AFEIÇÃO SÃO OS MAIS DIFÍCEIS DE PARTIR.

Entendo.

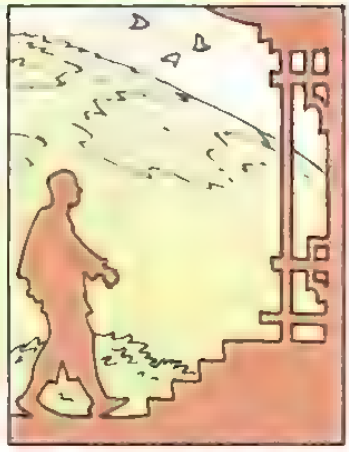

Siga-me.

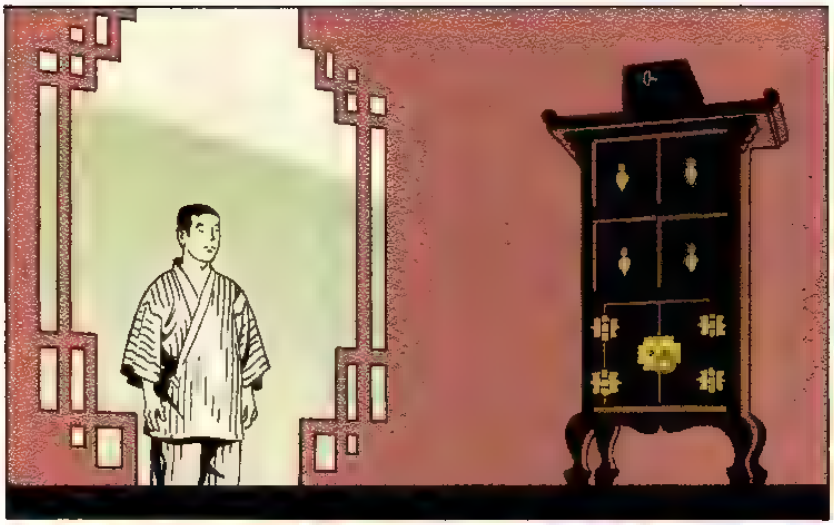


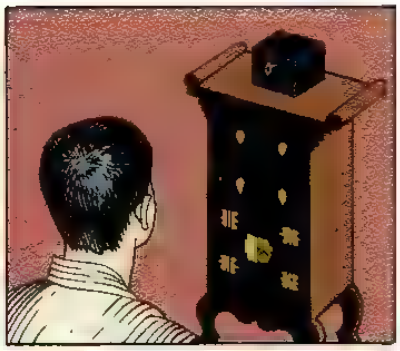
Sua raposa também veio até mim com um pedido.
Embora tenha sido mais honesta do que você quanto ao amor que sente.
E eu lhe concedi o pedido.
Ela sonhou sonhos seus.
Ela sonhou seus primeiros dois sonhos COM você.
E então sonhou o último sonho POR você...
...e ela abriu o estojo com a chave.
...ONDE ESTÁ ELA? COMO POSSO TRAZÊ-LA DE VOLTA?
Por que a traria de volta? Ela fez o que queria. E isso não trará felicidade a você.
Ela está lá.

Siga-a...

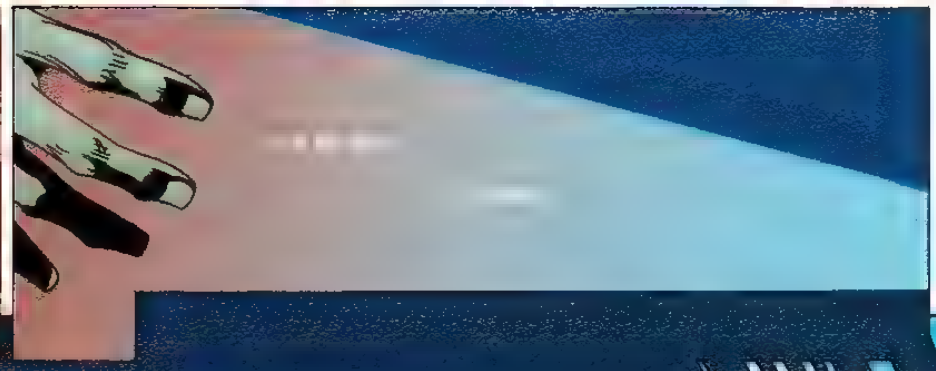
"...se é o que deseja."







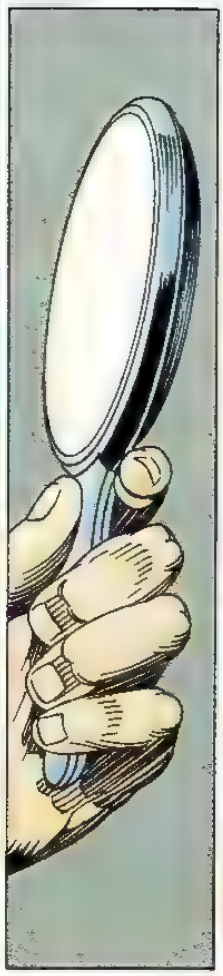
O MONGE APROXIMOU-SE E LENTAMENTE ABRIU O ESTOJO.

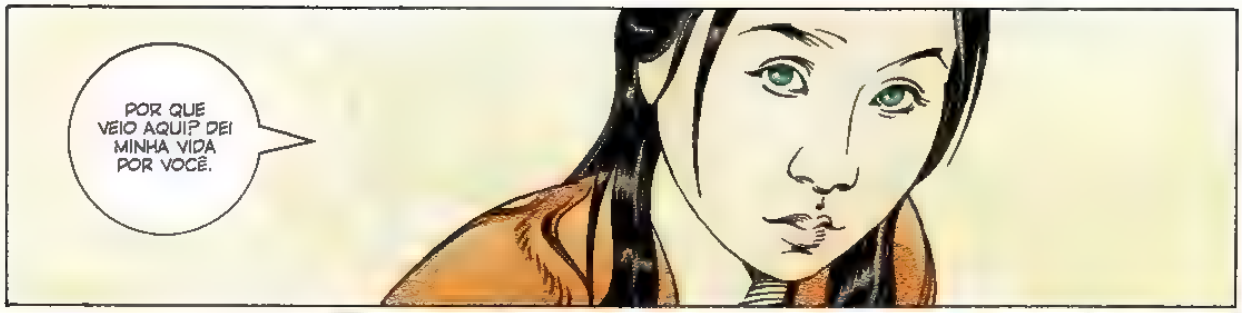


...ATÉ PREENCHER O MUNDO INTEIRO. E, SEM HESITAR ..

DE INÍCIO, PARECIA AO MONGE QUE O INTERIOR DO ESTOJO DE LACA ERA UM LOCAL FAMILIAR QUE DE ALGUMA FORMA ELE HAVIA ESQUECIDO...

...TALVEZ SEU QUARTO QUANDO CRIANÇA, OU UMA SALA SECRETA NO TEMPLO QUE PERMANECERA ESCONDIDA ATÉ ESTE MOMENTO.

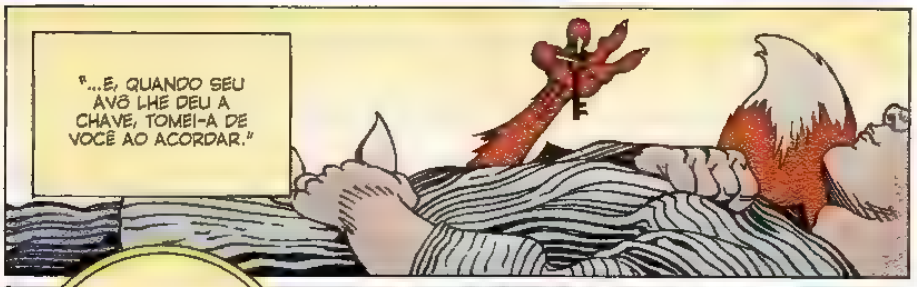


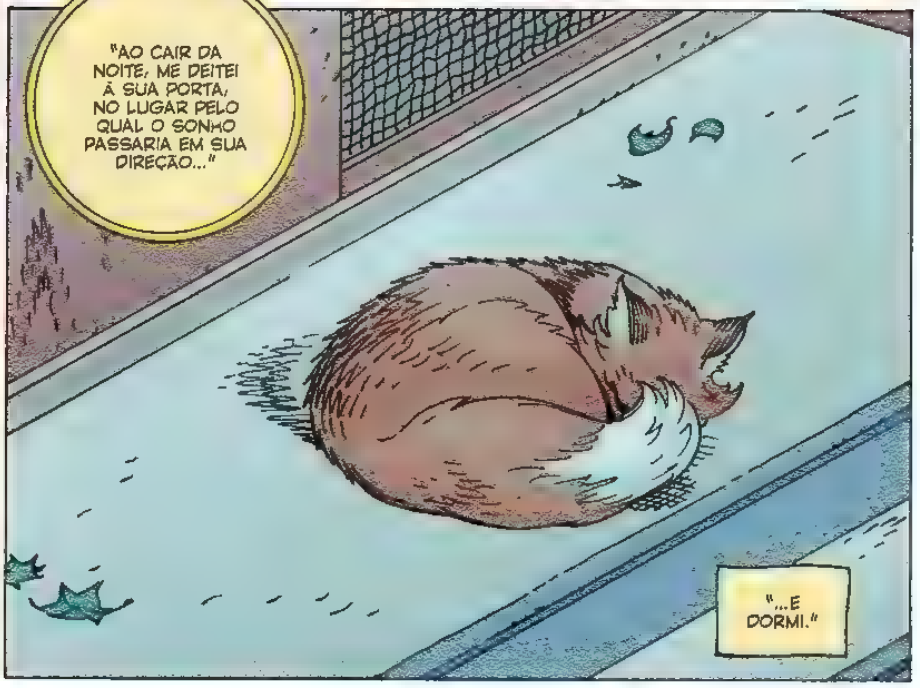

POR QUE VEIO AQUI? DEI MINHA VIDA POR VOCÊ.

VOCÊ ESTAVA DORMINDO NO UMBRAL DO TEMPLO. EU NÃO CONSEGUIA ACORDÁ-LA.

CACEI OS BAKU. FUI AO LUGAR AONDE VÃO OS BAKU, E FUI COM ELES DEVORAR SONHOS, E ENTREI NOS SEUS SONHOS ENQUANTO VOCÊ OS SONHAVA.

"EU ESTAVA LÁ QUANDO SEU PAI LHE DEU O ESTOJO, E QUANDO VOCÊ ACORDOU FIQUEI COM O ESTOJO..."


"...E, QUANDO SEU AVÔ LHE DEU A CHAVE, TOMEI-A DE VOCÊ AO ACORDAR."


"AO CAIR DA NOITE, ME DEITEI À SUA PORTA, NO LUGAR PELO QUAL O SONHO PASSARIA EM SUA DIREÇÃO..."
"...E DORMI."

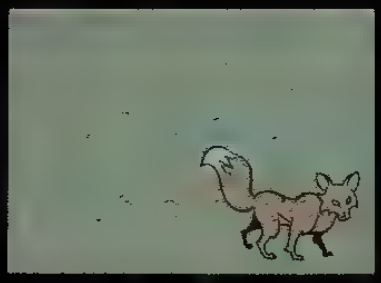
"VI O SONHO DESLIZANDO PELAS TREVAS..."

".. E SALTEI SOBRE ELE PARA TOMÁ-LO PARA MIM."

"E, NO MEU SONHO, ABRI O ESTOJO COM A CHAVE, E ELE SE ABRIU, IMENSO COMO O CÉU..."

"...E NÃO TIVE ESCOLHA À NÃO SER ENTRAR."

"E ENTÃO TIVE MUITO MEDO, POIS ESTAVA PERDIDA NO ESTOJO E NÃO CONSEGUIA ENCONTRAR A SAÍDA. HAVIA PERDIDO A TRILHA QUE ME LEVARIA DE VOLTA A MEU CORPO. ESTAVA TRISTE E AMEDRONTADA, MAS TAMBÉM ORGULHOSA, POIS SABIA QUE HAVIA SALVADO SUA VIDA."



POR QUE VEIO ATRÁS DE *MIM*? POR QUE VEIO ATÉ AQUI?

PORQUE ME IMPORTO COM VOCÊ.

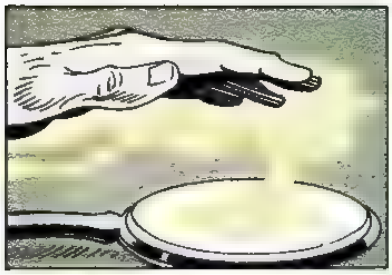
ENTÃO, JÁ QUE VEIO, E AGORA QUE JÁ SABE A VERDADE, SABE TAMBÉM QUE É HORA DE PARTIR.
EU SALVEI A SUA VIDA.
O ONMYOJI QUE É SEU INIMIGO VAI MORRER, E VOCÊ PODE VOLTAR A SEU TEMPLO, PLANTAR SEUS INHAMES SECOS E, QUANDO FOR APROPRIADO, FAZER UMA PRECE POR MIM.

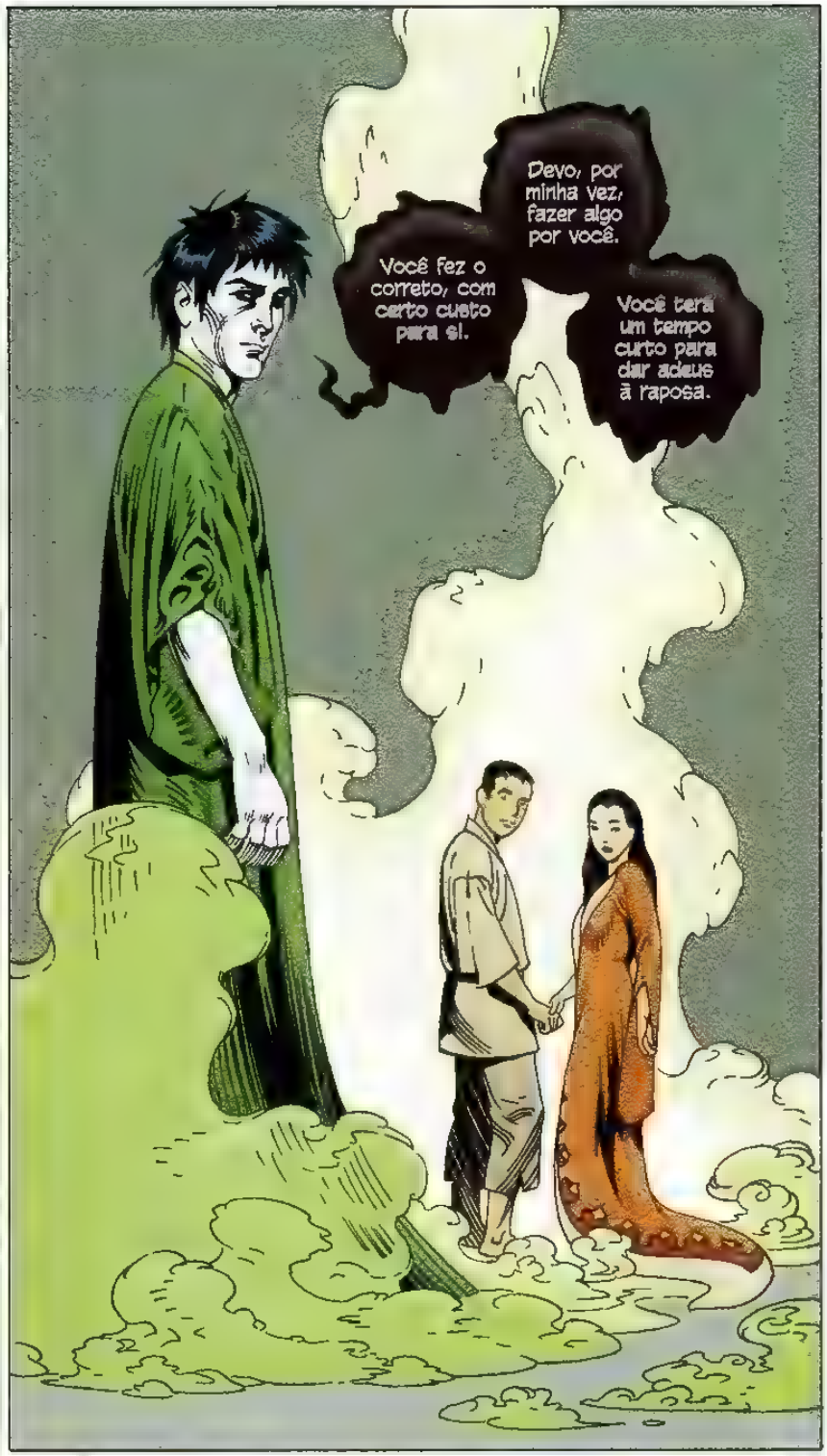
VIM PARA LIBERTÁ-LA. É MINHA TAREFA.

E COMO ME LIBERTARIA? PODE PARTIR O METAL DO ESPELHO?

NÃO, NÃO POSSO

Muito bem, está pronto para deixar este lugar?
MILORDE, SOU UM MONGE. NÃO TENHO POSSES AFORA MINHA TIGELA DE PEDINTE. MAS O SONHO QUE A RAPOSA SONHOU ERA MEU DE DIREITO. PEÇO QUE ME SEJA DEVOLVIDO
Mas, se eu devolver seu sonho, você morrerá no lugar dela.
COMPREENDO, MAS É MEU SONHO, E NÃO QUERO QUE A RAPOSA MORRA NO MEU LUGAR
O REI DOS SONHOS FEZ UM MENEIO COM A CABEÇA E O MONGE COMPREENDEU QUE SEU PEDIDO ERA O CERTO.




Você fez o correto, com certo custo para si.
Devo, por minha vez, fazer algo por você.
Você terá um tempo curto para dar adeus à raposa.

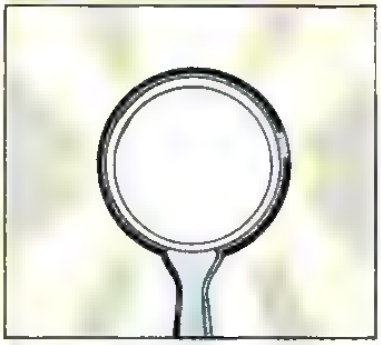
MAS...

. MAS VOCÊ JUROU ME AJUDAR.

E eu a ajudei.
NÃO É JUSTO!
Não...
...não é.

E, CALMA E IMPERCEPTIVELMENTE, ELE DEIXOU OS DOIS A SÓS NAQUELE LUGAR. ISTO É TUDO O QUE O CONTO NOS DIZ SOBRE ESTE MOMENTO: QUE ELE OS DEIXOU PARA DAREM ADEUS UM AO OUTRO.
TALVEZ TENHAM DITO DESPEDIDAS FORMAIS, EMBARAÇADOS QUE ESTAVAM, O ESPAÇO ENTRE ELES ENTRE UM HOMEM QUE ABRIRA MÃO DO MUNDO E UM ESPÍRITO-RAPOSA... SENDO UM GOLFO QUE NÃO SE PODIA ATRAVESSAR É UMA POSSIBILIDADE
MAS O QUE FIZERAM UM PELO OUTRO HÁ DE SER LEMBRADO
E PODE-SE CONJECTURAR QUE NESTE MOMENTO, ELES FIZERAM AMOR
OU SONHARAM TER FEITO
QUEM SABE

Agora tudo será como devia ser.



E O MONGE SE VIU OBSERVANDO A RAPOSA DE DENTRO DO ESPELHO.

EU TERIA DADO A MINHA VIDA POR VOCÊ

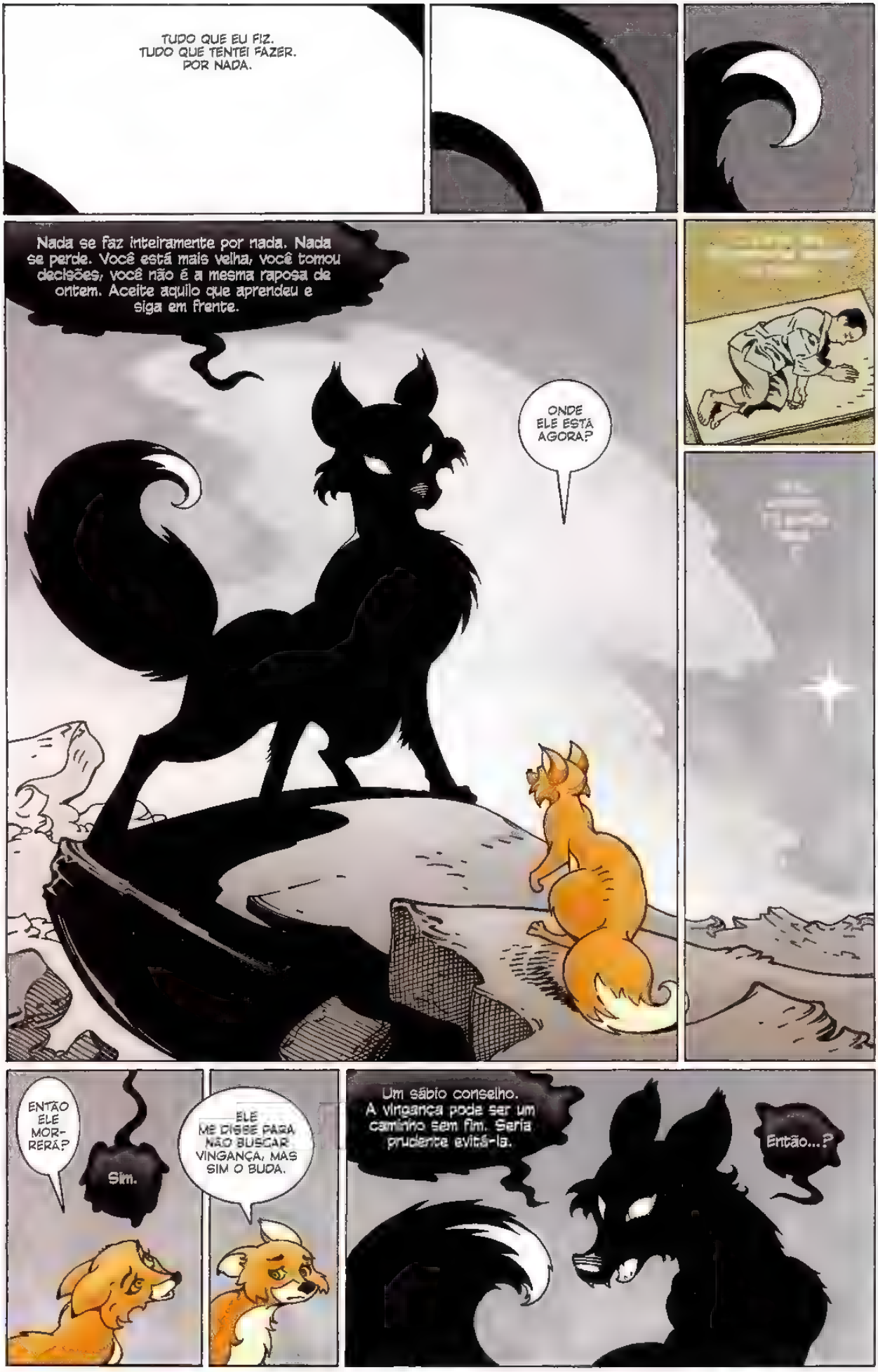
VIVA...

VOCÊ SERÁ VINGADO. O ONMYOJI QUE LHE FEZ ISTO APRENDERÁ O QUE SIGNIFICA TOMAR ALGO DE UMA RAPOSA.

NÃO BUSQUE A VINGANÇA, E SIM O BUDA.

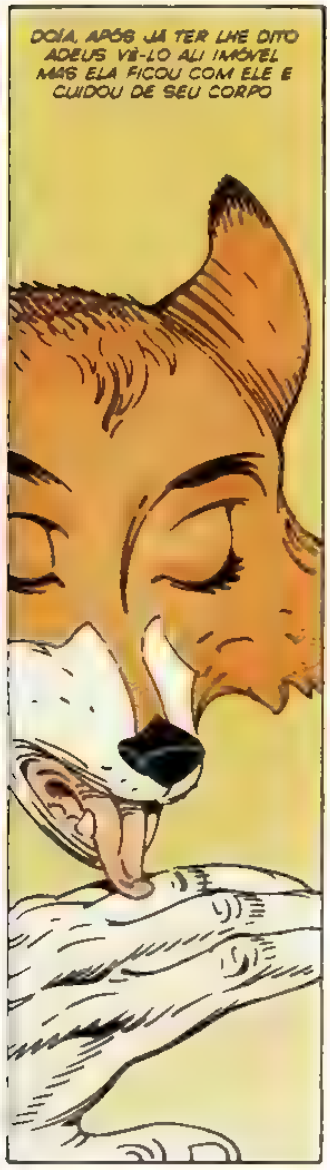
ENTÃO ELE VIROU-SE E CAMINHOU EM DIREÇÃO AO CENTRO DO ESPELHO...

...E SE FOI

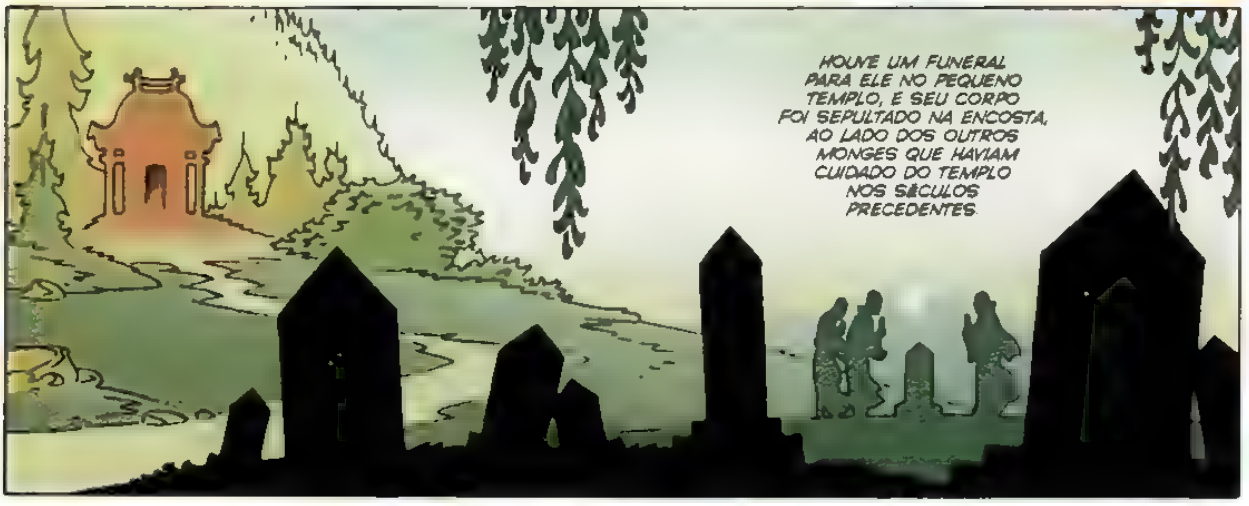

TUDO QUE EU FIZ.
TUDO QUE TENTEI FAZER.
POR NADA.
Nada se faz inteiramente por nada. Nada se perde. Você está mais velha, você tomou decisões, você não é a mesma raposa de ontem. Aceite aquilo que aprendeu e siga em frente.
ONDE ELE ESTÁ AGORA?
ENTÃO ELE MORRERÁ?
Sim.
ELE ME DISSE PARA NÃO BUSCAR VINGANÇA, MAS SIM O BUDA.
Um sábio conselho. A vingança pode ser um caminho sem fim. Seria prudente evitá-la.
Então...?

BUSCAREI O BUDA
MAS ANTES BUSCAREI VINGANÇA.
Como desejar...
E A RAPOSA NÃO SOUBE DIZER SE O RAPOSO DOS
COM UM MENEAR DE SEU RABO, ELE SALTOU EM DIREÇÃO AO PANORAMA DOS SONHOS...
...E DEIXOU A PEQUENA RAPOSA MAIS SOLITÁRIA DO QUE NUNCA.

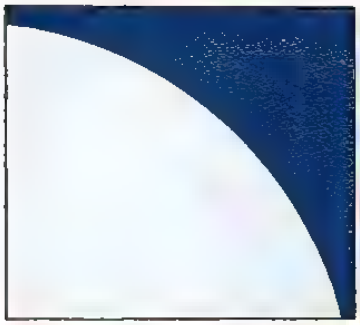
ELA ACORDOU NO PEQUENO TEMPLO NA ENCOSTA DA MONTANHA, AO LADO DO CORPO DO MONGE. OS OLHOS DELE ESTAVAM FECHADOS, E SUA RESPIRAÇÃO ERA DEBIL, E SUA PELE TINHA A COR DA ESPUMA DO MAR

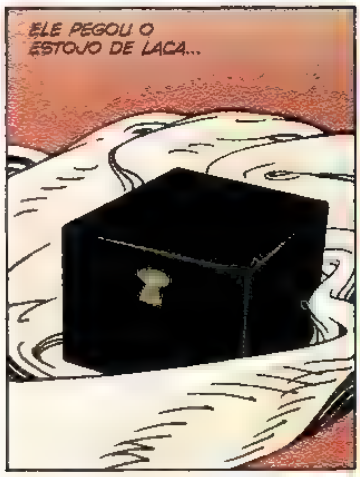

DOÍA, APÓS JÁ TER LHE DITO ADEUS VIU-LO ALI IMÓVEL MAS ELA FICOU COM ELE E CUIDOU DE SEU CORPO

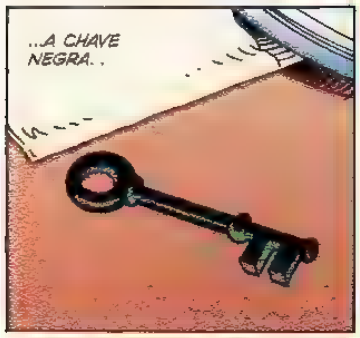
O MONGE MORREU, EM PAZ, NO DIA SEGUINTE

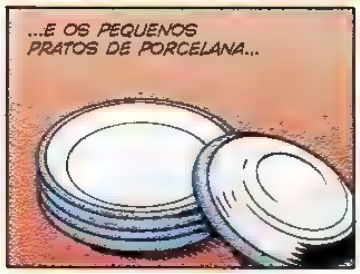

HOUVE UM FUNERAL PARA ELE NO PEQUENO TEMPLO, E SEU CORPO FOI SEPULTADO NA ENCOSTA, AO LADO DOS OUTROS MONGES QUE HAVIAM CUIDADO DO TEMPLO NOS SÉCULOS PRECEDENTES.

A LUA CHEIA VEIO E SE FOI E A LUA MINGUANTE CORREU ALTA NO CÉU

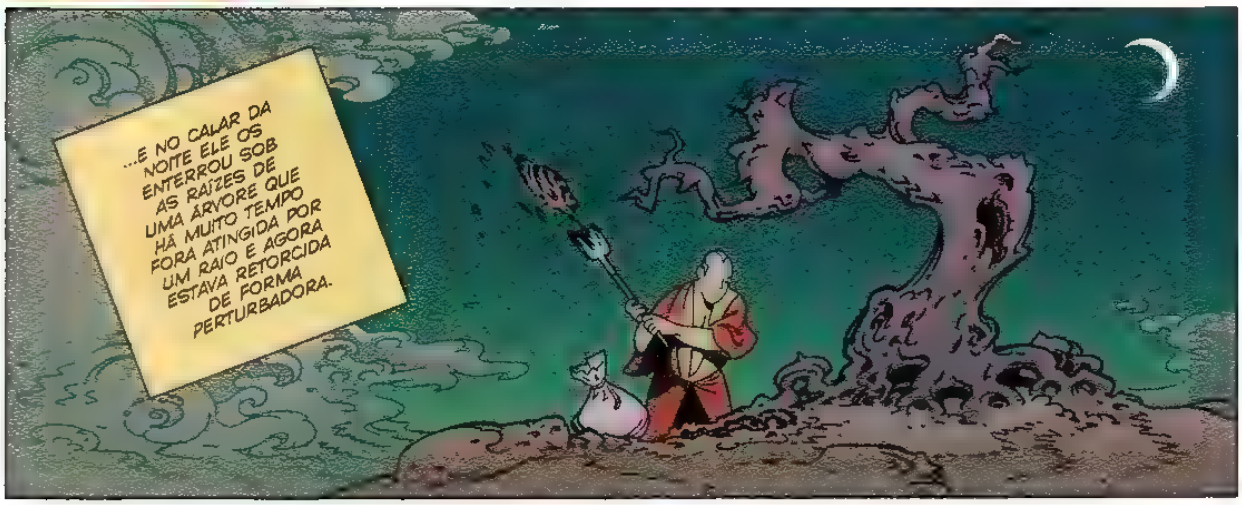








...E ENROLOU TODOS OS OBJETOS NA PEÇA DE SEDA (QUE AGORA TRAZIA APENAS SEU ROSTO, POIS DA OUTRA FIGURA PINTADA RESTAVA NADA MAIS QUE A SOMBRA DE UMA MANCHA...)



ELE FICOU ALIVIADO POR AINDA ESTAR VIVO. MAIS FELIZ DO QUE JAMAIS ESTIVERA.
FORAM DIAS BONS PARA O ONMYOJI.
A LUA ESTAVA NOVAMENTE CHEIA NO CÉU QUANDO ELE FOI VISITADO POR UMA DONZELA DE BERÇO DOURADO QUE QUERIA CONSULTÁ-LO QUANTO A DIAS PROPÍCIOS.
UMA NÉVOA PESADA ASSOMAVA-SE NAQUELE DIA, ENROSCANDO SEUS TENTÁCULOS PELA CASA DO ONMYOJI.
A JOVEM PAGOU PELO CONSELHO COM MOEDAS DE OURO TÃO ANTIGAS QUE QUASE NÃO TINHAM MARCAS.
E ENTÃO DEIXOU A CASA NUMA MAGNÍFICA CARRUAGEM PUXADA POR BOIS.

O MESTRE DO YIN-YANG ORDENOU QUE SEU SERVIÇAL A SEGUISSE A CAVALO E DESCOBRISSE QUEM ERA A DONZELA E ONDE VIVIA.

VÁRIAS HORAS DEPOIS...

ELA VIVE NUMA CASA ANTIGA, PORÉM GRANDE, A VÁRIOS *RI* DE KYOTO, AO NORTE

OS DIAS PASSARAM. O ONMYOJI NÃO CONSEGUIA TIRAR O ROSTO DA DONZELA DE SUA MENTE, NEM A FORMA COMO CAMINHAVA, AO MESMO TEMPO RESPEITOSA E SEDUTORA

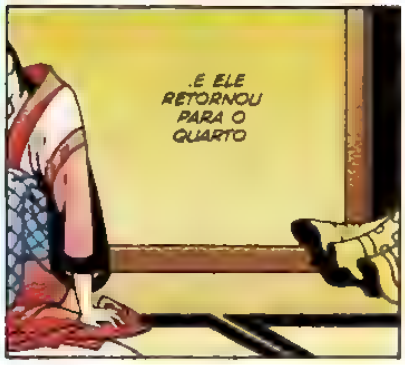
...TOCANDO-A...

...DOMINANDO-A

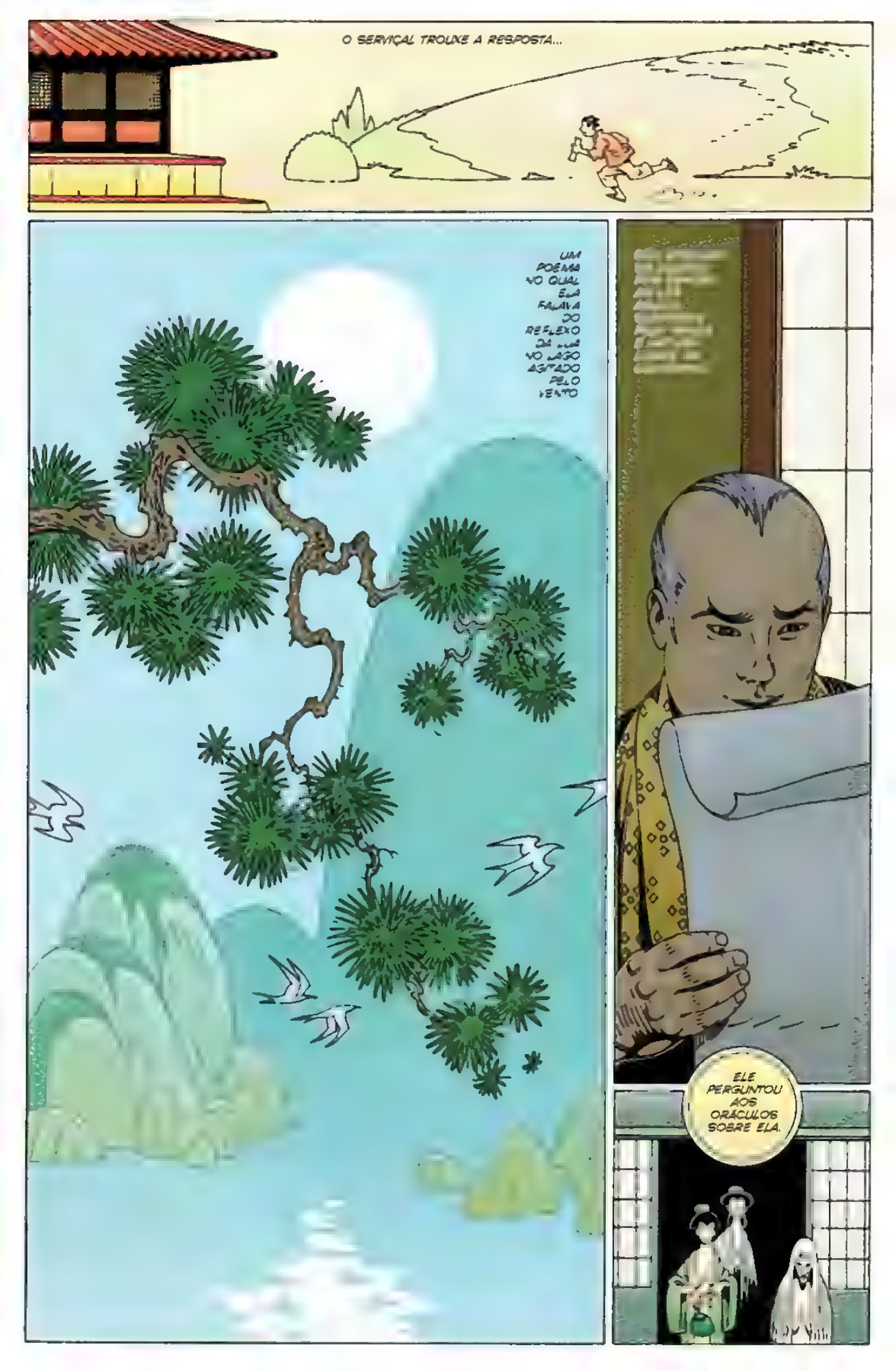
QUANDO FECHAVA OS OLHOS À NOITE, A DONZELA ESTAVA LÁ. O CABELO TÃO LONGO E TÃO NEGRO, OS OLHOS DO TOM DAS FOLHAS A SE DESENROLAR NUM DIA DE PRIMAVERA; OS PÉS, QUE SE MOVIAM COMO CAMUNDONGOS A DELICADEZA DA MÃO A SEGURAR O LEQUE. A VOZ COMO UMA CANÇÃO OUVIDA EM SONHO.

QUANDO FOI FAZER AMOR COM SUA CONCUBINA...

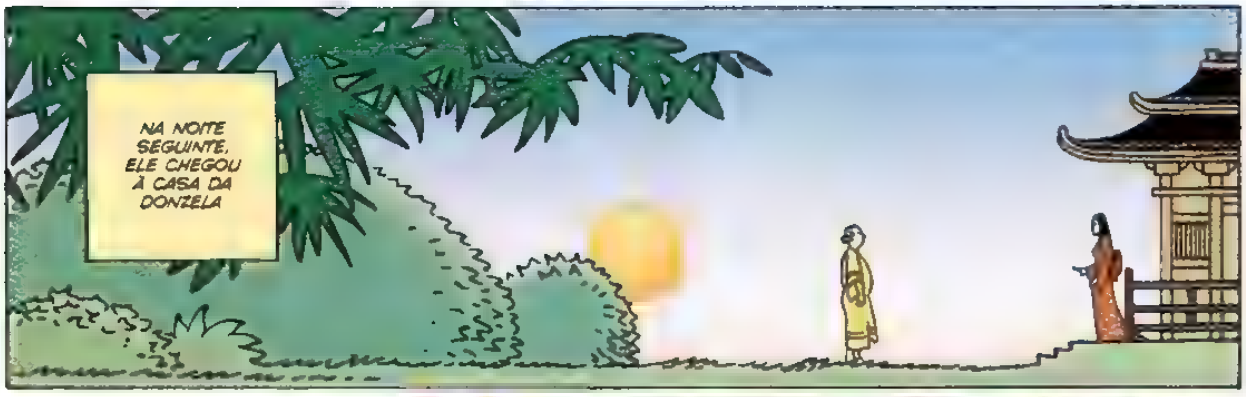
ELA NÃO O INTERESSOU



ELE ESCREVEU UM POEMA COMPARANDO SEUS SENTIMENTOS PELA DONZELA AO VENTO DO OUTONO QUE AGITA A SUPERFÍCIE DE UM LAGO ATÉ ENTÃO PLÁCIDO.


O SERVIÇAL TROUXE A RESPOSTA...
UM POEMA NO QUAL ELA FALAVA DO REFLEXO DA LUA NO LAGO AGITADO PELO VENTO
ELE PERGUNTOU AOS ORÁCULOS SOBRE ELA.

HEE HEE HEE HEE HEE HEE HEE
O HOMEM QUE ELA AMAVA ESTÁ MORTO
BOM. QUAL É O DIA MAIS PROPÍCIO PARA VISITÁ-LA?
HEE HEE HEE HEE HEE HEE HEE HEE HEE HEE



A CASA ERA MAGNÍFICA. ELE E A DONZELA JANTARAM A SÓS E, AO LONGO DA NOITE, OS SERVIÇAIS DELA TROUXERAM OS PRATOS MAIS REFINADOS QUE ELE JÁ COMERA

EU NUNCA HAVIA PROVADO ALGO ASSIM
E PENSAR QUE, SE EU NÃO ESTIVESSE AQUI, VOCÊ SERIA FORÇADO A SENTAR NAS RUÍNAS DILAPIDADAS DE UMA CASA ANTIGA E VAZIA, E JANTAR RATOS E ARANHAS.
AO FINAL DA REFEIÇÃO, ELE DEIXOU CLARO QUE GOSTARIA DE APROVEITAR-SE DOS DOTES FÍSICOS DELA.
ESTÁ FORA DE QUESTÃO.

POIS POR QUE EU GOSTARIA DE SER SECUNDÁRIA EM SEUS AFETOS?

VOCÊ TEM UMA ESPOSA.

VOCÊ TEM UMA CONCUBINA

O QUE EU SERIA?

SEREI SEU, E SOMENTE SEU

É O QUE *DIZ*...

...MAS, APÓS FAZER AMOR COMIGO, SUA ESPOSA E SUA CONCUBINA FICARÃO MAIS ATRAENTES, E EU SEREI DEIXADA SÓ.

NÃO ACHO QUE DEVA PASSAR A NOITE AQUI

SUA CARRUAGEM O LEVARÁ À OUTRA CASA POR ESTA NOITE. SE UM DIA ESTIVER LIVRE PARA ME AMAR, E SOMENTE A MIM, ENTÃO RETORNE.

E ASSIM SERÁ!

MAS NUNCA PODERÉ SER SUA...
...ENQUANTO VOCÊ TIVER SUA CASA.
POIS SERÁ MEU DESEJO QUE VENHA MORAR EM MINHA CASA, COMIGO. ALIÁS, MINHA CASA SERIA SUA, E PARA SEMPRE
MAS, SE VOCÊ TIVER OUTRA CASA, PODE VIR A SUSPIRAR POR ELA.
E UM DIA ME DEIXAR.
DAREI CONTA DE MINHA CASA

E HÁ MAIS UMA COISA. FALO DE SUA MAGIA. COMO POSSO SER SEU AMOR, SUA ESPOSA, SE SEI QUE VOCÊ COMANDA *TENGU* E *ONI*, E QUE EM SEUS PERGAMINHOS TEM CONHECIMENTO DE COMO ME TRANSFORMAR NUM PÁSSARO SE EU O DESAGRADAR?

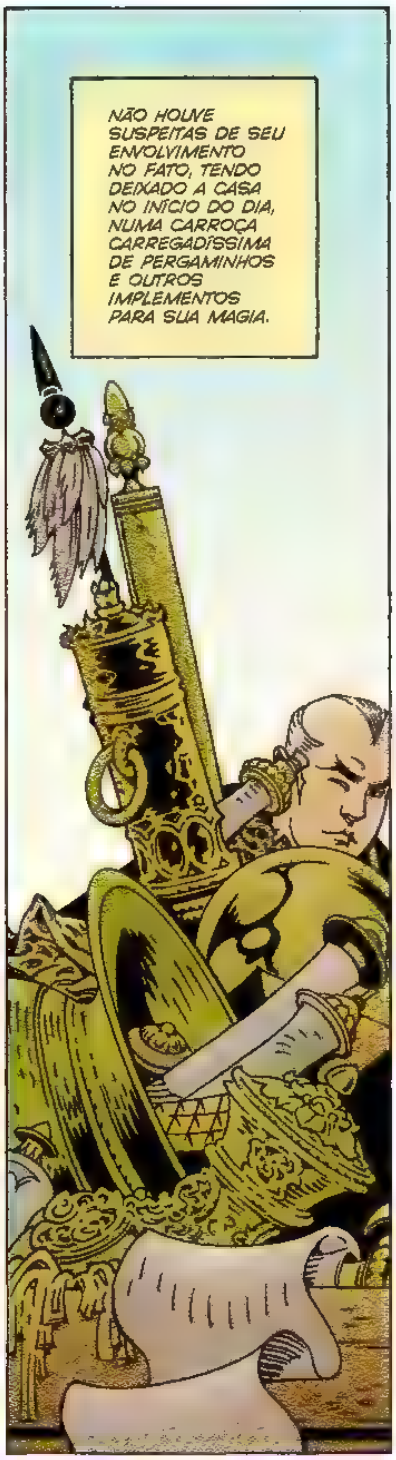
O ONMYOJI SALTOU PARA AGARRÁ-LA, MAS A DONZELA HABILMENTE MOVEU-SE PARA EVITÁ-LO COMO SE MAL HOUVESSE NOTADO SUA TENTATIVA

BOA NOITE

QUANDO PERCEBEU QUE O TEMPO DELES JUNTOS HAVIA TERMINADO, ELE SUSPIROU TÃO ALTO QUE PARECEU QUE AS DOBRADIÇAS DO MUNDO RANGERAM.

ENTÃO UMA LOUCURA SE APOSSOU DELE, OU ASSIM DIZEM.

NO DIA SEGUINTE, HOUVE DOIS INCÊNDIOS NA CIDADE DE KYOTO. A PRIMEIRA CASA A QUEIMAR FOI A DO ONMYOJI, A DÉCIMA SÉTIMA MAIS BELA CASA DE TODA A CIDADE

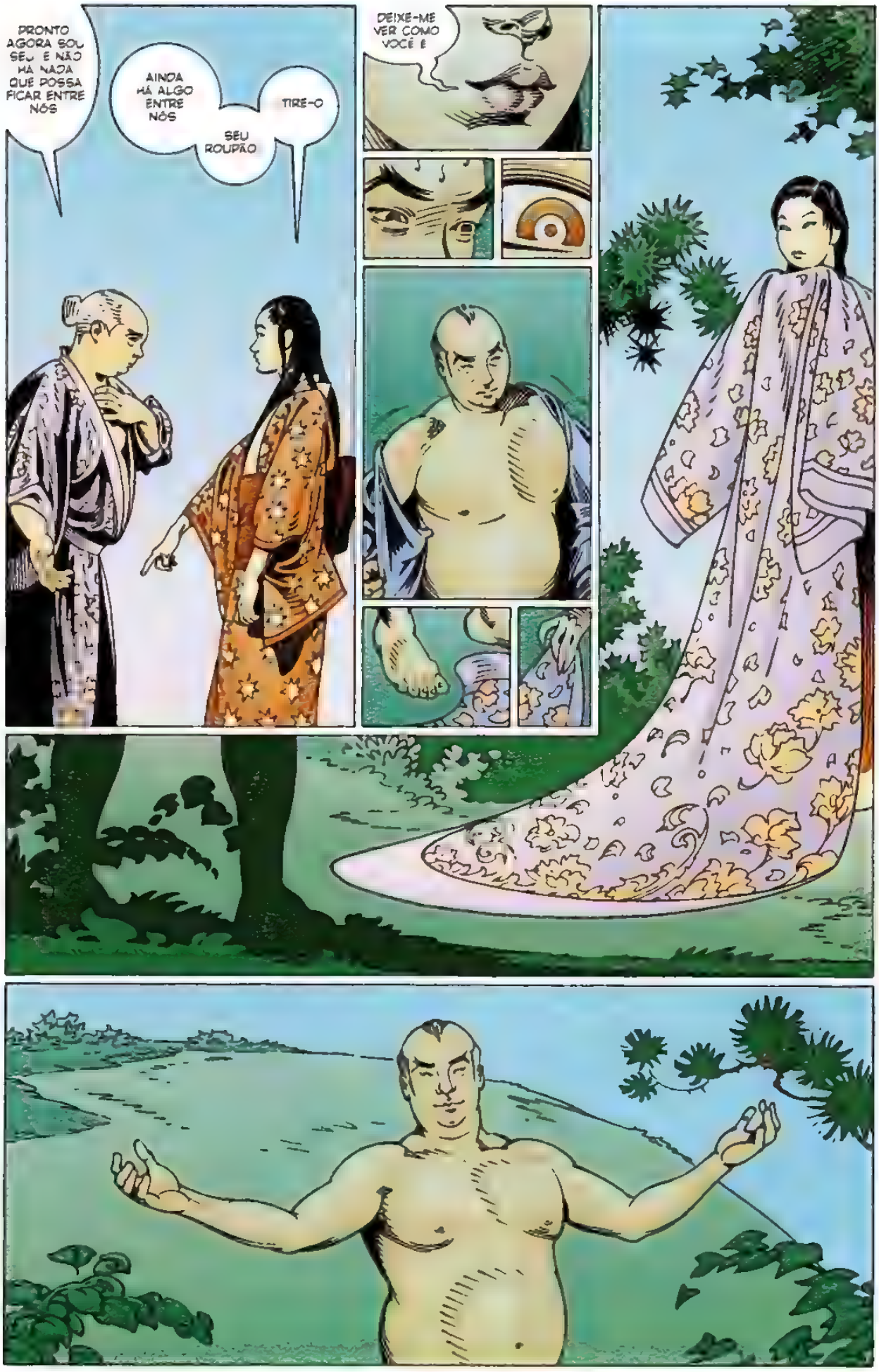

NÃO HOUVE SUSPEITAS DE SEU ENVOLVIMENTO NO FATO, TENDO DEIXADO A CASA NO INÍCIO DO DIA, NUMA CARROÇA CARREGADÍSSIMA DE PERGAMINHOS E OUTROS IMPLEMENTOS PARA SUA MAGIA.

FOI UM INCÊNDIO TRÁGICO, POIS SUA ESPOSA, SUA CONCUBINA E TODOS OS SERVIÇAIS ESTAVAM DORMINDO DENTRO DA CASA ENQUANTO ELA QUEIMAVA, E SUAS VIDAS FORAM TOMADAS.

A OUTRA RESIDÊNCIA A QUEIMAR FOI UMA CHOUPANA NA PERIFERIA DA CIDADE NUMA VIZINHANÇA DE MÁ REPUTAÇÃO. ERA UMA CASA ONDE VIVIAM TRÊS MULHERES, SOBRE AS QUAIS SE DIZIA SEREM ADIVINHADORAS E HERBORISTAS

NINGUÉM SABE AFIRMAR SE ELAS ESTAVAM NA CASA QUANDO ESTA QUEIMOU, POIS OS ÚNICOS VESTÍGIOS ENCONTRADOS NAS CINZAS FORAM DE OSSOS E CRÂNIOS DE BEBÊS E CRIANCINHAS.

ERA NOITE QUANDO O MESTRE DO YIN-YANG CHEGOU À CASA DA DONZELA QUE CONQUISTARA SEU CORAÇÃO.
MINHA CASA FOI QUEIMADA, E MINHAS MULHERES MORRERAM NÃO TENHO NINGUÉM PARA A AMAR QUE NÃO VOCÊ E NENHUM LUGAR PARA ESTAR QUE NÃO AQUI.
ELA ENTÃO SORRIU PARA ELE UM SORRISO DE TANTA FELICIDADE QUE AO ONMYOJI PARECEU QUE O SOL HAVIA SAÍDO E BRILHADO SOMENTE PARA ELE.
E NESTA CARROÇA TRAGO MEU CONHECIMENTO. TODOS OS MEUS PERGAMINHOS, TODOS MEUS IMPLEMENTOS MÁGICOS TODOS OS AMULETOS E VARINHAS E NOMES QUE ME DÃO PODER SOBRE OS ESPÍRITOS E DEMÔNIOS. TRAGO TUDO AQUI PARA DEIXAR A SEUS PÉS
A DONZELA FEZ UM SINAL COM A CABEÇA...
..E DIVERSOS SERVIÇAIS TOMARAM A CARROÇA E TIRARAM O CONTEÚDO DELA E AS COISAS QUE ELE HAVIA TRAZIDO.


PRONTO AGORA SOU SEU E NÃO HÁ NADA QUE POSSA FICAR ENTRE NÓS
AINDA HÁ ALGO ENTRE NÓS
TIRE-O
SEU ROUPÃO
DEIXE-ME VER COMO VOCÊ É

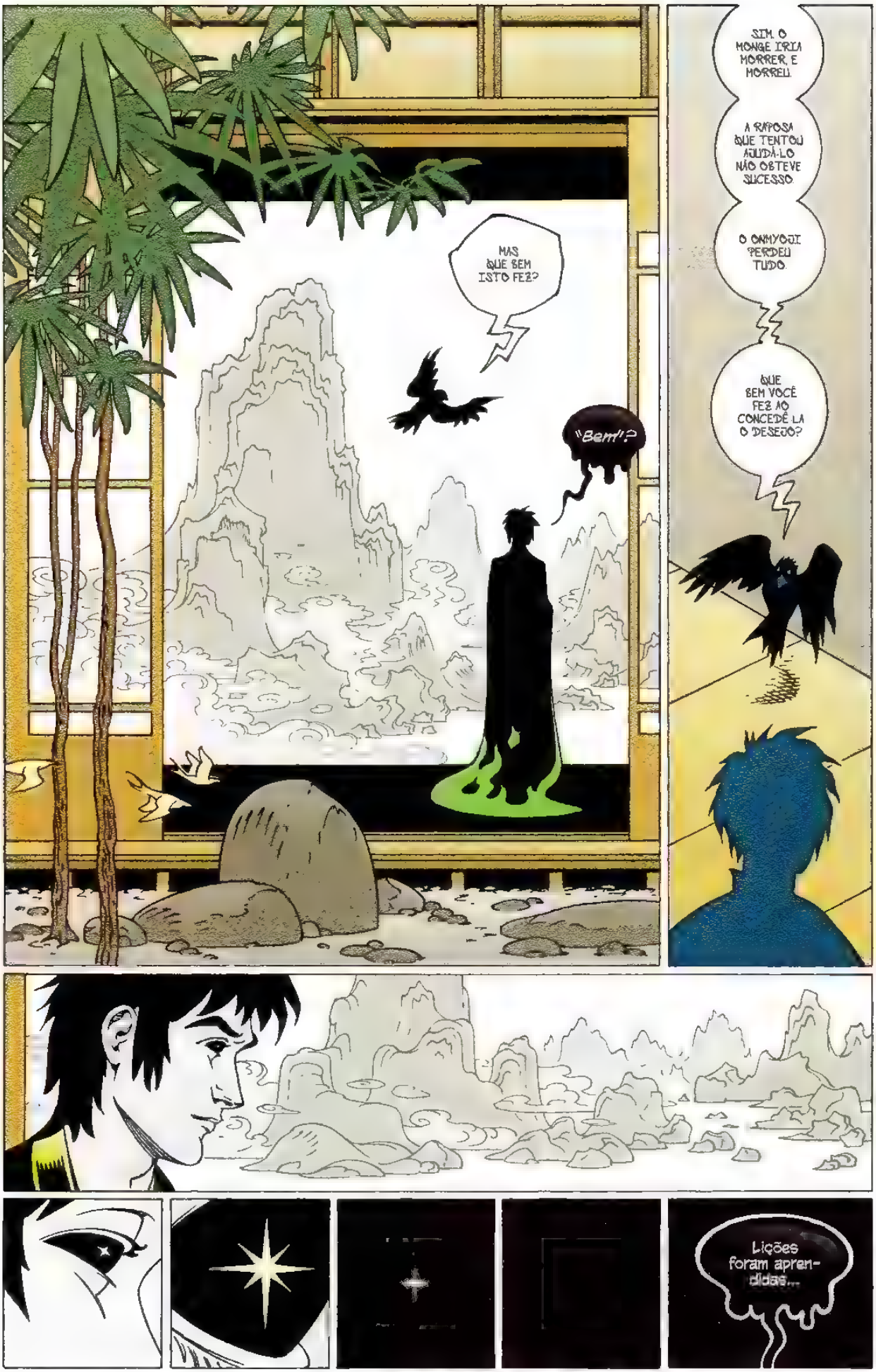
AGORA...
...VOCÊ NÃO TEM CASA..
...NEM ESPOSA...
...NEM CONCUBINA..
...NEM MAGIA.
...NEM ROUPAS
VOCÊ PERDEU TUDO.
ENTÃO É HORA DE EU LHE DAR ALGO.
ELA LEVOU AS MÃOS ATÉ A CABEÇA DELE E APROXIMOU-A DOS LÁBIOS, COMO SE ESTIVESSE PRESTES A BEIJÁ-LO, LOGO ACIMA DO OLHO.

MAS VOCÊ FICARÁ COM SUA VIDA, POIS ELE NÃO IRIA QUERER QUE EU O MATASSE.
DENTES DE RAPOSA SÃO MUITO AFIADOS

O MESTRE DO YIN-YANG FOI ENCONTRADO NA MANHÃ SEGUINTE DENTRO DA CASA QUE FORA ABANDONADA VINTE ANOS ANTES, QUANDO O FUNCIONÁRIO PÚBLICO A CUJA FAMÍLIA O IMÓVEL PERTENCIA CAIU EM DESGRAÇA.
ALGUNS DIZIAM QUE FOI A CULPA QUE O LEVOU ATÉ LÁ, POIS QUINZE ANOS ANTES O ONMYOJI ESTIVERA NO LOCAL A SERVIÇO DO NOBRE QUE CAUSARA A DERROCADA DAQUELA FAMÍLIA.
ELE ESTAVA NU, E ENVERGONHADO, E LOUCO.
OUTROS COMENTAVAM QUE FOI A PERDA DA MULHER E DA CASA NUM INCÊNDIO QUE O HAVIA LEVADO À LOUCURA
OUTROS DIZIAM TER SIDO A PERDA DE UM OLHO.
ENQUANTO OS SUPERSTICIOSOS ALEGAVAM TER SIDO A MAGIA DAS RAPOSAS.

MAS, QUANTO A COMO VIVEU DEPOIS DESTE PONTO, E COMO MORREU...

...TEM-SE APENAS SILÊNCIO.


MAS QUE BEM ISTO FEZ?
"Bem"!?
SIM. O MONGE IRIA MORRER, E MORREU.
A RAPOSA QUE TENTOU AJUDÁ-LO NÃO OBTEVE SUCESSO.
O OMMYOJI PERDEU TUDO.
QUE BEM VOCÊ FEZ AO CONCEDÊ-LA O DESEJO?
Lições foram aprendidas...

...fatos ocorreram da maneira como deveriam ocorrer. Não penso que minha atenção tenha sido desperdiçada.

"LIÇÕES FORAM APRENDIDAS"? POR QUEM?

Por todos eles.

Particularmente pelo monge.

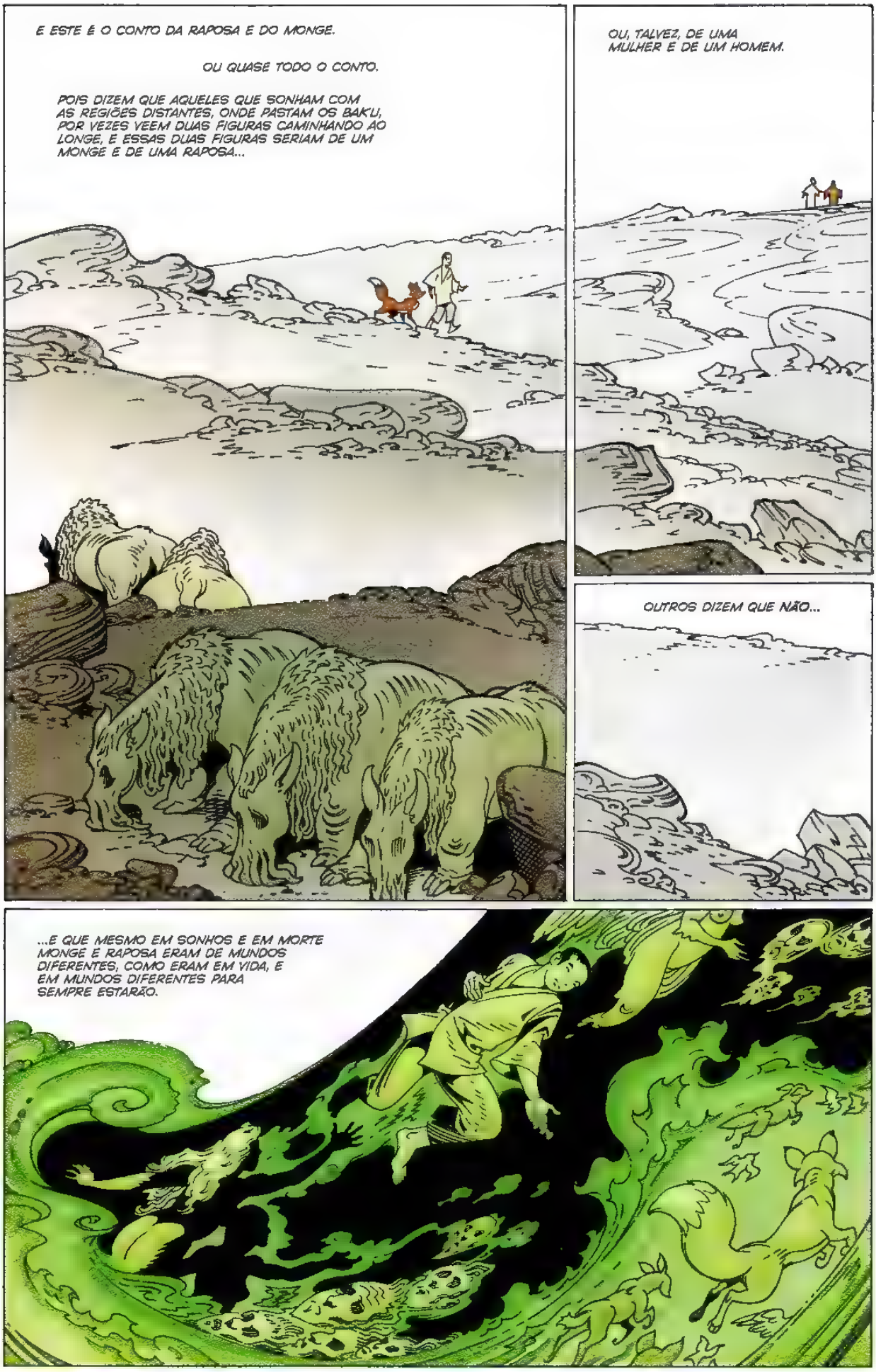
AWK!

MAS ELE MORREU.

Quanto a isso, você também, meu Corvo. Mas nisto também houve lições para você.

E VOCÊ TAMBÉM APRENDEU UMA LIÇÃO?

MAS O REI PALDO DECIDIU NÃO RESPONDER E PERMANECEU ENVOLTO EM SILÊNCIO. E DEPOIS DE CERTO TEMPO O CORVO BATEU FORTE AS ASAS E ALÇOU-SE AO CÉU DOS SONHOS PARA DEIXAR O REI INTEIRAMENTE SÓ


E ESTE É O CONTO DA RAPOSA E DO MONGE.
OU QUASE TODO O CONTO.
POIS DIZEM QUE AQUELES QUE SONHAM COM AS REGIÕES DISTANTES, ONDE PASTAM OS BAK'U, POR VEZES VEEM DUAS FIGURAS CAMINHANDO AO LONGE, E ESSAS DUAS FIGURAS SERIAM DE UM MONGE E DE UMA RAPOSA...
OU, TALVEZ, DE UMA MULHER E DE UM HOMEM.
OUTROS DIZEM QUE NÃO...
...E QUE MESMO EM SONHOS E EM MORTE MONGE E RAPOSA ERAM DE MUNDOS DIFERENTES, COMO ERAM EM VIDA, E EM MUNDOS DIFERENTES PARA SEMPRE ESTARÃO.

MAS SONHOS SÃO ESTRANHOS, E NINGUÉM ALÉM DO REI DE TODOS OS SONHOS PODE DIZER SE SÃO OU NÃO REAIS, NEM O QUE ELES PODEM REVELAR A QUALQUER UM DE NÓS SOBRE OS TEMPOS AINDA POR VIR.

FIM

MISCELÂNEA SANDMAN
VOLUME CINCO

Os Caçadores de Sonhos 478
Capas e esboços da adaptação para os quadrinhos

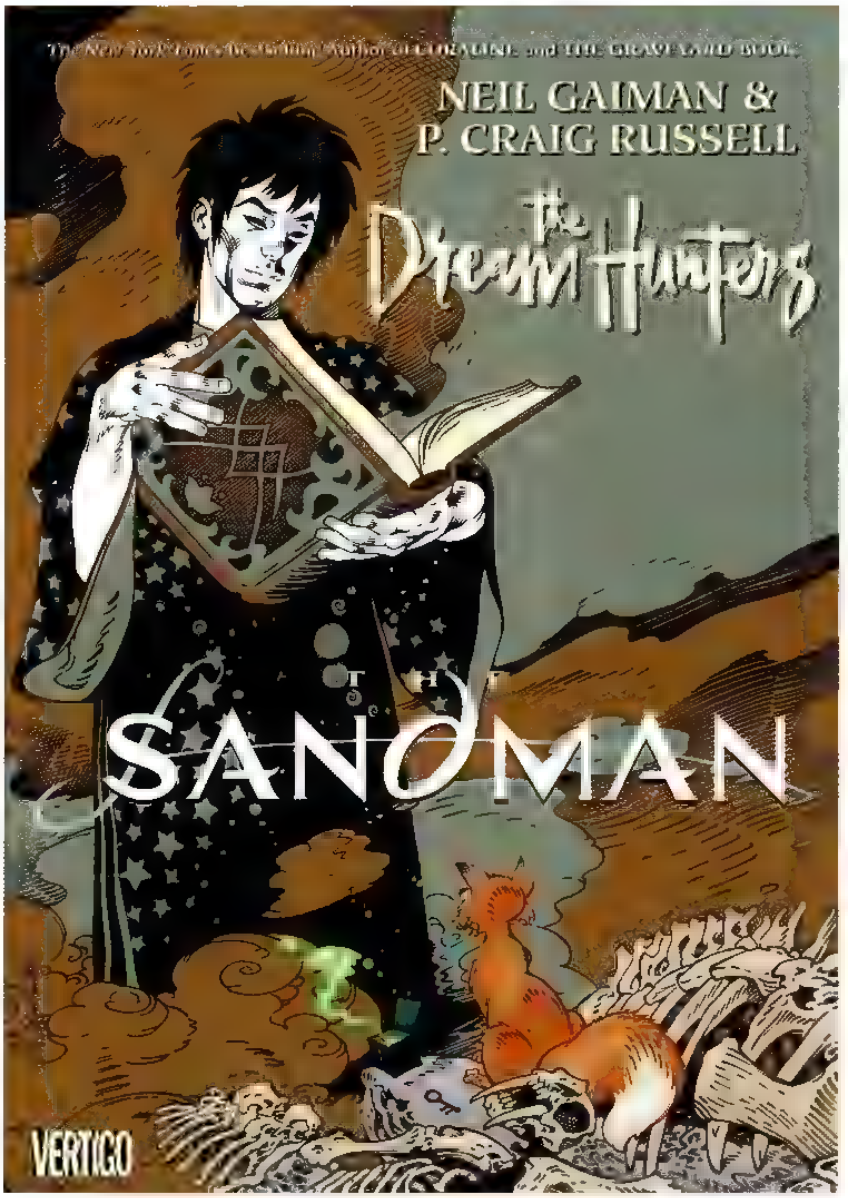
Murais do Sono: 495
Cartazes do sonhar

O Coração de uma Estrela 502
Roteiro, esboços e *layouts*

Casa de Bonecas 512
Bonecos e estatuetas

ACIMA O ARTISTA BRIAN BOLLAND FEZ ESSE RETRATO DO REI DOS SONHOS COMO PARTE DE UMA PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO DA SÉRIE PARA O CINEMA EM 2005

Os Caçadores de Sonhos



A partir da aclamada história Ramadan, de SANDMAN 50, e posteriormente no capítulo Morte e Veneza, de SANDMAN: NOITES SEM FIM, as colaborações do artista P. Craig Russell com Neil Gaiman no mundo do Sonhar atingiram o ápice com a adaptação para os quadrinhos de SANDMAN: OS CAÇADORES DE SONHOS, publicada originalmente pela Vertigo em quatro edições de 32 páginas cada, no início de 2009. E, embora Russell tenha desenhado todas as páginas internas da história, a editora Karen Berger recorreu a uma artista relativamente nova na área dos quadrinhos (assim como a alguns de seus confiáveis artistas favoritos) para criar as capas da minissérie. A ilustradora Yuko Shimizu entregou quatro obras atordoantes que ecoam as clássicas pinturas em tela e gravuras em bloco de madeira do Japão – e que foram usadas como capas principais da minissérie. Russell, Mike Mignola, Paul Pope e Joe Kubert forneceram cada um uma capa alternativa. Essas obras são apresentadas na sua totalidade nas páginas a seguir, assim como as artes de Russell para as páginas de abertura de cada edição, e uma seção especial de caderno de esboços com os estudos preliminares de personagens e ambientação.

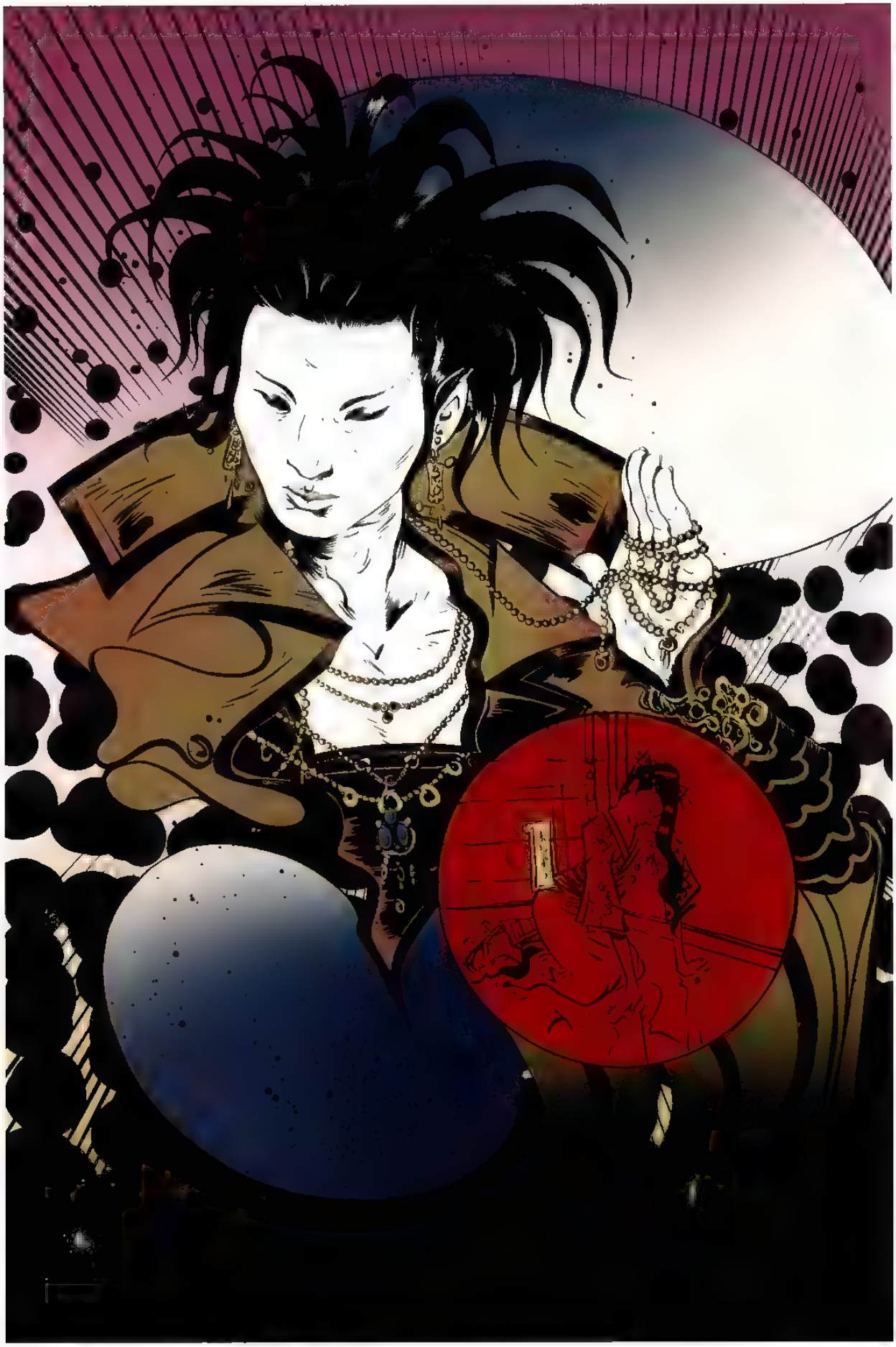
ARTE DE CAPA PARA A EDIÇÃO C POR YUKO SHIMIZU

ARTE DE CAPA ALTERNATIVA PARA A EDIÇÃO 1 POR P. CRAIG RUSSELL (CORES POR LOVERN KINDZIERSKI)

ARTE DE CAPA PARA A EDIÇÃO 2 POR YUKO SHIMIZU

ARTE DE CAPA ALTERNATIVA PARA A EDIÇÃO 2 POR MIKE MIGNOLA (CORES POR DAVE STEWART)

ARTE DE CAPA PARA A EDIÇÃO 3 POR YUKO SHIMIZU



ARTE DE CAPA ALTERNATIVA PARA A EDIÇÃO 3 POR PAUL POPE

ARTE DE CAPA PARA A EDIÇÃO 4 POR YUKO SHIMIZU

ARTE DE CAPA ALTERNATIVA PARA A EDIÇÃO 4 POR JOE KUBERT (CORES POR PETER CARLSSON)

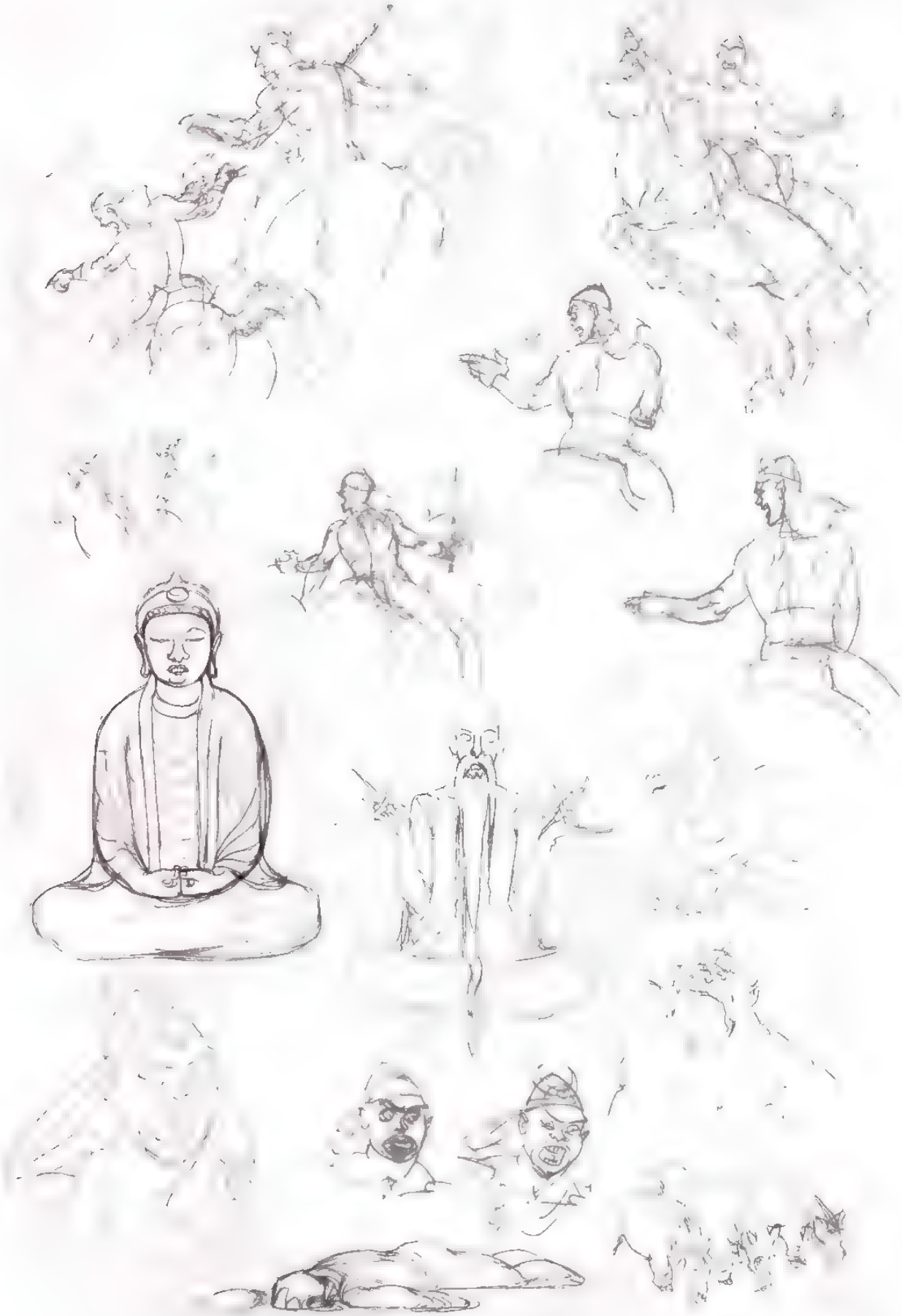
PÁGINA DE ABERTURA PARA A EDIÇÃO 1 POR P. CRAIG RUSSELL (CORES POR LOVERN KINDZIERSKI)

PAGINA DE ABERTURA PARA A EDIÇÃO 2 POR P CRAIG RUSSELL (CORES POR LOVERN KINDZIERSKI)

PÁGINA DE ABERTURA PARA A EDIÇÃO 3 POR P. CRAIG RUSSELL (CORES POR LOVERN KINDZIERSKI)

PÁGINA DE ABERTURA PARA A EDIÇÃO 4 POR P CRAIG RUSSELL (CORES POR LOVERN KINDZIERSKI)

ACIMA E NAS PRÓXIMAS PÁGINAS: ESBOÇOS PARA A SÉRIE FEITOS POR P. CRAIG RUSSELL.

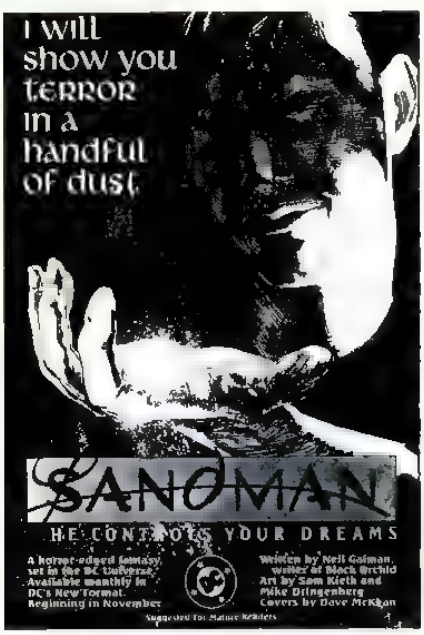


Os Murais do Sono
Pôsteres do Sonhar

Embora essencialmente obra de um escritor, SANDMAN desfrutou de um nível invejável de qualidade na arte que acompanha suas palavras ao longo de seu extenso histórico editorial. As contribuições de artistas entre os mais refinados e inovadores dos quadrinhos ajudaram a cimentar a posição singular da série na história da mídia. Sete desses artistas estão representados nas páginas a seguir por meio de obras encomendadas, como pôsteres promocionais, sendo que todos ocupam posição distinta no espectro entre ilustração comercial e belas artes

ACIMA: DE TÍTULO "O REI DE TODO SONHAR NOTURNO", ESSE RETRATO DO SANDMAN POR YOSHITAKA AMANO FOI PRODUZIDO PELA GRAPHITTI DESIGNS COMO PÔSTER EM EDIÇÃO LIMITADA A 400 CÓPIAS, DISTRIBUÍDO COM EXCLUSIVIDADE NA COMIC BOOK EXPO DE SAN DIEGO DE 1999, A FEIRA COMERCIAL QUE PRECEDEU A GRANDE COMIC CON INTERNATIONAL.

AO LADO E NA PÁGINA À DIREITA PARA ANUNCIAR A ESTREIA DE *THE SANDMAN*, EM 1988 A DC ENCOMENDOU ARTES DE UM CARTAZ PROMOCIONAL COM O REI DOS SONHOS JUNTO A UMA CITAÇÃO DO POEMA DE T.S. ELIOT *A TERRA DEVASTADA* AO QUAL GAIMAN FAZIA REFERÊNCIA NA SUA PROPOSTA ORIGINAL DA SÉRIE. SAM KIETH FEZ O LÁPIS INICIAL DA IMAGEM, MAS NÃO GOSTOU DO RESULTADO. ENTÃO ENTREGOU O SERVIÇO A MIKE DRINGENBERG QUE PRODUZIU A FORMIDÁVEL PEÇA FINAL USANDO O *LAYOUT* DE KIETH COMO PONTO DE PARTIDA. A CABEÇA DE SANDMAN FOI ESPELHADA PELO DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO DA DC NO ANÚNCIO FINALIZADO (VER VERSÃO REDUZIDA)



I WILL
SHOW YOU
TERROR
IN A
HANDFUL
OF DUST
SANDMAN™
HE CONTROLS YOUR DREAMS

ACIMA: VENDIDO APENAS EM ALGUMAS REDES DE VAREJO, ESTE POSTER DO SANDMAN PELO ARTISTA VINCE LOCKE FOI LICENCIADO PELA DSP PUBLISHING EM 1993 E VISTO RARÍSSIMAS VEZES.

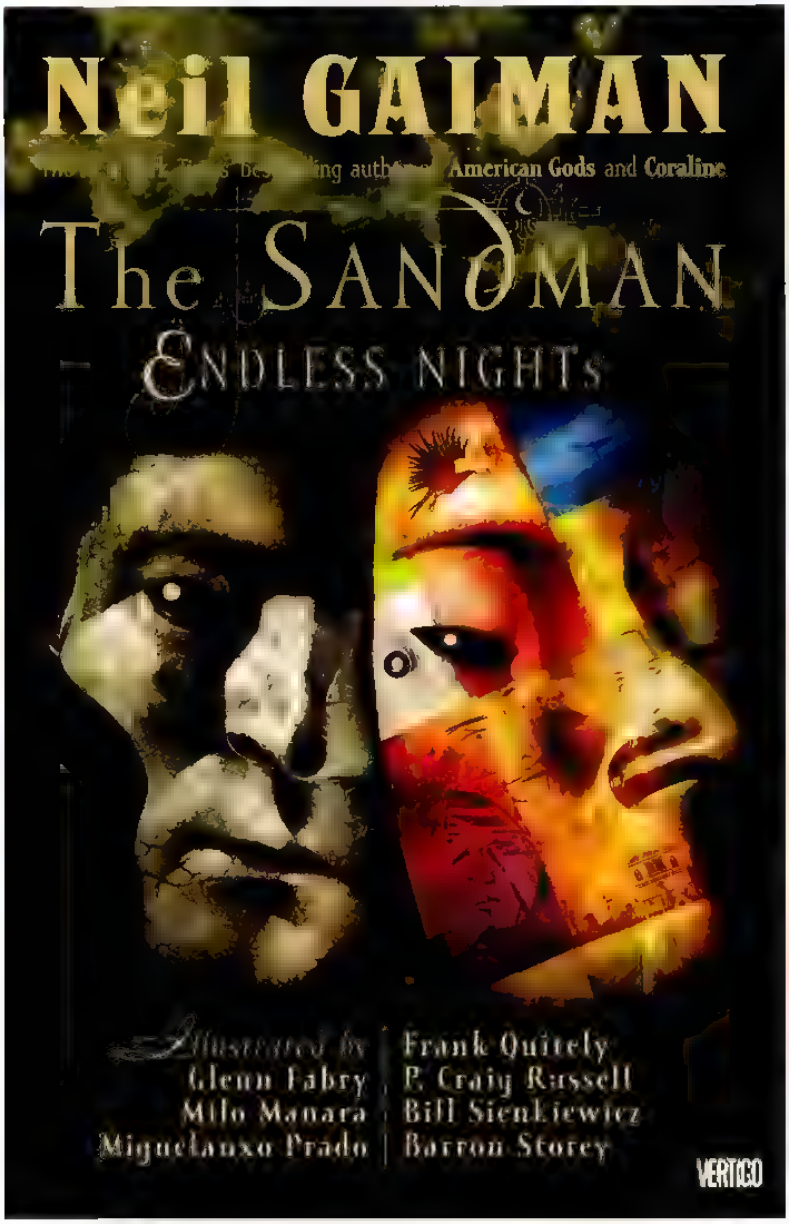
ACIMA: DANIEL, SUCESSOR DE MORFEUS COMO SENHOR DO SONHAR, AQUI CAPTADO PELO ARTISTA MICHAEL ZULLI PARA UM PÔSTER DE DIVULGAÇÃO DE O *DESPERTAR*, O ÚLTIMO ARCO DA SÉRIE ORIGINAL

ACIMA: ESTE RETRATO DE SONHO E MORTE FOI CRIADO POR TARA MCPHERSON PARA O FESTIVAL "NOVA YORK: PAÍS DO LIVRO", QUE ACONTECEU EM 2004 NO WASHINGTON SQUARE PARK DE NOVA YORK

ACIMA: ALÉM DE ILUSTRAR O ÚLTIMO CAPÍTULO DE *SANDMAN: NOITES SEM FIM*, O ARTISTA FRANK QUITELY REPRESENTOU OS SETE PERPÉTUOS EM SEU ESTILO SINGULAR E CATIVANTE NESSE PÔSTER PROMOCIONAL DE 2005, LANÇADO JUNTO À PUBLICAÇÃO DA *GRAPHIC NOVEL* EM CAPA CARTÃO

"Dizem que a morte é muito lenitiva do que ele."

Um jovem Sonho é usurpado em "O Coração de uma Estrela"



Lançada em 2003, SANDMAN: NOITES SEM FIM trouxe os primeiros contos inéditos da família imortal de Neil Gaiman desde a conclusão da revista original em 1996. Além de vencer o Prêmio Bram Stoker 2003 de Melhor Narrativa Ilustrada, NOITES SEM FIM também se tornou a primeira graphic novel a aparecer na lista de mais vendidos do New York Times e seus episódios de requintada ilustração logo tomaram lugar entre os prediletos dos leitores de SANDMAN. No capítulo focado em Morfeus, Neil Gaiman recorreu ao artista espanhol Miguelanxo Prado, vencedor do prêmio Alph-Art, para dar vida à ambientação em outro mundo, quando um parlamento de potências cósmicas encontra-se milhões de anos atrás. As páginas a seguir reproduzem o roteiro completo da história, assim como uma seleção de esboços de personagens por Prado.

O Coração de uma Estrela

Para Miguelanxo Prado,

Olá, Miguelanxo —

Desculpe ter feito você esperar tanto. Fiquei meio enredado com esse roteiro. É daquelas histórias ambiciosas, daquelas que os fãs vão lembrar e, assim espero, adorar. Mas também foi o mais difícil para eu me encontrar durante a escrita.
A trama se passa há centenas de milhões de anos.

O elenco...

Killalla do Fulgor Verde: muito bonita, alta. Humanoide, mas não humana. Cabelos brancos e compridos, pele azul. Ela veste uma coisa que parece meio vestido, meio manto, que mostra e esconde. Ela é sensual, mas extremamente elegante. Vem de um planeta chamado Oa, na pré-história distante dos oanos que conhecemos...

Os Perpétuos:
Um pouquinho diferentes dos Perpétuos que conhecemos. Para começar mais jovens – embora, fisicamente, o único deles que tem rosto mais jovem seja Destino.

Destino – como o Destino que conhecemos, mas, de rosto, um pouco mais remoçado.

Morte – como a Morte que conhecemos, mas mal-humorada, perturbada, infeliz. Cabelos negros compridos. Linda, jovem, perigosa.

Sonho – o Sandman Morfeus sempre foi visto de preto. Pela primeira vez ele está vestindo preto com traços brancos, e seu cabelo, se funcionar, também tem riscos de preto e branco. Ele está mais expressivo do que já vimos – o rosto é mais animado do que conhecemos.

Desejo – cabelo um pouco mais comprido do que o normal. Não é homem, nem mulher. Muito bonito/a.

Desespero – é a "desespero antiga", vestida, não nua, com algo que lembra asas aranhentas da qual se projetam filamentos. Alta como Desejo, embora o rosto ainda seja de uma criança estúpida e louca com presas, deve ter uma grandeza e beleza que a outra Desespero não tem.

Destruição – grande e parrudo, usando a armadura com espigões.

Deleite – não Delirium. Nós a vimos em Vidas Breves: um duende, doce. Uma garotinha de onze anos, socialmente inepta, mas muito carinhosa...

Os Astros.
Seres de luz e calor que se condensaram em forma humana...

Rao – gigante vermelho

Helius – pequeno, amarelo, nervoso, jovem.

Mizar - branco-azulada, alta.

Sto-Oa – leve amarelo-esverdeado

Todos são mais ou menos humanos, mas têm que ter algo nas cabeças e nos cabelos que sugira que são criaturas de energia. Nos rabiscos que fiz enquanto decupava a história, parece que todos pegam fogo pela cabeça. Brilham por conta de algo que vem de dentro...

Vamos fazer um código de cores nas bordas dos balões de fala – o de Rao será vermelho, o de Mizar azul-claro, Helius amarelo e assim por diante.

Se houver algo que você acha que precisa fazer na narrativa para funcionar melhor – mais quadros ou o que for – por favor, vá em frente. Afinal de contas, tudo aqui é sugestão. Você que é o artista...

E divirta-se. Não hesite em me ligar ou mandar e-mail se tiver perguntas, ou mandar desenhos por fax se não estiver seguro se algo está funcionando...

Página 1 quadro 1

Um panorama cósmico: trevas, uma estrela brilhando, uma galáxia em espiral e um pequeno planeta verde que pode ter um continente estilo Pangeia, ou pode ser só um verde azulado com nuvens em volta...

Rec. verde/azul: "Me conta uma história, papai? Antes que eu volte a dormir?"

Rec. amarelo: "Claro. Deixe-me ver... Aconteceu muito tempo atrás."

Rec. verde/azul: "Quanto tempo?"

Rec. amarelo: "Imagine o tempo. Imagine todo o tempo que já houve, todo o tempo que haverá. Nessa totalidade de tempo, cem mil anos é um piscar de olhos, um milhão passa como um suspiro."
"E, mesmo nessa totalidade de tempo, aconteceu muito tempo atrás... e bem, bem longe daqui."

Página 1 quadro 2

Vemos a bela Killalla do Fulgor: de pele azul, cabelo muito branco, e não exatamente humana, mas com humanidade suficiente para ser linda de morrer. Ela veste um traje de uma peça só, parte manto, parte corpete, provavelmente vermelho. E está sentada em algum lugar que tem um fundo branco-leitoso. Há chamas verdes em torno do seu corpo – que não a queimam: vêm da sua alma. Ela se abraça, assustada e solitária.

Rec. amarelo: "Quando Killalla do Fulgor fica intranquila, chamas verdes começam a bruxulear ao redor de seu corpo.

Rec. amarelo: "Ela está intranquila agora, e as chamas estão saltando e ardendo como fogo fátuo."

Killalla: Mas que tolice.

Página 1 quadro 3

Ela olha para o dedo estendido. Close no dedo – e a chama verde que fica só em torno do dedo. A chama quase assume uma forma... humana...

Rec. amarelo: "Ela se concentra: com sua vontade, força a chama verde a dançar e queimar na ponta do dedo, prestes a atender seus comandos."

Página 2 quadro 1

Morfeus surge atrás de Killalla colocando a mão sobre os ombros dela... Ele é um pouco mais jovem do que o Morfeus que conhecemos e olha para ela com olhos que são apenas poços de estrelas. O cabelo dele é comprido e também parte branco, com riscos negros.

A pele é pálida como a lua. As roupas têm riscos de azul e preto – penso numa coisa que remeta a século dezesseis, com exageros, mas fique à vontade para usar a imaginação: são trajes de muito antes da Terra, afinal de contas. Ele está fazendo algo que considera romântico, carinhoso.

Ela fica apavorada.

Morfeus: Olá, Killalla.

Página 2 quadro 2

A chama verde forma-se em torno dela, protege-a, ela vira-se, olha para Morfeus, que olha de volta e não se deixa comover pela estranheza ou pelo fulgor.

Killalla: ***Aaaah!***

Página 2 quadro 3

Agora as chamas em torno dela se apagaram. Ela está sorrindo, estendendo as mãos, segurando as mãos dele. Ele não sorri. Ergue uma sobrancelha, quem sabe.

Recuamos um pouco.

Killalla: Ah, é ***você***, querido. Que susto.

Morfeus: Mil perdões.
Mas quem mais poderia ser neste lugar, Killalla?

Página 2 quadro 4

Agora recue. Vemos que o fundo leitoso é translúcido e em meio a ele vemos estrelas e galáxias a pairar. O chão é vidro negro e Killalla e Morfeus estão de pé, juntos. Ele tem uma mão sobre o ombro dela. Os dois olham para a direita, para fora do quadro...

Killalla: E-eu não saberia ***dizer.*** Normalmente, não cruzo a vastidão do espaço numa esfera para encontrar a família e os amigos de meu amado.

Morfeus: Fico muito grato em ouvir isso.

Killalla: O que eles vão pensar de mim?

Página 2 quadro 5

Um quadro em toda a extensão da parte inferior da página. Miguelanxo. Nos afastamos de repente, quase um quilômetro, e vemos que Sandman e Killalla estão dentro de uma bolha, como uma bolha de sabão, que tem um chão de vidro artificial, levemente inclinado, ocupando os 2/3 inferiores abaixo. Há um pouco de mobília no piso e as duas pessoas minúsculas. Atrás da bolha está a vastidão do espaço. Mas estamos no centro galáctico, então tudo parece mais coisa do Telescópio Espacial Hubble do que nosso céu à noite...

Morfeus: Vão tratá-la com respeito, eu espero.

Killalla: Fale-me mais do ***mundo*** aonde vamos.

Morfeus: Não é um mundo. É um palácio...
E estamos quase chegando.

Morfeus: Veja por si mesma.

Página 3 quadro 1

Quadro ocupa toda a largura da página. Claridade ardente, laranjas, amarelos e vermelhos, e o rosto de Killalla – a boca aberta, apavorada, sobreposta.

Rec. amarelo: Como Killalla descreveu - muito tempo depois, num livro que, por algumas centenas de milhares de anos e ao redor de uma dúzia de mundos, foi considerado sagrado - Pareceu-lhe que, pelo tempo de uma pulsação, ela estivesse cercada por algo muito maior, mais quente e fulgurante do que a mente poderia suportar.

Página 3 quadro 2

Agora. Paira no espaço um palácio feito de torres conectadas com jardins suspensos, fontes e cachoeiras, com janelas, com flores e trepadeiras que se projetam pelas beiradas ao espaço. Imagine algo projetado por Escher, mas que funcione com o Conan dos primórdios, *à la* Barry Windsor-Smith. Escadarias e passarelas, torres e jardins, água e ar. Passarinhos voam pelas torres. Um lugar perfeito. E nem um planeta em volta. A estrutura tem gravidade própria. A bolha no céu, minúscula em comparação com a cidade, é deslocada na sua direção, o que nos dá a sensação da imensidão total deste lugar.

Rec. amarelo: Era um palácio, enorme, sim, e mais vasto do que imaginara que um único lugar pudesse ser. Como qualquer joia, muito belo, suas torres resplandeciam tal qual diamantes na negritude do espaço.

Página 4 quadro 1

A primeira estrela vem em nossa direção. Ela é linda. As estrelas deviam ser mais ou menos assexuadas, mas temos que saber quais são masculinas e quais são femininas. Uma criatura de luz fulgurante. Um sol, uma estrela, que concentrou sua essência em forma humana. Ela caminha na nossa direção, as mãos abertas, e nos encarando, sorrindo seu sorriso, o cabelo que não é cabelo mas luz fulgurante. Uma estrela branco-azulada.

Mizar: ***Devaneio!*** Seja muito bem-vindo aqui, ao meu pequeno parlamento. Você nos honra a todos com sua presença.
E quem é ***esta jovem,*** que ilumina meu humilde lar com adorável existência?

Página 4 quadro 2

Mizar beija as costas da mão de Killalla, com um gesto extremamente formal.

Sandman: Esta é a senhora Killalla do Fulgor, Mizar.

Mizar: É uma honra, senhora.

Página 4 quadro 3

Recuar. Os três vêm caminhando na nossa direção por um pátio de flores exóticas e magia. O lugar é cheio de flores como rosas, mais água. Temos que sentir que este lugar é muito antigo, muito perfeito e muito bem cuidado. Morfeus caminha próximo a Mizar, que emite um suave brilho branco-azulado. Killalla caminha do outro lado de Morfeus, olhando os arredores, inquieta com as estranhezas do local. Chamas verdes aparecem no lado dela mais distante de Morfeus.

Sandman: Minha família já está aqui?

Mizar: Nem todos. ***Destruição*** está, mas em seus aposentos, assim como ***Deleite. Desejo*** chegou na noite passada.
Destino pede escusas, mas não virá.

Página 4 quadro 4

Recuar mais. Eles continuam vindo na nossa direção, mas são pequenos nesse local de torres e pináculos, nessa cidade no espaço.

Sandman: Destino raramente deixa seu jardim.
Mas Desejo já está aqui! Minha amada, você deve conhecer Desejo. É quem mais estimo entre meus irmãos, se isto for possível. Tão alegre e gentil

Página 4 quadro 5

Agora Mizar faz uma mesura. Ela entrega uma flor vermelha a Killalla, que está abismada com o local

Mizar: Desejo está na Praça das Flores Mímicas. Eu os acompanharei até lá Madame, por favor, sinta-se à vontade para comer, beber ou tocar ***o que*** quiser. Tudo aqui é seguro para a senhora. Tudo aqui existe para seu prazer.

Killalla (menor): Obrigada

Página 5 quadro 1

A Praça das flores mímicas: um quintal muito iluminado, com estrelas ao céu, e as Flores na praça que se esforçam para imitar pessoas conversando. Há alguns sóis e outras entidades na praça, embora não esteja lotada Desejo está em pé, segurando algo que lembra uma taça de Martini Sandman, junto a Mizar e Killalla, desce por uma pequena escada até Desejo. Ele parece contente ao vê-la/vê-lo. Killalla está prendendo a flor no peito.

Sandman. Desejo.

Desejo: Olá, Sonho.

Página 5 quadro 2

Agora um close em Desejo e Morfeus ao cumprimentarem-se. Morfeus sente felicidade genuína em ver Desejo, que acredita que prestou um enorme favor ao lhe encontrar uma amada. Está com um sorriso quase rasgado. Desejo é muito bonita/o e tem visual andrógino – um toque do David Bowie de 1972, uma pitada da Annie Lennox de 1983: lindo/a e sem gênero que possamos identificar.

Sandman: Eu lhe devo gratidão, gratidão infinita, e muito mais. Como posso, algum dia, lhe retribuir o que me deu?

Desejo: Bem talvez deva começar nos ***apresentando.***

Página 5 quadro 3

Recue um pouco. Mizar foi ter com outros na *plaza*. Um garçom desencarnado pouco mais que mão e bandeja, com drinques sobre esta, flutua até eles. Desejo olha com prazer para Killalla, que faz uma leve reverência No primeiríssimo plano, talvez algumas flores copiem os movimentos deles, mas não se esforce para colocar tudo no mesmo quadro. Miguelanxo você que é o artista

Morfeus: Claro. Esta é a Senhora Killalla do Fulgor De um dos mundos jovens – o dela chama-se Oa. Ela é uma das cinco Sumo (entidade-sacerdotisa-artista-polícia) de sua cultura

Killalla, este é minha irmã-irmão, Desejo.

Desejo: Que coisinha mais linda. Pele azul. Que conceito ***agradável.***

Página 5 quadro 4

Desejo está igual, mas agora a pele também está azul, embora não do mesmo azul de Killalla. Rao, um sol masculino alto, que lembra um pouquinho o Superman na postura e no queixo, de um vermelho ardente intenso, surgiu atrás de Morfeus e tenta chamar a atenção. (Ninguém tocaria nele.) Killalla não tem certeza se Desejo é condescendente ou gentil com ela

Desejo: Pronto. Olhem para ***mim.*** Eu ***também*** tenho pele azul!

Rao: Mestre Sonho...? Pode me dar um minuto de seu tempo?

Sandman: Com certeza, Rao. Se me dão licença por um instante...

Desejo: Claro, irmão. Vá e trate de seus assuntos tolos

Página 5 quadro 5

Agora Desejo levou uma mão de intimidade ao braço de Killalla – não é um gesto romântico, é mais um *"todo mundo aqui é amigo"*, e sorri de alegria Killalla está feliz que a peçam para ser algo mais que um ornamento.

Desejo: Diga-me, doce menina ***Como*** conheceu meu irmão?

Killalla: Oh. Há gerações, meu povo vem estudando a intersecção entre força e vontade, e como podemos nos ***valer*** disso, como luz, para aprimorar o universo.
Observe...

Página 5 quadro 6

Killalla uniu as mãos em frente ao peito: uma mão verde e fulgurante sai do meio das mãos em taça, e pega a flor vermelha

Killalla: Nós esperamos que, ***um dia,*** sejamos capazes de manipular o poder do fulgor ***perfeitamente.***
Por ora, cinco de nós controlam o fulgor, explorando-o com nossa vontade e sentimento, a fim de que ele nos mostre o universo...

Página 6 quadro 1

A mão verde apresenta a flor vermelha a Desejo, Killalla está falando...

Killalla: Alguns dias atrás, me indaguei o que aconteceria se eu ordenasse o fulgor a me acompanhar meus ***sonhos*** adentro...
...e, então, em meu sonho, apareceu seu irmão.

Desejo: ***Claro*** que apareceu.

Página 6 quadro 2

Desejo prende a flor no cabelo. A mão se dissolve em um borrão de luz verde. Killalla pergunta a Desejo, perplexa...

Killalla: Por que ele agradeceu você pela... pela maneira como nos conhecemos?

Desejo: Porque ele ***queria*** você. Bem, ele queria ***alguém.*** Estava solitário. Porque você o quis.

Página 6 quadro 3

Morfeus está conversando com Rao, o gigante vermelho, e com Sto-Oa, quase da altura de Sandman mas menor que Rao, uma estrela boa pinta de luz com matiz esverdeada Sto-Oa olha para Killalla intrigado conhece ela, mas não diz nada. Killalla e Desejo estão caminhando na nossa direção ao fundo. Acho que é bastante coisa para encaixar... mas temos que fixar atenção em Sto-Oa

Desejo: Porque acredita que fiz um ***favor*** a ele.

Página 6 quadro 4

E agora entramos em um grande espaço esbranquiçado, tomado de estatuária, mesas, escadarias em espiral e coisas do tipo, e Morfeus e Killalla estão lá. Ela segura a mão dele em torno de si, olhando para o espaço...

Killalla: Que aposentos adoráveis! Tão lindos! Quanto tempo tem este lugar, meu doce?

Sandman. Um dia. Dois, no máximo.
Mizar criou-o para a conferência. Assim que a reunião terminar, será dissolvido em pura luz e poeira cósmica.

Página 6 quadro 5

Close em Killalla, olhando ao redor impressionada, surpresa

Killalla: Ela ***fez*** isto?
Quando penso na energia e na concentração necessárias para gerar uma pequena forma/pensamento... e para mantê-la...

Sandman: Mizar tem poder de sobra.

Página 6 quadro 6

Agora vemos Morfeus de expressão distraída, e ele começa a sumir, a ficar transparente...

Sandman: Estão prestes a começar...

Killalla: ***Devo*** comparecer a esse parlamento?

Sandman: Eu recomendo que não. É um assunto mortalmente tedioso, a respeito de zonas de responsabilidade e méritos de obrigação. Mas você deve comparecer à reunião à beira das fontes.

Página 7 quadro 1

Pegue o terço superior ou um pouco mais para este quadro: Nas fontes. Imagine as fontes mais incríveis, sem gravidade ou regras de comportamento da água. Imensos degraus de pedra descendo das fontes. E agora imagine centenas de entidades de toda forma e espécie na base das fontes e nos degraus. Agora faça o mundo imaginar que você pintou isso... Deixei os comentários da multidão em recordatórios, mas talvez funcionem melhor em balões de fala...

Rec: "Que lugar magnífico!"

Rec: "***Rao!*** Meus caros, este é ***Rao,*** meu Gigante Vermelho favorito!"

Rec: "Como consegui trazer os Perpétuos ao seu parlamento, Mizar?"

Rec: "Em grande parte, por ***persistência.*** Decidi centenas de milhares de pulsos atrás que precisávamos debater, estabelecer limites. Depois disso, foi apenas o caso de fazer o acompanhamento. Tentei manter a reunião exclusiva, mas agregando a mescla ***perfeita*** de seres..."

Página 7 quadro 2

Uma pequena estrela amarela chamada Helius, imagine uma estrela tipo Woody Allen aos dezesseis anos, sem óculos, que esbarrou numa das coisas-garçom e fez as taças caírem... ele está horrorizado e pede desculpas.

Helius: E-eu ***sinto muito.*** De verdade, lamento... homessa. Não tive a intenção.

Página 7 quadro 3

E agora vemos Mizar e Rao conversando, com Sto-Oa. Mizar tem a mão sobre o antebraço de Rao.

Rao: ***Ele*** faz parte de sua *"mescla perfeita"*?

Mizar: O pobrezinho é muito, ***muito*** jovem. Chama-se ***Helius.*** Me faz ***rir*** e é cheio de boas intenções.

Página 7 quadro 4

As estrelas pararam de conversar e nos olham com uma expressão que, olha, para ser sincero, é um pouco de assustada.

Sem falas

Página 8 quadro 1

Estamos olhando Morte, quando era jovem e ainda não estava à vontade com quem ou o que era. Seu cabelo é comprido. Ela é, no mínimo, mais bonita do que estamos acostumados a ver, mas sua expressão é muito mais cruel e nada simpática. Ela usa uma maquiagem belíssima, seu vestido é deslumbrante. Sua *ankh* é pequena e discreta.

Sem falas.

Página 8 quadro 2

Recue e mostre de cima. Conforme ela desce os degraus, as pessoas dão licença para abrir um espaço a ela, pouco à vontade ao olhar para a Morte. É como a chegada da fada malvada no batismo da Bela Adormecida.

Sem falas.

Página 8 quadro 3

Morte para na frente de Mizar, os braços cruzados, expressão de indiferença.

Morte: Eu fui convidada. Estou aqui. Proceda como desejar.

Mizar: Sentimo-nos honrados, madame.

Morte: Eu os estou deixando constrangidos.

Mizar: Não, madame. Em absoluto.

Página 8 quadro 4

Um sorriso de canto de boca enquanto Morte pende a cabeça para o lado e diz:

Morte: Eu partirei. Decidam do que gostam em seu parlamento. É tudo o mesmo para mim. A longo prazo, não fará diferença alguma, não é mesmo? Um a um, todos vocês virão a mim.

Página 8 quadro 5

Quadro esguio. E ela se foi.

Sem falas.

Página 8 quadro 6

Killalla e Morfeus na escada. Talvez Sto-Oa caminhando na direção deles...

Sandman: Está começando. Sinta-se à vontade para caminhar pelos jardins. Você pode retornar aos nossos aposentos simplesmente desejando.

Killalla: Quer dizer que ***tudo*** que tenho de fazer é--

Página 9 quadro 1

Killalla está exatamente na mesma posição, de volta aos aposentos em que estávamos antes.

Killalla (menor): oh.

Página 9 quadro 2

Ela caminha pelo aposento, com aparência de perdida.

Sem falas.

Página 9 quadro 3

Sentada numa mesa, balançando as pernas, olhando para Killalla, há uma menina de mais ou menos onze anos. Ela parece muito feliz. É Deleite. Ela usa um pingente de margarida muito simples numa corrente de metal no pescoço. Todd, vamos precisar de um estilo de letra que lembre Delirium, mas que ainda não chegou naquele nível. Há uma toalha sobre a mesa.

Deleite: O que é ***você?***

Killalla: Eu me chamo Killalla do Fulgor.

Deleite: Você é muito bonita. E tem um belo nome, mas o que ***é*** você?

Página 9 quadro 4

Deleite abre os braços, tentando entender o que é Killalla. Sentada na mesa, ela tem quase a mesma altura de Killalla.

Killalla: Como assim? ***...o que*** eu sou?

Deleite: Bem, quero dizer... o que ***quero*** dizer é o que é você?
Tipo, hã, você é uma formação superinteligente de nuvens cósmicas, uma dimensão que encarnou, uma estrela ou o quê?

Página 9 quadro 5

Deleite pende a cabeça para o lado, intrigada, enquanto Killalla aponta para si...

Killalla: Eu... eu sou uma ***mulher.*** Isso significa que carrego os jovens de minha espécie. Eu vim de um planeta chamado ***Oa.*** Eu sou...

Deleite: Quer dizer que você é mesmo só o que ***parece*** ser.

Killalla: Exato.

Página 9 quadro 6

Deleite continua tentando entender o que se passa.

Deleite: Bem, ***isso*** é muito estranho. Por que você está aqui, então? É ***dona*** da Via Láctea ou coisa parecida?

Killalla: Não, estou aqui com Sonho dos Perpétuos. Sou a acompanhante dele.

Deleite: Oh.

Uups.

Eu...

Página 9 quadro 7

Agora Deleite pulou e está parada ao lado da mesa. Ela parece aflita, leva as mãos à boca. Killalla está sorrindo com a criança engraçadinha...

Deleite: ***Oooohhhh.*** Sinto muito. Eu devia ter ***percebido.*** Estou tão constrangida. Acho que vou me esconder debaixo da mesa até meu constrangimento passar.

Killalla: Não seja tola.

Página 10 quadro 1

Killalla está de pé, confusa, mas entretida, enquanto Deleite, ajoelhada no chão, engatinha para baixo da mesa, cabeça e ombros já atrás da toalha de mesa.

Killalla: ***Por favor,*** saia daí.

Deleite: Num minutinho.

Página 10 quadro 2

Agora Killalla está agachada perto da mesa. Talvez dê para ver os pés e o traseiro de Deleite sob a toalha de mesa, mas pode ser mais engraçado deixar ela falando com a mesa.

Deleite: Você é a ***namorada dele?***

Killalla: E-eu não sei. Talvez.

Deleite: Achei que estivesse aqui a ***negócios.***

Killalla: Não. Ele só queria que eu conhecesse a família. Já fui apresentada a Desejo.

Deleite: E agora a ***mim.*** Eu sou Deleite.

Página 10 quadro 3

Deleite estica a mão debaixo da toalha de mesa. Killalla a cumprimenta, sorrindo.

Killalla: Como vai?

Deleite: Eu... eu não sei bem. Acho que vou bem. Já começaram a ***falar?*** O pessoal lá no treco?

Killalla: Acredito que sim.

Página 10 quadro 4

Deleite coloca a cabeça para fora da toalha de mesa e olha para nós. Está sorrindo. Já esqueceu o constrangimento.

Deleite: Eu deveria ***ir*** pra lá. Sabe o que vão dizer? Blá, blá, blá, blá. É o que vão dizer.

Blá, blá, blá, blá, blá.

Página 10 quadro 5

Killalla levanta-se, um sorriso no rosto. Um balão de fala paira no ar...

Deleite: Ok. Fui.

Página 10 quadro 6

Killalla leva a mão aos cabelos brancos, tentando encontrar sentido no que acabou de ver.

Sem falas.

Página 11 quadro 1

Killalla trocou de roupa. Agora ela veste um longo vestido branco, que reluz. Ela pegou um vaso do apartamento e segura-o com um braço. Com o outro, ela manipula o fulgor para formar algo como uma tesoura, que usa para podar as flores. Ela canta sozinha em um quintal vazio...

Killalla: Lá lala lá...

Página 11 quadro 2

De repente, todo o quintal está cheio de seres, todos discutindo e conversando sério. Killalla se vê diante de Mizar. Ao lado de Mizar está Sto-Oa, que fica encarando Killalla em meio a tudo. Se puder encaixar um quadro estreito com o rosto de Sto-Oa, só a encará-la, em algum ponto desta página, faça por favor.

Mizar: Saudações, madame.

Killalla: Olá, Mizar. Pensei que estivessem em sua reunião.

Mizar: A reunião foi momentaneamente suspensa por uma questão de ordem.

Página 11 quadro 3

No primeiro plano, um anjo, com asas brancas, está em discussão com uma forma escura, do tamanho de um humano, mas cheia de estrelas. Mizar e Killalla estão no fundo.

Anjo: Não me interessa se você *é* ou ***não*** uma dimensão. Se for pequeno demais para ser ***notado***, então ***não*** creio que possa se reportar à assembleia.

Coisa escura: Não é questão de ***tamanho***. É sim de percepção e respeito.

Mizar: Você deveria comparecer e assistir. Acharia muito interessante.

Página 11 quadro 4

Destruição, grandalhão, de barba ruiva e sorrindo, com a armadura que brilha com átomos em colapso. Mizar está apresentando-o a Killalla.

Mizar: Já conhece o irmão de seu... de Sonho, Destruição? É dele o processo que alimenta todas as estrelas. Sem sua ação, tudo seria sem vida e sombrio.

Killalla: Não. Nós ainda não nos conhecemos. Eu sou Killalla do Fulgor.

Destruição: Uma coisinha ***realmente*** adorável! Espero que meu irmão saiba lhe dar valor. Todos nós ***contávamos*** que ele pudesse encontrar alguém para partilhar sua existência. Na verdade, Desejo encarregou-se de--

Página 11 quadro 5

Destruição, agora com o sorriso não tão largo, tentando desdizer o que disse.

Destruição: ***Não.*** Eu disse algo inapropriado.
O coração das estrelas pode ser meu ***domínio***, mas até mesmo o coração das estrelas... não, mais uma vez, digo impropriedades. Não sou talhado a falar bem ou com precisão. Deixe-me lhe esclarecer, pequenina.

Página 11 quadro 6

Recuar para mostrar Destruição, Mizar e Killalla. Helius, a jovem estrela desastrada, interrompe-os, nervoso.

Helius: Grandiosos? Chegou-se a um entendimento. A reunião recomeça...

Mizar: Obrigada, Helius.

Página 12 quadro 1

Killalla está na mesma posição do quadro anterior e agora não há mais ninguém no recinto. Ela segura o vaso, que tem algumas flores, e parece cansada.

Sem falas.

Página 12 quadro 2

Destino, segurando seu livro. Ele olha para um ângulo estranho, sem encarar Killalla. Ela olha para ele, intrigada. Ele não faz sombra.

Destino: *Queira me responder uma pergunta, Killalla do Fulgor.*

Killalla: Por acaso, eu... o ***conheço?***

Página 12 quadro 3

Ela está parada ao lado dele. Ele olha para a frente, sem olhar para ela. Quero tentar usar o tempo de uma conversa desajeitada aqui, Miguelanxo. Talvez você queira decupar em mais de um quadro...

Destino: *Não exatamente. Sou o irmão mais velho de Devaneio. Alguns me chamam de Destino.*

Killalla: Ah.
Posso lhe trazer algo de comer?

Destino: *Eu não ficarei aqui por muito tempo.*

Killalla: Você é cego.

Destino: *Sou.*

Página 12 quadro 4

Killalla tem uma ideia... o brilho verde surge, lambendo-a como uma labareda a partir do dedo, onde poderia ser um anel enroscado. Destino continua de pé, imenso, os olhos em trevas.

Killalla: Gostaria que eu lhe fizesse olhos, com o Fulgor? Este lugar é tão lindo. É uma pena que você jamais o veja.

Destino: *Eu o agradeço, mas não.*
Killalla, Você ***ama*** *meu irmão?*

Página 12 quadro 5

Agora ela olha para ele nervosa. Ele a encara, as mãos no livro.

Killalla: Eu não ***sei. Acho*** que sim.

Destino: *Você é uma mulher mortal.*
Daqui a milênios, será decidido que os Perpétuos não poderão amar mortais. Você será discutida, lembrada e comentada muitas vezes nessas discussões.

Página 12 quadro 6

E agora (isso está virando um tema, infelizmente) ela está sozinha no jardim.

Killalla: Ele me ama?

Página 12 quadro 7

Killalla está de volta ao aposento vazio e coloca o vaso, agora cheio de flores, sobre uma mesa.

Killalla: Ele me ama?

Página 13 quadro 1

Pronto. Agora estamos vendo as pessoas na festa, uma espécie de coquetel na varanda, ou num jardim suspenso, que desce de várias torres. Um homem alto de óculos e grandes costeletas brancas, visto pela última vez em *Livros da Magia* capítulo 3 (acho que ele atendia por Resplendor) conversa com várias estrelas brilhantes... Morfeus está no fundo, conversando com um amontoado de gente...

Resplendor: Pelo que entendo agora, o mundo das fadas não será uma ***dimensão***, mas quando muito uma ***aspiração***. Percebe?

Star: *Hmm.* Ele será vinculado a algum sistema estelar em particular?

Resplendor: De forma alguma. Mas precisará de certa qualidade de luz que não se pode simplesmente obter de sua gente.

Página 13 quadro 2

Killalla, o cabelo preso num penteado complexo, com outro vestido, está conversando com o pequeno e amarelo Helius, que está muito envergonhado de ter que falar com ela assim...

Helius: Sabe, eu não tenho mesmo planetas. Bem, quer dizer... eu ***tenho***, mas eles estão todos dormindo. Nada que comporte vida.
Mas eu estava pensando que talvez, quando despertarem e sintetizarem vida, creio que uma forma de vida dominante poderia se parecer com ***você***. Você tem tanta... graça.

Killalla: Obrigada, Helius... hã, eu acho.

Página 13 quadro 3

Sto-Oa finalmente achou coragem para falar com Killalla. Ele vem até ela e fala, com um sorriso simpático.

Sto: ***Killalla!*** Killalla do ***Fulgor!*** Helius, permita-me tomar parte da conversa.

Helius: Hã...

Sto: Eu esperei a conferência ***toda*** para falar com você.

Página 13 quadro 4

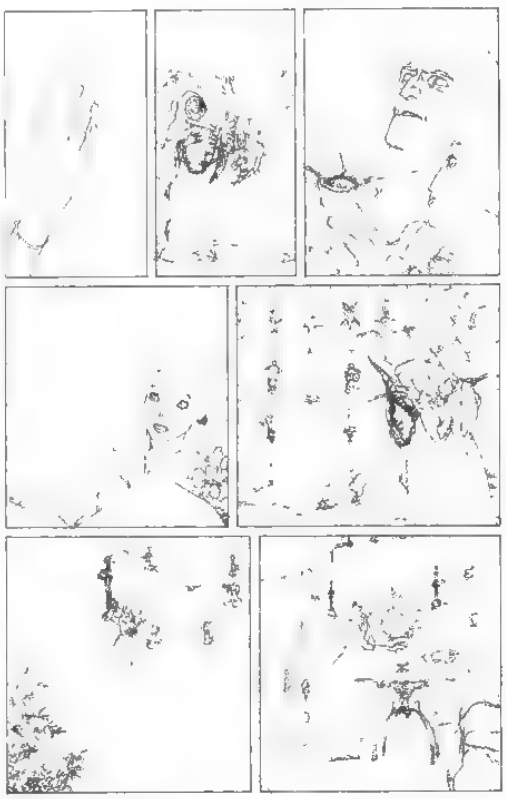
Ela sorri para ele, essa estrela arrojada levemente esverdeada, ela olha para ele e faz uma pergunta.

Killalla: Você me conhece?

Sto: ***Claro*** que sim! Não está me reconhecendo? Vocês são um dos meus povos favoritos.

Killalla: Você me parece familiar... Como alguém que conheci a vida inteira.

Sto: Bem, é o ***mínimo*** que espero.



Página 13 quadro 5

Killalla aproxima-se dele e lhe confia seu segredo. Ela não tem a mínima ideia do que se passa.

Killalla: Sabe, venho andando por aqui faz... faz sei lá quanto tempo, sorrindo e acenando, mas não tenho a ***menor*** ideia do que as pessoas estão falando. Não param de citar ***estrelas, dimensões, galáxias*** e a... a família de meu amado...

Página 13 quadro 6

Sto-Oa percebe que ela não sabe mesmo. Ela está exausta e só quer saber das respostas que Morfeus não lhe deu.

Sto: Quer dizer que você não ***sabe*** mesmo?

Killalla: Cada um de vocês representa o povo de um sistema estelar diferente ou coisa do gênero. É uma festa, uma reunião de negócios, uma conferência ou ***o quê?***

Sto: Bem, claro, são todas essas coisas, mas...

Página 14 quadro 1

Eles estão caminhando juntos, passam por Desejo, que olha para eles e sorri. Eles não percebem Desejo.

Killalla: Olha, você me parece muito gentil. Poderia me responder algumas ***perguntas?*** Mas me dê resposta diretas!

Sto: ***Com certeza.***

Killalla: Por que todo mundo tem ***medo*** da irmã mais velha dele? A ***bonitinha?*** Não conversam com ela, nem chegam perto?

Página 14 quadro 2

Sto-Oa, com a cabeça um pouco para o lado, muito sério, respondendo como lhe é possível.

Sto: Porque, no fim, cada sol, cada mundo, cada galáxia vai entrar em colapso e terminar, quer seja em labaredas ou em trevas. E, quando isso acontecer, ela estará à espera de cada um de nós. Está entendendo ***agora?***

Killalla (em off): Não muito.

Página 14 quadro 3

Recuar para mostrar os dois, em uma parte quase deserta da varanda.

Sto: Ela é a Morte.

Killalla: Ah.
Quer dizer que... ela é a ***deusa*** da Morte, a encarnação ou...

Sto: Não, ela é ***a*** Morte. Assim como aquele é Desejo. E seu amado, o Sonho.

Killalla: Claro que é o Sonho. Eu o conheci no Reino dos Sonhos, e ele me seguiu de lá. É o ***Rei*** daquele lugar.

Página 14 quadro 4

Sto-Oa tenta explicar, tenta chegar nela. Recue um pouco para que virem corpos minúsculos na varanda... você que manda...

Sto: Não, Killalla. Ele ***não*** é o Rei. Ele ***é*** o Sonho. Assim como ***eu*** sou Sto-Oa.

Killalla: Que nome ***bobo***. É como as crianças chamam o Sol do mundo de onde vim. *"A Luz de Oa."*

Página 14 quadro 5

Sto-Oa em close, a cabeça altiva. Ele é feito de pura luz que arde, sua cabeça é chama e luz. Ele sorri com delicadeza quando diz:

Sto: O fato de um nome ser empregado por jovens não o torna tolo. Afinal, eu ***sou*** ou não sou a Luz de Oa? Eu resplandeço sobre todo Oa. Killalla, desde que seus antepassados eram bebês. Eu cedo minha luz a ***vocês***.

Página 14 quadro 6

Agora, dois quadros com metade do tamanho. A ficha cai. Sua boca se abre. Ela está horrorizada. Chamas verdes em volta dela.

Killalla (menor): N-não.

Página 14 quadro 7

Agora as chamas verdes estão por todo o corpo.

Killalla: ***Não!*** Não ***pode*** ser!

Página 15 quadro 1

Agora, um quadro comprido horizontal, mostrando todo o local-palácio, pairando no espaço. Uma pequena explosão verde onde ficam os jardins, à esquerda do palácio, depois um risco de luz verde que serpenteia em volta e acima dos pináculos, vindo parar na extrema direita do local-palácio. A onomatopeia talvez não seja necessária...

ONO. Whoompf!

Página 15 quadro 2

No corrimão à beira do palácio – depois do qual há só o espaço – Killalla do Fulgor cai, sem fôlego e exausta, o vestido em frangalhos, seu complexo penteado torto e caído. Ela exauriu boa parte de seu fulgor ao passar de um lugar a outro.

Sem falas

Página 15 quadro 3

Ela põe-se em pé, incomodada. Quem sabe chorando...

Sto (em off): Killalla...?

Página 15 quadro 4

Sto olha para nós, sério. Ele estende as duas mãos a nós.

Sto: ***Nós*** somos as ***estrelas.*** Nós não as ***representamos.*** Somos ***sóis.***

Killalla (menor): Não é... possível.

Página 15 quadro 5

Ele e ajuda a ficar de pé, as mãos nas mãos deles. Ela parece assustada e preocupada.

Killalla: Mas ***como***–
Não. Não diga nada. É grande demais, até mesmo pra ***pensar a respeito...*** quer dizer, você é uma ***estrela?*** Um astro-rei? O ***meu*** sol?

Página 15 quadro 6

Ele ainda segura as mãos dela, embora a tenha ajudado a ficar de pé, e está dizendo, com determinação...

Sto: Seu sol... se você me ***aceitar,*** Killalla

Página 16 quadro 1

Certo. Três quadros na faixa superior. Agora ela está colada nele, olhando para ele, finalmente compreende

Killalla: Eu não entendo...

Página 16 quadro 2

Ele a segura perto de si e a beija. É quase um momento Hollywood, Miguelanxo, com as estrelas de fundo, à beira de tudo. Por um instante ela fica dura, sem retribuir o beijo.

Sem falas

Página 16 quadro 3

Agora ela o abraça, segura a cabeça dele e puxa-o para mais perto quando o beija com paixão e desejo. Os dois estão de olhos fechados.

Sem falas

Página 16 quadro 4

Faixa seguinte: Morfeus está lá, de braços cruzados, sem nada a dizer.

Sem falas.

Página 16 quadro 5

Eles abriram os olhos e o veem. Ele já está indo embora. A expressão é fixa e dura.

Sem falas

Página 16 quadro 6

Faixa inferior. Eles pararam de beijar-se, mas ainda se abraçam. Sto-Oa está apavorado.

Sto: Eu acho... eu acho que ele nos ***viu.***

Killalla: Por que isso o ***assusta?*** Você é uma ***estrela?***

Sto: Com certeza sou uma estrela. Mas ele é ***Sonho.*** Dizem que a Morte é mais benfazeja do que ele.

Página 16 quadro 7

Sto-Oa e Killalla voltam a beijar-se...

Killalla: O que devemos ***fazer?***

Sto: Não sei.

Killalla: Não me deixe.

Sto: Jamais farei isso.

Página 17 quadro 1

De volta à varanda onde deixamos todo mundo. Desespero, imensa e, por algum motivo, eu me vejo pensando na primeira Desespero meio linda, está sentada e conversando com Rao. Tem bem menos gente...

Desespero: ***Pense bem,*** Rao. Não lhe parece que levar vida a um planeta que é inerentemente instável torna mais bela a própria existência? Se, a qualquer momento, ele explodisse...

Rao: Eu não havia encarado dessa forma.

Página 17 quadro 2

Sandman, agora de cabelos negros, só alguns riscos brancos, volta caminhando. O rosto é inescrutável. Ele está no fundo. No primeiro plano estão Desespero e Rao, ainda engatados em conversa muito séria. Os braços dele estão cruzados.

Desespero: ***Não?***
Na verdade, seria ***perfeitamente*** lindo, uma obra de arte impecável, se uma única forma de vida escapasse, para lembrar, lamentar e se Desesperar.

Rao: Sim, Minha Senhora.

Desespero: É bom.

Página 17 quadro 3

Morfeus pergunta a Desespero, que aponta, com o dedo que tem um anel e no anel um anzol

Sandman. Onde está Desejo, minha irmã?

Desespero: Ali. Perto da piscina.

Sandman: Obrigado.

Página 17 quadro 4

Ele caminha até Desejo, que está em pé ao lado de Destruição, com um sorriso largo e bonito.

Sandman Killalla do Fulgor está com Sto-Oa.

Desejo: Sim.

Sandman: Estavam se beijando.

Desejo: ***Estavam.*** Já avançaram muito ***além*** disso agora Os dedos quentes dele estão invadindo as curvas macias e fendas úmidas-

Página 17 quadro 5

Sandman diz para Desejo parar, quase irritando-se mas ainda frio. Desejo ri – é a coisa mais engraçada que vê em eras...

Sandman Basta!
Você vê graça nisso?

Desejo: Na verdade, ***vejo.***

Sandman: Entendo. Então, não somos amigos, eu e você, ente de minha família Não mais. Não se intrometa mais em meus assuntos

Página 17 quadro 6

Ele caminha na nossa direção, tomando distância de Desejo e Destruição. Desejo conversa com Destruição, em tom mais baixo. Letras pequenas ..

Desejo: Foi uma ***brincadeira.***
Ele não tem senso de humor?

Destruição: Não que eu tenha notado.

Página 18 quadro 1

Sandman, de braços cruzados, em frente à dama azul-branca Mizar Ele não parece irritado. Apenas frio. Helius vem conversando com Mizar...

Sandman Mizar?

Mizar Sim, alteza

Sandman: Eu excedi a permanência de minha acolhida aqui e partirei agora.

Página 18 quadro 2

Mizar põe a cabeça de lado. Sem expressão – não o deixe irritado, mas quem sabe uma sobrancelha levemente erguida.

Mizar: A mulher que o senhor trouxe consigo...?

Sandman Encontrará por si só seu caminho de volta. Eu imagino que Sto-Oa há de transportá-la. Afinal vão para o mesmo lugar.

Página 18 quadro 3

Sandman volta-se para Helius...

Sandman Você, Helius. Ouvi dizer que planeja habitar alguns de seus planetas.

Helius: Bem, eu, com certeza ***gostaria.*** Obviamente, a decisão cabe aos próprios planetas. Nenhum deles despertou ainda.

Sandman Sim. Os sonhos deles são muito solitários, e lindos

Página 18 quadro 4

Helius faz uma mesura. Sandman olha para ele de um modo que quase parece gentil... Agora ele está transparente...

Helius: O senhor tem como ***saber?*** Ah, ***claro*** que tem. Pois saiba, alteza, que o senhor será sempre bem-vindo em meu sistema.

Sandman Eu sei, Helius. Um dia...

Recordatório Amarelo: "E com essas palavras, ele se foi."

Página 18 quadro 5

Um último quadro meio grande para encerrar... (mas você pode quebrar mais se achar que funciona melhor tem bastante texto, afinal de contas). Espaço: à esquerda do quadro, o brilho da luz do sol; à direita, um pequeno planeta esverdeado – nossa Terra, centenas e centenas de milhões de anos atrás Talvez, meio espectral e apagado, no centro do quadro, os rostos de Killalla, olhando para Sto-Oa, sorrindo apaixonada.

Rec. verde/azul "Ele sabia seu nome, pai?"

Rec. amarelo: "Sim, filha."

Verde/azul. "Quando eu tiver mesmo vida caminhando, dançando e sonhando em minha superfície, os Perpétuos virão a mim de maneira apropriada? ***Sonho*** estará presente?"

Rec. amarelo: "Sim."

Verde/azul. "***Pobre*** sonho. E o que aconteceu com ela? Com Killalla do Fulgor?"

Rec. amarelo: "Ela morreu, como todos os seres vivos morrem. Essas criaturas não vivem muito, mas ela fez Sto-Oa feliz por um momento e, quando morreu, ele a transladou para seu próprio interior, a fim de arder dentro do coração de uma estrela e confortá-lo noite adentro."

Verde/azul "Que bom. Pobre Sto-Oa. Pobre Killalla."

Rec. amarelo: "Volte a dormir, minha filha Repouse um pouco mais...

Rec. amarelo: "Durma até que a vida a desperte."

FIM

Casa de Bonecas

Estátuas e Estatuetas

Quinze anos após o fim da série original, THE SANDMAN ainda tem espaço privilegiado na imaginação dos leitores, fato demonstrado pela plena e constante aceitação dos diversos produtos relacionados ao Sonhar lançados nas últimas duas décadas. As páginas a seguir destacam uma seleção de itens, tanto antigos quanto mais recentes, na célebre linha de colecionáveis produzida pela DC Direct para o mercado especializado.

ACIMA E ABAIXO: LANÇADA EM 1999, A PRIMEIRA *ACTION FIGURE* DO SANDMAN INCLUÍA UM CORVO MATTHEW QUE SE SOLTAVA DO BRAÇO E ERA VENDIDO TANTO NA VERSÃO COMUM QUANTO NA VERSÃO ALTERNATIVA, COM UM ELMO PRESO À CABEÇA DE MORFEUS.

PROJETADOS POR BARSOM, OS IRMÃOS PERPÉTUOS DESEJO, DELIRIUM E DANIEL FIZERAM PARTE DA SEGUNDA LEVA DE *ACTION FIGURES* DA VERTIGO, LANÇADA EM 2001

ACIMA E NA PÁGINA SEGUINTE: PROJETADA E ESCULPIDA POR MIKE LOCASCIO, E MANUFATURADA EM PORCELANA FRIA, AS ESTÁTUAS DE SANDMAN E MORTE DA SÉRIE *DC CHRONICLES* FORAM LANÇADAS EM 2010 COMO PARTE DO ANIVERSÁRIO DE 75 ANOS DA DC COMICS

DC CHRONICLES
DEATH

ACIMA E NA PÁGINA SEGUINTE LANÇADO EM 2009 E COM 28 ARTICULAÇÕES, O BONECO DO SANDMAN EM ESCALA 1/6 MARCOU O ÁPICE DA LINHA DE COLECIONÁVEIS DE SANDMAN. ESSA FIGURA ÚNICA VINHA ACONDICIONADA EM UMA CAIXA INSPIRADA NAS EDIÇÕES DEFINITIVAS E TRAZIA TODOS OS ACESSÓRIOS QUE O REI DOS SONHOS PODERIA QUERER: O RUBI, A ALGIBEIRA, O ELMO, DOIS *KITS* DE MÃOS EM POSIÇÕES DIFERENTES, A CHAVE DO INFERNO, ALÉM DE GOLDIE, A GÁRGULA, E MATTHEW, O CORVO.

POSFÁCIOS POR NEIL GAIMAN

OS CAÇADORES DE SONHOS
(Com P. Craig Russell)

Embora eu tivesse muitas expectativas em relação a *Os Caçadores de Sonhos*, não era minha intenção deixar acadêmicos e amantes da literatura aborrecidos, desconcertados ou confusos. O livro saiu porque, a pedido da editora Jenny Lee, Yoshitaka Amano fez um pôster para o décimo aniversário de *Sandman*, e eu amei o pôster. Quando a chefe suprema da Vertigo, Karen Berger, perguntou se eu gostaria de escrever algo de novo para o ano do aniversário, perguntei se eu poderia trabalhar com o Sr. Amano. Ele adorou a ideia, mas pediu que fosse um livro ilustrado, não uma HQ.

Eu adorei a ideia. O Sr. Amano e sua assistente Maia me enviaram material de referência sobre a época e o lugar nos quais eu planejava que a história se passasse, sugeriram que eu poderia usar os Baku, e comecei a escrever, capítulo por capítulo, e a enviar a história ao Sr. Amano ao final de cada um deles.

Ligação de Jenny Lee: Acreditava-se que o livro ficaria muito curto. Eu poderia escrever algo a mais?

Escrevi um posfácio, que deveria encher várias páginas, com um relato perfeitamente espúrio da história do conto que eu acabara de escrever. Não esperava que soasse convincente: era uma história do *Sandman*, afinal de contas – ninguém acreditaria que Caim e Abel, ou as Três Bruxas, ou mesmo o próprio Mestre dos Sonhos, teriam sido descritos numa história japonesa escrita centenas de anos atrás.

O Sr. Amano havia desenhado e pintado o dobro das imagens que esperávamos, e todas, com exceção de uma, foram incluídas no livro, o que deixou apenas uma página para o posfácio. Fizemos numa fonte bem pequena e não pensamos mais naquilo.

Em algum momento no meio disso, eu estava ao telefone com P. Craig Russell. Conseguir pegar Craig nunca é fácil – quando está num projeto longo, ele dorme e acorda de acordo com seu próprio e misterioso ciclo circadiano, e é diurno ou noturno dependendo do projeto, o que quer dizer que você nunca sabe quando pode telefonar, e nunca sabe quando não pode telefonar, e geralmente quando você liga ele está no último sono, e quando você consegue falar com ele pode considerar que é seu dia de sorte e então conversar por horas.

Craig perguntou no que eu estava trabalhando, e li para ele os dois primeiros capítulos de *Os Caçadores de Sonhos*. *"Ah"*, ele disse. *"Eu quero fazer isso em quadrinhos. Já consigo até visualizar."* Craig adora adaptar prosa para quadrinhos. Seus quadrinhos de óperas e suas adaptações de Kipling e Wilde são extraordinários.

Eu disse a ele que seria um livro de prosa, que o Sr. Amano faria as pinturas, e, um pouco melancólico, Craig concordou que não poderia transformar aquilo numa HQ.

O tempo passou. *Sandman: Os Caçadores de Sonhos* foi publicado e eu descobri que, se você coloca coisas em letrinhas minúsculas no fim de um livro, as pessoas acreditam, sem questionamento, pois a primeira de uma torrente de indagações que recebi surgiu de pessoas e de universidades que se diziam incapazes de encontrar os textos de referência nos quais eu disse que havia me baseado. Expliquei a eles que tinha inventado todos, e pedi desculpas.

O aniversário de vinte anos de *Sandman* aproximava-se. P. Craig Russell e eu estávamos trabalhando na adaptação para os quadrinhos do meu romance *Coraline*. Estávamos ao telefone. *"Sabe"*, disse Craig, sem mais nem menos, *"eu ainda quero adaptar* Os Caçadores de Sonhos."

Dez anos haviam se passado. Ponderei. Algo que não substituiria o livro com Amano, mas o complementaria... e uma nova HQ de *Sandman* por Craig Russell, ainda por cima. *"Não sei"*, respondi. *"Vou perguntar à Karen."*

Eu esperava muito de *Os Caçadores de Sonhos* de Craig. O que não esperava era a estranha sensação de ler uma nova HQ de *Sandman*. Embora eu tenha escrito *Sandman* por quase uma década inteira, nunca cheguei a ler *Sandman*. E agora estava lendo. Foi mágico.

Espero que você goste tanto quanto eu gostei.

E gostaria de pedir desculpas a todas as pessoas que perderam tempo tentando encontrar as histórias nas quais *Sandman: Os Caçadores de Sonhos* são baseadas. Elas existem na biblioteca de Lucien, não nas nossas.

18 de setembro de 2008
Em algum lugar sobre o Pacífico

SANDMAN: EDIÇÃO DEFINITIVA VOL. 5

Nada tem fim.

Aliás, esse é um dos temas de SANDMAN. Ela segue. Nós escolhemos momentos em que paramos de contar as histórias, mas as histórias continuam, queiramos ou não.

É muito apropriado, portanto, que, mesmo depois de encerrada, SANDMAN não tenha se encerrado.

OS CAÇADORES DE SONHOS foi nossa comemoração de dez anos. Fui seduzido a voltar devido à arte de Yoshitaka Amano, assim como pela cultura e historiografia da qual eu nunca havia tratado.

NOITES SEM FIM foi nossa publicação de quinze anos. Um conto para cada Perpétuo, escritos durante o torpor pós-11 de setembro. Falei que escreveria se encontrassem artistas que me estimulassem, e encontraram.

Li OS CAÇADORES DE SONHOS para Craig Russell por telefone, no dia em que terminei. Ele adorou, esperou e, no vigésimo aniversário da publicação original de SANDMAN, fez sua própria e delicada adaptação.

A *Última História do Sandman*, de Dave McKean, vem de um belíssimo livro chamado CAPAS NA AREIA. Ela trata da intersecção entre ficção e realidade e dos pontos onde as duas se confundem. Ela é verdade, depois não é, depois é.

Este livro existe por causa dos artistas. Por causa de Todd Klein. Por causa de Shelly Bond e Jenny Lee. Por causa de Karen Berger. Por causa de Scott Nybakken. Por causa das pessoas que querem que as histórias prossigam. Porque nada tem fim.

Fico me perguntando quantos aniversários ainda teremos. Sim, a história que contei em THE SANDMAN se encerrou. Mas há histórias que eu queria contar e que não foram contadas, e que às vezes me acordam às altas horas e cochicham comigo, no escuro.

Sejam contadas ou não, as histórias de THE SANDMAN, tais como seus personagens, são Perpétuas.

24 de junho de 2011
30 mil pés acima de Cleveland

Neil Gaiman vive sobretudo nos EUA com dois gatos, dois cachorros grandes e brancos, e vários prêmios que ganhou mundo afora. Ele ainda não sabe como veio a ser o responsável pela alimentação e acomodações desses animais nem, no caso, o que está fazendo como residente dos EUA. Ele tem sete colmeias e muitas abelhas. Escreveu livros, quadrinhos, filmes, séries, poemas, uma ópera, tem uma conta no Twitter, e isso não tem nada a ver com apicultura. É casado com a cantora de *punk cabaret* Amanda Palmer e interpretou a si em desenhos animados televisuais.

P. Craig Russell reside em Kent, Ohio, e vem produzindo histórias em quadrinhos, ilustrações e *graphic novels* há 37 anos. Sua obra abrange desde revistas tradicionais como *Batman*, *Star Wars* e *Conan*, até uma série de adaptações de óperas clássicas (*A Flauta Mágica*, *Salomé*, *I Pagliacci*, *O Anel dos Nibelungos*), uma série de contos d'*O Livro da Selva* e uma série ainda em produção que adapta todos os contos de fada de Oscar Wilde. Ele colaborou com Neil Gaiman em seis projetos, incluindo SANDMAN 50, *Coraline* e a adaptação para quadrinhos de SANDMAN, OS CAÇADORES DE SONHOS

Com movimento fluido entre mídias e entre estilos, **Yoshitaka Amano** firmou-se como um dos maiores — e mais famosos — artistas do Japão. Quando integrante do respeitado estúdio de animação Tatsunoko Studios, Amano criou personagens memoráveis para *G-Force* e *A Abelhinha Hutch*, entre muitos outros. Ao longo da carreira, publicou mais de dezessete livros com ilustrações de fantasia, incluindo o clássico *cult Vampire Hunter D*. Os personagens e ilustrações inovadoras que criou também chegaram aos videogames, sendo que seu trabalho apareceu na série de RPGs de enorme sucesso *Final Fantasy*. Em 1997, colaborou com a Orquestra Filarmônica de Los Angeles na criação de *1001 Noites*, um projeto musical/animado e, em 1999, organizou um evento multimídia chamado *Hero* na Fundação Angel Orensanz de Nova York. *Hero* foi o primeiro de uma série de projetos sobre um príncipe reencarnado em uma jornada épica que se passa daqui a 10 mil anos, e também trazia artes originais de SANDMAN, CAÇADORES DE SONHOS. Entre seus outros veículos artísticos estão gravuras, cenografia e vitrais.

BIOGRAFIAS

Teddy Kristiansen vive numa casa com muitas mulheres (três filhas e uma esposa), dois gatos e muitos, muitos livros. Quando não está trabalhando, está fazendo comida para as mulheres, lendo ou dormindo. Você encontra mais do trabalho dele em http://teddykristiansenblog.blogspot.com

Milo Manara, um dos ilustradores mais conhecidos da Itália, foi o herdeiro ideal de Hugo Pratt, que foi seu amigo, mestre e, de certo modo, agente. Manara começou a ilustrar nos anos 1970, trabalhando em revistas *pulp* para leitores adultos. Logo tornou-se um mestre entre artistas e conseguiu reconhecimento crítico até dos leitores italianos, cultos e difíceis de agradar mas maravilhados com a revolução gráfica e narrativa da *Metal Hurlant*, revista francesa que trazia contemporâneos de Manara, como Moebius, Druillet e Caza.

Manara estreou desenhando as épicas aventuras budistas de *Lo Scimmiotto*, escritas por Silverio Pisú. Consternado diante do estilo de Moebius, Manara fez experimentos no seu próprio desenho e evoluiu na sua obra seguinte, *Alessio – Il Borghese Rivoluzionario*.

Enquanto a carga erótica e a ironia sexual na obra de Manara o tenham tornado um dos grandes ilustradores do mundo, as qualidades pouco admiradas de seus cenários simples e atraentes fazem dele um repórter sincero de seus tempos por meio da literatura escapista e dos contos eróticos. Seus livros alcançaram sucesso internacional e incluem títulos como *O Clic!*, cartazes para o filme *Entrevista*, de Fellini, e muitas narrativas políticas e satíricas curtas, assim como tiras.

Miguelanxo Prado: "Nasci em 1958 em A Coruña, cidade galega na Espanha à costa do Oceano Atlântico, mas decidi deixá-la para me envolver naquilo que sempre me entusiasmou: pintar e escrever. Também faço música, mas 24 horas por dia não bastam para tudo, de modo que abandonei esta arte."

"Comecei a trabalhar com quadrinhos no início dos anos 1980 e ainda pinto. Ilustro livros, colaboro com a imprensa, faço direção de arte para a tevê, criei personagens para o desenho animado *Men in Black* e me envolvo em qualquer projeto que me atraia e tenha relação com o mundo da imagem e da narrativa. No meu ofício, uso meios tradicionais: lápis, canetas, pincéis, tintas de todo tipo; mas também já fui persuadido a utilizar as novas tecnologias."

"Moro no interior; gosto de viajar, de ler, de ouvir música, de assistir filmes, de beber bom vinho e ter boas conversas com meus amigos. E não conseguiria viver muito tempo longe do mar."

Quem é **Barron Storey**? É um bom camarada, de boa família, que fez muito trabalho bom e deu aulas a bons alunos, incluindo os pintores Kent Williams, George Pratt, John Van Fleet e Seth, entre outros. Ao longo desse caminho, Storey descobriu que não havia algo de muito certo na sua pessoa. Ele vem tentando resolver isso há anos do único jeito que sabe: fazendo arte.

Vencedor da Medalha de Ouro da Sociedade de Ilustradores de Nova York em 1976, Storey lecionou em muitas universidades, incluindo a School of Visual Arts de Nova York e o Art Center College of Design. Trabalhou como ilustrador freelancer para clientes diversos, desde a Agência de Informação federal dos EUA e a NASA, até a *Heavy Metal* e a editora Putnam. Em termos de exposições, Storey já fez mostras solo em Nova York e Washington. Também ativo no teatro e na música, ele reside em San Francisco.

Bill Sienkiewicz teve forte impacto na área dos quadrinhos a partir do seu uso inovador de multimídia, colagens e de técnicas de ilustração e narrativa variadas. Ganhou quase todos os grandes prêmios de quadrinhos nos EUA e no exterior e expôs sua arte pelo mundo. Entre seus trabalhos mais conhecidos estão as séries *Elektra: Assassina*, pela qual recebeu o prestigiado Prêmio Yellow Kid, e a aclamada *Stray Toasters*, que tanto escreveu como ilustrou. Foi indicado a dois Prêmios Emmy pela colaboração no desenho animado *Where in the World is Carmen Sandiego?* e também trabalhou no filme *Os Imperdoáveis*, vencedor do Oscar, assim como providenciou capas e ilustrações internas para os lançamentos em DVD e Blu-ray das temporadas um e três de *The Venture Bros*. No momento, Bill faz capas para a edição especial em cinco volumes das *Collected Stories of Philip K. Dick* e trabalha no projeto transmídia *Electro*Love*, que criou junto ao músico e produtor Dave Stewart.

Glenn Fabry: "Quando eu era garotinho, meu desejo mais íntimo era ser quadrinista, de preferência na Marvel ou na DC. Bom, vamos ser francos: aos sete anos, eu não era lá muito bom. Não ia rolar. Mas os anos passaram, os pelos cresceram em lugares que eu não esperava (uma vez foi no verso da torradeira da Vovó) e, em 1984, eu estava desenhando *Slaine* (do grande Pat Mills) na *2000 AD*, lá na Grã-Bretanha. Em 1992, eu estava pintando capas de HELLBLAZER e, depois, de PREACHER (do estimado Garth Ennis) para a DC/Vertigo. Finalmente cumpri minha ambição: ficar vinte anos sentado numa sala desenhando! Ah, eu sou feliz."

Frank Quitely nasceu em Glasgow em 1968. Desde 1988, já desenhou *The Greens* (independente), *Blackheart*, *Missionary Man*, *Shimura*, *Inaba*, dez HQs curtas para a Paradox Press, seis para a Vertigo, FLEX MENTALLO, VISÕES DE 2020, *Batman: Operação Escócia*, *The Kingdom: Offspring*, *LJA: Terra 2*, OS INVISÍVEIS, TRANSMETROPOLITAN, *Authority*, *Capitão América*, *Novos X-Men*, SANDMAN: NOITES SEM FIM, WE3, *Grandes Astros: Superman e Batman e Robin*. Também concebeu capas para *Negative Burn*, *Judge Dredd Megazine*, *Classic 2000 AD*, JONAH HEX, BOOKS OF MAGICK: LIFE DURING WARTIME, BITE CLUB, AMERICAN VIRGIN e *Grandes Astros: Batman*. Ele mora em Glasgow com a esposa e três filhos. Costumava desenhar seus bonés e roupas. Seu hobby atual é cozinhar.

Dave McKean ilustrou vários quadrinhos premiados, incluindo o campeão de vendas *Batman: Asilo Arkham* (com roteiro de Grant Morrison), MR. PUNCH, *Signal to Noise* e *Violent Cases* (todos escritos por Neil Gaiman), *Slow Chocolate Autopsy* (escrito por Iain Sinclair) e seu *Cages*. A coletânea de contos *Pictures That [Tick]* venceu o prêmio de Livro do Ano do Victoria & Albert Museum, e seu curta *N[eon]* venceu o primeiro prêmio geral do Festival de Cinema de Clermont-Ferrand.

McKean ilustrou, fotografou e projetou mais de 150 capas de CD e centenas de capas de livros e quadrinhos, incluindo a totalidade da revista SANDMAN. Trabalhou em projetos editoriais e cinematográficos com John Cale, Stephen King, os Rolling Stones, Lars Von Trier e SF Said, e criou campanhas publicitárias para Kodak, Nike, BMW Mini e Smirnoff, entre outros clientes.

McKean também administra o selo de jazz Feral com o virtuoso do sax Iain Ballamy, e colaborou no *design* de produção do segundo e do terceiro filmes de *Harry Potter*. Recentemente, Dave dirigiu o filme *Mirrormask*, que coescreveu com Neil Gaiman e que foi produzido pela Jim Henson Productions. McKean reside no interior de Kent, Inglaterra.

Nascido e criado na Pensilvânia, **Matt Wagner** goza de uma carreira nos quadrinhos há 25 anos. Sua primeira publicação apresentou o que acabaria tornando-se um dos personagens mais respeitados das HQs independentes: o assassino-mestre Grendel.

Embora seja mais conhecido por diversos títulos de Grendel, assim como pela sua saga pessoal e alegórica *Mage*, Wagner trabalhou em vários personagens de renome, incluindo uma aclamada reinterpretação do Sandman da Era de Ouro que desenvolveu e roteirizou no título da Vertigo SANDMAN: TEATRO DO MISTÉRIO. Além deste, após dois cross-overs de sucesso com Grendel/Batman (*Ossos do Demônio* e *Dança do Demônio*), Wagner também escreveu e desenhou uma minissérie de luxo estrelando Superman, Batman e Mulher-Maravilha, intitulada *Trindade*, e um projeto envolvendo duas minisséries de Batman, *Batman e os Homens-Monstro* e *Batman e o Monge Louco*, que registram os princípios da carreira do Cavaleiro das Trevas.

Escolhida em 2009 pela *Newsweek Japan* como uma das "100 Japonesas que o Mundo Respeita", a premiadíssima ilustradora **Yuko Shimizu** reside e trabalha em Nova York, onde também dá aulas de ilustração na School of Visual Arts. Quando não está trabalhando no estúdio no centro de Manhattan, ela viaja pelo país e pelo mundo participando de palestras, exposições e oficinas enquanto acumula inspiração para criar mais. Favor não a confundir com a outra Yuko Shimizu, criadora da Hello Kitty.

Lovern Kindzierski já foi reconhecido pelos leitores da *Comics Buyer's Guide* como um dos coloristas mais influentes dos quadrinhos. Ele trabalhou para toda grande editora do mercado e foi indicado diversas vezes aos prêmios Eisner e Harvey como Melhor Colorista. Pintor consumado, Kindzierski também tem diploma em Artes Plásticas (com distinção) da Universidade de Manitoba, onde atualmente leciona narrativa gráfica.

Christopher Chuckry é colorista talentoso e atuante cujo trabalho já figurou em títulos diversos de editoras diversas na América do Norte e na Europa ao longo dos últimos 21 anos. Nesse período, também foi ilustrador praticante cuja arte apareceu em capas de livros, *cards* e cadernos de esboços, assim como em revistas, livros eletrônicos e exposições de arte com júri, incluindo a Convenção Mundial de Terror e a Spectrum 16: O Melhor na Arte Fantástica Contemporânea.

Embora se entusiasme com muita coisa, a maior paixão e inspiração de Christopher são a esposa e os dois filhos. Ele é grato por todas as vezes que eles o trazem de volta à realidade.

Um dos letristas mais versáteis e consagrados do mercado, **Todd Klein** faz letras nos quadrinhos desde 1977 e venceu diversos prêmios Eisner e Harvey. Um destaque da sua carreira foi o trabalho com Neil Gaiman em quase todas as edições originais de SANDMAN, assim como em ORQUÍDEA NEGRA, MORTE: O ALTO PREÇO DA VIDA, MORTE: O GRANDE MOMENTO DA VIDA e OS LIVROS DA MAGIA.

DESACONSELHAVEL PARA MENORES DE 18 ANOS

ISBN 978-85-8368-292-9
05
9 788583 682929

HTTP://HOTSITEPANINI.COM.BR/VERTIGO/